



V.T.
22
2
1

V.T.

22

2

1





b. P.
W

V.T.

22

2

1

W 1288

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OO

COM A LITERRA DO PORTUGAL

DE

DE

DE

11
23
2
1

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

Condo et compono, quæ mox depromere possim.

HÔR.

VOL. I.

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.



INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM

INGLATERRA

OU

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, &c.

VOL. I.

LONDRES:

IN VENDITA PER MESSRS. G. & J. BARNARD, STATIONERS, &c.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

JULHO de 1811.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

PROSPECTO.

HUM Jornal escrito na lingua Portugueza, e mensalmente publicado, que, expondo com fidelidade os acontecimentos politicos, apresentar noticias geraes de Literatura, e Sciencias, e dos progressos que as mesmas vão fazendo neste Reino, e nas mais partes da Europa, (com a brevidade, que as circumstancias da Guerra permittirem), não só parece recommendavel, mas ate de summa necessidade.

Mudações extraordinarias, nova ordem nas publicas occurrencias requerem do Philosopho, e do Estadista huma profunda investigação sobre a origem, condição, e authenticidade dos factos, assim como huma judicioza censura, e imparcialidade ingenua na sua exposição.

Por outro lado; huma Monarquia composta, como a Portugueza, na Europa de hum Reino, que foi o

seu primeiro berço, e que se acha lastimozamente devastado por todos os horrores da guerra: e na America, de hum Continente immenso, e rico, em que se está formando hum vasto Imperio; ou seja para se restaurar, ou seja para se elevar ao grão de esplendor, e grandeza de que he susceptivel, carece de todos os auxilios que as Artes, e as Sciencias podem prestar-lhe.

Debaixo deste ponto de vista he que o Investigador Portuguez em Inglaterra longe do estrondo das armas, que occupaõ exclusivamente os seos Nacionaes em Portugal, colligindo as luzes da Europa, e reflectindo-as ate ás Regioens Equatoriaes, se encarrega de mostrar, dentro dos seos lemites, tanto os traços da historia do tempo, como os brilhantes productos da Literatura geral. As Sciencias seraõ por elle exhibidas em todo o lustre dos seos progressos actuaes, e na sua importante applicação á utilidade geral. E para fazer este Jornal mais ameno aos Naturaes, e talvez interessante aos Estrangeiros, elle terá hum artigo unicamente destinado á Literatura Portugueza.

Para darmos huma idea mais clara deste Jornal o dividimos em quatro distinctas partes.

Na primeira daremos huma noticia das obras de Literatura, que forem sabindo, e extractos das suas melhores passagens, dando ao mesmo passo o nosso juizo critico sobre ellas.

Na segunda exporemos as ultimas, e importantes descobertas nas Sciencias, Naturaes principalmente aquellas, que tiverem huma immediata applicação ás Artes. A Botanica, a Agricultura, e a Mineralogia occuparaõ hum lugar distincto neste Jornal, como as promotoras da riqueza, e prosperidade Nacional: a Medicina, e Cirurgia teraõ no Investigador Portuguez aquella parte com que diariamente a illustraõ os seos mais habéis Professores.

Na terceira apresentaremos todas as Observaçoes, Discursos, e Memorias, que nos forem enviadas sobre Literatura, Sciencias, e Politica. Esperamos que os nossos Nacionaes do velho, e novo mundo aproveitem com prazer esta occasiaõ para mostrar que em Portugal, no Brazil, e nas Ilhas não só ha talento, e engen-

ho, mas taobem lição, e saber; e que deste modo cooperem efficazmente para desvanecer o errado conceito, que alguns fazem do estado das Sciencias em todos os dominios do Luzitano Imperio.

Devemos porem prevenir os nossos Leitores 1. que nunca admitiremos em nosso Jornal Discursos Politicos, que não forem escritos com aquella decencia, que he inseparavel do verdadeiro Philosopho, e do Cidadão honesto. 2. Que seremos tão promptos a receber com reconhecimento, e a enserir nesta mesma parte do nosso Jornal toda a censura judicioza, e justa, que se nos fizer, como deligentes a refutar criticas desarrazoadas.

Na quarta parte em fim daremos o rezumo dos successos occurrentes mais notaveis nas quatro partes do mundo, principalmente na Europa, Asia, e America.

Devemos aqui observar, que tratando de objectos politicos, guardaremos com a mais estricta severidade o decoro, e respeito que he devidido assim ao nosso Soberano, como ás Leis do paiz em que escrevemos: e sem faltar á verdade, nunca abuzaremos da liberdade, que a imprensa nos dá, para marcar personalidades sempre odiozas, e fulminar ataques contra individuos indefezos, ainda quando culpados.

Confiando que os seos esforços, não serão infructuosos, ouzão as pessoas empregadas neste arduo empenho esperar dos seos concidadaons, para quem particularmente escrevem, a approvação de trabalhos, que só tem por mira o bem Publico, e a gloria do NOME PORTUGUEZ.

CONDIÇOENS. Cada caderno deste Jornal constará de cem, a cento e vinte oito paginas.

Publicar-se-ha o primeiro caderno no principio de Julho proximo, ou antes se fôr possível.

A subscripção annual para Inglaterra será de duas libras Esterlinas, e quatorze Shellings—Para Portugal, e Ilhas, de duas e dezoito (10,440) Para a America, e mais partes será de tres Guineos, (11,340.)

Todas as cartas, memorias, &c. serão remettidas com o seguinte sobre escripto.—Aos Redactores do Investigador Portuguez—Londres.

Os Redactores naõ receberão papel algum, cujo porte naõ venha pago.

As subscripçoens se fazem em No. 3, Finsbury Terrace, City Road.

Londres, Março de 1811.

LITERATURA POLITICA.

Art. I. *Ensaio sobre a Politica Militar, e Instituicoens do Imperio Britanico*, por C. W. Pasley, Capitaõ do Real Corpo d'Engenheiros. Part 1^a. 8^o. pp. 533. Londres, 1810.

O CAPITAÕ PASLEY he de opiniaõ, que só a força naval Britanica tem ate agora impedido que a Inglaterra esteja sujeita á França: que esta força naval deve inevitavel, e promptamente cahir; e que por consequente, huma vez que se não providenceem novos meios de defenza, a sorte de Inglaterra está a concluir. O Capitaõ Pasley todavia, coincide mui pouco com as vistas particulares de Leckie, e sustenta que o maior imperio insular que possa formar-se, não pode conservar huma superioridade naval sobre o Continente da Europa. O primeiro capitulo desta obra contem hum esboço geral das suas opinioens, como os nossos leitores veraõ nos artigos seguintes.

‘ Mas parece-me, ’ diz o Autor, ‘ que este paiz de nenhuma sorte pode resistir a huma poderoza invazão: e que só a nossa superioridade naval nos tem livrado de sermos neste momento huma provincia da França. Os que julgaõ pela limitada experiencia das ultimas, e presentes guerras; e por consequente se lizongeaõ, que as nossas victorias navaes não teraõ termo, podem embaraçar-se pouco com a questaõ, se acazo se deve addir alguma coiza ao nosso plano de defeza ou não, pois que dormem plenamente persuadidos, que a scena da acção nunca pode transferir-se para as nossas praias.

‘ Quando nós chegarmos todavia, a desenvolver os grandes principios em que se funda hum poder naval, pelo exame comparativo dos recursos das naçoens belligerantes: e applicarmos imparcialmente aquelles principios á Grã-Bretanha e França; ver-se-ha que a ultima taõ superior na escala, pode daqui em diante applicar a projectos navaes todos os grandes recursos, que ate agora tem dirigido com taõ fatal energia, para estender as suas conquistas no continente; e neste cazo parece-memui duvidozo se poderemos conservar por muitos annos, huma pre-

ponderancia maritima, contra a França só no estado presente da sua estensao, que bloqueie as esquadras daquella unica nação em todos os seus portos. Quando de mais a mais tomamos em consideração que a França pode agora comandar e que hade empregar contra nós os recursos de quasi toda a Europa; que as grandes potencias navaes de Hespanha e Hollanda com as secundarias de Dinamarca, e Portugal, assim como os Estados de Italia são agora, de facto, senão de nome, suas provincias; a esperanza de podermos dominar os mares por mais de hum tempo limitado contra este imperio gigantesco, parece-me tao contraria á razao, que apenas merece huma seria refutação. Pela mesma natureza das coizas deve haver, no decurso do tempo, huma superioridade numerica de navios, e de homens da parte dos nossos inimigos, a qual pode ser levada por elles a tal ponto subversivo, que nenhum va'or, nenhum saber da nossa parte possa resistir-lhe.

‘ O tempo, em que o continente da Europa deve, com probabilidade, adquirir aquella preponderancia naval sobre a Grã-Bretanha, que a Naturêza parece ter designado, nao deve razoavelmente computar-se em mais do que o tempo em que se pode mui bem dizer, que a perdêra. Hapouco mais de 30 annos, as esquadras da França e Hespanha tinhao a superioridade no Canal Britanico. Quando olhamos para aquella ancioza crise, e consideramos que a combinação das forças actualmente operantes contra nós, á manêra da confederação daquelle tempo, a que a Hollanda depois acced-o, nao he formada de Potencias independentes humas das outras, discordes em vistas, principios, e interesses, e sujeitas a serem divididas a cada momento; ou mesmo huma parte dellas armarse em nossa defeza; mas que pode considerar-se ser huma só, e Grande Nação excercendo toda a sua energia para destruir-nos; parece altamente provavel que possamos esperar, em menos do periodo de trinta annos, perder o imperio dos mares; e antever a possibilidade de o inimigo desembarcar em nossas praias com a mesma facilidade, com que nos agora podemos desembarcar tropas em qualquer parte do mundo.

‘ Eu estimaria muito julgar-me enganado nestas ideias; mas huma continuada reflexao as tem cadavez mais profunda, e mais fortemente fixado no meu espirito. Eu estou persuadido que a sua simples enunciação hade espantar a muitos, que as tem por vezes tacita, e involuntariamente admittido como verdadeiras. Donde procede o conhecimento quasi geral de que nao pode esperar-se huma paz permanente com a França? Donde vem a opiniao quasi geral, de que he melhor sustentar huma guerra indeterminada? Donde nascerao taes sentimentos tao contra-

rios aos que primeiramente se nutrião na Grã-Bretanha? Senão de huma intima convicção de que huma paz que apresente caracteres destructivos, não pode consideravelmente diminuir os nossos estabelecimentos navaes, ou militares, sem arriscar a nossa existencia nacional; entretanto que habilitando o nosso inimigo a tirar livremente a vantagem pela sua grande, e natural superioridade de meios para construir navios, e formar marinheiros, lhe seguraria, ao contrario, em tempo comparativamente menor, a superioridade maritima sobre nós, que todo o homem, no fundo do seu coração conhece, que o inimigo não pode deixar de obter.

Alguns que forem dos meos sentimentos talvez me censurem pelos expor á consideração publica, como tendentes a produzir máos effeitos, enchendo os espiritos de ideias sombrias, e aterradoras. Não foi sem a mais madura deliberação, que eu me arrisquei a hum passo, que provavelmente será julgado com severidade; e a minha conclusão foi, que se eu poder conduzir a nação pelos meos clamores a olhar com a mais seria attenção para o perigo o mais assustador e imminente a que estamos expostos, quero dizer,—a queda provavel da nossa Marinha,—eu me julgarei feliz apezar de qualquer censura, pela convicção de ter dezipenhado o dever mais sagrado, e o mais essencial serviço á minha patria. A verdadeira coragem, e a verdadeira sabedoria consistem somente, em calcular o perigo na sua maior estensão, em prover, e preparar-nos para o peor, que possa acontecer. Ellas estão igualmente distantes daquella temeraria, e presumptuosa infatuação, que não pode ver, ou avaliar os males, que nos ameaçam; e daquella voluntaria ceguira resultante de hum verdadeiro desalento, que faz que os espiritos fracos se horrozem da consideração dos perigos futuros, como se com isso evitassem o pensar n'elles; sendo aquellas duas dispozições, quer influencia nos individuos, quer em nações, igualmente productoras de huma destruição infallivel.

Qualquer que seja o modo de considerar a opiniao, de que nos mui provavelmente perderemos n'hum limitado numero de annos, a nossa presente preponderancia Naval, todo o homem deve conceder, que este acontecimento he, pelo menos, mui possivel. Por consequente, he do dever deste paiz o preparar se para hum tal acontecimento, e tomar medidas para obstar a tempo áquella calamidade. Abracemos, em quanto está em nosso poder, a occasião de preparar-nos para o peor, ou a nossa posteridade, para que se não ache escravizada de baixo do ferreo jugo de hum despota estrangeiro, e tenha motivos de derramar lagrimas de sangue pela providencia, e pelos erros de seos maiores.

Se, pelo contrario, nós não augmentamos o nosso syste-

ma de defeza, ou pela suppozição de que a nossa pequena Ilha sendo agora superior por mar a todo o mundo, continuará sempre a sê-lo; ou na expectação de que a caza real de Bourbon, a Republica Franceza, e o seu actual Imperador tem successivamente tentado a nossa destruição, e excedido os seus antepassados em esforços para aquelle fim e sempre debalde; suppondo ainda que nos temos a felicidade de manter a nossa independencia durante a vida de Napoleão e de o ver succedido no seu governo por huma serie de regentes benignos, e não ambiciosos, que conservem huma paz com nosco; ou confiando que o seu vasto imperio logo que cesse de ser dirigido pelo genio que lhe prezide, cahirá em pedaços, e será dividido entre os seus generaes, como outros tantos successores deste novo Alexandre, em vez de ficar consolidado como as conquistas dos Romanos; em toda a hypothese nos confiaremos os nossos mais caros interesses, aquella glorioza constituição, aquella sagrada liberdade, e aquellas soberbas honras nacionais, que herdamos dos nossos antepassados, a huma combinação de acontecimentos tão improvaveis a nosso favor, que apenas sobre elle se arriscaria o jogador mais desesperado.

‘ Admittindo a probabilidade, que se acaba de mencionar, de poder vir hum dia, e não mui distante, em que as esquadras da Europa bloqueiam as da Grã-Bretanha nos seus portos, e desembarquem os formidaveis exercitos do continente nas nossas praias; resta ainda determinar, se os nossos presentes meios de defeza não sendo capazes de salvar a nação, que additamento se lhe deve fazer para esse effeito? Ou se a superioridade de força que pode empregar-se em nossa destruição tornará totalmente inefficaz toda a nossa resistencia?

‘ Sombrio, como he, o ultimo, prospecto, he do nosso dever levar á vante os nossos esforços para affrontar a tempestade, na esperanza de que a Providencia Divina, que tantas vezes se tem enterposto a favor das naçoens, que se não tem abandonado a desesperação ainda mesmo ás bordas do precipicio, opere alguma inesperada mudança em nosso favor, ou que pelo menos tenhamos a satisfação de cahir, combatendo de huma maneira digna do renome antigo da Nação Britana, e da sagrada cauza, em que pelejamos, pelos ultimos restos da liberdade do mundo.

‘ Mas parece me que a nossa situação não he de modo algum desesperada. O principal objecto deste ensaio será por tanto mostrar, que ainda suppondo, que não tinhamos hum só navio no oceano nos poderemos manter a nossa independencia, tomando novas medidas, e fazendo algumas addições aos nossos meios de defeza. Sendo pois evidente que tudo deve depender de hum arranjo, e valor militar por terra; huma parte principal desta obra deve necessariamente empre-

gar-se em considerar a organisação da nossa força militar, comprehendendo os nossos exercitos regulares, milicias, voluntarios, &c. Apontar-se-hão os defeitos onde quer que elles existirem nestes estabelecimentos, e todo o melhoramento possivel será suggerido.

‘ Eu tentarei igualmente traçar as grandes causas da vantagem geral das nossas armas por mar, e das nossas falhas quasi universaes por terra; o que involverá não somente huma consideração das nossas instituições militares, mas taobem da politica com que temos conduzido as nossas guerras.

‘ No curso destas investigações, se discutirá plenamente a importante questão se acazo melhorando as nossas instituições militares, e a nossa politica, podemos agora, e para o futuro, reduzir o Imperio Francez, e augmentar a nossa força absoluta a ponto de prevenir a destruição da nossa superioridade naval.’

Para justificar esta anticipação o Capitaõ Pasley entra, no seo segundo capitulo, n’hum exame comparativo das forças, e recursos dos Imperios Francez, e Britano; e aqui, segundo o seu modo de ver, tudo o que he ponderoso he decididamente a favor do primeiro. Os cinco pontos principaes, dis elle, que devem considerar-se entre nações em guerra, são—a sua renda—a sua população—os seos meios de recrutar—a energia do seu governo executivo—e o espirito, e patriotismo do seu povo.

Quanto á população, renda, meios de recrutar, e energia doque elle chama governo executivo, elle tenta persuadir que tudo isto está do lado da França: e relativamente ao espirito, e patriotismo do povo, o author concede á Inglaterra esta consolação no meio das suas desvantagens. Com tudo n’hum longo, e eloquente discurso, onde se achão algumas verdades, o Author pertende mostrar que na guerra actual elles são de pouca valia.

Em tudo pois que he essencial á aquisição, e conservação do poder—população—rendas—meios de recrutar, e energia de governo—a França segundo o Capitaõ Pasley tem a vantagem sobre estes reinos. Vejamos agora como elle o pertende provar.

Se a população dos dois Imperios deve avaliar-se de huma maneira puramente numerica, a differença he clara: mas nisto mesmo o Capitaõ Pasley por hum calculo que lhe he particular eleva a população do

Imperio Francez a 70 milhoens, e reduz a da Inglaterra a onze milhoens.

Quanto ás rendas, as concluzoens do Author são igualmente favoraveis á França: elle se esforça por mostrar a proporção que tem com as deste reino, e depois recorre a futuros, perguntando, se as finanças deste paiz continuaraõ n'hum estado mais florescente que as do continente; ou se pelo contrario, aquellas em poucos annos seraõ superiores a estas? Para que isto tenha lugar, o Capitaõ Pasley suppoem que haverá hum augmento de taxas no continente, e que Bonaparte não tem mais doque fixar estas taxas dentro do circulo da possibilidade. 'Ninguem disputará,' diz elle, 'a inclinação, ou o poder do Imperador Francez de levar os recursos finanças do Continense á sua maior estensão para prejuizo deste paiz. A sua capacidade, e a dos seus ministros são fora de toda a duvida,' &c.

REFLEXOENS SOBRE ESTA OBRA.

Nos não podemos deixar de render ao Capitaõ Pasley a homenagem que lhe he devida não só pela boa fé com que escreve, e expoem francamente as suas ideas; pelo seu patriotismo, e afferro á santa cauza da sua patria; mas taobem pelos vastos conhecimentos politicos, commerciaes, e militares, que elle desenvolve. Com tudo persuadidos como estamos, e ate mesmo convencidos de que este excellente escriptor estabelece alguns principios ou absolutamente falsos, ou que podem ser contestados, ou que são susceptiveis de outra applicação; he do nosso dever como Jornalistas expor as nossas ideas com igual franqueza, deixando aos nossos leitores esclarecidos o julgar da justeza das nossas reflexoens.

Nos não concordamos com o author em que só a força naval tem livrado a Inglaterra de ser neste momento huma provincia da França.

Se a Grã-Bretanha em 1805, não tivesse a prodigiosa força naval, que ja nesse tempo possuia; e que desde entaõ tem augmentado: se as esquadras combinadas

de Hespanha, e França não fossem naquelle anno batidas pelo Almirante Calder, que fez nesse momento á sua nação hum serviço mais importante do que geralmente se tem pensado, mesmo em Inglaterra: se em Junho de 1805, o Tyranno do mundo podesse reunir aquella esquadra combinada nos portos da Bretanha; he provavel que elle tentasse hum desembarque nesta Ilha affortunada, onde então contava numerosos partidistas, porque o seu character perverso, a sua ambição desmedida, a sua perfidia, seos crimes atrozes, e inauditos, não eraõ assaz conhecidos.

Mas não duvidando que o Uzurpador infame tentasse aquelle desembarque, duvidamos muito, que elle o fizesse felismente, e que conquistasse a Inglaterra para ser hoje huma Provincia da França.

Nem o Author, nem pessoa alguma, que tenha huma pequena noticia da historia do tempo, ignora qual tem sido a energia, e previdencia do Governo Inglez desde 1789. Menos se ignora, que desde o momento em que Bonaparte deo indicios de tentar hum desembarque em Inglaterra, o Governo Inglez redobrou sua energia, e que de nada se esqueceo para pôr em estado de huma defeza formidavel todos os pontos da costa em que o inimigo do genero humano podesse tentar hum desembarque.

O Author pode melhor, que ninguem avaliar, se no respeitavel corpo de Engenheiros a que elle pertence, havia naquelle epoca officiaes capazes de dirigir e effectuar aquelle importante trabalho.

Supponhamos por hum momento, que as forças navaes de Inglaterra em 1805 eraõ somente iguaes, ou ainda inferiores ás do Imperio Francez; e que ou por cauza dos ventos, ou porque tinhaõ sido batidas; os barcos chatos, as canhoneiras de Bolonha, e mais portos podiaõ abordar á costa de Inglaterra.

Sendo hum factõ incontestavel, que todos os pontos da costa, em que se podia tentar hum desembarque, estavaõ formidavelmente fortificados; he claro que o exercito Francez ou não effectuaria o desembarque, ou soffreria necessariamente tal estrago que não poderia sustentar os sanguinozos combates, que os exercitos Inglezes lhe haviaõ de dar, animados do

o dio, que existe entre as duas naçoens naturalmente rivaes; excitados por aquelles sentimentos de liberdade e patriotismo, que tanto caracteriza a Nação Inglesa, e que tem apresentado em todos os tempos, e em toda o parte huma força sempre incalculavel, e irresistivel sempre, aos tyrannos, aos despotas, e aos seos exercitos escravos.

Suppondo mesmo (o que era impossivel) que Bonaparte conseguia desembarcar na costa de Inglaterra 200,000 homens: estes teriaõ de combater com hum exercito não só de igual, mas de força superior; com hum exercito completamente munido de tudo; que tinha á sua despozicaõ todos os recursos immensos do paiz; que podia a cada momento ser reforçado; n'huma palavra o exercito Francez teria de bater-se com huma nação toda armada, toda prompta a sacrificar os seos mais caros interesses, decidida a morrer antes, do que sujeitar-se ao Despota mais insolente, mais frenetico, e mais perfido, que o mundo ha tido.

O Capitaõ Pasley sabe que Bonaparte com huma perfidia, e infamia deque não ha exemplo na Historia, introduzio na Hespanha 200,000 homens: apossou-se das principaes fortalezas daquelle desgraçado Reino; atraçouou a Familia Real, ja traida pelo mais infame valido; espalhou satelites seos por toda a parte; semeou por toda a parte a intriga, a seducção, e o soborno, e reduzio doze milhoens de habitantes a hum perfeito estado de anarquia. E com tudo está o Tyranno senhor da Hespanha? São passados tres annos de estragos, de horrores, e mortes; e está o Tyranno senhor da Peninsula? Não: nem está, nem estará. Os Romanos mais sabios, mais politicos, mais justos, e valorozos, gastáraõ seculos para subjugar as Hespanhas; e nunca foraõ pacificos possuidores dellas. Porque o hade ser Bonaparte, cuja errada politica ja não pode retrogradar, e necessariamente o hade levar ou cedo, ou tarde ao precipicio; cuja perversidade, tyrannia, embustes, e crimes, estão hoje manifestos?

Mais de trezentos mil Francezes estão sepultados na Hespanha: tal he o sanguinozo fructo, que Bonaparte tem tirado da sua perfidia, e louca teima de querer subjugar huma nação que não quer ser escrava! Tal

he o sanguinoso fructo que elle tem tirado de invadir huma nação, de cujos recursos immensos dispunha á sua vontade!

Se pois o Tyranno da Europa não tem podido subjugar huma Nação naturalmente generosa, e brava, mas em grande parte degenerada, e dividida, apezar de todas as vantagens que anticipadamente lhe tinhaõ dado a traição e a mais lastimoza anarquia; como poderia elle subjugar a Inglaterra, ainda quando conseguisse lançar nas suas praias 200,000 escravos?

O Capitão Pasley sabe, ou pelo menos deve saber, que a força de hum estado consiste nõ poder activo de conter as commoçoens internas, e de repellir os ataques externos. Este poder que, ha mais de hum seculo, e muito principalmente ha tres annos tem sido quasi nullo na Hespanha, existe em alto gráo na Inglaterra.

Esta força está na razaõ directa do numero de cidadaons, de suas faculdades, e de sua vontade a empregar-se nos objectos a que o Governo os chamar; quero dizer na sua affeição, confiança, e afferro ao Governo estabelecido. Ora o numero de cidadaons Inglezes excede muito o dos habitantes Hespanhoes; pois que estes apenas chegaõ a doze milhoens, e aquelles montaõ a deseseis. As faculdades daquelles são incontestavelmente superiores ás destes. O patriotismo dos Inglezes, sua affeição, e afferro ás suas leis, e ao seu governo, são infinitamente superiores ao patriotismo dos Hespanhoes, a sua affeição, e afferro ao antigo governo, e aos que se tem succedido desde Maio de 1808, ate hoje. Segue-se pois, que se os Hespanhoes, apezar de tantas desvantagens, tem ate agora resistido a 665,000 escravos, que o Tyranno tem ali mandado; os Inglezes teriaõ anniquilado 200,000, com que pareceo ameaça-los em 1805. Talvez que o Monstro ja não existisse, se aquelle desembarque se tivesse effectuado.

Em quanto pois os Inglezes amarem, como amaõ, a sua patria, os seus costumes, as suas leis, e o seu governo: em quanto conservarem as suas actuaes instituçoens militares, elles zombaraõ sempre de todos os esforços do Tyranno; e a Inglaterra nunca será

huma Provincia da França, ainda na hypothese, que a sua marinha fosse somente igual, e mesmo inferior á Marinha Franceza; o que todavia nunca se verificará em quanto a Inglaterra proseguir no mesmo systema politico que tem, e Bonaparte teimar a ser o que, ha dez annos, tem sido.

O author está persuadido que a marinha Ingleza deve decahir; e que he altamente provavel, que, no espaço de trinta annos, a marinha Franceza, ou continental, na fraze do Capitão Pasley, adquira huma decisiva superioridade sobre a de Inglaterra; porque

1. a França pode daqui em diante applicar a projectos navaes todos os grandes recursos, que ate agora tem dirigido com tão fatal energia para estender as suas conquistas no continente.

2. Porque Bonaparte pode empregar contra a Inglaterra os recursos de quasi toda a Europa.

3. Porque as grandes Potencias Navaes, a saber Hespanha, e Hollanda; e as da segunda ordem como Dinamarca, e Portugal são defacto provincias da França.

4. Porque pela mesma natureza das coizas deve haver, no decurso do tempo, huma superioridade numerica de navios, e de homens da parte dos inimigos da Inglaterra; e pode ser levada a tal ponto, que nenhum valor, nenhum saber dos Inglezes lhe possa resistir.

Quanto á primeira razão, ella não nos parece fundada. Porque taes recursos ou não existem, ou são extremamente pequenos. Mas suppondo que existem quem não vê que todos lhe são precizos para pagar larga, e promptamente a 150,000 espioens infames, que o timido Tyranno entretem; a Ministros, e officiaes de Secretarias de Estado de todos esses Principes escravos; a todos os officiaes de postas, a numerozos exercitos, que he preciso manter para conservar em sujeição os habitantes da França, e os povos que elle tem escravizado, e que elle sabe, que ao primeiro momento favoravel, farão em pedaços os vergonhosos ferros, que conseguiu lançar-lhe? Quem ignora o estado deploravel em que se achão as suas finanças; Quem não sabe que a maior

parte dos seus exercitos estão, ha muitos mezes, sem receber paga?

Os grandes recursos de huma nação vem do florescente estado da sua agricultura, e da estensaõ do seu commercio. A cazo ignora o author, que, ainda que a Agricultura em França tenha estado n'hum pê assas florescente, ella vai gradualmente decahindo; porque o lavrador não tem extracção ao seu trigo, que vê apodrecer no celeiro; nem ao seu vinho, que fazia outrora hum consideravel ramo da sua riqueza? Ignora o author, que os tributos são tantos, e tão pezados sobre os mesmos productos da Agricultura, que muitos lavradores ja não querem cultivar senão o trigo, os legumes, o vinho, &c. que julgaõ precizo para a sua pobre familia? O Capitaõ Pasley he muito instruido, para ignorar tudo isto.

A outra fonte das finanças de hum Estado he o commercio: mas este ja não existe em França, nem nos paizes desditozos a que se estende o poder, e influencia maligna de Bonaparte. Elle tem exaurido todos os recursos proprios; ja não tem que extorquir aos desgraçados habitantes da Hespanha, de Hollanda, de toda a Alemanha, de toda a Italia, &c. &c. Onde estão pois os grandes recursos de Bonaparte, que tanto assustaõ o Capitaõ Pasley?

Hum dos maiores recursos do Uzurpador tem sido o soborno, a traição, e a impostura; com esta pouco mal pode fazer ja, porque está mui desmascarado: para comprar traidores como tem feito, precisa de grandes sommas que ja não tem. Demais; que lucro tem tirado os traidores, que tem sacrificado os seus Soberanos, e a sua patria? O desprezo do Despota aquem serviraõ, e muitas vezes a morte; o odio, e exacração da idade presente, e da geração futura!

A segunda razaõ quasi se acha comprehendida na primeira, e he tão pouco fundada, como ella.

Quaes são os recursos de quasi toda a Europa, que Bonaparte pode emprar contra a Inglaterra? São esquadras? As que ha são mui poucas; e sahir ao mar, ser batidas, e apreziõnadas pelos Inglezes, são synonymos. He dinheiro? não: elle he mui raro no Continente, e será cada vez menos, não só pelas cau-

zas ja expostas ; mas tambem porque o systema de rapina universal que Bonaparte, e seos satellites tem adoptado, e estabelecido por toda a parte, tem feito com que os grandes capitalistas passassem os seos fundos para Inglaterra ; e os que, por mais avarentos, não tem recorrido a esta medida, tem no occultado de maneira, que he o mesmo que se não existisse. Isto he tanto verdade, que Bonaparte se vio ja forçado a crear papel moeda em Leão, e na Hollanda, &c. e todo o mundo sabe a triste, e desanimadora impressãõ que esta medida tem produzido. Todo o mundo sabe as sommas immensas de papel moeda, que circulaõ no Imperio Austriaco, e os esforços daquelle Governo para lhe sustentar o credito, o que não tem podido obter. E como pode haver muito dinheiro no continente, se o seo commercio está não só interrompido ; ha muitos annos, mas em muitas partes aniquillado ? Que recursos pois são esses de quasi toda a Europa, que Bonaparte pode empregar contra a Inglaterra ?

Demais o Capitão Pasley dá por certo o que nenhuma pessoa de senso commum, e que esteja ao facto da historia do tempo, lhe pode conceder. Por ventura Bonaparte está senhor da Turquia, e Russia ? O filho querido da Victoria acaba de fugir vergonhozamente de Portugal, de pois de ter ali perdido mais de trinta mil homens ; e esta he a terceira vez que esses exercitos de Vandalos são dali expulsos. Se o Governo Hespanhol souber adoptar medidas sabias, e adaptadas ás circumstancias ; se a Hespanha seguindo o exemplo de Portugal confiar o commando das suas forças ao bravo, e profundo Wellington ; se incumbir a organizzaõ, e disciplina dos seos exercitos ao valorozo, e firme Beresford ; podemos asseverar, sem receio de nos enganarmos, que em dois annos, se tantos viver o Monstro, nem hum soldado Francez existirá na Hespanha. Mas ainda suppondo o peor ; he impossivel que Bonaparte possua em paz aquelle vasto Reino ; e em vez de poder empregar contra a Inglaterra os fracos recursos que prezentemente tem aquella infeliz nação ; esses, e muitos mais serao precizos ao Tyranno para conter os Hespanhoes, que não querem ser escravos.

A Turquia, e a Russia estão em guerra: he provavel que fação a paz; mas não será para se sujeitarem a Bonaparte: pelo contrario tudo annuncia, que Alexandre, conhecendo a final os seus verdadeiros interesses, e os de seus povos, toma as mais serias medidas para se oppor ao Despota do Continente.

A Prussia, que Bonaparte illudio, e sacrificou; a Suecia que não gosta do seu Rey decrepito, e usurpador, e menos ainda do seu filho adoptivo, e que neste momento está agitada por facções, que não podem terminar senão com o sacrificio do partido Francèz que ali existe; não podem deixar de fazer cauza commum com a Russia, e esta com a Grã-Breanha.

A Hollanda he hoje huma provincia da França; mas para o continuar a ser he preciso que o Despota conserve ali hum exercito para conter os Hollandezes, phlegmaticos, he verdade; mas temiveis, se hum dja tomaõ a resolução de quebrar seus ferros; e tudo annuncia, que este dia está mui proximo. Nenhuns recursos ali existem. Ha mais de deseseis annos, que o seu commercio immenso começou a soffrer taes obstaculos, e taes perdas, que hoje está perfectamente anniquilado. Ha mais de deseseis annos, que a Hollanda tem de mez em mez sido roubada pelos differentes Governos, que desde 1794 em diante tem dilacerado a desgraçada França, tão zelozza outrora da sua liberdade, e hoje escrava de hum estrangeiro infame, de hum Corso aventureiro.

Francisco II. sacrificou huma de suas filhas: mas a conducta do Gabinete Austriaco, desde então para ca, tem mostrado mais firmeza, do que ate ali tinha mostrado. O frenetico Tyranno, n'hum dos seus accessos de raiva, e furor impotente contra a Inglaterra, decretou a queima de todas as fazendas, e generos coloniaes Inglezes, que se achassem por toda a parte a que se estende o poder das suas baionetas: exigio iguaal sacrificio do Gabinete Austriaco, que não quiz assentir. A frieza, que se tem notado em todos os Principes da casa de Austria, e no mesmo Francisco II, desde o casamento de Bonaparte com a Archiduqueza Maria Luiza; mostra que entre os dois Gabinetes ha mui fraca intelligencia; pelo menos mostra que Bo-

naparte não tem á sua dispozição os recursos do Imperio Austriaco para os empregar contra a Inglaterra.

Os recursos desses Principes, e Reis da Confederação do Rhin (Principes, e Reis somente em nome, e escravos na realidade) são nullos. Elles podem apenas dar ao Tyranno algumas recrutas mais, que seguindo o exemplo dos seos compatriotas em Hespanha, e Portugal, desertarão, logo que possão.

Onde estão pois os recursos de quasi toda a Europa, que Bonaparte pode empregar contra a Inglaterra? De certo, o excesso de zelo pelo bem da sua patria, não permittio ao Capitaõ Pasley avaliar exactamente o estado dá Europa em 1810, e menos prever o que ella hade ser necessariamente em poucos annos.

O Author estabelece na sua terceira razaõ, que as grandes Potencias Navaes—a Hespanha, e Hollanda; e as da segunda ordem—Portugal, e Dinamarca, são de facto provincias da França !!!

Quanto a Hespanha: ella nem he, nem será jamais, huma provincia de França; o que fica dito basta para o provar: e nos teremos occasiaõ de tornar a fallar deste objecto com mais estensaõ.

He hum facto que a Hollanda he hoje huma provincia da França; e concedendo ainda que a Hespanha o fosse taobem, perguntamos ao Capitaõ Pasley, onde está a Marinha de Hespanha, e Hollanda? Nos lhe respondemos, que a maior parte tem sido destruida pelas esquadras Inglezas: outra grande parte esta em poder da Grã-Bretanha; e o pequeno resto que falta está apodrecendo nos portos inimigos, donde não ouza sahir por huma razaõ mui simples—porque tem medo—e sabe de certo que sahindo ao mar he destruida, metida a pique, ou conduzida aos portos de Inglaterra. Logo, a Hespanha, e Hollanda não são hoje grandes Potencias Navaes: neste artigo são nullas. Mas se-lo-haõ para o futuro, de maneira que possão destruir a marinha Ingleza? Respondemos que não; e os nossos leitores ficaraõ persuadidos, nós o esperamos, desta verdade, quando logo examinarmos este ponto.

A Dinamarca pode na verdade considerar-se como huma provincia da França: mas a sua marinha foi

anniquilada de hum golpe, porque o Governo Inglez não dorme, como tem feito os Governos do Continente, cuja indolencia, ignorancia, e corrupção tem dado cauza ás desgraças, e escravidão de huma grande parte da Europa. Praza ao Ceo, que a experiencia do passado, e do prezente lhe sirva de lição saudavel para o futuro.

Quanto a Portugal, nos respondemos ao Capitaõ Pasley trasbordando em puro jubilo, que a Patria dos Veriatos, dos Nunos Alvares Pereiras, dos Menezes, dos Albuquerque, dos Almeidas, e de mil outros heroes, que espantáraõ o mundo com seo valor, suas virtudes; em vez de ser huma provincia da França, he o terror, o assombro; e vergonha dos novos Vandalos, que tentando por tres vezes subjuga-lo, outrás tantas foraõ expulsos. Portugal bem longe de ser huma provincia da França, he hum estado livre: seo valor, sua constancia; seo patriotismo, e sua fidelidade serviraõ de modelo ao mundo: o éco de suas façanhas, e victorias ira repercutir em todos os pontos da Europa escrava; acordará os Principes, e os Vassallos, que envergonhados do que são, e do que foraõ seguiraõ o exemplo de Portugal, que tantas vezes tem mostrado ao mundo, que nenhum povo, que seriamente quer ser livre, pode ser escravizado. Sim; a derrota dos Francezes em Portugal cubrindo de vergonha, de confusão, e espanto o jactanciozo, e insolente Tyranno, lhe tem mostrado que a estensão de dominios não constitue o verdadeiro poder: ella tem mostrado aos povos do Continente o caminho, que devem seguir; elles o seguiraõ.

Sem termos a louca presumpção de sermos grandes politicos, ha mais de tres annos, que nos predissemos a sorte que os Vandalos tem experimentado em Portugal, e Hespanha; e pequeno conhecimento da natureza do homem he preciso; pequeno estudo da historia he necessario para antever, que a violentissima doença politica da Europa está proxima a declinar. Cahio o verniz com que a tyrannia deslumbrou, e illudio a França, e a Europa; e a Europa, e a França vaõ de novo ser livres.

O Capitaõ Pasley assevera em quarte lugar, que pe-a mesma natureza das coizas deve haver, no decurso

do tempo, huma superioridade numerica de navios, e de homens da parte dos inimigos da Inglaterra, a qual pode ser levada a tal ponto, que nenhum valor, nenhum saber dos Inglezes lhe possa resistir.

Para o Author estabelecer esta propozição elle dá por demonstrado aquillo que está em questaõ: elle suppoem que Hespanha, e Portugal; Suecia, Russia e Turquia são com effeito provincias da França: elle suppoem que os habitantes da Suissa, Italia, Alemanha, Prussia, Polonia, Westphalia, e Dinamarca amaõ cordalmente a sua escravidão, e a sua miseria, n'huma palavra, elle suppoem Bonaparte Senhor da Europa; ou que a Europa não he mais do que hum só Imperio, que ha hum só Governo, huma só vontade, e hum só interesse. Mas quem pode acreditar o Author? Nem Bonaparte mesmo! Na verdade a sua hypothese he tão falsa, he tão claramente absurda, que nem precisa refutação.

Mas supponhamos por hum instante que o Despota da França dominava a Europa toda: assim mesmo sustentamos, que nem por isso elle adquiria a supposta superioridade numerica de navios de guerra, e de marinheiros.

Se Bonaparte teima no seo systema de oppressão, de despotismo, e de tyrannia; se elle persiste na cega loucura de mudar todos os costumes, e habitos inveterados dos habitantes da Europa, de mudar mesmo as suas necessidades; tal systema, e taes medidas bem longe de promoverem o commercio exterior, dar-lhe-hão o ultimo golpe; e consequentemente só a Inglaterra podera commerciar com as ilhas do mundo; só ella poderá commerciar com os habitantes de toda a costa de Africa; só ella podera commerciar com toda a Azia, e toda a America.

He huma verdade incontestavel que nenhuma Potencia pode ser huma Potencia naval, semque seja primeiro huma Nação commerciante. Ora o commercio do continente da Europa esta arruinado, bem como a sua marinha: mais tres annos de guerra; e aquelle, e esta seraõ aniquilados. Como concebe pois o Capitaõ Pasley no systema actual do Continente, e no seo progresso ao infinito, que a França adquira no espaço de trinta annos huma superioridade numerica

de navios, e de marinheiros tal, que arruine a marinha Ingleza, e que ponha a Faança em estado de desembarcar nas costas de Inglaterra os seus exercitos com a mesma facilidade com que os Inglezes levoão, e desembarcaõ tropas onde actualmente querem?

O systema de Bonaparte tende a aniquillar o commercio do Continente: o systema do Governo Inglez tende de certo a augmentar o seu. O resultado pois será absolutamente contrario ao modo de ver, e sentir do Capitaõ Pasley.

Mais tres annos de guerra, nós o repetimos; e o commercio, e a marinha dos Estados do continente da Europa, que forem ainda escravos do Tyranno, desaparecerãõ. A Inglaterra pode entãõ diminuir sem risco as suas despezas em marinha; e animar cada vez mais o seo commercio; consequentemente os elementos daquella estaraõ cada vez mais seguros, bem como da sua prosperidade, e riqueza.

Novos, e immensos canaes se abrem ao Commercio Inglez no immenso continente das Americas Portugueza, e Hespanhola, que d'antes lhe estavaõ fechados. Madeiras de construcçaõ infinitamente superiores ás que d'antes tirava do continente da Europa, canhamo, ferro, tudo em fim quanto he precizo para os differentes objectos de marinha, o novo Mundo lho vai prestar.

Bonaparte poderá construir navios de guerra, se tiver dinheiro para isso, do que muito duvidamos; mas como hade crear marinheiros, e habeis officiaes sem commercio, e sem escollas practicas? Só se for por algum senatus consulto, ou por algum Decreto expedido no meio daquelles accessos de loucura, de furor, e raiva a que he muito atreito. Elle pode, em quanto durar o seo ephemero imperio, converter ladroens, lacaios, cabelleireiros, &c. em Principes, Duques, e Condes: mas elle não pode crear com decretos hum marinheiro, hum official, hum Almirante.

O author não pode negar que a Marinha Ingleza he dez vezes maior que a de toda a Europa escrava. Senhora dos mares, que ja ninguem lhe disputa, ella pode com a decima parte das suas forças bloquear os restos da fraquissima marinha continental, e faze-la apodreecer nos seus ancoradeiros. Quem tem sabido ele-

var a tal ponto de grandeza as suas forças navaes, e anniquilar as de seos inimigos; melhor saberá prevenir, e obstar, a tempo, a que se criem novas: a primeira parte era mais difficil. O Governo Inglez tem muita sabedoria, muita previdencia, e actividade para não obstar a tempo á creação, e augmento de huma marinha, que lhe venha a fazer sombra, tendo, como incontestavelmente tem, os meios necessarios.

Logo; ou a Europa volta com mais, ou menos modificaçoens ao estado politico em que se achava em 1789; ou o systema tyrannico de Bonaparte continua a prevalecer. Na primeira hypothese haverá sempre no continente diversos interesses politicos; e a Inglaterra terá sempre ali mais, ou menos influencia, maior, ou menor partido; consequentemente nunca as forças navaes da Europa se reunirão todas contra a Inglaterra. Na segunda, o commercio bem longe de prosperar, continuará a decrescer, como ate agora tem acontecido, e se anniquilara inteiramente em todas as partes do continente: ora em marinha mercante, não se pode formar marinha naval. Consequentemente no systema actual de Bonaparte, e no seo proseguimento, a Inglaterra nada tem que temer nem agora nem para o futuro. A Nação Ingleza só tem que recear a perda dos seos costumes, da sua constituição immortal, do seo Governo. Conserve tudo isto; e ella triunfará sempre de toda a Europa escrava.

O author pergunta—donde procede o conhecimento quasi geral deque não pode esperar-se huma paz permanente com a França? Donde vem a opiniaõ buaze geral, de que he melhor sustentar huma guerra indeterminada?

Elle mesmo responde, suppondo gratuitamente que aquelle conhecimento, e este opiniaõ geral, provem de huma intiuva convicção deque huma paz, que apresenta caracteres destructivos, não pode consideravelmente diminuir os estabelecimentos militares, e navaes da Gra-Bretanha, sem arriscar a sua existencia nacional; entre tanto que habilitando o inimigo a tirar livremente vantagem da sua grande, e natural superioridade de meios para construir navios, e formar marinheiros lhe seguraria a superioridade maritima sobre a Inglaterra.

Se o Governo Inglez não quer fazer a paz com Bonaparte, porque sabe que não he possível esperar huma paz permanente com o tyranno ; e porque receia o melancolico futuro, que o Capitão Pasley descreve; o Governo Inglez faz o que deve. Elle tem por dever a mais sagrado affastar, quanto poder, a sua ruina ; e se hade acabar com huma paz vergonhoza, pe-reça combatendo, e com gloria.

Nós estamos persuadidos que o Governo Inglez está prompto a fazer a paz com a França, mas que jamais a fará com o tyranno, que actualmente a domina, em quanto este não mudar de conducta, e de politica. Com tudo, se o Governo Inglez não quer a paz, não he pelas razoens que o author aponta. Bonaparte não tem, no estado actual das coizas, a natural superioridade de meios de construir navios, e formar marinheiros, que o Capitão Pasley gratuitamente lhe concede, paraque possa ter huma superioridade maritima sobre a Inglaterra : não a terá mesmo para o futuro, porque ja provamos, que he hum absurdo indesculpavel suppor que Portugal, Hespanha, Turquia, Russia, e Suecia, são provincias da França : que he igualmente absurdo suppor que os habitantes da Suissa, Italia, Alemanha, Prussia, Polonia, Westphalia, Dinamarca, e Hollanda amaõ cordealmente a sua escravidão, e a sua miseria : que he finalmente maior absurdo ainda o suppor, que a Europa não forma mais do que hum só Imperio, que tem hum só Governo, huma só vontade, e hum só interesse.

A Inglaterra não quer fazer a paz com o Despota porque o conhece, e sabe que não he possível esperar delle o cumprimento de huma unica estipulação, de hum só artigo. Mostre-nos o Capitão Pasley qual he o tratado que Bonaparte tem cumprido ; e então nós lhe concederemos, que a Inglaterra não quer paz com elle, porque teme o triste futuro que o author aponta.

Ignora o Capitão Pasley, que quando os olhos da Europa inteira estavaõ fitos nos grandes interesses, que se estavaõ discutindo em Amiens, então mesmo Bonaparte, apezar dos tratados existentes entre elle, e a caza de Austria, tomou o titulo de Prezidente da Re-

publica Italiana, e annexou á França o Piemonte, o Ducado de Parma, e a Ilha de Elbo?

Ignora o Author, que em 10 de Fevereiro de 1802 o General Thurreau chegou ao Valais, supprimio as authoridades constituídas, a possou-se do Thesouro Publico, e dos Archivos do Governo, e incorporou o Valais á França?

Ignora o Capitão Pasley que Bonaparte, antes de saber-se o Governo Inglez recusaria, ou não entregar Malta, ja tinha recusado pagar os interesses, que os vassallos da Inglaterra tinhaõ nos fundos publicos de França?

Ignora o author que Bonaparte recusou entregar tres navios Inglezes o *Porcher*, o *Tay*, e o *Highland Chief*, capturados dos mares da India, quando a paz ja era ali conhecida?

Ignora o author, que antes do rompimento do Tratado de Amiens, o commercio Inglez foi submettido a toda a especie de restricçoens, assim em França, como nos paizes, a que se estendia a influencia Corsica? Que a importação de manufacturas Inglezas foi prohibida em Hespanha, Italia, e Hollanda? Que os navios Inglezes, que eraõ admittidos nós portos da França experimentavaõ ali toda a casta de injustiças; e que ate se confiscavaõ os proprios moveis do Capitão com o pretexto de que eraõ de manufactura Ingleza?

Ignora o Capitão Pasley que antes do rompimento do Tratado de Amiens, Bonaparte fez inserir no *Moniteur* de 6 Thermidor de 1802 “que os rumores relativos a “hum tratado de commercio (com Inglaterra) não “tinhaõ algum fundamento:—que os fabricantes Fran- “cezes devião ter bastante confiança em seo Governo, “para o não suporem capaz de HUMA TAL FRAQUEZA?” Ha hum artigo mais evidentemente hostile? Não dava Bonaparte a entender á França, á Inglaterra, e á Europa, que não queria cumprir o Tratado de Amiens; que dezejava a guerra com a Grã-Bretanha, e estava procurando todos os meios de a excitar, como fez?

Ignora o author que Bonaparte não tendo que pretextar contra o Governo Inglez para romper o Tratado de Amiens, pertendeo tyrannizar a imprensa In-

gleza, sujeitando-a á censura do seo Embaixador? Que o Despota teve a insolencia de se queixar a Mr. Jackson, Ministro de Inglaterra em Pariz da liberdade das reflexoens publicadas nas gazetas Inglezas, e nas fallas dos Membros do Parlamento? Que taes pertençoens atacavaõ directamente a Constituição Ingleza, e tendiaõ nada menos que a fazer os Inglezes taõ escravos como o saõ hoje os Francezes.

Ignora o author que Bonaparte antes do rompimento do tratado de Amiens intentou desorganizar a Ingleterra por todos os meios? Que elle mandou aqui, á Escossia, e Irlanda hum aluviaõ de *Agentes Secretos*, e de *Agentes Commerciaes*, como foraõ, por exemplo,

Bonnecarrere com a incumbencia de vigiar as eleicoens, o qual foi descoberto pelo Governo Inglez, que se contentou com o expulsar deste Reino;

Fievée, que veio a Inglaterra com a missaõ de assalariar os Jornalistas Inglezes para servirem aos projectos, e vistas infames do Tyranno:

O Coronel *Beauvoisin* mandado por Bonaparte com a commissaõ horrivel de *engajar* scelerados para assassinarem Sua Magestade Britannica, e vigiar o Conde de Artois:

Despard que foi taobem encarregado por Bonaparte de taõ exacranda missaõ; e que tendo ja traçado o seo infernal projecto, felismente foi descoberto, e informado, como merecia, e quem o mandou:

Méhée de la Touche que veio a Londres para enganar os credulos emigrados, e Principes Francezes, bem como os Ministros Inglezes:

Fauvelet, que depois de ter commettido toda a casta de crimes em Turin, e ser por isso prezo em Biccetre, foi dali tirado, e mandado pelo Tyranno para Consul Geral da França na Irlanda, com a incumbencia de mandar sondar todos os portos, todos os rios; tirar cartas, e plantas de todos os portos, e fortalezas?

Ignora o Capitaõ Pasley que alem daquelles emissarios, Bonaparte, antes do rompimento do tratado de Amiens, e em tempo de profunda paz, mandou para Inglaterra, Escossia, e Irlanda quinhentos emissarios militares, encarregados todos de commissoens hostiz? Que em tempo de profunda paz Bonaparte estava excitando por todos os meios huma insurreiçaõ na Ir-

landa? Que em tempo de profunda paz estava a promptando em diversos portos da França, e Hollanda, expediçoens para atacar as colonias Inglezas das Indias Occidentaes? Que em tempo de profunda paz, Bonaparte procurou excitar huma revolta na Marinha Ingleza? Que em tempo de profunda paz, estabeleceo, e formou o decantado campo de Bolonha?

Se tal foi a conducta do Corso aventureiro para com a Inglaterra, durante a paz de Amiens; como pode o Gabinete Inglez negociar de novo com elle? Hum inimigo declarado não he incomparavelmente menos temivel, do que hum amigo simulado, e perfido?

Mas acazo tem o Despota sanguisedento tido huma conducta diversa para com as Potencias do Continente? Deque serviraõ aos Reis de Napoles, e Hespanha os tratados de Paris, e Fontainebleau? Deque serviraõ a SUA ALTEZA REAL o Principe Regente de Portugal o tratado de Paz de Badajoz e Mádrid, bem como o de neutralidade feito em Lisboa? Deque serviraõ aos supremos chefes da Igreja Pio VI, e VII. os tratados de Paz, e neutralidade; deque lhe serviraõ todos os sacrificios, e humiliaçoens a que por bem da Religiaõ se sujeitáraõ? Que tirou a caza de Austria, Paulo I., seo filho Alexandre, e o Rey de Prussia dos diversos Tratados que fizeraõ com Bonaparte? Ha crime, ha perfidia, ha insolencia, que elle não tenha perpetrado para com todos estes Principes?

Como pode pois o Governo Inglez entrar em paz com Bonaparte? Não: elle não fará a paz em quanto o Tyranno viver. Elle sabe que o Imperio de Bonaparte adquirido por crimes, e por crimes sustentado, não pode ter longa duraçaõ. A Inglaterra sabe que hum systema, que tem destruido as bazes da ordem social, que tem feito em pedaços todos os vinculos politicos, religiosos, e moraes, não pode durar muito. Ella sabe, que o Tyranno he detestado por toda a Europa: ella sabe que todos os Francezes Realistas, Republicanos, e Jacobinos, o abominaõ: ella sabe que Francezes Alemaens, Suissos, Italianos, Hollandezes, todos esperaõ com impaciencia o momento favoravel para quebrar seos ferros: ella sabe que este

momento se approxima: ella sabe em fim, que nada pode esperar de hum monstro gerado no crime, nascido na rebellião, educado na impiedade, assassino por inclinação, pôr habito, e por systema.

He por tudo isto que a Inglaterra não tem feito, nem fará jamais a paz com Bonaparte; e não porque possa, ou deva reccar o triste futuro, que o Capitaõ Pasley imagina. A continuação da guerra será a salvação da Grã-Bretanha, e a perda do Tyranno; e desta nascerá a paz da Europa, e o socego do Mundo.

No segundo capitulo o Capitaõ Pasley entra no exame comparativo dos forças, e recursos dos dois Imperios Francez, e Britanico.

Há cinco pontos principaes, dis o Author, que se devem considerar entre Naçoens, que estão em guerra, a saber—sua população—sua renda—seos meios de recrutar—a energia do seu Governo—espírito, e patriotismo do seu povo.

Quanto á população, renda, meios de recrutar, e energia do Governo o Capitaõ Pasley esforça-se para mostrar que tudo isto está do lado da França: relativamente ao espirito, e patriotismo do povo, concede á Inglaterra essa consolação, mas pertende ao mesmo tempo provar, que na guerra actual o espirito, e patriotismo do povo são de nenhum valor!!!

Se a população dos dois Imperios se deve avaliar de huma maneira puramente numerica, ninguem poderá negar que a do Imperio Francez excede muito a da Grã-Bretanha. Mas o que o Author nunca poderá provar he, que a população da França monta a setenta milhoens. Pelo contrario; nos estamos persuadidos, que ella he muito menor; e que o Capitaõ Pasley está perfeitamente illudido a este respeito. Para o convencermos, basta allegar a taboa de longitude de Pariz, na qual se diz que a população do imperio Francez (1811) monta a 42,424,000 a saber.—

Habitantes que fallaõ a lingua Franceza	27,916,000
Ditos que fallaõ a lingua Italiana	4,922,000
Ditos que fallaõ a lingua Hollandeza	4,411,000
Ditos que fallaõ a lingua Alemã	4,100,000
Ditos da Baixa Bretanha	1,075,000
Total	42,424,000

Donde se vê que o Capitão Pasley exagera a população do Imperio Francez, e que lhe dá gratuitamente 27,576,000 habitantes de mais, o que não he pequena coiza. Mas nós estamos persuadidos deque o calculo publicado em Pariz he ainda exaggerado: basta ser publicado por ordem do Governo para ser falso.

Nos sabemos que a França de 1811 he mui diferente da França de 1789, quanto á sua estensaõ; mas nos sabemos taobem.

1. Que a emigração nos primeiros quatro annos da Revolução foi mui consideravel.

2. Nos sabemos, e sabe-o todo o mundo, que os terroristas guilhotinaraõ, afogaraõ, e fuzillaraõ muitos milhares de Francezes de todas as idades, condição, e sexo.

3. Nenguem ignora as guerras civis, que houve em França, e quanto foraõ sanguinosas.

4. Todo o mundo sabe as perdas que houve no exercito do Egypto, composto pouco mais, ou menos de 40,000 homens e dos quaes ametadé apenas voltou para França.

5. Que de expedição de S. Domingos composta igualmente de quasi 40,000 homens, voltaraõ somente alguns, que se poderaõ escapar.

6. Nos sabemos que a França está em guerra ha quasi vinte annos: que todos os seus generaes, exceptuando o desventurado Pichegru, e Moreau, tem sacrificado barbara, e inutilmente trez, ou quatro vezes mais gente do que aquella, que seria preciso, se elles fossem taõ habeis como aquellas duas victimas do monstro, que se diz Imperador dos Francezes; e se tivessem os mesmos sentimentos de humanidade, que tinha o Grande Turenne, que jamais sacrificou hum só soldado inutilmente, e para quem o sangue do soldado era o bem mais preciozo.

7. Todo o mundo sabe as perdas immensas que os Francezes soffreraõ nas campanhas de Italia; as que tiveraõ na decantada batalha de Austrelitz em que perderaõ 30,000 homens; as que padeceraõ nas campanhas da Polonia; as que supportaraõ em toda a campanha de 1809, em que o tyranno esteve por vezes perdido, e de que escapou ainda para desgraça do mundo.

8. He notoria, e incontestavel a perda immensa que a França tem tido na Hespanha, e Portugal, ha tres annos.

Consequentemente pode-se com probabilidade avançar que a população na França tem diminuido proporcionalmente tanto, quanto tem augmentado os seus dominios; ao menos a proposição he verdadeira relativamente aos habitantes recrutaveis.

Todos os viajantes concordão em que se começa a sentir falta de braços para a agricultura, apezar da diminuição gradual, que esta vai tendo. Sabe-se quanta difficuldade, o tyranno encontra em completar a conscripção annual, e que tem sido forçado a recrutar rapazes de quatorze annos. Sabe-se que para assim mesmo encher os varios immensos, que diariamente tem os seus exercitos, he já preciso recorrer á violencia.

Alem de todas as sobreditas causas da despovoação da França, ha inda outra mui poderosa, que he a mortandade horrivel, que tem lugar nos seus hospitaes militares. Nos tivemos a desgraça de ser testemunhas oculares da criminoza conducta da maior parte dos officiaes de fazenda Francezes: nos tivemos repetidas occasioens de observar, e conhecer a ignorancia de quasi todos os medicos, e cirurgioens empregados no exercito que atraçoadamente entrou em Portugal: nós podemos observar a mortandade horrorosa, que houve nos hospitaes, que eraõ da sua administração: nós podemos pois avaliar quanto esta causa da despovoação da França he poderosa; e mais ainda quando se reflectir, que o clima de Portugal he excellentemente providos de roupas, de utensilios necessarios; que os alimentos, e remedios eraõ optimos. Se assim mesmo a mortandade foi immensa; o que não terá acontecido em climas desabridos, e em paizes onde ha, e tem havido falta de bons alimentos, e sobre tudo de bons remedios, taes como a quina? Em 1808 morrerão em todos os hospitaes Francezes da Hespanha 53,000 homens: em 1809 morrerão 109,000, consequentemente naquelles dois annos morrerão *cento sessenta e dois mil Francezes* somente nos hospitaes. Quantos terão morrido em 1810 e 1811, sendo indis-

putavel, que nestes dois ultimos annos tem experimentado maior falta ainda de roupas, de alimentos, e sobre tudo de remedios?

Accresce que o tyranno, e seos generaes não tiraõ do campo da batalha aquelles desgraçados, que perderão hum braço, huma perna, &c. para não serem pezados ao estado, sem o poderem servir nos exercitos!

A população das principaes cidades do Imperio Francez em 1810 montava apenas a 3,099,025*. A população de Pariz que em 1789 excedia a 600,000 habitantes, em 1810 chegava apenas a 547,756, proportional diminuição tem havido não só nas 106 principaes cidades do imperio Francez, mas taobem nas povoaçoens menos consideraveis.

Se a população do imperio Francez subisse a 70 milhoens, segundo o Capitaõ Pasley, ou mesimo a 42,424,000, não poderia o tyranno ter hum exercito de hum milhaõ de combatantes, pelo menos? Sem duvida: mas que o não tem he hum facto. Ninguém provou ate hoje que os exercitos Francezes na campanha de Alemanha em 1809 montavaõ, ou excediaõ a 300,000 homens; mas suppondo que chegavaõ áquelle numero, e que as perdas immensas que soffreraõ naquella campanha estaõ cheias: suppondo ainda que tem 200,000 combatentes na Hespanha, e que 100,000 guarnecem a costa da Bretanha, e Praças da França: assim mesmo teremos somente 600,000 homens. Mas se desta somma se abatem os 70,000, que os reys, e principes escravos de que se compoem a Confederação do Rhin, apromptáraõ, ficaraõ apenas 530,000; e hum tal exercito, se todavia existe, doque muito duvidamos, he proporcional, quando muito, a trinta milhoens de habitantes.

Porque não tem pois o tyranno hum milhaõ de homens em armas? He porque não pode: poderia com tudo, se tivesse á sua dispozição quarenta e dois milhoens de habitantes, e muito mais ainda se a população do Imperio Francez subisse a setenta milhoens, como quer o Capitaõ Pasley. A sua ambição des

* Veja-se o No. 87 do Jornal intitulado—The Scots Magazine and Edinburgh Literary Miscellany, para o mez de Março de 1811.

medida he conhecida; o seu plano de dominio universal he manifesto: o descontentamento geral da França, e da Europa he incontestavel, e Bonaparte não o ignora: elle está pois na absoluta necessidade de sustentar, e manter numerosos exercitos, não só para conter os povos, que gemem debaixo da sua tyrannia, e que elle pôde escravizar; mas taobem para levar ávante os seos planos de usurpação, e universal dominio. Se não tem pois exercitos mais numerosos he porque não pode; e se não pode, he porque a população de Imperio Francez lho não permite, nem as suas rendas como logo provaremos.

Quanto á população do Imperio Britanico na Europa, ella sobe a 16,000,000; e entre tanto que a do Imperio Francez continuamente diminue, a da Grã-Bretanha vai rapida, e progressivamente augmentando.

Sabe-se quaes tem sido as perdas immensas que a desgraçada França tem soffrido em gente, ha vinte annos: as da Grã-Bretanha tem sido nullas. Entretanto que todos os governos revolucionarios da França tem barbaramente derramado o sangue dos Francezes; o Governo Inglez tem economizado o dosseos vassallos. A' brava, á generosa Nação Ingleza nada lhe importaõ milhoens; mas importa lhe tudo huma só gota de sangue dos seos filhos. Jamais se pedio conta a hum General Francez do sangue que derramou inutilmente; jamais se deixou de pedir estreita conta a hum General Inglez da morte de hum soldado, que devia ser poupado.

De tudo o que fica dito resulta, que apezar deque a população do Imperio Britanico não seja ametade da do Imperio Francez; com tudo a Inglaterra está actualmente em estado de poder apresentar tanta gente em armas, como a mesma França. Esta tem maior numero de mulheres, de velhos, e talvez de crianças; mas a Inglaterra tem maior numero de homens capazes de pegar em armas, sem fazerem falta á sua brilhante agricultura, ás suas florescentes artes, e manufacturas.

As forças actuaes da Gra-Bretanha sobem a 211,159, de linha; tem mais 84,300 de melicias, que se podem, e devem considerar como a mesma tropa

regular: total—295,459. Alem desta força verdadeiramente formidavel, e que se pode augmentar ao dobro, em cazo de urgencia, tem as milicias locaes. Como pode a Inglaterra temer hum dezembarque?

Quanto ás rendas de França; nós nada conhecemos tão miseravel, tão oppressivo, tão desordenado? e tão pobre relativamente á estensão do Imperio: e não he pequeno o nosso espanto vendo que o Capitaõ Pasley ate quer dar essa vantagem á França sobre a Grã-Bretanha.

Nos ja dissemos, e he incontestavel, que Bonaparte não tem exercitos mais numerosos, porque não tem gente; e alem disso porque não tem dinheiro para os manter. Elle conhece a necessidade de ter aquelles exercitos satisfeitos: com tudo quando o filho querido da victoria, ou *le fils pourri*, como lhe chamou o traidor Marquez de Gallo, fugio vergonhamente de Portugal; havia seis mezes que o seu exercito não recebia paga*. O que acontecia ao exercito do corrido Massena, acontecia, e acontece ainda aos mais corpos de Vandalos, que estão na Peninsula: e tudo isto prova, que as finanças de Bonaparte estão em muito maõ estado; o que necessariamente hade assim acontecer, porque o Commercio da França, como ja dissemos, está perdido; a sua agricultura vai diariamente diminuindo, ja pela falta de braços, ja pelos tributos enormes, que o tyranno tem imposto aos seus productos, e ja porque o superfluo destes não tem extracção alguma. Como conhece pois o Capitaõ Pasley que a França tenha vantagem sobre a Inglaterra no artigo—rendas publicas? Grande renda sem commercio, e sem hum florescente estado de Agricultura, he tão impossivel, que não nos devemos demorar hum só momento sobre este ponto. O Capitaõ Pasley está tão persuadido disto, que depois de se esforçar para desenvolver, e mostrar a proporção, que as rendas da França tem,

* Le troisieme parti, que se presentoit (diz o Moniteur de 9 de Abril, de cuja verdade, he talves esta a unica vez, que se não pode duvidar) etoit de repasser le Mondego, se dirigeant sur Guarda, et ouvrant une communication avec Ciudad-Rodrigo, où il y avoit des souliers, des habillemens, des munitions, de Partillerie, des magasins, et de l'argent (o que he mentira) pour l'armée, qui n'avoit pu se recevoir de sol de depuis six mois.

na epoca actual, com as da Grã-Bretanha, recorre a futuros perguntando,—se as finanças deste paiz continuaraõ a ser mais florescentes que as do continente, ou, se pelo contrario as deste em poucos annos seraõ superiores ás da Inglaterra.

Nos respondemos ao Capitaõ Pasley, que as finanças da Grã-Bretanha, continuaraõ sempre a ser mais florescentes, que as do Continente escravo. Porque a Constituição, e o Governo Inglez he sabio, justo, e tem ideas liberaes que não tem os do Continente. A sombra de huma tal constituição, e debaixo de hum tal governo, o commercio, e a agricultura necessariamente haõ de prosperar. Pelo contrario o Governo de Bonaparte he o mais arbitrario, o mais despotico, e tyrannico, que tem havido no mundo. Para o sustentar, e protrahir he necessario ir extinguindo pouco, a pouco as sciencias, que só os tyrannos temem. Sem estas, as artes, a industria nacional, o commercio, e agricultura desapparecem, ou prosperaõ mui pouco. Em quanto pois a Inglaterra conservar a sua Constituição, e o seu Governo, as sciencias, as artes, a industria, a agricultura, e commercio nacional haõ de necessariamente prosperar, e por conseguinte as suas finanças. Pelo contrario em quanto durar a vergonhoza Constituição Franceza, eo seu Governo emminentemente arbitrario, e despotico, retrogradaraõ as sciencias, e com ellas se iraõ secando as fontes da riqueza nacional a agricultura, e commercio, e consequentemente as rendas do estado iraõ decrescendo na mesma proporção.

O author para sustentar o seu paradoxo avança mui gratuitamente, que as taxas augmentaraõ no continente, e que Bonaparte não tem mais do que fixar estas taxas dentro do circulo da possibilidade.

Poisque o tyranno não tem mais doque fixar aquellas taxas dentro do circulo da possibilidade; poisque aquelles sobre quem recahem tem cada vez menos possibilidades, consequencia necessaria da ruina do commercio, declinação da industria nacional, e da agricultura; segue-se que Bonaparte em vez de augmentar as taxas, deve diminui-las.

Como he possivel augmentar as taxas no continente? Parece que o Capitaõ Pasley ignora quaes

saõ aquellas, que os desgraçados Francezes pagão ao tyranno. He por isso que nos vemos forçados a demorar-nos hum momento sobre este objecto, para desenganarmos este benemerito escriptor, e aquelles, que seguirem sua opiniaõ.

O Capitaõ Pasley, e aquelles dos nossos leitores, que ainda estiverem illudidos sobre este objecto, devem saber que há

1. Huma contribuição territorial de cinco por cento.

2. Hum direito auxiliar de cinco por cento sobre todo o vinho, que o lavrador fabrica.

3. Outro direito de cinco por cento a cada mundaça de lugar que este mesmo fizer.

4. Outro de cinco por cento sobre todos os vinhos, e liquores no tempo da sua venda.

5. Outro sobre as cazas, aluguer destas, e sobre as seges.

6. Outro sobre a *registamento*, o qual he muito onerozo.

7. Outro chamado direito de sello, que junto ao de *registamento*, monta a perto de trezentos milhoens de francos por anno.*

8. Direito de patente, que he huma taxa arbitraria imposta sobre os Banqueiros, Negociantes, Carniceiros, Padeiros, homens de Lojas, n'huma palavra sobre toda a pessoa, que tem huma profissao qualquer. Hum Banqueiro, ou Negociante da primeira ordem, paga quinhentas libras por anno: os da segunda trezentas: todo o homem de loja, mercador de vinho,

* Este sello comprehende immensos objectos, e he proporcional á grandeza do papel. Huma folha de papel de quatro paginas para cartas ordinarias, paga doze soldos: huma de oitavo grande paga deseseis; e huma de papel *elefante*, paga vinte. O papel para bilhetes paga diferentes sellos, sendo o maior de doze soldos. Cartas de avizos, editaes de espectaculos, obras periodicas, jornaes, noticias, bilhetes de entrada para bailes, concertos, jardins, &c. estaõ sujeitos ao mesmo direito de sello.

O Livro Mestre de todo o Banqueiro, Negociante, Mercador, &c. deve ser sellado em cada folha. Ha igualmente hum sello em cada papel, que serve de instrumento n'huma cauza, e nas respostas feitas pelos advogados nas questoes, que lhe saõ submittidas.

O *registamento* consiste no direito de hum por cento sobre todos os actos, contractos, mutaçoes, hypothecas, e letras de cambio, para serem validas. Todo o acto perante hum notario, em que se faz menção de huma somma de dinheiro, he taobem sujeito ao *registamento*.

&c. paga çem libras turnezas. Os cocheiros publicos, acarretadores, &c. pagão cincoenta francos annuaes.

9. Direito, ou taxa local, chamada *octroi*, que he hum imposto sobre todos os artigos de consumo, como vinho, carne, aves, mauteiga, ovos, queijo, feno, palha, e lenha.

10. Direito que pagão todos os notarios, procuradores, porteiros de tribunaes, corretores de cambios, e mercadorias.

11. Taxa que pagão todos os recebedores de contribuiçoens.

12. Taxas que se pagão para a manutençaõ do Graõ-Juiz, e de todos os Juizes, e officiaes de justiça, que são immensas, e deque o governo se aproveita.

Ora á vista deste esboço do systema de contribuiçoens, ou taxas em França, como concebe o Capitaõ Pasley, que ellas se possaõ augmentar? Sobre que mais se podem impor contribuiçoens, se nem os generos da primeira necessidade são izentos?

Mas ignora o author que nem as que existem se podem pagar; e que muitos infelizes lavradores de vinho no meiodia da França, tem sido obrigados a vender o resto da sua prata, e a sua roupa para pagarem os chamados *direitos reunidos*? Ha no mundo hum systema mais arbitrario, e mais oppressivo? Que termo de comparaçaõ pode o author achar entre as finanças de Inglaterra, que annualmente crescem, e as da França que diariamente diminuem?

Nós sabemos que os partidistas do tyranno não acreditaõ as contas de receita, e despeza, que annualmente se apresentaõ ao parlamento; e mui arbitrariamente julgaõ, que taes contas são forjadas pelos ministros. Pelo contrario elles prestaõ cega, e lastimozamente credito ao *budget* que o despota, ou seus ministros escravos apresentaõ. Mas ha hoje hum só estrangeiro medianamente instruido, ou hum só Francez, que não esteja plenamente convencido que os *budgets* que Bonaparte apresenta não são mais que charlatanarias, e imposturas grosseiras para enganar o vulgo quasi sempre cego? Ha hoje quem ignore que ninguem em França pode verificar taes contas, e que se alguem duvidasse dellas, o declarasse, e

fizesse a menor reflexão, seria sem piedade prezó desterrado, ou talvez fuzillado? Ha quem ignore, que qualquer Membro do Parlamento tem authoridade de exigir documentos justificativos; de pedir, e fazer apresentar todos os esclarecimentos, que julgar precizos, e que os ministros não lhos podem negar? De facto, não tem o Parlamento procedido muitas vezes a taes exames, e não se tem feito publico o seu resultado?

De tudo o que fica dito concluimos que os finanças de Inglaterra se achão em muito melhor estado que as da França; e que ellas continuaraõ para o futuro a ser mais florescentes, que as do continente em quanto o governo Inglez for o que he, e o tyranno da Europa teimar no seu plano de despotismo, e devastação.

Quanto aos meios de recrutar, e energia do governo, o Capitaõ Pasley sabe mui bem que o systema da conscripção he violentissimo; e de certo não ha hum so pai de familia em França, que o não deteste, e seu author. A violencia, a corrupção, e a injustiça saõ os meios de recrutar em França. Na Inglaterra pelo contrario ninguem, he violentado a ser soldado em hum regimento de linha: o governo paga a todos aquelles que voluntariamente se querem destinar a huma tal vida. A differença he clara, e está a favor da Inglaterra, que possui alem disso a vantagem de ter no momento actual maior numero de homens capazes de pagar em armas, do que a França não tem, como ja dissemos, e provamos. E quando não ha gente que se possa recrutar, todos os meios de recrutar saõ baldados.

Não duvidamos da energia, e actividade do governo da França; he huma das vantagens que tem o governo de hum só: mas deque lhe serve essa actividade, quando o governo he de sua natureza pessimo; quando o seu chefe obra com tanta rapidez, como concebe planos loucos, e impoliticos; e quando não consulta quem o pode esclarecer, e dezenganar? Deque lhe serve actividade, e energia, se lhe faltaõ sabedoria, e meios? Nos concedemos mais energia ao governo Francez para tudo o que he loucura, tyrannia, despotismo, e destruição: mas nem o author, nem pessoa alguma esclarecida, e justa, pode negar

ao Governo Inglez mais previdencia, mais sabedoria, mais politica, e actividade para tudo o que he bom, justo, e util assim á nação Ingleza, como a cauza geral da humanidade.

Relativamente ao espirito, e patriotismo do povo, o author admite, e concede á Inglaterra esta consolação; mas pertende mostrar, que na guerra actual bom espirito, e patriotismo do povo são de pouca monta!!!

He possivel imaginar hum só cazo em que o bom espirito, e patriotismo de huma nação seja, ou tenha sido de pouca valia, quando esta nação se acha em guerra com outra, que não tenha aquellas preciosas qualidades? Sem aquelle bom espirito e patriotismo poderia Roma resistir no seu principio aos seos inimigos, e chegar a ser depois a capital do mundo? Sem patriotismo, e bom espirito as pequenas Republicas da Grecia poderiam tantas vezes rebater, e confundir os seos formidaveis invasores? Sem patriotismo, e bom espirito teria a mesma Grã-Bretanha produzido tantos heroes famosos; teria ella sustentado sem murmurar huma guerra tão longa, e tão horrivel? Sem estas preciosas qualidades teria Portugal resistido outrora com tanta coragem, tanta constancia, e tanta gloria aos Romanos, aos Vandalos, aos Arabes, aos Hespanhoes, e ha tres annos, a tres exercitos desses barbaros assoladores mais ferozes, e sanguisedentos do que os tigres, e os leoens? Sem bom espirito, e patriotismo teriaõ os desgraçados Hespanhoes resistido aos seos crueis e infames oppressores apezar da traição de hum valido infame, da anarchia em que por vezes tem estado, e apezar da indolencia, e ignorancia de muitos, que os tem dirigido, e governado desde Maio de 1808?

Ignora o Capitão Pasley, que hum povo que he dotado de hum verdadeiro patriotismo não pode supportar a idea de perder huma patria, que ama? Que n'huma nação verdadeiramente animada de bom espirito, uniaõ, e patriotismo, todos os cidadaons quando o governo, ou a patria o exigem, obraõ com energia, concorrem com promptidaõ, e vontade para todas as precizoens do estado, estaõ prompts para

todos os sacrificios; e que de tudo isto resulta necessariamente huma força irresistivel?

Hum Inglez pode affoitamente dizer—‘ Esta caza he minha: a lei, e a força do estado me assegurão a sua posse: este campo he meu; quanto elle produzir, pertence me; aquella, e este serão a herança de meos filhos, que elles possuirão tranquillos, se imitando a minha conducta forem cidadãos virtuosos. Todo o fructo da minha industria, e do meu trabalho, he meu, depois de dar ao estado o que todo o cidadão deve, para que este possa assegurar-me o gozo da minha propriedade, e dos meos direitos. Eu nada tenho que temer, senão a lei; comprindo-a serei feliz. Se este estado de coizas faz a minha ventura; hum estado opposto fará a minha desgraça. Eu devo pois oppor-me com todas as minhas forças a qualquer inimigo domestico, ou estrangeiro, que intente transtornar a constituição e governo do meu paiz;’

Quem não vê que deste modo depensar de cada cidadão resulta hum modo de pensar geral, e deste huma só vontade; e que desta vontade geral resulta huma força incalculavel, e irresistivel? Como pode pois o Capitão Pasley asseverar que o bom espirito e patriotismo do povo Inglez será de pouca valia na guerra actual? E he hum Inglez quem assim falla! Nós o não crêramos, se o não vissemos escrito! Porque razão grandes nações, mas escravas, tem facilmente sido subjugadas por pequenos exercitos; se não porque não tendo patria, nem que perder, lhes era indifferente serem governadas pelo antigo, ou por hum novo tyranno? Permitta-nos o author, que lhe digamos que ello parece conhecer mui pouco quanto pode o verdadeiro amor da patria. Tenhão todos os povos do continente o mesmo espirito, e patriotismo, que tanto caracteriza, e honra o povo Inglez, e elles triumpharão do Monstro, que o inferno lançou no mundo para fazer a sua desgraça.

[Continuar-se-ha.]

Art. II. TAVOA CHRONOLOGICA DOS ACONTECIMENTOS
MAIS NOTAVEIS QUE HOUE EM TODO O ANNO DE
1810.

Janeiro.

Em

- 24 Foi assignado o tratado de paz entre França, e Suecia.
- 25 Cordova, e Jaen foraõ entregues ao Francezes.
- 29 O Principe Stahremberg, Embaixador de Austria, retirou-se de Inglaterra.

Fevereiro.

- 2 A Caza dos Communs rezolveo que se procedesse a huma averiguação, ou exame a respeito da Expedição, que se fez ao Escalda.
- O exercito Francez marchou para Cadiz com a intenção de se apoderar dos navios de Guerra Hespanhoes, e Francezes, que ali estavaõ; mas o Duque (o desgraçado Duque) d'Albuquerque, e o Duque del Parque uniraõ suas forças, e felismente lhe obstarão.
- 6 Guadalupe, depois de huma breve, mas vigorosa acção, foi entregue ás forças terrestres, e maritimas de Sua Magestade Britanica, commandadas por Sir Jorge Beckwith, e Sir Alexandre Cochrane.
- 11 Parte da velha Igreja de Liverpool cahio, e sepultou em suas ruinas hum grande numero de pessoas.
- 12 As Ilhas de Feroe e Islandia foraõ tomadas de baixo da protecção Britanica com certos regulamentos a respeito da costa de Greelandia.
- 17 O estabelecimento Hollandez de Amboyna com seis pequenos navios de guerra, e 49 navios mercantes, rendeo-se ás forças terrestres, e maritimas de Sua Magestade Britanica commandadas pelo Capitaõ Tucker da Armada Real.
- A Ilha de S. Martinho entregou-se á discrição ás forças Britanicas commandadas pelo General Harcourt, e Comodoro Fabie.
- Bonaparte annexou formalmente Roma, e os Estados Pontificios aos dominios da França.

- 27 Bonaparte declarou ao Senado a sua intenção de espozar a Archiduqueza Maria Luiza.

Março.

Em o

- 1 Jeronimo Bonaparte, em virtude de huma convenção feita com seo irmão Napoleaõ, tomou formalmente posse de Hanover.
- 2 A Caza dos Communs passou hum *voto de censura* sobre a conducta do Lord Chatham, apresentando secretamente a sua Magestade huma expozição das suas operaçoens no Escalda; e Sua S^a rezignou o posto de Commandante em Chefe da Artilharia.
- 7 Morreo no mar o Almirante Collingwood.
- 6, 7, e 8 N'hum violento foração de vento quatro navios de linha Hespanhoes, e alguns navios mais pequenos varáraõ em terra na Costa de Cadiz, e no Tejo, onde varios navios Inglezes, Americanos, e Portuguezes foraõ taobem consideravelmente damnificados.
- 11 Bonaparte recebeo-se por procuração em Vienna com a Archiduqueza Maria Luiza.
- 18 A Ilha de S. Mauro foi tomada pelas tropas commandadas pelo Brigadeiro General Oswald.
- 30 A Caza dos Communs, depois de huma discussão de quatro noites a respeito da conta dada pelo *Comité*, approvou a Expedição do Escalda.

Abril.

Em o

- 1 Bonaparte cazou em Pariz com a Archiduqueza Maria Luiza.
- O Rey de Suecia expedio huma Proclamação prohibindo a seos vassallos o uzo dos Productos Coloniaes, e a entrada de Navios Inglezes em seos portos.
- 5 A Caza dos Communs ordenou que Sir Francisco Burdett, fosse prezo na Torre, pelo grande, e escandalozo libello sobre a sua justa authoridade, e privilegios.
- 6 O Baraõ de Colls foi apanhado em Valency, e prezo por emprender livrar Fernando VII. do poder de Bonaparte.

- 7 Sir Francisco Burdett tendo recuzado obedecer á ordem do Orador, e tendo havido serios tumultos; os corpos militares das vizinhanças da metropole receberam ordem de marchar para Londres, para conservar a tranquillidade publica.
- 9 Sir Francisco Burdett foi preso, e conduzido para a Torre escoltado por tropa. Esta fazendo fogo sobre o povo, varias pessoas foram mortas. Ao escurecer quando o Sargento fazia huma exposiçaõ circumstanciada dos seus procedimentos á Caza dos Commons, leu-se huma carta de Sir Francisco Burdett dirigida ao Orador negando á Caza dos Commons a authoridade de o prender.
- 19 Caracas declarou-se independente, em consequencia do Governo Hespanhol ter sido compelido a deixar Sevilha, e se ter disperso.

Maió.

Em

- 1 Os navios de Sua Magestade Britanica chamados o Espartano, e Successo baterão, e fizeram varar em terra perto da Ilha de Kapri, huma flotilha de navios Francezes e Napolitanos, e barcas canhoneiras.
- Willoughby, Capitão do Navio de Sua Magestade Britanica, chamado a Nereida, desembarcou em Jacotel na Ilha de França com hum corpo de marinheiros, e tropas, derrotou a guarniçaõ, e encravou a artilharia: mas por falta de gente, foi obrigado a reinbarcar-se.
- 4 A Caza dos Commons resolveo dar annualmente a S. A. S. o Duque de Brunswic 7,000 libras, e continuar-lhas ate que volte para os seus dominios.
- 21 A fortaleza de Matagorda foi tomada pelos Francezes.
- 22 Teve lugar a revoluçaõ de Buenos Ayres, cujo Vice Roy foi deposto, e installada huma Junta composta dos Naturaes daquelle paiz.
- 23 Houverão serios tumultos em Rotterdaõ; os Soldados Francezes, e os officiaes da alfandega foram atacados pelo povo.
- 29 Morreo o Principe de Furstenburg, Principe Jurado da Suecia.

- 30 Sua Alteza Real o Duque de Cumberland esteve a ponto de ser assassinado por Joseph Seillis, creado estrangeiro do mesmo Principe.

Junho.

- Em
12 O General Sarrazin abandonou o serviço da França, e passou para Inglaterra.
- 21 O Parlamento foi prorogado quando Sir Francisco Burdett foi solto da Torre, e John Jones de Newgate ; ambos tinhaõ sido presos por terem infringido os privilegios da Caza dos Communs.
- Houveraõ serios tumultos em Stockholm durante o funeral do ultimo Principe Herdeiro, em que o Conde de Ensen foi morto.
- 25 O Conselho da Regencia de Hespanha ordenou a convocação das Cortes extraordinarias da Nação.

Julho.

- Em
1 Houve hum furação de vento que occasionou muitos accidentes em Londres, e outras partes.
- Luis Bonaparte rezignou a coroa de Hollanda em favor de seos dois filhos.
- Aconteceo huma terrivel catastrophe em Pariz : quando o Embaixador de Austria dava huma esplendida função a huma numeroza assemblea, pegou-se fogo accidentalmente nas sallas, e muitas pessoas perderaõ a vida.
- 2 O muito Honrado Lord Grenville foi installado Chancellor da Universidade de Oxford, com hum esplendor inaudito : passou-se huma semana inteira em exercios academicos, intertenimentos, e festividade.
- 8 A Ilha de Bourbon rendeo-se por capitulação ás forças de mar e terra de Sua Magestade Britanica, commandadas pelo Tenente-Coronel Keating, e o Almirante Rowley.
- 10 Bonaparte annexou formalmente a Hollanda á França.
- A cidade de Rodrigo rendeo-se aos Francezes, depois de hum sitio de dezaseis dias.
- 19 Morreo Sua Magestade a Rainha de Prussia.

- 20 Hum flotilha Napolitana foi interceptada junto de Amantea pela nau de Guerra de Sua Magestade Britanica o Thames, Capitaõ Waldegrave, e hum numero de Canhoneiras Sicilianas : 37 navios cheios de provizoens foraõ tomados, e conduzidos a Messina, e o resto foi destruido.
- Os fundos publicos em Londres soffreraõ hum consideravel abatimento, e houveraõ muitas bancas-rotas na cidade.
- 22 Estabeleceo-se hum Conselho de Marinha (Almirantado) em França para tratar dos negocios relativos a este departamento.
- 24 A Guarda avançada do Lord Wellington, commandada pelo Brigadeiro General Craufurd, sendo atacada por huma força mui superior, foi compellida a retirar-se da sua pozição junto de Almeida, com a perda de quasi 200 homens entre mortos, e feridos.

Agosto.

Em

- 8 O Conselho da Regencia de Hespanha declarou a Provincia de Caracas n'hum estado de rigoroso bloqueio.
- 11 Houve hum terrivel terramoto na Ilha de S. Miguel : morreraõ 32 pessoas, e vinte cazas foraõ destruidas.
- 12 Mandaraõ-se aparelhar quatorze navios de linha Hespanhoes, e sahiraõ para differentes destinos, evitando assim a possibilidade de cahirem em poder dos Francezes.
- 13 Houve huma escaramuça entre huma guarda avançada do Lord Wellington commandada pelo Capitaõ White do 13 de Dragoens, e huma divizaõ do corpo de Regnier : esta ultima foi derrotada com a perda de 50 a 60 dragoens ; e varios officiaes prizioneiros, alem de 10 ou 12 que foraõ mortos, e feridos.
- 15 O Conselho da Regencia de Hespanha, em consequencia de huma proclamação do Marechal Soult que determinava que se naõ desse quartel aos paizanos armados, que naõ pertencessem a hum exercito, ou corpo militar ; publicou em revindita

huma ordem para que se não des-quartel a Francez algum sem distincção: esta medida produzio bem depressa a revogação daquella barbara proclamação.

- 16 O estreito de Corfu foi declarado em estado de bloqueio pelas forças navaes de Sua Magestade Britanica.
- 21 O Marechal Bernadotte foi eleito Principe Herdeiro da coroa de Suecia pela Dieta.
- 23 Luciano Ponaparte, com a sua numeroza familia, chegou a Malta.
- Os Navios de S. M. Britanica o Sirio, a Nereida, e a Magica atacaraõ corajozamente varios navios inimigos na Ilha de França, e os fizeraõ varar em terra; porem desgraçadamente elles mesmos ficaraõ encalhados; e depois de huma desesperada defesa contra as baterias da terra, as equipagens foraõ obrigadas a lançar-lhe o fogo.
- 25 O General Murat, (intruzo Rey de Napoles) supprimio o futuro alistamento voluntario de soldados, e substituiu-lhe o systema de conscripção.

Septembro.

Em

- 9 Em consequencia das brilhantes façanhas das tropas Britanicas nas ultimas campanhas em Hespanha, e Portugal, particularmente nas batalhas da Rolça, Vimeiro, Corunha, e Talaveira, foi Sua Magestade servido mandar cunhar huã medalha, que devem trazer aquelles officiaes, acima do posto de major, que se acharaõ em alguma daquellas batalhas.
- 15 Prendeo-se em Lisboa hum grande numero de pessoas de diferentes ordens, suspeitas de conspiração, e de ajudarem o inimigo.
- 18 O General Murat tentou hum desembarque na Sicilia; porem foi obriga lo a abandonar a empreza com a perda de tres, mil e seis centos homens entre mortos, feridos, e prisioneiros.
- 24 Neste dia se ajuntaraõ as Cortes Extraordinarias de Hespanha na Ilha de Leaõ.
- Os principaes habitantes do Oeste da Florida inentaraõ huã revolução.

- 27 O exercito do Lord Wellington foi atacado nas suas pozicoens do Busaco por Massena. O inimigo foi vigorosamente repellido em todos os pontos, e perdeu assima de dez mil homens entre mortos, e feridos. O exercito Anglo-Luzo teve 179 mortos, 912 feridos, e 17 extraviados.
- 28 Mr. Abraham Goldsmith poz termo á sua existencia, o que fez huma grande sensaçao nos fundos publicos, e a que o governo Inglez occureo immediatamente.

Outubro.

Em

- 3 Morreo em Aberdeen o Dr. James Beattie, Sabio Professor de Historia Civil, e Natural na universidade daquella cidade.
- 7 O Coronel Trant com huma divizao de tropas Portuguezas expulsou de Coimbra os Francezes, e tomou 5,000 prizoneiros, que Massena tinha deixado aos hospitaes daquella cidade.
- 17 Hum destacamento de 1,300 homens tendo sahido de Gibraltar para huma expediçao secreta, debaixo do commando do Major General Lord Blaynei, encontraraõ huma força Franceza muito superior, e depois de huma renhida açao, elles foraõ compellidos a retirar-se para Gibraltar com huma pequena perda.
- 25 Sua Majestade Britanica Jorge III. completou o seu quinquagezimo anno de seu reinado.
- Descobriãõ-se neste mesmo dia em Sua Majestade symptomas da dezordem mental deque fora affectado em 1788—1801—e 1804. Esta desordem augmentou, e no dia 29 principiaraõ a exhibir-se no Palacio de S. James os bolletins sobre o estado da saude do Rey assignados pelos medicos.

Novembro.

Em

- 1 Juntou-se o Parlamento: porem, em consequencia da indisposiçao de Sua Majestade, ambas as Cazas ficaraõ adiadas para o dia 15.
- 2 Morreo em Windsor a Princeza Amelia, depois de huma longa, e penosa doenca.
- O Prezidente dos Estados Unidos publicou huma

- proclamação insinuando falsamente, que os decretos de Milão, e Berlin foraõ revogados.
- 8 Mr. Mackensie, que tinha sido mandado a França, para negociar huma troca de prizioneiros, voltou, sem effectuar aquelle objecto.
- 11 Ordenou-se hum luto geral pela morte da Princeza Amelia.
- 12 Houve huma grande tormenta, que inundou muitas partes deste paiz, e occasionou huma perda de consideraveis propriedades.
- 13 O Conde de Gottorp (o bravo Rey de Suecia) chegou a Inglaterra.
- 14 O General Massena retirou-se para Santarem da sua posição em frente do Lord Wellington.
- 15 O Parlamento juntou-se, conforme a prorogação, e novamente ficou adiado para o dia 29.
- 18 Publicou-se huma Ordem em Conselho determinando huma acção de graças por toda a parte do Reino pela ultima abundante colheita.
- 19 A Suecia declarou guerra á Inglaterra.
- 28 Bonaparte ordenou que todos os marinheiros habeis das cidades Anseaticas entrassem no serviço da França.
- 29 Juntou-se o Parlamento ; e foi novamente prorogado para o dia 13 de Dezembro.
- Neste mez Bonaparte ordenou que todas as mercadorias Britanicas, e coloniaes fossem queimadas.

Dezembro.

Em

- 4 O Coronel Trant derrotou huma divizaõ de 4,000 Francezes diante de *Villa Campo*, e tomou 60 prisioneiros.
- 13 Ajuntou-se o Parlamento conforme a sua ultima prorogação ; e a Caza dos Communs nomeou huma Junta para examinar o estado da saude de Sua Majestade, e participar o resultado á Caza.
- Luciano Bonaparte chegou a Inglaterra.
- 14 A Caza dos Lords tomou huma rezolução semelhante á da Caza dos Communs.
- 17 A Caza dos Communs recebeu a conta da sua Junta, e ordenou que se imprimisse.
- 20 A Caza dos Communs resolveo, em Junta, passar hum Bill, dezignando Sua Alteza Real o Principe

de Galles Regente do Reino, durante a indisposição de Sua Magestade.

- 24 Chegou a Londres hum Embaixador Argelino.
 — Morreo o muito nobre James Duque de Queensberry, na idade de 85 annos.
- 28 Os Lords accederaõ á rezolução da Caza dos Communs relativamente á nomeação do Regente.

Julgamos interessante inserir no nosso Jornal esta taboa chronologica extrahida do Jornal Inglez—*the General Chronicle, and Literary Magazine*: e no mez de Janeiro proximo daremos huma semelhante taboa dos acontecimentos mais notaveis em todo o anno corrente.

Os Redactores daquelle Jornal dataõ do dia 15 de Setembro as prizoens que se fizeraõ em Lisboa das pessoas suspeitas de conspiração, e de intelligencia com o inimigo: mas este desastrozo acontecimento teve lugar no dia 10 pa. 11 de Setembro. A justiça pede que deixando a posteridade este facto, se diga taobem em abono da verdade, que o Governo declarou que “em consequencia das averiguaçoens de Policiase mostrou que a rezidencia de alguns individuos neste Reino podia ser prejudicial ao socego publico, em huma conjunctura, como a presente, pelo que tomou o Governo a resolução de os remover interinamente de Portugal. Este procedimento se acha escandalozamente calumniado na gazeta Ingleza denominada o Sol de 2 do corrente (Outubro), cujas asserçoens os Senhores Governadores do Reino mandaõ desmentir, fazendo saber, que nem o Marechal General Lord Wellington, nem o Ministro Plenipotenciario de S. M. B. nem algum outro individuo da dita nação teve alguma parte no referido procedimento, nem conhecimento anticipado delle; por isso que o mesmo procedimento não foi mais, que hum resultado das informaçõens que foraõ communicadas pela Policia. As outras noticias absurdas, sobre a conjuração, achados de armas, &c. são taõ notoriamente falsas, que não merecem refutação. Semelhantes delictos, se existissem seriaõ castigados com penas mais graves, em observancia das leis, e para escarmento dos culpados.”

LITERATURA PORTUGUEZA.

Art. III. Entre as peças deste genero que temos presentes, escolhemos a seguinte Ode, que, nos parece, merecerá o acolhimento dos amadores da Literatura Portugueza, alias pouco conhecida; tanto pela correcção de lingoagem, como pelo escrupulo Horaciano do author na construcção do verso Saphico.

ODE SAPHICA

A

GLORIA MILITAR PORTUGUEZA,

PELA EXPULSAO

DOS EXERCITOS FRANCEZES DE PORTUGAL.

Assas castigos infligio na terra
 A maõ suprema, que dardeja o raio;
 Assas horrores vimos do profundo
 Palido absimo.

Epocha infausta de Ignominia e Lucto!
 Mais que a de Pyrrha assignalada em monstros,
 Quando as mais altas serras alagaraõ
 Tumidas ondas!

Do immundo berço da immoral torpeza,
 Dos vicios onde se fermenta a peste,
 De Gallia insana, que em delirios arde,
 Veio o flagello.

Lysia, tu viste os ares teos cortando
Descer bramindo nas vampireas azas
Tartareo bando de vorazes monstros,
Feras harpias.

Inda mais torpes, inda mais famintas,
Que essas outrora á Phrygia meza infestas;
Fartar quizerao no teu puro sangue
Rabida sede.

Viste bandeiras tremular nefandas!
Viste á insultar-te rapidas correndo
Barbaras hostes, excedendo em furia
Vandala raiva!

Jura o monstro de perfidias negro,
Monstro o mais feio, que surgiu do Averno,
Colher-te ás garras, e de opprobrios duros
Preza fazer-te.

Do ferreo throno, cumulo de crimes
Onde o Tyranno a humanidade ultraja,
Torcendo os olhos que em furor negrejao
Disse, "apressai-vos."

"Correi, phalangés de castigo e morte,
"Lysia me offende; a meu poder resistes;
"De meu imperio as radiantes aguias,
"Dura repelle.

"Do Tejo ás bordas extranhado insulto
"O meu commando imperial encontra;
"Riscado quero das naçoens da terra
"O nome Luzo.

"Tornai o berço dessa altiva raça
"Montaõ de cinzas, lugubre dezerto,
"Pague o leopardo com vergonha expulso
"Rudes affrontas."

Mas tu, oh Lysia, do infernal decreto
Calcando as iras, ao conflicto horrendo
Na fé segura, e no teu patrio Marte
Prompta correste.

Do heroe Britano que te escuda e guia
 Seguindo a voz e protentoso exemplo
 Dêste da tua ingenita virtude
 Prova sobeja.

Por ti ao campo da tremenda lucta,
 Que á foz do Tejo decisiva sorte
 Prepara ao mundo ; a sympathia humana
 Terna voava.

Do abismo, ou Ceo ja proximo o triumpho,
 Termo de sustos, de esperanças termo
 Em ti fitava a humanidade os olhos
 Muda, tremente.

Mas eis que assoma do resgate a hora ;
 Rompe-se a nuvem de pavores densa ;
 Cahe o dezastré, a confuzão, e a morte
 Sobre o inimigo.

Como o Syrocco, que os dezertos varre
 Montes de area em turbilhão levando,
 As impias turmas insoffrido arrojo
 Bate, afugenta.

No amor da patria ao despotismo adverso
 Se accende o raio, que os ultrages vinga ;
 Que fulgurando faz tremer de longe
 Palido o crime.

Graças, oh Lysia, ao Genio que te exalta.
 Graças á mão que te arrancou das trevas
 O lustre antigo que extinguir querião
 Fados iniquos.

Exulta pois ; e dize ao mundo absorto
 Que não se admire ; que de ignotos mares
 Quem venceo furias, muito mais na terra
 Vence tyranos.

SCIENCIAS.

CHYMICA.

HISTORIA DA CHYMICA.

DESDE os primeiros tempos, o homem impellido pela necessidade, devia tentar naturalmente alguma alteraçã na forma de certos corpos que eraõ indispensaveis para o seo uzo. Deste trabalho devia rezultar huma especie de analyse mais ou menos perfeita, que se pode considerar como origem da Chymica. Não he possivel assignar epocha, em que começassem os seus primeiros rasoados processos; contudo o conhecimento dos mais importantes metaes, e por conseguinte hum esboço imperfeito de metallurgia pode remontar-se até a mais alta antiguidade. Na historia Mosaica, Gen. IV. se lé que Tubalcain, filho de Lamech e Zillah ensinava aos artifices o methodo de trabalhar os metaes. O fabrico do vinho, que he indubitavelmente hum processo chymico, he huma invenção pouco posterior áquella arte, como se ve do mesmo Gen. ix. "Pouco tempo depois do diluvio, Noe começou a ser lavrador—plantou huma vinha, e bebeo do seu vinho." Que o licor de Noe tinha passado pelo processo da fermentação, se collige do effeito que produzio nelle. O suco da uva não fermentado carece do poder embriagante. Mas bem que algumas operaçoens do que agora se chama chimica, fossem conhecidas naquelles tempos, e provavelmente antes, os factos não tinhaõ conexaõ entre si, não havia arranramento dessas ideas dispersas, nenhuns principios geraes estabelecidos, nenhuma deducçoens racionaes formádas.

Nos diversos períodos da sua carreira, a materia que tractamos, recebeo diversas denominaçoens, que se derivavaõ da sua applicação a certos objectos, ou do caprixo, e phantazia de alguns, que se illudiaõ

com titulos impostores. Assim a arte hermetica e trismegistica foi applicada a chymica, de Hermes ou Mercurio aliás chamado Thoth, de Hermes Tresmegtisto, aliás chamado Siphaz, ambos reis do Egypto, a quem se tinha attribuido successivamente a invenção desta arte, e que provavelmente foi so por elles restabelecida ou melhorada. Zozimo faz menção de hum nome Grego antigo, *ποιητικη*, ou *ποιητικη τεχνη*, a arte de fundir ou creativa (faciendi vim habens donde se ve que o chymico se chamava *ποιητης*, *factor*, *effector*, *conditor*, *creator*, fabricante, fundidor, operario, ou creador: nem athegora se tem inventado hum termo mais descriptivo; sendo a applicação que se fez desse nome Grego para exprimir a arte creadora da poesia, e que literalmente se tem conservado athe nos, motivo de alguma confusão pela sua dupla referencia. He curioso, todavia, observar, que n'hum ramo da chymica extenso e muito importante, o de *fundidor*, se tem conservado a idea original. Chamou-se tambem *chrysopoiesis*, ou arte de fazer ouro. *Pyrotechnia*, ou arte do fogo, porque a maior parte das suas operaçoens se faziao por meio do fogo. Os Arabes lhe chamaraõ *alchemia*, designando huma couza de origem celeste, ou digna de vir do ceo. Segundo Boerhaave, este termo se lhe tirou perto de quatro centos annos depois de Christo. Paracelso lhe da o nome de arte hysopica do *Psalmo asparges me hysopo, et mundabor*, e este epitheto parece ter sido adoptado por elle, por quanto a chimica purifica ou alimpa os metaes. A arte *spagyrica*, das duas palavras Gregas que significação separar, e unir. *Metallurgia*, do seu uzo em trabalhar os metaes—*Docimasia*, da arte de ensaiar as veas metallicas, e muitos outros nomes que teve em differentes periodos, segundo os seus varios uzos, como *holotechnia*, *lithurgia*, *philogurgia*, &c. O seo presente nome *chymica*, ou *chemia* tem sido objecto de muitas conjecturas, e opinioens; alguns querem dirivalo do Hebreo *chaman* ou *kaman* mysterio; outros do antigo nome Egypciaco *cham* ou *chemi* de Ham ou Cham filho de Noe, por quem foi povoada a Africa depois do diluvio; entretanto que Bochart o deduz do Arabe *chema* ou *kema*, esconder. Nos omittremos a derivação fabuloza dos que pretendem que as des-

cobertas dos mysterios chymicos foraõ o *pretium amoris* que os anjos davaõ ás filhas dos homens, como indigna de huma exacta reflexaõ, e historia authentica. Os primeiros escriptos a que a palavra chymica pode referir-se, saõ os de Plutarco o historiador, que uza d'ella, como hum dos nomes sagrados no Egipto; e a primeira vez que a encontramos exprimindo a arte de que fallamos, he no manuscrito Grego de Zozimo o Panopolitano, que parece ter vivido no quarto seculo.

Voltando a historia. Desde o tempo de Tubalcain (que se julga ser a mesma pessoa, que depois os pagãos deificaraõ debaixo do nome de Vulcano) ate ao de Noe, e o diluvio, naõ encontramos na sagrada escriptura noticia alguma relativa ao nosso objecto; ainda que podemos inferir do plano por que foi construida a arca de Noe, que este possuia muitas descobertas, e artes das idades precedentes. Depois da fundação da torre de Babel, a escriptura nos fornece muitos exemplos mais ou menos distinctos dos progressos das artes; taes como, o paõ e o vinho de Melchizedeck; o ouro e a prata de Abrahaõ, e as balanças empregadas em pezar estas substancias; o vaso de Rebeka, as suas joias; o oleo que Jacob derramou sobre a pedra em Bethel; a grande baixella que elle tinha no Egipto, e milhares de outros documentos provaõ que naquelle tempo se conhecia a arte de trabalhar os metaes.

Que os Egepcios especialmente tinhaõ adiantado a chymica em muitas das suas operaçoens, naõ pode duvidar-se e ha todo o lugar de crer que os Israelitas, e Moisés obtivesseni delles o conhecimento de varias processos, que depois empregaraõ; como a fusaõ do bezerro de ouro no dezerto, a construcão da arca, e tabernaculo, com os seus ornamentos, os vestidos de Aaraõ, peitos de aço, &c. o que tudo indica a existencia daquellas artes; como tambem a de tecer panos, e de os tingir de varias cores; de distinguir as pedras preciosas, e gravar sobre ellas; e outras mais artes, que parece, se practicavaõ naquelle tempo n'hum grão superior.

Alem da noticia que nos fornece a historia sagrada de inventos chymicos, temos outras canaes de infor-

mação, que passamos a investigar. Não deve aqui omitir-se, que os Phenicios, descendentes de Sidon filho de Canaan, conheciam a arte de tingir panos de cor purpurea, produzido por huma especie de testaceo. A invenção do vidro, pedras preciosas artificiaes, perfumes e balsamos, se lhes tem igualmente attribuido: e alguns escriptores tem supposto que os Carthaginezes, e Gregos successivamente derivavaõ os seus conhecimentos chymicos dos Phenicios, e que dos Gregos passaraõ para os Romanos. He evidente pelos serviços que Hiraõ, rei de Tyro, fez a Solomaõ durante a construção do templo, que este povo conhecia mui bem a arte de trabalhar os metaes, a da tincturaria, e gravura, e particularmente possuia excellentes esculptores, e canteiros.

O saber primitivo dos Gregos; segundo Plataõ, devia ser mui limitado, pois que este philosopho introduz hum sacerdote Egypcio, que se dirige a Solomaõ desta maneira—Vos Gregos sois ainda creanças; não tendes sciencia da antiguidade, nem antiguidade da sciencia.

Com effeito, o Egypto deve olhar-se como berço, ainda que não exclusivo, das artes, e das sciencias; a chymica com particularidade era ali cultivada; em quanto outros ramos scientificos se espalhavaõ por outras partes do mundo; e tanto veneravaõ os Egypcios este objecto favorito das suas occupaçoens que Herodoto nos assegura que havia em Memphis hum templo consagrado á Vulcano, que elles honraraõ como o inventor do fogo. O velho Plinio, que viveo quazi no primeiro seculo da era christam, e que escreveu hum obra trabalhada sobre historia natural, fallando dos quatro periodos da sciencia, que tinha precedido aos tempos em que elle vivia, conta os Egypcios como os primeiros, attribuindo-lhes a precedencia sobre todas as outras naçoens. Ja mencionamos dous philosophos Egypcios, Thoth e Siphos, que tinhaõ o sobre-nome de Hermes ou Mercurio, cuja historia não he possivel desenvolver mais, em razão de ser muito envolvida na mythologia e fabula. O ultimo Hermes dis-se ter vivido 800 annos depois do primeiro, e 1800 antes da era christam; e ter escripto hum grande numero de livros sobre philosophia natural, ainda que muitos os attribuiaõ a differentes au-

thores, que arrogavaõ a si o mesmo nome, o que era uzual naquelles tempos. Democrito de Abdera, em Thracia, que viveo perto de 500 annos antes daquella era, viajou no Egypto, Chaldea, e Persia, &c. e disse ter adquerido grandes conhecimentos chymicos no primeiro destes paizes. Voltando ao seo paiz, elle se deo inteiramente ao estudo da botanica, e da chymica, e lançou os fundamentos, ou illustrou os principios da philosophia atomica, aperfeçoada dous seculos depois por Epicuro. Plinio olhava com tanto assombro para os conhecimentos de Democrito, que os suppunha huma especie de milagre.

Hum longo intervallo desde esse tempo se encontra na historia, que tecemos, o qual não he possível encher, senão observando, que he mui provavel que os Sacerdotes Egypcios continuassem a practicar os diversos ramos da chymica, que possuiaõ, athé que o Imperador de Roma, Diocleciano, que conquistou o seo paiz, ordenou que os seos livros fossem queimados, no terceiro seculo depois de Christo para que podesse, destruindo as fontes dos seos conhecimentos, reduzir melhor, e mais completamente aquelle povo a sujeição, marcha uzual de todos os conquistadores.

Logo depois deste periodo, isto he, no quarto seculo, Zozimo, historiador Grego (de quem ja fallamos,) escreveu varios tractados sobre objectos chymicos, que nunca se publicaraõ; mas que sendo conservados na livraria do rei de França, foraõ lidos por Scaligero, e depois por Borrichio, Conringio, e outros. A Zozimo succedeo Garco, Anastazio, e outros muitos escriptores Gregos, principalmente frades, cujos escriptos apenas sabemos que se conservaõ nas grandes livrarias de Roma, de Veneza, e Pariz. Finalmente, a chymica sendo expulsa do Egypto, Grecia, e outros paizes, pela mão perseguidora das revoluçoens, e pelos horrores da guerra, se refugiou na Arabia, onde foi por longo tempo cultivada com grande fervor, e em muitos pontos adiantada consideravelmente.

Foi entaõ que comecou o reinado da alchemia, nome que os Arabes empregaraõ, ou para designar a grandeza do seo objecto, ou exprimir a prezumpção, e loucura daquelles, que o proseguiaõ. A palavra he composta do artigo Arabico *al* (o) e *chemia*, que signi-

fica excellencia, superioridade; ou como outros imaginão de *alchy*, celeste, e *ma* como designando com isso couza de origem celeste. Dous eraõ os principaes objectos d'alchemia: 1. A arte de fazer ouro de todo e qual quer metal, incluinta a tentativa de achar a pedra philosophal, que devia produzir esta transmutaçãõ; e 2, a descoberta de hum remedio universal para todas as doenças, a que está sugeito o corpo humano. O primeiro destes objectos precedeo o segundo de muitos seculos. Se a cazo os Gregos inventaraõ, ou reçeberaõ dos Egypcios, a doutrina concernente á transmutaçãõ dos metaes, ou se os Arabes foraõ os primeiros que a professaraõ, o Dr. Watson não sabe deceder; ainda que Boerhaave produz huma passagem do ja mencionado Gareo, que da algumas ideas, de que os Gregos possuiaõ esta arte muito antes que ella se descobrisse entre os Arabes.

“Taes,” dis elle, “que são versados nos conhecimentos da natureza, podem tomar prata e estanho, e mudando a sua primeira natureza, convertellos em ouro,” mas isto que elle assevera dos seos contemporaneos, ou predecessores de nenhum modo se verifica. Seja como for, o dezejo ardente de fazer ouro, ou transmutando os outros metaes n'elle, ou aperfeiçoando aquella cocçaõ, que os alchemistas soppunhaõ existir no seio da terra, ou procurando aquella omnipotente pedra, cujas imaginarias virtudes elles tanto exaltavaõ, continuou por muitos seculos, apezar da inutilidade das tentativas, e das perdas aturadas dos especuladores. Esta illuzaõ, que parece ter começado no quarto seculo, chegou ao seo maior auge pelo seculo decimo, e duodecimo, e sustentou aquella energia athé ao decimo sexto.

Na Inglaterra, chegou a prevalecer tanto esta singular circumstancia no tempo de Henrique IV, que o Parlamento foi obrigado a passar o seguinte Acto—Ninguem daqui em diante, se empregará em augmentar a quantidade de ouro ou prata, ou fará esse commercio; e se algum o fizer incurrerá na pena de crime capital.—Este singular estatuto que se julgou servir de attrazamento nas artes de fundir, e refinar os metaes, foi depois revogado, posto que antes disso se concedessem patentes a varias pessoas, que pertendiaõ

investigar o remedio universal, e fazer a transmutação dos metaes.

Durante a existencia d'alchemia, hum grande numero de authores appareceo nos differentes periodos em varias partes da Europa ; alguns dos quaes, ainda que retinhaõ as particularidades, e extravagancias do seo systema, dezentolveraõ com tudo, muitos factos preciosos, e propriedades da materia, que serviraõ a final, para o mesmo adiantamento da chymica.

Na Arabia achamos huma lista de chymicos ou alchemistas, entre outros, Geber, ou Dechasar, nascido em 702, morto em 765 ; Rhazes, ou propriamente Mohammed Ebu, Sacharjah Abu Bekr Al-Rasi, no decimo seculo ; Avicena, ou Al Hussain Abu Ali Ben Abdallah Ebu Sina, nascido em 978, morto em 1036 ; Mesne, o moço, morto em 1028.

Em França, Arnaldo de Villa Nova.

N'Allemanha, Alberto Magno, Basilio Valentin, Operino, Van Helmont, Alexandre Van Zuchten.

Na Hollanda, Joaõ, ou Isac Hollandus, Nic. Lefebure ou Fevre.

Na Suissa, Paracelso.

Em Majorca, Raimando Lully.

Em Inglaterra, Roger Bacon, George Ripley, Dr. Dee, Sir Edward Kelly, Mr. Boyle.

A estes pode acrescentar-se o nome Joh. de Rupe Scissa, e Centivoglio, ou Serenus, que veio originalmente da Escossia. Dos principaes destes daremos huma noticia, breve, que sirva so de illustrar os periodos em que viveraõ, ou os principaes objectos, que proseguiraõ.

Nas obras de Geber, o Arabe, se contem direçoens uteis a cerca do modo de conduzir a distillação, calcinação, sublimação, e outras operaçoens chymicas, e observaçoens a respeito de varios metaes tam correctas que lhe mereceraõ de alguns, o titulo de pay da verdadeira chymica ; posto que elle n'huma das suas mais celebradas obras, modestamente confesse não ter feito mais que rezumir a doutrina dos antigos a cerca da transmutação dos metaes. Mesne, Rhazes, e Avicena, que eraõ medicos, e posteriores a Geber, fallaõ tambem de muitas preparaçoens chymicas, e estabelecem a opiniaõ que a chymica medica, assim

como a alchemia, era naquelles obscuros tempos bem cultivada pelos Arabes. Boerhaave cita huma passagem de Geber, que posto seja allegoricamente escripta, sóppoem elle, ter dado origem a idea de hum remedio universal. As palavras de Geber são estas: "Ha hum remedio que cura todas as lepras, ou pessoas leprosas." Assim Boerhaave o explica. As obras deste author, que segundo o estilo Arabico, são cheias de allegorias, não permitem maiores comentarios. Não encontramos outro escriptor, que mereça distincção, até ao seculo duodecimo.

Alberto Magno, nascido no anno 1200, Dominicano, ou, como alguns dizem, bispo de Ratisbona, era tam versado na philosophia, que foi reputado magico. Elle compoz vinte e dous volumes in folio sobre varios objectos, e n'hum delles descreve huma infinidade de processos alchemicos.

Roger Bacon, vulgarmente chamado o Frade Bacon, nasceu no anno de 1214, junto a Ilchester, em Somersetshire; estudou primeiro em Oxford, e depois em Paris. Voltando a Oxford, se fez celebre por algumas invençoens, cada huma das quaes bastaria para o immortalizar. Elle conheceo a camera obscura, o telescopio, a polvora, e fez muitos melhoramentos em mechanica, e chymica. Viveo n'hum seculo de tanta ignorancia, que foi accusado de feitiçeiro, como o escriptor precedente, e posto n'huma prizaõ. Escreveo muitos tractados, alguns dos quaes ainda existem, entre outros, duas pequenas peças relativas a chymica, em que mostra como os metaes imperfeitos podem ser levados a perfeição. Elle adopta inteiramente a idea de Geber, isto he, que o mercurio he abaze commum de todos os metaes, idea curiosamente analogá aos resultados, que tem sido ultimamente apresentados por Mr. Davy, na sua historia da decomposição dos saes alkalinos, e suppoz que o enxofre era o cimento, julgando, que se nós podersemos imitar o processo da natureza na maturação do chumbo, ou de outro qualquer metal, nós o converteriamos em ouro. Homberg publicou depois como suas, varias operaçoens e descobertas de Bacon, como refere Boerhaave.

Raymundo Lully nasceu na Ilha da Majorca, em

1235, e estudou em Paris. Elle he geralmente considerado como o primeiro author que tractou d'alchemia como plano para medecina universal. Era homem de grandes talentos, e deixou varios livros de alchemia, que contem alguns factos relativos a preparaçã dos acidos, do phosphoro, e descreve algumas propriedades dos metaes.

Arnoldo de Villa Nova, em França, he chamado por alguns mestre, por outros discipulo de Lully. Nasceo em 1245. Foi grande medico e chymico, e respeitado pelos alchemistas como hum dos seos melhores escriptores. Os seos escriptos foraõ colligidos n'hum volume em folio, debaixo do titulo de Magistri de Villa Nova. Morreo em 1310.

Joaõ de Rupa Scissa, frade Franciscano, floreceo pelo tempo de 1380. As suas obras saõ volumosas, e apreciaveis. Accuzado tambem de magica, foi lançado n'huma prizaõ, onde morreo de disgosto.

George Ripley, Inglez, e frade de Brilling, escreveu muito sobre a transmutaçã dos metaes; mas á imitaçã de Geber, descreve as operaçoens sobre aquellas substancias de huma maneira tam allegorica, que deo lugar a suppoziçoens erroneas, que se referiaõ a hum remedio universal para a cura das doenças do corpo humano.

Basilio Valentin, Benedictino de Erfurt, n'Allemanha, foi versado na medicina, e historia natural. Deixou huma excellente obra sobre o antimonio, intitulada "Curus Triumphalis Antimonii," que contribuo para a introduçã deste util mineral em materia medica, interessante na practica regular dos medicos illustrados, mas fatal nas maõs de empiricos interesseiros. Este livro descreve hum grande numero de preparaçoens antimonias, e muitas d'ellas foraõ depois annunciadas ao mundo como novas descobertas.

Joaõ e Isaac Holland appareceraõ nesta epocha, e escreveraõ sobre varios objectos chymicos com a eloquencia de oradores. Publicaraõ hum pequeno tractado sobre a pedra philosophal, que, segundo elles, pode preparar-se de toda a substancia da natureza. Elles fizeraõ muitas experiencias sobre o sangue humano, de que se aproveitaraõ os ultimos descobri-

dores. A sua principal obra he sobre a arte de esmaltar, daqual, segundo Boerhaave, foraõ inventores, assim como de corar vidro, e pedras preciosas pela applicação de chapas finas de metal.

Segue se em ordem o famoso Paracelso, nascido em Zurich no anno de 1493. Nelle se reuniraõ talentos grandes, e huma extrema jactancia, progressos assombrosos, repetidas fallencias, e impetuoza perseverança. Filho de hum medico, aprendeo mui cedo os principios da medicina, e alcançou nas suas viagens o conhecimento dos corpos metallicos. O seu genio ardente, e emprehendedor bem depressa lhe franqueou nova rota na arte de curar, em que fez prodigios. Tendo aprendido de Carpus, cirurgiaã em Boulonha, algumas propriedades do mercúrio, applicou muito vantajosamente preparaçoens mercuriaes a doenças venereas, que por aquelle tempo appareceã, e aniquilou os remedios uzaes pharmaceuticos. Os seos felizes successos o encoberbeceraõ em demasia; e o impelliraõ a exclamar continuamente contra a pharmacia Galenica, ou antiga. Em razã da sua celebridade, a universidade de *Basilea* o nomeou professor de philosophia e medecina; ali o acompanharaõ as suas extravagancias: por quanto na sua primeira licção, n'hum accesso de loucura, queimou publicamente os escriptos dos medicos Gregos e Arabes, gabando-se ao mesmo tempo, que hia dar a immortalidade aos homens pelas suas proprias preparaçoens. Tractando os seos contemporaneos com a mais grosseira insolencia; insistindo no seu plano favorito de hum remedio universal; contando reproduzir a idade dos Methusalens pelo uzo do seu elixir de longa vida; cahio prematuramente no tumulo aos 47 annos de idade. O phrenezi que elle excitou, naõ se extinguiu com elle. Os seos sectarios, e admiradores o nutrirã muitos annos depois da sua morte, sem que fosse bastante o seu exemplo para dissipar os prestigios da illuzaõ; em quanto porem o consideravaõ como hum segundo Esculapio; os seos inimigos naõ cessavaõ de o atacar, e soppunhaõ que elle tinha mais impudencia, que merito; e mais reputação que fortuna. Qualquer porem que fosse o

seu verdadeiro character, he certo que contribuiu muito para que objectos chymicos attrahissem mais as vistas da attenção geral; e tanto pelos seus factos como pelos seus erros fez igual serviço á cauza da verdade.

Van Helmond, nascido em Bruxellas, em 1557, seguiu os passos de Paracelso: abraçou seus principios e declarou solemnemente estar de posse do remedio universal. Não parece, contudo, pelas acções da sua vida, que possesse confiança nas suas pretensões; pois na sua curiosa theoria de medecina, diz elle, "nenhum veneno pode obrar no cadaver; logo se elle obra, he por meio do principio vital, que elle chama archeo, e lhe attribue intendmento e saber." Se pois algum corpo heterogeneo se apresenta ao archeo, este se levanta, tenta expellir a materia hostile, e exerce para isso todas as forças do corpo. Curar, portanto, huma doença, he pacificar este archeo; e como o seu officio he velar na saude do corpo, á mais pequena sombra se excita, chama á contenda todos os forças, ergue febres, e destroe todo o corpo. O que se requer portanto he applicalo, e a medecina que o fizer, deve ser o remedio universal.

Depois de Paracelso, e Van Helmond, os escriptores chymicos se tornaram tam numerosos, que Borelli contou em 1653, não menos de quatro mil que elle conhecia; e provavelmente aquelle numero redobrou, antes que os sonhos da alchemia se dissipassem. Logo depois da morte de Paracelso, as artes de minar, e fundir os metaes, que practicadas desde os primeiros tempos, nunca foram scientificamente tractadas, receberam grande illustração das obras de George Agricola, medico Allemao, que escreveu hum tractado De Re Metallica, e he justamente considerado como o primeiro author de reputação naquelle ramo da chymica.

Lazaro Erckern seguiu Agricola no seu plano, e tentativas. As suas obras foram publicadas em Praga em 1374, e foram traduzidas em Inglez por Sir John Petus. Elle he minucioso nas suas descrições, e falla sempre como se estivesse sentado diante da fornalha, ou trabalhando na mina. As obras destes dous escriptores são ainda hoje altamente estimadas, e por

longo tempo mantiverão a superioridade que merecerão.

Naõ pode negar-se que a Allemanha tem sido a grande escola da metallurgia. Muitos escriptores tem enobrecido os seus annos, como Schindler, Orchall, Henckell, Schlatter, Cramer, Lehman, Gellert, e varios outros; nem he menos certo, que o estado florente de minas, em que se acha este paiz, he dividido em grande parte á politica sabia da rainha Elizabeth, que concedeo privilegios a Houghsetter, Schutz, e outros metallurgicos Allemaens, que ella convidara para Inglaterra a fim de instruirem os seus vassallos naquella tam util arte. Logo depois deste periodo, se podem mencionar os seguintes que merecerão alguma consideração. Cassius conhecido pelo seu precipitado de ouro; Sir Kenelm Digby, que acreditou na acção sympathica dos metaes: Sir Ed. Kelly e Dr. Dee que junctamente pertenderão, por meio do seu pó de projecção, converter o mercurio em ouro; Libavio que deo o seu nome a huma preparação de estaño; Kunckel, que enriqueceo a chymica de muitas bellas experiencias, celebrado pela descoberta do phosphoro, que Boyle, parece com alguma razão disputar-lhe, assim como elle o declara á Instituição Regia no seu methodo de o preparar. Seja o que for, tanto Kunckel como Boyle são benemeritos da posteridade; hum pelo melhoramento que fez nas artes de esmaltar e fazer vidro, o outro pela cautella, e exactidão das suas experiencias, pelas des cobertas, e escriptos que contribuirão para o adiantamento da chymica. Homberg, discipulo de Boyle, trabalhou por algum tempo no seu laboratorio, que era então considerado como a melhor escola de philosophia na Europa. Estabelecido em França, foi eleito em 1691 membro da Academia das Sciencias, e admittido na familia do Duque de Orleans, como seu mestre de chymica, teve ás suas ordens o laboratorio mais vasto e magnifico, que jamais se conhecera. Ali elle proseguio com actividade no seu principal objecto, e provavelmente descobrio o methodo de preparar o pyrofero que traz o seu nome. Nunca publicou obra separada; os seus differentes ensaios

vem impressos nas Memorias d'Academia. O seu modo de expressão era simplez, precizo, e methodico, despido d'aquelle estilo mysterioso e obscuro dos alchemistas. Bohnio, professor em Leipsic, publicou hum tractado excellente sobre acidos e alkales. Lermery deo á luz preciosos ensaios nas Memorias d'Academia de Paris; e em 1675 appareceo e seu curso completo de chymica practica. Borichio, chymico Dinamarquez descobrio, e publicou o modo de inflamar os oleos por meio do acido nitroso.

Nada he talvez, mais curioso na historia do espirito humano, do que a geral e continuada teima de pessoas, alias de talento, em prosequirem no estudo d'alchemia. Mas os nossos limites nos prohibem alargar as nossas reflexoens sobre o retrospecto do periodo que temos descripto. Tomando o objecto em consideração geral, não podemos deixar de reconhecer que os alchemistas retardaraõ os progressos da chymica, mas a muitos respeito merecem a nossa attenção. Nos seos escriptos se observaõ frequentemente as mais profundas observaçoens do genio posto que misturadas com as ideas mais extravagantes; as verdades mais sublimes degradadas pelas mais rediculas applicaçoens; e o pasmoso contraste de philosophia o superstição, de luz, e escuridade, que ali se nota, obriga o leitor a admiralos ao passo mesmo que não pode retirar a sua censura. Com effeito, a chimica deve á alchemia algumas verdades, contudo o longo atrazo que soffreo pelas chimericas pretençoens da ultima, não foi assas promptamente endemnizado pela sua total extineção.

Não obstante o brilho seductor d'alchemia estar amortecido; o talento e a indagação continuaraõ, ainda a fazer esforços para revivelo. Ataque Athanasio Kircher, celebre jezuita, que nasceo pelo anno 1600, e escreveo huma excellente obra, intitulada "Mundus Subterraneus," e Hermano Conringio lheraõ o golpe mortal.

He daqui que podemos datar huma nova epocha para a chymica. Os factos que existiaõ dispersos havia seculos, comeceraõ a colligir-se, a examinar-se a comparar-se por homens de genio assaz extenso para os comprehender todos, descobrir seos principios, observar suas relaçoens, combina-las em hum corpo de

doctrina racional, e lançar os verdadeiros fundamentos da chymica olhada como sciencia.

James Barner, medico do rei da Polonia, foi hum dos primeiros, que arranjou os factos chymicos entãõ conhecidos, e os acompanhou de observaçoens, na sua Philosophia da Chymica. Bohnio, de quem ja fallamos, escreveu hum livro sobre chymica scientifica, que foi favoravelmente recebido, e foi por muito tempo o unico livro elementar que havia sobre este objecto. Mas he a Joaquim Beccher, que appareceo por esse tempo, que a chymica he particularmente devedora. Na sua excellente obra intitulada a *Physica Subterranea*, elle colligio todos os phenomenos chymicos entãõ conhecidos, e os descreveo com pamosa exactidaõ. Predisse muitas das descobertas, que depois que elle escreveu, se fizeraõ; taes como a existencia de substancia aeriformes ou gazosas, a possibilidade de reduzir os ossos animaes a vidros transparentes, &c. Elle estendeo a esphera da chymica alem dos estreitos limites da pharmacia; mostrou a sua connexaõ com todos os phenomenos da natureza e explicou os phenomenos da fermentaçaõ, e as leis da putrefaçaõ, e pelas deduçõens que tirou do total, creou a theoria que foi amplificada pelo seu successor Stahl, theoria que foi recebida como a verdadeira doutrina entre todos os philosophos da Europa por quase hum seculo.

Ernesto Stahl, nascido em 1660, e medico do ultimo rei da Prussia, escreveu hum commentario sobre a obra de Beccher. Dotado desde o berço de huma paixãõ violenta pela chymica, se deo á ella com todas as forças do seu engenho superior. Elle inestio em reduzir a certos principios geraes todos os factos que tinhaõ enriquecido este objecto. Classou os seus materiaes com ordem admiravel e methodo; expremio-se n'huma lingoagem menos enigmatica que a de seus predecessores; e expurgou a sciencia daquelle infecçaõ alchemica, a que o mesmo Beccher se mostrou algum tanto affeiçoado. O nome pois deste philosopho, marca a primeira epocha da chymica scientifica; e será sempre lembrado como connexo com a engenhosa theoria, que elle designa, e que pelo seu principio capital he conhecida do baixo do nome de *Theoria do Phlogisto*. Elle foi o primeiro que teve huma idea

clara da uniaõ chymica, e dá muitos exemplos de attracçoens e lectivas dobradas. O seo phlogisto pois e o seu principio salino, pelo meio dos quaes elle explicava a maior parte dos phenomenos da composiçaõ e decomposiçaõ dos corpos, eraõ ja vistas luminosas de hum genio analytico, que previa a simplicidade no systema da natureza. Ver-se ha ate que ponto ultteriores experiencias confirmaõ as suas analogias e concepçoens profundas. Elle morreo e 1704. Depois d'elle veio Boerhaave, que no meio das suas occupaçoens medicas, achou lugar, para entregar-se ao estudo da chymica, em que fez consideraveis progressos; compoz hum profundo tractado sobre aquella sciencia, que mereceo hum applauzo geral. As secçoens que tractaõ dos quatro elementos como entaõ se consideravaõ, são peças mēstras neste genero; e a do fogo especialmente he julgada por Macquer tam excellente e completa, que o "intendimento humano" diz elle, "nada poderia acrescentar-lhe." Este varaõ illustre, honra do seu paiz, da sua profiçaõ, e do seu seculo, lançou luz sobre todos os objectos que tractou. A' elle se deve a primeira analyse racional das substancias vegetaes, a mais simples a resolvivel dos corpos organicos.

A sciencia chymica, contudo, estava ainda na sua infancia no tempo de Boerhaave, e assim se conservou por quasi meio seculo, quando novas e extraordinarias experiencias vieraõ dar lhe impulsaõ. A descoberta importante dos gases foi annunciada ao mundo philosophico. Black, Priestley, Scheele, Cavendish, e Macbride, abriãõ aos physiologistas huma especie de nova creaçaõ; elles começãõ huma nova era nos annaes do genio, igualmente memoravel pelos progressos d'analyse, da physica, e electricidade, &c.

Foi pelo anno de 1770, que Lavoisier, ferido da importancia e grandeza desta descoberta, voltou a sua atençaõ para este fonte inexhaurivel de verdades, e instantaneamente percebeo, por huma especie de instincto, a gloriosa carreira, que se abria diante delle, e a influencia que esta nova sciencia devia ter necessariamente sobre todos os objectos de physica indagaçaõ. De todos os que o precederaõ, o philosopho experimental mais activo foi Priestley; mas os

factos os mais brilhantes se tornavaõ frequentemente infecundos nas suas maõs ; em toda a occasiaõ, elle estava prompto a construir alguma indigesta hypotese, que apressadamente abandonava. Lavoisier era dotado do verdadeiro espirito da philosophia inductiva ; as suas observaçoens eraõ eminentemente precisas, e luminosas, e sempre fitavaõ hum plano geral. Em 1774, elle publicou os seos opusculos chymicos, em que dava a historia precisa de tudo o que se havia feito relativamente a gases, e concluia, provando por meio de famosas experiencias, que os metaes calcinados recebiam o seu augmento de pezo da absorçaõ do ar. Pouco depois, mostrou em opposiçaõ a Priestley que o acido nitroso he composto de ar, observaçaõ de importante consequencia. A sua habilidade, como chymico, era tam celebrada ; que no anno de 1776 Turgot o nomeou inspector do fabrico da polvora que grandemente melhorou. A polvora cursava somente atè 90 toezas ; elle a fez chegar a 120 ; esta superioridade tem sido reconhecida nas ultimas guerras.

No anno de 1778 elle fez huma mais importante descoberta, a saber, que a porçaõ respiravel da atmospherã he o principio constitutivo de todos os acidos ; e por isso o denominou oxygenio, facto importantissimo, e o primeiro passo para a nova chymica, que a composiçaõ d'agoa, feita demonstrativamente em 1783, acabou de completar.

Lavoisier possuia sem duvida vantagens decisivas sobre os seos contemporaneos ; elle estudara a justeza geometrica da investigaçãõ ; e os seos meios o habilitavaõ a fazer experiencias em grande, e a uzar instrumentos da mais perfeita construcãõ. Huma assemblea de sabios em todas as profiçoens se fazia em sua casa duas vezes por semana. Ali se examinavaõ as opinioens dos mais eminentes Literatos da Europa, recitavaõ-se as melhores passagens dos escriptores estrangeiros, e se analizavaõ ; e theorias eraõ comparadas com experiencias. Aqui os homens eruditos de todos os paizes achavaõ huma facil admissãõ ; Priestley, Fontana, Blagden, Ingenhouz, Landriani, Jacquin, Watt, Bolton, e outros illustres physiologistas, e chymicos de Inglaterra se achavaõ de mistura e em companhia de La Place, La Grange, Borda, Cousin, Meunier, Vandermonde, Monge, Morveau e Bertholet.

Felices horas se passavaõ nestes sabios ajuntamentos, onde nada se deixava por investigar, que podesse contribuir para o progresso das Sciencias, e melhoramento e felecidade do homem. O maior beneficio que resultava destas assembleas, era, alem de outros, a concordia estabelecida nos methodos de raciocinar entre os philosophos naturaes e geometras. A precisão, a severidade de estilo, o methodo philosophico dos ultimos, insensivelmente passava para o espirito dos primeiros, e gradualmente a philosophia, e a mathematica se amalgamavaõ.

Era na reuniaõ destes talentos, que Lavoisier cultivava e melhorava o seo. Quando algum novo resultado de importante experiencia se apresentava, em contrapozição á theoria geral da sciencia, elle o repetia diante desta escolhida sociedade. Muitas vezes successivamente elle requeria dos seus amigos criticos as mais severas objecções; e não era sem as ter destruido, sem a plena convicção da sociedade, não era sem remover todo o mysterio e obscuridade, que elle ousava annunciar ao mundo huma descoberta sua.

A final elle combinou as suas vistas philosophicas com hum corpo de doutrina solido, que publicou em 1789, debaixo do titulo de Elementos de Chymica, livro que he o mais bello modello de composição scientifica, claro, logico, e elegante. Não cabe nos limites, que nos propozemos, o fazer a expozição daquelles principios, e demorar-nos a descrever o merito deste celebre systema que em poucos annos foi quasi universalmente adoptado, e que, posto seja inevitavelmente abalado pelas recentes e esplendidas descobertas de Mr. Davy, he ainda hum monumento de Genio.

Nos mencionamos o auxilio que Lavoisier recebia, em quanto formava o seo novo systema de chymica, mas devamos acrescentar, que a honra de fundador lhe pertence exclusivamente. O seo genio era os seo unico guia, e os talentos dos seus associados serviaõ so de illustrar as suas descobertas. Elle traçou o plano da revolução scientifica, que longamente meditara; e os seus collegas não tiveraõ mais que seguir, e executar as suas ideas.

Nas memorias da Academia das Sciencias desde

1772 até 1793, ha 40 de Lavoisier, que estão cheias de todos os grandes phenomenos da sciencia—a doutrina da combustão geral e particular; a natureza e analyse do ar atmosferico; a formação e fixação dos fluidos elasticos, as propriedades da materia do calor; a composição dos acidos; o augmento de pezo dos corpos combustos; o decomposição, e recomposição d'agoo; a dissolução dos metaes; vegetação, fermentação, e animalização. Por mais de 13 annos consecutivos, Lavoisier proseguio, com infatigavel constancia, na derrota que se traçara, sem dar em vão hum so passo, e sem afrouxar em seu zelo, apesar dos obstaculos immensos que constantemente o cercavaõ.

Durante a sua glorioza carreira; quando estava grandemente occupado a completar experiencias para huma descoberta importante; foi cortado pela fouce inexoravel da revolução mais frenetica, e devastadora que jamais aviltara as naçoeus, e degradara a dignidade do homem. Nos dias horrorozos da dictatura Roberspieriana Lavoisier disse a Lalande, que previa hir ser despojado dos seus bens; mas que elle trabalharia para ganhar o seu paõ. O emprego de boticario era o que lhe restava. Mas a sua sorte estava ja decedida. A 8 de Maio de 1794 morreo no cadafalso, accusado de ter falsificado o tabaco com agoo, e ingredientes destructivos da saude dos cidadãos!! Pedio que o deixassem acabar aquellas experiencias, que findas ellas, entregaria voluntariamente a vida. A resposta do prezidente, Coffinhal, foi, “que a republica não precisava de sabios nem de chymicos, que o curso da justiça não podia ser suspendido.”

Não he possivel mencionar esta atrocidade da revolução Franceza, sem que a humanidade se revolte, vendo debaixo do cutello da tyrannia confundidos os varoens mas illustres com os mais indignos scelerados; e sem recordar com dor que os sciencias e moralidade longe de prosperar definhão em terreno sujeito á maligna influencia do despotismo. Graças porem ao espirito que as alenta, que dotado de huma virtude reparadora, as accumula n'huma parte, a proporção que faltaõ na outra. O seu fogo celeste animando

os corações bem formados tem altares ainda sobre a terra. As Sciencias, que os tyranos preseguem, porque são inimigos da verdade, so podem cultivar-se com fructo n'hum paiz de costumes e de liberdade. He por isso que a Inglaterra lhes offerece hoje o mais amplo e salutar azilo. As Sciencias crescem extensamente em seu seio; a chymica sobre tudo tem n'elle erigido o seu templo. Davy prezedindo ali ás suas mais sublimes operaçoens, tem aberto huma nova fonte de experiencias e conhecimentos importantes pelo seu objecto, e util applicação aos uzos da vida humana.

Tendo pois marcado rapidamente aos nossos leitores, coino para servir de introdução á sciencia, as suas principaes epochas, que dividimos em tres somente, a saber

Chymica Philogistica ou de Stahl,

Chymica Pneumatica ou de Lavoisier,

Chymica Electrica ou de Davy.

Passaremos a dar nos numeros seguintes, a serie dos factos e experiencias, que constituem as mais recentes e importantes descobertas, que Davy tem exhibido na Instituição Real de Londres, onde temos tido o prazer de assistir ás suas leituras, e experiencias, e occaziaõ de admirar seos talentos.

MEDICINA.

HISTORIA CONCIZA DA MEDICINA.

O PRINCIPIO da Profissão Medica, ou se considere como arte, ou como sciencia, ou huma, e outra coiza juntamente, se perde na escuridade dos primeiros tempos. A historia fabuloza dos antigos a diriva immediatamente dos seos Deozes; e mesmo entre os modernos alguns escriptores de estabelecida reputação julgaõ que ella pode justamente olhar-se como de huma origem celeste: mas sem adoptarmos suppozição alguma de que não pode dar-se evidencia, nos podemos concluir, que o genero humano foi naturalmente conduzido a dar-lhe este predicado por observaçoens casuaes sobre as doenças a què elle se achava sujeito; e he por tanto, n'hum sentido pelo menos, tão antiga como a raça humana. Mas em que periodo ella começasse a practicar-se como arte por individuos particulares, que a seguissem como profissão, he totalmente desconhecido.

Os medicos mais antigos deque temos noticia foraõ os que embalsamaraõ o Patriarca Jacob por ordem de seu filho Joseph. O escriptor sagrado os menciona como servos de Joseph; donde podemos inferir que não eraõ sacerdotes, como os primeiros medicos, se julgavaõ geralmente ser; por quanto naquella idade nos sabemos que os sacerdotes Egypcios gozavaõ de tal favor que retinhaõ a sua liberdade, em quanto o resto do povo, por huma calamidade publica se conservava escravo do principe. Não he pois provavel, que entre os Egypcios a religião, e a medicina fossem originalmente ligadas; e se nós suppomos que os Judeos não foraõ os inventores da arte, mas que a receberaõ d'outras naçoens, he mui pouco provavel, que os sacerdotes daquella nação fossem os seos medicos assim como os do Egypto. He certo que os medicos Judeos eraõ absolutamente distinctos de seos sacerdotes; com tudo como os Judeos residiraõ muito

tempo no Egypto, he provavel, que conservassem muitos dos seos costumes, que lhes seria difficultozo largar. Nos sabemos todavia que o Rey Asa estando doente de hum pé não recorreo ao Senhor, mas aos medicos. Daqui podemos concluir, que entre os Judeos a arte medica era olhada como invenção meramente humana; e julgava-se que a Divinidade não curava doenças, fazendo conhecer ao povo as virtudes das hervas; mas somente pelo seu poder milagroso.

He taobem provavel que a mesma opiniaõ prevalecesse entre os pagaons vizinhos dos Judeos, segundo o que lemos de Ahaziah rey de Judá, que tendo enviado mensageiros a inquirir de Baazelzebub, Deos de Ekron, relativamente á sua doença, elle não quiz remedio algum d'elle ou de seos sacerdotes; mas simplesmente dezejava saber, se elle se restabeleceria, ou não. O que parece mui provavel a este respeito he que a religião, e a medicina vieraõ a ligar-se somente em consequencia daquella degeneração em ignorancia, e superstição, que teve lugar em todas as naçoens. Os Egypcios, como sabemos, vieraõ finalmente a cahir na mais redicula, e absurda superstição; e não he para admirar, que os seos sacerdotes practicando a medicina juntassem aos seos remedios brucharias, encantamentos, &c. Nos estamos mui certos, que isto aconteceu por muito tempo depois da vida de Joseph; e na verdade parece taõ natural, que a ignorancia, e o barbarismo combinem a religião com a medicina, quanto o he taobem que hum povo civilizado, e esclarecido as separe, e distinga.—Daqui vemos que entre os barbaros modernos os seos sacerdotes, ou magos são unicamente os seos medicos.

Nos sabemos taõ pouco do estado da medicina entre os Egypcios, que he superfluo demorar-nos neste objecto. Elles attribuiaõ a invenção da medicina, assim como de muitas outras artes, a Thoth, o Hermes, ou Mercurio dos Gregos. Dis-se que elle escrevera muitas coizas em caracteres hyeroglyphicos sobre certas columnas, a fim de perpetuar a sua sciencia, e faze-la util aos outros. Estes foraõ transcriptos por Agathodemon, ou o segundo mercurio, Pai de Tat, que se diz ter composto delles alguns livros, que

forão guardados nos lugares mais sagrados dos templos Egypcios. A existencia de tal pessoa, com tudo, he mui duvidoza; e muitos dos livros, que lhe eraõ attribuidos, se julgaraõ forjados ate ao tempo de Galeno. Ha taobem grandes razoens para suspeitar, que estes livros foraõ escritos, muitos seculos depois de Hermes, e no tempo em que a medicina tinha feito consideraveis progressos. Muitos destes livros saõ futeis, e ridiculos; e posto que algumas vezes, se lhe permitta a honra de inventor da arte, he n'outras occasioens obrigado a reparti-la com os Oziris, Isis, e Apys, ou Serapis. N'humas palavras, a medicina Egypsiaca parece ter sido nada menos, que huma collecção de superstiçoens absurdas. Origines nos informa que eiles acreditavaõ haver trinta e seis demonios ou Deoses do ar, que dividiaõ o corpo humano entre si; que tinhaõ nomes para todos elles, e que invocando-os, segundo a parte affecta, o doente se curava.

Nada achamos recommendado da medicina natural pelo pai da medicina Egypsiaca, á excepção da herva que deo a Ulisses para o livrar dos encantos de Circe, e a herva Mercurial, cujo uzo descobrio. Seos successores faziaõ uzo da sangria; dos catarticos, emeticos, e clysteres. Naõ ha com tudo prova de que esta practica fosse estabelecida por Hermes; pelo contrario os mesmos Egypcios pertendiaõ; que as primeiras ideas daquelles remedios eraõ tiradas d'algumas observaçoens sobre os animaes brutos. A sangria foi lhes ensinada pelo Hypopothamus, que se diz executar esta operaçãõ sobre si mesmo. Nestas occasioens elle sahe do rio, e fere a perna n'humas cana pont' aguda. Pois que elle tem cuidado de dirigir o golpe a huma veia, a consequencia dove ser huma effuzãõ consideravel de sangue, e deixando-o correr, quanto julga conveniente, tapa a final o orificio com lodo. A idea de clysteres foi tirada do Ibis, ave que se diz dar a si clysteres com o bico, &c. Com tudo eiles uzavaõ da sangria mui pouco, provavelmente em razaõ do calor do clima; e a exhibiçaõ dos remedios supramencionados, juntos com a abstinencia formavaõ o principal da sua practica.

Os Gregos tiveraõ igualmente pessoas a quem attri-

buir a invenção da medicina, sobre tudo Prometheo, Apollo, ou Aepean, e Esculapio, que era entre elles o mais celebrado de todos. Mas aqui devemos observar, que os Gregos, sendo hum povo mui guerreiro, a sua medicina era, pouco mais, ou menos, o que hoje se chama Cirurgia, ou a arte de curar as feridas, fracturas, &c. Daqui Esculapio, e seos pupillos Chiron, Machaon, e Pudalirio saõ celebrados por Homero só pelo seu saber em curar estas, sem mencionar outras suas tentivas para curar doenças internas. Nos todavia não supponho, que elles se limitassem inteiramente á Cirurgia. Elles sem duvida deviaõ prescrever de quando em quando para doenças internas: mas como mais frequentemente tratavaõ feridas, he de suppor, que fossem mais peritos na sua cura. Se podemos dar credito aos poetas a sciencia da medicina parece ter sido mui geralmente diffundida; quasi todos os heroes da antiguidade se dis terem sido medicos, assim como guerreiros. Muitos delles aprenderaõ medicina com o Centauro Chiron. Foi delle, que Hercules recebeuo instrucçoens na arte medica, em que, se diz, que elle fôra não menos experimentado, que nas armas. Algumas plantas tiveraõ o seu nome; e por isso alguns pensáraõ que elle descobrira as suas virtudes, em quanto outros suppozeraõ, que ellas tinhaõ o nome daquelle celebrado heroe, em razãõ da sua grande efficacia em remover as doenças. Aristeo, rey de Arcadia, foi hum dos discipulos de Chiron, e suppoem-se ter descoberto o uzo da drõga chamada Silphium, que alguns pensáraõ ser a assafetida. Theseo, Telamon, Jason, Peleo, e seu filho Achilles, foraõ todos affamados pela sua sciencia na medicina. Diz-se que o ultimo descobrira o uzo do verdete para detergir as feridas sordidas. Com tudo, todos elles parece terem sido inferiores em conhecimentos a Palamedes, que obstou á entrada da peste no campo Grego, depois de ella ter desolado a maior parte das cidades do Helesponto, e da mesma Troia. O seu methodo consistia em limitar os soldados a huma dieta parca, e obriga-los a fazer muito exercicio. A practica destes medicos Gregos antigos, não obstante os louvores que lhes eraõ conferidos pelos seos poetas, parece ter sido mui

limitada, e n'alguns cazos mesmo pernicioza. Todos os remedios externos applicados aos feridos heroes de Homero eraõ fomentaçoes, em quanto internamente os seos medicos lhes davaõ vinho, algumas vezes misturado com queijo ralado. Grande parte da sua medicina consistia igualmente em brucharias, encantamentos, amoletos, &c. deque he superfluo dar mais ampla noticia, por serem communs a todas as naçoens supersticiozas, e ignorantes.

Neste estado a arte da medicina continuou por muitos seculos entre os Gregos. Como os seos primeiros professores nada sabião da economia animal, e mui pouco da theoria das doenças, he claro que tudo quanto fazião, era em consequencia de processos vagos, ou empiricos no sentido mais estricto, e proprio da palavra. Com effeito, he evidentemente impossivel, que esta, ou outra qualquer arte, podesse ter outra origem mais que processos desta especie. Consequentemente nós achamos que algumas naçoens antigas tinhaõ por costume expor os seos doentes nos templos, e ás bordas dos caminhos para que recebessem avizos, ou conselhos de todos os que passavaõ. Entre os Gregos, com tudo, Esculapio era contado, como o practico mais emminente do seu tempo, e o seu nome foi reverenciado, mesmo depois da sua morte. Elle foi classado entre os Deozes; e os principaes conhecimentos da arte medica permaneceraõ na sua familia ate o tempo de Hypocrates, que se contava o decimo septimo na linha descendente de Esculapio, e que foi verdadeiramente o primeiro, que tratou de medicina de huma maneira methodica, e racional.

Hypocrates, que se julga ter vivido quatro centos annos antes do nascimento de Christo, he o mais antigo author, cujos escritos tem chegado ao tempo presente; e he por isso com razaõ olhado como o pai da medicina. Neste periodo, e mesmo ate hum, ou dois seculos, os distinctos ramos de medicina, e cirurgia eraõ estudados, e practicados pela mesma pessoa: Hypocrates por tanto tem sido universalmente olhado, como contribuidor tanto para os conhecimentos phisilogicos, como anatomicos do corpo humano.

Pelo que pertence á explicação de cauzas de doenças, Hypocrates dá muito aos humores do corpo, particularmente ao sangue, e bilis. Elle trata taobem

dos effeitos do somno, vegia, exercicio, e repouzo; e de todos os beneficios, ou damnos, que delles recebemos. De todas as cauzas de doencas mencionadas por Hypocrates, as mais geraes são com effeito, a dieta, e o ar. Sobre o artigo dieta elle compoz varios livros, e na escolha desta elle era exactamente cuidadozo; e tanto mais quanto a sua practica versava sobre ella. Elle tinha taobem muita consideração pelo ar; examinava que ventos sopravaõ ordinaria, ou extraordinariamente; considerava a irregularidade das estaçoens; o nascer, e pôr dos astros, ou o tempo de certas constellaçoens; o tempo taobem dos solsticios, e dos equinocios; e aquelles dias, que, na sua opiniaõ, produziaõ grandes alteraçoens em algumas molestias. Elle não pertende todavia explicar, como destas cauzas resulta a variedade de doencas, que diariamente se observaõ. Tudo quanto d'elle se pode colher a este respeito he, que as diferentes cauzas acima mencionadas obrando nas diferentes partes do corpo produzem huma grande variedade de molestias, das quaes algumas elle considera mortaes, outras perigozas; e o resto facilmente curaveis segundo a cauza que as produz, e as partes, que são affectas. Em muitos lugares elle distingue as doencas pelo tempo da sua duraçaõ em agudas ou breves, em chronicas, ou longas: igualmente distingue as doencas pelos lugares particulares, em que prevalecem, quer ordinarias, quer extraordinarias: as primeiras, isto he, aquellas que são frequentes, e familiares a certos lugares, elle as chama molestias endemicas; e as ultimas, que se exacerbãõ extraordinariamente ja n'hum lugar, ja n'outro; e que se estendem a grande numero de individuos em certos tempos, elle as chamou epidemicas, isto he doencas populares; e desta especie a mais terrivel he a peste: igualmente menciona huma terceira especie opposta á primeira que chama doencas esporadicas, ou erraticas: está ultima inclue todas as diferentes especies de molestias que invadem em toda, e qualquer estaçaõ, e são ja de huma, ja d'outra natureza. Elle fez distincçaõ entre aquellas doencas, que são hereditarias, ou nascidas connosco, e aquellas que são contrahidas depois; e igualmente entre aquellas que são de huma natureza benevola, e as que tem

hum caracter maligno, as primeiras das quaes facil, e frequentemente se curão, as ultimas porem dão aos Medicos grande encommodo, e raras vezes se vencem pelos seos disvelos.

Lançados assim os fundamentos para a theoria, e practica da Medicina, a Sciencia foi proseguida com grande avidez por Praxagoras, que, apezar disso, se aventurou de algum modo a oppor-se á practica de Hypocrates, juntamente com Erasistrato, e Herophilo, o ultimo dos quaes como discipulo de Praxagoras seguiu mais depressa a escola deste, que a daquelle. Erasistrato com tudo adquirio maior fama, ainda que mais adherente ás doutrinas antigas de Hypocrates; e a elle se devem as primeiras indicaçoens regulares do pulso. Por este tempo a profissão da Medicina começou a dividir-se em tres ramos, a saber Dietetica, Pharmaceutica, e Cirurgica; ou aquelles que pertendiaõ curar só com o regimen desprezando a Pharmacia; aquelles, que pertendiaõ curar principalmente por meio de preparaçoens Pharmaceuticas, (de cujo numero era o mesmo Erasistrato), e aquelles, que davão todo o seo tempo, e attenção a parte Cirurgica da Medicina.

A outra divizaõ dos Practicos da Medicina era em Dogmaticos, e Impiricos tendo começado os ultimos com Serapiaõ de Alexandria perto do anno 287 antes de Christo, que, segundo Galleno, conservou a practica de Hypocrates, mas desprezou o seo modo de raciocinar. Realmente a seita a que se entregou Serapiaõ, da qual se não foi fundador, foi hum zeloso partidista na sua infancia, se fundava na propria experiencia pessoal, ou progressiva, ou fortuita. Pelo contrario os Dogmaticos affirmavaõ, que era necessario conhecer as cauzas latentes, bem como as manifestas das doenças; e que os Phizicos deviaõ saber as acçoens naturaes, e funcçoens do corpo humano, e por conseguinte estudar os seos orgaos internos.

Os Medicos de mais fama, que floresceraõ depois desta divizaõ fôraõ. Asclepiades, que se oppoz á theoria Hypocratica da potencia natural, e sympathia, ou attracção, introduzindo na Medicina os principios Phisicos da Philosophia Epicurea. Themison, o fundador da seita methodica, cuja doutrina era igual-

mente hostile aos Dogmaticos, e Impyricos, e dividia as doenças em duas classes Hypertonica, e Attonica, divizaõ, que em varias modificaçoens tem chegado ate a tempo presente; Thessalo, contemporaneo de Nero, homem de algum merito, mas de extraordinaria vaidade; e Celso com razaõ denominado o Hypocrates Latino, cuja obra he precioza tanto pela pureza da lingoagem, como pelos conhecimentos, que apresenta sobre o estado da Medicina no seo tempo.

Pelo anno 131 depois de Christo no reinado de Adriano, appareceo o celebre Galleno, cujo nome apparece tao conspicuamente na historia da Medicina. Os Practicos estavaõ nesse tempo divididos em tres partidos, Methodistas, Dogmaticos, e Impyricos; Galleno se inclinou ao segundo: mas como hum verdadeiro eclecticico emprehendeo combinar com a sua doutrina tudo o que havia de bom nos dois systemas oppostos; e formar delles hum systema de medicina mais completo que o que d'antes havia. Pela maior parte elle foi sectario de Hypocrates, cujo nome reverenciava, e cujas opinioens commentou, asseverando no decurso dos seus commentos, que elle nunca d'antes fõra perfeitamente entendido. Como Hypocrates elle denominou o principio vital—*Natureza*; como elle admittio a existencia de quatro distinctos humores, de cujo predominio, deficiencia, ou desproporçaõ se originavaõ os differentes temperamentos do corpo animal, e as variedades das doenças a que elle está sujeito: estes humores saõ o sangue, phlegma, bilis amarella, e negra. Estabeleceo igualmente tres distinctas especies de auras, gazes, ou espiritos, a saber natural, vital, e animal, que elle olhava como outros tantos instrumentos de faculdades distinctas, referindo a acçaõ da primeira principalmente ao figado, da segunda ao coração, da terceira ao cerebro. A sua authoridade, apezar de todas as fantazias espalhadas no seu systema, continuou a prevalecer ate á subversãõ do Imperio Romano, epoca em que as Artes, e as Sciencias foraõ transferidas ao Imperio do Oriente, debaixo de cujos auspicios, todavia, a sciencia medica não parece ter feito algum progresso, tendo os medicos Sarracenos totalmente desprezado o estudo da anatomia, e outros ramos auxiliares, ac-

grescentando a *Materia Medica* somente algumas plantas de nome desconhecido, e cujas virtudes pharmaceuticas estão, ha muito, desprezadas, e esquecidas.

Desde o mencionado periodo ate o principio do seculo decimo sexto, a historia da Medicina nada fornece de interessante. Foi esta epoca que deo nascimento a Paracelso, que absorvido profundamente na Sciencia da Alchimia, se he que ó termo sciencia, se não prostitue applicado a tal objecto, proscrevendo de hum golpe todos os raciocinios dos Authores antigos pertendeo explicar os factos, e doutrinas Medicas pelos principios que entã vogavaõ e em que se gastava o tempo.

Foi em 1628, que a Medicina adquirio o conhecimento do importante facto da circulaçaõ do sangue pelos trabalhos infatigaveis do Dr. Harvey, que teve demais a mais a combater por annos com a dobrada e impetuoza torrente dor prejuizos, e ciumes da Profissãõ ate os vencer; negando alguns o facto, e outros pertendendo que isso era hum ponto estabelecido, há seculos, e que por consequente de nenhuma sorte se lhe devia a honra da descoberta. O estabelecimento, com tudo, deste grande facto, não produziu, muito depois mesmo da sua admissãõ geral, todas as vantagens, que podiaõ esperar-se. Os Physiologistas do dia raciocinando sobre os poderes pelos quaes este phenomeno, assim como varios outros do corpo animal, se executava, infelismente lançaõ maõ da Philosophia mecanica para sua guia; e todas as funcçoens foraõ immediatamente explicadas pelas Leis dos projectis, ate que o systema foi a final destruido pelo absurdo da estensaõ, que se lhe dava.

Boerhaave neste periodo abrio caminho para huma reforma admiravel tanto de principios como de practica; e unindo as doutrinas de Hypocrates com a Philosophia do tempo construiu huma theoria de Medicina sobre a hypothese de acrimonia, lentor, e outras mudanças nos fluidos circulantes. Contemporaneos de Boerhaave Hoffman, e Stáhl se affastaraõ da sua theoria: o primeiro lançaõ os fundamentos da hypothese espasmodia, rezolvendo a origem de todas as doenças em huma attonia universal das primarias for-

gas moventes do systema; e o segundo na acção de certos agentes nocivos contrabalançaada todavia pela existencia interna de huma alma racional, que dirige a economia do todo A Pathologia humoral, não obstante, continuou a prevalecer ate que debaixo dos auspicios do Dr. Cullen as theorias de Hoffman, e Stahl se uniraõ n'hum só, e ingenhozo systema; systema, que ainda se sustenta, apezar de ser controvertido pela hypothese sensorial do Dr. Brown, e Dr. Darwin, cujas obras são em geral taõ conhecidas em Portugal, Hespanha, parte da Italia, e Alemanha, quanto são pouco lidas, e mesmo desprezadas em Inglaterra!!!

AGRICULTURA E COMMERCIO.

CARTA A. M. CLENNELL SOBRE A EDUCAÇÃO PRÓPRIA PARA HUM AGRICULTOR.

SENR.

EM quanto as outras classes dos cidadãos, segundo as suas diferentes occupaçoens, e empregos, tem participado da diffuzaõ geral das sciencias, e instrucçaõ, a classe agricultural tem recebido beneficios mui limitados, e superficiaes. Não he difficil, nem mesmo infructifero o marcar as cauzas deste atrazamento comparativo.

Em primeiro lugar a agricultura não tem huma taõ manifesta, e á primeira vista taõ indispensavel connexaõ com os conhecimentos geraes, ou com alguma sciencia em particular, como as outras profissoens, e empregos do genero humano. Antigamente, a connexaõ entre as sciencias, ou principios geraes, e qualquer arte, não era taõ clara ou admittida como he agora; mas prezentemente a sua connexaõ está estabelecida de huma maneira taõ distincta, que todo aquelle, que dezeja por-se ao nivel com os que seguem a occupaçaõ a que se destina, está bem persuadido, que deve applicar-se mais ou menos, á sciencia particular, que illustra, e tem melhorado áquella arte. Basta referir-nos ás artes connexas com a chimica, ou com a mechanica, taes como actualmente existem neste paiz, e recordar o que ellas eraõ, há meio seculo, para nos convencer-mos da verdade desta observaçaõ. Mas relativamente á agricultura, não ha sciencia com quem não tenha huma connexaõ directa, e daqual não tire hum immediato proveito tanto que todos aquelles que se destinão a ella, se vem obrigados a ter previamente huma educaçaõ scientifica.

Em segundo lugar, o agricultor, que possui huma terra porque paga pouco, ou que disfruta os beneficios de hum rico terreno, e clima fertil, não tem precisaõ

de recorrer a trabalhos, e conhecimentos superiores, para se pôr ao nivel com aquelles, que não possuindo taes vantagens são obrigados, para indemnizar-se, a fazer trabalhos de que o outro não carece. Se esta observação he justa segue-se que devemos achar agricultores scientificos principalmente entre aquelles; a quem não favorece tanto o terreno, e o clima. To-lo aquelle que conhece o estado comparativo da agricultura, e a intelligencia, e o saber comparativo dos lavradores nas partes do Sul, e Norte desta Ilha, conhece esta verdade.

A primeira cauza do atrazamento, e falta de sciencia na classe agricultural, será melhor e mais promptamente removida marcando lhe os beneficios, que della podem derivar em quasi todos os ramos das suas operaçoens. A segunda cauza cederá somente a tal augmento de renda por terra mais fertil, e clima mais fecundo, que obrigue o agricultor, que possui essas vantagens, a adquirir tanto conhecimento, e saber, como o agricultor, a quem estas são negadas, para se pôr no mesmo pé que elle.

A agricultura pois se attentamente reflectirmos, bem longe de ser independente das sciencias, requer a illustração, e succorro de muitas, se quizermos promover o seu adiantamento. Designando rapidamente quaes estas sejaõ se estabelecerá a educação propria para o agricultor, e será conhecida a sua necessidade, e vantagem.

Em primeiro lugar o agricultor deve estar em estado de poder medir o seu campo; disto não pode haver duvida, e he preciso ser cego, ou contumaz para sustentar, que o agricultor instruido neste ponto não he menos dependente, e mais habil a dirigir melhor a sua occupação, que aquelle que ignora este ramo da sciencia.

Em segundo lugar hum conhecimento de mecanica he necessario a hum agricultor. Seria com effeito estranho, se, em quanto a mais ordinaria, e importante operação da agricultura se executa com instrumentos estrictamente mecanicos, que são postos em acção por meios taobem mecanicos, se considerasse este ramo de sciencia como inutil ao agricultor. Não pode haver duvida, que algumas charruas lavraõ melhor a

terra do que outras; e hum exame de differença entre ellas, mostrará que as melhores são construídas mais conforme aos verdadeiros principios da mecanica; e ao conhecimento scientifico do modo porque ellas executão melhor o seu trabalho. Podem fazer-se melhoramentos, e tem-se feito nas charruas pelos que as fazem; mas os seus defeitos podem ser melhor observados, e mais facilmente remediados pelo agricultor, que as vê constantemente trabalhar, huma vez que elle tenha sufficiente conhecimento de mecanica, para poder descobrir em que parte falha a sua construcção.

Estas observaçoens se applicarão a muitos outros instrumentos ruraes particularmente a carros, machinas de malhar, e joeirar, &c.

Em terceiro lugar, a chymica está connexa com a agricultura, e deve formar parte da educaçãõ de hum lavrador. Nos estamos ainda muito atrazados nos conhecimentos respectivos ao alimento das plantas, á maneira porque ellas o tomão, e circumstancias favoraveis ao seu crescimento, e producaçãõ: mas esta ignorancia em vez de ser huma objecção para este ramo de educaçãõ agriculural, he hum argumento mais forte para nos empregarmos no seu estudo. Por quanto, não podendo duvidar-se que os processos da vegetaçãõ, a analyse, e operaçãõ dos estrumes, e terreno são estreitamente chymicos, nenhum methodo parece melhor para os illustrar, do que habilitar o agricultor por huma educaçãõ chymica a colligir, e explanar os factos que elle testemunha, e chamar a experiencia em succorro das suas observaçoens scientificas.

Em quarto lugar a Botanica, huma vez addida á educaçãõ do agricultor promette ser de hum serviço essencial. O que se chama lavoura mixta, ou alternadamente fazer a colheita das terras; e deixa-las de relva, he o modo d'agricultura mais vantajozo, e productivo. Mas hum grande obstaculo, e objecção a este systema nasce da difficuldade experimentada em cobrir de fertil, e viçosa hervagem o terreno, que se tem cultivado por muito tempo. A observaçãõ mais superficial das differentes especies de relvas, que espontaneamente crescem, deve convencer-nos, que

algumas agradaõ mais aos gados, e são mais nutritivas, que outras:—que humas convem a huma especie de terreno, e clima, e outras a outros:—e que algumas especies chegaõ mais sedo á sua perfeiçaõ, e continuaõ por mais tempo, que as gramas de especie differente. O Agricultor Botanico, isto he o que pode classar, e distinguir as differentes relvas pode só, escolhendo as especies proprias, introduzirervas mais viçozas, e ferteis; e remover a objecçaõ á especie de lavoira de que se acabar de fallar.

Em ultimo lugar, seria dezejavel que a educaçaõ do agricultor abraçasse alguns conhecimentos de anatomia, e doenças de cavallos, e gado vaccum, e lanigero, paraque elle não estivesse inteiramente á mercê daquelles que são chamados em qualquer incidente, e que de todos os pertendentes á arte de curar são indubitavelmente os mais ignorantes, e afferrados ás suas opinioens.

Huma consequencia occazional, mas de grande importancia, e dezejavel rezultaria de dar ao agricultor huma educaçaõ tal como a que tenho brevemente traçado, alem do conhecimento directo, e beneficios, que ella lhe communicasse, ella lhe faria, expandindo as suas vistas, e faculdades, remover aquelle apêgo a costumes antigos, e ignorante desprezo de melhoramento deque os lavradores geral, e mui justamente são accusados. Melhorada, como tem sido, a agricultura deste paiz, durante o ultimo meio seculo; e por muito que exceda a dos outros paizes, ainda he susceptivel de melhoramento nos dois grandes pontos—a saber em produzir mais sustento para o homem, e produzi-lo com menor trabalho; pontos estes que podem conseguir-se com grande despeza de capital, de tempo, e trabalho sem sciencia; e com ella rapida, e mui economicamente. Z. A. Z.

REFLEXOENS SOBRE A CARTA ANTECEDENTE, E A RESPEITO DA AGRICULTURA E PORTUGAL.

Os principios que se estabelecem nesta carta são, a nosso ver, incontestaveis: e se apezar do floren-

tissimo estado em que se acha a Agricultura na Inglaterra, ha ainda muitas faltas, e he precizo instruir, e educar os lavradores para obterem resultados mais vantajozos com menos despendio de cabedades, e tempo; que diremos nos de Portugal, onde a agricultura se acha n'hum estado de atrazamento incrível; onde os lavradores não tem mais conhecimentos, que os de rotina, e onde, aquelles que os deviaõ esclarecer, e instruir, isto he, as camaras, e Corregedores, ignoraõ, tanto como elles, os principios scientificos, e mais do que elles a practica de diversos ramos de agricultura? Para se formar huma idea preciza e clara do estado deploravel da agricultura em Portugal, basta ver o que elle foi em differentes epocas, e o que he hoje.

Os Gregos, os Carthagenezes, os Romanos, os Septentrionaes, e os Arabes conheciaõ, e procuravaõ Portugal, como paiz mui fertil em todos os generos da primeira, e segunda necessidade, taes como graons de toda e especie, legumes, frutas, lãs, sedas, linho, azeite, vinho, mel, gado, e madeiras. De tudo isto abundou Portugal outróra; de tudo isto carece hoje este paiz ditozo, exceptuando apenas vinho, e frutas. Além daquelles artigos, havia outro ramo de cultura mui importante, que era o da Graã. Ella foi em tempos mui remotos transportada do Algarve para Roma, onde era summamente estimada, e era com ella, que se tingiaõ os Mantos dos Imperadores, e a chlamide Roçante dos Generaes Romanos, que elles vestiaõ, quando hiaõ commandar os exercitos. Este artigo, n'outra tempo taõ importante, he hoje quasi nullo, podendo ser de grande interesse; porque na maior parte das serras do Algarve se encontra a planta que a produz, como nos mesmos observamos. Mas he tol a preguiça dos habitantes do Algarve, que nem ao menos se utilizaõ doque a natureza espontanea, e liberalmente lhe offerece.

Desde o Conde D. Henrique ate El Rey D. Fernando, os primeiros cuidados, e disvelos dos Monarchas Portuguezes consistiraõ em augmentar a população, e consequentemente a agricultura; e o conseguiraõ, apezar das continuas guerras, que taõ gloriozamente sustentaraõ.

D. Sancho I^o. cuidou tanto da cultura, e povoação, que mereceu o nome verdadeiramente Grande de POVOADOR—nome que excita em nos tanta veneração, e respeito, quanta aversão, e desprezo para com o *Monstro*, que, ha dez annos, tyranniza a Europa, e procura exterminar a raça humana.

El Rey D. Deniz, este verdadeiro modelo de bons principes, cortando os excessos dos grandes para com os pequenos; considerando, e com razão, os lavradores como os verdadeiros nervos do estado, animou, e protegeo a agricultura de tal modo, que em todo o seu feliz reinado não houve gente ocioza, nem hum palmo de terra inculta. Daqui veio ser chamado—o LAVRADOR, e PAI da Patria. Os thezoiros immensos que generosamente despendeo, e que deixou por sua morte, foraõ mui principalmente productos da lavoura, que animou, e sua Augusta Epoza, a Rainha Santa.

Desde El Rey D. Affonso IV. ate D. Pedro I., diminuiu a população, e esmoreceo proporcionalmente a agricultura.

Apezar disso, ate o reinado de El Rey D. Fernando ainda havia tal abundancia de trigo, que os reinos estrangeiros se proviaõ em nossos portos. Flandes, Alemanha, Castella, Leaõ, e Galliza proviaõ-se de azeite de Coimbra, Santarem, Abrantes, Lisboa, Estremos, Elvas, Moura, e Beja. Com tudo, este Rey, chamado o gentil, e cuja alma era excellente, conheceo bem a diminuição de todos os generos relativamente ao tempo de seos Augustos Maiores; e para prevenir o progresso deste mal publico deo muitas, e sabias providencias, que produziraõ o dezejado effeito, mas que, ha longos annos, estaõ no mais criminozo, e fatal esquecimento.

Seguiu-se o reinado do Senhor D. Joaõ I., e desde entaõ data a deploravel decadencia da Agricultura em Portugal. As guerras que este principe sustentou para se firmar no throno, não o deixaraõ applicar-se á conservaçãõ, e augmento da população, e lavoura. Voltou a paz: podia-se entaõ fazer resuscitar a Agricultura; mas entaõ mesmo aquelle monarcha deslumbrado com falsas ideas de gloria, emprehendeo levar suas bandeiras victoriosas alem dos mares: começou

a guerra da Africa; principiaraõ as conquistas; comecáraõ os descobrimentos; e principiou desde entaõ a diminuir sensivelmente a populaçaõ de Portugal, e consequentemente a Agricultura. Os Portuguezes comecáraõ a ser taõ temidos fora, quanto eraõ realmente fracos dentro em caza. Os vassallos saõ, em geral, fieis imitadores das virtudes, ou dos vicios, das inclinaçoens, ou gosto dos seus Soberanos. D. Joaõ I. amava as conquistas, e os descobrimentos; e os Portuguezes comecáraõ entaõ a prezar mais ser soldados, e navegantes, do que lavradores. Premearaõ-se aquelles; desprezaraõ-se estes; e desde entaõ os estrangeiros, que hiaõ d'antes carregar azeite, e trigo nos portos de Portugal, principiaraõ desde entaõ a prove-lo de tudo o que lhe faltava. Que fatal mudança!

A deserçaõ de muitas familias Portuguezas para Hespanha no tempo daquelle valorozo monarcha; a expulsaõ dos Judeos de Portugal no tempo de El Rey D. Manoel; hum sem numero de fundaçoens de familias religiozas, que neste tempo edificaraõ suas cazas; as guarniçoens que era preciso manter nas Praças de Africa; a gente, que todos os annos era enviada para o Oriente; todas estas cauzas despovoáraõ Portugal; e o luxo Asiatico infecionando o Reino, e destruindo o amor da lavoura, da vida simples, frugal, e campestre, deo o ultimo golpe á Agricultura Portugueza.

D. Joaõ III. conheceo estes males, quiz remedialos; deo muitas e excellentes providencias; mas o mal era mui grande, e antigo; era preciso povoar o Reino; para o consegnir abandonou alguns presidios da Africa; mas isso naõ bastava.

O desgraçado Rey D. Sebastiaõ, depois de dar hum excellente regimento a respeito dos Paues do Reino, e outro dos Paues de Santarem, nos quaes se encontraõ o amor da agricultura, optimas providencias contra os estragos das cheas sobre a direcçaõ dos reparos, e tapumes; sobre o cuidado, e vigilancia, que devia haver na abertura das vallas, &c. &c.; por huma especie de contradicçaõ, arrancou dos mesmos campos, que pertendeo beneficiar, onze mil homens, que eraõ precisos á sua cultura; conduzio-os aos campos

de Africa; e o tragico fim que ali tiveraõ he mui sabido e dolorozo, para se repetir.

Seguirãõ-se sessenta annos de escravidãõ, e miseria; e a agricultura chegou ao ultimo ponto da sua decadencia, e ruina.

Pela mais feliz, e bem combinada revoluçaõ, subio ao throno a Augusta Caza de Bragança. Nos reinados dos Senhores Reys D. Joaõ IV., D. Pedro II., e D. Joaõ V. deraõ-se algumas providencias; promulgaraõ-se diversas leis relativas á Agricultura: mas como a origem principal da sua ruina, a falta de populaçaõ, naõ se remediou, Portugal continuou a estar na dependencia dos estrangeiros, a quem dava, e dá hoje ainda, grande parte do seu dinheiro para ter o paõ, e legumes, que lhe faltaõ, e deque n'outro tempo superabundava.

Quando o Senhor D. Joze I. de memoria immortal, subio ao throno, a populaçaõ de Portugal montava pouco mais, ou menos a dois milhoens e meio, e o Reino apenas dava o paõ precizo, para metade dos habitantes! A falta destes, a má educaçaõ que ate ali se dava á mocidade; a ignorança da verdadeira gloria, dos verdadeiros interesses publicos, e da verdadeira riqueza nacional; a multidaõ de ecclesiasticos seculares, e regulares, e consequentemente a diminuiçaõ do povo agricultor; as vexaçoens feitas pelos grandes, e Senhores de herdades aos seus colonos; a imposiçaõ de direitos exorbitantes em todos os generos da primeira necessidade; o pouco disvelo na cultura, e administraçaõ das lezirias; taes eraõ, em geral, as funestas cauzas desta desordem publica.

Este monarcha, diante de quem tremia quem fez tremer os outros pelo seu despotismo, cortou pela raiz grande parte destes males: estabeleceo hum novo, e util plano de educaçaõ para a mocidade de todas as classes; prohibio aos Bispos o ordenar, e aos prelados das differentes ordens religiosas o receber individuo algum, sem que elle mesmo examinasse, e conhecesse a necessidade que disso havia: regulou a emigraçaõ para o Brazil; chamou da America para Portugal os homens mais opulentos; premiou aquelles que empregavaõ as suas riquezas na cultura das terras e honrou-os: cohibio as vexaçoens, que os donos das

herdades do Alem-Tejo faziaõ aos seus colonos : ordenou que senão taxassem os viveres : os direitos exorbitantes do trigo, farinha, centeio, cevada, aveia, e legumes foraõ reduzidos : creou diversas companhias : reformou a administração das importantissimas Lezírias de Riba-Tejo : animou a cultura da seda : introduzio, e protegeo a cultura do arroz, que hoje se colhe em bastante quantidade em varias partes de Portugal principalmente em Alcacer do Sal, Comporta, e Silves, como nos mesmos observamos. Agricultura, e Commercio, como fontes da prosperidade, e riqueza nacional, taes foraõ os objectos mais caros a este grande Monarcha.

Sua Augusta Filha, digna Herdeira do seu throno, e virtudes, não só mandou executar muitas providencias de seu Augusto Pai; mas deo outras, de que resultariaõ grandes bens, se as regiões intençoens fossem fielmente cumpridas, o que mais de huma vez se não verificou.

O encanamento do Rio Mondego seria de huma utilidade incalculavel para a agricultura da mais bella parte da Beira, se a ignorancia de hydraulica, a dilapidação, ou desperdicio dos capitaes juntos, e destinados para fim tão util, não frustrassem tão grande, e interessante projecto. Tratava-se, alem disso, do bem publico, e promoveo-se somente o bem de hum só.

As boas estradas são indispensaveis para o progresso da agricultura : sem ellas não he possivel que o commercio interno prospere : a nossa Augusta Soberana conhecia esta verdade: começou por mandar abrir estradas Reaes de Lisboa para Santarem, Villa das Caldas, e Porto: esta ultima concluiu-se ate Coimbra: a Providencia privou-nos das luzes de huma Soberana realmente grande, e aquella soberba estrada não só se não continuou; mas por huma especie de fatalidade, que tantas vezes tem feito abortar os melhores projectos em Portugal, deixou-se arruinar, e perder a que estava feita.

Tomou as redeas do Governo o melhor dos Principes. Elle conhece de quanta importancia he n'hum estado huma florente agricultura : mas as circumstancias summamente difficeis em que Portugal, e a Eu-

rôpa se tem achado, des de 1794, tem obstado a que Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor promovesse a população, e agricultura tanto, quanto o exige imperiozamente o bem do estado, e altamente o dezeja o Seu Coração Paterno. Conservar os seos vassallos em paz, sem a qual nem commercio, nem agricultura prosperaõ, foi sempre o seu primeiro cuidado, o seu paternal disvelo. Elle fez todos os sacrificios, que eraõ compatíveis com a honra do throno para affastar dos seos estados as calamidades da guerra; e se não pôde evitar a de 1801, Sua Alteza Real bem de pressa lhe poz termo comprando a paz, que tantos sacrificios custou ao seu coração, e ao seu erario. Mas nem o tratado de Badajoz e de Madrid, nem o de neutralidade de 1804, poderaõ pôr termo á desenfreada ambição do tyranno da Europa. Sua Alteza Real foi constrangido a deixar os seos estados do antigo mundo, e passar aos do novo. Esta heroica resolução transtornou todos os planos do *Curso astucioso*: seguiu-se a guerra, que ha tres annos enche de confusão, e vergonha os exercitos escravos do *monstro*, e que tem coberto de gloria os exercitos combinados, os defensores da liberdade de Portugal, da Hespanha, da Europa, e do mundo. Portugal vai de novo gozar tranquillos dias; e Sua Alteza Real, livre de inquietaçoens, e sustos, se dará todo á felicidade de hum povo, que tanto lho merece. Seguindo o exemplo de Sancho I., D. Deniz, D. Fernando, D. Joze I., e de Sua Augusta Mai, promoverá a população, a agricultura, e o commercio. Muitas das providencias adoptadas por aquelles Augustos Monarchas sobre taõ importantes objectos merecem ser postas em rigida observancia: mas ellas não bastaõ: são precisas novas leis accomodadas as circumstancias actuaes, e aos progressos que a botanica, a agricultura, e a chymica tem feito, nestes ultimos tempos.

Mas paraque as leis sejaõ de boa vontade, e promptamente executadas, he necessario que os povos conheçaõ os bens, que da sua execuçaõ resultaõ; e que os delegados do soberano, isto he, aquelles a quem pertence a execuçaõ das leis, os ministros, as entendaõ, e conheçaõ a importancia dos objectos de que ellas trataõ. Mas que ideas, e conhecimentos de agricul-

tura tem os que apenas estudão jurisprudencia? Nenhuns: e se os tem porque não tem esclarecido os povos?

Nas viagens, que fizemos por todo o Portugal, nos vimos com dor por toda a parte vastos, e preciozos terrenos incultos: nos vimos em muitas partes os lavradores cançando-se de balde a cultivar terrenos improprios para as sementes, que lhes lançavaõ: gastando dobrado tempo, e empregando duplicado trabalho daquelle, que seria precizo, se conhecessem os melhoramentos, que se tem feito nos diversos instrumentos, e maquinas ruraes. Nos vimos em muitas partes os animaes empregados na agricultura magros, e perecendo de fome á mingoa de pastos; e esta provindo, entre outras cauzas, da falta de prados artificiaes, que não ha em Portugal, onde talvez são mais precizos, que em nenhuma outra parte. Os estrumes, que geralmente se empregão, são poucos, e esses maos. O methodo de fazer as colheitas dos diversos productos da agricultura, he, em geral mui penoso, difficil, e despensiozo. A maneira de converter estes productos em uzos ordinarios, geralmente fállando, não he boa: e daqui vem que podendo nos ter os melhores, e mais exquisitos vinhos, somente são conhecidos os do Doiro, Carcarvellos, Setubal, e Bucellas. Nos podiamos ter o mais preciozo azeite do mundo, e em muita abundancia; e nos não temos o que he precizo; e o pouco que temos não he bom.

Nos vimos em muitas partes de Portugal campos arruinados, Lezirias perdidas pelas enchentes, donde se podiaõ tirar e se tiravaõ n'outro tempo incalculaveis utilidades. Nos vimos Paues, que facilmente se podiaõ cultivar, e de perniciozos que são, tornarem-se de grande proveito.

Ha leis calculadas com muita sabedoria para prevenir a maior parte dos males de que acabamos de fallar: ha leis para os remediar depois de feitos: ellas não estão derogadas pelo Soberano: porque razão pois as não executaõ as Authoridades Municipaes, e os Ministros territoriaes? Entre as Memorias de Agricultura da Academia Real das Sciencias de Lisboa ha muitas, que não cedem ás melhores das mais

celebres Academias da Europa: mas de que servem-se huns daquelles a quem o Soberano confia o governo de seos Povos não as lem; e o que he mais criminoso ainda, e mais detestavel, ate são inimigos declarados dos que estudaõ Sciencias Naturaes; e outros se as lem, não as entendem, porque não tem os principios necessarios?

De que fica dito concluimos, que não só he preciso educar os Agricultores, mas taõbem aquelles que se destinaõ a governa los e a promover a sua felicidade. He pois absolutamente preciso que todos os que se destinaõ aos lugares de letras sejaõ obrigados a formar se taõbem em Philosophia: só assim poderaõ adquirir os conhecimentos' necessarios de Phisica, de Mechanica, de Chymica, de Botanica, e Agricultura: só assim poderaõ instruir os povos sobre os seos verdadeiros interesses; só assim poderaõ entender as excellentes Leis Agrarias, que temos; só assim acabará aquelle ignorante, e insultador desprezo, que os homens de *Sciencias Positivas*, tem pelos que se applicaõ as *Sciencias Naturaes*.

Alem das palpaveis utilidades, que necessariamente proviriaõ desta medida, rezultariaõ outras de grande monta, a nosso ver. O numero dos pertendentes aos lugares de letras diminuiria: não haveria por tanto vinte requerentes para hum só lugar; cessaria em grande parte aquelle jogo de relaçoens, e empenhos, e algumas vezes de corrupção, que, apezar da Innata Justiça do Soberano, e algumas vezes dos seos Ministros, eleva a empregos da mais alta importancia individuos não só ignorantes, mas muitas vezes perversos, em toda a estensaõ da palavra.

Dado este passo, seria facil formar huma Sociedade de Agricultura em cada cabeça de commarca composta dos lavradores mais experimentados, Medico, ou Medicos da Camara, Juis de Fora, e Corregedor, que seria o Prezidente nato. Ella teria a seo cargo o colligir todos, os conhecimentos, e descobertas modernas sobre os differentes ramos de Agricultura, e a justa applicaõ dellas ao terreno, e mais circumstancias particulares daquella commarca. Ella teria o cuidado de redigir em lingogem clara, e adaptada á capacidade de todos os lavradores os principios fun-

damentaes, e genericos de Agricultura. Ella deveria ensinar aos lavradores a conhecer os terrenos proprios para esta semente, e não para aquella; quaes são os terrenos proprios para taes, ou taes plantas; maneira de ter prados artificiaes, de fazer estrumes, de facilitar a cultura, e colheita dos generos; methodo mais facil, util, e economico de os converter e preparar para o uzo da vida, &c. &c. &c.

Todos os Juises de Fora, e Medicos da commarca deveriaõ ser socios correspondentes daquella Sociedade; e aquelles seriaõ obrigados a mandar pôr em pratica nos seos respectivos districtos todas as providencias, que a Sociedade lhe communicasse, indo assignadas pelo Prezidente, &c.

Seria alem disso para dezejar, que na Universidade de Coimbra se estabelecesse hum curso regular de Veterlnaria, de que taõ poucas ideas ha em Portugal; e que os seos objectos o fossem taõbem das Sociedades de Agricultura, deque acima fallámos.

Na Inglaterra, onde a Agricultura está levada a hum ponto de perfeição, que se não acha em parte alguma do mundo, todos os dias se estabelecem novas Sociedades de Agricultura: porque se não hade seguir o seo exemplo em Portugal, onde ella se acha no mais triste, e deploravel atrazamento?

Desenganem-se por huma vez todos os Governos, que sem Agricultura, e sem commercio não pode haver riqueza nacional; que he pois necessario empregar todos os meios de promover aquella, e facilitar este; que he preciso cortar pela raiz todos os obstaculos, que se oppoem ao augmento da população do Estado. O melhor dos Principes conhece esta verdade; e he por isso, que, segundo a informação que temos dos nossos correspondentes, Sua Alteza Real ordenou ja aos Governadores de Portugal, que procedessem immediatamente ao mais escrupulozo exame sobre a diminuição que tem havido na população de Portugal, suas cauzas, e meios mais efficazes, e promptos de a fazer prosperar, e crescer. Praza ao Ceo, que as pessoas a quem os Governadores incumbirem esta importantissima commissão a saibaõ desempenhar; porque ella não he taõ facil como á primeira vista parece.

Entre outras providencias, que Sua Alteza Real tem dado para animar, e facilitar o Commercio Portuguez merece mui particular elogio a Regia Resolução pela qual Sua Alteza Real querendo augmentar o commercio, e navegação Nacional, e a prosperidade assim de Portugal, como do Estado do Brazil, ordenou que os generos do dito Estado, que se exportarem para fora do Reino paguem somente 4 por cento por baldeação. Maior reconhecimento, e elogio merece ainda o Decreto expedido na Corte do Brazil, em 26 de Janeiro de 1811, pelo qual se determina que todos os generos produzidos naquelles vastos, e ricos Estados, e que das Alfandegas de Lisboa, e Porto sabirem para Portos Estrangeiros, ou se baldearem dos Navios, que os conduzirão, para outros com o mesmo destino, paguem somente dois por cento de Direitos de baldeação. Outro tanto dizemos do estabelecimento mandado fazer na Ilha de S. Miguel por Alvará de 26 de Outubro de 1810.

Ve-se pois que a Corte do Brazil conhece a importancia da Agricultura, e Commercio, conhece a necessidade de animar aquella, e facilitar este e que toma serias medidas para conseguir taõ util fim. Mas por mais esclarecido que seja hum Governo, são tantos os objectos a que tem de attender, e cada hum delles de tanto momento, e pézo, principalmente nas actuaes circumstancias; que he quasi impossivel providenciar tudo. He pois necessario, que os vassallos, em vez de se occuparem somente em censuras imprudentes e em se prejudicarem reciprocamente, empreguem todos os seus esforços, e luzes em esclarecer o Governo. Este pode ter, por exemplo, os mais luminosos principios theoricos sobre o commercio em geral, mas da theoria á pratica vai grande differença: pertence pois aos Negociantes escrever sobre os seus proprios interesses, e dirigir ao throno os seus planos, e representaçoens, que sendo justas, e tendo em vista o bem geral, e não o de hum, ou outro individuo, necessariamente haõ de ser acolhidas. No attendivel, e interessante Corpo dos Negociantes de Lisboa, Porto, Rio de Janeiro, e mais portos ha sem duvida homens respeitaveis pelas suas luzes, pela sua pratica, e probidade: formem-se *clubs* compostos dos

mais intelligentes, e honestos escolhidos a maioridade de votos; e tenha este a seo cargo escrever, propor, e representar tudo o que for a bem do commercio em geral, e dos seos differentes ramos. Sigaõ os Negociantes Portuguezes o exemplo dos de Inglaterra; sigaõ o exemplo dos mesmos Negociantes Portuguezes estabelecidos em Londres, que ja fermáraõ o seo Club, e cujo estabelecimento nao pode deixar de merecer a approvaçaõ de hum Principe, que esta altamente convencido de que a sua felicidade he inseparavel da dos seos povos. A representaçaõ de hum so pode, talvez, ser supprimida, ou desprezada: mas a de huma corporaçãõ de cuja felicidade depende em grande parte a do Estado, nunca deixará de ser attendida, quando a justiça, principios luminozos, e o bem geral a tiverem dictado

TOTAL DOS GENEROS

QUE

ENTRARAO PELA BARRA DE LISBOA,

Em o mez de Abril de 1811, segundo as declaraçoens dos Mestres.

- Trigo—8,958 moios—4,721 sacas—8,122 barriz.
Cevada—4,556 moios—50 sacas, e 4,876 barriz.
Aveia—2,617 moios, e 10 alqueires—12,035 sacas,—
6,060 barriz.
Milho—5,885 moios—1,535 sacas—265 barriz.
Centeio—898 moios—676 barriz,—275 sacas.
Feijão—95 moios—14 barriz—796 sacas.
Ervilhas—39 sacas—40 barriz.
Batatas—960 moios—148 cestos—27 barriz.
Farinha de trigo—80,677 barricas—1,661 sacas.
Dita de milho—600 barricas.
Dita de centeio—232.
Arroz—6,193 barricas—1788 sacas.
Biscoito—1,436 barriz—1318 sacas.
Vinho—7758 pipas e meia—480 barriz—2,016 caixas.
Vinagre—52 pipas.
Agoa ardente—1856 pipas—613 barriz.
Carne Salgada—1357 barricas.
Prezuntos—1,077 arrobas—26 canastras—4 barriz—
e 2,385 prezuntos soltos.
Toucinho—110 arrobas.
Azeite—114 pipas—a 420 caixas.
Manteiga—9,841 barricas—130 dita de porto.
Bacalhão—11,220 quintaes.
Alum—20 pipas.
Peixe páo—2,400 quintaes.
Peixe lim—20 quintaes.
Arenques—204 barricas.
Gueijos—3,158 cestos—20 barricas, e 270 ditos soltos.
Passas—250 caixas—e 100 ceiras.
Bois—40.
Oleo de Linhaça—2 pipas.

CORRESPONDENCIA.

SNR. EDITOR,

Offereço a Vm^{cc.} os mappas incluzos da Povoação do Reino de Portugal em 1801, das Ilhas da Madeira, Açores, e Cabo Verde em diversos annos; lizongendo-me que Vm^{cc.} lhes dará lugar em algum numero do Jornal que nos tem promettido.

Junto algumas observações sobre os ditos mappas, que deixo ao arbitrio de Vm^{cc.} o publica-las, se achar que o merecem.

De Vm^{cc.}

Muito Venerador

I. Q. N.

OBSERVAÇÕES SOBRE OS MAPPAS DA POVOAÇÃO DO REINO, E ILHAS.

CONHECIMENTO exacto da Povoação de Portugal creio que nunca houve se não for, talvez, o que se apresenta agora ao Publico. A razão porque o primeiro mappa não foi publicado não me consta; mas pode se prezumir, que sendo a enumeração feita em 1801, os mappas parciaes não seriaõ apurados antes de 1802, ou 1803; e entãõ concorreraõ as pertençoens do General Lanes com o rompimento da guerra entre Inglaterra e França, com a mudança de Ministerio em Portugal, e todos os trabalhos que preparáram a catastrophe de 1807, e a glorioza resolução de Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor. He provavel fosse posto entãõ de parte este objecto, assim como muitos outros de interesse para os Portuguezes.

Se devemos crer o que diz J. J. Soares de Barros na

sua Memoria sobre as cauzas da differente Povoação de Portugal, inserida entre as Memorias economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa (tom. 1. pag. 123), havia, ou conhecia elle huma enumeração feita pelos Bispos, cujo rezultado total quadra muito com o presente Mappa; e esta observação dezejaria que ferisse a attenção daquella classe de leitores, que se interessão, e se occupaõ de calculos de Statistica para em *primeiro* lugar se estabelecer fora de toda a controversia o facto—que a Povoação de Portugal foi estacionaria, isto he, nao cresceo nem diminuiu desde o anno de 1770, ou 1771 (em que provavelmente foi essa enumeração feita, se o foi, como diz J. J. Soares de Barros pouco depois da divizaõ dos Bispados) ate o de 1801, epocha do presente Mappa; isto he n'hum espaço de 40 annos.—Em *segundo* lugar para se investigarem as cauzas deste equilibrio; porque sabidas, ou antes notorias são as muitas que tendem a enfraquecer a Povoação de Portugal*.

O facto referido como provavel, parece demonstrado pelo que toca ás Ilhas Açores. Acha-se huma enumeração no Derotero de Tofino, que parece que lhe foi dada com authoridade, cujo total he, com pouca differença, o que dá o Mappa No. 2.

Nas Ilhas Açores não tem lugar a cauza, que sempre se suppoz, que mais retarda o augmento da Povoação, quero dizer a falta de producção propria, e igual, ao menos, ao consumo de seos habitantes ou ella proceda da esterelidade do terreno, ou de qualquer outro principio que embarace a agricultura.

A fertilidade das Ilhas Açores passa em proverbio. O seo terreno he volcanico, e assemelha-se em todos os respeitoos ao do Reino de Napoles, (se exceptuarmos sempre as qualidades dos habitantes, que produz.) As Ilhas não só produzem quanto basta para o sustento dos seos habitadores, mas exportaõ para o Reino huma quantidade notavel de milho, feijão, favas, e taobem algum trigo.

* Das palavras do A. citado parece que estas listas das freguezias, e fogos do Reino se achavaõ impressas: mas o numero da Povoação que o A. dellas deriva, he calculado a ração de 5 por fogos 633,432: mas nessa ração, e para Portugal poucos concordão.

A clausura dos Portos de Portugal foi fatal aos Ilheos em quanto durou, e por felicidade não durou muito, porque foraõ baldadas as diligencias que me consta se fizeraõ para achar naquelle tempo, nas Antilhas hum mercado, que substituir ao de Portugal: —novo argumento, e hum dos menores, mas nunca para se pôr em esquecimento—e que prova a que ponto de cegueira tinhaõ as illuzoens Francezas levado o entendimento daquelles, que imaginavaõ possível, e prégavaõ como hum grande recurso para a tranquillidade do Reino a clausura dos seos portos á Marinha Ingleza, que por ser ella de facto senhora dos mares, se transformava em clausura universal para todo o Commercio. Segue-se pois (para tornar ao nosso assumpto) que as cauzas, que retardaõ o augmento dos habitantes prevalecem nas Ilhas Açores sobre a extrema fertilidade, cultura, e exportação.

Não succede assim na Ilha da Madeira, que muito pouco produz do que he necessario para a sua sustentação.—O Mappa authenticico, e que pessoas natu-raes da mesma Ilha julgaõ ainda inferior á verdade, dá hum excesso sobre a enumeração que vimos do tempo do Governador Joaõ Antonio de Sá—de perto de $\frac{1}{3}$ no espaço de 30 annos que decorrerãõ de 1776 a 1806, em que estas duas enumerações foraõ feitas; e com tudo para pessoas practicas em calculos deste genero, este augmento nem he extraordinario, nem muito rapido. A grandeza da sua exportação em vinhos, e outras cauzas, compensaõ aqui por inteiro a falta de producção, e a concorrência de outras cauzas que influem no Reino, e Ilhas Açores.

Estas Ilhas gozaráõ sempre da reputação de ser summamente populozas. D. Francisco Manoel que escreveu nos primeiros annos da guerra da Acclamação, em huma epanaphora refere que o Governo de Castella mandára pessoas de alguma influencia ás Ilhas a levantar terços de gente desobrigada de que aquellas Ilhas tinhaõ fama de conter muita.

O recrutamento, e a expatriação dos cazaes levados para o Brazil, e a dos marinheiros, que andaõ servindo em vazos estrangeiros, são as cauzas, que mais geralmente se daõ para explicar, como ali se contraria a saudavel acção do clima, e da fertilidade; cau-

zas, por certo, que podem ser remediadas; porque nunca o marinheiro servirá entre Nações estrangeiras, se for empregado pela propria. Todos os principios se tocaõ no Governo do Estado; e aquella Nação, que pecca por hum descuido, pode estar certa, que hade vir a peccar por muitos outros. A Nação Portugueza tem-se muito esquecido, que a industria, e actividade dos seus Pescadores, e Navegantes forão a baze em que se fundou o espirito dos descobrimentos, a grandeza dos seus antigos Monarcas, e a heroicidade dos seus soldados:—e se alguém perguntar porque razão se não observa o mesmo defeito na Ilha da Madeira, não sei responder, senão allegando a forma de cultura das vinhas por colonos meeiros á moda de Toscana; a grande occupação, que dão a cultura, trafego, e embarque dos vinhos fixa ali a povoação mais do que nas Ilhas donde sahe, e quasi nunca volta, hum grande numero de excellentes marinheiros que andão pelas embarcações estrangeiras.

O recrutamento forçado depois de 1762, pertende J. J. Soares de Barros que por izentar os cazados, concorreo para crescer a povoação, augmentando-se os cazamentos. De facto, a antiga insufficientissima paga de dois vintens por dia, combinada com o serviço vitalicio deviaõ desgostar os animos Portuguezes daquelle genero de Milicia.

Continuando assim, e voltando á pequenez da Ilha da Madeira, em cujo Mappa apenas se nota o Paul da Serra, que parece admittir maior cultura, sobrepujará por extremo a final a multidaõ de habitantes, como succedia na Ilha, ainda menor, de Malta; e não he de enjeitar este resultado; porque a elle me parece que devia ter sido sempre tendente o espirito geral da Nação. Digo da Nação, porque he costume, nos ultimos tempos, accuzar sempre o nosso Governo—Estas culpas são reciprocas: os descuidos do Governo são os da Nação, e vice versa. Como poderia ser hum Governo froixo, se a Nação fosse activa?

Seria hum calculo curiozo, e não difficil de fazer, a comparação do que teria produzido o excesso da Povoação do Reino, se removidas todas as principaes cauzas, que retardão o seu accrescimo, e que se podem remover, se tivesse este excesso lançado sobre o

Brazil periodicamente, por effeito de attractivos naturaes, e não violencia transplantação de cazaes, como ás vezes se tem feito: e consultando os principios estatiscos, achar-se-ha que teria a gente branca naquelle vasto Imperio agora, isto he, depois de dois seculos, e meio desta operaçãõ, muito excedido tudo, quanto se pode imaginar, que elle contem prezentemente nas tres especies diversas—Branços, Negros, e Indios, e em todas as suas diversas misturas. Resultado que nos deve entristecer, menos pela contradicção em que se acha com as ideas philantropicas, ou liberaes, como affectadamente lhe chamaõ os adversarios do commercio da escravatura, doque pela differença de força, e de prosperidade, que teria aquelle Imperio, se o seo povo fosse como de Portugal, e das Ilhas, todo hum, e branco. E áquelles dos meos leitores, que accusarem de exaltação de ideas ete saudozo orsamento, aconselho que leaõ, e meditem a obra de Malthus *upon Population*; e dando-lhe o divido abatimento veraõ que n'hum clima feliz, e territorio fecundo, a habilidade he mais necessaria para impedir, doque para promover o excesso da Povoação.

Mas como este discurso me levaria mui longe direi somente que se houver incredulos a culpa deve dar-se a outra cauza, sempre lastimoza em seos effeitos que he a falta de livros, e trabalhos proprios sobre as nossas proprias coizas. Os homens que passaõ entre nos por mais instruidos uestes assumptos, derivaõ essa instrucção, que tem, de livros estrangeiros, escritos, por via de regra, com huma perfeita ignorancia do paiz, e muitos delles com a tenção descarada de abater, denegrir, envilecer, e representar como degenerada huma Nação, cujo patriotismo, e valor são inextinguiveis, cujo heroismo confunde agora todas as outras do Continente, aquem serve de Lição, e Modelo. Desta geral censura de livros estrangeiros, tratanto de Portugal, haverá mais, porem dois me parece, que se devem absolver. Hum he a obra de Link—outra a de Murphey:—ambos viajáraõ para objectos seientificos da sua profissão; ambos escreverãõ com moderaçãõ; ninguem entre os Sensatos poderã oppor ás suas criticas, senaõ o dezejo de emendar os defeitos. A obra de Link servirá nas maõs



Correspondencia.

de hum Mineralogista para fazer hum mappa Mineralogico do Reino, que verificado depois, e rectificado daria novas noçoens, e levaria a resultados uteis.

Huma prova desta falta de noçoens proprias, e exactas sobre as nossas proprias coizas, por me ter apparecido diante dos olhos, e soado repetidas vezes aos ouvidos, não posso deixar de a expor aqui, e dar-lhe para sempre, como vulgarmente se diz, carta de alforria.

Tenho lido impresso, e manuscripto ; tenho ouvido repetir a muitas pessoas notaveis, e o que mais he, da profissão do commercio, cuja rotina deveria bastar para se perceber o engano ; tenho ouvido pois, e lido, que o Reino de Portugal não tem pão senão para tres mezes ; e os mais liberaes dão-lhe para seis nos annos de grande fertilidade. Para acabar pois de huma vez com este absurdo accrescento o simplicissimo calculo seguinte.

Naõ me prevalecerei do computo que dá Domingos Vandelli em huma sua Memoria taobem inserta no 1º. tomo das Memorias Economicas da Acad. Real das Sciencias de Lisboa (porque se pode duvidar que elle tivesse os dados que aponta com a certeza da Sciencia,) segundo o qual a metade do que o Reino necessita para o seo consumo, e sementes, he a quantia de moios—462,000 ; pois não haveria em todos quantos generos exporta o Brazil, o Reino, e Ilhas com que pagar aos paizes estrangeiros esta importação de diversos graons :—direi somente o que segue.

A menor Povoação que se tem dado ao Reino de Portugal he 2,000,000

O menor consumo, que se orça de trigo, centeio, ou milho por cabeça de todas as idades he hum terço de moio, que por hum milhaõ de habitantes em hum anno, ou por dois milhoens em seis mezes, exigeria a importação de moios, 333,333

E para nove mezes em annos estereis 499,999

Vejaõ agora os Negociantes nos seos livros se Portugal tinha generos, ou metal para pagar esta importação ; e para largar a ironia, arbitrem elles hum preço medio aos generos, e comparem-no com a

somma, que pouco mais, ou menos se sabe que nos custa a importação de trigo, farinha, &c.

Sobre este ponto convem ler a Memoria de J. J. Soares de Barros; se bem que eu receio, que elle estimasse a importação de toda a sorte de graons em menos, do que a tenho ouvido reputar geralmente; e taobem porque duvido que lhe fosse tão facil avaliar a quantidade que vem de Hespanha, como a que entra pelos portos de mar.

A cauza deste engano, ou a repetição constante deste absurdo procede, segundo tenho ouvido, da circumstancia que se tomou o Reino por Lisboa; e que o trigo do Riba-Tejo, e provincia do Alemtejo parece que dá nos melhores annos para seis mezes de consumo daquella cidade; e em annos estereis, para tres mezes somente.

Taobem parece que tinha crescido (fallo sempre dos tempos anteriores á partida de Sua Alteza Real para o Brazil) a importação de toda a sorte de graõ nas cidades do Porto, e Lisboa; e este accrescimo, que não se pode dizer, sem conveniente exame, se procedeo taobem da diminuição de cultura; he effeito do augmento de povoação daquellas duas cidades, que crescerão em razão do commercio que lhe era proprio, a do Porto;—em razão do que lhe vinha do Brazil, India, &c. a de Lisboa.

O objecto destas observaçoens he menos ostentar instrucção do que solicitar os meios della, excitando a curiozidade, e o patriotismo dos Leitores; porque as circumstancias em que nos achamos, depois das tremendas perdas, que nos cauzou a invazão dos Francezes, exigem que todos cuidemos em reparar o edificio, que elles deixaraõ tão estragado; e o maior, e mais lamentavel, que elles nõs fizeraõ será sempre a diminuição de braços uteis, que ja eraõ poucos, para as nossas precizoens: de modo que se o não atalhar-mos a tempo, fará impossivel a satisfação do honroso legado, que nos deixáraõ os nossos maiores,

Que os muitos por ser poucos não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.

Nem julguem os meos Leitores, que na expressão

deste voto se comprehende, segundo a moda, o dezejo de declamar contro o excessivo numero de Clerigos, Frades, e Freiras. Tudo o que he excessivo, he máo, e tem más consequencias, ainda quando na sua origem he deliciozo.

Hum discreto numero proporcionado á necessidade para as funcçoens do seo Ministerio pode mui bem combinar-se com huma florescente agricultura, e industria: e se a moralidade do estado ecclesiastico for a que deve ser, segundo a sua Instituição, concorrerá muito essencialmente para a força do Estado, que entre os seos principaes elementos deve contar a moralidade dos seos habitantes.

O essencial remedio, para me servir das expressoens dos antigos a que se costuma sempre dar mais pezo doque ás dos vivos—o essencial he, como se expressa D. Luis da Cunha, e Alexandre de Gormão —“ Que se augmente a Agricultura, fazendo-se as estradas, e cortando-se os Ribeiros para navegar, e regar.”

Estes votos, que em 1748 eraõ bem practicaveis, são bem difficeis no estado em que os Francezes nos deixáraõ; mas o cuidado, e vigilancia dos Senhores Governadores do Reino, pelas providencias que tem dado, e que tem podido dar, mostraõ bem, quanto aquelles Senhores, que tantas, e taõ augustas provas tem dado do seo patriotismo, estaõ persuadidos desta verdade, e animados do mais puro, e ardente dezejo de a realizar.

Reservando-me para hum dos numeros seguintes a continuacão destas observaçoens, se os Snr^{es}. Redactores acharem que ellas merecẽm ser continuadas, terminarei com hum breve calculo proprio para illustrar o Mappa do Reino, o qual eu dezejaria, que alguẽm publicasse por inteiro, a fim de que se comparẽ com o novo, que os Senhores Governadores do Reino provavelmente haõ de ordenar, logo que se possa fazer com socego.

A diminuta povoacão que os livros estrangeiros daõ a Portugal passou das imperfeitas listas, que o Marquez de Abrantes deo a D. Luis Caetano de Lima, para a muito imperfeita Geographia deste Author, e delle para todos os mais.

O numero das freguezias de todo o Reino, segundo o nosso Mappa he de 4,053.

Conforme D. L. C. de L. 3,344, por que deixou comarcas inteiras de fora. A differença pois he de 709 freguezias.

A proporção por freguezia segundo D. L. C. de Lima he de 521 habitantes; numero que assas quadra com a proporção dos Reinos de Hespanha, mui analogos a este respeito. Ora multiplicando este numero por 709, numero das freguezias que lhe faltaõ, temos hum accrescimo de 369,389 almas; ao que he preciso ajuntar o numero dos menores de confissão, não incluidos nestas listas antigas; e depois o numero de Ecclesiasticos, bem que exagerado por certo, he demaziadamente; e achar-se-ha, que na hypothese mesmo do Marquez de Abrantes, e de D. L. C. de Lima, devia o Reino de Portugal conter em 1733 a povoação de 2,713,427. O calculo he como se segue

freguezias	1,742,220
Accrescimo de 709 ditas que elle deixou de fora a razaõ de 521 almas por freguezia, que he a proporção que dos seos dados resulta, e que não vai longe da que se observa no censo de Hespanha feito pelo Conde de Aranda em 1768, não tendo aqui presente o moderno feito pelo Conde de Florida Blanca	369,389

2,111,609

Ajunte-se-lhe a arbitrio, ou segundo o nosso Mappa hum sexto para os menores de confissão

351,934

Mais o absurdo numero, e impossivel, de Ecclesiasticos de todas as classes, que vem no Mappa de Jefferies

250,000

Será pois o total da Povoação ate 1733, na hypothese do Marquez de Abrantes, e de D. L. C. de Lima—Almas de toda a idade, Sexo, e estado

2,713,543

Lisboa, 25 de Maio de 1811.

I.Q.N.

Nos agradecemos mui cordealmente taõ precioza remessa; e rogamos ao seo author a continu-açaõ, que nos promette, das suas excellentes observaçoens, sobre as quaes temos de fazer algumas notas que reservamos para quando tiver concludido o seo interessante trabalho.

1000	1000	1000	1000
900	900	900	900
800	800	800	800
700	700	700	700
600	600	600	600
500	500	500	500
400	400	400	400
300	300	300	300
200	200	200	200
100	100	100	100
0	0	0	0
1000	1000	1000	1000
900	900	900	900
800	800	800	800
700	700	700	700
600	600	600	600
500	500	500	500
400	400	400	400
300	300	300	300
200	200	200	200
100	100	100	100
0	0	0	0
1000	1000	1000	1000
900	900	900	900
800	800	800	800
700	700	700	700
600	600	600	600
500	500	500	500
400	400	400	400
300	300	300	300
200	200	200	200
100	100	100	100
0	0	0	0
1000	1000	1000	1000
900	900	900	900
800	800	800	800
700	700	700	700
600	600	600	600
500	500	500	500
400	400	400	400
300	300	300	300
200	200	200	200
100	100	100	100
0	0	0	0
1000	1000	1000	1000
900	900	900	900
800	800	800	800
700	700	700	700
600	600	600	600
500	500	500	500
400	400	400	400
300	300	300	300
200	200	200	200
100	100	100	100
0	0	0	0

POPULAÇÃO DE PORTUGAL EM 1811.

ESTREMADURA.

Bispados	No. de freguezias.	Sexo masculino e suas diferentes idades.	Sexo feminino e ditas.	Fogos.			
Patriarcado	333	De 1 anno ate 7	37,128	- -	36,047		
		De 7 ate 25	69,196	- -	69,691		
		De 25 ate 40	53,626	- -	53,531		
		De 40 ate 60	50,245	- -	47,716	117,739	
		De 60 ate 80	18,773	- -	17,846		
		De 80 ate 100	2,005	- -	1,749		
		De 100 para cima	7	- -	17		
			<u>230,980</u>		<u>222,597</u>		
		Nasceraõ	- -	7,544	Nasceraõ	- -	7,234
		Morreraõ	- -	8,102	Morreraõ	- -	7,372
		Diffa. contra a população	- -	<u>658</u>	Diffa. contra a população	- -	<u>138</u>
Leiria	50	De 1 anno ate 7	5,629	- -	5,244		
		De 7 ate 25	10,278	- -	10,547		
		De 25 ate 40	6,222	- -	7,656	17,948	
		De 40 ate 60	6,789	- -	7,134		
		De 60 ate 80	3,134	- -	3,774		
		De 80 ate 100	302	- -	325		
		De 100 para cima	2	- -	3		
			<u>32,356</u>		<u>34,683</u>		
		Nasceraõ	- -	1,021	Nasceraõ	- -	993
		Morreraõ	- -	920	Morreraõ	- -	854
		Diffa. a favor da população	- -	<u>101</u>	Diffa. a favor da população	- -	<u>139</u>
Priorado do Crato	37	De 1 anno ate 7	2,908	- -	2,968		
		De 7 ate 25	4,956	- -	4,787		
		De 25 ate 40	2,976	- -	3,864	8,084	
		De 40 ate 60	3,147	- -	3,440		
		De 60 ate 80	1,179	- -	1,367		
		De 80 ate 100	113	- -	126		
		De 100 para cima	5	- -	1		
			<u>15,284</u>		<u>16,553</u>		
		Nasceraõ	- -	528	Nasceraõ	- -	596
		Morreraõ	- -	600	Morreraõ	- -	544
		Diffa. contra a população	- -	<u>72</u>	Diffa. a favor da população	- -	<u>52</u>

Prelazia de No. de freguezias.	Sexo masculino e diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Fogos.
Thomar 17	De 1 anno ate 7 - 576	- - - 1,491	
	De 7 ate 25 - 3,566	- - - 3,226	
	De 25 ate 40 - 2,283	- - - 2,324	5,594
	De 40 ate 60 - 2,023	- - - 2,356	
	De 60 ate 80 - 840	- - - 1,077	
	De 80 ate 100 - 77	- - - 111	
	<hr/>	<hr/>	
	9,365	10,585	
	Nascerao - 339	Nascerao - 290	
	Morrerao - 335	Morrerao - 260	
	Diffa. a favor da populaçao - 4	Diffa. a favor da populaçao - 30	

BEIRA.

Castello-branco 81	De 1 ate 7 - 6,423	- - - 5,887	
	De 7 ate 25 - 11,338	- - - 11,659	
	De 25 ate 40 - 7,214	- - - 8,330	18,472
	De 40 ate 60 - 6,438	- - - 6,968	
	De 60 ate 80 - 2,142	- - - 2,512	
	De 80 ate 100 - 181	- - - 258	
	<hr/>	De 100 para cima - 1	
	33,736	35,615	
	Nascerao - 1,412	Nascerao - 1,350	
	Morrerao - 1,198	Morrerao - 945	
	Diffa. a favor da populaçao - 214	Diffa. a favor da populaçao - 405	
Coimbra 278	De 1 ate 7 - 25,096	- - - 27,743	
	De 7 ate 25 - 41,986	- - - 44,559	
	De 25 ate 40 - 28,550	- - - 34,103	72,444
	De 40 ate 60 - 26,398	- - - 30,100	
	De 60 ate 80 - 10,585	- - - 13,575	
	De 80 ate 100 - 1,045	- - - 1,282	
	De 100 para cima - 3	- - - 8	
	<hr/>	<hr/>	
	133,663	151,370	
	Nascerao - 4,204	Nascerao - 4,003	
	Morrerao - 3,792	Morrerao - 3,733	
	Diffa. a favor da populaçao - 412	Diffa. a favor da populaçao - 270	
Aveiro 72	De 1 ate 7 - 2,620	- - - 7,138	
	De 7 ate 25 - 14,314	- - - 15,307	
	De 25 ate 40 - 8,423	- - - 10,726	
	De 40 ate 60 - 9,070	- - - 10,748	23,985
	De 60 ate 80 - 3,217	- - - 3,874	
	De 80 ate 100 - 253	- - - 332	
	De 100 para cima - 2	- - - 8	
	<hr/>	<hr/>	
	37,899	48,133	
	Nascerao - 1,560	Nascerao - 1,380	
	Morrerao - 1,707	Morrerao - 3,072	
	Diffa. contra a populaçao - 147	Diffa. contra a populaçao - 1,692	

Freguezias.	Sexo masculino e suas idades.	Sexo feminino e ditas.	Fogos.
Guarda 205	De 1 anno ate 7	8,147	8,131
	De 7 ate 25	17,304	18,016
	De 25 ate 40	9,713	11,866
	De 40 ate 60	9,446	10,745
	De 60 ate 80	2,667	3,119
	De 80 ate 100	186	209
	De 100 para cima		2
		<u>47,463</u>	<u>52,088</u>
	Nasceraõ	1,751	1,729
	Morreraõ	1,481	1,354
	Diffa. a favor da população	270	475
Vizeu 200	De 1 ate 7	14,045	13,463
	De 7 ate 25	24,186	24,745
	De 25 ate 40	14,757	18,974
	De 40 ate 60	15,035	17,680
	De 60 ate 80	5,946	6,597
	De 80 ate 100	529	528
	De 100 para cima	2	3
		<u>74,500</u>	<u>81,990</u>
	Nasceraõ	2,532	2,501
	Morreraõ	2,437	2,379
	Diffa. a favor da população	95	122
Pinhel 147	De 1 ate 7	4,344	2,938
	De 7 ate 25	7,709	6,501
	De 25 ate 40	5,331	4,447
	De 40 ate 60	5,651	4,086
	De 60 ate 80	1,523	1,036
	De 80 ate 100	90	55
	De 100 para cima		1
		<u>24,648</u>	<u>19,064</u>
	Nasceraõ	669	641
	Morreraõ	626	631
	Diffa. a favor da população	43	10
Lamego 238	De 1 ate 7	12,269	11,776
	De 7 ate 25	20,788	21,135
	De 25 ate 40	13,666	16,067
	De 40 ate 60	13,499	14,704
	De 60 ate 80	5,114	5,714
	De 80 ate 100	489	583
	De 100 para cima	12	4
		<u>65,837</u>	<u>69,983</u>
	Nasceraõ	2,485	2,369
	Morreraõ	2,091	1,952
	Diffa. a favor da população	394	417

		Sexo masculino e suas idades.		Sexo feminino e ditas.	Fogos.	
Izento de Sta. 6 Cruz	De 1 anno ate 7	-	423	-	407	
	De 7 ate 25	-	831	-	814	
	De 25 ate 40	-	486	-	657	
	De 40 ate 60	-	483	-	559	
	De 60 ate 80	-	115	-	214	
	De 80 ate 100	-	9	-	17	
			<u>2,347</u>		<u>2,668</u>	
		Nasceraõ	74	Nasceraõ	69	
		Morreraõ	66	Morreraõ	66	
		Diffa. a favor da populaçãõ	8	Diffa. a favor da populaçãõ	3	
MINHO.						
Braga	1,292	De 1 ate 7	-	54,453	-	53,304
		De 7 ate 25	-	94,290	-	100,606
		De 25 ate 40	-	59,292	-	75,733
		De 40 ate 60	-	62,841	-	74,090
		De 60 ate 80	-	27,038	-	30,641
		De 80 ate 100	-	2,905	-	2,841
	De 100 para cima	-	40	-	28	
			<u>300,859</u>		<u>337,243</u>	
		Nasceraõ	11,580	Nasceraõ	10,267	
		Morreraõ	8,000	Morreraõ	8,604	
		Diffa. a favor da populaçãõ	3,580	Diffa. a favor da populaçãõ	1,663	
Porto	339	De 1 ate 7	-	26,071	-	24,424
		De 7 ate 25	-	52,473	-	53,366
		De 25 ate 40	-	29,342	-	35,368
		De 40 ate 60	-	30,186	-	33,335
		De 60 ate 80	-	10,623	-	11,880
		De 80 ate 100	-	992	-	1,047
	De 100 para cima	-	8	-	11	
			<u>149,698</u>		<u>160,431</u>	
		Nasceraõ	5,384	Nasceraõ	5,244	
		Morreraõ	3,405	Morreraõ	3,446	
		Diffa. a favor da populaçãõ	1,979	Diffa. a favor da populaçãõ	1,798	
Izento de Grijó		De 1 ate 7	-	542	-	410
		De 7 ate 25	-	949	-	806
		De 25 ate 40	-	541	-	610
		De 40 ate 60	-	739	-	646
		De 60 ate 80	-	272	-	183
		De 80 ate 100	-	24	-	19
			<u>3,067</u>		<u>2,674</u>	
		Nasceraõ	95	Nasceraõ	87	
		Morreraõ	60	Morreraõ	77	
		Diffa. a favor da populaçãõ	35	Diffa. a favor da populaçãõ	10	

1,378

162,960

81,913

1,456

ALEM-TEJO.

		Sexo masculino e suas diversas idades.		Sexo feminino e ditas.	Fogos.		
Evora	144	De 1 anno ate 7	-	9,217	-	6,308	
		De 7 ate 25	-	15,552	-	13,999	
		De 25 ate 40	-	11,878	-	11,761	
		De 40 ate 60	-	12,994	-	11,954	
		De 60 ate 80	-	4,476	-	4,648	
		De 80 ate 100	-	412	-	465	
		De 100 para cima	-	3	-	5	
				54,532		51,140	
		Nasceraõ	-	1,959	Nasceraõ	-	1,908
		Morreraõ	-	2,941	Morreraõ	-	2,891
		Diffa. contra a popula- çaõ	-	982	Diffa. contra a populaçaõ	-	933
Portalegre	41	De 1 ate 7	-	2,812	-	2,668	
		De 7 ate 25	-	5,833	-	5,925	
		De 25 ate 40	-	3,589	-	2,901	
		De 40 ate 60	-	3,630	-	3,586	
		De 60 ate 80	-	962	-	1,226	
		De 80 ate 100	-	62	-	96	
		De 100 para cima	-		-	2	
				16,888		16,404	
		Nasceraõ	-	627	Nasceraõ	-	635
		Morreraõ	-	727	Morreraõ	-	744
		Diffa. contra a popu- laçaõ	-	100	Diffa. contra a populaçaõ	-	109
Elvas	44	De 1 ate 7	-	2,310	-	2,577	
		De 7 ate 25	-	8,049	-	6,017	
		De 25 ate 40	-	5,623	-	4,584	
		De 40 ate 60	-	5,928	-	4,735	
		De 60 ate 80	-	2,012	-	1,700	
		De 80 ate 100	-	154	-	176	
		De 100 para cima	-	3	-		
				23,381		19,769	
		Nasceraõ	-	755	Nasceraõ	-	807
		Morreraõ	-	1,388	Morreraõ	-	1,263
		Diffa. contra a popu- laçaõ	-	633	Diffa. contra a populaçaõ	-	456
Beja	118	De 1 ate 7	-	9,706	-	10,136	
		De 7 ate 25	-	15,868	-	17,062	
		De 25 ate 40	-	11,373	-	13,127	
		De 40 ate 60	-	10,746	-	11,071	
		De 60 ate 80	-	2,931	-	3,494	
		De 80 ate 100	-	242	-	325	
		De 100 para cima	-	2	-	3	
				50,868		55,218	
		Nasceraõ	-	2,170	Nasceraõ	-	2,030
		Morreraõ	-	2,205	Morreraõ	-	2,188
		Diffa. contra a popu- laçaõ	-	35	Diffa. contra a populaçaõ	-	138

ALGARVE.

Bispados	No. de freguezias.	Sexo masculino e suas diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Pogos.	
Faro	70	De 1 anno ate 7 -	9,577	- -	8,873
		De 7 ate 25 -	16,528	- -	17,825
		De 25 ate 40 -	10,129	- -	12,327
		De 40 ate 60 -	10,317	- -	10,817
		De 60 ate 80 -	2,598	- -	2,616
		De 80 ate 100 -	266	- -	279
		De 100 para cima -	4	- -	2
			<u>49,419</u>		<u>52,739</u>
		Nasceraõ -	2,268	Nasceraõ -	2,154
		Morreraõ -	1,530	Morreraõ -	1,631
		Differença a favor da populaçaõ -	<u>738</u>	Diffa. a favor da populaçaõ -	<u>523</u>

TRASDOSMONTES,

Miranda e Bragança	334	De 1 ate 7 -	6,090	- -	5,816
		De 7 ate 25 -	12,213	- -	11,874
		De 25 ate 40 -	7,947	- -	9,178
		De 40 ate 60 -	8,366	- -	9,064
		De 60 ate 80 -	3,268	- -	3,264
		De 80 ate 100 -	318	- -	278
			<u>38,202</u>		<u>39,474</u>
		Nasceraõ -	1,155	Nasceraõ -	1,120
		Morreraõ -	982	Morreraõ -	968
		Diffa. a favor da populaçaõ -	<u>173</u>	Diffa. a favor da populaçaõ -	<u>152</u>

RESUMO DA POPULAÇÃO DE PORTUGAL EM 1811.

ESTREMADURA.

Esta Provincia tinha 437 freguezias, e 149,361 fogos.

HABITANTES.

Do sexo masculino.		Do sexo feminino.	
De 1 anno ate 7	46,241		45,750
De 7 ate 25	89,996		84,251
De 25 ate 40	65,107		67,365
De 40 ate 60	62,204		60,646
De 60 ate 80	23,926		23,664
De 80 ate 100	2,497		2,311
De 100 para cima	14		81
	<u>289,985</u>		<u>284,008</u>
Nasceraõ naquelle anno	9,432	Nasceraõ	9,113
Morreraõ	9,957	Morreraõ	9,030
Differença contra a populaçãõ	525	Differença a favor	83

B E I R A .

Esta Provincia tinha 1,227 freguezias, e 223,793 fogos.

De 1 anno ate 7	73,367		77,483
De 7 ate 25	138,456		142,736
De 25 ate 40	88,140		105,170
De 40 ate 60	86,018		95,590
De 60 ate 80	31,309		36,641
De 80 ate 100	2,782		3,264
De 100 para cima	19		27
	<u>420,091</u>		<u>460,511</u>
Nasceraõ naquelle anno	14,687	Nasceraõ	14,042
Morreraõ	13,398	Morreraõ	14,132
Differença a favor da povoaçãõ	1,289	Differença contra	90

M I N H O .

Esta Provincia tinha 1,638 freguezias e 246,329 fogos.

De 1 anno ate 7	81,076		78,138
De 7 ate 25	147,712		154,778
De 25 ate 40	89,175		112,711
De 40 ate 60	93,766		108,071
De 60 ate 80	37,936		42,704
De 80 ate 100	3,921		3,907
De 100 para cima	48		39
	<u>453,634</u>		<u>500,348</u>
Nasceraõ	17,059	Nasceraõ	15,598
Morreraõ	11,465	Morreraõ	12,127
Differença a favor da populaçãõ	5,694	Differença a favor	2,471

ALEMTEJO.

Esta Provincia tinha 347 freguezias, e 80,932 fogos.

Do sexo masculino.		Do sexo feminino.	
De 1 anno ate 7	24,345		21,689
De 7 ate 25	44,302		45,003
De 25 ate 40	32,465		32,353
De 40 ate 60	33,298		31,346
De 60 ate 80	10,381		11,068
De 80 ate 100	870		1,062
De 100 para cima	8		10
	<u>145,669</u>		<u>142,531</u>
Nasceraõ naquelle anno	5,511	Nasceraõ	5,400
Morreraõ	7,261	Morreraõ	7,086
Differença contra a populaçaõ	<u>1,750</u>	Differença contra a populaçaõ	<u>1,686</u>

ALGARVE.

Este pequenissimo Reino tinha 70 freguezias, e 28,214 fogos.

De 1 anno ate 7	9,577		8,873
De 7 ate 25	16,528		17,825
De 25 ate 40	10,129		12,327
De 40 ate 60	10,317		10,817
De 60 ate 80	2,598		2,616
De 80 ate 100	266		279
De 100 para cima	4		2
	<u>49,419</u>		<u>52,739</u>
Nasceraõ	2,263	Nasceraõ	2,154
Morreraõ	1,530	Morreraõ	1,631
Differença a favor da populaçaõ	<u>733</u>	Differença a favor da populaçaõ	<u>523</u>

TRASOSMONTES.

Esta Provincia tinha 334 freguezias.

De 1 anno ate 7	6,090		5,816
De 7 ate 25	12,213		11,874
De 25 ate 40	7,947		9,178
De 40 ate 60	8,366		9,064
De 60 ate 80	3,268		3,264
De 80 ate 100	318		278
	<u>38,202</u>		<u>39,474</u>
Nasceraõ naquelle anno	1,155	Nasceraõ	1,120
Morreraõ	982	Morreraõ	968
Differença a favor da populaçaõ	<u>173</u>	Differença a favor da populaçaõ	<u>152</u>

POPULAÇÃO DAS ILHAS DOS AÇORES EM 1796.

Nomes das Ilhas.	Sexo masculino e suas diferentes idades	Sexo feminino e ditas.	Total.
Ilha Terceira.	De 1 anno ate 7	2,145	De 1 ate 7 - 2,090
	De 7 ate 15	2,403	De 7 ate 14 - 1,886
	De 15 ate 60	6,476	De 14 ate 40 - 5,718
	De 60 ate 90	1,488	De 40 ate 90 - 4,008
	De 90 para cima	7	De 90 para cima - 11
	<u>12,519</u>	<u>13,713</u>	26,232
	Nascerao de ambos os sexos	- 952	
	Morrerao	- 902	
	Diferença a favor da população	50	
S. Miguel	De 1 ate 7	4,916	De 1 ate 7 - 4,811
	De 7 ate 15	4,424	De 7 ate 14 - 4,190
	De 15 ate 60	10,785	De 14 ate 40 - 12,330
	De 60 ate 90	4,855	De 40 ate 90 - 10,975
	De 90 para cima	8	De 90 para cima - 3
	<u>24,988</u>	<u>32,309</u>	57,297
	Nascerao de ambos os sexos	- 2,258	
	Morrerao	- 1,399	
	Diferença a favor da população	859	
Sta. Maria	De 1 ate 7	262	De 1 ate 7 - 270
	De 7 ate 15	283	De 7 ate 14 - 220
	De 15 ate 60	920	De 14 ate 40 - 972
	De 60 ate 90	206	De 40 ate 90 - 690
	<u>1,571</u>	<u>2,152</u>	3,723
	Nascerao de ambos os sexos	- 137	
	Morrerao	- 96	
	Diferença a favor de população	41	
S. Jorge	De 1 ate 7	1,347	De 1 ate 7 - 1,202
	De 7 ate 15	1,194	De 7 ate 14 - 1,134
	De 15 ate 60	3,329	De 14 ate 40 - 3,451
	De 60 ate 90	763	De 40 ate 90 - 1,983
	De 90 para cima	3	De 90 para cima - 1
	<u>6,636</u>	<u>7,771</u>	14,407
	Nascerao de ambos os sexos	- 546	
	Morrerao	- 306	
	Diferença a favor da população	240	

Nomes das Ilhas.	Sexo masculino e suas diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Total.		
Pico	De 1 anno ate 7	2,115	De 1 ate 7	2,126	
	De 7 ate 15	2,331	De 7 ate 14	2,135	
	De 15 ate 60	5,137	De 14 ate 40	4,613	
	De 60 ate 90	1,284	De 40 ate 90	2,678	
	De 90 para cima	3	De 90 para cima	4	
		<u>10,870</u>		<u>11,506</u>	22,376
	Nasceraõ de ambos os sexos	-	746		
	Morreraõ	-	329		
	Diferença a favor da populaçaõ	-	417		
Fayal	De 1 ate 7	1,399	De 1 ate 7	1,272	
	De 7 ate 15	1,844	De 7 ate 14	1,811	
	De 15 ate 60	3,887	De 14 ate 40	3,294	
	De 60 ate 90	1,397	De 40 ate 90	2,051	
		<u>8,527</u>		<u>8,428</u>	16,955
		Nasceraõ de ambos os sexos	-	629	
	Morreraõ	-	381		
	Diferença a favor da populaçaõ	-	248		
Graciosa	De 1 ate 7	671	De 1 ate 7	621	
	De 7 ate 15	771	De 7 ate 14	578	
	De 15 ate 60	1,700	De 14 ate 40	1,534	
	De 60 ate 90	592	De 40 ate 90	1,373	
		<u>3,734</u>		<u>4,106</u>	7,840
		Nasceraõ de ambos os sexos	-	253	
	Morreraõ	-	176		
	Diferença a favor de populaçaõ	-	77		
Flores	De 1 ate 7	703	De 1 ate 7	710	
	De 7 ate 15	572	De 7 ate 14	460	
	De 15 ate 60	1,729	De 14 ate 40	1,463	
	De 60 ate 90	166	De 40 ate 90	528	
		<u>3,170</u>		<u>3,215</u>	6,385
		Nasceraõ de ambos os sexos	-	295	
	Morreraõ	-	125		
	Diferença a favor da populaçaõ	-	170		
Corvø	De 1 ate 7	91	De 1 ate 7	58	
	De 7 ate 15	58	De 7 ate 14	58	
	De 15 ate 60	247	De 14 ate 40	191	
	De 60 ate 90	7	De 40 ate 90	80	
		<u>403</u>		<u>387</u>	790
		Nasceraõ de ambos os sexos	-	28	
	Morreraõ	-	6		
	Diferença a favor da povoação	-	22		

POPULAÇÃO DA ILHA DA MADEIRA, EM DEZEMBRO DE 1811.

Nomes de freguezias.	Sexo masculino e suas diferentes idades.	Sexo feminino e ditas.	Nasce- raõ.	Morre- raõ	Diffa. a favor da populaçaõ.
Sé	De 1 anno ate 7	279	De 1 ate 7	215	
	De 7 ate 15	273	De 7 ate 14	205	
	De 15 ate 60	1,440	De 14 ate 50	1,341	
	De 60 ate 90	146	De 50 ate 90	427	
		<u>2,138</u>	<u>2,188</u>	236	168
N. S. do Calhão	De 1 ate 7	298	De 1 ate 7	258	
	De 7 ate 15	325	De 7 ate 14	273	
	De 15 ate 60	840	De 14 ate 50	994	
	De 60 ate 90	123	De 50 ate 20	293	
		<u>1,586</u>	<u>1,818</u>	111	91
S. Pedro	De 1 ate 7	286	De 1 ate 7	225	
	De 7 ate 15	280	De 7 ate 14	220	
	De 15 ate 60	1,460	De 14 ate 50	1,353	
	De 60 ate 90	154	De 50 ate 90	440	
		<u>2,180</u>	<u>2,238</u>	183	159
Sta. Luzia.	De 1 ate 7	196	De 1 ate 7	203	
	De 7 ate 15	172	De 7 ate 15	189	
	De 15 ate 63	470	De 15 ate 50	415	
	De 60 ate 90	176	De 50 ate 90	88	
		<u>1,014</u>	<u>895</u>	83	62
N. Sa. do Monte	De 1 ate 7	69	De 1 ate 7	67	
	De 7 ate 15	82	De 7 ate 14	151	
	De 15 ate 60	527	De 14 ate 50	475	
	De 60 ate 90	64	De 50 ate 90	93	
		<u>742</u>	<u>786</u>	72	57
S. Roque	De 1 ate 7	88	De 1 ate 7	93	
	De 7 ate 15	69	De 7 ate 14	73	
	De 15 ate 60	346	De 14 ate 50	362	
	De 60 ate 90	64	De 50 ate 90	60	
		<u>567</u>	<u>588</u>	61	18
Sto. Antonio	De 1 ate 7	325	De 1 ate 7	266	
	De 7 ate 15	315	De 7 ate 14	222	
	De 15 ate 60	852	De 14 ate 50	781	
	De 60 ate 90	121	De 50 ate 90	207	
		<u>1,613</u>	<u>1,476</u>	146	84
Corral das Freiras	De 1 ate 7	39	De 1 ate 7	31	
	De 7 ate 15	26	De 7 ate 14	20	
	De 15 ate 60	68	De 14 ate 50	66	
	De 60 ate 90	12	De 50 ate 90	13	
		<u>145</u>	<u>130</u>	11	5

Nome das fre- guezias.	Sexo masculino e suas diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Nasce- raõ.	Morre- raõ.	Diffa- rença.
S. Martinho	De 1 ate 7	198	De 1 ate 7	183	
	De 7 ate 15	209	De 7 ate 14	156	
	De 15 ate 60	380	De 14 ate 50	390	
	De 60 ate 90	95	De 50 ate 90	147	
	<u>882</u>		<u>876</u>	73	37
Camara de Lobos	De 1 ate 7	342	De 1 ate 7	264	
	De 7 ate 15	309	De 7 ate 14	227	
	De 15 ate 60	792	De 14 ate 50	767	
	De 60 ate 90	119	De 50 ate 90	218	
	<u>1,562</u>		<u>1,476</u>	119	58
Est. da Cama- ra de Lobos	De 1 ate 7	361	De 1 ate 7	332	
	De 7 ate 15	333	De 7 ate 14	214	
	De 15 ate 60	885	De 14 ate 50	835	
	De 60 ate 90	117	De 50 ate 90	230	
	<u>1,696</u>		<u>1,611</u>	130	90
Campanario	De 1 ate 7	212	De 1 ate 7	205	
	De 7 ate 15	185	De 7 ate 14	171	
	De 15 ate 60	562	De 14 ate 50	550	
	De 60 ate 90	99	De 50 ate 90	172	
	<u>1,058</u>		<u>1,098</u>	98	31
Rebeira Brava	De 1 ate 7	259	De 1 ate 7	308	
	De 7 ate 15	115	De 7 ate 14	93	
	De 15 ate 60	826	De 14 ate 50	870	
	De 60 ate 90	118	De 50 ate 90	197	
	<u>1,318</u>		<u>1,468</u>	104	91
Serra d'Agua	De 1 ate 7	101	De 1 ate 7	120	
	De 7 ate 15	85	De 7 ate 14	69	
	De 15 ate 60	230	De 14 ate 50	219	
	De 60 ate 90	28	De 50 ate 90	55	
	<u>444</u>		<u>463</u>	73	36
Atabua	De 1 ate 7	132	De 1 ate 7	105	
	De 7 ate 15	144	De 7 ate 14	101	
	De 15 ate 60	386	De 14 ate 50	403	
	De 60 ate 90	57	De 50 ate 90	115	
	<u>719</u>		<u>724</u>	60	45
Ponta do Sol	De 1 ate 7	367	De 1 ate 7	302	
	De 7 ate 15	285	De 7 ate 14	304	
	De 15 ate 60	987	De 14 ate 50	906	
	De 60 ate 90	122	De 50 ate 90	272	
	<u>1,761</u>		<u>1,784</u>	124	79

Freguezias.	Sexo masculino e suas diferentes idades.	Sexo feminino e ditas.	Nasce- raõ.	Morre- raõ.	Diffa.
Canhas	De 1 ate 7	268	De 1 ate 7	296	
	De 7 ate 15	290	De 7 ate 14	306	
	De 15 ate 60	912	De 14 ate 50	988	
	De 60 ate 90	94	De 50 ate 90	100	
	<hr/>	1,564	<hr/>	1,690	95 42 53
Magdalena	De 1 ate 7	139	De 1 ate 7	94	
	De 7 ate 15	51	De 7 ate 14	62	
	De 15 ate 60	122	De 14 ate 50	115	
	De 60 ate 90	29	De 50 ate 90	19	
	<hr/>	341	<hr/>	290	26 11 15
Arco da Catheta	De 1 ate 7	304	De 1 ate 7	29	
	De 7 ate 15	266	De 7 ate 14	170	
	De 15 ate 60	572	De 14 ate 50	697	
	De 60 ate 90	126	De 50 ate 90	235	
	<hr/>	1,268	<hr/>	1,131	96 52 44
Catheta	De 1 ate 7	260	De 1 ate 7	259	
	De 7 ate 15	233	De 7 ate 14	227	
	De 15 ate 60	657	De 14 ate 50	663	
	De 60 ate 90	157	De 50 ate 90	257	
	<hr/>	1,307	<hr/>	1,406	94 70 24
Prazeres	De 1 ate 7	64	De 1 ate 7	48	
	De 7 ate 15	79	De 7 ate 14	97	
	De 15 ate 60	162	De 14 ate 50	172	
	De 60 ate 90	25	De 50 ate 90	67	
	<hr/>	231	<hr/>	384	29 92 7
Paul	De 1 ate 7	71	De 1 ate 7	75	
	De 7 ate 15	64	De 7 ate 14	60	
	De 15 ate 60	167	De 14 ate 50	172	
	De 60 ate 90	23	De 50 ate 90	36	
	<hr/>	325	<hr/>	343	34 8 26
Fayam da Ovelba	De 1 ate 7	160	De 1 ate 7	138	
	De 7 ate 15	124	De 7 ate 14	119	
	De 15 ate 60	444	De 14 ate 50	492	
	De 60 ate 90	98	De 50 ate 90	111	
	<hr/>	826	<hr/>	860	46 12 34

Freguezias.	Sexo masculino, e suas diferentes idades.	Sexo feminino e ditas.	Nasce- raõ.	Morre- raõ.	Diffa.
Ponto do Pargo	De 1 anno ate 7	191	De 1 ate 7	163	
	De 7 ate 15	158	De 7 ate 14	141	
	De 15 ate 60	403	De 14 ate 50	470	
	De 60 ate 90	90	De 50 ate 90	128	
	<hr/>	842	<hr/>	902	75 45 30
Porto do Moniz	De 1 ate 7	214	De 1 ate 7	206	
	De 7 ate 15	249	De 7 ate 14	225	
	De 15 ate 60	476	De 14 ate 50	495	
	De 60 ate 90	87	De 50 ate 60	122	
	<hr/>	1,026	<hr/>	1,048	92 71 21
Ribeira da Jauella	De 1 ate 7	74	De 1 ate 7	67	
	De 7 ate 15	58	De 7 ate 14	40	
	De 15 ate 60	176	De 14 ate 50	159	
	De 60 ate 90	19	De 50 ate 90	36	
	<hr/>	327	<hr/>	302	25 17 8
Seissal	De 1 ate 7	74	De 1 ate 7	87	
	De 7 ate 15	76	De 7 ate 14	52	
	De 15 ate 60	307	De 14 ate 50	289	
	De 60 ate 90	24	De 50 ate 90	58	
	<hr/>	481	<hr/>	486	32 31 1
S. Vicente	De 1 ate 7	310	De 1 ate 7	325	
	De 7 ate 15	267	De 7 ate 14	231	
	De 15 ate 60	796	De 14 ate 50	773	
	De 60 ate 90	112	De 50 ate 90	264	
	<hr/>	1,485	<hr/>	1,593	140 89 51
Ponta Delga- da	De 1 ate 7	288	De 1 ate 7	243	
	De 7 ate 15	268	De 7 ate 14	239	
	De 15 ate 60	791	De 14 ate 50	783	
	De 60 ate 90	74	De 50 ate 90	250	
	<hr/>	1,421	<hr/>	1,515	139 72 67
Arco de S. Jorge	De 1 ate 7	54	De 1 ate 7	52	
	De 7 ate 15	45	De 7 ate 14	44	
	De 15 ate 60	137	De 14 ate 50	148	
	De 60 ate 90	21	De 50 ate 90	13	
	<hr/>	257	<hr/>	257	22 15 7

Freguezias.	Sexo masculino e suas diversas idades.	Sexo feminino e ditas.	Nascen- raõ.	Morre- raõ.	Diffa.
S. Jorge	De 1 anno ate 7	189	De 1 ate 7	142	
	De 7 ate 15	195	De 7 ate 14	149	
	De 15 ate 60	526	De 14 ate 50	576	
	De 60 ate 90	63	De 50 ate 90	143	
		<u>973</u>		<u>1,010</u>	74
Sta. Anna	De 1 ate 7	197	De 1 ate 7	155	
	De 7 ate 15	171	De 7 ate 14	165	
	De 15 ate 60	599	De 14 ate 50	598	
	De 60 ate 90	90	De 50 ate 90	48	
		<u>1,017</u>		<u>966</u>	76
Fayal	De 1 ate 7	273	De 1 ate 7	283	
	De 7 ate 15	265	De 7 ate 14	231	
	De 15 ate 60	723	De 14 ate 50	658	
	De 60 ate 90	43	De 50 ate 90	84	
		<u>1,304</u>		<u>1,256</u>	106
Porto da Cruz	De 1 ate 7	236	De 1 ate 7	258	
	De 7 ate 15	281	De 7 ate 14	218	
	De 15 ate 60	683	De 14 ate 50	692	
	De 60 ate 90	78	De 50 ate 90	157	
		<u>1,278</u>		<u>1,325</u>	116
Canissal	De 1 ate 7	23	De 1 ate 7	22	
	De 6 ate 15	25	De 7 ate 14	13	
	De 15 ate 60	60	De 14 ate 50	50	
	De 60 ate 90	90	De 50 ate 90	8	
		<u>198</u>		<u>93</u>	5
Machico	De 1 ate 7	331	De 1 ate 7	300	
	De 7 ate 15	394	De 7 ate 14	269	
	De 15 ate 60	893	De 14 ate 50	1,101	
	De 60 ate 90	126	De 50 ate 90	255	
		<u>1,744</u>		<u>1,925</u>	139
Agua de Pe- na	De 1 ate 7	27	De 1 ate 7	25	
	De 7 ate 15	31	De 7 ate 14	23	
	De 15 ate 60	84	De 14 ate 50	81	
	De 60 ate 94	15	De 50 ate 90	28	
		<u>157</u>		<u>157</u>	15

Preguezias.	Sexo masculino e suas diversas idades.		Sexo feminino e ditas.		Nasce- raõ.	Morre- raõ.	Diffa.
Sta. Cruz	De 1 ate 7	398	De 1 ate 7	270	112	71	41
	De 7 ate 15	296	De 7 ate 14	296			
	De 15 ate 60	298	De 14 ate 50	402			
	De 60 ate 90	69	De 50 ate 90	64			
		<u>1,061</u>		<u>1,032</u>			
Gaula	De 1 ate 7	54	De 1 ate 7	44	54	35	19
	De 7 ate 15	97	De 7 ate 14	72			
	De 15 ate 60	484	De 14 ate 50	398			
	De 60 ate 90	54	De 50 ate 90	56			
		<u>689</u>		<u>570</u>			
Canisso	De 1 ate 7	198	De 1 ate 7	174	62	57	25
	De 7 ate 15	139	De 7 ate 14	137			
	De 15 ate 60	459	De 14 ate 50	444			
	De 60 ate 90	82	De 50 ate 90	182			
		<u>878</u>		<u>937</u>			
Estreito da Catheta	De 1 ate 7	239	De 1 ate 7	229	83	50	33
	De 7 ate 15	231	De 7 ate 14	184			
	De 15 ate 60	999	De 14 ate 50	567			
	De 60 ate 90	72	De 50 ate 90	193			
		<u>1,541</u>		<u>1,173</u>			
Camacha	De 1 ate 7	79	De 1 ate 7	49	39	18	27
	De 7 ate 15	69	De 7 ate 14	59			
	De 15 ate 60	178	De 14 ate 50	184			
	De 60 ate 90	33	De 50 ate 90	39			
		<u>359</u>		<u>331</u>			
S. Gonçallo	De 1 ate 7	128	De 1 ate 7	116	56	39	17
	De 7 ate 15	148	De 7 ate 14	99			
	De 15 ate 60	352	De 14 ate 50	297			
	De 60 ate 90	47	De 50 ate 90	121			
		<u>675</u>		<u>633</u>			
Ilha do Porto Santo	De 1 ate 7	121	De 1 ate 7	102	82	55	27
	De 7 ate 15	114	De 7 ate 15	130			
	De 15 ate 60	384	De 15 ate 60	364			
	De 60 ate 90	80	De 60 ate 90	90			
		<u>699</u>		<u>686</u>			

POPULAÇÃO DAS ILHAS DE CABO VERDE EM 1807.

Nomes das Ilhas	Habitantes brancos.	Ditos mulatos.	Ditos pretos escravos.	Ditos ferros.	Total.
S. Thiago	200	6,000	2,000	6,000	14,200
S. Antão	500	8,000	150	5,000	13,650
Fogo	150	5,000	2,000	6,000	13,150
S. Nicolão	200	3,500	300	4,000	8,300
S. Vic nte	1	50	9	140	200
Maio	1	200	200	50	451
Boavista	100	1,000	300	100	1,502
Brava	600	200	150	6,000	6,950
	<u>1,752</u>	<u>24,250</u>	<u>5,169</u>	<u>27,290</u>	<u>58,401</u>

ADVERTENCIA.

A enumeração dos habitantes destas oito ilhas não he exacta; porque a pessoa que no la communicou declara, que fôra feita por approximação; e accrescenta que a população he indubitavelmente inferior á que podia ter, e sustentar.

POLITICA.

AMERICA.

BRAZIL.

Rio de Janeiro.

SUA ALTEZA REAL o Principe Regente de Portugal, considerando que o commercio he o meio mais efficaz, e conducente de promover a felicidade dos seus povos, visto que por elle se facilita o modo de dar á agricultura, e industria nacional todo o desenvolvimento, e energia de que estas duas importantes fontes da prosperidade publica são susceptiveis, expedio em 26 de Outubro de 1810 o seguinte alvará.

Eu o Principe Regente, faço saber aos que este alvará com força de lei virem: que sendo os meus constantes, e paternaes dezejos os de promover a felicidade dos povos, que o omnipotente confiou ao meu Soberano regimen; e que considerando que o commercio he o meio mais efficaz, e conducente a preencher as minhas beneficis, e providentes disposições, visto que por elle se facilita o modo de dar á agricultura, e industria nacional todo o desenvolvimento, e energia, de que estas duas importantes fontes da publica prosperidade são susceptiveis: julguei que seria de huma grande vantagem, para promover o augmento, e prosperidade do mesmo commercio, estabelecer hum deposito, em que houvessem de ser recebidos os effeitos commerciaes, assim nacionaes, como estrangeiros, que os seus respectivos donos quizessem para elle conduzir, ou sejam destinados para o consumo, ou para serem reexportados para outros portos; faculdade, de que não poderá deixar de resultar a grande commodidade de poderem os commerciantes regular melhor as suas especulações mercantis, dirigindo as de hum ponto central, onde dentro de pouco tempo, e com mais preciso conhecimento, lhes pôde ser constante o estado de abundancia, ou de carencia de effeitos, e productos, existente nos differentes portos, e praças de commercio; e parecendo-me que as ilhas dos Açores pela sua posição offerecem hum lugar proprio para o estabelecimento de hum semelhante deposito, ma-

iormente depois que pela paz, que ajustei com a regencia de Argel, se franqueáram aos meus vassallos o commercio, e navegação do Mediterraneo, e portos do Levante: resolvi determinar o seguinte.

I. Haverá hum estabelecimento de deposito no portõ da cidade de Ponta Delgada na ilha de S. Miguel, em que haja de ser recibida toda a qualidade de generos, mercadorias, e fazendas, assim nacionaes, como estrangeiras; e deverá este estabelecimento de deposito ficar sujeito á decisãõ, e administração do Juiz da Alfandega, que se acha estabelecida naquella cidade, com a assistência de hum escrivão do deposito, e dos mais officiaes, que se julgarem necessarios para o expediente.

II. Todos os generos, effeitos, e mercadorias, que entrarem por deposito deverão, como taes, ser manifestados perante o Juiz da Alfandega, dentro do espaço de vinte e quatro horas depois que a embarcação, ou navio, que os conduzir, houver entrado, declarando os mestres, importadores, proprietarios, ou consignatarios em hum manifesto em forma o nome do navio, capitão porto, onde carregáram, os volumes, numeros, marcas, o contheudo nelles por medidas solidas, liquidas, ou de extensãõ, a qualidade, e quantidade da fazenda, e nomes dos proprietarios, e consignatarios.

III. Em quanto se não estabelecerem os Armazens proprios, e edificios convenientes para o deposito, que me proponho mandar construir, deverão os importadores, proprietarios, ou consignatarios declarar ao Juiz da Alfandega, antes de se proceder á descarga, os armazens, para onde as fazendas houverem de se descarregar, afim de serem estes visitados, e de se pôrem nas portas dois cadeados, que o Juiz da Alfandega nelles mandará fixar, cujas chaves, que serãõ de differente fechadura, se entregáram huma ao Juiz da Alfandega, outro ao porteiro della, ficando a chave da porta do armazem no poder do proprietario, ou dono das mercadorias, generos, e effeitos, que se recolherem no proposto armazem.

IV. Todos os generos, e mercadorias, manifestadas para o deposito, serãõ descarregadas sem a menor demora para os armazens competentes; e o escrivão do deposito fará a sua devida entrada em hum livro de entrada, e sahida, numerado, e rubricado pelo Juiz da Alfandega, e pela forma que lhe será prescripta, tomando huma exacta conta de tudo o que fica indicado: e em quanto se não effectuar a descarga, se mandáram sellar as escotilhas com o sello da alfandega, mettendo-se a bordo os guardas convenientes.

V. Os officiaes, que forem nomeados pelo Juiz da Alfandega, assistirão á inspecção, e verificação da descarga; assignaráõ com a parte o termo da vistoria, e entrada nos res-

pectivos livros; e forão marcar sobre cada volume, pelo modo mais claro, e intelligivel, que possivel for, a qualidade, e quantidade delles.

VI. Haverá todo o cuidado na arrumaçõ das fazendas, que forem recolhidas no deposito, e boa ordem na collocaçõ dellas, a fim de que possam ser accessiveis os volumes, contarem-se, e examinarem-se com facilidade; e todo o proprietario, agente, ou guarda de armazem, que deixar de o executar assim, pagará a despeza da nova arrumaçõ, e huma condemnaçõ de vinte mil reis, de que metade entrará no cofre da alfandega, e a outra se distribuirá pelos officiaes do deposito.

VII. Toda a fazenda, que se passar por alto, ou for desencaminhada, ou antes, ou depois da entrega do manifesto de entrada, ou de sahida, sera tomada por perdida; e aquelles que a desencaminharem, serão castigados com as penas impostas pelas leis existentes.

VIII. Os armazens em que se tiverem recolhido por deposito as fazendas, que nelles se admittirem, nunca se deverão abrir, senão na presença, e com assistencia do juiz da alfandega, do porteiro da mesma, e do dono da fazenda, ou de seus delegados; e deverão permanecer no armazem, em quanto este se achar aberto, ficando responsaveis pela segurança do mesmo armazem, e das fazendas nelle existentes; e deverão os donos, ou consignatarios dos effeitos depositados pagar as despezas, e alugueis dos armazens, ou estes sejaõ pertencentes á minha real fazenda, ou a particulares.

IX. Querendo os importadores, proprietarios das fazendas, ou seus consignatarios reexporta-las para portos estrangeiros ou nacionaes, pagaraõ o direito de sahida de quatro por cento de toda, e qualquer qualidade de generos ou mercadorias, segundo a avaliaçõ da pauta, que tenho mandado organisar, pagando-se entretanto pela que se achar estabelecida na alfandega da cidade de Ponta Delgada na Ilha de S. Miguel.

X. Propondo-me porem promover a industria nacional, e animar o louvavel desvelo dos que nella se empregaraõ; determino que os productos das fabricas nacionaes paguem sómente hum por cento de sahida do deposito; e hei por bem, em beneficio da navegaçõ nacional, que todos os effeitos, fazendas e productos, carregados a bordo de navios Portuguezes, e que do deposito se reexportarem para portos estrangeiros, ou nacionaes. não paguem mais de dois por cento de sahida.

XI. Em quanto porém aos generos, mercadorias e artigos da producçõ, industria e invençõ dos dominios e

vassallos de sua magestade Britanica, que forem recebidos nos armazens do deposito, e delles forem reexportados, se observará o disposto nos artigos XX. e XXI. do tratado de commercio, e navegação, que ajustei com o Serenissimo e Potentissimo Principe Jorge III., Rei do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, assignado nesta corte do Rio de Janeiro em dezanove de Fevereiro deste presente anno; bem entendido, que igual isenção de direitos de sahida seja concedida a favor dos generos, artigos de producção, manufactura, industria, e invenção dos meus domínios, e vassallos, que forem recebidos, e reexportados dos portos dos dominios Britanicos designados pela lei por—warehousing ports—devendo observar-se, em quanto a esta parte, a mais perfeita reciprocidade; e em tal caso, deverão os meus vassallos gozar na sahida, e reexportação dos generos, artigos de producção, manufactura, industria, e invenção dos meus domínios, e vassallos, que sahirem, e se reexportarem do deposito da cidade de Ponta Delgada, para serem importados nos portos dos dominios Britanicos, da mesma isenção de direitos de sahida, de que gozarem os vassallos Britanicos.

XII. Os direitos deverão ser pagos á sahida das fazendas do armazem, em que estiverem depositadas; e só não se deverão exigir das que forem consumidas pelo estrago, procedido de incendio.

XIII. Os generos porém que sahirem para gasto do paiz, pagarão os direitos de consumo, segundo se achar estabelecido pela pauta existente na alfandega de Ponta Delgada, em quanto se não publicar a que tenho mandado formar, exceptuando os productos colonias estrangeiros, que sendo do genero, e qualidade daquelles, que se cultivão, manufactura, e exportão do estado do Brazil, e mais dominios da Asia, e Africa, sujeitos a minha corôa, se não admittem para consumo, ficando por isso prohibidos.

XIV. Nenhuma mercadoria, effeitos, ou fazenda sahirá do armazem de deposito, sem que o dono, ou seu agente legitimamente authorizado, apresente bilhete do thesoureiro da alfandega, por onde conste que pagou os competentes direitos na fórma dos despachos; e sem que tenha dado fiança pelo tresdobro do valor da fazenda, para segurança de que aquella fazenda será descarregada nos portos, para onde se diz ser destinada, e que nem toda, nem parte della se descarregará nas Ilhas; e deverá o escrivão do deposito descarregar da fiança o proprietario, ou dono da fazenda, ou o fiador, logo que a parte produzir huma certidão authentica da descarga de taes mercadorias no porto, a que se destinavaõ, dentro dos prazos abaixo declarados.

XV. Dos portos na Europa, costa de Africa, Mediterraneo, Oceano Septentrional, Mar do Norte, Estados Unidos da America, e Antilhas, hum anno; dos portos do Mar Pacifico, Mar das Indias, Golfos Persico, e de Bengala, portos de China, dois annos e meio; das Ilhas dos Açores, tres mezes.

XVI. As certidoes, que deveráo servir para descarregar a fiança, seráo dadas na fórma seguinte.

Em qualquer porto dos dominios da minha real corôa, onde houver alfandega, se tirará huma certidaõ de descarga, munida com a rubrica do respectivo juiz, em que se deverá declarar, que taes fazendas haviaõ sido regularmente descarregadas na fórma do manifesto: no cazo de naõ haver alfandega, deverá ser a certidaõ passada pelo Juiz de Fora, ou pelo governador com dois officiaes superiores; e nella se declarará terem sido pagos os competentes direitos de descarga.

Nos portos estrangeiros se deveráo obter as competentes certidoes pela repartiçaõ das alfandegas nelles existentes; e na falta dellas se requereraõ dos magistrados municipaes, sendo reconhecidas pelos consules Portuguezes, alli residentes, e na falta destes por tabelliaõ pùblico; mas em caso de naufragio, ou de ser o navio apresado pelo inimigo, se deverá descarregar a fiança, provando-se satisfactoriamente aquelles acontecimentos.

XVII. Todas as fazendas, que sahirem dos armazens de deposito, seráo sujeitas nos mais portos dos meus dominios aos direitos, que pagariaõ, se viessem de portos estrangeiros; exceptuando aquelles generos, e mercadorias, que, sendo originariamente nacionaes, gozavaõ do privilegio de serem consideradas como vindas em direitura do porto, donde sahiraõ para o lugar do deposito.

XVIII. Toda fazenda, que for reexportada dos armazens de deposito, deverá ser novamente examinada; e quando pela confrontaçãõ do manifesto se reconheça que existe falta, pagará o proprietario, ou o seu agente o direito de consumo por inteirõ de toda aquella parte, que faltar.

XIX. Naõ sera permittida a sahida das fazendas para fóra dos armazens do deposito, se naõ se acharem encerradas nos mesmos volumes, ou fardos, em que entraraõ; e sómente será exceptuado o assucar, café, cacão, agoa-ardente de cana, e vinhos, que para maior commodidade da reexportaçãõ se poderaõ dividir em menores porçoes, com tanto que huma tal divisãõ se faça debaixo da inspecãõ dos officiaes da alfandega, e do escriptaõ do deposito, que tomará conta dos volumes, qualidade, pezo, e medida, numero, e

marca, para o declarar na sahida, que der dos referidos generos, e no seu competente manifesto, e despachos.

XX. Os effeitos, taes como o café, e cacáo, sendo sujeitos a quebras, e avarias, gozarão do beneficio de hum rebate de dois por cento; e no caso que alguns generos por effeito do calor, ou humidade dos armazens possam soffrer algum augmento ou diminuição no pezo, não sendo esta consideravel se não devera por isso embarçar a sahida delles.

XXI. Os generos, mercadorias, fazendas e quaesquer outros effeitos, que entrarem por deposito, não poderão ser conservados nelle além do termo de dois annos, a contar da data da entrada nos armazens; passado este termo, serão os donos obrigados a reexporta-los, ou a pagar o direito de consumo por inteiro.

XXII. E quando os donos, ou proprietarios dos ditos generos, mercadorias e fazendas, ou seus bastantes procuradores, não as tirarem dos armazens, depois de passar o sobredito prazo, deverão os officiaes da alfandega tirar dos armazens as referidas fazendas, generos e mercadorias, e procederem á venda dellas em leilão, para pagamento dos direitos, do aluguel dos armazens, e mais gastos, entregando-se ao dono, ou a seu bastante procurador o resto, que ficar, depois de deduzidas aquellas despezas.

XXIII. Os navios, que carregarem os generos, mercadorias, fazendas e effeitos, que se pertenderem reexportar dos armazens do deposito, deverão receber a bordo os guardas, que o juiz de alfandega julgar necessarios; e estes deverão ser conservados a bordo, em quanto se não concluir a carga; e devendo cessar o trabalho de carregar ao pôr do sol, se facharão logo as escotilhas, sendo selladas com o sello da alfandega; e o mesmo se praticará com os barcos empregados na condução da carga de navio. O manifesto da carga, que se tiver recebido, e mais despachos relativos, se deverão conservar a bordo, sob pena de confiscação da embarcação e carga, quando se reconheça ter havido descaminho de alguma fazenda embarcada.

XXIV. O escriptão do deposito deverá dar ao importador, depois da reexportação, huma declaração da sahida dos seus generos, mercadorias e fazendas, que lhe servirá de resalva.

XXV. Para regular os emolumentos dos officiaes da alfandega nas diligencias, e serviço do deposito, tenho mandado formalizar a pauta, que os deverá determinar, em quanto eu não houver de estabelecer os convenientes ordenados, a fim de abolir os emolumentos, que a experiencia

tem mostrado serem prejudiciaes ao bem do meu real serviço, e das partes.

XXVI. Todas as fazendas, manufacturas e effeitos, que forem recebidos no deposito, gozarão a mais perfeita, e illimitada segurança, de sorte que ainda no caso que a corôa de Portugal tenha guerra, o que Deos não permitta, com qualquer outra potencia, cujos vassallos se achem interessados com fazendas e effeitos existentes no deposito, quaesquer que ellas sejam, nem por isso se fara nellas arresto, embargo, sequestro, ou represalia, antes ficarão de tal modo izentas, livres, e seguras, como se cada hum as tivesse na sua propria casa, para dispôr dellas, como julgar mais conveniente aos seus interesses.

Pelo que; mando á meza do desembargo do paço; conselho da minha real fazenda; presidente do meu real Erario; real junta do commercio, agricultura, fabricas e navegação; governadores e capitaes generaes; desembargadores; corregedores; provedores; juizes; justicas; e mais officiaes, e pessoas dos meus reinos, e dominios, ás quaes o cumprimento deste meu Alvará houver de pertencer, que o cumprão, e guardem, e fação cumprir, e guardar tao inviolavel e inteiramente, como nelle se contem, nem duvida, ou embargo algum, qualquer que elle seja, não obstante quaesquer, leis, regimentos, alvarás, decretos, disposições, ou estilos contrarios, que todos e todas hei por derogadas, como se dellas fizesse individual, e expressa menção para este effeito sómente, ficando aliás sempre em seu vigor: e valera como carta passada pela chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, sem embargo da ordenação em contrario. Dado no palacio do Rio de Janeiro aos vinte e seis de Outubro de mil oitocentos e dez.

PRINCIPE.

Conde de Galveas.

Alem deste Alvara publicou-se outre em 4 de Fevereiro de 1811 regulando, e promovendo o commercio nacional nos estabelecimentos Portuguezes da costa de Malabar, dos mais portos de Asia, Africa, do estado do Brazil, dos Reinos de Portugal, e Algarve, e Ilhas adjacentes; mandando crear hum estabelecimento de deposito na cidade de Goa; e legislando outras providentes disposições, &c.

Os seguintes documentos mostram incontestavelmente, de hum lado, os paternaes cuidados de S. A. R. para com as pessoas indigentes, que de Portugal se retirarão, ou

retirarem para o Brazil, mandando-lhe prestar todos os meios de subsistencia, terrenos para cultivar, instrumentos de lavoura, gados, &c. e da outra os rapidos progressos da civilizaçao dos Indios, aberturas de estradas, &c.

AVISO.

Tendo merecido a real approvaçao, por aviso de 22 de Dezembro do anno proximo passado, o plano que apresentou o intendente Geral da policia da corte e estado do Brazil para soccorrer as pessoas da classe indigente que se refugiasssem no Brazil pelas notorias calamidades de Portugal, empregando-se na lavoura deste paiz; e havendo-se expedido na mesma data pela Secretaria de Estado competente cartas regias aos governadores e capitães generaes das capitancias do Brazil para auxiliarem o mesmo plano, prestando-se a fazer cumprir as determinações da mesma Intendencia que fossem apresentadas a este respeito pelos commissários da policia, fez o mesmo intendente affixar o Edital que se segue para melhor constar das pias intenções de S. A. R. e podem concorrer os que se acharem nas indicadas circumstancias.

EDITAL.

Paulo Fernandes Vianna, do Conselho do Principe Regente nosso Senhor, Fidalgo Cavalleiro de Sua Casa, Commendador da Ordem de Christo, Dezembargador do Paço, e Intendente Geral da Policia, da Corte e Estado do Brazil, &c.

As notorias circumstancias em que tem estado Portugal pela injusta, e perfida invasao dos exercitos Francezes tem obrigado a refugiar-se no Brazil alguns dos seus habitantes; e porque entre estes possaõ ter vindo alguns tao destituídos de meios, que por nenhum modo tenhaõ conseguido huma subsistencia decente; o Principe Regent nosso Senhor a cujos paternaes cuidados nada tem escapado para soccorrer os seus fieis vassallos, tem authorizado a Intendencia geral da policia desta corte, e do estado do Brazil para procurar a todos os que estiverem nestas circumstancias o possivel arranjamto na lavoura deste paiz, diligenciando-se-lhes por ella nao só terrenos em que se possaõ estabelecer, mas instrumentos de lavoura, gados, e mezasdas para os primeiros tempos em que ainda nao possa ter frutificado o seu trabalho.

Os que estiverem nestas circumstancias nao são nesta Corte, e provincia do Rio de Janeiro, mas em qualquer das capitancias do Brazil, concorraõ os primeiros a mim, e os

segundos aos magistrados que nellas servem de commissarios da policia, que acharaõ todo o auxilio consolador debaixo dos indicados principios para segurarem a sua subsistencia, e se fizerem vassallos uteis, sem se darem á mendicidade, e ao ocio, origem de todos os vicios. Concorraõ afoitos; que nenhuma medida de violencia se intenta praticar: o Principe Regente nosso Senhor quer só como tal, e ainda mais como pai do seu povo, que muito a seu contento se soccorraõ deste modo, utilisando ao mesmo tempo o Estado no augmento da sua agricultura, e populaçaõ.

Para que chegue á noticia de todos mandei affixar o presente edital nesta côrte, e nas capitancias deste Estado do Brazil.

Rio de Janeiro, aos 14 de Janeiro de 1811.

Paulo Fernandes Vianna.

Rio de Janeiro 2 de Março.

Podemos agora cumprir nossa promessa de dar conta final do resultado do exame, que a junta da conquista, e civilisaçaõ dos Indios, e navegaçaõ do rio Doce mandou fazer do estado das seis divisoes militares, em que repartio o muito grande, rico, e fertil terreno por onde corre o rio Doce, e outros rios navegaveis, que nelle despejaõ suas aguas atè ao limite das capitancias de Minas Geraes, e do Espirito Santo.

O tenente coronel do regimento de cavalleria de linha da capitania de Minas Geraes Maximiano de Oliveira Leite, hum dos membros da sobredita junta, acaba de dar a mais exacta e circumstanciada conta de tudo quanto observou em as 1. e 5. divisoes militares, tendo consummido nesta importantissima diligencia 5 mezes e 24 dias, e andado 352 legoas por caminhos pouco trilhados, grandes matas, e rios navegaveis: este habil e honrado official achou em boa ordem as sobreditas 1. e 5. divisoes, naõ sómente pelo que pertence á economia particular de cada huma dellas; mas pelo que he relativo á construcçaõ de estradas, e adiantamento da cultura dos terrenos distinguindo-se nestes artigos a 1. divisãõ muito principalmente pelos trabalhos de seu antecedente commandante o alferes Antonio Rodrigues Pereira Taborda, hum dos mais valorosos, activos, e intrepidos officiaes do regimento de cavalleria de linha da capitania de Minas Geraes, e hum dos primeiros praticos de todo o sertao, e navegaçaõ do rio Doce, que por elle deceo atè á capitania do Espirito Santo em tempo do governo do capitão de fragata Antonio Pires da Silva Pontes Leme, bem conhecido pelas suas luzes, e serviços nas demarcaçoes dos limites do Brazil, e a quem devemos a carta, que levantou do rio

Doce desde a sua foz no oceano até ás cachoeiras das Escadinhas, onde termina a capitania, que entaõ governava, cuja carta foi continuada por hum sobrinho seu, e pelo dito Taborda em o districto da capitania de Minas Geraes, para onde voltou subindo este rio, a pezar dos trabalhos e perigos, que offereciaõ suas cachoeiras e suas margens entaõ desconhecidas, e quasi todas habitadas por barbaros antropophagos, a morte nos privou dos serviços, que este commandante Antonio Rodrigues Pereira Taborda podia continuar a fazer na 1. divisao que lhe foi confiada: mas temos o gosto de ver remunerados os seus trabalhos e serviços pela paternal piedade do nosso incomparavel Principe e Senhor nas pessoas da viuva e filhos deste official, o que satisfazendo ao compassivo coração de S. A. R. servirá de estimulo para todos os seus venturosos vassallos, e muito particularmente para os que se achao empenhados na importante conquista e civilisação dos Indios, e navegaçãõ do rio Doce. He pasmoso o numero dos novos colonos, que em taõ pouco tempo tem concorrido para se estabelecerem nas 1. e 5. divisoes: e para que o publico forme alguma idea das vantagens que se devem esperar do sabio e luminoso plano adoptado para a conquista, e civilisação dos Indios, e navegaçãõ do rio Doce, transcreveremos hum officio do excellentissimo Conde de Palma, actual governador e capitão general da capitania de Minas Geraes, cujas luzes, exacção, prudencia, e actividade, assas se patenteaõ durante o tempo que governou a capitania de Goiaz, e todos os dias se reconhecem no seu actual governo.

Illustrissimo e excellentissimo Senhor.—Tendo feito convocar a junta da civilisação dos Indios, e examinando cuidadosamente o estado actual das seis divisoes empregadas na conquista dos Botecudos, tive a completa satisfacão de vêr os progressos, que algumas destas divisoes haviaõ feito, e com muita especialidade a 1. e 5. Concluiu-se a inspecção do tenente coronel Maximiano de Oliveira Leite nas duas ditas divisoes, e V. Excellencia ha de contentar se infallivelmente quando examinar a parte circumstanciada que dá este official; a qual parte vai no seu original á presenca de V. Excellencia no correio proximo pelo expediente da junta militar.—Pelo mappa incluso verá tambem V. Excellencia que tem entrado para cima 3 mil pessoas só nos limites da 1. divisao, e em muito pequena parte da 5. (estes dous corpos marchaõ pela margem esquerda do rio Doce, e por terrenos pertencentes ás comarcas de Sabará, e Serro Frio.)—Já os novos colonos da 1. divisao pertendem ajuntar-se em corpo de povoação; pediraõ-me commandante das ordenanças, que os governasse, e licença para erigirem capella á sua

custa, devendo esta ser edificada no porto real de Joanezia junto ao ribeirão de Santo Antonio, que he muito abundante de ouro, e navegavel até á sua foz no rio Doce, donde dista 8 legoas, tendo as suas cabeceiras na comarca do Serro Frio. Esta paragem está, pôde se assim dizer, no centro da mata geral do rio Doce; nunca allí entraraõ os habitantes desta capitania; nem elles, ha tres annos, poderião esperar, que dentro de tao limitado tempo, não só libertariaõ inteiramente os seus terrenos já cultivados das incursoes barbaras dos Indios, e muito menos ir, como vaõ agora, formar estabelecimentos permanentes de agricultura e mineraçõ no centro das suas proprias habitações—Infallivelmente no fim da primavera futura as divisoes todas teraõ concluido as differentes estradas, que se lhes incumbiraõ até aos limites da capitania do Espirito Santo, margens do rio Doce, e parte da capitania da Bahia, na comarca de Porto Seguro; e as intensas e dilatadas brenhas, que serviraõ atégora de covil ás feras, e aos Botocudos, ainda mais temiveis do que as mesmas feras, transformar-se-haõ em provoações deliciosas, prosperando a agricultura em terrenos novos por isso mesmo fertilissimos, animando-se outra vez a mineraçõ como nos primeiros dias felizes desta capitania, e creando-se ao mesmo tempo hum commercio activo, que ella nunca teve, nem esperou-ter. Affirmo a V. Excellencia, e V. Excellencia pôde affirma-lo ao Principe Regente nosso Senhor, que dentro de mui pouco tempo, se reconhecerá geralmente quanto foraõ bem empregados todos os esforços que a sempre indefectivel generosidade e paternaes disvelos de S. A. R. praticaraõ em beneficio da capitania de Minas Geraes, que tendo sido em outro tempo a mais interessante do Brazil, ainda o pôde vir a ser em breves dias com muito maior esplendor—Tendo eu participado a V. Excellencia que eraõ dous os Rios, que se consideravaõ navegaveis, da comarca do Serro Frio para a capitania da Bahia, e que se denominava o do Sul. S. Matheus e o do Norte Gequetinhonha tinha tambem participado, que o tenente coronel Maximiano de Oliveira Leite estava encarregado por mim de examinar o primeiro rio, o que não pôde conseguir ainda por se lhe aproximar a estaçõ das aguas, quando foi á referida comarca passar mostra ás duas divisoes.—Sabe-se, com tudo, que desde a foz até á villa de S. Matheus pelo dito rio acima tres legoas se encontra huma facil navegaçõ; e he de suppôr, pelas configurações dos terrenos adjacentes, que o seu curso não seja interrompido por cachoeiras taes que obstem ao transito das canoas carregadas. O segundo rio, que corre ao norte, leva muito maior abundancia de agua; mas tem huma grande cachoeira até onde acaba de subir pela parte

da Bahia o ouvidor de Porto Seguro. — Lembro-me que pôde servir de limite este ponto interessantissimo ás capitánias de Minas Geraes, e Bahia, e que o dito ouvidor seja authorisado para entender-se com o capitão-mor dos Tocoyoz (pratico daquelle sertão, intelligente, e muito activo no serviço,) sobre tudo o que for conveniente á navegação do mesmo rio, e communicação das duas capitánias. — Cumpre assegurar a V. Excellencia nesta mesma occasião, que em consequencia da carta regia de 28 de Setembro de 1810 já se acha provido o alferes Juliao Fernandes Leão, que vai a receber da junta respectiva as competentes instrucções para organizar com as 15 praças tiradas das primeiras, 5 divisoes do rio Doce a 7. que deverá postar-se nos terrenos de Minas Novas, confinantes com a comarca de Porto Seguro, tendo a sua esquerda na margem direita do rio Gequetinhonha, pois que na outra margem não existem já Botocudos. — Por ultimo, sirva-se V. Excellencia de perdoar as imperfeições que se possam encontrar neste meu trabalho feito á pressa, e que se destina unicamente a communicar a V. Excellencia noticias importantissimas em quanto se não prepara a circunstanciada memoria que deve ser e evada por mão de V. Excellencia ás de S. A. R. dirigida pela junta da conquista e civilisação dos Indios, como acima disse. Deos guarde a V. Excellencia. — Villa Rica, 29 de Janeiro de 1811. — Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Linhares. — Conde de Palma.

Proeza naval dos Portuguezes.

O seguinte he a copia fiel de hum artigo da Gazeta do Rio de Janeiro; em que se faz menção de huma importantissima victoria alcançada pelos Portuguezes sobre as poderosas armadas de piratas que infestavaõ os mares de Macao e Cantão na China. Julgamos que não sera dezagradavel ao leitor Portuguez, sincero amigo do seu paiz a narrativa de acontecimentos, que restabelecem o credito da sua nação naquellas partes do mundo que ja forão theatro conspicuo da sua gloria; sobre tudo quando ulteriores circumstancias, que nenhum poder humano pode prevenir, ou obstar, tinhão de alguma sorte, senão amortecido, ao menos soffocado o genio que lhe abrija a sua maior carreira, e porque ella teve mais celebridade nas paginas da historia. Donde podemos inferir que o espirito das grandes nações, assim como as sementes dos fructos deliciosos, quaes quer que sejam as causas que supprimao ou viciem a sua excellencia, nunca pode perder os principios constitutivos do seu character. Hum corpo bem organizado pode aniquilar-se, mas nunca, antes da sua destruição, ser desfigurado a ponto de se abolirem todas as suas feições primitivas.

Em a ultima folha chamada *Mirror* (Espelho) se mencionava, que as cartas vindas da China em o navio *Mornington*, davaõ a agradavel noticia da extincção dos formidaveis piratas, que, ha tantos tempos insultavaõ o governo, levando o terror até ao centro do imperio, e opprimindo suas costas com rapinas, pilhagens, assassinios, e toda a especie de ultrajes. O governo da China conhecendo que lhe era impossivel cohibir, e muito mais subjugar com suas forças as esquadras dos piratas, julgou necessario recorrer aos Portuguezes de Macáo a cujos esforços se deve a ruina de hum poder, que ameaçava a conservação e existencia do seu governo. Huma pessoa residente em Macáo transmittio huma relação do soccorro dos Portuguezes, e das suas operações contra os piratas, cujo resumo talvez seja agradavel a algum dos nossos leitores.

Por fim, o governo de Cantão francamente reconheceo a sua incapacidade para subjugar os piratas, cujas esquadras montavaõ de 300 a 400 barcos ou juncos, armados com 12 a 20 peças, e 150 até 200 homens cada hum, os quaes infestavaõ as costas e canaes, que regaõ esta provincia, e fazendo huma guerra perpetua á paz, e propriedade dos habitantes, tanto em terra como sobre agua, nenhuma embarcação podia commerciar com segurança.

Os Piratas desembarcavaõ a miudo, e impunhao contribuições nas Cidades e Aldéas, e depois de saquear os habitantes, lançavaõ fogo ás casas. Seus passos erão marcados por huma barbaridade caprichosa; não poupavaõ sexo, nem idade; velhos, mulheres, e crianças eraõ indifferentemente mortos. Estas enormidades despertáraõ os esforços do Governo Chinez: apromptou-se huma Esquadra de 40 Juncos, que montavaõ 14 a 20 peças cada hum, e se mandáraõ a corso contra as Esquadras rebeldes; mas no primeiro encontro, 28 dos Juncos Imperiaes de guerra se renderão aos Piratas, e o resto se salvou por huma fugida precipitada.

O successo destes Piratas teve o effeito de augmentar o seu numero; pescadores, e outras pessoas corriaõ a montoes para as suas bandeiras. Huma Divisao da sua Esquadra atacou e tomou huma Escuna Americana, e elles aprezeriaõ hum Navio muito maior da mesma bandeira senaõ se fosse abrigar debaixo da artilheria de Macáo.

A communicação usual entre Macáo e Cantão foi interrompida pelas embarcações dos Piratas, que frequentemente bloqueavaõ as diferentes passagens com grande detrimento deste importante ramo de Commercio.

Alem disto, a mesma Cidade de Cantão estava ameaçada de hum serio perigo, e os Piratas chegáraõ a tanto, que declaráraõ que estavaõ resolvidos a depôr do Throno da

China a presente Familia Tartara, e a restabelecer o Imperio da antiga Dynastia Chinez. Esta ameaça, e a força dos rebeldes que se hia augmentando, influio com toda a efficacia nos temores do Governo Chinez, e o Vice-Rei de Cantão se apressou a concluir huma convenção com a Cidade de Macão para destruição da Esquadra rebelde. Os artigos da convenção são os seguintes:

S. Exc. o Vice-Rei das duas Provincias de Quangtong, e Quangsi, e o Governador da Cidade de Macão, estando igualmente convencidos da necessidade de por fim á depredação dos Piratas da China, que sem temor infestão os mares que banhão as duas Cidades de Cantão, e de Macão para assim restabelecer a tranquillidade publica, e a segurança do Commercio e Navegação nestas paragens; resolvêrão mutuamente concluir huma Convenção para equipar huma Guarda Costa (Esquadra a Corso) que será guarnecida pelas forças dos Governos. Elles nomearão para o dito fim como seus Representantes; a saber: S. Exc. o Vice-Rei do Cantão nomea tres Mandarins, cujos nomes, e titulos estão escritos por extenso no original, e o Governador de Macão nomea como seus Representantes a Miguel de Arriaga Brunda da Silveira, Desembargador Ouvidor (Chefe da Justiça) em Macão, Cavalleiro da Ordem de Christo; e a José Joaquim de Barros, Capitão Mor do Campo; os quaes, depois de haver trocado os seus respectivos plenos poderes, concluírão, e convierão nos artigos seguintes:

Art. I. Estabelecer-se-ha immediatamente huma Guarda Costa composta de 6 Navies Portuguezes armados, unidos á Esquadra Imperial, que deverá cruzar desde o Paul (Bocado do Sigre) até esta Cidade, e desde esta Cidade até Hiansan pelo Golfo, a fim de obstar a que os Piratas entrem nos Canaes, que elles até aqui tem principalmente infestado, exercendo todas as crueldades, e as mais horriveis devastações nas Aldéas e Cidades da Costa do mar.

II. O Governo Chinez convem em pagar a somma de 18 mil tales para as despezas dos Navios Portuguezes. Não será licito faltar á execução deste Artigo, ainda que a expedição se malogre por alguma causa inesperada.

III. O Governo de Macão equipará com gente, armas, e munições. etc. os seis Navios acima estipulados com a maior pressa possível.

IV. Ambos os Governos, e as suas forças respectivas empregadas neste serviço, cooperarão mutuamente hum com outro em promover o objecto que ambos tem em vista.

V. Todas as prezas tomadas aos Piratas pelas forças combinadas serão igualmente divididas entre a Esquadra Portugueza, o Imperial.

VI. Conseguindo-se o objecto da Expedição, todos os antigos Privilegios de Macão lhe serao restaurados.

VII. Esta Convenção deve ser considerada como ratificada pela assignatura das Partes que subscrevem em virtude dos seus plenos poderes.

Em fé do que nós assignámos as presentes, e lhes fizemos pôr os Sello das nossas Armas.

Feito em Macão aos 23 dias do mez de Novembro de 1809. Miguel de Arriaga Brun da Silveira, Joze Joaquim de Barros. Sellado pelos Mandarins, Shin-Kei-Chi, Ches, Pom.

Ainda bem nao estava assignada a Convenção, quando o distincto zelo e actividade do Dezembargador Ouvidor Miguel de Arriaga Brun da Silveira, forao felizmente postos em acção. O Governo nao tinha o número de Navios que se requeriao, nem Officiaes, Marujos, Petrechos, e Provisoes; com tudo, taes forao os esforços do Dezembargador, que dentro de cinco dias elle tinha seis Navios, e tao completamente armados como o permittiao os recursos de Macão. O que se segue he a lista dos nomes dos Navios, suas peças, e gente, os quaes forao postos debaixo do Commando em Chefe do Capitao de Artilheria José Pinto Alcafojado de Azevedo e Sousa.

Nomes	Peças	Hom.
Inconquistavel	26	160
Pallas	18	130
Indiana	24	120
Bellizario	18	120
S. Miguel	16	100
Brigue Princeza Carlota	16	100
	<hr/>	<hr/>
Total	118	730
	<hr/>	<hr/>

A principal falta que havia nesta pequena esquadra era balla, e outros petrechos navaes. Pedio-se hum supprimento destes artigos essenciaes aos sobre cargas da Hon. Companhia Inglesa das Indias Orientaes, residentes em Cantão: a junta ou deputação selecta (select committee) esteve pela rogativa, e os petrechos e munições pedidas, &c., forao subministradas dos navios da Companhia com huma liberalidade propria de Ingleses, e em conformidade á alliança, que subsiste entre aquella nação e a Portugueza.

Estando assim a esquadra de Macao prestes a sahir ao mar, e com efficacia, ella se unio a 60 Juncos de guerra da esquadra Imperial Chinezã. Os piratas fugirao á vista da esquadra combinada; mas por muitas vezes forao obrigados a

entrar em acção, e em todos estes encontros ficáram derrotados com perda consideravel.

O pezo das differentes acções cahio sobre os Portuguezes, que pouco ou nenhum soccorro tiravaõ dos seus alliados. Qua apou-Chay, hum dos Chefes dos Piratas, cansado com esta especie de guerra, fez huma proposição no decurso de Janeiro passado para se render a si e a sua esquadra, composta de huns 100 Juncos, e 8 mil homens, e se aceitáram os termos da sua rendição.

Em Fevereiro começou-se huma negociação entre o Vice-Rei de Cantão, e os Piratas Chefes para sua rendição, a qual se rompeo depois de algumas semanas. Por tanto, os Portuguezes renováram as hostilidades com a sua primeira actividade, e os Piratas em consequencia se virão reduzidos a grande aperto: elles foraõ perseguidos pelos canaes, e escondrigios, e muitas vezes forçados a abandonar as suas embarcações. Por fim, em 12 de Abril, a Esquadra Portugueza manobrou de tal modo, que cortou a retirada da grande Esquadra dos Piratas, commandada por Ajou-Chay, o mais affouto dos seus Chefes, o qual nao vendo possibilidade de se escapar, julgou prudente tratar de se render. Mandou-se immediatamente aviso ao Vice-Rei, o qual em consequencia veio a Hiansang, aonde tambem foi o Senhor Arriaga: as proposições dos Piratas foraõ plenamente consideradas. O alto e honrado character do Senhor Arriaga exigia huma confiança illimitada, e tanto o Vice-Rei de Cantão, como os Piratas Chefes lhe deixáram o ajusté de todo o negocio. Em tres dias se arranjáram todos os pontos, e se concedeo huma amnistia geral aos Piratas, e toda a sua esquadra composta de mais de 270 Juncos de guerra, 16 mil mancebos, 5 mil mulheres, armados com 1200 peças de artilheria, espingardas, espadas, etc. se rendêram, e foraõ entregues ao Vice-Rei. Assim findou a Pirataria que ha 20 annos era o flagello da China.

Em 22 de Abril, Miguel Arriaga voltou a Mação e no dia seguinte os seis navios Portuguezes entráram no porto entre as aclamações do povo. Deraõ salvas os navios, e fortes, repicáram-se os sinos, e cantou-se hum Te Deum em Acção de Graças, pelo feliz resultado da expedição.

Na sobredita Corte se expedio taõbem em 17 de Fevereiro do presente anno o seguinte Alvara pelo qual S. A. R. determina, que seja permittido a toda e qualquer pessoa empregada no corpo da Marinha Real, que se achar em conselho de guerra para nelle ser julgada das culpas, de que for accusada, contradictar as testemunhas perante o conselho, ou verbalmente a face das mesmas testemunhas, ou por escrito, e requerer a acareação, ou que se reperguntem, se

assim o julgar a bem da sua defeza: e conclue nestas memoraveis palavras — *Sendo a principal obrigação que o conselho deve ter em vista, a de colligir toda a massa de informação, que seja possível obter-se para melhor indagação da verdade, sobre que devem ser fundados os seus julgados.*

Este Alvará mostra de hum lado a Indefectivel, e Innata Justica de S. A. R. e do outro o desleixo, abuzo, e injustica dos julgadores. Este Alvará seria todavia desnecessario, se as Leis existentes, e não derogadas, se cumprissem: mas se os juizes abuzão daquellas Leis; porque não abuzarão deste Alvará? Se he justo castigar os reos; quanto mais justo, quanto mais util, e necessario he punir de hum modo exemplar hum juiz injusto, hum juiz prevaricador?

Os nossos votos são que as beneficis disposições deste justissimo Alvará se não limitem aos empregados na Marinha Real; mas que se estenda a todas as classes de vassallos: todos tem os mesmos direitos.

ALVARA.

Eu o Principe Regente faço saber aos que o presente Alvará com força de Lei virem: que tendo sido frequentes, e mui repetidos os recursos e representações, que tem subido á Minha Real Presença, por parte dos Empregados no Corpo da Minha Real Marinha, que tendo sido julgados em Conselho de Guerra, e nelle sentenceados, pertendem que taes sentenças não tenham sido proferidas com aquella imparcialidade, exame, e legalidade, que tão positivamente tenho ordenado, que haja de observar se impreterivelmente; allegando os réos que em taes julgados não fôra a evidencia dos factos, nem o sincero depoimento das testemunhas, mas sim a intriga, a rivalidade, e antigas discordias as que influirão, e predominarão na declaração dos votos, e decisão dos Julgadores: não convindo, nem ao bem do Meu Real Serviço, nem á authoridade, e decóro do Juizo Militar, que subsistão pretextos, ainda que mal fundados, que hajão de dar motivos a semelhantes representações, offensivas da dignidade, e respeito devido a taes Julgados e destructivas do saudavel effeito, que resulta, em beneficio do Meu Real Serviço, da imperiosa necessidade de castigar os delinquentes, e prevenir com taes exemplos a repetição de crimes tão sérios, e consequentes, como os que respeitam o serviço militar, principalmente na direcção, e emprego das minhas forças navaes; pois que da regularidade da conducta, intrepidez, e exacto cumprimento das obrigações, disciplina, e subordinação dos Empregados no Corpo da Minha Real Marinha, depende aquella segurança, e protecção, que as mesmas forças navaes estão no caso de prestar para a pre-

servação dos Meus Estados, e dominios, do commercio, e navegação dos meus fieis vassallos e considerando por outra parte que tao irregulares, e indecorosas representações, como os máos effeitos, dellas resultantes, deverao totalmente cessar, e desvanecer-se, se consultando eu os constantes sentimentos da minha indefectivel justiça, houver por bem facilitar assim aos reus, como aos julgadores, todos os meios praticaveis, e conducentes a desenvolver a verdade, a manifestar a legalidade das provas, e a prevenir toda e qualquer suspeita de parcialidade, collusao, ou injustiça; sou servido determinar: que seja permittido a toda e qualquer pessoa empregada no Corpo da Minha Real Marinha, que se achar em Conselho de Guerra, para nelle ser julgada das culpas, de que for accusada, contradictar as testemunhas perante o Conselho, ou verbalmente á face das mesmas testemunhas, ou por escrito, e requerer a acareação, ou que se repreguntem, se assim o julgar a bem da sua defeza; mas se succedir que succite, ou proponha alguma questao ou interrogatorio, que não pareça ter ligação com o caso, de que se trata, deverá o conselho decidir pela pluralidade de votos, se se deve, ou não admittir tal questao, ou interrogatorio; e poderá a conselho mandar chamar todas as vezes que quizer, e julgar conveniente, qualquer testemunha que lhe parecer em estado de facilitar sufficiente informação, independentemente de qualquer requisição, seja da parte do accusado, ou do que fizer as vezes de accusador; sendo a principal obrigação que o conselho deve ter em vista, a de colligir toda a massa de informação, que seja possível obter-se para melhor indagação da verdade, sobre que devem ser fundados os seus julgados. E este se cumprirá tao inteiramente como nelle se contem, sem duvida, ou embargo algum, e não obstante quaesquer, Leis, Regimentos, Ordenanças, Alvarás, Resoluções, Decretos, ou Ordens quaesquer que ellas sejam; porque todos, e todas Derogo, e Hei por derogadas, de Meu Moto Proprio, Certa Sciencia, Poder Real, Pleno, e Supremo, como se delles, e dellas fizesse especial menção, e aqui fossem insertas, em quanto forem oppostas, ou tiverem qualquer implicancia com o disposto neste Alvará, sem embargo da Ordenação em contrario, que assim o requerer. E Ordeno que este valha como Carta passada pela Chancellaria, posto que por ella não ha de passar, e ainda que o seu effeito haja de durar mais de hum anno, não obstante as outras Determinações, que o contrario ordenao. Dado no Palacio do Rio de Janeiro em 17 de Fevereiro de 1811.

PRINCIPE.

Conde de Galvêas.

Com muito prazer transcrevemos para o nosso Jornal a carta que os Portuguezes rezidentes em Monte-video escreverao ao Ex^m. Conde de Linhares, remettendo-lhe a relação das quantias com que voluntariamente contribuirao para o regaste dos infelizes Portuguezes captivos em Argel. Este Documento he mais huma prova de que os Portuguezes, em qualquer parte do mundo, que estejam, conservao sempre os sentimentos de fidelidade, patriotismo, e humanidade, que sempre os distinguirao; mas em que tem requintado nesta epoca tao glorioza para o nome Portuguez.

Rio de Janeiro 23 de Março.

TEMOS ordem superior para annunciar a Carta e Relação que se seguem, sobre as quaes nos abstemos de fazer reflexoes algumas, porque ellas nada deixao a dizer, e mostra por si mesmas, que tanto no proprio como no alheio terreno, os Portuguezes tem os mesmos sentimentos, e se interessao por todos os objectos, que tendem a augmentar a prosperidade da patria, e melhorar a sorte de seus nacionaes desgraçados

CARTA.

Illustrissimo e Excellentissimo Senhor —Tenho a honra de apresentar a V. Excellencia huma Relação da Contribuição, que os Portuguezes residentes em Monte Video, offercem para o Resgate dos Captivos em Argel. Elles me encarregao de rogar a V. Excellencia para que queira elevar á Real Presença de S. A. R., o nosso Augusto Soberano, os seus bons desejos; e que ainda distantes da Patria, nao podem esquecer o que devem ao Principe, que a felicita. Sirva-se V. Excellencia determinar-me aonde devo entregar a quantia que tenho recebido para esse fim; e cheio do maior respeito espero as ordens de V. Excellencia.—Deos guarde a V. Excellencia muitos annos.—Rio de Janeiro 6 de Março de 1811 —Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde de Linhares.—Excellentissimo Senhor.—De V. Excellencia. Servo muito respeitoso.

Diogo Duarte Silva.

RESPOSTA.

Tendo levado á Augusta Presença de S. A. R. o Principe Regente nosso Senhor a Carta que Vm. me dirigio na data de 6 do corrente, e a Relação que a acompanhava do Donativo, que os Portuguezes, rezidentes em Monte Video, offercêrao para o Resgate dos Captivos de Argel: ordenou-me S. A. R. que houves-se de declarar a Vm., para o fazer constor aos ditos Portuguezes, quanto fôra agradavel ao Mesmo Senhor esta acção patriótica, que elles acabao de

praticar, e que muito Manda louva-los.—Deos guarde a Vm.—Palacio do Rio de Janeiro em 16 de Março de 1811. Conde de Linhares.—Sr. Diogo Duarte da Silva.

Os Portuguezes abaixo assignados, que actualmte se achão nesta Cidade, tendo noticia pela Gazeta, que hoje chegou do Rio de Janeiro, de 5 de Novembro, do Tratado de Tregoa e Resgate, feito com a Regencia de Argel; constantes aos principios de adhesão á vontade dos seus Principes, patriotismo, e humanidade que tanto distinguem a nação Portugueza: contribuem com a quantia que cada hum especifica ao pé da sua assignatura, para que se remetta áquella Corte ao cofre destinado por S. A. R., o nosso sempre Amado Soberano, para receber semelhantes donativos.—Monte Video 23 de Novembro de 1810.

MEXICO, 12 de Fevereiro.

Em consequencia das instrucções do Ex^{mo}. Sr. Vice-Rei deste Reino, dadas aos senhores generaes dos exercitos de operações e reserva, D. Felix Calleja e D. Jose de la Cruz, e do ajustado por ambos em Guadalaxara; sahio o segundo daquello cidade com o exercito do seu commando pela direcção de S. Braz no dia 26 de Janeiro a buscar o rebelde cura Mercado, que com hum corpo de sediciosos, e 14 peças de artilheria, se achava postado na posição da Barranca (1), e pelo officio recebido do brigadeiro D. José de la Cruz se sabe que o esperavaõ os inimigos a 31 em huma eminencia quasi inaccessible pelo desfiladeiro de Maninalco, mais acima do ponto denominado Taray, onde tinha postadas 2 peças; porém á vista do ataque vivo que lhe fez o batalhão provincial de Puebla, a cuja testa hia o tenente de mar e guerra D. Bernardo e Salas, se pozeraõ em precipitada fuga, sem fazerem mais que disparar 6 tiros, entre elles 4 de metralha, sem effeito algum, deixando abandonadas as 2 peças, que são de bronze, e tinhaõ vindo de S. Braz. Sem demora ordenou o Sr. Cruz, que o referido batalhão com 60 cavallos se dirigisse ao porto de Portezuelo para atacar pela retaguarda os rebeldes, que se retiravaõ a S. Braz; porém logo que observáraõ a proximidade das nossas tropas abandonáraõ tudo, fazendo voar as suas munições e deixando 4^{as} peças de 24, e 2 de 8, levando unicamente o cura Mercado para S. Braz cinco de calibre de 4, e o general Cruz contava que o alcançaria hum destacamente, que mandara para este fim.—Nestas operações se

(1) Nesta barranca ou desfiladeiro foi morto o famoso Pedro de Alvarado, companheiro de Hernan Cortez na conquista da Nova Hespanha.

cobrio a tropa de huma gloria immortal, tendo sido necessario que os soldados conduzissem a artilheria aos hombros, e por montes mui alcantilados.

São dignos do maior elogio o zelo, actividade e energia de todos os officiaes, singularmente dos de artilheria, e marinha, e o esforço de todos os soldados, cujo denodo tem tocado no incrível. Tanto pôde a disciplina, e a fidelidade, quando são dirigidas por Chefes distinctos, e quando defendem a justa causa do Soberano, e da Patria!

Não he menos meritoria a conducta dos habitantes de Tepic, S. Braz, e demais Povos, como consta dos officios ao Commandante geral das armas d'El-Rei por D. Francisco Valdes, Commandante da companhia fixa de S. Braz, e das armas de Tepic, e de D. José Leonardo Garcia, mandado pelo povo, nos quaes em data de 2 do corrente lhe participavao que os habitantes de S. Braz, que se tinhaõ anteriormente entregado por capitulaçãõ ao Cura Mercado, intitulado Tenente General Americano, se tinhaõ levantado, apenas poderaõ, contra os seus oppressores; e lhe pediaõ promptos soccorros contra o rebelde Aldama, de quem receavaõ que avançasse até ao Povo.

Officios do Brigadeiro D. José de la Cruz ao Sr. Vice-Rei.

1. "Ex^{mo.} Sr. Para informar melhor a V. E. do estado destes Povos, e dos felizes progressos, que vai fazendo a boa causa, remetto a V. E. copia dos officios, que acabo de receber do Commandante das armas de Tepic, pelos quaes ficará V. E. inteirado da prizãõ do Rebelde Cura Mercado, e outros cúmplices em S. Braz, em cujo porto, se foraõ capazes quatro miseraveis de o entregar por huma baixa e indecente capitulaçãõ, o povo penetrado de razãõ, e logo que se vio apoiado, posto que em distancia, pelas tropas do Soberano, o qual nunca abandonou, fez a primeira açcaõ heroica, que se tem executado desta qualidade nas prezentes circumstancias.

A' noite sahiraõ 100 cavallos ás ordens do Capitãõ D. Luiz Quintanar para Tepic: e para os objectos, que tenho communicado a V. E. participei a este commandante o novo successo de Tepic e S. Braz para o seu conhecimento.

Hoje ao meio dia, e depois que recebi os officios de Tepic, mandei sahir a marchas dobradas o bñalhaõ de Puebla para S. Braz com ordem de que se reuna, e marche tudo ás ordens do Tenente de mar e guerra, D. Bernardo de Salas, a quem dei as instrucçoes de que remetto a copia a V. E., formadas a ligeira, para que tome as primeiras disposiçoes. Com o dito Salas mandei marchar dois dos meus Ajudantes, para que hum fique em Tepic, e outro passe a S. Braz.

Passei ordem para que immediatamente venha para este povo hum batalhão dos de Toluca, que está no trabalho de passar a artilheria, e cuja ultima difficil subida pelas asperas montanhas se fará por juntas de bois, que mandei hontem á noite para este fim com outro dos meus Ajudantes. Com este auxilio espero á minha tê-la toda aqui.

Logo que chegue o Exercito, me adiantarei a Tepic, para regular o Governo, assegurar a confiança, deixar todo o Paiz na mais exacta ordem, e arredar todo o motivo de nova reuniaõ de rebeldes para o futuro. As medidas politicas que tomei desde Agualulco, como participei a V. E., produirãõ todo o effeito que esperava. O seu rezultado foi fazer desertar a maior parte dos insurgentes por meio das seguranças que lhes dei do indulto, e do amor paternal, com que V. E. trata todos os arrependidos, como nelle se offerece.

Tem-se-me apresentado hum numero consideravel, que maudo immediatamente para suas casas, e seio de suas familias, assegurando lhes serem mal fundados os sustos do rigor, que lhes tinhãõ feito conceber os malvados da parte da authoridade. O cumprir o perdaoõ offerecido, e o bom tratamento que experimentãõ os submissos, fazem delles outros tantos pregadores, que augmentãõ a tranquillidade nos seus respectivos domicilios.

Finalmente tudo promette por esta parte o melhor aspecto, e a expediciaõ tem tido até agora os mais felizes resultados. Deos guarde, &c. Ixtlan 3 de Fevereiro de 1811, ás 3 da tarde. José de la Cruz.—Ex.^{mo}. Sr. D. Francisco Xavier Venegas.

2. "Ex.^{mo}. Sr.: Esta manhã ás 2 horas chegou a este Povo toda a artilheria, e o resto do Exercito sem novidade, tendo vencido no dia de hontem todos os obstaculos, que apresentavaõ as asperas montanhas, por onde se tem passado. A tropa merece as maiores considerações, e seguro a V. E. que a gratificaçaõ de 3 pezos, que determinei dar a cada praça de trabalho, he pequeno premio para o muito que tem feito. Os Chefes, e Officiaes se tem esmerado tambem, e naõ ha hum, que naõ puchasse por hum tirante, ou naõ arrimasse os hombros aos madeiros sobre que se passãõ as peças, para darem exemplo os primeiros. (Segue-se o elogio das tropas.)

Augmenta-se a cada momento a confiança dos Póvos, e o desengano de seus erros. Vêem practicamente o abismo, em que os tem submergido; experimentãõ os effeitos da paz na doçura com que saõ tratados: toçaõ com suas maos a indulgencia com que saõ recebidos, e desfructaõ os effeitos do perdaoõ: tem acabado de conhecer tudo, e se

apresentaõ aos centos para implorar o indulto. A todos se dá; saõ aconselhados com doçura, e desenganados com os mesmos factos que estaõ vendo; e estou persuadido que não tornaõ a ser seduzidos. He verdade que muitos delles tem sido conduzidos ao que chamaõ Exercitos, atados, e ás pancadas, e tem-nos levado das cadêas com grilhoes para o trabalho da passagem da artilharia, de maneira que não ha classe alguma de maldades, que não tenha sido executada pelos miseraveis cabeças de motim.

Hoje recebi o Officio do Cura de S. Braz, de que remetto copia a V. E. para seu devido conhecimento; e pelo seu contheudo ficará V. E. inteirado de tudo o acontecido naquella Villa, e o premio que teve o rebelde Cura Mercado por suas maldades, tendo-se despenhado em hum precipicio profundir por fugir da morte.

Se esta noite receber resposta do Sr. Calleja ao meu officio de antes d'hontem, e não me ordenar que desça a unir-me com o seu Exercito, parto à manhã para Tepic. Quero concluir brevemente por estes paizes, para attender a outra parte, se for necessario, inda que me persuado, que já tudo está concluido, destrocada que seja a quadrilha de Zacatecas, que segundo as noticias que tenho he pequena e está cheia de susto, o que se consegue só com mover-se o Exercito. Os cabeças de motim tem já perdido o partido com as derrotas, e não ha povo, que não vá conhecendo os seus verdadeiros interesses.

Hontem á noite chegou o Corpo de cavallaria de Quintanar a S. Leonel, 8 legoas de Tepic; hoje ás 10 da manhã terá entrado no dito povo. O batalhaõ de Puebla pernoitou na fazenda de Tetitlan, 10 legoas distante deste povo; esta noite chega a S. Leonel, e á manhã a Tepic. No dia 9 entrarão todos em S. Braz, conforme as ordens que tenho dado. Estas marchas forçadas, que talvez não as tenha feito jámais qualquer outro Exercito, vejo-me obrigado a manda-las, para não perder momentos, e estar desembaraçado para novos successos. Bem conheço que se fatiga muito o Soldado; porém tenho os mui entusiasmados, e trabalhaõ com gosto. Deos guarde, &c. Ixtlan, 4 de Fevereiro de 1811, ás 11 da noite. Ex^{ma}. Sr. José de la Cruz. Ex^{ma}. Sr. Vice-Rei, D. Francisco Xavier Venegas."

(Segue-se a parte do Cura de S. Braz, em que participa ter aquelle povo sorprendido de noite os cabeças da rebelliaõ, os quaes matou, ou prendeo, e que o Cura Mercado, para fugir, se precipitára por hum despenhadeiro, onde morrera. Grande lição não só para os rebeldes, mas para todas as cabeças esquentadas, que se querem fazer Chefes

de facção, que preocupados, e allucinados pelos seus desejos insensatos cuidão ter seduzido os Povos, e achão-se de repente mortos, ou perdidos!

Buenos Ayres.

Chegou do Rio da Prata hum navio mercante, o Lord Cathcart, que dali partio e 26 de Março. Parece que Elio Governador de Montevideo tinha publicado huma proclamação, ordenando que todos os navios que entrassem ou sahisses de Buenos Ayres depois de 1.^a Abril, seriaõ tomados, ou confiscados. Para sustentar esta determinação aquelle General, cuja actividade, zelo, e patriotismo saõ incontestaveis, tem á sua disposição huma fragata, e duas corvetas, alem de galeotas, e outras pequenas embarcações. A flotilha da junta rebelde, em consequencia desta superioridade naval do Governo regular, foi desarmada em Buenos Ayres. O activo Elio apoderou-se taobem do importante posto da Colonia do Sacramento, que está situada quazi de frente do posto principal dos insurgentes. Os assassinos de Leniers estavaõ occupados a tomar violentas medidas, a que ordinariamente recorrem em circumstancias analogas, os perversos, que tem os mesmos principios. A 23 de Março publicáraõ hum decreto em que ordenaraõ a todos os Europeos naõ cauzados que sahisses, no espaço de tres dias de Buenos Ayres para Cordova distante 170 legoas. Esperava-se todos os dias hum igual decreto a respeito dos cazados.

Havia alguns mezes, que a junta rebelde naõ tinha recebido do Peru huma só piastra. A confuzão, e falta de confiança eraõ taes em Buenos Ayres, que o capitão do Cathcart, receando ser detido, deo á vela com meia carga somente.

Na verdade, que se pode esperar de huma junta que principiou os seos actos de justiça por mandar assassinar Leniers, e outros, sem processo? Que se pode esperar de huma junta cujos membros, pela maior parte, naõ tem honra, nem probidade; e alguns delles estaõ cobertos de crimes?

HAYTY.

Acaba-se de operar huma nova revolução na ilha de Hayty: o Presidente Henrique Christovaõ foi nomeado, a 26 de Marco, por aclamação geral dos habitantes, Rey hereditario da ilha. A constituição de Fevereiro de 1807, naõ assegurava de huma maneira bastantemente estavel a

forma do Governo, e podia novamente entregar os habitantes a todos os horrores da anarquia, e da guerra civil em hum paiz, e debaixo de hum clima, onde as paixoes sao facilmente levadas ao excesso. O povo de Hayty tinha experimentado, durante quatro annos, a administração do seu chefe. Tinha-o visto por toda a parte triunfar de seus inimigos; conquistar o Molhe S. Nicholáo, depois de hum sitio obstinado; crear huma marinha, que aniquilou, quasi de repente, a do seu rival; fazer huma praça, que os Europeos, que a tem visto, unanimemente a reputaõ como a mais forte de todo o novo mundo; erigir hum palacio, que hade ser ornado de bellos monumentos; proteger a religiaõ; animar o commercio, e a cultura; receber as homenagens do commercio Inglez, Americano, Hespanhol, Portuguez, Sueco, e Dinamarquez, cujos pavilhoens tem *fluctuado* a hum mesmo tempo nos portos de Hayty; communicar com Almirantes, e Generaes das Ilhas vizinhas: era pois natural que este mesmo povo testemunhasse seu reconhecimento áquelle que o tinha governado com prudencia, e sabedoria, e cuja energia lhe promettia huma longa tranquillidade.

Naõ he huma das singularidades as menos notaveis da epoca, em que vivemos, ver homens, que, ha pouco tempo, se consideravaõ como os mais affastados da civilizaçõ, adoptar principios os mais puros, e expo-los de huma maneira, que indica hum perfeito conhecimento de seu objecto; entretanto, que n'hum paiz exaltado por todos os philosophos, se vê, segundo se diz, os Legisladores insultarem-se em pleno congresso; e descendo dos Estados-Unidos á Costa Firme Hespanhola, se vê hoje os habitantes destas bellas provincias destruindo-se reciprocamente, e os revolucionarios de Buenos Ayres levando sua raiva ate o ponto de assassinarem seu defensor.

Os titulos, que foraõ creados nesta circumstancia eraõ huma consequencia natural daquelles principios. Elles foraõ sorrir hum instante os bellos espiritos da Europa, por cauza das denominaçoens bizarras, que provem das localidades da ilha. Mas elles naõ foraõ rir nem Bonaparte, nem alguma das brilhantes figuras da sua Corte. Naõ ha coiza alguma de mais singularidade no Conde de *la Marmelade*, do que no Duque de Cornegliano; e no Baraõ Pierrot do que nos Baroens Goulu, Friard, e Porcher. O Duque de Placencia Haytyense o General Magny, he seguramente mais moral, que o Duque de Placencia Francez, o Principe Gambacerès; e se fosse preciso escolher entre os nomes de Henrique e de Napoleaõ, nos pensamos que escolha naõ seria difficil.

*Lei Constitucional do Conselho de Estado que estabelece a
Realeza em Hayty.*

O Conselho de Estado extraordinariamente junto para deliberar sobre as mudanças que he preciso fazer na Constituição do Estado de Hayty, e sobre a melhor forma do Governo que lhe convem:

Considerando, que na epoca em que a Constituição de 17 de Fevereiro de 1807, anno quarto, foi promulgada, o Estado se achava, propriamente fallando, sem pacto social, e as tempestades da guerra civil soavão com tal força que não permittiaõ aos Mandatarios do Povo o fixar de huma maneira irrevogavel a unica forma de Governo que nos convinha:

Que esta constituição com tudo assim mesmo informe, como parecia ser, e cuja imperfeição os mesmos Mandatarios não dissimulávão, convinha então ás crises em que ella tinha nascido, e ás tempestades que cercavaõ seu berço:

Que o pequeno numero de principios sublimes, que ella encerra, era todavia sufficiente para a felicidade do Povo, cujos direitos fixava naquelles tempos deploraveis:

Considerando que hoje, (graças ao genio do Supremo Magistrado, que manca as redeas do Estado, cujas sublimes concepções, e brilhante valor tem sabido restabelecer a ordem, a ventura, a prosperidade, o estado florescente da cultura, do commercio, e de navegação, os costumes, a moral, e a Religião, a excellente disciplina estabelecida no Exercito, e na Marinha, parecem prometter huma eterna duração ao Estado;)

Que convem hoje mais doque nunca, estabelecer huma ordem de coizas estavel e a forma de Governo, que deve reger para sempre o Paiz, que nos vio nascer;

Considerando que he urgente revestir a Authoridade Soberana de huma qualificação augusta, e grande que represente a idea da Magestade do poder;

Que o estabelecimento de hum throno hereditario he a consequencia necessaria desta poderosa consideração;

Que a herança do poder somente nos filhos machos, e legitimos (com exclusão das femeas), em huma familia illustre constantemente dedicada á gloria, e á felicidade da patria, que lhe deve sua existencia politica, he tanto hum dever, como hum signal brilhante do reconhecimento nacional;

Que a Nação, que neste momento exprime por nossos orgaos sua vontade, e soberania, confiando-as áquelle, que a tem arrancado do abismo, e dos precipicios em que

seos mais incarnizados inimigos a querao anniquillar, áquelle que a governa actualmente com tanta gloria, que esta nação nada tem que recear relativamente á sua liberdade, independencia, e felicidade :

Que he taobem conveniente estabelecer grandes dignidades tanto para realçar o esplendor do Throno, como para recompensar assignalados serviços feitos á Patria por officiaes que se dedicao á felicidade, á gloria, e prosperidade do Estado ;

O Conselho de Estado estabelece em consequencia a seguinte Lei organica.

TITULO I.

Da Primeira Authoridade.

Artigo 1. O Presidente Henrique Christovao he declarado Rey de Hayty, debaixo do nome de HENRIQUE. Este titulo, suas prerogativas, e immunidades serao hereditarias em sua familia, nos descendentes masculinos, e legitimos em linha recta, por direito de primogenitura, com excluzao das femeas.

2. Todos os actos do Reino serao em nome do Rey, promulgados, e publicados debaixo do Sello Real.

3. Na falta de filhos machos em linha recta, a herança passará á familia do Principe, que for parente mais proximo do Rey, ou o mais antigo em dignidade.

4. Será com tudo permittido ao Rey adoptar os filhos daquelle Principe do Reino, que elle julgar a proposito, na falta de herdeiro.

5. Se depois daquelle adopção, tiver filhos machos, seus direitos de herança prevalecerao sobre os filhos adoptivos.

6. Por morte do Rey, e ate que seu successor seja reconhecido, os negocios do Reino serao dirigidos pelos Ministros, e pelo Conselho do Rey, que se formarao em conselho geral, e deliberarao á pluralidade de votos. O Secretario de Estado terá o registo das deliberaçoens.

TITULO II.

Da Familia Real.

7. A espoza do Rey he declarada Rainha de Hayty.

8. Os Membros da Familia Real terao o titulo de Principes, e Princezas e o tratamento de Alteza Sereñissima. O Herdeiro presomptivo será denominado Principe Real.

9. Estes Principes serao Membros do Conselho de Estado logo que chegarem á sua majoridade.

10. Os Principes e Princezas Reaes nao poderao casar-se sem a authorizaçao do Rey.

11. O Rey mesmo fará a organizaçao da seu Palacio de huma maneira conforme á dignidade da coroa.

12. Estabelecer-se-ha, conforme as ordens do Rey, Palacios, e Castellos nos lugares da ilha, que elle julgar a propozito designar.

TITULO III.

Da Regencia.

13. O Rey he menor ate á idade de 15 annos completos : durante sua minoridade nomear-se-ha hum Regente do Reino.

14. O Regente terá pelo menos 25 annos completos, e sera escolhido entre os Principes, que forem parentes mais proximos do Rey (com exclusao das mulheres), e em sua falta, sera escolhido entre os Grandes Dignitarios do Reino.

15. Se o Rey nao designar o Regente, o Gran Conselho escolherá hum na maneira prescripta no artigo precedente.

16. O Regente exercerá ate á majoridade do Rey todas as attribuiçoes da Dignidade Real.

17. O Regente nao poderá concluir algum tratado de paz, alliança, ou commercio, nem fazer alguma declaraçao de guerra, senao depois de madura deliberaçao, e parecer do Gran Conselho ; a opiniao sera emittida a pluralidade de votos ; e no caso de empate o voto do Regente decidirá.

18. O Regente nao podera nomear nem para as Grandes Dignidades do Reino, nem para os lugares de Officiaes Generaes do exercito de terra e mar.

19. Todos os actos da Regencia se farao em nome do Rey menor.

20. A guarda do Rey Menor sera confiada á sua May ; e na falta desta ao Principe designado pelo Rey defunto.

Nem o Regente, nem seus descendentes poderao ser eleitos para guarda do Rey menor.

TITULO IV.

Do Gran-Conselho, e do Conselho Privado.

21. O Gran-Conselho será composto dos Principes de Sangue, dos Principes, Duques, e Condes nomeados, e escolhidos por Sua Magestade, que fixará o numero.

22. O Conselho será presidido pelo Rey ; e quando elle

mesmo não prezidir designará hum dos Grandes de Reino para preencher esta funcção.

23. O Conselho Privado será escolhido pelo Rey entre os Grandes Dignitarios do Reino.

TITULO V.

24. Os Grandes Officiaes do Reino são os Gran Marechaes de Hayty : elles serao escolhidos entre os Generaes de todas as graduacoens, segundo seu merecimento.

25. Seu numero não está fixado, e a promoção será determinada pelo Rey.

26. O Lugares dos Grandes Officiaas do Reino são inamoviveis.

27. Quando ou por huma ordem do Rey, ou por causa de nullidade, hum dos Gran-Officiaes do Reino cessar de exercer suas funcçoens, elie conservará seos titulos, sua ordem, e a ametade de seos ordenados.

TITULO VI.

Dos Ministros.

28. Haverá no Reino quatro Ministros, que serao escolhidos, e nomeados pelo Rey :

Ministro da Guerra, e da Marinha,
Ministro de Finanças, e do Interior,
Ministro dos Negocios Estrangeiros,
Ministro de Justiça.

29. Os Ministros são Membros do Conselho, e tem voto deliberativo.

30. Os Ministros daõ conta directamente a Sua Magestade, e recebem suas ordens.

TITULO VII.

Dos Juramentos.

31. Subindo ao Throno, ou chegando á sua majoridade, o Rey prestará juramento sobre o Evangelho em presença das Grandes Authoridades do Reino.

32. O Regente, antes de começar o exercicio de suas funcçoens, prestará taobem juramento, acompanhado das mesmas Authoridades.

32. Os Titulares dos Grandes Cargos. os Grandes Officiaes, os Ministros, e o Secretario de Estado prestarao taobem seu juramento de fidelidade nas maons do Rey.

TITULO VIII, e ultimo.

Da Promulgaçãõ.

34. A promulgaçãõ de todos os actos do Reino será concebida no termos seguintes :

N. Pela graça de Deos, e Lei Constitucional do Estado Rey de Hayty, a todos os presentes e futuros, Saude.

Estes actos terminaraõ da maneira seguinte,

Mandamos, e ordenamos que as prezentes firmadas com nosso sello sejaõ enviadas a todos os Tribunaes, e Authoridades administrativas, para que as transcrevaõ em seos registos, as observem. e façaõ observar em todo o Reino : e o Ministro da Justiça he encarregado da promulgaçãõ.

35. As ordens executorias das sentenças dos Tribunaes de Justiça, e dos outros Tribunaes seraõ redigidas da maneira seguinte :

N. Pela graça de Deos, e Lei Constitucional do Estado, Rey de Hayty, a todos os presentes, e futuros, Saude.

Segue-se a copia da sentença, ou juizo :

Mandamos, e ordenamos a todos os officiaes a quem se requerer que executem o dito juizo ; a nossos procuradores junto dos Tribunaes, que o façaõ cumprir ; a todos os Commandantes, e officiaes da força publica, que prestem todo o succorro, quando forem legalmente requeridos.

Em fé do que o prezente juizo tem sido assignado pelo Presidente do Tribunal, e official do registro.

Feito pelo Conselho de Estado de Hayty no Cabo-Henrique a 28 de Março do 1811, anno oitavo da independencia.

Assignados—Paulo Romain, Deaõ, Andre Vernet, Toussaint Brave, Joaõ Felipe Danx, Martial Besse, Joaõ Pedro Ricardo, Joaõ Fleury, Joaõ Baptista Juge, Estevãõ Magny, Secretario.

Nos, o Perfeito Apostolico, e Officiaes Generaes de terra, e mar, Administradores de Finanças, e Officiaes de Justiça, abaixo assignados, tanto em nosso nome pessoal, como nos do exercito, e povo de quem somos orgaos neste lugar, nós nos juntamos de coração, e espirito ao Conselho de Estado para a proclamação de Sua Magestade, Henrique Christovaõ, Rey de Hayty, sendo este ha muito tempo, o nosso dezejo, o do povo, e do exercito.

Assignados—C. Brelle, Perfeito Apostolico ; N. Joachim Joaõ Filippe Daux, Rouanez, Tenentes Generaes ; Pedro Toussaint, Raphael, Luis Achille, Carlos Charlot, Cotte-reau, Jasmin, Prevost, Dupont, Carlos Pedro, Guerrier, Simaõ, Placido, Lebrun, Marechaes de Campo : Bastien Joaõ Baptista, Pedro St. Joaõ, Contra-Almirantes ; Almanjor

filho, Henrique Proiz, Chevalier, Papalier, Raimundo Sicard, Ferrier, Dossou, Caze, Brigadeiros dos Exercitos; Bastien Fabien, Cadet Antonio, Bernardino Sprew, Chefes de Divizão da Marinha; Estansláo Latortue, Joseph Lator-tue Intendentes; Delon *Controleur*; Joaõ Baptista Petit, Thesoureiro; P. A. Charrier, Director dos Dominios; L. Raphael, Director dos Alfandegas; Boyer, Guarda do Armarem Central; Juste Hugonin, Commissario Geral do Governo junto dos Tribunaes; Isaac Juis de Paz; Lagroue, Juste Chanlatte, Notarios; Dupuy, Interprete do Governo.

O Conselho de Estado ao Povo, e ao Exercito de terra, e mar de Hayty.

Concidadaons,

Vossos Mandatarios juntá-rao-se novamente para reverem a Constituição de Hayty, de 17 de Fevereiro 1807, anno quarto. Tendo a decidir sobre vossos mais caros interesses, elles o tem feito com todo o zelo, e patriotismo de que são capazes. Para corresponder á vossa confiança, chamarão, e ouvirão os Haytyenses mais instruidos; reflectirão, exami-narão maduramente no silencio do Gabinete, a forma de Governo, que mais convem ao paiz, que nos vio nascer; elles não tem jamais perdido de vista a vossa felecidade, a que a sua necessariamente está ligada: elles vos apresentao o fructo de suas vigalias, e trabalhos.

Quando o Estado, ameaçado pelas conspiraçoes, que se formavao em seu seio, e ataçadas ainda por nossos crueis, e encarnicados inimigos, apresentava a imagem do cahos, e de hum trastorno geral, o grande homem, que nos governa, con-heceo a necessidade de hum pacto social, em torno do qual se podessem reunir todos os Haytyenses, para quem o nome de patria não he hum titulo vão: elle nos convocou; nós nos apressamos a secundar suas vistas, e a offerecer-vos o co-digo de Leis, que tinhamos concluido. Nós não dissimula-mos entao, que esta obra não estava inteiramente acabada: pensámos somente que os principios que tinhamos procla-mado podiao, ao menos, bastar naquelle tempo de crise em que nos achávamos; e vistas as tempestades que soavao em torno do navio do Estado, reservamo-nos o cuidado de re-tocar nossa obra, de aperfeiçoa-la, e adapta-la ainda melhor á ñossos uzos, a nossas Leis, e costumes. Nesta lizongeira expectativa esperamos que, passadas as tempestades, o Ceo

mais sereno nos permittiria entao~ retomar o curso de nossos trabalhos.

Graças ao genio tutelar de Hayty, graças ao Supremo Magistrado, graças á suas altas concepçoens, á seu brilhante valor, á sua energia, á sua actividade, a victoria fiel, ás suas armas tem se fixado debaixo de suas bandeiras, renasceo á calma, restabelocco-se a ordem, restaurou-se vigorosamente a disciplina no exercito, e na Marinha, soffocaroo-se as conspiraçõens, os conspiradores forao~ punidos; a Justiça retomou seu curso, aperfeiçãoou se a moral, e a instrucção publica, melhorou se a agricultura, e o commercio; reaparecerao~ finalmente a ventura, e a prosperidade, e promettem ao Estado huma duração eterna; pensámos que se apresentava huma occasiao~ feliz de aperfeiçãoar as instituiçoens de que tínhamos somente dado os primeiros traços, e exclamamos—*chegou o tempo!*

Para nos preservar mos destas concussoens, destas horri-veis convulsoens, que tao~ frequentes vezes tem agitado, e destruido o corpo politico; para pôr hum freio ao fluxo, e refluxo das paixõens, aos projectos da intriga, ao furor das facçoens, e á reacção dos partidos; n'huma palavra a fim de evitar para sempre este cahos, esta confuzão, e este choque perpetuo, que rezultao~ destas monstruozas associaçoens conhecidas com o nome de *corpos populares*; nós sentimos, e conhecemos a necessidade de hum Chêfe unico, debaixo de cujas maõs poderozas nao~ houvessem mais collizoens: nossos coraçõens tem estado em perfeita analogia com os do povo, e do exercito, os quaes tem conhecido, que o Governo de hum só he o mais natural, o menos sujeito a perturbaçoens, e revezes, e o que reúne em supremo gráo o poder de conservar e manter nossas Leis, protegêr nossos direitos, defender nossa liberdade, e fazer-nos respeitar pelas outras Naçoens.

Mas nao~ bastava revesta a Authoridade Soberana de huma qualificação respeitosa, e grande, que representasse a idea da magestade do poder, que lhe imprimisse o respeito inseparavel da Potencia Real, e que lhe desse toda a latitude possivel para fazer o bem, nao~ reconhecendo senao~ a Lei superior á sua vontade: era preciso ainda, no caso de vacancia do throno, estabelecer o meio mais proprio de obviar, e prevenir disputas civis interminaveis, manter o repouzo, e estabilidade do Corpo Politico; e a successão hereditaria pareceo-nos a mais conveniente a preencher este importante fim.

Passando destas sublimes consideraçõens a outras essenciaes para cercar de esplendor a Magestade do throno; nós mos occupámos da instituição de huma nobreza hereditaria,

que tenha por caracter distinctivo a honra, cuja fidelidade esteja a toda a prova, que se tenha sacrificado sem reserva ao bem do Estado, que saiba viver, vencer, ou morrer pela conservação de hum throno, de quem ella recebe o seu primitivo lustre.

Nos temos analizado o poder, as prerogativas, e denominaçoens concedidas em cada parte do globo a estes seres superiores, nascidos evidentemente para commander seos semelhantes, exercendo na terra huma porção do poder da Divinidade á qual são responsaveis de todos os bens, e males, que rezultao de sua administração; e pela applicação que temos feito daquelles, que se tem succedido no Governo de nossa ilha, depois que tomámos as armas para manter nossos direitos; e finalmente depois da expulsão de nossos inimigos, e proclamação de nossa independencia, temos reconhecido que o titulo de Governador Geral dado ao pio, e virtuozo General em Chefe Toussaint Louverture de glorioza memoria; e depois primitivamente ao immortal fundador da independencia, não podia de modo algum convir á dignidade do Supremo Magistrado, por que huma semelhante denominação seria, quando muito, boa para hum official que estivesse a soldo de huma Potencia qualquer: de outro lado, o titulo magnifico de Imperador dado ao General em Chefe Dessalines, postoque digno na verdade de lhe ser offerecido pelos iminentes serviços que tinha feito ao Estado, e a seos concidadaons a sua applicação com tudo não era justa. Hum Imperador commanda outros Soberanos; ou pelo menos huma qualificação tao sublime suppoem em quem a possue não só os mesmos poderes, e a mesma potencia; mas tao bem a potencia real, e effectiva do territorio, da população, &c. &c: e finalmente o titulo momentaneo de Presidente dado a seu successor o Grande Henrique, nosso augusto Chefe, não exprime a idea da potencia soberana: e só pode ser applicavel a huma aggregação de homens juntos para taes, ou taes funcçoens, ou a hum corpo judicial, &c. Que o exemplo dos Estados Unidos, que são governados por hum prezidente, não pode mudar nossa opiniao a respeito da insufficiencia do titulo; que os Americanos tendo adoptado o Governo federativo, podem, como povo novo, dar-se bem com seu Governo actual: demais nós temos considerado que ainda que pareça estarmos na mesma hypothese, que os Americanos, como povo moderno nos tinhamos as necessidades, os costumes, as virtudes, e mesmo os vicios dos povos antigos. De todas as formas de Governo, a que nós pareceo merecer mais justamente a preferencia, he a que occupa hum lugar medio entre aquellas, que ate hoje se tem posto em pratica em Hayty: nos temos reconhecido com o grande

Montesquieu (Espirito das Leis cap. XI.) a excellencia do Governo Paternal Monarquico sobre os outros Governos. A estençao do territorio de Hayty he mais que sufficiente para a formaçao de hum Reino; muitos Estados na Europa, reconhecidas por todas as potencias estabelecidas nao tem a mesma estençao, nem os mesmos recursos, nem as mesmas riquezas, nem a mesma populaçao. Nada diremos do ardor guerreiro, e character bellico do Povo Haytyense; sua gloria he conhecida por toda a terra; e bem incredulos seriao aquelles que disso duvidassem!

O estabelecimento de hum throno hereditario na familia do grande homem, que tem governado este estado com tanta gloria, nos pareceo pois hum dever sagrado, e imperiozo, bem como hum testemunho brilhante do reconhecimento nacional. A pureza de suas intençoes, a lealdade de sua alma, nos sao garantes seguros, que o Povo de Hayty nada tera que temer pela sua liberdade, sua independencia, e felicidade. A consequencia natural da erecçao do throno era a fundaçao de huma ordem de nobreza hereditaria, a que seriao admissiveis todos os cidadaons distinctos, que tem feito importantes serviços ao Estado seja na carreira das armas, seja na magistratura, ou seja na carreira das sciencias, e bellas letras. Nos temos por tanto realçado o esplendor do throno por esta illustre instituiçao, que vai excitar huma generosa emulaçao, huma cega devoçao, e afferro ao serviço do Principe, e do Reino.

Se para justificar nossa escolha, fosse preciso citar exemplos, nós os achariamos numerosos na historia. Quantos homens grandes, artistas de profissao somente com o soccorro do genio, pelo vigor de sua energia, tem fundado Imperios, augmentado os seus limites, tem dado a sua naçao com o gosto das luzes, e das artes, as preciozas vantagens de huma sociedade sabiamente organizada! Sem ir mais longe nos citaremos o insigne modello neste genero, que acaba de offerecer a seus contemporaneos o homem extraordinario, nosso implacavel inimigo; aquelle cujos pensamentos tem por objecto nossa destruiçao, e que reina hoje tao soberanamente na Europa; que era elle antes do principio desta famosa revoluçao, a cujo resultado elle deve sua rapida elevaçao? Nada mais que hum fraco ente, cuja existencia fragil, e precaria estava longe de prever hum tao alto grao de gloria, e poder. Imitando aquelles, que o elevaao a ordem suprema, nos uzamos da qualidade de homens que recebemos da natureza: depois de ter reconquistado nossos direitos, nossa liberdade, e independencia, nós queremos fondar neste novo mundo huma Monarquia hereditaria, e nos apressamos a fixar em fim os destinos, ate aqui incertos,

deste paiz, declarando que Henrique está revestido do poder Soberano, que o throno he hereditario em sua familia, e que a felicidade dos Haytyenses data da era da fondação do Soberano poder nestes lugares.

Concidades : estabelecendo as bazas fundamentaes do Reino, que acabamos de erigir, persuadimo-nos ter correspondido á alta confiança que em nós tinheis posto. Se alguns detractores invejosos, ou pusillanimes se levantassem contra as novas Instituições, que temos adoptado, nos lhe responderiamos, que he tempo de desvanecer para sempre, ate a apparencia da louca esperanza, que nossos inimigos podem ainda conservar. Se estes mesmos inimigos não estão ainda desgostozos da terrivel experiencia que fizerao ; se, no delirio de sua raiva, conduzirem novamente ao nosso territorio seos batalhoens sequiosos de nosso sangue ; que elles achem, á sua chegada, hum povo, que ja experimentou a sua força, aguerrido ainda por effeito de suas divizoens, e familiarizado com os perigos, e combates, todo em armas, prompto a disputar-lhe o paiz que pertendem invadir : que elles vejao hum Monarca famoso, que hade honrar o seculo 19 tao frequentemente coroado dos loiros da victoria, reunido, cercado de sua nobreza fiel, afrontar os perigos, expirar mesmo pela salvação de seu povo, e sepultar-se, antes debaixo das ruinas do seu throno, do que submeter-se, e curvar-se a hum jugo vergonhozo. Que o povo afortunado da bella Hayty, tao favorecida pela natureza, se reuna em torno da Lei constitucional, que o unico fim da sua felicidade nos inspirou ; que elle jure defende-la ; e entao ficaremos em estado de arrostar todos os tyrannos do Universo.

Cidadãos, nós nos daremos por mui pagos, se, na garantia de vossos direitos, achardes com a felicidade, que vos temos dezejado promover. novas razoes para amar o Governo da nossa commum patria.

Feito no Cabo Henrique a 4 de Abril de 1811, anno oitavo da independencia.

Assignados.—Paulo Romano, Deao, Andre Vernet, Tous-saint Bravo, Joao Felippe Daux, Martial Besse, Joao Pedro Ricardo, Joao Fleury, Joao Baptista Juge, Estevao Magny, Secretario.

No dia 8 de Abril o Rey creou quatro Principes, seis Duques, vinte hum Condes, trinta e cinco Baroens, e onze cavalleiros.

E U R O P A .

PORTUGAL.

Lisboa.

PELAS Portarias, Avizos, e Edital do Intendente Geral da Policia, que vamos transcrever, veraõ os nossos Leitores a vigilancia, e piedozos cuidados que os Ex^{ma}. Governadores do Reino incessantemente empregaoõ assim para a defeza do Paiz, como para soccorrer, e minorar, quanto as deploraveis circumstancias actuaes o permittem, os males dos infelizes habitantes, que foraõ victimas da brutalidade, fereza, e inaudita barbaridade dos inimigos. Nós juntamos huma relação dos estragos, que os Vandalos fizeraõ na Villa de Arganil, e seu termo; dezejando que este factõ, e tantos mil outros desta natureza passem á posteridade, e sirvaõ de excitar hum odio eterno ao Monstro, e seos sequazes.

As providencias adoptados pela Academia Real das Sciencias, e as instrucçoens que mandou publicar, para reprimir, e obter aos fataes estragos, que na classe mais indigente da capital, e Provincias tem feito huma terrivel febre contagioza, merecem o maior elogio, e reconhecimento Nacional.

Seguem se a Proclamação e officio do Ex^{mo}. Marechal General Lord Visconde Wellington; officios e huã ordem do dia do Ex^{mo}. Marechal Beresford, o Vencedor de Soult na glorioza batalha de Albuera.

Avizo á Real Junta da Fazenda da Marinha.

Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sr. Fazendo-se necessario destinar hum Local onde se recolhaõ com segurança, as Embarcaçoens embargadas para o Real Serviço pelo Major Martinho Joze de Perné, Encarregado da promptificação dos transportes por mar para o Exercito: Determina S. A. R. que a Junta da Fazenda da Marinha passe as ordens necessarias para que a Caldeira de Alcantará contigua ao canal, seja immediatamente entregue á disposiçaoõ do dito Major; e quando para esta entrega se offereça algum inconveniente; Ordena o mesmo Senhor, que a referida Junta o faça logo constar por

esta Secretaria de Estado, para em consequencia se darem as providencias precisas. O que participo a V. Ex^{ca}. Palacio do Governo em 2 de Abril de 1811.—D. Miguel Pereira Forjaz—Snr. Almirante Berkley.

Avizo ao Governador das Armas do Porto.

O Principe Regente Nosso Senhor He servido que V. S. faça immediatamente completar os Regimentos de Milicias da sua jurisdicção pondo em execucao o Avizo constante da copia incluza, que para o mesmo fim foi expedido por esta Secretaria de Estado com data de 2 de Janeiro de 1810: ficando V. S. na intelligencia de que os sobreditos Corpos se devem conservar sempre completos, e compostos de homens robustos, e os mais capazes dos seus respectivos districtos, que forem izentos de servirem na Tropa de Linha; devendo V. S. participar-me ate o fim de Junho proximo para ser presente a S. A. R. que o Recrutamento dos Regimentos de Milicias desse Partido se acha concluido, e estes Corpos completos, sem que lhe falte huma só praça de Official inferior, ou Soldado; tendo V. S. o maior cuidado, em que sejam recrutados os Proprietarios de que se compoem a primeira classe com preferencia aos da segunda, e terceira; e castigando de hum modo que sirva de exemplo toda a sorte de abuzo, que houver sobre este objecto. Deos guarde a V. S. Palacio do Governo, em 9 de Maio de 1811.—De Miguel Pereira Forjaz—Snr. Nicolao Trant.

Avizo ao Vice-Reitor da Universidade de Coimbra.

O Principe Regente N. S. attendendo á Representação de V. S.; e conformando-se com o parecer do Governo destes Reinos: Houve por bem condecorar a Lugar de Vice-Reitor da Universidade de Coimbra com o Tratamento de Senhoria, pelo Alvará de 12 de Janeiro proximo passado, que ficava na Imprensa Regia da Corte do Rio de Janeiro para se imprimir. O que participo a V. S. para sua intelligencia. Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo em 8 de Abril de 1811.—Joaõ Antonio Salter de Mendonça—Snr. Francisco Antonio Duarte da Fonseca Montanha.

Avizo ao Corregedor da Commarca de Alemquer.

Aprezentando o Intendente Geral da Policia o plano, que Vm^{ca}. lhe remetteo para o Hospital de Caridade, que Vm^{ca}. vai estabelecendo em Alemquer por Subscriçoes, ja com utilidade dos pobres enfermos da dita Villa, e seu Termo: o Principe Regente N. S. he servido approvar o dito plano, e mandar louvar muito o zelo, e caridade de Vm^{ca}. e de todos os que concorrem para o mesmo estabelecimento; esperando

que delle rezulte o bem proposto, e exemplo, que excite outros semelhantes estabelecimentos nas mais terras devastadas pela crueldade, e impiedade dos inimigos. Deos guarde a Vm^{ca}. Palacio do Governo, em 23 de Abril de 1811. Joaõ Antonio Salter de Mendonça—Snr. Corregedor da Commarca de Alemquer.

Avizo á Junta da Fazenda da Marinha.

Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. O Principe Regente Nosso Senhor he servido que a Real Junta da Fazenda da Marinha passe as ordens necessarias ao Administrador dos Pinhaes Reaes de Leiria para facilitar as madeiras, que lhe indicar o Dezebargador Jeronimo Francisco Lobo que serve de Intendente Geral da Policia, e que elle julgar indispensaveis para reparar os Edificios das terras invadidas pelo inimigo. O que V. Ex^{ca}. fará presente na mesma Junta para que assim se execute. Deos guarde a V. Ex^{ca}. Palacio do Governo, em 16 de Abril de 1811. D. Miguel Pereira Forjaz—Snr. Almirante Berkley.

EDITAL.

O Dr. Jeronimo Francisco Lobo, Dezebargador da Caza da Supplicação que servo interinamente de Intendente Geral da Policia da Corte, e Reino, &c.

Faço saber que por effeito dos Paternaes desvelos de Sua Alteza Real se estabelece no lugar da Azinhaga, Termo de Santarem, hum depozito de rezes vacuns destinadas para o trabalho da Lavoura, ondé os Agricultores das terras invadidas se podem prover das juntas, que lhe forem indispensaveis para o seu trabalho do campo.

Estas juntas hao de ser vendidas, ou dadas a credito aos Lavradores, com obrigação de as pagarem pelo seu legitimo valor, dentro de hum, ou dois annos, aquelles que no acto da entraga não poderem apromptar o seu preço.

O valor das juntas hade ser regulado pela factura, que apresentar o Capitaõ Mor do Conselho de Bem-Viver, Manoel Francisco Camarinha. E para evitar toda a equivocação, as juntas hao de ser remetidas marcadas, e numeradas.

Como o dito Capitaõ Mor por effeito do seu patriotismo não recebe commissão alguma das compras do referido gado, e por consequencia a perda contingente desde o Porto ate á Azinhaga não deve correr por sua conta, está determinado que sobre o valor designado a cada junta prosolva o Comprador—2,400 reis—dos quaes serao 1,200 para a des-

peza dos conductores, e 1,200 reis para encher a falta, que resultar das perdas occurrentes.

Os Lavradores que quizerem receber a credito as juntas, serao a isso admittidos debaixo das seguintes condiçoens.

I. Mostraraõ huma obrigaçoõ feito na camara, aonde pertencem, pela qual se constituem devedores á Real Fazenda do valor das juntas, que receberem; hypothecando para segurança do pagamento bens de raiz, e dando fianças idoneas abonados pelos Vereadores.

II Nas mesmas obrigaçoens irá inserta a clausula deque não poderaõ vender as juntas, que forem dadas a credito, com a comminaçoõ de serem immediatamente obrigados ao seu pagamento.

III. Não serao fiadas juntas aos Lavradores, que as não tiverem perdido em consequencia da invazao; e somente aos das terras invadidas.

IV. Finda a lavoura, as juntas fiadas se não poderaõ escuzar por titulo algum dos embargos necessários para o exercito, e os vales serao recebidos como parte do pagamento, depois de abonados na competente Estação.

V. Os pagamentos serao feitos em moeda de metal; pois na mesma especie he feita a primeira compra dos gados.

He encarregado da recepção, e entrega das juntas o Morgado Joze Correia de Mello, Lavrador no lugar da Azinhaga, o qual fará entregar as juntas aos Lavradores, que as quizerem fiadas, em troca das suas respectivas obrigaçoens.

Para evitar todas as fraudes, as obrigaçoens, que não forem feitas na camara de Santarem, deverao ser apresentadas, para terem validade, ao Corregedor da Commarca desta Villa, e na sua auzencia ao Dr. Juis de Fora, os quaes depois de examinadas as obrigaçoens, achando as em termos, farao declarar que estaõ conformes, assignando esta declaração.

O mesmo Joze Correia de Mello no acto da intrega das juntas, mandará lavrar nas costas da obrigaçoõ hum termo, em que se declare, que cada huma das juntas foi dada no preço correspondente ao da factura com addição dos 2,400 reis: e neste termo se declarará o nome do Lavrador, o numero da junta, o seu dito valor, e o dia da entrega, com as dividas assignaturas; e estas obrigaçoens, e termos serao remetidas á Intendencia Geral da Policia, a fim de se passarem as letras correspondentes.

Quando no lugar da Azinhaga não haja Escrivão para lavrar os ditos termos, o Corregedir da Commarca de Santarem nomeará aquelle, que menos gravame fizer aos compradores, em razao das distancias, e custas, que serao estricitamente as que se achao estabelecidas pela Lei.

A nenhum Lavrador serao fiadas mais de tres juntas, em quanto houver compradores que as pertendaõ : porque as beneficis vistas de Sua Alteza Real sao favorecer principalmemente aos Lavradores precizados.

E para que estas providencias se façaõ publicas mandei affixar o presente em todos os lugares publicos. Lisboa dezeseite de Maio, de mil oito centos e onze.

Jeronime Francisco Lobo.

Lisbon, 1 de Junho.

O nosso Governo fez expedir a seguinte PORTARIA.

O Principe Regente Nosso Senhor, Tomando em consideração a Consulta da Junta da Bulla da Cruzada, em data de 10 do corrente, a conta do Superintendente Geral dos Contrabandos, e outras Representações sobre algumas dúvidas, que se tem excitado a respeito do novo imposto do Sello, com prejuizo da Justiça, Direitos da Corõa, Execuções Fiscaes, e expedição de outros papeis : Manda que os Autos, que correm pela Justiça, ou á Instancia dos Procuradores Regios, e outros Fiscaes, sem haver parte que tenha interesse no seu adiantamento, e as Ordens, que se expedirem, ex officio, a bem da Administração da mesma Justiça, ou a bem da Corõa, e Fazenda Real, naõ se demorem por causa do pagamento do dito novo imposto, e tenham effeito sem elle ; apontando o Escrivaõ respectivo na cota das Ordens o numero das folhas de cada huma dellas, e na ultima folha dos Autos as de que elles constarem, para o Contador fazer a conta a tudo, e serem executados os Devedores juntamente pela importancia do mesmo Sello : naõ se passando Quitação geral, nem Sentença á Parte, sem effectivo pagamento do que tambem dever do mesmo Sello : Manda outro sim, que com as Sentenças, e papeis, que houverem de passar pela Chancellaria Mor do Reino, e deverem pagar o referido novo Imposto, se observe o mesmo, que se acha determinado a respeito das Sentenças, e papeis que passao pela Chancellario da Casa da Supplicação na Portaria de 30 de Março proximo passado. Manda outro sim, que os Autos findos com Sentença proferida, antes da execução da Portaria do Primeiro do dito mez, naõ sejam obrigados a pagar Sello, posto que depois se haja de extrahir Sentença delles mas naõ se tomará conhecimento dos Embargos, que ainda se poderem oppór, sem effectivo pagamento da importancia do Sello dos mesmos Autos. Manda finalmente, que com estas declarações se observem as ditas Portarias do primeiro, e trinta do Março. Palacio do Governo em 20 de Maio de 1811.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

OUTRA PORTARIA.

O Principe Regente nosso Senhor, pelas suas Paternaes providencias, não se Contentando de socorrer as Povoações incendiadas, ou assoladas pelos inimigos, com auxilios maiores do que permittem as calamidades, e urgencias do Estado: Manda perdoar a Decima ordinaria, e a Contribuição extraordinaria de defeza, que se deverem do anno passado de 1810, sem emargo de quaesquer lançamentos, quanto ás propriedades incendiadas assoladas, ou desamparadas, na fôrma das ordens, de sorte que dellas não se aproveitassem fructos, ou renda: E pelo que toca aquellas propriedades, de que se aproveitáráo fructos, e delles se dérao alguns para o Exercito, Manda que, compensado o valor destes, em corrente quantia, com as ditas imposições, se pague o excesso, que houver a favor dos particulares, promptamente, e com preferencia a outra qualquer divida, pela Junta das Munições de Boca. Palacio do Governo em 27 de Maio de 1811.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino

Lisboa 27 de Maio.

Ao Vice-Reitor da Universidade de Coimbra foi expedido o seguinte.

AVISO.

Estando felizmente desembaraçadas as Estradas para a Cidade de Coimbra, a que se mandaraõ restituir as Authoridades Ecclesiasticas e Civis: Ordena o Principe Regente N. S., que o Corpo da Universidade, com os seus Cofres e Officiaes, que tinhão sahido della pela invasão das tropas inimigas, se recolhaõ sem perda de tempo á mesma Cidade: O que participo por Ordem de S. A. R. a Vm. para sua intelligencia, e prompta execucao. Deus guarde a Vm. Palacio do Governo em 30 de Março de 1811. Joaõ Antonio Salter de Mendonça Senhor Francisco Antonio Duarte da Fonseca Montanha.

Ao Tribunal da Real Junta da Fazenda da Marinha se dirigio o seguinte.

AVISO.

Illustris. e Excellentis. Sr.

O Principe Regente N. S. He servido que o Thesoureiro e Pagador da Real Junta da Fazenda da Marinha nos pagamentos que fizer por Procurações para cobrança de Ordenados, Juros, e Tenças, e de outras iguaes Dividas da Fazenda Real, que não precisem de apresen-

tar-se em Juizo contencioso, não devem pagar a Imposição do Sello, observando-se assim a determinação da Regia Portaria do primeiro do corrente mez: O que V. Exc. fará presente na mesma Junta para ter a sua devida execução. Deos guarde a V. Exc. Lisboa 26 de Março de 1811. Conde de Redondo. Sr. Jorge Berkeley.

RELAÇÃO

Dos estragos feitos pelo Exercito Francez em Arganil, e seu termo nos dias 17 de Fevereiro, 12, 15, 16, 17, e 18 de Março do corrente anno.

Dinheiro roubado	5,769,240
Peças de oiro, e prata do valor de	9,874,000
Importancia de roupas de laã, seda, e linho	18,677,800
Calices, patenas, cruces processionaes, vazos de prata, turibulos, navetas, castiças de prata, &c. &c. &c. da Igreja de Arganil	13,944,000
Ditos da Igreja de Sarzedo	824,000
Ditos Folques	206,200
Perdas cauzadas pelas chamas na Igreja de Se- caria avaliadas em	2,400,000
	<hr/>
	51,694,940

Alqueires de trigo estragados nas Searas	7,028
Ditos de centeio e sevada	2,445
Ditos de feijão	954
Ditos de milho	20,210
Almudes de vinho, e vinagre	3,523
Alqueires de azeite	1,333
Ditos de agoa ardente	65
Arrobas de carne de porco, e banha	584
Cabecas de gado grosso	314
Ditas de dito miudo	10,642
Bestas roubadas	11
Porcos pequenos	191
Galinhas	2,254
Alqueires de mel	53
No. de colmeas	1,612
Oliveiras cortadas, e destruidas	3,302
Castanheiros cortados, e destruidos	422
No. de carros di pinheiros cortados	1,478
Templos incendiados	1
Cazas particulares incendiadas	13

Ecclesiasticos mortos	3
Seculares mortos	23
Mulheres mortos	7
Mulheres ultrajadas, e prisioneiras	96
Imagens queimadas, e despedaçadas	27

ADVERTENCIA.

Esta relação estava assignada por todos os Membros da Camara de Arganil: mas sem taes assignaturas mesmo, nós a reputariamos verdadeira, porque o vandalismo dos exercitos Francezes, e seos horrores inauditos são mui sabidos; e só delles duvida, quem he tal, como elles.

PROCLAMAÇÃO.

Lord Visconde Wellington, K. B. Marechal General dos Exercitos de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, &c. &c.

A Nação Portugueza he informada, que o cruel inimigo, que havia invadido Portugal, e devastado o Paiz, foi compellido a evacua-lo, e a retirar-se atravez do Agueda, depois de haver soffrido grandes perdas.

Os habitantes dos districtos invadidos podem com segurança voltar para os seos lares, e principiar as suas occupaçoens, e arranjos domesticos.

O Marechal General lhes recorda todavia o conteudo do Proclamação, que lhes dirigio no mez de Agosto passado, cuja copia vai ao lado desta.

A Nação Portugueza conhece agora por experiencia, que o Marechal General não se enganou na natureza, ou extensão dos males com que era ameaçada, nem tao pouco nos unicos meios de precave-los, ou impedir seos effeitos, os quaes eraõ, e são huma firme rezolução de resistencia, remover, e occultar todos os bens, e effeitos, que podião contribuir para a subsistencia do inimigo, e facilitação dos seos progressos.

Tem decorrido perto de quatro annos, desde que o Tyranno da Europa invadio com hum poderoso exercito o Reino de Portugal: não teve por motivo esta invazão huma defesa pessoal; não foi para vingar insultos ou injurias que lhe houvesse feito o benevolente Soberano deste Reino: não foi finalmente o ambiciozo dezejo de augmentar o seu poder politico; poisque o Governo Portuguez sem resistencia havia condescendido com todas as requiziçoens do Tyranno: foi porem o seu objecto o in-

saciavel dezejo de pilhagem, e de perturbar a tranquillidade, e apoderar-se das riquezas de huma Nação, que disfructava as doçuras da paz, ha perto de meio seculo.

Os mesmos dezejos occasionaraõ no anno de 1809 a invazão das Provincias do Norte de Portugal; e a inclinação para o roubo, e pilhagem motivou a do anno de 1810, que felismente acaba de ser frustrada; e o Marechal General appella para a experiencia dos que tem presenciado as tres invazoens, a fim de que testifiquem se acazo durante ellas o procedimento do exercito Francez, não tem sido o de confiscar, roubar e commetter quantos ultrages pode suggerir-lhe sua barbara, e atroz indole; e se desde o General ate o ultimo soldado senão deleitavaõ em praticar taes excessos.

Aquelles Paizes, que se tem submettido á tyrannia, não tem experimentado melhor sorte, doque aquelles que lhe resistirao. Os habitantes perderao todos os seos bens; as suas familias forao deshonradas, as suas Leis atropeladas, a sua Religiao banida, e sobre tudo se tem privado da honra daquella varonil resistencia á oppressão, contra a qual os habitantes de Portugal tem dado tao singulares, e felizes exemplos.

O Marechal General ao mesmo tempo que annuncia os resultados da ultima invazão, considera ser do seu de ver recordar aos habitantes de Portugal que não obstante, que se tem removido o perigo que os ameaçava, não tem ainda completamente desaparecido.

A Nação Portugueza ainda tem riquezas, que o Tyranno procurará pilhar. Ella he felis debaixo do moderado Governo do seu Benefico Soberano; e isto basta para que o Tyranno se esforce a destruir a sua felicidade. Ella lhe tem prosperamente resistido; e por consequinte não deixará elle de fazer quanto lhe seja possivel para submete-la ao seu jugo de ferro.

A Nação não deve affroixar em seos preparativos para huma firme, e decidida resistencia. Todo o individuo capaz de pegar em armas deve aprender o seu manejo; e os que por sua idade, ou sexo não podem pegar nellas, devem de antemao fixar para se acolherem as paragens mais occultas, e de maior segurança, fazendo ao mesmo tempo todos os necessarios arranjos para se recolherem a ellas, quando se approximar o momento perigoso.

Os effeitos de valor, que tentao a avareza do Tyranno, e aos seos satellites, e que sao o grande objecto da sua invazão, devem de antemao cuidadosamente enterrarse: cada individuo occultando os seos, não confiando o se-

gredo á fraqueza daquelles, que não tenham interesse em guarda-lo.

Devem-se tomar medidas para occultar, ou inutilizar os viveres, que se não possam transportar para lugares seguros, assim como tudo quanto possa contribuir para facilitar o progresso do inimigo; pois que he bem notorio que as tropas inimigas se apoderão de quanto encontraõ, e nada deixão ao legitimo dono.

Se acazo se adoptarem estas medidas, por superior que seja o numero da força, que o desejo da pilhagem, e da vingança possa induzir ao Tyranno a mandar novamente invadir este paiz; e resultado sera certo, e a independencia de Portugal, e felicidade de seos habitantes ficará finalmente estabelecida com eterna honra da prezente Geração. Quartel General 10 de Abril de 1811.

WELLINGTON.

Extracto de hum Officio de S. Lord Visconde Wellington, dirigido ao Ex^{mo}. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sr.

Não restava na margem esquerda do rio Agueda, na tarde de 10 do corrente, mais parte do Exercito inimigo do que huma Brigada de cavallaria, postada junto á Ponte de Ciudad-Rodrigo. O segundo Corpo havia passado este rio em Barba del Puerco, e no vão de Val d'Espino, e se achava acantonado nas immedições daquella Cidade; e os nossos postos avançados estavaõ postados sobre o Azava, e o Agueda debaixo.

A 6 Divisao voltou para o serviço do bloqueio da Praça de Almeida na tarde daquelle mencionado dia, e foi determinado ao M. General Sir W. Erskine, que mandasse hum Batalhaõ para Barba del Puerco, a fim de guardar a Ponte que se acha naquelle ponto; este mesmo Batalhaõ havia antecedentemente sido mandado postar-se no lugar, donde observava as passagens das Duas Casas, entre Aldea del Obispo, e Barba del Puerco.

O inimigo fez saltar pelos ares algumas das minas, que tinha construido nas fortificações de Almeida; e isto pouco antes de huma hora da manhã do dia 11, e immediatamente atacou os Piquets, que servião de observar a Praça, e forçou atravez delles a sua passagem; fazendo muito pouco fogo, e marchando, segundo parece, por entre os Corpos de tropas, que pur alli se achavaõ postados para apoiarem os Piquetes; e particularmente he para suppôr que não podião ter passado mui distante da direita no ponto, em que se achava collocado o Regimento denominado da Rainha.

Ao primeiro rebate o Brigadeiro General Pack, que se achava em Malpartida, se reunio aos Piquetis, e continuou a seguir e a fazer fogo contra o inimigo, indicando com este fogo ás demais tropas, que formavão o bloqueio de Almeida, a direcção em que se devião dirigir: o M. General Campbell, tambem marchou de Malpartida com parte do 1. Batalhaõ do Regimento No. 36; o inimigo porém continuou na sua marcha, formado em hum Corpo mui compacto, e sem fazer fogo, sendo ao mesmo passo bem guiados por entre as posiçoens occupadas pelas nossas tropas.

O 4. Regimento, que havia sido ordenado que fosse occupar Barba del Puerco, infelizmente enganou-se com a estrada, e quando alli chegou já o inimigo se achava no lugar, e começava a desfilar para a ponte; foi tambem que neste momento chegou o Major General Campbell com o Regimento 36, e os Batalhoens ligeiros da 5. Divisao, os quaes o M. General Sir W. Erskine tinha destacado de Aldêa del Obispo, para irem a Barba del Puerco, logo que ouviu que o inimigo tinha sahido de Almeida.

Tem porem soffrido o inimigo consideravel perda; tanto em prisioneiros, como em mortos e feridos; e isto não somente na marcha que fez d'Almeida, mas tambem na passagem do Rio Agueda. Parece que aquella parte do 2. Corpo, que se achava em S. Felices, se formou logo que ouviu o fogo na margem d'além do Rio, com o fim de proteger a passagem dos inimigos que se escapavaõ: o Hon. Tenente Coronel Cochrane pertencente ao Regimento 36, e que havia passado á margem d'alem do Rio, com hum Destacamento do referido Regimento e do do No. 4, foi consequencia obrigado a retirar-se, e com alguma perda.

Das participaçõens feitas ao Principe de Essling pelo General Regnier e Brenier as quaes sendo interceptadas me forão trazidas, vê-se que a chegada da Guarniçao d'Almeida a Barba del Puerco, foi inteiramente inesperada, pois que, como mencionei no meu Despacho de data de 10 do corrente, tinha sido abandonado pelo inimigo á sorte que a esperava.

Deve o inimigo a salvaçao da pequena porçao da Guarniçao, que se tem escapado, principalmente ao infeliz engano que teve, com a estrada, o Regimento No. 4: Durante todo o periodo do bloqueio, e particularmente naquelle em que o inimigo esteve postado, entre os Rios Duas Casas e Azava, estava a Guarniçao no costume de disparar algumas peças de artilheria pelo discurso da noite; e aquelles Piquetes, que ficavaõ mais perto da Praça, erao frequentemente

atacados. Na noite de 7 do presente mez tinha a Praça feito muito fogo de artilheria, e forão os nossos Piquetes atacados; tambem houve hum igual fogo na noite de 8; por este motivo, o Regimento da Rainha em particular, e as demais tropas empregadas no bloqueio da Praça, forão induzidas a crer que a explosão, que tinham ouvido na manhã de 11, era da mesma natureza daquellas que tinham ouvido nas antecedentes; do que resultou, que o Regimento da Rainha se não puzesse em movimento, nem tão pouco as outras tropas, até que os motivos da explosão forão reconhecidos.

Desde o dia 11 do corrente, tem o inimigo continuado a retirar-se para a direcção do Tormes, e me haõ communicado, que elle já tem passado aquelle Rio, marchando para as bandas do Rio Douro: Não tenho porém recebido esta participação de huma via assás authentica para a ter por certa.

O Marechal Beresford investio Badajoz por ambos os lados do Guadiana na noite de 8, e na mesma começou a abrir trincheiras nos mencionados lados. O inimigo fez huma sortida, e procurou impedir as nossas tropas o occuparem o terreno, do qual devião dirigir o ataque contra as obras exteriores do Forte de S. Christovão; foi porém repellido, e obrigado a acolher-se no Forte. Tinhaõ feito outra sortida na manhã de 10 com huma grande força, apesar do que, teve igual successo á que tinha tido a anterior. Sinto porém de ter a dizer a V. E. que a nossa perda nesta occasião foi mui seria, sendo devida ao bizarro, mas imprudente avanco das tropas até quasi ás explanadas do Forte de S. Christovão, e á situação a que entãõ ficaraõ expostas, recebendo o fogo de mosquetaria, e metralha, tanto das obras exteriores, como do Corpo do Forte. Não tenho ainda recebido as partes officiaes do Marechal Beresford respectivas a estes acontecimentos, nem tão pouco delle ter começado a fazer fogo, e a bater a Praça; porém tenho razões para crer que principiou contra Pardalleiras, Picurina, e S. Christovão na manhã de 11 do corrente mez.

Os Corpos de tropas Hespanholas, debaixo do commando do General Blake, que tinhaõ desembarcado na Foz do Guadiana, aproximaraõ-se para perto das Fronteiras da Estramadura, em ordem a cooperarem com o Marechal Beresford no ataque de Badajoz.

Tenho a honra de permanecer com sentimentos de estima, e consideração.

De V. E. o mais attento e fiel servidor.

WELLINGTON.

Ill^{mo}. e Ex^{ma}. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Quartel General de Villar Formoso 15 de Maio de 1811.

P. S. Transmitto a V. E. incluso o Mappa dos mortos e feridos, que tiveraõ as tropas, que se bateraõ com o inimigo em Barba del Puerco.

Extracto de huma carta do Marechal Beresford ao Lord Wellington, datada de Albuera a 16 de Maio de 1811.

Na conformidade das instrucçoens, que V. E. me tinha dado a 24 do mez ultimo, em consequencia do estado actual do tempo, e tendo-se destruido os nossos meios de communicação com a margem direita do Guadiana, por causa da subita inundaçãõ deste rio, deixando minha cavallaria em Zafra, Los Santos, e Villa Franca, postei a infantaria de maneira que sua principal força estava em Almendralejo, Azuechal, e Villa-Alva, onde se achavaõ as divisioens do Honrado Major-General Wm. Stewart, e do Major General Hamilton, a divizaõ do Honrado Major General Cole, com a brigada de cavallaria do Brigadeiro General Madden em Merida; a brigada de Infantaria desta divizaõ, commandada pelo Brigadeiro General Kemmis, e que era destinada para o ataque de S. Christovaõ, em Montijo; e a brigada legeira da Legiaõ Alemaa commandada pelo Major General Barao Alten, em Talavera Real, deixando o batalhaõ legeiro da Legiaõ Luzitana em Olivença, esperando a diminuiçãõ das agoas do Guadiana, e o restablecimento de nossa ponte, sendo de huma grande importancia repellir o inimigo longe de nos quanto fosse possivel, durante o sitio, visto que depois que o tinhamos obrigado a retirar-se de Llerena para Guadalialanal, elle occupava esta ultima villa.

Eu mandei marchar huma pequena columna de 2,000 homens, composta da primeira brigada da 2. divizaõ, commandada pelo Tenente Coronel Colborne, com dois esquadroens de cavallaria, e duas peças Hispanholas do calibre de 4, de Almendralejo para Azuaga pelo lugar de Ribera, e Maquilla, para ameaçar sua direita, enviando ao mesmo tempo a Llerena quatro esquadroens de cavallaria do Brigadeiro General Long, que estava em Villa Franca, para sustentar o Condé de Penne Villamur, que se achava entaõ com a cavallaria Hespanhola do corpo de General Castanhos, a fim de lhe fazer reccar hum ataque em frente; o General Ballasteros partio de Monasterio para Montemolin para ameaçar sua esquerda. Estas manobras tiveraõ o effeito dezejado; e logo que o inimigo vio, que o Tenente Coronel Colborne se approximava a Azuaga, onde tinha 500 homens de infantaria, e 300 cavallos, abandonou precipitadamente este lugar, e se retirou para Guadalialanal, situaçãõ, que o General Latour-Maubourg, que ali estava com o 5. Corpo, deixou, duas horas depois da chegada deste destacamento, e ás onze horas da noite se retirou para junto de Constantino. O

Tenente Coronel Colborne executou esta operacão com muita intelligencia, e intrepidez.

Fazendo bom tempo, ha muitos dias, tendo diminuido as agoas de Guadiana, e estando quasi acabados os nossos preparativos para o sitio de Badajoz, graças á actividade do Tenente Coronel Fletcher, a 3 de Maio, eu mandei tres brigadas de infantaria, huma de artilharia com peças de 6, edois esquadroens de cavallaria, debaixo das ordens do Honrado Major General Wm. Stewart para investir Badajoz de mais perto ao meio-dia de rio; o que elle executou a 4 com seu zelo, e sua exactidaõ ordinaria. A 6 do corrente fiz marchar as divizoens restantes para a parte de Badajoz, huma por Albuera, a outra por Talavera, deixando a cavallaria postada como assim disse. A 7 cheguei a Badajoz com estas divizoens. O General Castanhos forneceo taobem para assistir ao sitio dois mil homens commandados pelo Brigadeiro D. Carlos de Hespanha. A 8, ordenei á brigada do Brigadeiro General Kemmis, que estava d'antes postado sobre o Chebora, que fosse para a Torre de St. Ingraiza quasi a duas milhas de Badajoz na estrada de Campomaior, onde se lhe devia ajuntar o 17 regimento Portuguez, dois esquadroens de cavallaria, e quatro peças de 6 sahidas de Elvas; esta força devia estar reunida as tres horas da manha, e o Honrado Major General Wm. Lumley devia tomar a Commando de todas estas forças para investir Badajoz do lado do Norte, e atacar o Forte S. Christovão. Em consequencia de hum accidente que sobreveio ao portador das ordens dirigidas ao Brigadeiro General Kemmis, o official naõ chegou ao seu posto senaõ as nove horas. O Honrado Major General Lumley, ao aproche das companhias ligeiras, tendo-se avançado para aquella praça com as forças que conduzia de Elyas, a guarniçao fez huma sortida contra ellas, mas foi immediatamente repellida, e os grana-deiros do 17 regimento se distinguiraõ particulármente carregando o inimigo, tendo á sua frente o Coronel Turner. O destacamento soffreo a perda mencionada na relação. No. I.

Para proteger os aproches ultteriores o Tenente Coronel Fletcher construiu no dia 8 batarias para atirar sobre as Pardalleiras, e Picurina, sobre as alturas que as dominaõ, mas a huma grande distancia; e o Capitao Squire, que o Tenente Coronel tinha enviado para vigiar as obras, que se deviaõ erigir contra S. Christovão, começou suas operaçoens no dia 8. A abertura da trincheira deste lado cauzou immediatamente huma grande inquietação ao inimigo; elle correspondeo com hum fogo mui violento de bombas, e balas; e a 10 de manhã fez huma sortida com 1,200

homens, contra a bateria que se erigia a menos de 500 varas de distancia da Praça. Bem depressa se apoderou della porque não achou ali mais do que huma companhia de infantaria legeira do corpo que a cubria; mas não a conservou dois minutos, porque todo o destacamento que estava perto da bateria no declive da altura, tomou immediatamente as armas, e expulsou o inimigo, causando-lhe huma grande perda; mas eu sinto precisar dizer que a nossa teve de ser muito maior nesta occaziaõ, porque nossas tropas estavam expostas ao fogo de bombas, e balas da Praça e do Forte S. Christovão, e das mosquetaria deste.

Remetto incluso o mappa da nossa perda neste dia; eu sinto ficar privado dos serviços do Coronel Turner, que no pouco tempo, que está no serviço do Portugal me tem dado a maior satisfação, e nestes dois dias assignalou eminentemente seu valor.

Remetto igualmente as relações da nossa perda de homens nos dias respectivos em que se continuaraõ novas operações contra Badajoz, e as relações do honrado Major General Lumley, sobre as circumstancias, e consequencias das sortidas do inimigo.

No dia 12 informou-me o General Blake, que o Marechal Soult tinha partido de Sevilha a 10 com o premeditado designio de vir a Badajoz com huma força que se dizia ser de 15,000 homens; e que o General Latour Maubourg tinha avançado para Guadalcanal, que já occupava, porque o Conde de Penne Villamur tinha sido obrigado a retirar-se dali. Como o General Blake tinha vindo para Frejenal, e o General Ballasteros tinha adiantado seos postos avançados de Monasterio a huma legoa distante de Sevilha; eu não podia julgar se esta marcha do Marechal Soult tinha unicamente por fim obrigar estes Generaes a retirar-se, e deixa-lo tranquillo em Sevilha, ou se marchava realmente contra mim, como em geral se dizia, com as vistas de fazer levantar o sitio de Badajoz: consequentemente continuei minhas operações contra aquella Praça, ate que os ultiores progressos de Soult determinassem, e resolvessem mais claramente este ponto; mas no meio da noite recebi avizos do General Blake, e d'outras partes, informando-me, que o Marechal Soult se avançava rapidamente; o que tirou toda a duvida a respeito das suas intenções. Mandei immediatamente suspender as operações contra Badajoz, e ordenei que se comesassem a transportar para Elvás nossas peças, e petréchos, que infelizmente estavam quasi juntas em mui grande quantidade para o sitio.

Pelos grandes esforços do Tenente Coronel Fletcher do Real Corpo de Engenheiros, e do Major Dixon da Artilharia tudo se retirou para Elvas na tarde do dia 15. Eu

faço justiça ao Tenente General F. de P. Leite (Governador da provincia do Alemtejo) dizendo, que em todas as occazions nós somos grandemente devedores ao seu zêlo, e infatigavel actividade em tudo o que diz respeito ao serviço, e bem do seu paiz, e particularmente neste, em que elle apromptou os meios de transporte que nos eraõ necessarios, forneceo, e enviou todos os mais objectos que podião ser uteis. Aproveito com prazer esta occaziaõ para dar ao General Leite os elogios, que elle tem sempre taõ bem merecido.

Eu tinha sido obrigado a deixar diante de Badajoz a divizão do Honrado Major General Cole para cobrir o transporte da artilharia, muniçoens, &c. A 16 pelas duas horas da manhã o Major General Cole partio daquella pozizaõ, para se juntar ao exercito, o que obteve, quasi meia hora antes que o inimigo atacasse.

Todavia eu tenho a satisfacaõ de informar a V. S. que o inimigo nao pode gabar-se de ter tomado a menor parte de nossas muniçoens: todas ellas estaõ seguras em Elvas; e exceptuando a brigada do Brigadeiro General Kemmis, que estava junto na margem Septentrional do Guadiana, todo o nosso exercito estava junto no dia 16 de manhã para receber o ataque, e suspender os progressos do Marechal Sult.

Segundo officio do Sr. Marechal Beresford.

Albuera 18 de Maio de 1811.

O My Lord,

Tenho extrema satisfacaõ em annunciar a V. Ex.^{ca} que o exercito alliado, reunido debaixo do meu commando, alcançou, a 16 deste mez depois de huma batalha mui sanguinolenta, huma completa victoria sobre o exercito inimigo commandado pelo Marechal Sult, e cujas circumstancias vou referir a V. Ex.^{ca}.

N'hum precedente despacho informei a V. Ex.^{ca} que o Marechal Sult tinha partido de Sevilha; e que eu tinha, em consequencia julgado prudente levantar inteiramente o sitio de Badajoz, e de me preparar para o receber com todas as minhas forças reunidas, receando que por querer proseguir ao mesmo tempo dois objectos, os perdesse ambos. O Marechal Sult tinha, havia muito tempo, empregado todos os seos meios para ajuntar huma força, que julgava plenamente bastante para socorrer Badajoz, e com este intentõ tinha tirado hum consideravel numero de tropas dos corpos do Marechal Victor, do General Sebastiani, e mesmo, penso eu, do exercito do centro; e tendo assim terminado seos preparativos, marchou de Sevilha, a 10 deste mez, com hum corpo avaliado em 15 ou 16,000 homens, e entrando

na Estremadura se lhe juntou o corpo commandado pelo General Latour Maubourg, cuja força, segundo se dizia, era de 5,000 homens. Conformando-se estrictamente ao plano proposto por V. Ex.^{ca}, o General Blake mal soube da marcha do Marechal Soult, immediatamente se poz em movimento para formar sua junção com o corpo que está de baixo das minhas ordens, e a 14 chegou em pessoa a Valverde onde depois de ter tido hum conselho com elle, e com o General Castanhos, se decidio esperar o inimigo, e dar-lhe batalha.

Vendo o inimigo determinado a soccorrer Badajoz, eu me tinha retirado de frente desta praça, e feito marchar a infantaria para a posição de Valverde, exceptuando a divisão do Honrado General Cole, que eu deixei com 2,000 homens de tropas Hespanholas, para cobrir o transporte de nossos petrechos.

A cavallaria, que segundo estas ordens, se tinha retirado á medida que o inimigo se adiantava, juntou-se em Sta. Martha com a cavallaria do General Blake, com a qual a do General Castanhos, commandada pelo Conde de Penne Villamur, tinha sempre estado unida.

Posto que a posição de Valverde fosse mais forte, como ficando ali eu deixava Badajoz inteiramente descoberta, resolvi-me a tomar aqui huma posição tal, qual era possível acha-la em hum paiz tao aberto, e ficando desta maneira postado directamente entre o inimigo e Badajoz.

No dia 15 pois deste mez se juntou aqui o exercito. O corpo do General Blake, ainda que fez marchas forçadas para effectuar sua junção, com tudo só chegou durante a noite, e somente na manhã do dia 16, e pouco tempo antes da acção, pôde tomar a sua posição, bem como a divisão do General Cole, e a brigada Hespanhola commandada por Don Carlos de Hespanha, que chegáram hum pouco antes do principio da acção.

Na manhã de 15 nossa cavallaria tinha sido obrigada a retirar-se de Sta. Martha, e se nos veio juntar aqui. Depois do meio dia appareceo o inimigo defronte de nos no dia seguinte fizemos nossas disposições para o receber, arranjando nosso exercito em duas linhas quasi parallelas ao ribeiro de Albuera sobre o declive do terreno, que se eleva gradualmente deste ribeiro, cobrindo as estradas de Badajoz, e de Valverde; posto que V. Ex.^{ca}. sabe que toda a superficie deste paiz he por toda a parte accessivel á toda a especie de armas. O Corpo do General Blake estava á direita em duas linhas; sua esquerda sobre a estrada de Valverde se juntava á direita da divisão do Major General Wm. Stewart, cuja esquerda terminava na estrada de Bada-

joz, onde começava a direita da divizão do Major General Hamilton que fechava a esquerda da linha. A divizão do General Cole, com huma brigada da do General Hamilton, formava a segundo linha do exercito Inglez, e Portuguez.

A 16 de manhã o inimigo não differio muito tempo o ataque; ás oito horas vio se em movimento, e sua cavallaria passando o pequeno ribeiro de Albuera, muito acima da nossa direita: pouco depois elle fez sahir do bosque em frente de nos hum consideravel corpo de cavallaria, e duas fortes columnas de infantaria, dirigindo-as sobre nossa frente como para atacar a povoação, e a ponte de Albuera. Durante este tempo, coberto por sua cavallaria infinitamente superior á nossa, elle fez desfilar sobre a ribeira álem da nossa direita, seu principal corpo de infantaria, e pouco tempo bastou para conhecermos que sua intenção era de nos voltar por este flanco, e de nos cortar a communicação com Valverde. A divizão do Major General Cole recebeu em consequencia ordem de formar huma linha obliqua na retaguarda da nossa direita, fazendo recuar a sua: e como era evidente que a intenção do inimigo era de atacar nossa direita, eu pedi ao, General Blake, que formasse huma parte da sua primeira linha, e toda a segunda sobre a frente; o que se fez.

O inimigo começou seu ataque ás nove horas ameaçando sempre nossa esquerda; e depois de huma resistencia forte, e obstinada da parte das tropas Hespanholas, elle se apoderou das alturas que estas occupavaõ. Neste tempo chegava para os sustentar a divizão do Honrado Major General W. Stewart; e a do Major General Hamilton se foi postar á esquerda da linha Hespanhola, e se formou em columnas serradas por batalhoens, a fim de poder manubrar em todas as direcçoens. A brigada de Cavallaria Portugueza debaixo dos ordens do Brigadeiro General Otway ficou á alguma distancia na esquerda para se oppor a toda a tentativa do inimigo abaixo da povoação.

Como as alturas tomadas pelo inimigo dominavaõ, e enfiavaõ toda a nossa posição, era indispensavel retoma-las, e fazer todos os esforços possiveis para as manter; e a divizão do General Stewart, conduzida por este bravo Official, fez hum esforço mui vigoroso. Pouco depois que o inimigo começou o seu ataque sobreveio huma chuva mui forte; o que, junto ao fumo do fogo não permittio distinguir coiza alguma claramente. Esta circumstancia, e a natureza do terreno tinhaõ singularmente favorecido a formação do inimigo em columnas, e seu subseqüente ataque.

A brigada da direita da divizão commandada pelo General Stewart, debaixo das ordens do Tenente Coronel Colburne, foi a primeira a entrar em acção, compor-

tando-se com a maior coragem; e vendo que a columna inimiga se não abalava com o fogo, a atacou a baioneta; e entretanto que ella carregava o inimigo, foi cercada por hum corpo de lanceiros Polacos de cavallo, que a espessura da atmospherã, e a natureza do terreno, lhe não tinha deixado ver, e que, alem disso, foi tomado por hum corpo de cavallaria Hespanhola, e sobre o qual consequentemente se não atirou,) e sendo assim atacada inopinadamente de revez, foi desgraçadamente rota, e soffreo consideravelmente. O 31. Regimento que formava a esquerda da Brigada debaixo das ordens do Major General Lestrange, foi o unico que escapou a esta carga, e manteve sua pozicão ate á chegada da 3. Brigada commandada pelo Major General Hoghton. A conducta desta Brigada foi notavelmente valorosa, bem como a da 2. Brigada commandada pelo honrado Tenente Coronel Abercrombie. O General Hoghton cahio crivado de feridas no momento em que animava a sua Brigada a carregar o inimigo. Posto que o principal ataque desta se dirigisse sobre este ponto, com tudo elle atacou sem interrupção a parte da nossa primeira frente, que estava na povoação, e na ponte, e que foi defendida pelo Major General Baron Alten, e pela Brigada de infantaria ligeira da Legião Alemaã, cuja conducta foi digna em tudo de elogio. Este ponto formava entao nossa esquerda, e a divizão do General Hamilton tinha para ali marchado: elle foi encarregado de a defender, entretanto que o inimigo continuava a atacar nossa direita, ajudando a defender este ponto huma grande parte das tropas Hespanholas. No em tanto que a infantaria inimiga tentava forçar nossa direita, a sua cavallaria tinha procurado voltear-la; mas o Major General Lumley, que commandava a cavallaria alliada, manubrou tao habilmente, que, apezar da sua grande inferioridade em numero, frustrou todos os esforços do inimigo. O Major General Cole tendo visto o ataque do inimigo, avançando hum pouco, e mui judiciosamente sua esquerda, marchou em linha para atacar a esquerda do inimigo, e chegou a proposito para contribuir com os ataques das Brigadas da divizão do General Stewart, a forçar o inimigo a abandonar sua pozicão, e a retirar-se precipitadamente debaixo da protecção de sua reserva. A Brigada de fuzileiros distinguio-se particularmente. Os alliados perseguirão o inimigo a huma grande distancia, e tao longe quanto o julguei prudente em attenção á sua immensa superioridade de cavallaria, e contentei-me de o ver repellido álem de Albuera.

Eu tenho todo o lugar, e razao de fallar favoravelmente da maneira com que nossa artilharia foi servida, e combateo; e devo agradecimentos ao Major Hartman commandante

da artilharia Ingleza, e ao Major Dickson, que commandava a Portugueza, bem como os officiaes e soldados.

As quatro peças da artilharia montada, commandada pelo Capitão Lefevre, cauzaraõ muito prejuizo á cavallaria inimiga! e eu vi huma Brigada de artilharia Hespanhola (unica, que esteve no campo) igualmente bem, e valorosamente servida. Na desgraça, que aconteceu á Brigada commandada pelo Tenente Coronel Colborne (que segundo a relação do General Stewart, tem obrado, e obrava entãõ com o maior valor conduzindo a Brigada n'huma ordem admiravel) nos perdemos hum obuz, que o inimigo, antes da chegada da Brigada do bravo General Hoghton, tinha tido tempo de levar, juntamente com 200, ou 300 prisioneiros daquella Brigada. Depois de ter sido assim batido neste ponto, onde era o seu principal ataque, elle continuou o da povoação, em que não pôde fazer alguma impressãõ, nem passar a ribeira, apezar de eu ter sido obrigado a tirar dali huma grande porção de tropas para sustentar o ponto principal do ataque; mas o inimigo vendo frustrado seu principal ataque, afrouxou taobem sobre este ponto. *A divizãõ Portugueza do Major General Hamilton mostrou, em todas as circumstancias, a maior firmeza, e a maior coragem, e manubrou taobem como os Inglezes.*

A brigada Portugueza do Brigadeiro do General Harvey pertencente á divizãõ do General Cole, teve occasiao de distinguir-se, quando atravessou a planice em linha, repellindo com a maior firmeza huma carga da cavallaria inimiga.

He impossivel descrever muidamente todos os exemplos de valor, e disciplina, que brillaraõ no obstinado combate deste dia. Nunca tropas sustentáraõ a honra dos seus respectivos paizes com mais valentia, ou com mais gloria. Eu não posso citar as divizoens, brigadas, ou regimentos Hespanhoes, que forãõ particularmente atacados, porque ignoro seus nomes, ou denominaçoens; mas tenho muito prazer em declarar, que sua conducta tem sido mui valente, e honroza; e posto que pela superioridade de numero, e força do inimigo, a parte destas tropas, que occupava a posição atacada fosse obrigada a ceder o terreno, com tudo ella o não fez senãõ depois de huma valorosa resistencia: elles se conservaraõ em boa ordem para sustentar os allia-dos, e eu não duvido, que o General Blake lhe faça a este respeito ampla justiça, fazendo menção honroza daquelles que o merecem.

A batalha começou ás nove horas, e durou sem interrupção ate ás duas horas depois do meio dia; entãõ o inimigo sendo repellido para lá de Albuera, o resto do dia se passou em canhonadas, e escaramuças.

Seria impossivel, por qualquer descripção, fazer justiça á distincta intrepidez das tropas; porque cada individuo preencheo mui nobremente seu dever; como está plenamente provado pela grande perda, que soffremos mesmo repellindo o inimigo; e torn-se notado, que nossos mortos, particularmente os do regimento 57, jaziaõ como tinham combato, por filas, e que todos estavaõ feridos por diante.

O Honrado Major General Wm. Stewart distinguio-se mui particularmente, e contribuiu muito para a honra deste dia; elle recebeu duas contuzoens, mas nem por isso quiz deixar o campo da batalha. O Honrado Major General G. L. Cole merece taobem toda a sorte de elogios; e eu sinto que a ferida, que elle recebeu, me prive por algum tempo de seos serviços. O Honrado Tenente Coronel Abercrombie, que commandava a 2. Brigada da 2. divizão, e o Major L'Estrange do regimento 31, merecem huma particular menção, e nada podia exceder a conducta, e valor do Coronel Inglis á frente do seu regimento. Eu devo particulares obrigaçoens ao Honrado Major General Wm. Lumley pela grande habilitade com que fez frente á numeroza cavallaria do inimigo, e frustrou o seu designo. Eu devo igualmente muitas obrigaçoens ao Major General Hamilton, que commandou na esquerda durante o vivo ataque sobre nossa direita. *A Brigada Portugueza do Brigadeiro Genaral Fonceca, e de Archibald Campbell merece taobem ser mencionada.* Eu devo dar muitos elogios ao Major General Alten, e á excellente Brigada que elle commanda, assegurando com muito prazer a V. Ex^{ca}. que a valorosa, e boa conducta de todos os corpos, e de todos os individuos tem sido proporcional ás occazioens, que tem tido de se distinguir. Eu nao conheço hum so individuo, que nao tenha feito seu dever.

Eu receio ter de sentir a perda, para o serviço, do Coronel Collins commandante de huma Brigada Portugueza, a quem huma bala de artilharia levou huma perna. He hum official de hum grande merecimento; e eu deploro vivamente a morte do Major General Hoghton, e a dos Tenentes Coroneis W. Meyers, e Duckworth, dois officiaes de grandes esperanças.

Tenho muito prazer em informar a V. Ex^{ca}. nao só da conducta firme, e intrepida das tropas Hespanholas nossas alliadas debaixo das ordens de S. Ex^{ca}. o General Blake; mas taobem de vos assegurar que subsistio entre nos a mais perfeita harmonia; e que, alem do General Blake se conformar em todos ea pontos com o plano proposto por V. Ex^{ca}. eu recebi d'elle assim nos detalhes, como em tudo o que suggeri a S. Ex^{ca}. o mais immediato assenso, e a mais cordal uniao; elle nada omitio do que podia assegurar o bom

successo de nossos esforços reunidos; e durante a batalha, contribuiu mui essencialmente, pela sua experiencia, conhecimentos, e êlo, para o seu feliz resultado.

S. Ex.^o o General Castanhos que havia unido as poucas tropas, que tinha em estado de combater, ás do General Blake, pondo as debaixo do seu commando, assistio em pessoa a batalha, e nesta occasião, bem como em todas eu sou muito obrigado ao General Castanhos, que se antecipa sempre em tudo o que pode contribuir ao feliz successo da cauza commum.

Posto que infelizmente eu não possa indicar os corpos, nem hum grande numero de individuos entre as tropas Hespanholas, que se tem distinguido; com tudo eu não deixarei de fazer menção do General Ballasteros cujo valor foi mui distincto, bem como a do corpo, que elle comanda; e devo dizer outro tanto do General Zayas, e de D Carlos d'Hespanha. A cavallaria Hespanhola comportou se extremamente bem: e o Conde de Penne Villamur merece huma particular menção.

Eu junto a esta a relação da nossa perda neste dia. Ella he mui consideravel; e alem desta ha a das tropas commandadas por S. Ex.^o o General Blake em mortos, feridos, e extraviados; mas eu não tenho a relação delles. Ainda que eu não possa saber em que consiste a perda do inimigo, com tudo ella deve ser muito maior ainda. Elle deixou no campo da batalha perto de 2,000 mortos, e fizemos quasi mil prisioneiros. Houve cinco generaes mortos, ou feridos, os Generaes de divizão Merlé, e Pepin pertendem aos primeiros; o General Gazan, e dois outros pertencem aos segundos. Sua força era muito mais consideravel do que se tinha dito; porque eu creio que elle não apresentou, e desenvolveo menos de vinte, a vinte e dois mil homens de infantaria, e tinha de certo 4,000 homens de cavallaria, com huma artilharia numeroza, e de grosso calibre. Sua sobrepujante cavallaria suspendeo, e restringio todas as nossas operaçoens; e com sua artilharia salvou a infantaria, depois da sua derrota.

Retirou-se depois da batalha para o terreno em que estava d'antes, mas conservando-se em posição; e esta manhã, ou antes durante a noite, começou sua retirada para Sevilla pela mesma estrada por onde tinha vindo, e abandonou Badajoz á sua sorte. Elle deixou hum grande numero de feridos no terreno para onde se tinha retirado, e nós lhe subministramos todos os soccorros, que podemos. Eu envieei nossa cavallaria em seguimento do inimigo; mas elle he mui forte nesta arma, para podermos tentar coiza alguma contra elle nas planices por onde passa.

Deste modo colhemos as vantagens, que tinhamos em vista oppondo-nos ás tentativas do inimigo; e depois de ser obrigado a abandonar o objecto, pelo qual tinha quasi despojado de tropas as Andaluzias, em lugar de effectuar aquillo de que orgulhosamente se tinha gabado na proclamação que fez ás suas tropas quando partio de Sevilha, o Marechal Soult volta para ali com hum exercito enfraquecido, e, o que mais o hade ferir com huma reputação decahida.

Mencionando os serviços, que tenho recebido dos officiaes do meu Esta-maior pessoal, eu devo particularmente recomendar á attenção de V. Ex. os do Brigadeiro General d'Urban Quartel Mestre General do exercito Portuguez, serviços que eu posso apreciar, mas que não posso assas louvar. Seos talentos, e serviços me tem sido uteis em todas as occasioens, e mais particularmente nesta, em que elle contribuiu mui essencialmente para o successo do dia. Da mesma sorte, eu não posso omitir o nome do Tenente Coronel Hardinge, Deputado-Quartel Mestre-General das tropas Portuguezas, cujos talentos, e actividade merecem meos agradecimentos. Eu seu devedor pelos seos serviços ao Brigadeiro General Mozinho, Ajudante General do exercito Portuguez; ao Tenente Coronel Rooke, Assistente-Ajudante General das forças Inglezas, e Portuguezas unidas; ao Brigadeiro General Lemos, e aos officiaes do meu Esta-do-maior particular.

Eu sou taobem obrigado ao Tenente Coronel Arbutnot (Major no serviço de S. M.) que he o portador desta para a V. Ex.; e elle se acha em estado de poder dar todas as informaçoes ulteriores, que vos dezejardes, e merece todo o favor com que V. Ex. se dignar recommenda-lho a S. A. R. o Principe Regente.

Eu tenho a honra, &c.

(Assignado)

W. C. BERESFORD,

Marechal, e Tenente General.

P. S. A divizão do Major General Hamilton, e a Brigada de Cavallaria Portugueza do Brigadeiro General Madden se poraõ em marcha á manha de manha para re-investir Badajoz pelo Sul do Guadiana.

No. 1.

Relação dos mortos, e feridos do Exercito do Lord Wellington debaixo das ordens immediatas do Marechal Beresford n'hum ataque dos postos do Inimigo deante de Badajoz, a 8 de Maio de 1811:

Do 26. de infantaria, 5 soldados feridos.
 Do 97 do 6 dos dos.
 Das tropas Portuguezas, 1 homem morto, 1 porta-bandeira,
 e 18 feridos.
 Total—1 homem morto, e 30 feridos.

No. 2.

Relação dos mortos, e feridos, &c. repellido huma sortida da Guarnição de Badajoz, a 1 de Maio de 1811, da manha: Engenheiros—1 official ferido.
 Do 27. 1 official, e 8 homens mortos; 5 officiaes e 130 homens feridos.
 Do 40. 12 homens mortos; 7 officiaes e 188 homens feridos.
 Do 63. 1 homem morto; 1 official e 7 homens feridos.
 Do 97. 9 homens mortos; 5 officiaes e 61 homens feridos; 12 extraviados.
 Total—1 official e 31 homens mortos; 22 officiaes e 394 homens feridos; 12 extraviados.

No. 3.

Relação dos mortos, e feridos, &c. nas trincheiras, e baterias deante de Badajoz desde 8 ate 15 de Maio de 1811. Engenheiros—2 officiaes mortos; 2 ditos feridos.
 Do 27. 5 homens mortos; 2 ditos feridos.
 Do 84. 1 homem ferido.
 Do 40. 10 homens mortos; 3 officiaes, 18 homens feridos.
 Do 60. 1 homem ferido.
 Do 72. 7 homens mortos; 19 feridos.
 Legião Germanica—1 homem ferido.
 Portuguezes—2 officiaes, 40 homens mortos; 2 officiaes, 93 homens feridos: 1 official, e 22 soldados extraviados.
 Total—4 officiaes, 64 homens mortos; 10 officiaes, 194 homens feridos; 1 official, e 22 extraviados.
 Total geral deante de Badajoz—111 mortos; 650 feridos; 34 prisioneiros—795 homens.

No. 4.

Relação dos mortos, feridos, &c. na batalha ganhada contra o exercito Francez commandado pelo Marechal Soult, em Albuera, a 16 de Maio de 1811.

Regimentos.	Mortos.		Feridos.		Estraviados.		Total
	Offi.	Sold.	Offi.	Hom.	Offi.	Hom.	
Grande Estado Maior	-	1	-	7	-	-	8
Artilharia Inglesa	-	3	1	10	-	1	15
Artilharia Germanica	-	-	1	16	1	30	48
3 de dragoens	-	1	9	-	9	-	20
4 ditto	-	-	3	3	17	2	27
13 ditto	-	-	-	-	1	-	1
3 d'infantaria 1 batalhao	4	212	14	294	2	177	643
7 do 2 do	-	65	15	277	-	-	357
do 2 do	-	47	14	286	-	-	349
23 do 2 do	-	74	12	243	-	6	337
27 do 3 do	-	3	-	5	-	-	8
28 do 2 do	-	27	6	131	-	-	164
29 do -	5	75	13	222	-	11	336
31 do 2 do	-	29	7	119	-	-	155
34 do 2 do	-	30	4	91	-	-	128
39 do 2 do	-	14	4	77	-	2	98
40 do 1 do	-	3	-	8	-	-	11
48 do 1 do	-	64	14	193	-	6	280
Idem 2 do	-	44	10	86	9	190	343
57 do 1 do	-	87	21	318	-	-	428
60 do 5 do	-	2	-	19	-	-	21
66 do 2 do	-	52	12	104	-	101	272
97 do -	-	-	-	1	-	-	1
Legiao Germanica, 1 batalhao	-	4	5	58	-	-	69
Idem 2 do	-	3	1	31	-	1	37
Portuguezes	-	100	16	244	-	26	388
Total	-	33 951	173 2877	14 554	4544		

Quartel General de Almendralejo 3 de Maio de 1811.

Ordem do Dia.

Determina S. Exc., o Senhor Marechal, Commandante em Chefe que alem de se publicar esta Ordem aos Corpos de Linha, Milicias, e Batalhoes de Atiradores, e Artilheiros Nacionaes de Lisboa Oriental, e Occidental, se publique tambem ás Companhias de Artilheiros Ordenanças, que estiverão empregadas na Linha de defesa, em consequencia de se terem feito dignas da contemplação de S. Exc. o Senhor Marechal General Lord Visconde Wellington.

Cópia de huma Carta de S. Exc. o Senhor Marechal General, para S. Exc. o Senhor Marechal Beresford, Commandante em Chefe do Exercito.

Illustris. e Excellentis. Sr.

Tenho a honra de remetter a V. Exc. a copia inclusa da Carta, que escrevi ao General Bacellar, para ordenar ás Divisoens de Milicias e outras Tropas do seu Commando, que atravessem o Douro, e voltem para as Provincias ao Norte deste Rio. Recommendo a V. Exc. o inserir esta Carta na Ordem do Dia, e requeiro a V. Exc. que tome esta occasião, para exprimir os meus sentimentos a respeito dos Serviços feitos á sua Patria pelos differentes Corpos de Milicias, Voluntarios, e Ordenanças que estiverao de guarnição nas Obras construidas entre o Têjo, e o Mar; vem a ser: os Regimentos de Tondella, Viseu, Castello-Branco, Covilhá, Idanha, Feira, Leiria, Thomar, Santarem, Setubal, Alcaccer, Torres Vedras, Termo de Lisboa Occidental, Lisboa Oriental, Lisboa Occidental, Batalhoens de Atiradores, a Artilheiros de Lisboa Oriental, e Occidental, as diversas Companhias de Artilheiros Ordenanças, organizadas nas immediaçoens das mesmas Obras, e Coronel Joaõ Lobo Brandaõ de Almeida, e toda a guarnição da Praça de Abrantes. He necessario porem ao mesmo tempo fazer observaçoens sobre a conducta daquelles Individuos tanto Officiaes, como Soldados, que desampararão os seus Corpos no periodo, de que acima faço menção, quado a sua Patria estava em perigo; peço a V. Exc. que especialmente os nomes dos Officiaes se publiquem em toda a parte do Reino, e que aquelles homens, que não tem voltado ao seu Regimento, segundo o indulto recentemente publicado pelo Governo, sejam procurados, e punidos conforme as Leis do Paiz. Tenho a honra de ser, de V. Exc., o mais obediente Creado, o Marechal General Wellington. Ao Marechal Sir Guilherme Carr Beresford.

Cópia da Carta de S. Exc. o Senhor Marechal General Lord Visconde de Wellington, a S. Exc. o Senhor Tenente General Manoel Pinto Bacellar.

Illustris. e Excellentis. Sr.

Rogo a V. Exc. que ponha em execução a disposição feita a respeito da Divisão do Commando do Coronel Wilson, e a que igualmente respeita á mudança do Quartel General de V. Exc., cujas verbalmente communiquei esta manha a V. Exc. Devo-me aproveitar desta oportunidade, para congratular a V. Exc. em razão da evacuação, que o inimigo acaba de fazer deste Paiz, e ao mesmo tempo dar a V. Exc.

os meus agradecimentos, pela ajuda, e cooperação, que hei recebido de V. Exc. nas operaçoens, que se haõ dirigido, durante o anno, e que haõ sido trazidas ao presente resultado. Igualmente peço a V. Exc. que transmitta os meus agradecimentos ao General Silveira, Coronel Trant, e Wilson pela ajuda, que hei recebido de cada hum delles, e pelo zelo, que haõ manifestado na cauza, e habilidade com que se tem conduzido nas differentes situaçoens, em que individualmente haõ sido postos. Tambem peço a V. Exc. que da minha parte transmitta á Officialidade, Officiaes Inferiores, e Soldados, que tem servido debaixo da direcção de V. Exc., e immediato Commando do General Silveira, Coroneis Trant, e Wilson as expressoens no alto apreço, que entretenho da sua bisarria, e disciplina, quanto a Soldados. e do seu Patriotismo, e lealdade para com o seu Soberano, e das minhas asseveraçoens de confiança no ultimo, e feliz resultado da causa, por que taõ justamente contendemos, se acaso elles, e todos os mais, e em iguaes circumstancias, continuarem a fazerem os mesmos esforços, e a conduzirem-se em huma maneira digna da antiga reputação deste Paiz. Como o Marechal Sir Wm. Carr Beresford se acha distante de mim, faço directamente esta communicação a V. Exc. da qual transmittirei ao mesmo Marechal huma competente copia. Deos guarde a V. Exc. Quartel General de Villar Formoso 10 de Abril de 1811. O Marechal General Wellington. Illustris. e Excellentis. Senhor Tenente General Bacellar.

Com muita satisfação manda o Senhor Marechal fazer publicar ao Exercito as Cartas acima transcritas, de S. Exc. o Senhor Marechal General Lord Visconde de Wellington, e sente hum prazer particular pelas expressoens bem merecidas, e justiça que S. Exc. o Senhor Marechal General quiz ter a bondade de elle mesmo fazer aos Officiaes e Tropas mencionadas. O Senhor Marechal não quer diminuir o valor do elogio feito aos Officiaes, e Soldados, accrescentando-lhe cousa sua, as expressoens vem da melhor, e da maior authoridade, e contenta-se de felicitar o Senhor Tenente General Manoel Pinto Bacellar, e todos os mais que o mereçãõ.

O Senhor Marechal sente extremamente que houvesse huma causa para as observaçoens, que lhe recommenda S. Exc. o Senhor Marechal General na ultima parte da Carta, por rem he certissimo que houveraõ Individuos taõ baixos, e destituídos assim de todo o sentimento de honra, como de todo o principio de Patriotismo, que fugiraõ, e outros, que desprezãõ o comparecerem nas fileiras, quando a sua Patria estava devastada, saqueada, e ameaçada de escravidão, e de extirpação pelo inimigo o mais deshumano, que tem visto a Europa moderna. Homens taes merecem ser decla-

rados como cobardes, e indignos da sua Patria, o Senhor Marechal não faltará a conformar-se com as instrucções de S. Exe o Senhor Marechal General.

Os nomes, que abaixo se mencionão são de Officiaes, que desertarão de Peniche logo que o inimigo appareceo, os de outros Officiaes desertados, e daquelles que não se reunirão não se publicão agora pela falta, que tem os mappas mensaes dos Corpos respectivos, de não os declararem na Casa dos Postos vagos, e porque motivo: logo que cheguem dos Corpos serão publicados

Capitão, Francisco Saraiva de Aguillar. Capitão, Manoel José Castilho e Mello. Tenente, Francisco de Salles de Almeida Pedroso. Alferes, Theotónio Dias Albuquerque. Alferes, Joaquim Antonio Cabral.

Todos os sobreditos Officiaes do Regimento de Milicias de Vizeu.

Ajudante General, Mozinho.

Quartel General de Almandralejo 4 de Maio de 1811.

Ordem do Dia.

1. Conformando se S. A. R. o Principe Regente. Nosso Senhor com a proposta, que lhe fez S. Ex.^{ca}. o Senhor Marechal Commandante em Chefe do Exercito relativa á creação de mais seis Batalhoens de Caçadores de igual força, e organização, á que se acha designada para os que existem: Foi servido Determinar 1. que da Leal Legião Luzitana se formem tres dos sobreditos seis Batalhoens, que de novo se deverão crear, e que continuarão a recrutar na Provincia da Beira, denominando-se, No. 7, 8, e 9.—2. Que o Partido do Porto forneça as recrutas necessarias para dois novos batalhoens, que se denominarão 10, e 11, e a Provincia do Minho para mais hum, que sera No. 12.

Em consequencia da sobredita disposição, ordena o Senhor Marechal aos Commandantes dos Batalhoens da Leal Legião Luzitana, que organize cada hum delles, do respectivo Batalhão, hum Batalhão de Caçadores, segundo o plano de organização para estes corpos. Denominar-se-ha No. 7, o Batalhão de Caçadores, que se organizar do 1. da Leal Legião Luzitana; e No. 8. o que se organizar do 2. Os officiaes, e officiaes inferiores, que restarem de hum, e outro Batalhão da Leal Legião Luzitana servirão para organizar o Batalhão de Caçadores No. 9. O Senhor Marechal he quem hade designar os Officiaes da Leal Legião Luzitana, que haõ de ficar pertencendo a cada hum dos Batalhoens de Caçadores. Os commandantes dos Batalhoens de

Leal Legião Luzitana, logo que tiverem organizado os respectivos Batalhoens de Caçadores, mandaraõ ao Ajudante General hum mappa da sua força, e outro mappa dos Officiaes Inferiores, e Soldados, que vierem a sobrar, os quaes seraõ separados sem que se faça escolha.

II. Determina o Senhor Marechal que os Senhores Generaes das Provincias e quaesquer outros officiaes, e authoridades, que pelo seu emprego deverem mandar praças convalcidas, e recrutas, dos Depozitos para os Corpos, que se achao no Exercito do Norte, e ter qualquer outra relação com os mesmos corpos, enviem os Itinerarios, e fação as competentes participaçoes ao Tenente Coronel Mesurier o qual foi mandado para o Quartel General de S. Ex^{ca}. o Senhor Marechal General Lord Visconde Wellington, com o fim de chegar tudo por elle á Presença do mesmo Senhor Marechal General, nao deixando com tudo de dirigirem ao Quartel General do Senhor Marechal os Itinerarios, e participaçoes que d'antes mandavaõ.

Ajudante General, Mozinho.

Quartel General de Albuera 15 de Maio de 1811.

Ordem do Dia.

1. Declara se a Promoção seguinte.

Por Decreto de 2 de Maio de 1811.

Coronel aggregado ao Regimento de Infantaria No. 16, o Tenente Coronel do Exercito de S. M. B. Neil Campbell. Segundo Tenente da 4. companhia do Regimento de Artilharia No. 3, o cadete da segunda companhia do mesmo Regimento, Francisco Joze Franco, por se haver distinguido no ataque da Praça de Olivença. O Capitão do Regimento de Infantaria No. 12. Justiniano Joze de Tarouca, reformado na forma da Lei. O Capitão do Sobredito Regimento de Infantaria No. 12. Joao Antonio Barboza, reformado na forma da Lei. O Quartel Mestre do Sobredito Regimento No. 12. Manoel Felipe de Abreu, reformado na forma da Lei. O Capellão do Sobredito Regimento de Infantaria No. 12. Joze Antonio Garcia, demittido do Real Serviço por estar cego, e surdo, e servir só ha pouco mais de hum anno.

II. S. Ex^{ca}. o Senhor Marechal concedeo 15 dias de licença ao Capitão do Regimento de Cavallaria No. 10. Pedro de Mendonça, e Moura, contados de 7 do corrente, em

consequencia da inspecção, que lhe fez a Junta dos exames dos Cirurgioens Militares.

Ajudante General, Mozinho.

Quartel General de Albuera 20 de Maio de 1811.

Ordem do Dia.

Determina S. Ex^{ca}. o Senhor Marechal, que todos os Senhores Officiaes Generaes que se achão empregados no Exercito de operaçoens, remettaõ com a brevidade possivel huma listados Officiaes, que compoem os seus Estados Maiores formalizada pelo modelo No. 1. e que todos os corpos de Linha remettaõ com a mesma brevidade outra lista dos Officiaes Superiores, Capitaens, e Subalternos, formalizada pelo modelo No. 2. Estas listas devem ser dirigidas ao Ajudante General do Exercito: a respeito dos Officiaes do Estado Maior dos Senhores Generaes que pertencerem a corpos deverá declarar-se no reverso da lista quaes saõ os corpos a que pertencem.

Ajudante General, Mozinho.

H E S P A N H A.

CADIX.

Artigo de Officio.

D. Fernando VII. pela graça de Deos, Rei de Hespanha, e das Indias, a em sua ausencia e captiveiro o Conselho de Regencia authorisado interinamente, a todos os que a presente virem e ouvirem, sabei: Que nas Cortes geraes e extraordinarias, reunidas em Cadix, se resolveo e decretou o seguinte:

“ Sendo do maior interesse que não se distraia a attenção das Cortes geraes e extraordinarias dos grandes objectos para que se tem congregado, e qui igualmente saibão todos a direcção, que devem dar aos seus requerimentos, e sollicitudes, afim de evitar quanto for possível que se extraviem, ou se retarde o seu despacho, com grave prejuizo dos interessados, e da causa publica, decretao; Que os seus Secretarios não dêm conta, nem recebam Memorial, ou Representação alguma, em que se sollicite emprego, ou qualquer outro cargo, cujo despacho pertença ao Conselho de Regencia; que isto mesmo se practique com as representações, ou memoriaes de queixas contra os Juizes ou Tribunaes, huma vez que os interessados tenham expedido o seu recurso, segundo a lei, as authoridades superiores immediatas, ou ao Conselho de Regencia, que he o que está encarregado particularmente do executar, e fazer que se cumprão as leis: Que nas Cortes só se dê conta daquellas representações, ou recursos, em que conste ter-se faltado ao cumprimento e observando que não reste já outro para remediar o agravo, e injustiça, que se tiver causado, ou quando o caso seja tao extraordinario, que na opiniao dos Secretarios exija huma particular attenção das Cortes. Tenha assim extendido o Conselho de Regencia, e o mandará imprimir, publicar, e circular. O Barão de Antelha, Presidente. Vincente Thomaz Traver, Deputado Secretario. Joao Polo e Catalina, Deputado Secretario. Dado em Cadix a 9 de Março de 1811. Ao Conselho de Regencia.”

É para a devida execucao e cumprimento do decreto

que precede, o Conselho de Regencia ordena e manda a todos os Tribunaes, Justiças, Chefes, Governadores, e demais authoridades assim civis, como militares, e ecclesiasticas, de qualquer classe e dignidade, que o guardem, fação cumprir, e executar em todas as suas partes. Tende-o assim entendido, a disporeis e necessario para o seu cumprimento.—Joaquim Blacke, Prezidente.—Pedro de Agar, Cadix 27 de Março de 1811. A. D. Jose Antonio de Larrumbide.

FIGUEIRAS.

Officio de D. Joaõ Martins ao Ex^{mo.} Marquez de Campo Verde.

Gloria ao Deos dos Exercitos, e honra aos Valentes Cataloens.

A huma hora e meia dá noite se tomou o S. Fernando de Figueiras pelas tropas do Coronel Roiva, e Secçoens Ligeiras, de Linha, e Almogavares; tendo o gosto de que Rovira ha dirigido a acção, e eu hei sido o Comandante General. Logo que tenha tempo darei os detalhes. (Que formoso paiz para a Cavallaria.) Deos guarde a V. Ex^{ca.} muitos annos. S. Fernando de Figueiras á huma hora e meia da noite do dia 10 de Abril de 1811—Joaõ Antonio Martins—Ex^{mo.} S^{or.} Marquez de Campo Verde.

TERRAGONA.

Proclamação do Marquez de Campo Verde.

Catalaens :

Esta gloria se deve a Deos: porem a fim de completa-la e de que successivamente nos conceda iguaes triunfos, obedecei seguros de que em amor a esta benemerita Provincia, ninguem me excede; e que não perderei hum momento ate pô-la em liberdade. Terragona 12 de Abril de 1811.

Por hum calculo approximado o valor dos effeitos, que os bravos Catalaens acharão em Figueiras, sobre a 1,800,480,000.

PROCLAMAÇÃO

Do Conselho de Regencia á Nação Hespanhola por occasião do Anniversario di 2 de Maio.

Aquelle memoravel dia, Hespanhoes, em que a nação, do abysmo da servidão, e desalento se ergueo para a Magestade da independencia, torna pela terceira vez. Que grandes, mas ao mesmo tempo, que luctuozas lembranças, não excita a sua volta!

Quando Napoleao emittio de Bayona os seus decretos de sangue—quando, com frenetica impaciencia, accusava Murat de froixidao por não precipitar os meios de terror— elle não percebeo que estes atrozes conselhos, recahindo sobre a mesma iniquidade, que os forjára, seriao os destruidores dos seus atraidoados agentes. Assomou o dia 2 de Maio; os Francezes o tinhao fixado para completar as suas sanguinozas conspiraçoes, e o Povo de Madrid indignado pelos ultrages que soffrêra, se ergueo ao hum tempo para os vingar ou morrer. Sem armas, sem plano, sem Chefes, elle não hezitou hum momento em atacar aquelles batalhões veteranos formidaveis pelas suas armas, pelas suas victorias, e pela sua uniao. Os Patriotas morriao pelejando nobremente, ou perecião pela traição quando se julgavao protegidos pela tregoa, que os desarmára. Mas o sangue que foi vertido não se limitou ao Prado da Capital; deramou se pelo terreno da Peninsula: elle por toda a parte excitava enthusiasmo, e a hum, e mesmo tempo, a huma so voz, se deo por toda a parte o signal desta rancoroza, sanguinolenta, e desolante guerra, semelhante a todos os respeitos á execravel aggressão, que a fez nascer. Proclamou-se entao pelos nossos perfidos inimigos, e seus indignos partidistas, “quam temerarias, e infructuozas são vossas tentativas! Vos não tendes armas, muniçoens, nem soldados: os vossos Generaes, e officiaes carecem de experiencia, e saber militar: a vossa pobreza he grande, vossa ignorancia inda maior: vos perdereis todas as batalhas, que arriscardes contra as tropas mais disciplinadas do mundo: a guerra trára consigo a desorganização e a ruina de todas as coizas; e os vossos impotentes esforços, em vez de salvar a sombra mesmo de hum paiz que adoraes, o deixarao submerso na miseria, e desolação, e corregado de mais pezadas cadeas, do que aquellas que dezejaes agora evitar.”

Hespanhoes, vos rejeitastes com horror estas viz suggestoens, votando-vos á adversidade, certos de repellir a ignominia pela resistencia, e estabelecer a final, ainda que á custa de immensas fadigas, e innumeraveis esforços, aquella independencia, e felicidade aque aspiraveis. He verdade, que a estúpida tyrannia, aque estaveis anteriormente sujeitos, vos deixou sem reparo para obstar á inundaçãõ. Rebentou hum mar tempestuozo, e cobrio com as suas vagas hum paiz desamperado: mas elle deve hum dia abañdona-lo, e a inundaçãõ, ainda que ao p̄zente destruidora, (semelhante á conflagraçãõ das florestas, ou cinzas dos volcanos, que fertilizao a terra) depozitará em nosso terreno todos os germes da prosperidade, e abundancia.

Que combates, que vecissitudes, que contrariedade de acontecimentos nao tendes soffrido durante estes tres terribes annos! Conquistadores primeiro, logo conquistados; outra vez formidaveis pela força que oppozestes a vossos inimigos; favorecidos pela guerra d'Austria contra o Tyranno, mas cedo privados daquelle poderoso auxilio; condemnados ainda a soffrer todo o rigor do Destino, e reduzidos á extremidade; ameaçados com a dissoluçãõ do Imperio, pela separaçãõ de algumas provincias distantes; com tudo sempre firmes, sempre magnanimos, arrostando sem succumbir a adversidade, formando novos estabelecimentos no meio das vossas ruinas, e atterrando o inimigo pelos vossas incessantes esforços!

Se deste tempestuozo, e vaccillante quadro a Europa imparcial, e a posteridade voltarem os olhos para a vossa marcha politica, e civil, quanto veraõ compensados vossos militares infortunios! Que ereis vos antes do dia 2 de Maio? Oh! dor a recorda-lo! oh! vergonha a exprimi-lo! —Escravos, curvados sob o jugo da tyrannia obedecendo como hum vil rebanho ao imperio do capricho, e despotismo. Que sois agora? A' solemne voz de vossos Representantes, juntos em Cortes, reviveraoõ os direitos indestructiveis do Povo, que o despotismo uzurpára; o Governo arbitrario desapareceo, nao se confundindo mais n'hum só os tres poderes. Restabeleceo-se a balança politica; e a liberdade da imprensa seguroou a de pensar: a execuçãõ da Justica está neste momento lançando as bazes eternas da natural equidade; e a Constituiçãõ que se vos está preparando será a Chave da grande abobeda em que hade erigir-se o throno da reorganizada Monarquia.

Assim o Hespanhol de hoje dependente só da Lei, inviolavel na sua pessoa, na sua propriedade, e na justa liberdade das suas opinioens, contribuindo para os impostos determinados somente pelo Congresso Nacional, interpondo-se por si

mesmo, ou por pessoas que gozarem a sua confiança no recebimento, e applicação de taes sacrificios; tendo todas as veredas das sciencias, da gloria, e da fortuna abertas á sua actividade, e industria,—marcha,—com nobre orgulho sobre a face da terra, a nenhum respeito inferior a seos Potentados em dignidade Social. Debalde buscareis seu igual no Continente, onde a virga ferrea da oppressão tem degradado os homens, e onde todos lhe são inferiores. Vos deveis buscar seos iguaes naquella Ilha somente, sua generosa alliada, e companheira heroica nesta grande lucta: naquella Ilha o Sanctuario feliz da liberdade, a grande Séde das Leis, e o Modelo eterno da civilização humana!

Tal he, tal deve ser a Hespanhol debaixo do reinado da Lei. O vos, que viveis debaixo da sua benigna influencia, transportai vos em espirito ás provincias oppressas pelo inimigo, e comparai a vossa situação com a daquelles, que gemem ali na dor! Vede-os tyrannizados pelos chefes, insultados pelos subalternos, roubados pelos collectores das taxas; vede-os perseguidos pelos espias, assaltados pelas suspeitas, arruinados pelas accusações, sem segurança, sem confidencia, sem consideração politica, ou civil; e então vos sentireis, quanto mais custa a rapacidade dos Tyrannos que a defeza do vosso paiz, e a conservação de boas Leis.

Todas as bençãos, que a ordem Social confere ao homem, o Cidadão Hespanhol goza em prospeção, ou em realidade: hum só obstaculo o priva de as gozar em toda a sua extensão; e aquelle obstaculo he a guerra; huma guerra justa, necessaria, inevitavel. Foi ella declarada pela soberba, ou interesses particulares de hum Despota, pelo capricho de hum favorito, ou pelas declamações exaggeradas de hum ambicioso Demagogo? Não: todos os Hespanhoes votáráo por ella da maneira a mais unanime, e a mais solemne: todos se apressáráo a vingar os maiores ultrages, que jamais se fizerão a qualquer Nação, e a defender o primeiro bem de hum grande Povo—a sua independencia. Todas as authoridades, que ate aqui se tem estabelecido—todos os systemas de governo, que se tem reciprocamente succedido, não tem elles sido todos unanimes em sustentar a lucta? Tem algum delles fallado de paz?

Hespanhoes! vos tendes pedido a guerra; e a guerra he no em tanto huma continua, e dolorosa serie de perigos, de sustos, de fadigas, e privaçoens. Mas se individuos succumbem debaixo do rigor da adversidade, Naçoens Potentes nunca morrem; e a nossa saberá imitar o magnifico exemplo do dia 2 de Maio; assim como o tem seguido ate aqui, sem se desviar hum só momento. Sim, Hespanhoes, poisque o

dia 2 de Maio re-assomou aos vossos olhos, e vos acha lutando com a mesma inflexibilidade, que ao principio, repita-se nelle com orgulho aos escravos de Napoleão, que o Tyranno funestamente se enganou nos seus calculos em Bayona. Os innocentes sacrificados em Madrid não poderão submergir-nos no lethargo do terror. Por elles começou huma guerra, que talvez dure seculos. Milhares e milhares de guerreiros serão immolados á nossa vingança. Sim: posto que a disciplina, e saber militar lhes possam dar victorias.—Sua sorte não será por isso melhor neste terrivel paiz. Conquistadores ou conquistados—hoje em pequeno numero, em maior á manhaa—todos, quantos passarem os Pyreneos, cedo, ou tarde acompanharão as trezentas mil victimas, que temos ja offerecido em holocausto aos manes daquelles que perecerão no dia 2 de Maio; e a Hespanha semelhante ao gôlfão da eternidade receberá os Francezes em seu seio, donde não deixara escapar hum só delles.

Pedro de Agar, Presidente.

Manoel Joze Quintana, Secretario.

Cadix, 2 de Maio de 1811.

O Conselho de Regencia ao Bom Hespanhol sobre os recentes, e felizes Successos.

Hespanhoes! A Providencia não nos fechou para sempre os caminhos da felicidade. Vede os outra vez abertos diante de vos, paraque redobreis os esforços da vossa resistencia. Aos prosperos acontecimentos do Oeste, e do Sul correspondem outros igualmente esperançosos no Este da Peninsula. A Fortaleza de S. Fernando he nossa, arrancada pelo valor Catalão aos seus perfidos possuidores, que a obtiverão por traição, e a perderão com deshonra. A Bandeira Hespanhola ondea outra vez sobre o baluarte da Catalunha; a mais pura alegria, o mais ardente entusiasmo, e as esperanças mais lizongueiras agora revivem, e se estendem por toda aquella illustre Provincia. Oxala que este inesperado, e feliz acontecimento, o primeiro desta classe que temos obtido durante a guerra, seja o precursor de outros inda maiores!

Mas, não tornemos Hespanhoes, infructuosa a nossa alegria. Saibão os nossos tyrannos, que se a adversidade não pode aterrar-nos; taõbem a prosperidade não pode adormecer-nos. Os Catalaens prodigos em seus esforços se apressão a tirar desta vantagem os grandes resultados, que a sua importancia promete. Deixa-los hemos nos sem apoio nesta honroza lucta? Esqueceremos nos os serviços daquelle inconquistavel Exercito, a quem, a tomada de Figueiras

abriu hum vasto campo para obter novos loiros, e infligir huma justa vingança? Este exercito pela terrivel urgencia das circumstancias está ao prezente destituido, e falto de tudo. O Thesouro Publico actualmente exausto não pode soccorre-lo. Nesta situação o Governo em nome da Patria invoca os soccorros da Generozidade Hespanhola, e a convida a huma subscripção voluntaria para auxilio e apoio das bravas tropas da Catalunha. As Subscripçoens serião recebidas, e depositadas no Thezouro Geral, donde os differentes fundos serião enviados aos seus destinos. Em conformidade deste convite, que elles olhao como hum dever os dois Regentes em Cadix, que o assignao, dao o primeiro o sallario de hum mez, e toda a sua prata que não he de hum uzo indispensavel; e o segundo do mesmo modo o salario de hum mez, esperando que o seu exemplo seja seguido por todos aquelles Cidadaons, que conservao huma alma Hespanhola.

Estas esperanças não serião frustadas. Que escuzas poderião soffocar a voz da Patria nesta grande occazio? Só almas apoucadas, e indignas tirariao dos revezes da fortuna hum pretexto para não sahir do seu inexoravel egoismo. Mas trata se agora de apoiar, soccorrer, e recompensar aquelles intrepidos Soldados, que recobráo o Baluarte da Hespanha dos Pireneos Orientaes—aquelles que derao ao seu Paiz hum dia de gloria, e jubilo, depois de tantos dias luctuosos; aquelles que suspendem as lagrimas que ainda burbulhavao por Seragoça e Gerona—aquelles Soldados em fim que cheios de huma singular ouzadia, ameaçao ja o territorio Francez, e se preparao para tomar vingança sobre os dominios do Tyranno pela desolação que temos soffrido.

Pedro de Agar, Presidente.

Gabriel Ciscar,

Manoel Joze Quintana, } Secretario.

Cadix, 5 de Maio, de 1811.

Carta do General Castanhos ao Lord Wellington.

Quartel General em San Serban, 8 de Maio, 1811.

Excellentissimo Senhor.

A extraordinaria enchente do rio Guadiana, que fez tanto prejuizo nas circumstancias presentes, me privou do gosto de ver Vossa Excellencia como tinha tenção, no dia 24 do mez passado. No dia seguinte, o Marechal Beresford me entregou a carta de vossa Excellencia, com o memorial de 23; e posto que entao eu declarasse a sua Excellencia, que eu completamente concordava com os planos ali estabelecidos, certo de que o General Blake tambem faria o mesmo; contudo

eu não dezejava dar resposta alguma official, até que a adherencia d'aquelle General me fosse participada: tendo elle estado no Frenejal, e tendo no dia seguinte de juntar-se com o General Ballasteros em Monasterio. Sem duvida o Marechal Beresford communicou a vossa Excellencia todas as occurrencias, e movimentos destes dias; e somente eu tenho a dizer que a mais amigavel intelligencia prevaleceo em todas as tropas, e que as minhas tem sempre estado á disposiçãõ e ordens do Marechal.

Com aquella franqueza que me pertence eu não posso encobrir a vossa Excellencia, que ao ler o memorial de 23, objecto áquelle artigo que tracta da junção dos diversos corpos, e dá o commando, naquella cazo, ao official militar de maior patente. Na minha opiniao o General que tem mais forças a sua disposiçãõ, deve ter o commando em chefe; e os outros devem considerar-se como auxiliares. Esta preferencia não posso eu disputar ao General Beresford, que une a esta outras muitas considerações, que particularmente lhe pertencem; isto deve assim ser, não so no momento da acção; mas em outrasquaes quer occasioens em que nos vejamos unidos; e como pela maneira que sua Excellencia estabeleceo aquelle ponto, o commando em chefe recabia sobre mim, eu julguei necessario fazer esta explicação, para que vossa Excellencia não ignore a mais pequena alteraçãõ, que eu suggerisse em planos, tam sabiamente calculados para as circumstancias em que estamos. (A qui segue-se a noticia dos movimentos do exercito de Castanhos, desde 24 de Abril até 3 de Maio.)

Resposta do Lord Wellington.

Excellentissimo Senhor,

Tive a honra de receber a carta de vossa Excellencia; e vejo com satisfação, que o plano que propuz, para os exercitos alliados, relativamente ao cerco de Badajos, encontrou a vossa approvaçãõ, e se tomaraõ medidas para aquelle fim, tanto pelas tropas ao commando de vossa Excellencia, como por aquellas que estão ao commando do General Blake. Perfeitamente approvo a alteraçãõ que vossa Excellencia suggere no plano, que propuz. Era do meu dever, em ponto tam delicado, como o das tropas alliadas em operaçoens de concerto, apresentar hum plano tam racionavel que merecesse o assenso universal; mas cumpria á intelligencia sublime, candura e conhecimento das circumstancias actuaes, que caracterizaõ Vossa Excellencia, o fazer nelle alteraçõens, e substituir outro plano mais adequado para agradar áquelles dos alliados, que tem mais a per-

der na batalha, para que devemos prepara-nos. He impossivel que o plano de Vossa excellencia, de cuja modesta, e dezinteressada conducta tenho as provas mais fortes, não encontre a approvaçãõ de todos.

Deos guarde, &c.

WELLINGTON.

Quartel General de Villar Formoso,
Maio 13.

Extracto de hum despacho de D. Francisco Xavier Castanos, datado do campo da batalha em Albuera, a 19 de Maio.

A 26 de Abril passado informei a V. Ex^{ca}. que o crescimento extraordinario do Guadiana levando com sigo a ponte levadiça erigida em frente de Jeromenha, cortára a communicaçãõ desta parte da Estremadura com Portugal, e vedou a minha entrevista com Lord Wellington em Elvas: por esta razãõ elle me transmittio hum memorial escrito em que me explicava as suas ideas tocante ás operaçoens, que lhe pareciao mais proprias na Estremadura, e que eraõ mui conformes ás minhas, á excepçãõ de hum artigo, que me dizia directamente respeito, e que por isso julguei não ser justo admittir: o ponto era este—que elle estabelecia, como principio, que quaesquer que fossem os corpos dos exercitos alliados, que se unissem para dar batalha ao inimigo, o General de maior patente, e mais antiga, devia commandar em Chefe. Isto necessariamente me imporia aquelle commando—circunstancia, que por mutias razoens, e considerada em todas as vistas, achei do meu dever não aceitar, propondo, que no cazo acima mencionado tomasse o commando aquelle General, que tivesse hum maior numero de forças, e que os outros se considerassem como auxiliares; propositão, que segundo me lizongei, era tão justa em si mesma, como foi bem recebida; o que V. Ex^{ca}. verá das copias da minha carta ao Lord Wellidgton, e da sua resposta satisfactoria, que remetto incluzas.

Immediatamente dirigi huma copia do memorial de Lord Wellington ao General Blake, que declarou o seu assenso ao plano, e a propositão, que eu fizera, cuja propriedade foi demais a mais confirmada pelos ditozos resultados da batalha de Albuera, na qual, em consequencia do dito arranjamto o distincto Marechal Beresford commandou.

As primeiras noticias que chegãõ do aprocke do Marechal Sault para a Estremadura o Snr. Blake fez disposiçoens para unir as suas tropas com as do exercito alliado, com tanta precizaõ, segundo o plano estabelecido, que pode dizer-se, que elle tinha ate calculado os momentos de effectuar

aquella medda em todas as suas partes; pois que as suas forças juntas ás onze da noite antes da batalha, sem que Sout o percebesse, cujo objecto era atacar o exercito alliado, que elle suppunha não se ter ainda junto com as tropas Hespanholas e estar só nas alturas de Albuera: tendo aquelle ponto a circumstancia particular de ser a pozição designada pelo Lord Wellington para se dar huma batalha.

No dia 16 deste mez se juntarão ali as tropas das tres Naçoens alliadas, reinando entre os Generaes a mais cordeal harmonia, e a uniaõ mais fraternal entre os soldados, a mais forte dispozição para se prestarem mutuos soccorros em todo o risco, e o mais ardente dezejo de se ajudarem reciprocamente. A gloria do triumpho foi tão profuza, e ao mesmo tempo tão igualmente repartida que todos ganháraõ trofeos, e ninguem precizou pedir a outrem laureis imprestados.

O Marechal Sout com hum exercito algum tanto inferior ao nosso em infantaria, mas superior em cavallaria, e artilharia não demorou hum instante o seu projectado ataque. Elle se avançou contra a nossa pozição, que era junto á villa de Albuera, e o centro da linha: mas bem depressa se descobriu ser este hum falso ataque; e que sua intenção era ganhar o flanco direito, que constava de tropas Hespanholas, que elle atacou vigorosamente com a maior parte das suas forças, e a quem, por successivas manobras tentou voltar, e ganhar a sua retaguarda. A nossa segunda linha, e corpo de reserva, com tudo, que estavaõ destramente postados, se avançaraõ rapidamente em nosso soccorro, sustentando a nossa primeira linha, e mantendo hum mais obstinado, e sanguinolento combate. O inimigo enraivecido repetio seos ataques trazendo continuos reforços: mas elle encontrou sempre outros reforços do nosso lado, que permaneceraõ impenetraveis por sete horas, posto que elle empregasse, mas inutilmente, toda a intrepidez de cavallaria Polaca, e o fogo formidavel de huma numerosa artilharia, que tróvejava sem interrupção. As duas e meia da tarde elle começou a ceder, e a retirar-se, sem cessar de combater. Elle foi entaõ carregado, e perseguido na sua retirada ate os bosques, e alturas, que intentava occupar, deixando o campo da batalha coberto dos seos mortos, e de hum numero consideravel de feridos que elle não pode tirar, os quaes sendo inundados pelos grossas chuvas, que cahiraõ durante a acção, formavaõ o mais horrido spectaculo, sendo as torrentes que desciaõ das montanhas engrossadas com ondas de sangue.

A perda do inimigo pelo calculo mais moderado, confirmado pelas relaçoens de muitos desertores monta a 7,000 homens. Entre os mortos está o General Merle, que ficou

no campo batalha, e o General Pepin que morreo durante a noite, em consequencia das suas feridas; os Generaes Gazan e Beixe se retiraraõ feridos. A nossa perda foi mui grande, ainda que inferior á do inimigo.

O General Blake, que estava sempre á frente das suas tropas, onde quer, que o perigo o chamava, foi roçado no braço esquerdo por huma bala de mosquetaria, que felizmente só lhe levou o vestido, e camiza, sem lhe fazer maior damno. Deste modo elle apresentou o mais efficaç exemplo de sangue frio, e de bravura aos seos officiaes, estando constantemente nas filas dianteiras, durante a batalha.

Tendo observado de perto este obstinado combate eu não tentarei particularizar individuos, pois que todos os Generaes, Officiaes, e Soldados se excediaõ a si mesmos em valor, e firmeza. Elles dezenvolveraõ huma tranquillidade, e ao mesmo tempo hum ardor, que excitou hum enthusiasmo universal. A ordem, e precizaõ, e a velocidade dos movimentos, no meio de hum profundo silencio, extraordinario nestas occazioens, eraõ o objecto da admiração geral. O unico defeito era brigar, e vencer, fosse qual fosse o perigo. Os Generaes Subalternos sem esperar que o troço das suas divizoens entrasse em acção estavaõ ja envolvidos ao lado das tropas avançadas. Não houve hum homem que não estivesse no seu posto, e cada hum estava determinado a mante-lo com aquelle valor, que faz o triumpho da honra individual, e o das armas.

Soult sem poder chegar á vista de Badajoz começou a sua retirada na manhã de hontem cedo, por Villalba, e Almandralejo deixando nos bosques onde estava acampado varios mortos, e mais de 200 feridos, que não pode remover, ou mandar com os outros para os lugares vizinhos. Elle he perseguido, e observado pelo Conde de Penne Villamur com a cavallaria, a vanguarda do General Lardizabal e algumas tropas ligeiras Inglezas.

Taes são os particulares que julguei do meu dever apresentar a V. Ex^{ca}. da batalha de Albuera; e das habeis manobras que dirigidas pelo Marechal Beresford em concurrencia com o General Blake produziraõ huma grande victoria que promette as mais importantes consequencias.

Campo de Albuera, &c.

Deos Guarde a V. Ex^{ca}.

Resposta da Junta Superior da Estremadura ao Officio que lhe dirigio o Ex^{mo}. General Castanhos em data de 19 de Maio 1811, sobre a victoria alcançada pelos tres exercitos alliados no dia 16 em Albuera.

Ex^{ma}. Snr.

Os acontecimentos extraordinarios, e gloriosos, que fazem recobrar a huma Nação desfalecida, e moribunda a lizongeira esperança da sua liberdade, produzem emoçoens mais faceis de sentir-se, que de explicar se. Debalde se cançaria pois esta Junta Superior para exprimir a V. Ex^{ca}. o jubilo, o nobre orgulho, e os doces sentimentos, que lhe excitou o memoravel dia 16, e lhe reproduzio o officio de V. Ex^{ca}. em data de 19; ella se contenta só com reputalos comparaveis á heroica moderação de V. Ex^{ca}. ao valor das armas combinadas, e á confusão dos tyrannos punidos no mesmo momento, em que se lizongevao do nosso terminio.

A memoria desta acção glorioza deve perpetuar-se; e as geraçoens vindoiras devem encontrar sempre nos campos famosos de Albuera hum testemunho dos nossos esforços pela sagrada liberdade; e huma indelevel Memoria do dia gloriozo, em que unidos cordealmente o magnanimo Britanno, o valente Luzo, e o Hespauhol animozo, sellárao a independencia das suas Naçoens, e mostrárao aos satellites do Corso aventureiro, que pelejar com Povos livres, e dominar Naçoens escravas, são coizas distinctissimas. Julgou pois esta Junta, que devia pedir ao Governo que se erija nos campos de Albuera hum monumento de eterna duração; e que este desgraçado Lugar, reduzido pelos Vandalos a ter hoje huma só caza habitavel, seja protegido, e animado, e se lhe concedaõ privilegios, que o elevem a hum estado mais prospero, e brilhante, do que jamais teve.

Esta Junta terá tanta satisfação em que este Projecto mereça a approvação de V. Ex^{ca}. quanta agora tem em offercer os seos respeitos, e dar-lhe as mais expressivas graças em nome de todos os leaes, e patriotas habitantes da Estremadura, que, há poucos dias, desconfiavaõ da sua liberdade, e hoje a reputaõ segura.

Deos Guarde a V. Ex^{ca}. muitos annos. Olivença 21 de Maio 1811. O Marquez de Monsalud, Vice Presidente, &c.
Ex^{mo}. Snr. D. Francisco Xavier Castanhos.

FRANCA.

PARIZ.

Decreto de 19 de Abril.

NAPOLEAO, &c. Querendo dar huma prova do interesse que temos pelos habitantes da nossa boa Cidade de Rennes, e nao querendo deixar imperfeita a sua Igreja Cathedral, temos decretado, e decretamos o seguinte.

1. A Igreja Cathedral de Rennes sera acabada.

2. Huma somma de quinhentos mil francos se pora á disposiçao do nosso Ministro dos cultos para este effeito. Esta somma sera paga em cinco annos, contando o de 1811. Os cem mil francos de 1811 serao tirados dos fundos existentes na caixa de amortizaçao para a reparaçao de Igrejas, e d'outros objectos relativos ao culto.

NAPOLEAO.

RELAÇÃO

De S. Ex.^{ca}. o Duque de Dalmacia a S. A. S. o Principe de Neuchatel Major General.

Monseigneur,

Eu deixei Sevilha as 10 horas da noite no dia 9, como vos annunciava na minha relaçaõ de 9. A 12 juntei-me entre Fuente Cantos, e Burevenide á Divizaõ Commanda pelo General Latour Maubourg: a 14 tomei huma poziçao em Villa Franca, e Almendralejo: A 15 em Sta. Martha, e Villalba. A minha cavallaria se tinha avançado para Albuera, onde sube que os exercitos do inimigo tinham effeitudo huma junçaõ. Os differentes corpos Portuguezes, Hespanhoes, e Inglezes, chegados de Cadix, e de Lisboa, e mesmo huma Brigada Ingleza vinda da Sicilia ameaçavaõ Andaluzia. A minha avançada produzio o effeito de livrar esta Provincia, compellindo o inimigo a chamar todos os seus corpos a fim de se unizem em Albuera. Assim a 15 nos achamos á vista do exercito inimigo, e eu resolvi nao perder hum instante em dar-lhe batalha.

A posição occupada pelo inimigo era vantajosa : ella era na uniao das estradas que vão ter a Badajoz, e a Jermenha por Valverde, e Olivença : mas a divizão Hespanhola commandada por Blake, inda senão tinha juntado ; e posto que differindo a acção, eu podia esperar alguns reforços, e tivesse á minha immediata disposição somente quatro Brigadas de Infantaria, com tres mil homens de Cavallaria, fazendo hum total de dezoito mil, julguei a proposito prevenir a junção de Blake com os seus nove mil Hespanhoes, e ataca-los na direita a fim de me lançar sobre a sua linha de communicação ; alem disso, a natureza do terreno tornavo este ponto de ataque o mais vantajoso. Eu sube que o General Beresford, que commandava o exercito inimigo, tinha duas divizões de Infantaria Ingleza, montando a dez mil homens, oito mil Portuguezes, e tres mil Hespanhoes debaixo das ordens de Castanhos, com tres mil de cavallaria, fazendo hum total de 24,000 homens : mas eu não duvidava do bom successo.

O General de Divizão Latour Maubourg commandava toda a nossa cavallaria ; e o General de Divizão Girard commandava as duas primeiras Brigadas, compostas de 7,000 homens. Os Brigadeiros Generaes Werle e Godinot commandavão cada hum a sua Brigada.

O General Godinot com a sua Brigada reforçada por cinco esquadroens debaixo das ordens do Brigadeiro General Briche foi mandado fazer hum falso ataque sobre a villa de Albuera : eu cahi com o resto do exercito sobre a ala direita do inimigo, que ao mesmo tempo foi atacada pela nossa cavallaria. O General Latour Maubourg manobrou com tanta destreza, como intrepidez : tentou, mas debalde, attrahir para a acção a cavallaria inimiga : ella se conservou constantemente em reserva. O General Girard com as suas duas Brigadas se avançou a *passo de canga*, e se fez senhor da posição do inimigo. Esta posição era occupada por huma Divizão Hespanhola, e huma Brigada Ingleza, que cederao depois de huma obstinada resistencia ; e forao ardentemente acoçados. O campo da batalha ficou juncado dos seus mortos, e nos tomamos hum grande numero de prisioneiros. A segunda linha do inimigo se avançou entao, e *cahi sobre a nossa linha com effeito consideravel*.

Subindo a huma altura fiquei surpreso de ver tao grande numero de tropas, e pouco depois sube de hum Hespanhol prisioneiro, que Blake tinha sobrevivido com 9,000 homens, e effetuado huma junção ás tres horas daquella manhã. O conflicto deixou de ser igual : o inimigo tendo mais de 30,000 homens, e eu somente 18,000. Pensei por tanto do meu dever não proseguir mais tempo no

meu dezignio, e ordenei que se conservasse a pozicao tomada ao inimigo. Neste meio tempo o inimigo se approximou muito á nossa linha, e o conflicto se tornou mais terrivel. O General Latour Maubourg fez huma carga com o 2. dos Hussares, com o 1. de Lanceiros de Vistula, com o 4. e 20 de Dragoens, com tal destreza, e coragem, que tres Brigadas Inglezas forao completamente destruidas; seis peças de artilharia, mil prizioneiros e 6 bandeiras; as do 3., 48., e 66. regimentos Inglezes ficaraõ e nosso poder. O inimigo nos deixou a pozicao, que lhe tomamos, e nao ouzou mais atacar-nos. O fogo continuou ate ás quatro da tarde, e entao cessou de ambos os lados.

Os Brigadeiros Generaes Werle e Pepin forao mortos; os Brigadeiros Generaes Marausin, e Brayer feridos: o Coronel Proesk do 28 de Infantaria ligeira foi morto, assim como os chefes de Batalha Astruc, e Camus do 26, e 28 regimentos. A nossa perda em mortos e feridos monta a 2,000 homens: o inimigo nao fez prizioneiros, se exceptuarmos 200 para 300 feridos, que forao deixados no campo da batalha.

O inimigo teve tres Generaes mortos, dois Inglezes, e hum Hespanhol, e dois Generaes feridos: mil Inglezes ficaraõ prizioneiros, alguns dos quaes escaparaõ depois, mas inda hoje contamos 800: 1,100 Hespanhoes ficaraõ igualmente em nosso poder: todas as noticias que depois pode obter fazem subir a perda do inimigo em mortos, e feridos a 5,000 Inglezes 2,000 Hespanhoes, e 7 para 800 Portuguez. He pois a perda total do inimigo 9,000 homens; isto he tres vezes maior, que a nossa. As tropas se cobriroã de gloria: a nossa cavallaria fez as mais bellas cargas, e se distinguio particularmente. A artilharia sustentou a sua reputacao: eu fazia jogar constantemente 40 peças de artilharia que vomitavã a morte sobre as filas do inimigo. Os Inglezes perderã mais de ametade da sua gente.

A 17 fiquei á vista do inimigo: 5,000 homens vieraõ de Elvas juntar-se lhe; eu continuei a conservar o campo da batalha; e a 18 ao romper do dia fiz hum movimento de flanco sobre Solano.

Encarreguei ao General Gazan de conduzir os nossos prizioneiros Inglezes, e Hespanhoes juntamente com os nossos feridos para Sevilha com huma competente escolta. Logo que souber que elle chegou, eu manobrarei para unir-me com outras tropas, e completar o destroço do inimigo.

Solano, 21 de Maio de 1811. Duque de Dalmacia.

Milãõ 16 de Abril.

O nascimento do Rey de Roma tem fornecido a nosso

Conselho de Estado a occaziaõ de exprimir seos sentimentos de *amor*, e *respeito* no *adresse* seguinte, que foi immediatamente enviado a Pariz,

“ Sire, assentado sobre o primeiro throno do mundo, só faltava á vossa gloria, e á vossa felicidade ter hum filho de vosso sangue.

“ Todos os vossos vassallos, todos os povos, que sabem, que sua prosperidade depende para o futuro da de vossa familia, uniaõ seos votos aos vossos; e seos votos forao ouvidos.

“ Hum grito universal de alegria acaba de annunciar ao universo, que vossa augusta espoza vos tem dado este filho.

“ Os prodigios de todo o genero, que tem acompanhado vossa elevação, mostraõ, que vos sois o favorito da Providencia, e que fostes enviado por ella para restabelecer sobre a terra a *justiça*, a *paz*, e a *felicidade*.

“ O nascimento do Rey de Roma tem preenchido todos os dezignios da providencia. Deos está com Napoleao.

“ Os povos de vosso Reino de Italia, que devent sua existencia ás vossas victorias; seu repouzo ás vossas instituiçoens, sua ventura á vossa sabedoria; que estaõ ligados a V. M. por todos os sentimentos de amor, do reconhecimento, e admiração, rendem vivas acçoens de graças ao Arbitro Supremo dos destinos humanos, e lhe dirigem os mais ardentes votos pela prolongação dos dias de seu Monarca, e de sua Augusta Espoza.

“ O Conselho de Estado, cujos sentimentos particulares se achao confundidos com os de todos vossos vassallos nesta memoravel circumstancia, se julga felis em poder depor a vossos pez, Sire, a homenagem da fidelidade, da gratidão, e amor, que elle professa á vossa sagrada pessoa.

“ Feito em Milão a 25 de Março de 1811.”

(*Seguem-se as assignaturas dos grandes Officiaes do Reino, e dos outros Conselheiros de Estado.*)

S. M. Corsica dignou-se dar a este *adresse* a seguinte resposta.

Ao Conselho de Estado do meu Reino de Italia.

“ Senhores Conselheiros de Estado, eu acólho com prazer as felicitaçoens, que meu Conselho de Estado me apresenta por occaziaõ do nascimento do Rey de Roma. He para mim agradavel o ver que vos tomais parte nos sentimentos do meu coração sobre este felis acontecimento.

Não tendo esta outro fim, eu rogo a Deos vos tenha em sua tanta guarda.

Dado no Palacio das Tuilerias a 10 de Abril de 1811.

NAPOLEAO.

Postscriptum.

Nos recebemos Monitores ate 22 de Corrente: elles contem a falla de Bonaparte ao Corpo Legislativo, que he de alguma importancia. Della se descobrem de alguma sorte as suas vistas relativamente a Igreja Catholica Romana; e elle dá huma clara idea de que ella não continuará longe tempo no seu prezente estado; mas estabelecerá huma especie de Religiao Geral composta "daquelles verdades, e principios que pertencem a todo o universo."—Elle apenas annuncia a uniao da Hollanda, e do Valais á França, "da qual ellas são meras emanaçoens!" Annuncia com a mesma confiança, e exaltação o triunfo da sua politica sobre o Governo Americano, e exprime a sua intenção de secundar os Estados Unidos na sua tentativa a vingar a independencia da sua bandeira. Continua a evaporar a sua raiva, e os seus ameaços contra este Paiz. Achando que todas as suas predicçoens a respeito da subjugação total de Hespanha e Portugal tem falhado, diz agora a toda a Europa "que elle prolonga a contenda só par a exhaurir o sangue, e os recursos da Inglaterra; e que quando metade das suas familias estiverem cobertas de lucto, terminará a Guerra da Peninsula pelo estoiro de hum trovão que porá termo aos negocios da Peninsula, aos destinos de seus exercitos, e vingara a Europa acabando esta segunda guerra Punica! Elle conclue, jactando-se, que apesar de ter posto 100 milhoens *extra* nas maons do seu Ministro de Guerra durante o ultimo quartel não precisa impor novas taxas sobre o seu povo.

Sobre as relações politicas entre a França, e a Russia nada temos de positivo; esperamos com tudo ter em breve algum rezultado, que apoie as nossas conjecturas sobre o partido que a ultima deve tomar. Todas as cartas de Gottemburgo, de Memel, de Stokolmo dão por inevitavel, e proximo o rompimento entre a França, e a Russia.

INGLATERRA.

CAMARA DOS COMMUNS.

AGRADECIMENTOS AO GENERAL BERESFORD.

Falla de Mr. Percival.

Eu me lizongeio, Senhores, que pondo de parte todas os negocios fixados para hoje, a moção que vou fazer á cerca dos agradecimentos que devem dar-se aos Generaes, Officiaes, e Soldados dos valorozos exercitos, que entraraõ na batalha de Albuera, mereça a preferencia a todos os outros negocios (applauso.) Eu vejo por esta acclamação que a Camara he do meu párecer; procederei por tanto.

Eu me vejo novamente collocado na situação, que me impoz muitas vezes, durante a sessão, o agradavel dever de apresentar á consideração da Camara os serviços emminentes dos exercitos Britanicos, e alliados; serviços que tem sido tantas vezes coroadas pelos mais brilhantes, e gloriozos successos. Eu tenho de expôr outra vez aos olhos da Camara, e recommendar á sua attenção, e approvação, a meritoria conducta dos officiaes, e soldados deste exercito, que taõ nobremente se distinguiraõ na glorioza cauza em que se empenharaõ—a defeza do Povo opprimido da Peninsula contra o mais desolante systema de tyrannia, e oppressão, a que jamais Nação alguma fõra exposta. Eu tenho nesta feliz opportunidade o prazer de accrescentar ao illustre catalogo dos heroes, que assignaláraõ o seu valor, e talentos no serviço da sua Patria; os nomes do General Beresford, que taõ habilmente commandou a exercito alliado em Albuera, e dos outros officiaes, cujos meritos emminentes contribuirão para a brilhante victoria obtida naquella parte da Peninsula. He-me agradavel, assim como creio será satisfactorio a todos os Membros, que me escutaõ, e ao paiz em geral, ver que justamente orgulhozo ao contemplar as glorias accumuladas, e honras adquiridas por alguns Generaes, o Paiz com tudo pode exultar reflectindo que não he hum ou dois Generaes

somente de quem elle espera com segurança assignalados talentos, e façanhas heroicas; mas que a Gra-Bretanha possue muitos capazes de arrostar qualquer General Francez, com hum exercito quasi igual em numero, não só com gloria sua, mas com o destroço dos seus inimigos. He notavel que no curto periodo da presente sessao, seja esta a terceira vez, que o meu dever me obrigue a expor á consideração da Camara os eminentes serviços do exercito, como introdução para hum voto de agradecimentos, a maior honra, que a camara pode conferir. Eu espero que a Camara fara aos Ministros de S. M. a justiça de reconhecer, que elles nunca buscáráo tirar partido das façanhas de personagem equivoca, ou de objectos de inferior importancia para pedir agradecimentos á Camara no dezignio de obter huma attestação indirecta dos seus proprios meritos, e esforços em providenciar os meios de consumir taes successos. Eu estou plenamente convencido, que a camara se persuadirá, que nós não temos multiplicado as nossas propostas ao Parlamento para recompensar de huma maneira honroza eminentes serviços militares com tao baixas vistas. Não: este dever dos tem sido imposto pela bondade de Providencia. Foi ella que permittio ás forças de S. M. o obter no curto espaço da companhia actual, victorias mais assignaladas, e gloriozas, que as que se tem ate agora obtido em huma longa, e protrahida guerra (applauso.) Estou certo que sobre este ponto a Camara estaria mais disposta a censurar a conducta dos Ministros pela sua parcimonia nestas propostas, e por subtrahirem os agradecimentos da Camara a serviços distinctos; do que pelos multiplicados exemplos de chamarem a attenção da camara a fim de approvar a intrepidez, e boa conducta dos officiaes, e soldados. Não preciso mencionar aqui a tomada da ilha de Banda da maneira o mais romanescas; e a mais galharda, por huma pequena, mas heroica partida; empreza digna, pela sua rezoção, e intrepidez de ser classada entre as proezas militares mais celebres. Não preciso taobem citar a maneira distincta com que se effectou a conquista das Ilhas de Bôurbon, e Mauricias; objecto de tanta importancia, não só pelo prejuizo que o inimigo podia dali fazer ao commercio Britanico; mas taobem pela anxiedade que todos os Ministros deste paiz manifestavão para obter a sua posse. A caza se dara por satisfeita dos Ministros se não apressarem a pôr debaixo de seus olhos serviços taes, que apesar da sua importancia, podem admittir alguma duvida sobre o direito, que tem os agradecimentos do Parlamento. As occazioens a que eu particularmente alludo, e que submetto á approvação da Camara são as gloriozas façanhas executadas na

Península desde a glorioza victoria do Bussaco alcançada pelo Lord Wellington na retirada para as suas linhas, ate aquella que tudo excedeo, a importante victoria de Almeida. No meio de todas estas circumstancias, se reconhecerã, que nós antes nos abstivemos de sobre-carregar os jornaes de votos de agradecimentos, do que de prodigalizar inutilmente aquella alta distincção; e se ha hum Membro aqui disposto a criticar a nossa conducta, deve só queixar-se das nossas omissoens em hum tempo, em que apenas se passa hum dia, sem a expectação de alguma victoria; expectação que ate aqui se tem quasi sempre realizado. N'huma palavra tem havido hum tal fluxo, e refluxo de victorias em nossò favor, que se poderia dizer do nosso exercito, o que se dizia de hum da antiguidade.

Hostis nihil aliud est, nisi perpetua gloria materia vestrae.

O inimigo por incessantes victorias ganhadas sobre elle parecia servir somente de fornecer materiaes á gloria do exercito Britanico. Basta-me recordar a maneira porque os meos primeiros votos forao recebidos, para mostrar, que eu não tenho sido demaziado em taes propostas.

Tendo assim exposto as circumstancias em que proponho a moção actual, passo a referir as circumstancias da acção a que esta moção se applica. Parece pelos despachos que o General Beresford estava occupado no sitio de Badajoz, quando recebeu a noticia, que o Marechal Soult, depois de haver tirado dos corpos de Victor, Sebastiani, e do interior da Hespanha todas as forças, que podia reunir, se tinha posto em marcha no dia 10 de Maio de Sevilha para ir soccorrer Badajoz. A esta noticia, elle considerou de que maneira devia receber este ataque; se levantaria o cerco de Badajoz, se esperaria o ataque de Soult, ou se providenciaria a ambos os objectos ao mesmo tempo. Assentou preparar-se para o ataque, e renunciou ao cerco temendo que occupado de dois objectos, perdesse hum, e outro.

Então tomou huma posição sobre o rio de Albuera onde na vespera da acção se lhe unirão as forças alliadas debaixo dos Generaes Blake, e

Castanhos, em virtude de huma convenção anterior com estes dois Officiaes; e só na manhã do dia em que se deo a batalha se lhe unio o corpo do commando do General Cole, que tinha sido deixado para cobrir o transporte da Artilharia grossa, e petrechos da fronteira de Badajoz para Elvas.

(Aqui Mr. Percival leu, segundo os despachos Officiaes, a ordem da batalha.) Os Hespanhoes, diz elle, estavam sobre huma colina a direita; a divizão do General Stewart á sua esquerda, e a do General Hamilton a esquerda do General Stewart. O inimigo deo indicios de atacar a esquerda; e aproveitando-se do tempo, que encobria as suas operações dirigio o seu corpo principal, e toda a sua attenção para ata-

car a posição occupada pelos Hespanhoes na direita. As tropas Hespanholas resistirão com intrepidez a este ataque concentrado, mas a final forão forçadas a ceder a forcas superiores e forão expulsas da altura. Com tudo em honra immortal destas tropas deve dizer-se, que ellas se reunirão nas faldas, voltarão sobre o inimigo, e o contiverão pelo seu fogo ate que a Brigada do Tenente Coronel Colbourne veio em seu oppoio. A Brigada do General Cole estava postada atraz dos Hespanhoes. A Brigada do Coronel Colbourne vendo que não podia desalojar o inimigo da sua posição pelo seu fogo, o carregou á baioneta; e foi nesta carga, que esta Brigada composta de tres Regimentos soffreo nimiamente, em consequencia de hum ataque inesperado de huma divizão de cavallaria Polaca. Hum fraco regimento, o 31 reteve esta cavallaria, ate que chegou a Brigada de General Hoghton. Foi entao que este intrepido official pereceo, ao passo que animava os seos a fazer seu dever, e a atacar. E pois que tenho de recordar esta circumstancia, espero que a Camara concorde comigo, na necessidade de mostrar a sua admiração pela particularidade glorioza da morte deste official, erigindo á custa do Publico hum monumento ao heróe, que testemunhe á posteridade a gloria de hum, e o reconhecimento da outra.

Cumpra observar que no decurso deste negocio todos fizeram perfeitamente o seu dever. Para a direita principalmente se dirigirão os grandes esforços do inimigo. Sobre esse ponto a Brigada do General Cole, e particularmente os fuzileiros atacarão os Francezes pelo seu flanco esquerdo; e fazendo huma carga combinada com as outras tropas os expulsarão da emminencia, que dominava a linha Britanica cuja aquisição fazia o grande objecto dos seos esforços, e o da sua ambição o conserva-la. No momento em que os Francezes forão expulsos desta altura, foi rota a sua linha, e elles precipitados com prodigiosa mortandade. Nunca houve talvez hum maior numero de victimas sacrificadas aos furores da guerra, quando declive desta colina, depois que o inimigo foi repellido do seu cume.

Quando digo, que toda a acção teve lugar sobre a nossa direita, não portendo dizer, que se não fizeram esforços contra outras partes da nossa linha. O inimigo dirigio ataques mui serios a outros pontos: e se não tivesse havido outra acção mais doque aquella, que teve lugar na ponte de Albuera, essa bastaria somente para immortalizar a gloria daquelle dia.

Taes forão as circumstancias desta memoravel batalha. Vejamos quaes forão as consequencias. A fuga do inimi-

go do campo da batalha—o abandono de seos feridos—e o estado que se achou depois o miseravel resto do exercito Francez, como se pode fazer idea pela carta interceptada do General Gazan ao Marechal Soult, em que lhe representa, que o numero de seos feridos montava a quatro mil homens.

Ma as consequencias ulteriores desta brilhante victoria serao mais vantajozas ainda á cauza em que nos empenhamos. Quando se considera o effeito que necessariamente deve proceder de serem frustradas todas as ameaças do inimigo, todas suas pertençaens orgulhozas, e anticipados triunfos; he impossivel descrever o resultado com termos mais fortes, que os do General Beresford, quando falla da impressao, que faria depois de todos os seos ameaças a volta do Marechal Soult para Sevilha com hum exercito destrocado, e o que ainda he peor “com decahida reputação.”

Nas circumstancias desta acção ha talvez particularidades, que poderao fornecer ao inimigo o pretexto de reclamar a victoria. Na carga da Cavallaria Polaca, que a Brigada do Coronel Colbourne susteve, os tres regimentos de que ella era composta, perderao, he verdade as suas bandeiras. Recobrarao-se porem as de hum regimento; retomou-se hum estandarte ao inimigo, e outro foi conservado ao regimento de hum modo exemplar por hum official intrepido, que sustentou o seu ataque: As bandeiras das outras dois regimentos ficarao certamente em poder do inimigo, e serao provavelmente hum titulo em sua mão para que se lhe attribua a victoria. Em quanto me demoro sobre este objecto, espero que a Camara me desculpe o interromper a sua attenção sobre a conducta intrepida, e heroica dos dois officiaes que traziao as bandeiras dos *Buffs* que forao conservadas. Hum delles foi cercado pelo inimigo, e quando se lhe intimou, que entregasse a bandeira, respondeo, não; só com avida, e immediatamente pagou com a vida a sua repulsa. (*Hum grito geral, seu nome, seu nome!*) O nome deste heroico mancebo he o Portabandeira Thomaz. A bandeira assim tomada foi depois retomada ao inimigo. A maneira porque a outra se conservou, foi acompanhada de circumstancias igualmente gloriozas para o individuo, que a conservou, e que lhe dao iguaes direitos aos applauzos, e admiração do seu paiz. O nome deste official he a Portabandeira Walsh. Este intrepido mancebo, a quem huma bala de artilharia, quobrou o pão da bandeira, e ferio gravemente, cahio no campo da batalha; e mais occupado do precioso depozito que se lhe entregára, que de de si mesmo, fez todos os esforços por arrancar a bandeira do resto do pão, e a escon-

deo no seu seio, donde a tirou depois ao pensar da ferida depois da batalha (*Applauso.*) Eu me regozijo de nomear heroicos individuos, e dar á sua reputação todo o lustre, que pode conferir huma honroza menção de factos referidos nesta Camara.

Ignoro se me será permittido mencionar aqui o cazo do proprio General Beresford. Depois da carga da Cavallaria Polaca, que tinha sido tao desastroza para a Brigada do Coronel Colbourne, hum cavalleiro separado do seu corpo, e sem ser sustentado por algum outro, se aproximou assaz do Marechal Beresford ou fosse por frenesi, fosse por embriaguez, ou enfim por entusiasmo, para ó matar. O General anciozo somente de poupar a vida deste homem, evadio a golpe pela sua destreza; e aproveitando se da superioridade de suas forças pessoas o lançou por terra: mas vendo-se que elle tentava dar novo golpe ao General, foi promptamente morto por huma das suas ordenanças (*Applauso.*) Eu menciono este facto para mostrar que este accidente imprevisto, poderia ter privado o pais dos serviços deste intrepido official.

Supplico agora á Camara a permissão de alludir ás consequencias moraes que devem rezultar desta victoria—de huma victoria obtida em tal tempo, e em taes circumstancias. Quando se considera o esforço de Massena para soccorrer Almeida, e a simultanea tentativo de Sout para soccorrer Badajoz, não se podem olhar estas duas empresas senão como esforços de desesperação, tentados em virtude de ordens positivas do seu governo para restaurar a honra, e a reputação dos exercitos Francezes na Peninsula. Devo tao-bem informar a Camara, que he agora incontestavel, que o Marechal Sout, deixando Sevilha, na certeza de huma antecipada victoria, publicou huma dessas jactanciozas proclamaçoens, em que os Generaes Francezes são tao famosos, e que em sua marcha fizera frequentes fallas ás suas tropas sobre o exito feliz daquella empreza. A falha total de todas estas confidentes expectaçõens de victoria deve animar as esperanças e augmentar a confiança dos alliados; e ao mesmo tempo diminuir o tom, e as pertençaens do inimigo. Eu olho este estado de coizas, como nova perspectiva de outras mais lizongeirias para nos em a Peninsula. Eu sei que ha muitas pessoas de opiniao, que o Imperador dos Francezes, Rey de Italia, e Protector da Confederação do Rhin, possui recursos, e meios sem lemite, e que pode sem difficuldade enviar a Peninsula trezentos, para quatro centos mil homens. Quanto a mim, ouso dizer que não creio que lhe seja facil enviar ali força alguma consideravel; sobre tudo, quando ha apparencias

de que elle pode dar outro destino ás suas tropas. Mas suppondo mesmo que elle podesse pôr as suas forças na Peninsula no mesmo pé em que estavaõ d'antes, elle acharia os alliados mais preparados para e receber—elle acharia pelo glorioso exemplo, dado pelos Hespanhoes em Albuera, que tinha a combater çom mui differentes inimigos. Quando considero que as esperanças do inimigos se frustráraõ dolorosamente, creio naõ ter huma confiança demaziada nas operaçoens da guerra. O seu exito com tudo naõ está nas maõs dos homens. Eu deixo ao Publico o decidir, se examinadas bem todas as circumstancias, as minhas esperanças saõ, ou naõ fundadas. Mos eu rogo ao Deos Omnipotente, de cujas maõs depende o exito de todas as coizas do mundo, que faça que ella se realizem.

Movo por tanto que os agradecimentos desta Camara se-jaõ dados ao Major General Beresford pela distincta habilidade que dezenvolveo a 16 de Maio na glorioza batalha de Albuera, na qual derrotou o exercito Francez commandado pelo Marechal Soult.

Esta moçaõ glorioza; este discurso taõ animado foi seguido de outro assas extraordinario, que pronunciou hum Membro da Oppozicao, Mr. Hutchinson, cujo extracto he o seguinte.

Hutchinson se levantou para fazer a moçaõ que ja tinha mencionado. Elle reconhecia, que vinha com particular desvantagem, depois dos bem merecidos, e brilhantes louvores, que acabavaõ de ser dados com tanta eloquencia pelo muito honrado Membro, (o Chanceller do Exchequer). O muito honrado Membro, seos Collegas, e Partidistas sustentao que nos estamos brigando grandemente em nossa vantagem, continuando a guerra da Peninsula: mas podem elles dizer que a nossa força fizica he igual á da França? Nao: em quanto nos consumimos imperceptivelmente nossas melhores tropas, o inimigo pode enviar continuamente novas; naõ só para executar novos projectos; em outras partes; mas inda mais que sufficientes para lutar com aquelles, que nos podemos pôr em campo: e ainda que possamos todas as semanas votar agradecimentos, e pronunciar panagiricos por huma serie brilhante de valorozas façanhas, nos naõ fazemos por isso senao louva cada vez mais o consumo das nossas melhores forças. Olhe-se o marcha de Bonaparte desde a epoca em que foi declarado Imperador ate ás rapidas, e superiores operaçoens da batalha de Wagram; e ver-se ha que elle mostro ser capaz de manejar todo o poder da Europa com a mais decidida energia. Nos o vemos agora chamando a conscripcao de 1811; preparando-se a derramar as suas

Legioens no seio da Peninsula; e como elle tem mostrado, que raras vezes deixa ao acazo alguma coiza; mas que pelo contrario, combina as suas medidas de maneira ficar quasi certo do seu bom exito; nos devemos temer as consequencias do seu consumado saber, e combinaçoens militares. He moda entre nos no momento de victoria escarner do nosso inimigo, e depreciar seos esforços. Desapprovo muito este modo de obrar; e declaro francamente a minha opiniao, e he, que os exercitos Francezes nunca brilharão com tao grande lustre, como neste momento: que nada ha mais admiravel, que a retirada de Massena, e o modo superior, porque Regnier a cobrio. Dir-se-ha talvez que nos procuramos aos nossos alliados hum anno mais de resfolego: isso he o que eu nego: e quando assim fosse, pela maneira que os Hespanhoes, e sobre tudo o seu Governo se conduz, nós não fazemos mais que esgotar os nossos melhores recursos, e prodigalizar debalde o nosso sangue mais preciozo. Ate aqui as nossas victorias nenhum resultado tem produzido, por que não temos posto as nossas forças em acção como deveriamos fazer. Qual he o fructo, que no Vimeiro tiramos da nossa victoria? A Convenção de Cintra. Depois da victoria da Corunha? Hum embarque immediato. Depois da de Talavera? huma retirada. Depois da brilhante victoria de Barrosa? Outra retirada. O facto he que nos nunca temos forças bastantes para proseguir em nossas vantagens. Eu dezejo chamar a attenção dos Ministros para a guerra da Peninsula. Quanto a mim estou firmemente convencido, que elles seguem hum plano errado. Não pedio Lord Wellington mais reforços, que se lhe não poderaõ mandar? Elle pedio dez mil homens de Milicias: porque se lhe não tinhaõ mandado antes? Porque se não deixa alistar Milicias na tropa de linha ate dez mil? Julga o Ministro que Lord Wellington he assaz forte para se manter em Portugal? Não sabe elle que se Francezes enviarem mais alguns milhares de tropas contra elle; elle será forçado a voltar para as suas antigas linhas de Torres Vedras? Esta prompto o muito Honrado Membro para enviar-lhe sufficientes reforços? Se elle não faz maiores esforços, que os que parece fazer hoje, para reforçar Lord Wellington; este intrepido General de-verá succumbir. Eu creio que nenhum dos dois Governos Inglez, e Francez, está disposto a fazer a paz, sem ter hum sobre o outro vantagens injustas. Nos não quereremos jamais renunciar a soberania do Oceano: do seu lado Bonaparte não quererá jamais consentir n'huma paz, que o não deixe senhor absoluto do Continente da Europa.

Depois de muitas outras observaçoens do mesmo ge-

nero Mr. Hutchinson terminou o seu discurso, propondo huma longa representação ao Principe Regente, para exprimir o verdadeiro affetto da Camara á sua Pessoa, e Governo: e para expor-lhe a convicção em que está a Camara, de que a lucta penivel, em que a Inglaterra se acha actualmente empenhada, não pode terminar felizmente sem novos sacrificios, e hum redobrado vigor.

Mr. Percival respondeo, pouco mais ou menos, da maneira seguinte.

A minha intenção não he tomar muito tempo á Camara para lhe assegurar, que no que eu disse anteriormente sobre as vistas do Governo de S. M. nunca pertendi avaliar as forças, e o poder do inimigo alem da realidade. Nunca tive idea de representar o exercito Francez, como degradado: mas comparando-o no estado a que elle deve estar reduzido pelo, ultimos acontecimentos com o grao de estima de que antes gozava, em consequencia das suas victorias, sobre as Potencias da Europa, era a minha intenção dizer, e eu o repito que a sua gloria, e o terror della estão mui diminutos. A sua gloria cahio dessa altura sobre-natural a que tinha chegado: O que provou claramente, que o inimigo não tinha direito ao titulo de invencivel que se arrogára. Quanto ao systema da prolongação da guerra, estou firmemente persuadido que a continuação da lucta na Peninsula, quando mesmo não fosse mais que por outro anno, offerece hum prospecto, que todo o principio de Saã Politica manda adoptar. Eu não me limito por isso a crer, que outro anno seja o termo necessario aos nossos esforços naquella parte. A minha intenção foi somente avançar, que se havia em alguma parte huma boa occasião, e perspectiva favoravel de resistir ao inimigo, era sobre tudo em Hespanha, e Portugal. Creio ser o interesse predominante deste paiz sustentar ali a contenda. Quanto ao dizer-se que era falta de sensibilidade o fomentar, e nutrir a guerra na Peninsula; eu sigo pelo contrario, a opiniao dos seos habitantes aqual he, que todos os males, que a prolongação da guerra ali pode infligir, jamais igualarao a desgraça de estar sujeitos ao dominio Francez.

Respondendo á parte do discurso do muito Honrado Membro, em que elle avançou, que Lord Wellington não fora sufficientemente reforçado, e que seos esforços foraõ paralizados, posso dizer, que Lord Wellington nunca teve, nem manifestou huma tal opiniao. Em todo o cazo eu antes quizera que este sentimento prevalecesse no espirito do publico, do que a opiniao de que o sangue, e os thesouros deste paiz tem sido loucamente prodigalizados. Os reforços enviados a Lord Wellington foraõ-lhe enviados a tempo de

executar todos os seus designios. Quanto ao golpe de vista geral em que o Honrado Membro abraça todos os objectos, que tinha em contemplação, direi que he mui facil a qualquer no seu gabinete fazer planos, e projectos para enviar fora cincoenta, ou cem mil homens de hum rasgo de penna: mas o meio de por em movimento, e sustentar hum corpo tao consideravel offerece difficuldades praticas, que nao sao facilmente venciveis. Accrescentarei que se nao deve taobem julgar pelo numero, da verdadeira força militar de hum Estado. O que os Ministros tem ja feito basta, quanto a mim para mostrar, que existe nelles huma disposição a fazer todos os esforços practicaveis, mas de huma maneira compativel, com os objectos da sua solicitude, que deve ter por mira evitar que o paiz se esgote ao ponto de nao poder sustentar mais tempo huma contestação deque dependem seus mais preciosos interesses. Posto que eu acceda de algum modo ás ideas do Honrado Membro sobre a nossa Política estranha, em geral eu nao creio, que a Camara seguiria hum bom partido, se adoptasse a sua proposta, e fizesse sahir o Governo do systema moderado, e prudente de operaçoens, mas firme, e energico, segundo o qual tem obrado ate agora.

A moção de Mr. Hutchinson foi uniformemente rejeitada.

Officio do Ex.^{mo}. Tenente General Lord Visconde Wellington ao Lord Liverpool em data de 24 de Maio de 1811.

My Lord,

Depois que vos escrevi a 22 deste mez, recebi relações que me annuncião que o Marechal Soult se tinha retirado para Llerena. Tendo ja chegado a 3. e 7. divizão a Campo-maior, ordenei que Badajoz fosse investida, e estreitamente sitiada, á manhã, sobre a margem direita do Guadiana; e eu me disponho recommear sem perda de tempo as operaçoens do sitio.

Recebi noticias de Castella que o Marechal Massena, os Generaes Junot, Loison, e outros tinhão partido para França: que tres corpos de exercito, o 2. 6. e 8. tinhão sido formados em seis divizoens, chamados ainda o exercito de Portugal, tendo por Commandante em Chefe o Marechal Montom, e o General Regnier por segundo.

O Snr. Marechal Beresford participa-me que o maior numero dos officiaes, e soldados, que julgavaõ extraviados, ou prisioneiros na acção de 16 do corrente, se tem unidos aos seus regimentos.

Eu tenho a honra de ser, &c.

WELLINGTON.

Extracto de hum despacho de Lord Wellington dirigido á Lord Liverpool.

Quinta de Gramicha, 3 o de Maio de 1811.

Investimos Badajoz pela margem direita do Guadiana, a 25 deste mez: e tendo chegado a artilharia, e muniçoens de sitio se abriu a trincheira hontem de tarde.

O Corpo principal do inimigo retirou-se para Llerena; e seos postos avançados de cavallaria estão em Uzagre. Remetto a parte do Honrado Major General Lumley sobre huma brilhante acção de cavallaria, que teve lugar nas vizinhanças daquella Praça a 20 deste mez. O Major General faz hum grande elogio da conducta do Major General Holmes, do 3 regimento de dragoens das Guardas, que pre-eucheo as funcçoens de Ajudante General: elle da iguaes elogios ao Tenente Heathcote dos dragoens do Rey, que fez as vezes de Quartel Mestre General nesta acção; na sua relação nomea outros officiaes que merecerão sua attenção, &c.

Segue se officio do Major General Lumley ao Ex^{mo}. Marechal Beresford, em que descreve a acção que teve com a cavallaria inimiga no dia 20 de Maio, em que os inimigos perderão perto de 200 homens, incluzos 68 prizioneiros; entre tanto que a perda dos alliados foi quasi nulla. A falta de tempo, e a multiplicidade de materias nos embaraço de publicar por extenso este officio. Devemos porem dizer que o Major General Lumley faz os maiores elogios ao brio, valor, e disciplina da Cavallaria Portugueza, e Hespanhola.

Secretaria do Almirantado.

No. 1. do corrente recebeu o Almirantado a relação official dos navios tomados aos Francezes no porto de Ortano a 12 de Fevereiro pelos escaleres dos Navios de S. M. B. o Cerbero, e o Activo.

A Eugenia, Veneziano, de 6 peças commandado por hum Tenente, indo de Ancona para Corfu. Foi mandado para Lissa.

A Afortunada—Transporte Veneziano No. 52. indo de Ancona para Corfu carregado de grao; na cargação foi posta a bordo de hum transporte, e depois queimado.

Hum Transporte Veneziano, nome incognito, indo de Ancona para Corfu carregado de Azeite.—Foi mandado para Lissa.

Outro Transporte Veneziano, nome incognito, No. 2. indo de Ancona para Corfu carregado de Madeira, e trigo—Enviada para Lissa.

St. Anongiato—indo de Ancona para Corfu, carregado de Canhamo, e maçame.

Outro Transporte Veneziano, No. 50. indo de Ancona para Corfu carregado de trigo.

Outro do No. 55. indo de Ancona para Corfu carregado de diversos artigos.

As Armas do Purgatorio; indo de Ancona para Corfu, carregado de arroz—tirou-se lhe a carga, e foi queimado.

Mais tres transportes, nomes incognitos, carregados de trigo, indo de Ancona para Corfu: forão queimados no Porto de Ortano, bem como dois armazaens de azeite, fardamentos, muniçoens navaes, e militares, &c.

Secretaria do Almirantado, 8 de Junho de 1811.

Abordo do navio de S. M. o Magnificent, diante de Fano, a 10 de Fevereiro de 1811.

Senhor,

Não tendo o inimigo tido occasião favoravel de mandar dos portos de Italia provizoens a Corfu, aproveitou-se de hum forte vento do norte, que soprou na tarde do dia 6 deste mez, e fez sahir de Otranto vinte e cinco navios, a respeito dos quaes tenho a satisfação de vos informar que vinte delles forão capturados por esta esquadra, hum delles de 100 toneladas carregado de objectos de artilharia, e outro de igual grandeza carregado de muniçoens navaes, taes como velas, maçame, e muniçoens proprias para equipar canhoneiras.

O resto he carregado de trigo, e tem a bordo 350 soldados destinados para reforçar a guarnição de Corfu.

Eu tenho o gosto de poder ajuntar a esta lista mais quatro navios carregados de trigo, que forão tomados, a ultima noite.

Eu tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) GEO. EYRE.

Estes factos, e mil outros desta natureza mostrão que nada he tao facil ao Tyranno da França, como em poucos annos crear huma grande Marinha, e estender prodigiosamente o seu commercio. Para melhor o conseguir elle está neste momento cuidando seriamente nos meios de ministrar aos Almirantes, e officiaes da Marinha Ingleza o seu precioso elixir com que tem feito dormir eternamente milhares de victimas: se os não poder achar, ser-lhe ha facil expedir hum decreto de morte contra todos elles; e entao a Deos Marinha Ingleza! Não tem elle bloqueados por hum simples decreto todos os portos do Imperio Britanico de Hespanha, e Portugal? E desde entao podem os Inglezes, Hespanhoes, e Portuguezes gabar-se de ter entrado ou sahido dos seus portos hum so navio de guerra, ou mercante? Quem faz o mais, pode fazer o menos.

LONDRES 25.

Não he possível descrever o fervor, o enthusiasmo da Beneficencia Inglesa em soccorrer os que soffrem pela cauza da humanidade. Este sentimento generoso e sublime, que predomina em toda a Gra-Bretanha, se tem deixado ver da maneira a mais conspicua, e insinuante, nas diarias subscriçoes feitas a favor dos Portuguezes, que soffrerao em consequencia da terrivel invasao Franzeza. Pede a nossa sensibilidade, e gratidao (pois que não somos espectadores indifferentes da sua virtude) que consagremos a esta Nação o applauso, e effeicao que ella nos attrahe. Nenhum Portuguez amigo do seu paiz, amigo da humanidade, deixara de verter huma lagrima de reconhecimento, ao ver esta grande Nação sacrificando pela cauza da justiça, pela nossa cauza, o seu sangue, as suas vidas; e o que he mais, á idea so das nossas salvas mas desoladas familias, não pôr termo ás effusoes da sua generosidade consoladora.

Entre os espetaculos desta natureza, que diariamente offerece esta Capital; nos prezenciamos penetrados da sua magestoza influencia, aquelle que se exhibio no dia 24 de Junho proximo passado, na grande sala do Pantheon.

Hum Grande Concerto de Muzica, em commemoração das esplendidas victorias obtidas em Portugal, Hespanha, para beneficio dos afflictos Portuguezes, foi ali executado da maneira a mais relevante. Perto de 2000 pessoas de ambos os sexos, que a beneficencia conduzira, honrão esta festividade. Depois da execução vocal e instrumental dos mais habeis muzicos, e cantores desta capital, que gratuitamente concorrerao; se recitou o Hymno Lusitano consagrado á gloria de Sua Alteza Real, o Principe Regente Nosso Senhor, e de todo o povo Portuguez, composto pelo Dr. da Cunha, seguido dos attractivos e pompa muzical que os conhecidos talentos do insigne professor Bomtempo lhe fornecerao, e da enthusiastica harmonia que a voz de Madama Catalani lhe acrescentou; tal como se produzira na brilhante festa de sua Excellencia, o Embaixador Portuguez, por occasiao dos natalicios do mesmo Augusto Senhor, no dia 13 de Maio do prezente anno.

O encanto da muzica, e magnificencia do lugar, e a presença da belleza, e da circumspecção, dando a esta scena hum ar de religioza magestade, fizerao realçar os sentimentos que ella inspirava. Reluzia nos semblantes de to-

dos os espectadores, entre os quaes se achavaõ todos os leaes Portuguezes residentes em Londres, hum jubilo exultador, que denotava o mais vivo interesse pela cauza da humanidade, e a mais firme lealdade, e afferro pelas suas patrias, e respectivos Soberanos! Rematou-se a festa com o canto de *God save the King*, a que respondeo devidamente o applauso geral e un nime enthusiasmo, com que se mencionã sempre as virtudes e o nome do amado Monarcha da Grã-Bretanha.

*Mapa dos Navios entrados nos Portos do Reino Unido,
vindos dos Portuguezes em Junho de 1811.*

Dias.	D'onde vem.	Nomes dos Navios.	Nomes dos Capitães.	Portos onde entraraõ.
1	Maranhão	Brutus	Theaker	Londres
	Pernambuco	Intrepid	Finlay	Liverpool
	Lisboa	Providencia	Harford	Dublin
	-	Belle	Collins	-
	-	George	M'Fee	Limerick
	Setuval	Frederico	Miller	-
	Lisboa	Argyle	Purbis	Westport
	Figueira	Mary	Cooper	Waterford
3	Lisboa	Thomas and Eleanor	Wright	Londres
	-	Princess Elizabeth, Paquete	-	Falmouth
	-	Maria	Duplex	Belfast
	-	Friends	Curran	Newry
	-	Bee	Dunn	Newcastle
4	-	Lively	Brown	Londres
	-	Sally	Green	-
5	-	Anna Maria	Hoffman	-
	-	George	Russell	-
	-	Tarantula	Arnold	Plymouth
	Pernambuco	Hawk	Livingstone	Clyde
6	Lisboa	Lord Wellington	Boyes	Southampton
	-	Kangarow	Mann	-
	Faro	Wellington	Hanger	Plymouth
	Maranhão	Liberty	Sugden	Liverpool
	Rio Janeiro	Janverin	Tardiff	Guernsey
7	São Miguel	London Packet	Stickney	Londres
8	Pernambuco	Caroline	Mitchell	Liverpool
9	Lisboa	Reward	Symonds	Bristol
	-	Duke of Kent, } Paquete	-	Falmouth
	Rio Janeiro	Nocton, Paquete	-	-
	Setuval	Bom fim	-	Cork
10	Lisboa	Free Briton	Kaye	Londres
	-	Bragansa	Colles	-
	Porto	Nancy	Wright	Liverpool
	Bahia	Rein Deer	Reid	-
11	Lisboa	Fanny	Mansfield	Deal
12	Maranhão	Undaunted	Huntley	Londres
13	Lisboa	Cæsar	Godolphin	Clyde
14	Figueira	Friends	Roche	Swansea
15	-	Saragosa	M'Kissock	Londres

Dias.	D'onde vem.	Nomes dos Navios.	Nomes dos Capitães.	Portos onde entraraõ.
15	Bahia	Brother ^s	Powditch	Londres
-	-	Robert Tod	Wise	Liverpool
-	-	Mercator	Clarkson	-
-	-	Roscius	Roxburgh	-
	Maranhão	Ranger	-	-
	Lisboa	Firm	Mitchell	Kirkaldy
17	Pernambuco	Princeza do Brazil	Santes	Londres
18	Setuval	Pensamento	Gabriel	Waterford
	Lisboa	Felis	-	-
		Anna and Maria	-	-
19	-	Token	-	Yarmouth
21	Bahia	Monte Alegre	Salazar	Londres
22	Ceará	Paquete do Ceará	Ramos	Plymouth
	Lisboa	Duke of Clarence	Johns	Falmouth
24	-	Commerce	Jefferson	Londres

*Mapa dos Navios sahidos do Reino Unido para os Portos
Portuguezes em Junho de 1811.*

Dias.	Para onde.	Nomes dos Navios.	Nomes dos Capitaens.	Portos d'onde sahirao.
1	Porto	William Lees	Salter	Drogheda
	Porto	Unity	Bunten	Waterford
	Lisboa	Fox	Barker	- -
	- -	True Blue	Small	- -
2	- -	Nemesis	Quick	Falmouth
	- -	Princess Charlotte, Paquete	}	- -
	- -	Hetty	Grasby	Hull
	- -	Rover	Clarke	Plymouth
5	- -	Three Friends	Wylie	Londres
	Porto	Felicity	Timothy	- -
6	- -	British Volunteer	Pashgate	- -
	- -	Mary Ann	Lamb	- -
7	- -	Thames	Hick	- -
	Rio Janeiro	Essex	Miles	- -
	- -	Eliza	Brown	- -
	Lisboa	Paragon	Mearns	- -
	- -	Grace	Smith	- -
9	- -	Maria	Gunton	- -
	- -	Activo	Soares	- -
	- -	Bust and Dragon	Magg	- -
	- -	Anna	Scotland	- -
	- -	William	Dawson	- -
10	- -	Britannia	Masson	- -
12	Porto	Pearl	Mac Millan	Dublin
13	- -	Selina	Groves	- -
	- -	Fortune	Williams	Londres
	Lisboa	Spence	Garbult	- -
	- -	Walsingham, Paquete	}	Falmouth
	Rio Janeiro	Lady Arabella, Paquete	}	- -
13	Setuval	Bomfim	- -	Dublin
	Porto	Matarossa	Congdon	Londres
15	- -	Scarboro	Bingham	- -
17	Rio Janeiro	Eolus	Thomas	- -
	Porto	Flora	- -	- -
	Lisboa	Gardner	Christian	Cork
	- -	Princess Elizabeth, Paquete	}	Falmouth
18	- -	Young Charles	Pilcher	Londres
	- -	Princess	Bawfin	Cork

Dias.	Para onde.	Nomes dos Navios.	Nomes dos Capitaens.	Portos d'onde sahirão.
18	Lisboa	Issis	Decey	- -
-	-	Mary	Crawford	Waterford
	Porto	Piscata	Conoly	Londres
-	-	Lund	Bell	Cork
-	-	Alert	Harvey	- -
	Bahia	Mercurio	Rodrigues	Cowes
	Lisboa	Miser	Smith	Waterford
-	-	Polly	Redman	- -
19	-	Unity	Cockburn	Plymouth
-	-	Hannah	Pert	- -
-	-	Industry	Masters	- -
-	-	Hope	- -	- -
	Porto	Baltezar	Silva	- -
-	-	Hope	Williams	Londres
-	-	Industry	Patrick	- -
20	-	Aid	White	- -
	Bahia	Americana	Fonseca	Londres
	Lisboa	Rachael	Pieble	Cork
	Porto	Montezuma	Green	Waterford
	Lisboa	Charlotte	Griffiths	Cork
21	-	Darlington, Paquete	- -	Falmouth
	Madeira	Henrietta	Falsing	Milford
	Porto	Two Elizas	Godfrey	Deal
22	Lisboa	Fox	Mac Intyre	Clyde
23	Porto	Thomas	Tripe	Londres
24	-	King George	Turner	- -
	Lisboa	Ann Dorothy	Cross	- -
25	-	Constantine	- -	- -
	Porto	Richard	Brown	- -
26	-	Medina	- -	- -

Preços Correntes dos productos do Brazil em 30 de Junho de 1811.

Algudão de Pernambuco	20 a 21 d.	} per lb.
Bahia	16½ 18	
Maranhão	16 16½	
Pazá	15 15½	
Minas	15½	
Capitania	12 13	
Assucar Branco	30 34 s	} per 112 lb.
Mascavado	20 23	
Caffé	45 50	
Cacao	45 55	} per lb.
Arrós	16 21	
Anil	$\frac{1}{5}$ $\frac{3}{8}$	} per lb.
Couzos de Montevideo	4 6d.	
Tobaco Rio Grande	3 5	} per lb.
Rolo	3½ 4	
Folha	2½ 3	
Cebo	52 55 s.	per 112 lb.]

N. B. Os fretes, direitos, e mais despezas, são pagos pelo vendedor.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Datas		Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdã.	Paris.
Anno e Mez.	Dias.								
Junho de 1811.	4	70	67¼	67½	45½	40	65	28-4-2	17-16
	7	69	67¼	67½	45½	40	65	28-4-2	17-16
	11	69	67¼	67½	45½	40	65	29-4-2	17-16
	14	68	67¼	67½	45½		65	28-4-2	17-16
	18	68	68	67	46	40	65	28-4-2	17-16
	21	68	68	67	46	40	65	28-4-2	17-16
	25	68	68	67	46	40	65	28-4-2	17-16

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS, LONDON.

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS, LONDON.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

AGOSTO de 1811.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA POLITICA.

Continuação dos Extractos, e Reflexoens á cerca do *Ensaio sobre a Política Militar, e Insituiçãoens do Imperio Britanico.*
Por C. W. Pasley, Capitaõ do Real Corpo d'Engenheiros.

'NESTES ultimos annos,' diz o Author, 'tem sido mui commum nos homens de Inglaterra, fallar do estado da nação, segundo as suas dispozições confidentes, ou sombrias, e pôr ilimitada segurança no espirito publico, riqueza inexhaurivel, e supposto natural vigor do paiz: ou por outra parte, pintar com termos hiperbolicos, e luctuozos o vasto poder, e superioridade de nossos adversarios, o pasmozo saber dos seos generaes, e valentia dos seos exercitos: o que, sendo por elles dado como razoens para augmentar os nossos preparativos de defeza, era mais proprio a ensinar a inutilidade dos nossos esforços.'

O author cita duas opinioens differentes sobre a origem da riqueza nacional, e desalenta os partidistas de ambas.

‘ Ha duas opinioens contrarias, quanto á origem da riqueza nacional, cada huma das quaes tem seos advogados, e ambas tem sido illustradas por eminentes escriptores. A primeira he o systema de Agricultura, ou o systema daquelles Economistas Politicos, que sustentao, que a verdadeira origem da riqueza de qualquer nação deve achar-se na qualidade, e no estado de melhoramento do seu terreno: n’huma palavra, que a Agricultura, e não o Commercio, he a verdadeira fonte das rendas. Esta doutrina, cuja plena desenvoluçãõ nos devemos ao continente, foi ultimamente exposta ao publico neste paiz de huma maneira clara, e magistral por M. Spence, n’huma obra intitulada *Britain independent of Commerce*. Aquelles dos meos leitores, que admittem a verdade das suas opinioens, e ao mesmo tempo consideraõ, o que não pode negar-se, que a França geralmente fallando he tao fertil, e cultivada, como a nossa ilha, se não mais: e que mesmo debaixo da antiga monarchia, a sua renda liquida era sempre superior á da Grã-Bretanha, nos mesmos periodos, não obstante abuzos, que depois se removerão; que a Hollanda, e Paizes Baixos estaõ talvez melhorados o mais que he possivel; que a Italia, e as Provincias Germanicas sujeitas á França não estaõ mal cultivadas; e que a Hespanha, e Portugal sao talvez as unicas porçoens deste novo imperio muito inferiores naquelle ponto de melhoramento; devem conceder que o Imperio Francez pode, no decurso do tempo, facilmente fornecer rendas ao seu Chefe, que excedaõ as nossas quasi na mesma razãõ da superioridade do numero dos seos habitantes. Os advogados pois do systema commercial, em quanto contemplaõ o presente estado dos negocios, devem tirar huma concluzãõ mais desalentadora, do que os *Agricultoristas*: por quanto na decadencia proxima do nosso commercio, e manufacturas devem prever a ruina certa das nossas finanças, que elles fazem inteiramente depender do seu florescente estado.’

O author passa depois a informar-nos porque motivos as manufacturas Inglezas devem decahir.

‘ Tal he o prospecto,’ diz elle, ‘ que nos agora temos presente; mas ainda quando podessemos contar com o improvavel acontecimento de huma paz tao vantajoza, que nos restituísse no mesmo pé os mercados que temos perdido; temos nós justo direito de esperar, que as nossas manufacturas mantenhaõ sempre a sua superioridade presente sobre as das outras naçoens? Quando nós analizarmos esta superioridade, ver-se-ha que ella consiste em nos podermos vender mercadorias da mesma qualidade mais baratas que os outros paizes; o que depende da combinaçãõ das seguintes circumstancias,—superioridade de capital,—destreza e saber dos operarios,—perfeiçãõ de maquinas,—e preço do trabalho. Ora esta ultima circumstancia he mesmo

agora contra nos; poisque o trabalho aqui he mais caro, que em muitos outros paizes. Nós de certo não podemos esperar que os nossos melhoramentos em maquinas se conservem em segredo; nem fazer hum perpetuo monopolio de mais alto saber, e destreza, huma vez que não provemos ser huma raça mais sublime, que o resto do genero humano. A nossa superioridade de capital tem pouco fundamento sobre aquillo que intrinseca, e exclusivamente está ligado á natureza, ou constituição deste paiz. Ella não pode, como Spence observa, durar muito. Quando se tem adquirido hum certo capital, elle rapidamente se accumula; e suppondo mesmo que o nosso capital augmentasse no mesmo graõ, que o dos nossos rivaes, este acontecimento reduziria o proveito dos fundos de tal maneira neste paiz; que nos escolheriamos antes empresta-los, como fizeram os Hollandezes, a qualquer outra nação, que pela barateza do trabalho, lhes podesse fornecer mais interesse.

O Capitaõ Pasley, está inteiramente decidido a crer na ruina total da riqueza Britanica, qualquer que seja a fonte donde pertendaõ deriva-la: em qualquer hypothese as suas conclusões são sempre as mesmas.

‘ Na vista pois, ’ diz elle, ‘ mais favoravel, em que se considera a sorte provavel do nosso commercio, e manufacturas, parece, que aquelle, e estas, ou devem declinar do seu florescente estado, ou mesmo se não declinarem grandemente, o commercio, e manufacturas do continente, devem pouco a pouco erguer-se acima das nossas, quasi na mesma proporção da sua superior população, e mais recursos; de maneira que a final, em qualquer ponto de vista, que consideremos o objecto de riqueza nacional, quer supponhamos com os *commercialistas*, que ella se deriva principalmente do commercio, e manufacturas; quer com os Economistas Politicos da outra seita, que a sua verdadeira origem he a Agricultura, nos devemos conceder, que a presente superioridade comparativa de nossas finanças, he de huma natureza precaria, e transitoria. Mas he evidente, que estes dois systemas oppostos de Economia Politica comprehendem todos os objectos, e considerações, em que pode achar-se a riqueza; e poisque ambos conduzem a esta interencia, se nos escolhessemos hum meio termo entre elles, e julgassemos, que nenhum delles exclusivamente, mas ambos ate certo ponto eraõ con-
ducentes; e que as nascentes da riqueza nacional deviaõ procurar-se na modificação daquelles systemas; deviamos ainda assim tirar a mesma desconsoladora conclusão. Não apparece por tanto doutrina, nem principio de raciocinar, em que se não conceda, torno a dize-lo, que as rendas do Imperio Francez pos-

saõ exceder as nossas na razao quasi da sua superioridade de população.

Trata depois dos meios de haver marinheiros.

‘ Em quanto a guerra for sustentada no seu presente pé; em quanto as mui inferiores esquadras do inimigo estaõ ou bloqueadas nos portos; ou limitadas ás operaçoens de sahirem de hum para outro; he evidente que as vantagens para formar marinheiros sãõ mui grandes da nossa parte; e que a maruja das privateiras, ou de pequenos vazos da costa no continente, que bordejaõ de hum para outro ancoradoiro, naõ pode lançar os alicerces de huma marinha capaz de contender com a marinha colossal da Grã Bretanha. Mas as nossas superiores vantagens para fazer marinheiros terminariaõ, terminando a guerra. A costa da Europa desde o Baltico ate o Adriatico se veria enameando com numerosos vazos navegados por marinheiros continentaes: que com a mesma experiencia podem suppor-se capazes de adquirir igual saber, que os nossos.

‘ Tendo estabelecido as minhas razoens para crer, que o commercio da Europa deve provavelmente adquirir huma grande, e decidida superioridade sobre o nosso; he difficil suppor, fazendo mesmo todas as concessõens em nosso favor, que nos possamos para o futuro, no cazo de alguns annos de paz, ter mais de ametade de marinheiros hæbeis a competir com os do continente.’

Nos seguintes capitulos trata o author de varias especies de dependencias coloniaes, e insulares—da Politica Marcial—da necessidade de combinar a politica com a guerra—das razoens para obrar offensivamente na presente guerra contra a França—da impolitica, e injustiça de restituir Principes Estrangeiros inconsideradamente aos seos primeiros dominios—da verdadeira definição de huma nação militar—e no ultimo capitulo o author sustenta, que se os Ingleses obrarem com maior energia, e perseverança na guerra, do que ate aqui naõ tem feito, a Grã-Bretanha tem sufficiente força militar, e huma favoravel oportunidade para destruir o Imperio Francez.

Nos terminaremos este objecto com dois extractos, que julgamos interessantes pelas circumstancias actuaes. O primeiro he relativo a Zelandia Dinamarqueza. O author sustenta que a Inglaterra devia ter conquistado aquella Ilha quando o exercito Inglez ali desembarcou em 1807, e se appossou de Copenhague, e da esquadra, e ricos armazens Dinamarquezes.

“ Em 1807,” diz o author, nos “ fizemos hum ataque sobre a Zelândia Dinamarqueza para tomarmos a Esquadra no molhe de Copenhague; e podemos effectuar este objecto immediatamente depois de evacuarmos a ilha. Qual tem sido pois a verdadeira natureza da guerra em que nós temos empenhado com a Dinamarca depois daquelle periodo? O Governo daquelle paiz tem exprimido grande animozidade contra nós, e sem duvida nos destruiria se podesse. Mas como ella não tem poder actualmente para empecernos mais seriamente, do que pela tomada accidental de alguns navios, que são para a Marinha de Inglaterra, como gotas no mar; todos os effectos da sua impotente vingança, assim como da nossa revindicta; n’humas palavras, todos os soffrimentos da guerra cahem sobre os seus proprios vassallos, particularmente sobre os pobres Zelandios.

“ O numerozo commercio de navios aparelhados por aquelle Povo tem sido varrido da face do Oceano: os seus marinheiros (exceptuando humas pequenas porções no serviço das privateiras, ou barcas canhoneiras) estão, ou gemendo em masmorras, e prizoens em Inglaterra, ou fóra de emprego no seu paiz: he de presumir, que muitos dos seus Negociantes estejam arruinados—o seu commercio, e navegação não somente se achão de todo extinctos; mas pelo prospecto actual dos negocios, devem parecer-lhes anniquilados para sempre. Demais, elles nunca podem julgar-se por hum momento seguros de hum novo ataque sobre a sua ilha, tão destructivo, como o primeiro, todas as vezes que o augmento dos equipamentos navaes do seu Governo, possa novamente excitar os nossos receios, e ciúme. A cazo he possivel conceber humas especies de guerra mais apta a conservar o terror, e o dio eterno do Povo Dinamarquez?

“ Se nos tivéssemos, pelo contrario completamente conquistado, e tomado posse da Zelândia em 1807, não vejo razão para que os habitantes daquelle Ilha não fossem neste momento vassallos tão tranquilllos, como quaesquer outros nos dominios de Sua Magestade Britanica. Deve observar-se que ainda que pareça que nós não conhecemos, ou sentimos o nosso vigor nacional, senão naquillo que chamamos o nosso elemento (e ali imaginamos ter a superioridade sobre todos) os Zelandios tinham provas delle mui convincentes para não verem que a superioridade da Grã Bretanha sobre a Zelândia he irresistivel, e acabrunhadora; e por tanto ainda que nos tivéssemos deixado somente humas pequenas guarnições entre elles, não he provavel, que se arriscassem ao temerario passo de tentar destruir aquella guarnição. Se elles tevessem olhado para o prospecto de serem felizes n’humas tal tentativa, como podião elles saber que nos não vingariamos a sorte dos nossos soldados, voltando com maior força, e exterminando-os? Elles sabem mui bem que nos o poderíamos fazer se quizessemos.

“ Tudo isto se tem dito na suppozição de os Zelandios ficarem sentindo a impressao de hum odio implacavel contra nos huma vez, que tomassemos posse da sua Ilha—Mas porque razao devia isto acontecer ?

“ Nao seria para elles huma infamia, e huma affronta ao seu valor, ou patriotismo o ceder á nossa força irresistivel. Aquella força manejada com moderação, e justiça, teria attrahido a obediencia, e o respeito; e estes sentimentos gradualmente se converterião em affeição; porquanto teria sido, e he o verdadeiro interesse de todo o homem naquella Ilha submeter-se antes ao dominio de Inglaterra, e participar da sua prosperidade commercial, do que sujeitar-se aos Francezes debaixo de huma independencia nominal—situação ruinoza em extremo, e não menos *degradante* que a primeira.

“ Hum grande numero de homens mui dignos neste Pays tem deplorado, que nós nos involvessemos em hostilidades com Dinamarca; e este pezar teve origem de sentimentos que lhes fazem a maior honra. Sem entrar na superflua discussao, se eu concordo plenamente ou não com elles, nestes louvaveis sentimentos, eu devo observar que, por qualquer cauza que huma nação se envolva em contenda com outra ella nunca deve fazer *meia guerra*. Nenhum homem, inda sendo o primeiro a provocar, sera applaudido por se deixar assassinar, quando se trata de vir ás maons, em vez de fazer todo o seu possivel para desarmar o seu desesperado adversario.

“ Depois que a espada se desembainhou huma vez contra a Dinamarca, he evidente, que nos não fizemos a nossa cauza mais ou menos justa por evacuar a Zelandia, em vez de a guardar; pois que guardamos a pequena Heligoland, e todas as pequenas ilhas Dinamarquezas das Indias Occidentaes. A conquista da Zelandia com a qual commandariamos completamente a navegação do Norte, e privariamos o inimigo de huma das suas mais importantes praças de armas para a futura invazao da Inglaterra, teria sido altamente vantajoz não somente para nos, mas taobem para os seus naturaes, a quem poderiamos plenamente proteger contra Bonaparte; entre tanto que elle (seu presente amo) não os poderia proteger hum só momento contra nós, se obrassemos com o devido, e dignificado sentimento das nossas proprias forças. Conquistando os Zelandios, nós teriamos sido os seus maiores amigos deixando-os nominalmente independentes; e nos somos os seus mais exacerbados inimigos. Quem pode dizer que neste momento elles não attribuem o não ser conquistados por nós ás nossas baixas, e interesseiras vistas, como commerciantes, porque fazendo-o assim, nós teriamos sido obrigados a proteger seu commercio, sua riqueza, e prosperidade, as quaes pelos principios da Lei das Naçoens, de que os

tentamos ser tao zelozos advogados, temos agora o privilegio de destruir para sempre*.”

O nosso segundo extracto exhibe as ideas do author ácerca dos Hespanhoes relativamente ás suas dispoziçoens para com a Inglaterra.

* “ Nas observaçoens *supra* a cerca da Zelandia Dinamarqueza, eu tenho raciocinado sobre principios geraes, que devem applicar-se aos Povos de todos os Paizes em circumstancias identicas. Permitta-se-me agora dizer poucas palavras como testemunha ocular, tendo servido na expedição debaixo do Lord Cathcart em 1807. Como era huma coiza nova para hum exercito Britanico o empregar-se em huma guerra de aggressão directa, tive a curiosidade de observar o effeito que este systema faria sobre o espirito do Povo.

“ No dia em que as tropas desembarcáraõ eu hia na guarda avançada, e entrei em conversação com hum paizano de respeitavel prezença, que veio á sua porta, a fim de nos ver marchar para a capital. Elle se mostrou de todo indifferente a respeito da guerra; e gozou da vista dos soldados, como de hum bello espectáculo. Deleitou-se particularmente com o lindo uniforme dos Hussares da Legião Germanica, e rompeo nesta exclamação.—Como he bello !!

“ Depois da entrega da Esquadra, quando ja tinhamos communicação aberta com Copenhague, nada encontramos senão civilidade nos habitantes daquella cidade, que enriquecemos com o nosso uniforme. De companhia com dois ou tres Officiaes Engenheiros, eu viajei huma grande parte da ilha. Por toda a parte encontramos polidez, e mesmo hospitalidade. Aquelles que pareciaõ sentir mais profundamente os males do nosso ataque, lamentavaõ que o seu Governo tivesse tomado tanto trabalho para equipar huma esquadra, que somente servio de attrahir sobre elles o ciume da França, ou da Inglaterra.

“ A disciplina do nosso exercito excitou, em muitos cazos, a gratidão dos habitantes, que acháraõ as suas cazas, e propriedade menos prejudicadas do que esperavaõ. A acção de Kioge lançou grande terror nos paizanos, e creio que, em geral, o corpo unicamente hostil, que encontramos, foi a população de Copenhague, e de Elsenaur. Mas se nós tivéssemos ficado com a Ilha teria sido do interesse das melhores classes o dissipar aquelle espirito; e o bom tratamento juntamente com os empregos, que elles teriaõ achado debaixo do nosso dominio, ou pela nossa influencia, bem depressa conciliaria o total dos habitantes da Zelandia.

“ Tal he, segundo a minha observação, e crença, o estado dos sentimentos publicos, que existiaõ, e que teriaõ existido na Zelandia Dinamarqueza, se a não tivéssemos evacuado. Elles eraõ certamente muito mais favoraveis para nos, do que eu podia prever: mas elles me explicavaõ ao mesmo tempo a facilidade que os Francezes tem achado em conquistar muitos paizes, que nos temos supposto serem-lhes adversos.

“ Muitos homens em Inglaterra julgando da dispozição geral dos Zelandios pelas furiozas invectivas do Governo Dinamarquez contra nos; e ao mesmo tempo, exaltando as suas ideas pelo supposto resentimento, que lhes cauzaria hum ataque semelhante, a hum ponto vebementissimo, sem entrarem plenamente em todas as circumstancias, se tem traçado huma idea terrivel do odio implacavel, que os Zelandios deviaõ sentir contra nos. Este espantoso odio he, em grande parte, hum phantasma creado pelas suas imaginaçoens. Tal odio certamente não existia depois do bombardeamente de Copenhague: se elle existe agora deve somente attribuir-se á guerra naval, que fazemos contra a prosperidade daquella Ilha.”

“ Sendo empregado’, diz o Capitão Pasley, o Major General Leith em hum commissoã no Norte de Hespanha, ordenou que alguns officiaes do seu commando fossem reconhecer, e observar diversas partes daquelle Paiz. Tocou-me huma porção das Asturias. Deve conceder-se que nada he mais apto para assombrar o Povo de hum paiz doque ver officiaes estrangeiros empregados em taes commissoens: com tudo longe de mostrarem signaes de ciume, ou de indignação pois quanto a suspeitas isso he fora de questao, porque eu sempre lhe disse quem era, e a que vinha), elles profiavao entre si sobre quem me daria as melhores informaçoens, e me trataria com maior civilidade. Os outros officiaes encontrão a mesma favoravel recepção. Se existisse algum ciume contra Inglezes naquelle tempo, he impossivel que elle escapasse ás nossas observaçoens. Pelo contrario o povo nada mais respirava doque gratidaõ pelo Governo Britanico; e, o que me surpredeo, nos mais agrestes lugares das montanhas, elles exprimiaõ grande satisfação, na consideração de que as nossas manufacturas circulariao livremente em Hespanha.

“ Quando eu fui depois enviado pelo mesmo General de St. Ander para Reinoza a fim de me unir ao Exercito de Blake, depois das suas derrotas em Biscaia, cuja extensao naquelle tempo nao conheciamos plenamente, encontrei hum grande numero de fugitivos todos das novas levas, pelas estradas, ignorando a situacão do corpo principal do Exercito, deque os informei, e pertendi, mas debalde, persuadir os officiaes, a que reunissem a sua gente, e marchassem para Reinoza. Elles da sua parte me aconselhão, que retrocedesse, asseverando, que a communicacão devia estar cortada pelas tropas Francezas, e que mesmo circulavaõ rumores que aquelle lugar estava actualmente em posse do inimigo. Procedendo neste estado de incerteza sem dar pleno credito a estas relaçoens, e convencido deque em todo o cazo eu poderia descobrir a verdade, e escapar do perigo antes que fosse mui tarde, achei hum destacamento de mais de vinte homens de tropas veteranas, nimiamente fatigados em huma caza na estrada Real, os quaes se offereceroã para se porem debaixo do meu commando, e partirem dali para o exercito, onde quer que elle estivesse, se eu me quizesse demorar ate pela manhã. Como nao accitasse esta propozicão, nao gostando da demora; elles assentaraõ que eu nao devia partir sem huma guarda; e quatro dos menos fatigados voluntariamente me acompanhão. Peloque eu vi do espirito destes homens eu podia pôr nelles a mesma confiança, que elles pareciao ter em mim.

“ Taes anedoctas, bem que pequenas em si mesmas, sao a meu ver as mais fortes provas da boa despozicão dos Hes-

panhoes: poisque nestas situaçoens he de prezumir, que nenhumas ordens de superiores forçassem os paizanos das montanhas a affectar comnosco huma civilidade, ou benevolencia, que não sentissem. Quando hum exercito he disperso, a subordinação se perde a tal ponto, que nada poderia, senão hum verdadeiro sentimento de amizade obrigar os soldados Hespanhoes a seguir, ou mesmo a respeitar os officiaes Inglezes, do modo que fizeraõ, e deque acima dei o exemplo. Não só as tropas veteranas, os extraviados de toda a especie no auge da sua calamidade, mesmo os mais indisciplinados, nos respeitavaõ tanto, ou mais, que os seos proprios officiaes, da conducta de alguns dos quaes elles amargamente se queixavaõ. Na verdade eu estava taõ certo que elles me obedeceriaõ, que se hum destacamento de cavallaria Franceza se apresentasse, era a minha intenção voltar para traz, e pôr-me á frente de huma partida de Hespanhoes de qualquer ordem que fosse; sendo a natureza do paiz muito a nosso favor. Senti depois ver que os extraviados do exercito Britanico não se comportavaõ com o respeito proprio para com os officiaes Hespanhoes.

“ Em quanto o Quartel General Inglez se achava em Selamanca Lord Proby estava em Tordesilhas fazendo reconhecimentos, quando huma partida de cavallaria Franceza veio áquella povoação. Ella se demorou por algum tempo. Todos sabião que havia dois dias, que Lord Proby ali estava; e com tudo ninguem o denunciou. E quando a cavallaria Franceza abandonou aquelle lugar, e S. Ex^{ca}. appareceu na rua, todos testemunharaõ o seu prazer, declarando, que ainda que não tinhaõ armas, pereceriaõ antes doque consentir, que elle fosse tomado.

“ Hum semelhante incidente me acontceo pelo mesmo tempo indo do Exercito do General Blake para Astorga, em cujo caminho, por hum dia inteiro, eu geralmente passei a poucas milhas dos postos inimigos—experiencia a que certamente me não arriscára, se duvidasse da boa fé dos Hespanhoes. No dia seguinte ao noitecer cheguei a huma villa no Reino de Leão, onde me julguei em segurança; mas duas horas depois entrou cavallaria Franceza. Hum sacerdote, que tinha estado em companhia comigo foi tomado, (como sube depois,) por huma patrulha de Dragoens inimigos á porta de huma caza, dois minutos depois que dali sahi. Nada pode exceder a anxiedade, que a gente da villa mostrou a meu respeito. Foi com grande difficuldade, que eu pude fazer que os guias, que me acompanháraõ naquella noite, aceitassem alguma recompensa, ainda que eraõ de mais baixa classe do povo. Hum homem que particularmente me valeo, com grande incommodo seu, absolutamente a recusou. Em taes circumstancias elles pareciaõ

julgar, que servir hum official Inglez era hum ponto de honra, ou dever. Taes incidentes mostraõ bem o caracter dos Hespanhoes, e provaõ a affeicão, que elles tinhaõ naquelle tempo aos Inglezes.

“ Quando o exercito de Sir John Moore se avançou depois a fim de atacar Sault, eu estava apozentado na mesma caza, onde ja tinha estado aquartellado, e donde sahi como acima disse: e tive a mortificação de ver hum official Inglez, que não entendia huma palavra de Hespanhol tratar da maneira a mais ultrajante o mesmo homem, que me salvára de ser feito prisioneiro.

“ Quando indaguei a cauza da disputa achei que o official estava, sem razão, persuadido, que os Hespanhoes tinhaõ por nos tanta aversão, que nos encobriaõ a maior parte das suas mercadorias, e nada queriaõ vender para o exercito Britanico, mesmo com dinheiro á vista. Debaxo desta idea elle descompoz o pobre Hespanhol, que era hum mercador, e parecia disposto a fazer a loja em pedaços, porque o homem lhe não vendia o que não tinha. Se este official reflectisse por hum momento, teria conhecido a absurdo de suppor que hum commerciante não lançasse mão da offerta, que lhe convertia em oiro as suas peressiveis mercadorias, n’hum tempo que o seu paiz, sendo o theatro da guerra, elle sabia que tarde ou cedo, sua caza com todo o seu conteudo, seria saqueada, ou queimada.

“ Sobre estes principios era fundada a opiniaõ que os soldados, e huma parte dos officiaes do exercito Inglez tinha do caracter ciozo, e desafecto dos Hespanhoes.”

CONTINUAÇÃO DAS REFLEÇÕES SOBRE O CAPITÃO PASLEY.

O author cita duas opinioens a respeito da riqueza nacional; huma que faz provir aquella [riqueza da Agricultura; outra que a faz nascer do Commercio; e n’huma, e n’outra hypothese o Capitão Pasley desalenta os seos respectivos sectarios.

Quanto á Agricultura elle suppoem que a França geralmente fallando he tão fertil, e cultivada, como a Inglaterra, se não he mais.

O terreno da França he em geral tão fertil, e n’algumas partes ainda mais que o da Inglaterra; mas em nenhuma época esteve ali a Agricultura

taõ florescente como tem sempre estado na Grã-Bretanha; e mui principalmente ha meio seculo a esta parte. Leia o Capitaõ Pasley os Escriptores Francezes, que trataõ desta materia; e nelles mesmos achará, apezar do capricho nacional, confessada esta verdade. Mas esta differença he incomparavelmente maior se acazo se compara a França actual, com a Inglaterra. Entretanto que a Agricultura gradualmente prospéra nesta Ilha affortunada, ella vai retrogradando na escrava, na desditoza França, como ja dissemos; e desafiamos o Capitaõ Pasley, para que nos prove o contrario. Desengane-se o author, e seos apaixonados, que debaixo de hum Governo absolutamente arbitrario, despotico, e tyrannico nada prospera, nada pode prosperar senãõ o crime. De facto he só em crimes que a França abunda; e saõ estes que a devem conduzir ao abysmo. Foi huma revolução a mais infame, e detestavel, que produzio o dolorozo estado a que a Europa está hoje reduzida: he huma revolução que o deve mudar; e esta nos o repetimos, não está longe. Embora converta o Tyranno metade dos seos escravos em espias da outra ametade; embora viva cercado de baionetas; levante embora oito bastilhas em vez de huma, que havia no antigo regimen! Elle nao conservará o seu imperio.

Nos não duvidamos, que debaixo da antiga Monarquia a renda liquida da França fosse sempre superior á da Grã-Bretanha. Mas que semelhança acha o author entre a França governada pelos Burboens, e a França tyranizada por Buonaparte? A antiga França tinha ricas, e extensas colonias; a França de hoje não tem huma só: a antiga França, tinha hum estenso commercio; a França actual, nenhum: a antiga França tinha huma florescente agricultura, e huma consideravel exportação dos seos productos: a França de hoje principia a não ter ja braços para empregar na cultura dos campos; e os productos destes, ha muito que não de tem extracção. Logo como poderaõ prosperar as rendas da França sem reconquistar as suas colonias; sem restabelecer o seu commercio, e animar a sua agricultura? E como obter taes fins, sem adoptar principios liberaes, principios justos, e hum systema

regenerador, e vivificante? Mas taes principios, e tal systema são acazo compatíveis com a ambição desmedida; com a ignorancia, louca politica, e coração perverso de Bonaparte?

O author continua a suppor seguro, e firme o imperio do crime, e da tyrannia: elle suppoem gratuitamente que a Italia, as provincias Alemaens sujeitas á França, os Paizes-baixos, e a Hollanda estão contentes, e que Bonaparte pode contar seguramente com os habitantes destes paizes conquistados: não contente com esta hypothese absurda, elle suppoem ainda, que Portugal, e Hespanha são partes integrantes do Imperio Francez. Mas tendo nós ja mostrado no primeiro numero deste Jornal a falsidade de taes supposições; ficaõ sendo igualmente falsas as consequencias que o author dali deduz.

Suppoem mais, que ainda no cazo de huma paz tão vantajoza que a Grã-Bretanha tornasse a obter no continente os mesmos mercados, que d'antes tinha; ella não pode esperar nem lizonjear-se de manter sempre a sua superioridade de manufacturas a respeito das outras nações.

Esta superioridade, como diz com muita razão o Capitaõ Pasley, consiste em os Inglezes poderem vender mercadorias da mesma qualidade mais baratas que os outros paizes; o que depende da combinação das seguintes circumstancias.—1. Superioridade de capital,—2. destreza, e saber dos operarios,—3. perfeição de maquinas,—4. preço do trabalho, ou salarios. O author devia accrescentar huma 5. circumstancia, que he a facilidade de obter *as materias primeiras*.

Quanto á superioridade de capital, este será necessariamente maior naquelle paiz, cujo commercio for mais estenso, e mais florescente a sua Agricultura. A Inglaterra acha-se nesta feliz situação: consequentemente o seu capital será muito maior que o do Imperio Francez. Demais, he bem sabido que todos os grandes capitalistas da Europa, sem exceptuar muitos da propria França, tem depositado fundos enormes no Banco de Inglaterra: os seus interesses são pontualissimamente pagos; e em quanto durar o Governo tyranico, e usurpador da França, nenhum

capitalista terá a louca tentação de retirar os seus fundos da Inglaterra, unico paiz do mundo em que há segurança pessoal, e de propriedade.

Outra prova da superioridade do capital de Inglaterra sobre os da França he a careza dos operarios, e de todos os generos da primeira, e segunda necessidade, que se consomem no paiz, apezar da sua abundancia. O contrario de tudo isto he o que se observa em França, e nos desventurados povos, que lhe estão sujeitos.

Outra prova da superioridade de capital he a facilidade com que o Governo tem, e realiza todos os emprestimos, que precisa, por extraordinarios que sejaõ, e com modicos interesses; e a promptidaõ com que paga juros, e capital. Sem irmos mais longe basta ver, que o Governo pediu emprestados para as despesas de 1811—12, 381,000 Lib., ou pouco mais ou menos cento, e onze milhoens, e meio de cruzados!!! Houve promptamente quem os apromptasse: e não he raro haver huma grande concurrencia de capitalistas, que á profia querem apromptar todas as sommas que o Governo precisa: o que não só prova a reciproca, e plena confiança que ha entre o Governo, e a nação; mas taobem que ha hum grande capital, e grande renda publica. Peça Bonaparte hum emprestimo semelhante ao que o Governo Inglez acaba de contrahir, para ver se o realiza n'hum seculo! Mas elle segue hum expediente mais prompto, que he, debaixo de falsos pretextos, prender, confiscar, e reduzir á desesperaçãõ, e miseria innumeraveis familias ricas, cujo crime era o serem ricas, e o monstro precisar de dinheiro. Sirvaõ de exemplo M. M. Hengerloo, Seguin, e le Mercier, que elle reduzio á mendicidade! Sirva de segundo exemplo a conducta infame do Corso para com M. M. Ouvrard, Desprez, e Vonlerberg que tendo adiantado ao Governo tres annos de contribuiçoens de alguns departamentos, não só perderãõ esta somma enorme, mas todos os seus bens foraõ confiscados, e elles ficãrãõ perdidos, e suas familias! Sirva de exemplo o que elle practicou com Mr. de Vinck banqueiro Hollandez, que perdeu tudo quanto possuia, por pedir, que se lhe pagassem vinte mil libras, que o Governo lhe devia!!! Sirva

de exemplo a conducta perversa do tyranno para com o desgraçado, e mui rico Jamain natural de Nantes! Sirva de exemplo o que o despota fez ao Duque de Looitz! Mas como enumerar todos os actos de despotismo, extorsoens, e violencias deste usurpador mais tyranno, e mais cruel do que os Neros, e os Caligulas!

O Capitaõ Pasley admite a superioridade de capital na Inglaterra; mas avança que ella não pode durar muito. E porque? He o que elle não prova.

‘ Quando se tem adquirido hum certo capital,’ continua o author, ‘ elle rapidamente se acumula, e suppondo mesmo que o nosso capital augmentasse no mesmo gráo, que o dos nossos rivaes, este acontecimento reduziria o proveito dos fundos de tal maneira neste paiz; que nos escolheriamos antes empresta-los, como fizeram os Hollandezes, a qualquer outra nação, que pela barateza do trabalho, lhes podesse fornecer mais interesse.’

O capital Inglez não só hade augmentar no mesmo gráo, que o dos rivaes da Inglaterra; hade sempre excede-lo, pela sabedoria do seu Governo, pelo florantissimo estado da sua Agricultura, e pela extensão do seu commercio, unicas fontes da prosperidade, e riqueza das naçoens.

Se pela sua abundancia diminuir o seu valor, de tal sorte, que os Inglezes, á semelhança do que os Holandezes fizeram, o imprestem aos estrangeiros; huma tal medida nada mais fará do que augmentar o seu valor em Inglaterra diminuindo a sua quantidade, ou aquella abundancia. Hum semelhante transporte nada mais fará do que augmentar o credito nacional da Grã-Bretanha, e abrir-lhe novos caminhos de negociar, e grangear-lhe novas relações commerciaes. Huma tal abundancia de capital fará com que os Inglezes possam vender as suas manufacturas com muito maior prazo: consequentemente os productos da sua industria terã sempre, *ceteris paribus*, a preferencia em todos os mercados.

Quanto á destreza, e saber dos operarios como relativamente á perfeição de maquinas, o Capitaõ Pasley não nega essa vantagem á Inglaterra, mas duvida que os Inglezes possam conservar sempre em segredo as suas maquinas, para continuarem a ter a

superioridade que hoje tem sobre as manufacturas do continente.

Mas nós estamos persuadidos que o author se engana taobem neste ponto. Primeiramente: os melhoramentos em maquinas nem se transmittem, nem são adoptados fora do paiz, nem mesmo fora do contorno, que os produzio, com a facilidade, e promptidão que o author suppoem. O inventor querendo tirar do seu invento todos os interesses possiveis, procura todos os meios imaginaveis de obstar a que se conheça o mecanismo e delicadeza das suas maquinas, que difficultozamente podem ser bem entendidas, e avaliadas pelos operarios, que ordinariamente não tem mais do que rotina. Em segundo lugar as noticias das invençoens não circulaõ com tanta rapidez, como geralmente se crê; e quando ha noticia dellas, entãõ mesmo ha prejuizos a vencer; ha muita difficuldade em conhecer, e entender exactamente o mecanismo só pela simples descripção, e theoria: ha por isso muita difficuldade em fazer as maquinas, &c. A experiencia de seculos prova o que acabamos de dizer.

Sopponhamos porem que os Inglezes não podem fazer hum monopolio dos seos inventos, e que os estrangeiros os chegaõ a conhecer; por ventura a perfeição das maquinas em Inglaterra pode-se considerar estacionaria? Não: porque numerozos exemplos, como o Capitaõ Pasley sabe provaõ o contrario, e que ella diariamente avança. Consequentemente quando os estrangeiros conhecerem os melhoramentos do anno antecedente, ja os Inglezes terãõ feito novos progressos, e talvez novos inventos, como o provaõ as multiplicadas patentes (privilegios) que o Governo frequentemente dá depois de escrupulozo exame. Os estrangeiros poderaõ talvez ir sobre as pizzas dos Inglezes; mas estes levarãõ sempre a dianteira: he mais difficil inventar, do que aperfeiçoar. N'huma palavra, os Inglezes são actualmente superiores aos estrangeiros na perfeição das suas maquinas, porque sempre o tem sido: e por isso mesmo que o são agora, he de esperar que o continuem a ser para o futuro, com tanto que a sua precioza constituição se cõserve.

Naõ he preciso suppor que os Inglezes saõ de huma raça superior ao resto do genero humano, como diz o Capitaõ Pasley; naõ o saõ; bem que senaõ possa negar que elles tem huma predispozição innata para certos ramos, assim como outras naçoens para outros. Os Inglezes, por exemplo saõ naturalmente mais aptos para as Sciencias Exactas, e profundas, doque os Francezes, elles possuem hum espirito mais observador, que estes naõ tem: consequentemente elles faraõ, *cæteris paribus*, mais progressos nestas sciencias, e em todas as que tiverem com ellas huma connexaõ mais immediata do que os Francezes. He por esta dispozição innata que os Inglezes, alem de muitas outras causas, que os lemites deste Jornal nos naõ permitem explanar, teraõ sempre huma deciziva vantagem sobre os Francezes em todos os diversos ramos de mecanica.

Quanto ao preço do trabalho ou salario o author suppoem que he contra os Inglezes, por isso que he mais caro do que nos outros paizes: mas o Capitaõ Pasley considera o salario izolado da perfeição das maquinas; perfeição que elle admite; e huma tal consideração izolada he hum erro indigno do author tratando de taes objectos. Suponhamos que hum operario ganha em huma fabrica de Inglaterra cinco, ou seis shellings por dia, e que hum operario da mesma manufactura ganha em França somente dois. Se o operario Inglez pelo seu saber e destreza, e pela perfeição das maquinas faz tanta obra n'hum dia, como o operario Francez em cinco, ou seis; he evidente, que o salario em Inglaterra vem rigorosamente a ser muito mais barato do que em França. O fabricante para saber o preço porque pode dar com lucro as suas manufacturas somma o custo das materias primeiras, salarios, despeza na factura, e manutenção de maquinas, &c. &c. e naõ olha só paraos jornaes dos operarios. Por outra: o fabricante naõ considera só o preço do trabalho diario de hum homem; mas taobem e muito principalmente a quantidade de manufactura feita por aquelle trabalho diario, e a proporção em que está a quantidade, e qualidade da manufactura, com a somma total despendida no jornal, maquinas. &c. &c.

A' superioridade de capital—destreza, e saber dos operarios—perfeição de maquinas—preço do trabalho ou salarios—era preciso que o author accrescentasse —a facilidade de obter as materias primeiras, como ja dissemos ; circumstancia muito essencial, e de que o Capitão Pasley não devia esquecer-se, tratando de hum tal objecto. Ora a este respeito a Inglaterra tem huma superioridade taõ decidida sobre a França, e sobre todo o continente escravo, que não devemos demorar-nos neste ponto hum só momento.

Quanto aos meios de haver marinheiros o mesmo author confessa que em quanto a guerra for sustentada no seu prezente pé ; em quanto, as desprezíveis esquadras de Bonaparte, estiverem bloqueadas nos seus portos, ou limitadas a meras operaçoens de sahirem de hum para outro porto ; he evidente que os meios de formar marinheiros são realmente taõ grandes da parte da Inglaterra, quanto são nullos do lado da França ; e que a maruja das *Privateiras*, ou dos pequenos vazos da costa no continente que apenas bordejaõ de hum para outro ancoradoiro, não podê lançar os alicerces de huma marinha capaz de contender com a marinha colossal da Grã-Bretanha. Mas, segundo o Capitão Pasley, todas as superiores vantagens, qua actualmente possui a Inglaterra terminaraõ, terminando a guerra.

Se taes vantagens pois haõ de terminar, terminando a guerra, a Grã-Bretanha, ou seus Ministros não faraõ a paz com Bonaparte, em quanto elle durar, ou o seu Imperio, seus principios, e seus projectos de dominio, e escravidão universal ; eis ahi o remedio : e nós estamos profundamente convencidos de que tal he, ou pelo menos, que tal deve ser o systema do Governo Inglez. O fado da Inglaterra, diz hum moderno escritor, está em suas maõs : se a paz lhe hade trazer a ruina da sua marinha, ella deve continuar a guerra : a guerra mantem sua superioridade naval ; e a sua superioridade naval mantem a guerra. As mesmas vistas são applicaveis ao seu commercio—Sua marinha vigorosa mantem seu commercio ; e o seu commercio mantem sua marinha vigorosa.

Tudo o que o author diz relativamente a colo-

nias, e sobre a Politica Militar,—necessidade de combinar a politica com a guerra—razoens para obrar offensivamente na guerra actual contra a França, nos parece muito, e muito judiciozo.

Na verdade, a Inglaterra pode na epoca presente, de auxiliar, que tem sido, tornar-se aggressora, e fazer huma guerra offensiva contra a França: nada, permitta-se a expressaõ, de fazer meia guerra; huma guerra tal nada decide. O dinheiro que se hade gastar, e o sangue que se hade derramar em dois ou tres annos, gasta-se, derrame-se, n'hum só, e decida-se esta lucta horrivel. A Inglaterra pode enviar á Peninsula oitenta, ou cem mil homens: aproveite a occasiaõ presente; e a Grã-Bretanha com os valentes, e fieis Portuguezes e Hespanhoes terá a verdadeira gloria de expulsar da Peninsula os destroçados restos dos Vandalos, e de levar o terror, e espanto ate ao coração da França, e liberta-la.

Estamos porem mui longe de julgarmos, que a Nação Inglesa se deve deixar possuir do espirito de conquistas como quer o Capitaõ Pasley: tal espirito he o que tem feito a desgraça da França; e esse mesmo faria a ruina da Inglaterra. Por outra parte; se os habitantes da Peninsula tivessem a mais leve suspeita de que os Ingleses hiaõ com vistas de conquistar, elles se tornariaõ de repente os seos mais temiveis inimigos. O mesmo dizemos, e com mais razãõ ainda, dos Francezes. Elles detestaõ o Monstro, que faz a sua desventura: unir-se-hiaõ em espirito, e vontade aos exercitos Ingleses, ou quaesquer outros, que os fossem libertar da vergonhoza escravidãõ em que gemem: mas se elles suspeitassem, que se hiaõ repetir, e por em pratica os fataes delirios de Pilnitz; elles passariaõ dos sentimentos de amizade, e gratidãõ, aos de inimizade, rancor, e aversãõ; e Bonaparte ficaria mais firme doque nunca, sobre o ensanguentado trono, que usurpára.

Toda a Europa, sem exceptuar a Nação Inglesa, reprovou altamente a expedição de Inglaterra contra Copenhague, por que nesse tempo só a Inglaterra sabia do infame tratado de Tilsit: mas hoje que he mui

sabido, todo o mundo sensato olha a conducta do Governo Inglez nessa occaziaõ como a mais previdente, e judicioza ; e nos concordamos absolutamente com o Capitaõ Pasley em que a Politica, e mesmo o bem dos habitantes da Zelândia, exigiaõ que a Inglaterra se a poderasse daquella Ilha, e a conservasse ate que o Governo Dinamarquez, conhecendo melhor os seos interesses, e o bem de seos Vassallos, abandonasse a sua alliança com a França, e seguisse os planos da Inglaterra.

Finalmente nos concordamos com o Capitaõ Pasley em tudo o que elle diz do character, hospitalidade, e affeição do Povo Hespanhol para com os Inglezes : e com muita satisfação podemos accrescentar, que os representantes deste mesmo Povo, o seu Governo Executivo, e Generaes, conhecem hoje a necessidade de pôr de parte caprichos mal entendidos, e ligar-se intimamente aos Inglezes, aos seos exercitos, e aos seos Generaes.

CARTAS SOBRE A FRANÇA, E INGLATERRA

EXTRAHIDAS DO JORNAL INTITULADO,

THE AMERICAN REVIEW.

As seguintes cartas, dirigidas a hum amigo literato, são destinadas a dar huma narrativa, não só das aventuras, mas das reflexoens do author, durante a sua ultima rezidencia por alguns annos em França, e Inglaterra. Ellas conteraõ taobem detalhes authenticos concernentes á condiçaõ actual destes paizes. O Escripitor não pertende limitar-se a qualquer plano methodico de relaçaõ, ou de discussaõ; e passa alternadamente das Instituicoens de hum paiz ás do outro conforme as suas ideas associadas se lhe apresentaõ. As primeiras tres se referem exclusivamente a França.

CARTA I.

Meu caro H.

Naõ ha impressoens mais vivas, sensaçoens mais rapidas, e agradaveis que as de hum Mancebo Americano, que deixando o seu paiz pela primeira vez chega ao Rio Garona n'hum bello dia de Junho, depois de huma viagem de dois mezes, acompanhada de hum continuo negrume de vapores, de nuvens, e tempestades. Tal foi exactamente o que me aconteceu; e nunca a minha imaginaçaõ foi taõ vivamente affectada, como pela scena que se apresentou a meos olhos, e semelhante á qual nada encontra a vista do viajante neste paiz. Vinhas espalhadas sobre elevados oiteiros—castellos de pedra branca edificados n'huma ordem magnifica, e rodeados de huma estensa cultura,

que nos he quasi desconhecida—huma multidaõ de quintas, e de aldeas deliciozamente situadas a beira d'agoa ou ao longo das faldas dos oiteiros—huma populaçaõ numerosa de paisanos de huma apparencia igualmente nova, e ataviados de huma maneira singularmente grutesca; tudo isto se apresenta á vista n'huma successaõ continua pelo espaço de vinte huma legoas—distancia da entrada do Rio á cidade de Bordeaux. Esta perspectiva, taõ sensivelmente contrastada pelo aspecto carrancudo, e monotonico do Oceano, me pareceo entaõ sufficiente para indemnizar-me das fadigas experimentadas no mar, e me deo o deliciozo presentimento da satisfaçaõ, que eu devia tirar dos beneficios que a mãõ da Natureza taõ prodigamente espalhou nestas bellas regioens. Percebi entaõ pela primeira vez a força da exclamaçaõ 'la belle France!'—que tantas vezes ouvira da boca de seos filhos, e comecei a formar alguma idea daquelle encanto que opera nelles com a força fascinante da magica, depois de algum intervallo de auzencia, e de alguma distancia de espaço do seu nativo terreno.

Nos frequentemente navegavamos á distancia de cem passos da terra a ponto de podermos conversar com os proprietarios das quintas, que nós occasionalmente viamos sentados á sombra das suas arvores, algumas das quaes pendiaõ sobre as margens do rio. A multidaõ de pequenas ilhas, que encontravamos, sobre tudo perto da confluyente do Dordonha com o Garona, e que estavaõ cobertas de huma vegetaçãõ a mais viçozã, realçavaõ o encanto da scena. Nada falta ao Garona, senaõ huma torrente cristalina para rematar a ajuntamento de objectos os mais rizonhos, variegados, e pitorescos, que jamais talvez se encontrem, em qualquer outro rio do mundo. As agoas eraõ turvas no tempo emque passavamos, e eu me informei que isto acontecia, na maior parte do anno. Eu tenho depois contemplado, mas sem emoçoens de prazer taõ energicas, as margens do Hudson neste pais, e as do Wye na Inglaterra, ambas justamente celebradas pela magnificencia, e belleza das vistas, que offerecem. O caracter do Scenário he, na verdade, totalmente distincto nestes rios, e, talvez, a

preferencia que eu dou ao primeiro nasce da influencia de huma associaçã particular de ideas, e de circumstancias. Quem experimentou jamais os sofrimentos de huma longa doença, sem se achar, na sua convalescença, disposto a repetir com Aken-side,

Quando ruraes cançoens, quando perfumes
 Despertaõ a manhã, que grato aspecto
 Offrece a Natureza! como encanta
 O mortal, cujo leito as tristes sombras
 De longeva doença rodeáraõ!
 Sobre tudo a primeira vez que sorve
 Com renovado alento a doce briza,
 E sente almo calor no seio erguer-lhe
 O sol, das vitaes fontes expulsando
 Oppressiva humidade, e a dor torpente!

Se me fosse permittido digressar taõ cedo do meu objecto principal, seria para fallar da *navegaçã* de outro rio—o Wye, deque ja fallei. Os Inglezes tem, dentro da sua ilha, muitas das mais bellas decoraçoens da Natureza afformoseadas pelos trabalhos mais perfeitos da Arte e por todo o luxo do gosto. Se eu fosse obrigado a escolher huma porçãõ qualquer das suas scenas campestres para dellas me entreter agora, e que ja me entertiverãõ com tanto deleite, seriaõ as do rio Wye desde Ross ate Chepstow. Para hum passeador pitoresco he huma especie de acepipe, hum excellentè bocado, que nunca enfastia. O Wye he o nosso Wodson em miniatura, mas com feiçoens mais doces, e supplementos goticos, que lhe daõ huma influencia addicional, e poderosa sobre a imaginaçãõ propria dos tempos de feitiçarias, e fabulas. As proporçoens da Natureza em Wodson no espaço de duzentas milhas saõ da mais gigantesca magnificencia, e os monumentos historicos connexos com este rio saõ para o Americano da mais attractiva, e exaltadora influencia. Os progressos da civilizaçãõ, alem disso, como vos os vedes traçados nas suas margens ate o interior deste continente, nas cidades florecentes de Wodson, de Athenas, e de Albania ensoberbecem a mente, e avivaõ o espirito do patriotismo pelo prospecto dos melhoramentos actuaes, e fu-

turos, quasi taõ estupendos á imaginação, como o são aos olhos os seus rochedos, e montanhas circumvizinhas.

As bellezas do rio Inglez são comprehendidas dentro do espaço de cincoenta milhas; elle serpea como o Wodson quasi em labyrinthos, e n'hum mui estreito canal apresenta rochedos, e oiteiros de igual escabrozidade, ainda que em dimensoens menos collosaes. Ha, com tudo, perto do Wye hum encanto indescriptivel, e incomparavel, hum particular feitiço, que rezulta da combinação dos doces e selvaticos quadros da paisagem, e das ruinas goticas, que decorão de espaço a espaço as suas margens; entre outras as da Abbadia de Tintern, o mais magestoso, e soberbo de todos os edificios arruinados da Inglaterra. Navegando por este rio vos podeis descer do vosso bote ás margens todas as vezes que quizerdes, e raras vezes deixareis de sentir a poetica descripção,

De arvores altas, de sagradas sombras,
De aberta selva grata perspectiva,
Ruinas de edificio magestoso,
Alto primor da antiga Roma, ou Grecia,
Cujas Estatuas, frizos, e columnas,
Inda mesmo em destroço a vista assombraõ.

Mas voltando ao Garona. Na boca do rio dois carancudos Officiaes de Guarda Costa Francez estacionado de baixo das baterias vizinhas, vieraõ a bordo do nosso navio. Elles tiráraõ com grande miudeza a historia da nossa carga, e viagem, &c. examináraõ cada hum dos passageiros relativamente ao seu nome, lugar do seu nascimento, sua profissão, sua idade, e suas intençoens, ou fins. Estes particulares foraõ immediatamente transmittidos á Policia de Bordeaux, e dali enviados ao Quartel General da espionagem em Pariz. Nos fizemos quarentena por oito dias, quasi a meio caminho pelo rio acima, de frente da pequena, e linda aldeia de Pouillac, e ali passamos por hum semelhante exame.—Desta maneira fomos mui bem conhecidos pelas authoridades municipaes, algum tempo antes de desembarcamos. Naõ era só esta circumstancia, que nos fazia lembrar da natureza do Go-

verno, em cuja jurisdicção estávamos, e que assombrou a satisfação, que o espectáculo ambiente era proprio a produzir. Nos fomos cumprimentados na nossa passagem de huma multidão de botes entertidos pelos corretores de Bordeaux que mandaõ os seus caixeiros a bordo dos navios, que entrao no rio para sollicitar a frequencia dos capitaens, e sobrecargas. Elles pediaõ esta graça com tao insinuante intimativa, e humildes maneiras, que bem mostravao a deploravel estagnação do commercio, e a depressão do espirito mercantil. Seus serviços com tudo se fazem indispensaveis pelos regulamentos do Governo, que limita o seu numero, e os sujeita a huma rigorosa disciplina, assim como taobem a huma taxa mui onerosa, pelos privilegios de exercerem as suas funcções. Acabada a quarentena, os nossos baús forao cuidadosamente examinados pelos officiaes da Alfandega, vestidos á militar, que se estacionaraõ no convez, e que ficáraõ com nosco ate se obter licença da Alfandega, e Perfeitura da Policia para o nosso desembarque, e do nosso fato. Este experimentou hum segundo exame antes de sahir das maõs dos famintos galfarros, que o guardavaõ.

Nada ha tao magestozo como o aspecto de Bordeaux entrando pelo rio. A vista abrange de hum só golpe huma serie, do comprimento quasi de duas milhas, de magnificos edificios de cantaria, construidos sobre o mesmo plano, e formando juntos hum grande segmento de hum circulo completo. A fachada de Chartrons não he talvez excedida por coiza alguma no mundo da quella natureza, e pode jactar-se de ter huma perspectiva do lado opposto do rio, raras vezes sobrepujada em riqueza, e variedade. Nos achamos, entrando no molhe, perto de cento, e cincoenta galeotas Prussianas desaparelhadas, e unidas. Ellas esta-vaõ arranjadas em series regulares; e sendo exactamente da mesma forma e côr, produziaõ hum effeito maravilhoso, e pitoresco. Estes vasos deviao dar á vella no dia previo á noticia da guerra, em Bordeaux, que rompeo em 1806 entre Inglaterra, e o desgraçado Rey de Prussia, a cujos portos se destinavao. Alguma demora accidental nos arranjos de Alfandega retardou a sua sahida, e privou d'huma a rica preza os

corsarios Britanicos. Esta noticia oportuna, como entaõ se julgou, os salvou nesse tempo de hum perigo provavel; mas a sua sorte foi somente suspendida, porque, naõ muito depois, cabiraõ preza do Pacificador da Europa, e do Genio tutelar do commercio, quando elle começou a naõ esperada, e naõ provocada guerra com a Prussia. Se sua Magestade Imperial está de posse de algum arcano infallivel contra vermes,—outro inimigo secreto, e perigozo, a que estaõ agora expostos—elles poderaõ talvez, em remoto periodo, servir para o transporte de tropas para este hemispherio, quando o oceano naõ apresentar obstaculo á nossa subjugaçaõ!

Na manhã seguinte á minha chegada a Bordeaux achei hum soldado postado na salla da caza do negociante em que fui com hospitalidade agazalhado, e me disseraõ que este vizitante devia ser a minha companhia ate que eu passasse pelo exame ordinario da secretaria da Policia. Eu naõ perdi tempo em desfazer-me da minha escolta que na sua dimissaõ recebeo, segundo esperava, huma gratificaçaõ de alguma magnitude para hum funcionario da sua ordem. Na Secretaria da Policia se me fez o mesmo interrogatorio, que na entrada do Rio, e na querentena—mas o meu passaporte, ou licença para ficar, e viajar em França naõ me foi entregue, senaõ algumas semanas depois. O mesmo ceremonial se pratica a respeito de todos os estrangeiros, que chegaõ, ou desembarcaõ em qualquer parte do Imperio. As circumstancias deste exame, e os embaraços que experimentamos no dexembarque da nossa bagagem, excitaraõ, mais que o ordinario desgosto de huma pessoa, que, se naõ possuia a este respeito mais conhecimentos, que aquelles, que as Instituiçoens de seo paiz fornecem, naõ entendia o sentido do termo—Policia—e podia suppor que a chegada de hum estrangeiro bem longe de ser motivo de suspeita, devja em todos os cazos ser objecto de publica exultaçaõ.

Passei seis semanas em Bordeaux, durante o qual periodo, me occupei incessantemente em estudar os costumes geraes e examinar as Instituiçoens daquella cidade. A subida de Madama Blanchard n'hum ba-

laõ, no dia depois da minha chegada, me deo huma immediata occaziaõ de ver quasi toda a populaçaõ accumulada n'hum jardim publico, que faria honra a qualquer Metropole do mundo. O tempo era justamente como se dezejava para o feliz successo do Aeronauta, e para a satisfacçaõ dos espectadores. Madama Blanchard subio gradual, e perpendicularmente ate desapparecer á nossa vista, e foi levada por doces brizas a Libourne, distante algumas legoas, onde desceo em perfeita segurança com grande admiracãõ, e espanto daquelles que testemunharaõ a sua descida. Quanto a mim, que nunca tinha visto huma prospera apothoze de esta especie, achei a scena extremamente agradavel; mas tirei ainda mais prazer da inspecçaõ de huma chusma mais numeroza, que aquella, que ate ali tinha contemplado, e cuja phisionomia, vestidos, e maneiras, tinhaõ todo o atractivo da novidade. A alegria, a vivacidade—a golhofa do temperamento natural, excitadas pela natureza do spectaculo, e avivadas pela influencia da atmospherã a mais rizonha, se manifestaraõ nesta occaziaõ em expressoens de arrebatado deleite em exclamaçoens de surpresa na maior avides de curiozidade, e nas mais grotescas exhibiçoens de character. Em todas as suas assembleas publicas, nos theatros, cazas de café, e passeios publicos observei a mesma geral alacridade, e nao cessava de admirar a elasticidade daquelle espirito, que naõ obstante a pressaõ dos males publicos, que levaõ o espanto, e a angustia a todas as habitaçoens, ainda resalta a qualquer alivio por mais leve, e transitorio, que seja. No meio das calamidades de huma força a mais acabrunhadora, as molas do character nativo podem por-se em movimento pelos toques os mais ligeiros. Hum spectaculo publico de qualquer natureza, huma comedia, hum baile, ou os prazeres ordinarios da convivencia, podem lançar n'hum temporario esquecimento os mais roedores cuidados, e as mais devorantes anxiedades, e produzir taes effectos, que vos induzissem a suppor, que estaveis vendo, naõ as victimas de hum despotismo inexoravel, mas hum povo gozando de

todas as imunidades, de huma liberdade pacifica, e izento mesmo dos males inseparaveis da vida.

Hum mero Epicurista, ou *delectante*, disposto a sacrificar os altos prazeres do espirito ás delicias do paladar, deve escolher Bordeaux para rezidir com preferencia, talvez, a qualquer outra parte do mundo. Se a espada de Damocles está pendente sobre a cabeça do Negociante, elle tem ao menos a consolação de banquetearse á mais deleitavel meza. Existem ali as verdadeiras—*Siculae dapes*—e ouzo. dizer, ha ali o verdadeiro nectar que se bebia a grandes tragos no Olympo. Eu penso que nunca achei n'outra parte os prazeres da meza taõ redundantes, ou deliciosos, como no mez de Julho n'huma quinta de hum Negociante de Bourdeaux, situada ás bordas do rio, e cercada pela mais encantadora paisagem. Peixe, aves de toda a variedade, e do mais fino sabor—vinhos do mais excellente gosto, e taes que nunca se deixaõ exportar;—hum desert constando de morangos, ameixas, amendoas, damascos, cerejas, &c., tudo na maior perfeição—tudo isto constituia o nosso jantar, e fazia o diario passadio do nosso hospede. Nos viamos da sua salla os oitinhos cobertos de vinhas sobre a margem opposta do Garona, numerozos castellos nos declives, magestozas allas de elevados freixos que bordavaõ o rio, e vasos navegando a pequena distancia da terra. Eu fitava estas uteis bellezas com particular complacencia; porque ellas me appareciaõ em toda a luz de huma justa indemnização a hum excellente individuo, pelas calamidades publicas de que elle fôra indignado espectador, e victima luctuoza.

Bordeaux tem varios theatros; mas da execucao dos seos actores nada deve dizer, quem vai fallar de Pariz. A pompa do theatro, os dansarinos, e mesmo os heroes de Cothurno entretem, e muitas vezes espantaõ o estrangeiro bizonho; mas as impressoens que deixaõ saõ depressa obliteradas pelos espectaculos da Metropole. Como hum monumento de architectura, a casa de Opera de Bordeaux he certamente huma das mais bellas, e magnificas do seu genero; e apresenta internamente huma tal massa de theatral decoraçao que he verdadeiramente estu-

penda em grandeza, assim como admiravel em plano. O furor por divertimentos theatraes he [mesmo maior que em Pariz; e o espirito do jogo he lavado a excessos ainda mais viciosos.

Eu não me demorei no artigo de edificios publicos, nem sobre a apparencia das habitaçoens particulares desta cidade. Muitos delles são magnificos, assim como algumas ruas; e muitas destas e talvez a maior parte, são mais estreitas e çujas, que os peiores sitios da Metropole. A idea de Pariz apaga a lembrança do exterior de qualquer outra cidade da França: a Cathedral de Bordeaux he, com tudo, hum edificio Gothico venerando; e ha na sua vizinhanca alguns restos de Architectura Romana, que todo o viajante deve examinar. A fina pedra branca de que as cazas desta cidade são construidas, he tirada das pedreiras abertas nas margens do rio, e que se estendem, algumas vezes milhas por baixo das vinhas. Ellas são em muitas partes habitadas pelas familias dos trabalhadores, cujas cheminez perfuraõ a terra, e lançaõ hum fumo entre as vinhas, que excita huma avida indagação de hum estrangeiro Americano.

O bello *Hotel*, que foi n'outro tempo Palacio Arcebispal, era habitado durane a minha residencia em Bordeaux pelo Perfeito Civil. O Arcébispo habitava n'huma caza muito mais humilde, e vivia de huma maneira mui remota da pompa ecclesiastica das idades medias. Eu fui apresentado a este veneravel anciaõ, e á sua meza fiz conhecimento com alguns dos mais intelligentes sacerdotes da sua diocese. A nossa conversação naturalmente versou sobre os progressos e vistas da Religiaõ, dentro da esfera dos seus trabalhos; e o seu testemunho plenamente confirmou as concluzoens, que a minha propria observação me tinha feito adoptar a este respeito. Elles me informaraõ que as sementes da piedade tinhão sido, no decurso da Revolucaõ, completamente extirpadas dos coraçõens de quasi todas as classes da comunidade; e que depois do restabelecimento da Hierarchia, e resurreiçaõ do Altar pela *Concordata*, o christianismo tin ha reganhado mui pouco da sua influencia sobre o espirito publico. A escassez dos seus estipendios, apenas sufficientes para as ordina-

rias precizoens da vida—a degradante inferioridade emque estão a respeito dos funcçionarios seculares, e o genio do systema militar, que introduzindo-se rapidamente, ate mesmo pelas classes inferiores, suffocou o espirito da piedade, e suspendeo os progressos do Christianismo; estas, e outras cauzas contribuirão não só a interceptar as recompensas do seu zelo, mas taobem a roubar-lhes a consolação da esperança. Elles sentiaõ, e não podiaõ deixar de reconhecer, que a Religiaõ nas maons dos seos chefes era unicamente

Freio para reter submissas almas

Politica invenção para córarem

Seos roubos, suas prezas repartirem.

A natureza das minhas indagaçoens me levou aos Tribunaes de Justiça, e me induzio a fazer conhecimento com os principaes Letrados de huma cidade, famosa n'outro tempo pelo seu saber em Jurisprudencia, pela instrucção, e dignidade do seu Banco. Eu pude obter introducção com muitos dos mais emminentes Advogados, e alguns dos Juizes. A informação que elles me communicáraõ junta á minha propria observação sobre o Foro, me habilitáraõ a formar huma idea sufficientemente precisa da sua administraçáo da Justiça, e do estado da sua eloquencia forense. Eu tenho tanto a dizer sobre a Jurisprudencia e oratoria Franceza em geral, quando tratar de Pariz, que observarei soamente agora, que nem huma, nem outra me edificaraõ muito em Bordeaux; aindaque achei ali mais conhecimento, e imparcialidade na primeira, e n'alguns cazos mais força natural, e mais emoção de affectos na ultima, do que ná capital. Nunca pude accommodar o meu juizo, ou gosto, á quella excessiva vehemencia de declamação, que he quasi universal no Foro da França, mesmo nos objectos os mas insignificantes. O mesmo capital defeito, me pareceo predominar tanto no theatro como no pulpito, ainda que não em gráo taõ reprehensivel no ultimo; mas disto falaremos depois.

Varias, e mui obvias cauzas tem conspirado para escurecer o lustre da Cadeira Judicial, e diminuir a habilidade dos Professores da Lei, tanto em Bor-

deaux, como em todas as cidades, e provinciaes da França. As circumstancias da Revolução foraõ desfavoraveis a todos os mais nobres fins, e ás mais altas e dignificadas vias de Justiça; o empobrecimento daquellas cidades foi taobem hum dos principaes motivos desta declinação, não menos que a abolição dos Parlamtos Provinciaes, que reuniaõ Magistrados illustres, e abriaõ hum vasto campo á emulação generosa; assim como hum magestoso theatro aos esforços da Tribuna. Os emolumentos da profissão em Bordeaux eraõ comparativamente pequenos, e o trabalho material quasi intoleravel. Os Letrados gozavaõ todavia de bastante consideração, e de hum gráo maior na escalla da commuidade, do que se lhe concede em Pariz. O individuo desta classe, que me inspirou mais respeito, tanto pelo seu character privado, como pelo seu saber, foi o sobrinho do celebrado Emerigon, author de hum tratado sobre seguros. Suas virtudes e talentos fazem honra ao seu distincto nome.

Naõ vi sem admiração hum modo de letigio nesta cidade grandemente pernicioso, o qual, ainda que prevalece em Pariz, não he taõ apto a produzir ali os mesmos nocivos effeitos, que n'hum commuidade commercial, ou menos populoza. Eu alludo a disseminação entre negociantes, e mais classes, de memorias impressas, mui trabalhadas pelos Letrados nos primeiros periodos de huma cauza, as quaes comprehendem a historia da questãõ entre as partes litigantes, e as provas, e argumentos em seu favor. Ellas saõ igualmente lidas com avides; formãõ-se opinioens a respeito do merito do processo, e se discutem com grande calor nos circulos commerciaes, e cazas de café; e os amigos dos litigantes assiduamente trabalhaõ em propagar as sympathias que sentem. Nada pode tender mais directamente a promover a discordia social, sobre tudo entre homens cujos espiritos não tem objecto de que se occupem, pela estagnação do commercio, e decandencia das manufacturas, e artes mecanicas.

A literatura floreceo outróra em Bordeaux debaixo dos auspicios de huma sabia Academia, e exube-

rante commercio. Neste momento ella está, como podeis imaginar, em mui baixo estado, assim como em todas as cidades provinciaes da França. Eu procurei de balde hum homem emminente em sciencia, ou em literatura geral. Não havia Authores de reputação em ramo algum scientifico, nem profundo Estadista para sustentar a reputação do lugar nativo de Montesquieu. Pariz absorve todos os thezoiros fizicos, e intellectuaes do Imperio. Eu vizitei a caza em que o Author do *Espirito das Leis nascera*; e experimentei aquellas emoçoens, que hum tal sitio deve excitar no coração de hum entusiasta das Letras, e do cidadão de huma Republica livre. Foi me impossivel não sentir entãõ a plena força do contraste entre o estado actual do Bem Publico em França, e ventura, que aquelle Genio elevado, e independente lidou tanto por estabelecer, e perpetuar. Teria elle acreditado a profecia, se acazo se lhe predicesse antes da sua morte—que o Povo aquem elle dedicava as suas liçoens d'alta sabedoria, e conduzia a huma bem entendida liberdade, se tornaria tão cedo como se tornou,

Raça determinada a ser escrava,

Furioza por cadeas.—

Eu vizitei os Lyceos, ou escollas publicas de Bordeaux a fim de obter algum conhecimento do modo porque se educa a mocidade Franceza debaixo do novo regimen. As opinioens, que eu daqui tirei, e muitas subsequentes indagaçoens que fiz, são altamente desfavoraveis ao presente systema, cujos vicios, não dissimulavaõ aquelles mesmos, que eraõ empregados na instrucção publica. Eu direi depois mais a este respeito. Não posso deixar aqui de mencionar huma pequena anedocta que me foi contada no decurso do meu gyro pelas escollas. Examinando o Lyceo principal eu era acompanhado pelo Director da Instituição, que me conduzio a huma capella contigua ao edificio para me mostrar o tumulo de Montaigne. Os ossos deste celebre escriptor tinhaõ sido ali depositados com huma inscripção, e escultura uzada no seu tempo; mas foraõ casualmente removidos, durante a revolução da abobeda, que ori-

ginalmente occupavaõ, quando o edificio a que pertence a capella, e que era outróra hum convento foi convertido em Lyceo pelo actual Governo, o Director teve occasiaõ de examinar o carneiro de Montaigne, e achou ali hum esqueleto, que suppoz ser do Author, e que ao toque se desfez em pó. Nada ficou firme senão o craneo, e huma parte da maxilla, em que se acháraõ dois dentes menos mal conservados. Extrahiraõ-se com cuidado, e hum delles foi transmittido, como hum presente a Luciano Bonaparte, que o fez engastar ricamente em oiro. O outro ficou na mão do Director, que o fez passar pela mesma operaçãõ. O cadaver de Montaigne provou-se ser o mesmo por signaes indubitaveis; mas poucas semanas depois se asseverou, com não menos certeza, que os dentes pertenciaõ a huma velha condessa, que morrêra por esse tempo, e cujas virtudes não mereciaõ huma taõ avida commemoraçãõ. O Director dava a este cazo o nome de huma galante mystificaçãõ.

He impossivel estar muito tempo em Bordeaux sem affeioar-se aos seus habitantes. Elles não podem jactar-se de muita sciencia; ainda menos de moralidade religioza; nem as suas maneiras são demaziadamente polidas: com tudo bem depressa conciliaõ o favor de toda a especie de viajantes pela sua natural agudeza—sua hospitalidade officioza—sua inexaurivel viveza—attractiva, ingenuidade, e bonomia de caracter. Muitas horriveis atrocidades se perpetraraõ ali durante a revoluçãõ, deque elles fallaõ com honesto pezar, e pejo varonil, a ponto de acreditar, que ellas tem muito menos malignidade na sua origem, que as exacraveis orgias da capital. Eu tenho feito huma observaçãõ geral a respeito das cidades provinciaes, e he, que o caracter dos seus habitantes taes como se apresentaraõ ao meu exame, nunca me animaria a admittir mesmo a possibilidade dos excessos revolucionarios, que se lhes attribuem; entretanto, que hum curto conhecimento da capital, me servio para tornar facilmente crível toda a historia dos seus desastres, e enormidades. Foi lá que eu vi, mesmo ao hum ligeiro golpe de vista, materiaes para crimes de taõ estupenda torpeza, e ferocidade; mas nada

descobri nas provincias donde podesse concluir a priori fundamentos para a sua historia, que alias he indubitavel.

Naõ obstante a vivacidade do character nacional do Sul, a *animação* dos Passeios Publicos, o regozijo estrepitoso do theatro, e luxo das mezas, Bordeaux he huma cidade melancolica para o estrangeiro que reflecte. Ella exhibe hum quadro sombrio de decadencia, e como todo o paiz adjacente murcha debaixo das garras da oppressão. Em toda a sociedade privada, e em todas as mezas, eu ouvi, no meio das effuzoens da alegria natural, as de huma dor invencivel, pelo triste contraste que era vizivel a todos os olhos, entre o estado antigo, e o actual da sua cidade. Diceraõ-me que, ha quinze annos a traz, ella continha hum terço mais de habitantes; que em vez da inacção, langor, e miseria, que eu testemunhava, ella apresentava, naõ huma esfarrapada, e faminta populaça; mas huma scena de abundancia universal, e esplendida opulencia, e tudo o que acompanha a prosperidade, e o contentamento,

Multilingue Commercio, alegre préssa,

E Mecanicas Artes fervorozas

Nos seos varios empregos.—

Eu fiz frequentes excursões ás vinhatarias da vizinhança, antigamente a parte mais florescente da França, e agora, talvez, a mais miseravel de baixo dos accumulados, e inexprimiveis males da conscripção, taxas, e falta de mercado para o producto do terreno. O rancor, e averção emque he tido o presente Governo por toda a França, em parte nenhuma he taõ vivo, e taõ declaradamente expresso, como nesta cidade, e paiz adjacente. As melhores classes se entregavaõ a observaçoens taõ livres, e a huma linguaagem de taõ exacerbada reprovação a respeito do systema administrativo, fonte das suas calamidades, que me enchiaõ de medo, lembrando-me da actividade, e rigor da policia. A ascendencia com tudo desta iniquizaõ tenebroza naõ he taõ absoluta nas provincias, como na capital, nem pode a organizaçoõ do terror ou força, por mais perfeita que seja em dezenho, ser sufficiente em todos os cazos, e parti-

cularmente entre hum povo de hum temperamento ardente e impetuozo, para prevenir as evaporaçoens do espirito de odio que se gera dos soffrimentos actuaes, e da oppressão de huma desmascarada injustiça. A indignação e angustia tem hum poder de expansão, e volatilidade irresistiveis nos coraçoens dos homens, que estão hum pouco distantes da sede da tyrannia, que as excita, e que não estão inteiramente estupificados pelo torpor da escravidão, ou tornados insensiveis aos males mais acerbos da existencia, pelo longo habito de soffrer.

Faz agora quatro annos, que rezidi em Bordeaux. Neste intervallo, a total suspensão do commercio, e o agravado pezo da tyrannia domestica tem cada vez mais empobrecido os habitantes, e apoucado o seu numero. A informação que obtive de hum testemunho muito authenticico me convence que o presente estado daquella nobre cidade, e de todo o bello territorio do Garona he ainda mais calamitozo, e desesperado, que nunca. As cazas são só meio habitadas—a população diminuida—as ruas comparativamente silenciozas;—as exacraçoens contra a raladora oppressão do Governo Militar se derramaõ com mais acrimonia, e menos rezerva que nunca. Quando a desesperação começa a obrar, e a pobreza assalta a victima qualquer raio de esperanza he saudado com credula alegria; e he por isso, que a illuzoria revogação dos decretos anti-commerciaes pode elevar os espiritos dos Negociantes de Bourdeaux por algum tempo; mas a esperiencia do futuro será como a do passado; e elles acharão que as pequenas vantagens das suas lidas seraõ absorvidas pelo fisco voraz; e que em quanto durar o dominio da espada, e elles conservarem assaz energia para fazerem industriosos esforços, experimentarão huma sorte analoga ao castigo de Sysipho, ou de Tantalo.

A historia nos ensina qual deve ser o effeito da prolongação do despotismo militar, mesmo sobre os habitantes provinciaes da França, effeito, que he ja quasi plenamente conhecido em Pariz. Debaixo da constante operação do medo, e força o espirito deve a final ser completamente embrutecido, e acobardado;

o escudante vigor, e o natural orgulho da alma devem totalmente desaparecer;—debaixo da aturada influencia, e desmoralizante exemplo de hum poder perverso, e prospera iniquidade, os sentimentos mo-
raes, e as virtudes heroicas devem ser a final suffocadas;—pelo habito de affagadora lizonja, e constante linguagem de mentiroza admiração, a propria estima deve perder-se, e os poderes innatos de distinguir entre o vicio, e a virtude, devem totalmente extinguir-se. Ao ler nas gazetas de França a historia dos procedimentos provinciaes relativos ao ultimo cazamento do Imperador, e a linguagem das suas deputaçoes ao throno Imperial, descubro hum refinamento de adulação, e hua alacridade de aviltamento em todas as classes, que me convence que a degeneração de character, que acabo de desenhar, tem sido durante os tres ultimos annos mais rapida, e universal do que eu esperava. Se o despotismo da espada for triunfante fora, como tem sido em caza, o Drama da Humanidade, pela operação segura de cauzas conhecidas, deve apresentar por todo o continente da Europa o mesmo desgostante espectáculo, que a França pode em pouco tempo offerecer,

Desmazelo, ignorancia, abatimento,
Lizonja, medos, e oppressão raivando
Sobre vastas ruinas, obra sua.

LITERATURA.

Georgica Britannica, por Grahame. 4to pp. 330. P. L. Balantyne e Ca. Edinbourgh, 1809.

EM todo o tempo, os encantos da vida campestre tem merecido a attenção do philozopho, e dezafiado o enthuziasmo do poeta. Os antigos Gregos e Romanos fazião grande apreço da vida, e occupaçoens ruraes, os seos melhores escriptores, em proza e verso ainda hoje admiraõ pelo bem que souberaõ descrever as suas delicias e salutar influencia na cultura da terra. Desde Vergilio até Grahame, o genio poetico não tem sido tam fecundo em produçoens daquella natureza; contudo podemos lizongear-nos, que os seos ultimos ensaios não somente são recomendaveis, mas até mais importantes pela addição dos conhecimentos philozophicos, que os adornaõ, que os fazem prestadios á lavoura, e promovem o seu adiantamento. Grahame ja conhecido por varias composiçoens, merece pela que temos presente a nossa consideração; e por algumas passagens, que vamos dar traduzidas da *Georgica Ingleza*, esperamos que o publico possa fazer idea do gosto e estilo desta obra, se não do seu total merecimento. A muza campestre de Grahame he uzualmente dirigida pelo estudo correcto da natureza, e observaçoens tiradas da vida e costumes ruraes. Huma estricta attenção pelo decoro, hum conhecimento cabal dos uzos e maneiras da vida rustica, huma descripção energica dos exercicios da lavoura, e dos costumes dos trabalhadores do campo, tem hum lugar mui distincto neste poema. Notamos contudo algumas dezigualdades, que se podem talvez attribuir as incorrecçoens do genio, e seos naturaes desgarres.

— Quas aut incuria fudit
Aut humana parum cavit natura.

O ouvido poetico não pode dar-se; mas todo o mundo pode conhecer mais ou menos as harmonias do metro. N'hum idioma estranho, he mais difficil conhecer as; não obstante, conformando-nos com a analogia, e pela attenção que prestamos á linguagem, que falla o author, podemos julgar da dureza, e escabrosidade d'alguns dos seus versos, como da cadencia e facilidade de outros.

Muitas das suas imagens são excellentes, energicas e magestozas; outras succumbindo ao pezo descriptivo, deixão ver symptomas de abatimento. O vigor porem dos seus pensamentos, o seu character de exactidão, a justeza, a sua feliz applicação sobre-sahem a maior parte das vezes com bastante força. He para sentir que o genio no impeto da sua carreira perca de vista os barrancos, em que pode tropeçar, e interromper de alguma sorte aquelle brilho, cuja continuidade faz o esplendor poetico, de que Grahame certamente possui não pequena parte. Muitos traços neste poema mostraõ a mão de mestre; outros retocados pelo seu pincel, poderião adquirir bellezas additionaes. Ellas suggerem mais depressa ideas, que seriaõ agradaveis levadas á perfeição, do que satisfazem o espirito completamente.

As intenções de Grahame são louvaveis. Elle deseja entreter e instruir os que procuraõ intertenimento na leitura; e ao mesmo tempo chamar a attenção dos proprietarios das terras para as cultivadores do terreno. "Nestas vistas," diz-elle, "ainda que não sou amigo da ociosidade, sou sinceramente da opinião de que os recreios innocentes devem ser animados. Os dias de festa, dias santos, os divertimentos do costume, e toda a instituição, que fornece huma hora de importancia ou de innocente regozijo ao coração do homem pobre, devem religiosamente observar-se." Trabalho incessante, por qualquer cauza que seja excitado não deve exigir-se do homem. O governo que o propuzer, ou ordenar permanente, está em muito mau estado. Nos eximimos desta censura aquelle que so he de necessidade absoluta *pro tempore*; as colheitas pedem hum disvello não interrompido, mas as colheitas não duraõ todo o anno: a energia de hum combate pode sustentár-se ate ao seu termo,

mas hum combate não he huma occurrencia constante ou diaria.

As descripçoens do poeta referem-se principalmente a Escossia, cuja lavoura, decoraçãõ, e costumes elle parece exactamente conhecer. Conjecturamos contudo que não tem a mesma exactidaõ em classar as indicaçoens dos mezes. Segundo o testemunho geral a agricultura do norte anda atrazada em tempo relativamente a do sul. Grahame da lhe em muitos cazos a prioridade. Nos' cremos que o morcego Inglez não faz a sua appariçãõ giradora no mez de Fevereiro; por tanto duvidamos da propriedade das açoens que elle lhe attribue nesse tempo.

E as azas o morcego entorpecidas
Quando *dorme* o crespusculo, soltando
Da meda ou do celeiro em torno voa
E no rapido giro a vista illude.

He des necessario fazer apologias pelas notas que acompanhaõ este poema. He indispensavel ao poeta muitas vezes explicar largamente em proza, o que toca ligeiramente em verso; e será sempre dezejavel, que elle illustre as passagens que precisaõ de illustraçãõ. Oxalá que Homero e Vergilio tivessem escripto notas ás suas obras; teriamos evitado o dissabor que alguns lugares obscuros nos offerecem no de curso da sua leitura! Hum poema, que descreve os incidentes ruraes de cada mez, e he por isso dividido em douze partes, compoem este volume. O plano não he novõ, e apezar de ter sido adoptado por varios, o author o seguio por ser este o curso natural do nosso anno. Sem hezitaçãõ nos recomendamos os sentimentos do author quanto a moral: se acazo as suas opinioens politicas admittem ou não controversia, melhor decideraõ aquelles que residem nos paizes a quem ellas se referem. Nos sabemos que estensas manufacturas nas grandes cidades são prejudiciaes á saude de muitas familias, como de individuos; com tudo estamos persuadidos que pode haver muitos estabelecimentos, assim como ha no norte da Escossia, em que a industria conduza á fruiçãõ de commodos e independencia, e não a miseria e fome, ou a doença e prematura dissoluçãõ.

A falta de emprego nas terras montanhosas tem sido cauza de que a população tenha seguido promptamente as pizadas de seus chefes em actos sanguinarios de vingança, e em perpetuar feudos, e outros vexames, que seria apeteçivel, e humano que de huma vez se invalidassem.

Depois da relação geral e succincta dos contentos deste volume, daremos algumas passagens, como para servir de amostra. As porções didacticas porem do poema de Grahame não permitem extractos em ponto pequeno, que possam ser intelligiveis á maior parte dos nossos leitores. He preciso com tudo dizer que a parte que tracta do modo de dirigir os trabalhos preparatorios do campo he mais util que elegante. Pode excluir-se desta prerogativa o plano proposto pelo author para aquentar o terreno por meio de hum cylindro de ferro contendo fogo; o que elle illustra em as notas. Nos deixamos ao sol o executar por nós, tudo o que aquella operação tem de proveitoso.

As seguintes observaçoens sobre a influencia das hervas silvestres merecem a attenção do lavrador.

Aos olhos da ignorancia incuriosos
 São de pequena monta algumas hervas
 Classadas entre cardos; que outro nome
 Merecem ter melhor, poupar-se devem.
 Das tribos aromaticas são muitas,
 A mentha, a salva, o thymo florescente
 Antidotos egregios contra insectos
 Potentes a estragar, bem que pequenos,
 E a encher de mangra a hum tempo o grão, e as
 folhas.

Eu vi milvezes a ruina, donde
 O zumbido de inumeras abelhas
 Vem do camarachaõ do thymo agreste,
 Que extrema as varias messes; tenue raça
 De insectos foge aromas; da qui veio
 Sabugueiro odorifero plantarem
 Em torno dos vergeis nossos maiores.
 Daqui nossos jardins (ignota a cauza)
 De circulos de bucho inda se bordaõ.
 Mas se a minuta prole imperceptivel
 Excepto á microscopica potencia,

Que as obras mais subtis da natureza
 Parcialmente engrossando immenso avulta,
 Tem ja coihido forças destructivas ;
 Em torno de teos campos não receis
 Ou sobre as tuas verdejantes margens
 De seiva cheias ; atear fogueiras
 De vergontas de betula e giesta
 Misturadas co-as folhas verde-negras
 E alva flor de sabugo ;—espessa nuvem
 Erguida em turbilhoens de acres vapores
 Assalta os bandos, que de morte fere
 E os espantados olhos lhe golpea.
 Provando assim levar seu fero influxo
 Do pequeno inimigo aos torpes orgãos.

A pintura dos costumes camponezes he talvez a melhor parte desta obra ; ella he exempta das cores de huma melancolia morbosa, em que muitos s' equivocão tomando-a por sensibilidade. Não basta cantar as calamidades da vida humana, he preciso indicar-lhes o remedio, se ellas são remediaveis ; he preciso allivialas, se ellas são susceptiveis de allivio. Neste clima muitas pessoas são victimas da inclemencia das estaçoens, não ha duvida, mas quantos mil igualmente expostos lhes sobre vivem ? O pastor de Thompson expirando entre a neve, tem feito muitas vezes enrejelar nossos coraçõens ; mas porque seremos nós menos sensiveis a felix volta para a sua familia que Grahame concede ao seu pastor no mez de Janeiro ?

Pelo mesmo principio, nos approvamos a descripção daquelles allivios prestados as miserias da nossa raça, os quaes devemos olhar como rezultado da habilidade humana. O estado de cegueira foi sempre hum forte incentivo para a nossa sympathia.—Será este incentivo menos forte, por que o cego se pode tornar capaz de industria ? Ouçamos o nosso poeta.

Occupado em fazer vimineo leito
 Folga o cego tambem—meigo surrizo
 De prazer innocente, ah ! tenho visto
 No junto gruppõ de piedozas faces,
 Cujas maos ao ligeiro emprego destras
 O publico disvello encaminhara.
 Ouvido tenho á hora do repouzo
 Da escurecida chusma os doces cantos

Com força tal de angelica harmonia,
 Com poder de excitar paixoes tam fortes
 Que derreter fariao bronzeo peito
 E a empedernidos olhos verter pranto.

Nem pareça, que nós julgamos a benevolencia para com as raças de inferiores creaturas indigna das atenções da poesia. Nos apreciamos a descripção, que o vate faz do pintarocho; mas quizeramos que desse o gato a guardar a huma das creanças, antes que se abrisse a janella.

Das plumeas geraçoens, que arrebanhar-se
 Vem mui perto de caza ou do celeiro
 Por abrigo, e sustento, o pintarocho
 Ave mimosa e docil, sobre-tudo
 Contra a procella instante azilo busca.
 Janella achando aberta, onde alastradas
 Migalhas o convidem—promptamente
 Elle a foito penetra, em torno adeja
 Nem receia a final de empoleirar-se
 Sobre o fuzo de roda zunidora
 Cantando a estivos sons o invernall dia.

A seguinte descripção de huma tempestade em Dezembro he magistral: ella conclue o poema, e remata melhor do que faria a pintura de hum naufragio com todos os seos horrores, ou de huma cabana arrazada, e todos os habitantes sepultados nas suas ruinas. A poesia deve conformar-se, não como hum escravo em ferros, ao curso geral da natureza. Nem sempre os amantes são tyranizados pela contumacia dos pais, nem sempre levados pela desesperação ou ciume a sacrificios de sangue: se algumas vezes se ouvem gemidos de victimas de amor expirando ante os altares do hymineo, outras sobre-vivem ao dia nupcial. Nem todas as searas se malograo pela ferrugem, nem todas são devoradas pela mangra; e se alguns lavradores se embriagaõ n'hum dia de feira, e são roubados na volta para caza, muitos chegaõ salvos aos seos lares e podem esgotar o cangiraõ, depois de reputriados nas suas cadeiras. Quando se pertende inspirar o medo do mal, sejaõ as suas consequencias terriveis embora o thema da lição; mas quando se tracta de render graças ao supremo Author de todo o bem, toda a occaziaõ deve

ser entusiasticamente aproveitada. Assim o author conclue o poema com huma energia, que so os verdadeiros poetas sentem adequadamente, pois que so os verdadeiros poetas adequadamente a patenteaõ.

Gosto de ouvir a muzica nocturna
 Dos bravios tufoens, roucos chuveiros,
 Quando no bosque com murmurio horrendo
 Da Tempestade o espirito raivando
 Parece exacerbar-se ; e as estridentes
 Rajadas mais e mais erguer bramindo.
 Como se a redobrados duros golpes
 Gigante maõ batesse ferreo muro
 E ate aos alicerses o abalasse.
 Que horrivel pauza ! quando nada se ouve
 Mais que o fragor de embravecido rio !
 Que animador entaõ resoa o canto
 Dessa ave matinal ! Que horror profundo !
 Excepto quando subitos luzeiros
 Os olhos cegaõ que a explorar se atrevem
 Da hora horrenda os lugubres arcanos.

Gradual diminue o Tempestade.
 Bem vinda rompe a dezejada aurora.
 Com turvado semblante ; e cupreas tintas
 Nas tardi-fugas nuvens logo esparge.
 Mensageira do dia ! hora risonha,
 Tu em toda a estaçaõ prazer motivas.
 Quer no esplendido estio o sol nascente
 Receba a saudaçaõ dos plumeos choros
 Do ar ou dentre os orvalhados ramos,
 Quer pelos ceos do inverno enegrecidos
 Do Sul dardeje os palidos fulgores,
 Tu fazes expandir-se de alegria
 O coração de tudo o que respira,
 Homem, ave, animal ; mas sobre tudo
 O homem que de gosto absorto vendo
 Radear esta maquina do mundo
 Submisso e curvo adora naõ com vozes,
 Mas com divinizados pensamentos
 Esse vasto Poder, que arremeçara
 Impelle esta potente massa enorme,
 E a faz girar em torno, obediente
 Ao seu curso annual, diurna marcha.

Estupendo prodigio ! Esta potente
Massa arrojada pelos invios ermos
Do immenso espaço, rapida correndo
E comparada á qual balla invizivel,
De vulcanica boca projectada,
Qual lento caracol se arrasta apenas,
Sem pauza, todavia, ou leve choque
Sem desvio por minimo que seja,
Ao longo roda em moto imperceptivel
Bem como immovel sobre a etherea vaga.

SCIENCIAS

CHYMICA.

METALIZAÇÃO DOS ALKALES.

DEPOIS que Galvani construindo a sua pilha mostrou, que duas laminas de metal differente tinhaõ a propriedade de manifestar phenomenos electricos mediante o seu contacto; os mais celebres chymicos se apressaraõ a fazer uzo desta descoberta, mas as suas tentativas, e experiencias trouxeraõ mais depressa o melhoramento do apparelho Galvanico do que resultados importantes da sua applicação. Deve-se particularmente á Volta, e a seos assiduos trabalhos o estado actual de perfeição em que se acha aquelle instrumento; que recebeu depois o seo nome. Em quanto pois o apparelho Voltaico, ou as baterias Voltaicas abriaõ aos philosophos hum vasto campo de especulaçoens e fadigas infructuosas, serviaõ nas mãos de Davy para os progressos da analyse. As investigaçõens que elle havia feito sobre a decomposição dos acidos e sais alkalinos, e terreoos lhe mostraraõ, que a Electricidade possuia hum poder decomponente, que este poder era proporcional á sua força nos lados oppostos do circuito electrico, á potencia conductora, e ao grao de concentraçõ dos materiaes empregados.

Guiado por estes principios a tentar a decomposição dos alkales fixos, Davy começou a operar sobre soluçoens aquosas de potassa e soda, saturadas á temperatura ordinaria; e para isto empregou o mais alto poder electrico, que tinha nesse tempo á sua disposição, o qual era produzido pela combinação de baterias Voltaicas, pertencentes a Instituição Regia, contendo 24 chapas de cobre e zinco de 12 polegadas quadradas, 100 chapas de 6 polegadas, e 150 de 4 pole-

gadas, as quaes forão carregadas de huma soluçãõ de alumen e acido nitroso; mas em todos estes cazos, não obstante ser a acçãõ intensissima, somente a agoa da soluçãõ era affectada, e o hydrogenio, e oxygenio dezenvolvidos com produçãõ de muito calor, e violenta effervescencia.

Suppondo que a prezença da agoa estórvava a decomposiçãõ, uzou da potassa em fusaõ ignea. Huma torrente de gaz oxygenio de hum gasometro applicado á chama alcoholica, foi lançada n'huma colher de platina, contendo potassa. Por este meio o alkale se conservou alguns minutos n'huma forte candecencia, e n'hum estado de perfeita fluidez. A colher tinha communicaçãõ com o lado positivo da batteria de 100 de 6 polegadas, altamente carregada, e com o lado negativo por meio de hum fio de platina.

Rezultaraõ deste arranjamto alguns brilhantes phenomenos. A potassa mostrou ser conductor em alto grao, e em quanto se conservou a communicaçãõ, huma luz vivissima apparecia no fio negativo, e huma columna de chama, que parecia dever-se ao dezenvolvimento de materia combustivel, se levantava do ponto de contacto.

Quando se inverteo a ordem, isto he, quando a colher de platina se fez negativa, huma luz mui viva, e constante appareceo no lado opposto: não havia signal de inflamaçãõ naquelle ponto; so globulos aeriformes, que se inflamavaõ na atmosphaera, se erguiaõ d'entre a potassa. A acçãõ sobre a platina, como era de esperar, foi mui forte, e muito mais consideravel nos cazos em que era negativa.

O alkale nesta experiencia era apparentemente seco, e parecia provavel que a materia combustivel era resultado da sua decomposiçãõ. A potassa restante não se alterou; continha com effeito algumas particulas metallicas de cor parda escura, que pareciaõ derivar-se da platina. Não foi possivel colligir aquella materia combustivel, electrizando a potassa desta maneira; o que se conseguiu, empregando-se a electricidade como agente simultaneo de fuzaõ, e decomposiçãõ.

Posto que a potassa perfeitamente seca por igniçãõ, não seja conductor pode fazer conductor com huma ligeira addiçãõ de humidade, o que não destroe.

perceptivelmente a sua aggregação. Neste estado ella se funde e decompõem rapidamente á huma potencia electrica forte.

Hum pequeno pedaço de potassa pura, que fora exposta por alguns segundos á atmospherá, o que bastou para dar á sua superficie hum poder conductivo, foi posto sobre hum prato de platina isolado, connexo com o lado negativo da bateria de huma potencia de 250 de 6 e 4, n'hum estado de intima actividade; e hum fio de platina communicando com o lado positivo se poz em contacto com a superficie superior do alkale. O apparelho estava todo á exposição d'atmosphera. Neste estado se observou bem depressa huma acção muito viva. A potassa começou a fundir-se em ambos os seos pontos de electrização. Houve huma violenta effervescencia na superficie superior; na inferior ou negativa não houve soltura de fluido elastico; mas apparecerão pequenos globulos de hum vivissimo lustre metallico, e vesivelmente semelhantes ao mercurio, alguns dos quaes ardiaõ com explozão, e brilhante chama, logo que se formavaõ, e outros permaneciaõ, embaciavaõ-se, e cobriaõ-se a final de huma pelicula branca que se formava á sua superficie.

Repetidas experiencias mostraraõ que estes globulos eraõ a substancia que se procurava; e hum principio inflamavel particular a base da potassa. Vio-se que não entrava a platina neste resultado; pois que a mesma substancia se produzia, quando pedças de cobre, prata, ouro, plumbago, e mesmo carvão se empregavaõ para completar o circuito. O phenomeno era independente do ar; elle existia do mesmo modo quando o alkale se mettia no vacuo de hum recipiente exhausto. Esta mesma substancia era igualmente produzida do alkale fundido por meio de huma lampada, em tubos de vidro tapados com mercurio, e fornecidos de fios de platina hermeticamente inseridos, pelos quaes se transmettia o poder electrico. Mas esta operação não podia continuar por muito tempo. O vidro era rapidamente dissolvido pela acção do alkale, e esta substancia penetrava logo pelo corpo do tubo.

A soda, tractada do mesmo modo que a potassa, a presentava hum resultado analogo; mas a decompo-

sição pedia mais intensidade de acção nas baterias, ou o alkale devia ser em porção mais pequena, e mais tenue. Com as baterias de 100 de 6 polegadas em plena actividade se obtiverão bons resultados de alguns pedaços de potassa que tinhaõ de 40 para 70 graõs do pezo, e faziaõ pela sua grossura, que as superficies metallicas estivessem quasi hum quarto de polegada distantes; com semelhante potencia era impossivel effectuar a decomposição sobre pedaços de soda que fossem de mais de 15 athé 20 graõs em pezo; e isso somente quando a distancia entre os fios metallicos era quasi hum $\frac{1}{2}$ ou $\frac{1}{4}$ da polegada.

A substancia resultante da potassa premanecia fluida á temperatura d'atmosfera no tempo da sua produção; a da soda, que era fluida ao grao de calor do alkale, durante a sua formação, se tornava solida pelo resfriamento, e parecia ter o lustre da prata.

Quando se empregava a potencia de 250, altamente carregada para a decomposição da soda, os globulos muitos vezes ardiaõ no momento da sua formação, e algumas vezes saltavaõ com violenta explozaõ, e separando-se em globulos mais pequenos, fugiaõ pelos ares em lucida combustaõ, e produziaõ o bello espetaculo de continuos martinetes de fogo.

Theoria da analyse, e synthese dos Alkales fixos.

Assim como todas as decomposições das substancias compostas, que anteriormente se tinhaõ examinado, ao mesmo tempo que as bases combustiveis se dezenvolviaõ na superficie negativa dentro do circuito electrico, o oxygenio se formava, se dezenvolvia, ou se combinava na superficie positiva; era racionavel concluir que esta substancia se produziu do mesmo modo, pela acção electrica sobre os alkales, o que se provou ser assim por innumeraveis experiencias feitas sobre o mercurio, e com apparelho para a excluzaõ do ar externo.

Todas as vezes que a potassa, ou a soda no seu estado conductivo, se mettia em tubos de vidro fornecidos com fios de platina electrizados; as novas substancias se geravaõ na superficie negativa, e o

gaz desenvolvido na outra superficie, pelo mais rigoroso exame provava ser oxygenio puro; e a não haver excesso de agoa, nenhum gaz se desenvolvia no lado negativo. Nas experiencias syntheticas se achou igualmente huma perfeita coincidencia.

Ja se mencionou que o lustre metallico da substancia da potassa, se destruiu immediatamente na atmospheria, e que huma crusta branca se formava sobre ella. Esta crusta depressa se vio ser potassa, que immediatamente deliquescia, e novas porçoens se formavaõ, que á sua vez attrahiaõ a humidade da atmospheria, athé que todo o globoso dezapparecia, e tomava a forma de huma soluçaõ saturada de potassa.*

Pondo-se globulos em tubos appropriados contendo ar atmospherico, au gaz oxygenio limitado pelo mercurio, houve absorçaõ de oxygenio; huma crusta alkalina instantaneamente se formou sobre o globulo, mas por falta de humidade para a sua soluçaõ, o processo parou, sendo o interior preservado da acçaõ do gaz. O mesmo acontecia com a substancia da soda.

Quando estas substancias eraõ fortemente aquecidas, dentro de certas porçoens de oxygenio, produzia-se huma rapida combustaõ com huma chama branca resplendente, e os globulos metallicos se achavaõ convertidos n'huma solida massa esbranquiçada, que provava ser o alkale da substancia empregada. O gaz oxygenio era absorbido nesta operaçaõ, e nada se desenvolvia que affectasse a pureza do ar remanescente. Os alkales reproduzidos eraõ apparentemente secos, ou pelo menos não continhaõ mais humidade, que a do gaz absorbido, e o seu pezo excedia consideravelmente o das substancias combustiveis consumidas.

Parece pois evidente destes factos, que a potassa, e a soda se decompoem em oxygenio e

* A agoa decompoem-se tambem neste processo. Veremos adiante que as bases dos alkales fixos obraõ nesta substancia com mais energia, que outros quaesquer corpos conhecidos. A theoria da oxydaçaõ das bases dos alkales ao ar livre, he desta maneira:—o gaz oxygenio he primeiro attrahido por ellas, e o alkale formado. Este alkale absorbe promptamente agoa. Esta agoa se decompoem outra vez. Por isso, durante a conversãõ de hum globulo em soluçaõ alkalina, ha huma constante e rapida desenvoluçaõ de pequenas quantidades de gaz.

duas substancias particulares, assim como os acidos sulphurico e phosphorico, e as oxydes metallicas em oxygenio, e as suas respectivas bases combustiveis.

Nas experiencias analyticas, nenhuma substancia capaz de ser decomposta era presente, senão os alkales, e huma pequena porção de humidade, que não era essencial para o resultado, mas sim para os tornar conductores á superficie, por quanto as novas substancias não se geravaõ, sem que se fundisse o interior, que era seco; e faziaõ explosão, se durante a fuzaõ do alkale vinhaõ a contacto com a superficie humida aquecida. Ellas não podem ser produzidas de alkales crystallizados, por conterem muita agoa.

As bases combustiveis dos alkales fixos, parecem ser repellidas, como as outras substancias combustiveis, pelas superficies positivamente electrizadas, e attrahidas pelas que são negativamente electricas. O oxygenio segue a ordem contraria, ou por outra, o oxygenio possuindo huma energia negativa, e as bases huma posetiva, não existem mais em combinação, quando hum d'entre elles he trazido á hum estado electrico opposto ao seu natural. Na synthese pelo contrario, as energias, ou attracçoens naturaes se equilibraõ entre si; ellas entraõ em lenta combinação á temperatura ordinaria; mas exaltadas pelo calor, formaõ rapida uniaõ, e produzem fogo como n'outros cazos semelhantes.—A acção das bases dos alkales, de que vamos tractar, mostrara a veracidade destas conclusõens geraes.

Propriedades e natureza da base da Potassa.

Descobertas as bases dos alkales fixos, restava a difficuldade de as conservar o tempo necessario para examinar as suas propriedades e submettelas a experiencias; por quanto ellas, a maneira dos alkabestos imaginados pelos alchemistas, obraõ mais ou menos sobre todos os corpos a que se expõem.

A substancia fluida mais propria para estas experiencias he a naphtha destillada de fresco, por ser a menos affectada neste cazo—neste liquido, abrigadas do ar se conservaõ estas bases por muitos dias sem

consideravel alteraçãõ, e as suas propriedades phizicas podem facilmente examinar-se na atmosphaera, quando estaõ cobertas de huma tenue pelicula.

A baze da potassa he, como ja dissemos, dotada de hum lustre metallico, tem a opacidade e apparencia ordinaria do mercurio, de maneira que os seos globulos postos juntamente, naõ podem pela vista differenciar-se.

A 60 graos de Fahrenheit he imperfeitamente fluida, he hum pouco mais a 70 e a 100 perfeitamente fluida. Aos 50 se torna huma substancia solida branca, malleavel e tem o lustre de prata polida. Perto do ponto da congelaçãõ, se faz mais dura e friavel, e quebrada em fragmentos apresenta hum tecido crystallizado, que ao microscopio parece composto de bellas facetas de perfeita alvura, e de hum grande esplendor metallico. Carece de hum fogo quasi candente para reduzir-se a vapor; e se a experiencia he bem feita, se acha depois da distillaçãõ, sem ser alterada.

He hum perfeito conductor da electricidade. Huma scentelha da batteria Voltaica de 100 de 6 polegadas, applicada a hum globulo grande exposto ao ar, o faz arder com huma luz verde, e a combustãõ tem lugar no ponto so do contacto. Quando se emprega hum globulo pequeno, dissipa-se completamente com huma explosãõ, acompanhada de huma chama vivissima, e vapores alkalinos.

He hum conductor excellente do calor. Semelhante aos outros metaes em todas as propriedades sensiveis, differe todavia de alguns delles na gravidade especifica, que he pouco mais ou menos á 60 de Fahrenheit para o mercurio, como 10 para 223, ou para agoa como 6 para 10; sendo deste modo o corpo fluido mais leve que se conhece. Na sua forma solida este corpo he hum pouco mais pezado, mas inda mesmo resfriado athé 40 de Farenheit, nada sobre a naphta redistillada.

As suas relaçoens chymicas saõ inda mais extraordinarias, que as suas physicas.

Combina-se com o oxygenio lentamente e sem chama á toda a temperatura abaixo da sua evaporisaçãõ—e á essa temperatura tem lugar a combustãõ com

humã luz clara e brilhante, e hum calor intenso. A base da potassa, lentamente aquecida n'humã quantidade de gaz oxygenio que não baste para a sua completa conversão em potassa, e a humã temperatura inadequada para a sua inflamação, muda de cor para hum pardo avermelhado. Tirado o calor, todo o oxygenio se acha absorbido, e forma-se hum solido de humã cor grisea, o qual consiste parte de potassa, e parte da base de potassa no mais pequeno grao de oxygenação—e que exposto á accção d'agoa, fogo, ou ar, se converte em potassa.

Esta base introduzida no gaz oxymuriatico arde espontaneamente com humã brilhante luz vermelha, e o sal branco formado prova ser muriato de potassa.

Quando hum globulo se aquece no hydrogenio a hum grao abaixo do seu ponto de evaporização, parece dissolver-se nelle, por quanto o globulo diminue em volume, e o gaz faz explosão com fumo alkalino, e humã luz brilhante, se he exposto ao ar; mas esta detonante propriedade espontanea he destruida pelo resfriamento, e a base se depoem totalmente ou em grande parte.

A base da potassa sendo lançada sobre agoa, ou trazida á contacto com humã gotta d'agoa na temperatura ordinaria, se decompõem com grande violencia, humã explosão estantanea he produzida com brilhante chama, e o resultado he humã solução de potassa pura. Nesta experiencia, ocorre muitas vezes hum phenomeno semelhante ao que he produzido na combustao do hydrogenio phosphorizado; a saber, hum circulo branco de vapor, que gradualmente se estende a proporção que se eleva no ar.

Quando se faz operar a agoa sobre a base da potassa fora do contacto do ar, e conservada por meio de hum tubo de vidro do baixo da naphtha, a decomposição he violenta; ha muito calor, e estrepito, mas nenhuma apparencia luminosoza, e o gaz que se desenvolve, examinado n'hum conveniente apparelho, mostra ser hydrogenio puro. Hum globulo da base de potassa posto sobre o gelo arde estantaneamente com humã luz brilhante; faz-se hum profundo bo-

raco no gelo, o qual contem huma soluçao de potassa.

Os phenomenos, que apresenta a base da potassa sobre a agoa exposta a atmosphaera, estaõ bem longe de huma obscura explicaçãõ. Elles parecem depender da forte attraçãõ da base pelo oxygenio, e da potassa que se forma pela agoa. O calor que rezulta das duas cauza, decompoziçãõ e combinaçãõ, he bastante intenso para produzir a inflamaçãõ. A agoa he hum mau conductor do calor, o globulo nada exposto ao ar; parte d'elle naturalmente se dissolve pelo aquecido hydrogenio, que se forma; e esta substancia sendo capaz de huma inflamaçãõ espontanea, communica pela explosãõ os effeitos combustivos ao resto da base, que ainda naõ está combinada. No cazo, em que o globulo opera sobre a agoa sem contacto de ar; o calor produzido se escapa rapidamente, de maneira que naõ ha igniçãõ; e sendo precisa huma temperatura maior para a soluçãõ da base no hydrogenio, esta combinaçãõ naõ tem provavelmente lugar, ou se o tem, he so temporariamente.

A produçãõ do alkale na decomposiçãõ d'agoa pela base da potassa, he demonstrada de huma maneira simples e satisfactoria, lançando hum globulo sobre hum papel tincto de curcuma humedecido. No momento em que o globulo vem a contacto com agoa, arde, e move-se rapidamente sobre o papel, como em busca da humidade, deixando hum rasto de hum vermelho escuro, e obrando no papel precisamente, como a potassa caustica seca. He tam forte o attraçãõ da base da potassa pelo oxygenio, e tam grande a energia da sua acçãõ sobre agoa, que descobre, e decompoem as suas mais pequenas quantidades contidas no alcohol, e ether, ainda quando saõ cuidadosamente purificados.

No ether esta decomposiçãõ he acompanhada de hum resultado instructivo. A potassa he soluvel neste fluido; e quando a base da potassa se lança nelle; o oxygenio se combina com ella, o hydrogenio se desenvolve, e o alkale formado perturba esbranquiçadamente o ether.

A base da potassa lançada em soluçoens de acidos mineraes, se inflama, e arde a superficie; e forma

com elles saes de base alkalina. Combina-se promptamente com alguns solidos inflamaveis, e com os metaes. Com o phosphoro e enxofre forma compostos semelhantes aos phosphoretos, e sulphuretos metallicos.

A nova substancia produz resultados extraordinarios e bellos com o mercurio. Quando huma parte della se junta a 8 ou 10 partes deste metal em volume a 60 graos de Fahrenleit, promptamente se unem, e formão huma substancia exactamente como o mercurio na cor, mas que parece ter menos coherencia pois que pequenas porçoens d'ella apparecem como espheras achatadas. Quando se combina hum globulo com hum globulo de mercurio duas vezes maior, rezulta desta uniaõ grande calor, e o composto he fluido na temperatura da sua formação; mas frio parece hum metal solido, semelhante a prata na cor. Augmentada a baze da potassa athé $\frac{1}{3}$ do pezo do mercurio, so augmenta a dureza d'amalgama, e esta se torna friavel. A amalgama solida, em que a base está na mais pequena porção, parece consistir de quasi huma parte em pezo da baze, e settenta de mercurio, e he muito branda e malleavel. Exposto ao ar, absorbe rapidamente o oxygenio; forma-se potassa deliquescente, e em poucos minutos o mercurio se acha puro, e sem alteração.

A amalgama fluida do mercurio e esta substancia, dissolve todos os metaes que á ella se expoem; e neste estado de uniaõ, o mercurio obra sobre o ferro e platina.

A baze da potassa aquecida com ouro, prata ou cobre, n'hum vazo de vidro puro feixado, obra rapidamente sobre elles; e quando os compostos são lançados n'agoa; decompõem-se este fluido, forma-se a potassa, e os metaes recobraõ o seu lustre.

Decompõem rapidamenté ao calor os oleos volateis, e obra sobre os concretos e fixos.

Reduz promptamente as oxydes metallicas, sendo aquecida com ellas; e por isso decompõem o vidro da silice, e o vidro verde. A hum calor vermelho, o vidro mais puro he alterado pela baze da potassa.

Propriedades e natureza da base da Soda.

A base da soda, como ja se mencionou, he huma substancia solida na temperatura ordinaria. He branca, opaca, e examinada debaixo da naphta, tem o lustre, e apparencia ordinaria da prata. He extremamente malleavel, e muito mais branda que qualquer outra substancia metallica ordinaria.

Conduz a electricidade e o calor do mesmo modo que a base da potassa; e pequenos globulos desta substancia se inflamaõ pela scintilha Voltaica, e ardem com brilhantes explosoens.

Sua gravidade especifica he menor que a d'agoa. Nada no oleo de sassafras de 1 o 96, sendo a agoa 1, e submerge-se em a naphta de gravidade especifica de .861.

A base da soda tem hum ponto mais alto de fusão que a base da potassa; as suas partes começão a perder a sua coheção quasi á 120 graos de Fahrenheit, e he perfeitamente fluida á 180, de maneira que promptamente se funde debaixo da naphta fervente.

Os phenomenos chymicos produzidos pela base da soda são analogos aos da base da potassa; mas com differenças tam caracteristicas, quaes podiaõ esperar-se.

A base da soda exposta á atmospherá, immediatamente se embacia, e pouco a pouco se cobre de huma crusta branca, a qual deliquesce mais devagar que a base da potassa, e bem examinada prova ser soda pura.

Combina-se lentamente com o oxygenio, e sem luminosa apparencia na temperatura ordinaria, mas á temperatura de ignição, produz huma chama branca, soltando brilhantes scintilhas com admiravel effeito. Ao ar commum arde com huma luz semelhante a do carvão, porem mais viva.

A base da soda aquecida no hydrogenio, parece não ter acção sobre elle. Introduzida no gaz oxymuriatico, arde vivamente com scintillaçoens numerosas de huma brilhante cor vermelha. Huma materia salina se forma durante a combustão, que mostra ser, como devia esperar-se, muriato de soda.

A sua operação sobre a agoa offerece huma evidencia mui satisfactoria da sua natureza. Lançada neste fluido, produz violenta effervescencia com grande buiha sibilante; combina-se com o oxygenio d'agoa, forma soda, que se dissolve, e o hydrogenio se escapa. Nesta operação não ha apparencia luminosa, e parece provavel que o hydrogenio, no principio da sua produção, seja incapaz de combinar-se com ella. Lançada em agoa quente, exhibe mais violenta decomposição; e neste cazo algumas scintillaçoens se observão geralmente a superficie do fluido.

Opera sobre o alcohol, e ether precisamente como a base da potassa. Decompõem-se a agoa n'elles contida; forma-se rapidamente a soda, e o hydrogenio se desenvolve.

A sua acção sobre os acidos fortes he violenta. No acido nitroso he acompanhada de inflamação vivissima; no muriatico, e sulphurico ha grande desenvolvimento de calor, mas nenhuma luz.

A respeito dos oleos fixos, e volateis, e da naphtha, ha huma perfeita coincidencia nos effeitos das duas novas substancia, a excepção da differença dos compostos saponaceos, que se formão; sendo os da soda de huma cor mais escura, e aparentemente menos soluveis. Nas differentes oxydaçoens, a base da soda mostra os mesmos effeitos que a base da potassa.

Não ha differença sensivel nos phenomenos da acção da base da soda, e base da potassa, sobre o enxofre, phosphoro, e metaes. Combina se a primeira com o enxofre em vasos topados, e cheios de vapor de naphtha, com grande vivacidade, luz, e calor, e muitas vezes com explosão, devida a evaporização do enxofre, e desenvolvimento do gaz hydrogenio sulphurizado. O phosphoreto tem a apparencia de chumbo, e forma phosphato de soda exposto ao ar, ou por combustão.

A base da soda em quantidade de $\frac{1}{2}$ torna o mercurio fixo, e solido de huma cor de prata; e a combinação he acompanhada de hum grao de calor consideravel. Faz liga com o estanho sem mudar-lhe a cor, e obra sobre o chumbo, e ouro, sendo aquecidos. Finalmente a sua amalgama com o mercurio parece for-

mar compostos triplos com os outros metaes, e com o enxofre.

Observações geraes.

Eis aqui pois em rezumo as experiencias, que analytical, e syntheticamente demonstraõ que as bases dos alkales fixos sao substancias *sui generis*, simples no sentido precizo da palavra; e dotadas das qualidades e relaçoens que acabamos de descrever. Estas qualidades, a saber, o seu lustre, opacidade, malleabilidade, o seu poder conductivo de calor e electricidade, as suas combinaçoens chymicas, &c. induzirão Davy com toda a razaõ a classar estas novas substancias entre os metaes; e posto que a sua gravidade especifica deffira muito daquelles; nao he isso obstante para que não entrem naquella classe; porquanto entre os outros metaes ha differenças a este respeito muito consideraveis. A platina, por exemplo, he quatro vezes quasi mais pezada que o tellurium, e a base da soda não excede muito mais de seis vezes o pezo deste metal. Assim seguindo as analogias, que fazem a base de todo o arranjo systematico, são estas novas substancias philosophicamente classificadas; e os nomes de Potassium, e Sodium, que Davy deo ás bases da potassa e soda são em tudo conformes á nomenclatura chymica dos outros metaes ultimamente descobertos, e adoptados pelo consenso geral dos philosophos. Quaesquer que sejaõ as mudanças na theoria relativamente a composiçaõ dos corpos, nunca estes termos poderaõ induzir em erro, limitados somente a exprimir os metaes produzidos da potassa e soda.

Grande cautella por tanto, segundo observa Davy, he preciza em avançar qualquer expressão theoretica, visto que os novos phenomenos electro-chymicos progredindo diariamente annunciaõ estar inda longe a epocha de huma completa generalizaçao de factos; e posto que na explicação dos resultados, elle tenha adoptado o methodo, e o systema antiglogistico; he contudo empregado mais pela idea da sua elegancia, e precizao, do que pela sua veracidade e permanencia.

A theoria dos gazes destruiu a hypotese de Stahl. Hum mais amplo conhecimento das substancias ethe-

reas pode effectuar para o futuro a destruição da engenhosa hypotese de Lavoisier. Mas no presente estado dos conhecimentos humanos, parece ella ser o methodo mais elegante, e approximado a huma philosophia chymica.

He provavel pois, que as bases metallicas dos alkalés, e os metaes communs fiquem no mesmo arranjo de substancias, nao obstantante começar-se a entrever a natureza composta daquelles corpos, e poder sustentat-se huma theoria phogistica.

Daqui se ve, quam imperfeitas tem sido as experiencias que se fizeraõ para refutar a opiniaõ, de que os alkalés, oxydes metallicas, e terras se podiaõ formar de ar e agoa somente, nos processos da vegetação; pois que a mesma agoa distillada, como Davy tem demonstrado, pode conter impregnaçoens metallicas, e salinas, e a livre atmospherá tem constantemente em suspensãõ mechanica substancias solidas de varia natureza.

... pode effluar para o futuro e de...
... estado dos conhecimentos humanos, porque ella se
... o methodo mais el...

MEDICINA.

... He provavel por... que as bases metallicas dos alk-
... les e de matas commu... no mesmo grau...
... mento de substancias, nao obstante commu... se a
... caracter a natureza commu... das... e po-
... dar sustentar-se huma...

ENSAIO

Em que se examina ate que ponto os effluvios dos corpos animaes mortos, passando pelo processo natural da putrefacção saõ aptos a produzir Febres Malignas Pestilenciaes; e ate que ponto taes effluvios saõ capazes de excitar hum movimento putrefactivo, nas substancias animaes vivas expostas á sua acção? Por C. Chisholm, M. D. F. R. S. &c.

Eu vou, diz o A., aventurar huma opiniaõ, que pode encontrar da parte do prejuizo huma resistencia mais formidavel, doque aquella, que eu pertendi outrora sustentar, pois que na verdade parece n'huma vista geral, menos sustentavel: quero dizer—que os effluvios dos corpos animaes mortos passando pelo processo ordinario de putrefacção, e livremente diffundidos pela atmosphaera, nao saõ mais nocivos aos corpos animaes vivos expostos á sua acção, doque o seu fetido aos nervos olfactorios (*): e que quando saõ limitados a hum pequeno espaço, e seos principios, em vez de entrarem em novas combinaçoens, se concentraõ, e naquelle estado, se applicaõ, ou se recebem pelos corpos animaes vivos; estes effluvios podem obrar como venenos, produzindo no corpo animal vivo talvez febre; mas incommunicavel, e incapas de propagação por contagio; ou talvez morte instantanea pela subita exhaustaõ do principio vital. A falta de decizao dos mais habeis chimicos relativamente á natureza precisa daquelles effluvios he mui notavel, e deve em circumstancias taes, produzir duvidas. Tirar concluçoens das analyses que elles

* Nasorum sunt pestes—Ramazzini.

nos tem dado dos productos gazosos das substancias animaes putrescentes, e applicar estas conclusões á investigação das causas de doenças attribuidas áquella origem, seria, imagino eu, tão pouco philosophico, como inutil. Os mais claros resultados só seriam conjecturaes. Parece-me pois que a marcha mais racional de exame he referir factos—factos obvios aos sentidos, evidentes, a todo o entendimento, que apresentem huma linha clara, e sensivel de differença—separando-os de toda a idea de especulação chimica, ou theoretica.

Os escriptores de systemas de Medicina infelizmente em muitos cazos dão os factos por certos; copiaõ dos seus predecessores, e assim se promulga de idade em idade huma opiniaõ, que provavelmente não teve outra origem mais que a superstição, ou conjectura.—As substancias que offendem o sentido do cheiro devem ser nocivas á total economia do corpo, e necessariamente excitar nelle aquelle tumulto, ou desordem pela qual se designa huma febre podre, maligna, ou pestilencial. Assim tem os propagadores originaes desta opiniaõ raciocinado sem exame; assim tem subsequentes compiladores dado credito sem investigação. O genero humano he propenso a julgar das coizas pelo exterior:—e hum fetido offensivo, hum aspecto rude, e desagradavel, hum gosto amargo, e nauseante, trazem ao espirito huma idea de malignidade, que a imaginação bem depressa converte em cauza morboza de huma acção desoladora. He assim que os effluvios animaes putridos, ou os effluvios provenientes dos corpos animaes putrescentes, mesmo no seu estado mais amplamente diffundido, são por huma operação muito ordinaria do espirito, reputados agentes de pestilencia, e morte. Os Escriptores Medicos ate agora tem dado muito a está crença; e tem-se tornado hum axioma em Phizica Medica, que taes effluvios quer no estado de diffusão, ou de concentração, certissima, e frequentemente produzem febres malignas, e pestilenciaes.

Mas não acontecendo, que os carnicheiros—fabricadores de sabaõ, e sebo, e outros, que pelo seu trafico se occupaõ em converter substancias animaes putridas em fins uteis, e por isso expostos á inhala-

ção dos effluvios, que delles procedem, sejaõ molestados com doenças, attribuidas a tal origem; segue-se que se taes doenças, febres malignas, e putridas, por exemplo, procederaõ alguma vez destes effluvios, nos podemos somente explicar isso, suppondo essas exhalaçoes limitadas a hum pequeno espaço e ali concentradas; isto he, tendo os seus principios intimamente unidos em hum composto de huma natureza mui pernicioza, e inaccessibleis a substancias ou fluidos, cujas affinidades podessem formar novas combinaçoens com as bazes destes principios. O effeito todavia he local, e termina no individuo exposto a acção daquella cauza*.

Tal arranjo de cauza morbosa pode explicar na verdade as febres malignas providas dos measmas das substancias animaes putridas nos campos estacionarios; por quanto ali muitas vezes encontramos todas as condiçoens que tenho mencionado†. A tenda

* De facto a cauza do Typho he, creio eu, huma mudança indefinida no ar athmosferico provinda do seu enserramento em hum pequeno espaço, e incapaz, em alto grão, de renovar-se, e da respiraçoõ dos effluvios, que se exhalão das pessoas, que habitão nos miseraveis, e estreitos recintos, onde a febre geralmente se encontra, ella nada tem, quanto a mim, com os effluvios das substancias animaes putridas, em qualquer estado que existão. Nos conhecemos mui pouco, ou para melhor dizer quasi ignoramos, a natureza, e composiçoõ do contagio. Huma coiza todavia sabemos nos, e he, que existe huma distincção mui importante entre os effluvios das materias animaes putridas, e a materia gazoza, que constitue o contagio; distincção melhor percebida pelos effeitos, do que pela constituição, ou natureza dos agentes. Eu prevejo que me podem accuzar de inconsequente, por asseverar huma propozição opposta á que se acha na minha carta ao Dr. Haygarth. Porem nisto, creio manifestar aquella disposiçoõ, que deve predominar nos espiritos daquelles, cujo objecto em todas as discussões he a verdade. Subsequente exame, e reflexão me convenceraõ, que eu não me apoiava em seguras bazes, quando asseverava, que entre as causas da pestilencia, se devia contar o producto das substancias animaes de toda a sorte, privadas de vida, e em estado de putrefacção, &c. Eu de bom grado concordo com a critica sobre a minha carta ao Dr. Haygarth, em que elle diz—nos somos mais inclinados a pensar, que ha hum contagio especifico distincto da mera putrefacção, o qual talvez não he conhecivel por algum dos nossos sentidos.—*Crit. Rev. Julho de 1809.*—A questaõ de Guyton Morvean intelligivelmente não tem tido resposta, e receio acrescentar, que nunca a terá.—*Qual he pois a natureza daquelles corpusculos inverzeis, que, á imitação dos seres organicos, possuem o poder da reproducção, e de assemelhar á sua propria essencia tudo aquillo que tocaõ, e que parecem assumir a vida a fim somente de propagar a morte?*

† Este facto não escapou á observaçoõ do Dr. Rusch de Philadelphia. “O exercito, (diz elle) quando estava abarracado era sempre mais doentio, que estando em pleno ar: elle era sempre mais sadio, quando

de hum soldado he hum espaço mui limitado, apenas exposto em acampamentos estacionarios, á perflação do ar puro athmosferico—e dentro della taes measmás gerados a miudo, e a miudo concentrados, durante a noite geralmente, e frequentemente de dia, envolvem o corpo do soldado. O mesmo acontece nas barracas, e transportes. Mas estas febres não são contagiosas, ou pestilenciaes, huma vez, que não concorra a cauza, que não pode ter lugar de baixo do conveniente tratamento, e destribuição dos soldados. Huma prova desta propozição he, que os officiaes mais cuidadosos de prevenir, ou evitar esta concentração de measmás animaes putridos, são sadios; outra prova he que a mudança de acampamento terminando a acção da cauza faz cessar o effeito iustantaneamente; nem este torna a apparecer se não se renovaõ as circumstancias que o produzirão. Outra, e ainda mais convincente prova he, que quando hum regimento tem a fortuna de ser commandado por hum official esclarecido, activo e humado; cujo cuidado, e deligencias se encaminhaõ tanto á purificação do ar, e consequente conservação da saude dos seos soldados, como a sua disciplina militar,—taes febres não apparecem, e muitas vezes nem mesmo doenças:—ou se alguma prevalece he promptamente debellada. Hum dos mais notaveis exemplos que tenho testemunhado foi exhibido por dois Officiaes Commandantes do Regimento 45. acantonado em Granada em 1788. Hum, pela mais criminoza negligencia permittia a accumulacão de toda a especie de immundice, e muito principalmente dos fragmentos putridos das substancias animaes; não tratava de prevenir o uzo universal, e excessivo dos peiores liquores espirituosos, não instituia regularidade no exercicio, e obrigaçoens da Parada. Elle vio a consequencia necessaria, (huma febre de huma natureza maligna, e fatal, mas não contagioza, nascer nas barracas dos soldados) com huma estupidéz, e perversidade incompativeis com a humani-

“ estava em movimento, doque quando estava acampado.” A minha propria experiencia durante a marcha de consideraveis corpos militares confirma amplamente as observações de Dr. Rusch.

dade. Durante o maior predominio desta febre, hum official superior de hum character, a todos os respeitos opposto, chegou da Europa, e substituiu o primeiro. A mais seria attenção foi prestada ao aceio, ventilação, e exercicio, e mais especialmente ao regulamento da dieta, e remoção, ou destruição dos fragmentos da materia animal putrida, refugio das suas raçoens. Huma nova, e mui consoladora scena teve lugar:—a febre cessou, e a saude, e o conforto recobrarão os seus postos. O official, cujos humanos, e activos esforços effeituaraõ esta mudança subita, e salutar, era o Tenente Coronel Oliver Nicolls, hoje Tenente General.

He sem duvida, penso eu, devido principalmente a esta concentração dos principios dos effluvios, que das substancias animaes putrescentes passaõ a hum virulento veneno, que exercitos tem sido tantas vezes destruidos por febres malignas, geradas, e limitadas ao lugar. Ignaros de economia, prodigos na abundancia, os soldados irregulares de idades menos luminosas, deixavaõ accumular em torno de si, prodigiosos montoes de materias putridas animaes nos seus estacionarios acampamentos: a fome era muitas vezes o resultado, e entrepunha a sua desolante ajuda. As historias das campanhas em mais barbaras idades, recordaõ muitas vezes catastrofes taõ fataes e mesmo no decimo quinto, sexto, e septimo seculo não havia sufficientes luzes para as prevenir. Ramazzini, que tomou a sua informaçãõ dos mais celebres, e instruidos Phizicos do seu tempo, não hesita em reconhecer e lamentar isto mesmo.

Mas os Escriptores Medicos, e particularmente os escriptores systematicos frequentemente nos dizem que as febres que muitas vezes desolaõ os exercitos, tem a sua cauza nos effluvios provindos da putrefacção dos corpos insepultos de homens, e cavallo mortos na batalha. Estou muito inclinado a crer que isto he huma idea meramente theoretica, por duas razoes, 1. Nos temos innumeraveis exemplos de prodigiosa mortandade em batalhas, sem que este effeito se tenha seguido. 2. Em todos os cazos trazidos em apoio desta opiniaõ nós achamos causas morbozas existentes mui poderozas, e plenamente ca-

pazes de produzir este effeito, sem recorreremõs a huma cauza duvidoza. Se algumas provas directas, e não equivocas se tivessem dado da efficacia daquelles effluvios em produzirem o *Typhus gravior*, ou as differentes especies de *Tritacophya*, eu estaria prompto a submeter-me a opniaõ fundada em taes premissas, mas eu creio que não ha memoria de haver taes provas directas e não equivocas. Por outro lado ha sempre hum ajuntamento heterogeneo de causas nos phenomenos, que se nos apresentaõ:— a simplicidade, a homogeneidade da natureza, por assim dizer, não he attendida; não se assigna a cauza precisa, de hum preciso effeito: mas muitas causas se empregão para produzir hum preciso effeito: ou muitos effeitos se fazem proceder de huma cauza. Não vendo causas obvias na natureza para aquellas doenças, que espalhão a sua mortifera influencia epidemicamente, com mais especialidade as pestilenciaes, alem da constituição indeterminada, e talvez indeterminavel da athmosfera, a que constantemente se referia, Hypocrates insinua, que ellas devem attribuir-se á colera dos Geos—*simul vero, et si quid divini in morbis inest*—modo facil de rezolver huma difficuldade: e de certo he tal a sua obscuridade, que nos a devemos reconhecer, como a mais obvia—por quanto, que illucidação nos tem fornecido a nossa gabada sciencia da Natureza, e suas operaçoens acerca da origem, e precisa natureza do contagio? Galleno com tudo menos escrupulozo, ou mais especulativo imaginou, e não duvido, creio ver estas causas nas mudanças das estaçoens (*μεταβολης των ωριων*) no estado, ou constituição da athmosfera (*εκ της περι τον αιρα καταστασιως*) em situaçoens sujeitas a hum grande calor, e humidade; e na inspiração dos measmas putridos provindos ou de huma multidaõ de corpos mortos entregues á putrefacção, como depois de batalhas, ou dos lagos estagnados, e pantanos. Os Medicos, depois de Galeno, tem fundado as suas opinioens á cerca das causas das febres pestilenciaes sobre premissas, taõ incertas, como as que se acabaõ de referir—sobre premissas, que os seos successores tem provado

ser insufficientes, ou inadequadas, em quanto estas á sua vez tem cedido a outras igualmente pouco satisfactorias. Os annaes, e mais especialmente os systemas de Medicina fornecem lamentaveis provas desta verdade; e a experiencia de Medicos esclarecidos, e de ideas liberaes apoia as claras, e comprehensivas notas de Mr. Boyle, em quanto ella da ponto lugar á admissã das conjecturas daquelle Philosopho a este respeito. Elle dezeja tomar hum caminho medio entre as cauzas sobrenaturaes e naturaes; mas deixa—nos sempre no escuro, attribuindo a pestilencia a exhalaçoes subterraneas. “ Aquelles, diz elle, que a derivaõ do influxo, e aspecto maligno dos Astros, alem de suporem coizas mui difficteis de provar-se, recorrem á agentes mui remotos, mui geraes, e mui indeterminados, para que se possaõ olhar como cauzas dos symptomas particulares, e fenomenos que muitas vezes acompanhaõ a pestilencia.

Quanto ás outras seitas de Medicos, que dirivaõ confidentemente a peste, huns da putrefacção interna, e outros dos calores excessivos, maos cheiros, alimentos corruptos, e outros celebradas cauzas, ainda que cada hum allegue plauziveis razoens em seo favor; com tudo as objecções contra os seus adversarios saõ mais fortes que os argumentos que produzem a seu favor. O erudito Diemerbroeck, ainda que o sua hypothese pareça ser mais theologica, que philosophica, tem enervado muito os argumentos produzidos pelas varias opinioens ultimamente mencionadas, e de que elle discrepa.” As fontes que forneceraõ a Boyle os seus conhecimentos foraõ o consultar authores naõ communs, e tirar informações de grandes viajantes, e navegadores. “ Por estes meios eu vim a saber, que diversos, e vastos paizes saõ de ordinario livres de peste, que segundo a hypothese vulgar devem ser tanto, senaõ mais, sujeitos a ella, que a Inglaterra, França, e Italia, e as outras partes da Europa, e Asia, onde aquella doença fatal se exacerba de tempo em tempo, nas tostadas regioens de Africa onde os excessivos calores deveriaõ ser cauza de que a peste fizesse mais frequentes

vizitas que em nossos temperados paizes da Europa.”

Depois de enumerar varios paizes—Guiné, Numidia, Nova Inglaterra, China, Indias Orientaes, &c. que são quasi izentos de pestilencia, elle procede, “Quando pois considero quam vasta estensão de terras se comprehende naquelles paizes, alguns dos quaes nao são atacados da peste, e outros só mui poucas vezes; parece-me esta immuidade mui desfavorel á maior parte, senão a todas as opinioens recebidas entre os Medicos, como taobem a do mesmo Diemerbroeck, que diriva a peste de huma cauza sobre natural—A colera de Deos contra os peccados dos homens. Por quanto, em regioens taõ estensas, e taõ populozas, como as que estão situadas debaixo de climas taõ differentes, e algumas dellas habitadas por naçoens que fazem guerra com numerozós exercitos, daõ sanguinolentas batalhas, deixaõ *montoens de corpos inseputlos expostos ao calor putrefaciente do sol*, os habitantes são muitas vezes forçados a viver de alimentos insalutiferos, e desuzados;—naquellas regioens, digo eu, não he imaginavel, que a grande intemperie do ar, especialmente em cazo de calor, fetido de corpos mortos em batalha, insalubridade de alimentos, n’huma palavra, todas as cauzas a que os differentes Medicos referem a peste, deve faltar mais, que na nossa Europa; e com tudo a peste, que se prezume ser o effeito de huma, ou outra destas cauzas, não he aqui observada.”—Este longo extracto exclue a necessidade de mais citaçoens a favor da minha propositão.*

* O celebre Sthal explica esta diversidade, e instabilidade de opiniaõ da maneira seguinte.—“Dolendum est, quod nullus auctor febrium species distinxerit, nisi ex præconcepta putredinis, et malignitatis opinione, ita ut individuas observatione compertas ad suam speciem imo, ad genus referre difficilimum est: Hoc ex inde factum est, quod nullus auctor historiam morbi seponat ab ejus theoria philosophica, ut semper causam supponat cognitam atque exinde signa characteristica derivare contendat; quo errore nihil pejus in re Medica.”—He esta certamente a principal cauza da retardação dos conhecimentos pathologicos; e com tudo he algumas vezes pasmozote que ponto ella pode estender-se. Alem disso tem sido taes os prejuizos relativos á supposta excluziva agencia de putrefacção animal na producção das febres putridas, ou pestilencias, que alguns Me-

Há motivos para crer, que mesino a concentração dos measmias das substancias putridas animaes não dão origem a febres, e nunca, ou mui raras vezes, a doença de qualquer natureza. Os sequintes factos depoem contra huma concluzaõ opposta. 1. Nas vizinhanças de Bitton em Gloucestershire, quasi huma milha de Willsbridge, que foi a minha residencia por quatro annos, ha huma manufactura de ossos, que depois da extracção do seu oleo medullar pela fervura, são destilados, e fornecem os ordinarios productos de muriato ammoniacal, e sulfato de soda. Desta manufactura sahe hum fetido da natureza a mais offensiva, e nauzeante, e enche a atmosphaera quasi huma milha em torno, diminuindo á proporção que se affasta da sua nascente, e da sua diluição, ou decompozição. O paiz he muito habitado, e junto á mesma manufactura está a aldea de Oldeland, cuja povoação he mui consideravel. Com tudo em nenhum cazo tem esta manufactura provado ser de algum modo nociva á saude. Eu a vizitei frequentemente com a mais completa impunidade. Por alguns annos o Superintendente Mr. Henderson, sua mulher, e familia viverão n'huma

dicos tem considerado Baleas, que dão á costa, como cauza de ampla diffuzaõ de pestilencia, e morte. Hum facto desta natureza he referido por Foresto. Elle estabelece como principio geral, que peixes mortos, e a podrecendo n'agoa, "*præcipue in lacubus, et stagnis minus que mobilibus*" infectão primeiramente o ar, e produzem depois a peste. Isto diz elle pode acontecer mesmo no Oceano, se a cazo se lançarem peixes especialmente os grandes vivos, *vel mortuos*, nas suas praias, acontecimento assas singular. Elle procede depois a circunstanciar os effeitos mortaes de hum peixe, especie de Balea, *ingentis magnitudinis atque portentose molis*, que deo á costa junto a Egmond ao norte da Hollanda. Nos somos todavia de parecer que Forestus era hum dos observadores de disciplina *Astrorum*, e hum crente nas cauza occultas das doenças; e que á imitação de alguns Medicos Americanos do tempo prezente, confunde as febres, que nascem de paues com aquellas que procedem' immediatamente do contagio, e as designa pelo nome geral de peste, e febre pestilencial. Isto he mais particularmente notavel na relação da febre endemica, que reinava na cidade de Delft durante os mezes quentes. Elle chama esta ordinariamente peste; mas a cauza he evidentemente local, e produtora de febres remittentes biliozas:—*In loco profundiore sita est (Delft) et aquas non currentes, aut fluentes habet: ita ut alitum quendam putridum moleque olentem emittant.* Que mais he necessario para a producção das remittentes biliozas? E com tudo este Author he citado muitas vezes como prova da febre pestilencial, (*Typhus, et Typhus gravior*); ainda que seja hum facto estabelecido em Pathologia, que a pestilencia não pode proceder de tal cauza.

caza contigua por hum lado áquelle onde as retortas estavaõ collocadas; e por outro aquella em que se ferviaõ os ossos:—com tudo elles tinhaõ toda a apparencia de saude, e me asseguráraõ que realmente a tinhaõ. Vagando huma caza mais commoda n'hum vizinho oiteiro, Mr. Henderson a arrendou para a sua familia. Pouco depois que começaraõ a rezidir nella, perderaõ a sua saude, e estavaõ, quando os eu vi, determinados a voltar para a sua antiga, e fetida habitaçaõ. Morveau, e Chaptal mencionaõ esta auzencia de molestias nas manufacturas de sal ammoniaco, e outras.

2. Entre Bristol, e Hanham nas margens do Avon está Conham, notavel só por ter sido escolhida para sede de huma estensa manufactura destinada á conversão de carnes de animaes mortos em huma substancia semelhante ao espermacete—projecto que fora abandonado por alguns annos. Esta não sendo mui distante de Willisbridge, eu fiz varias indagaçoens para ver até que ponto a saude das pessoas occupadas naquelle processo era affectada, e a dos habitantes da sua mui populosa vizinhança. O superintendente Ricardo Bolston, agora rezidente em Jeffries-hill junto a Hanham, foi o meu principal informante: e a sua relação foi confirmada pela de Thomas Pearsall de Willisbrige, e de outras pessoas respeitaveis. Bolston esteve constantemente dois annos empregado naquelle lugar, e durante esse tempo rezidio no meio dos corpos animaes mortos, cavallo, burros, e caens, muitos dos quaes se tinhaõ deixado passar pelo processo ordinario da putrefacção. Elle tinha consigo tres trabalhadores; e declara, que nem elle, nem algum daquelles homens experimentou a mais leve indisposiçaõ, ou o mais pequeno inconveniente. O seu emprego consistia em dissecar cadáveres, em separar a carne muscular dos ossos, e dispo-la primeiro em caixas perforadas para a admissãõ de agoa, as quaes eraõ postas depois em poços: as entranhas, e as outras partes, que lhe não eraõ uteis, eraõ deixadas apodrecer á superficie. Os poços preparados para a materia animal assim disposta tinhaõ sete pez de altura, e quatro de largo, e comprimento, e cada

hum delles calculado para conter a carne de cincoenta cavallos, fora burros, e caens. Pode-se por tanto formar huma idea do immenso volume dos effluvios dos animaes putridos, que rodeavaõ constantemente as pessoas de Bolston, e os trabalhadores, advertindo-se, que havia seis daquelles poços, e consequentemente tresentos cadaveres de cavallos, e outros tantos caens e burros exhalando em maior, ou menor abundancia os seos offensivos measmas. Naõ obstante isto Bolston declara que, ainda que o fetido era excessivamente activo; com tudo elle, e os outros nunca soffreraõ incommodos; e disto saõ testemunhas os habitantes circumvizinhos.

3. Outro factõ notavel mui conhecido onde ha consideraveis manufacturas de refinar assucar he que os carniceiros conservaõ o sangue dos animaes mortos em vasos abertos, guardados em pequenas cazas fechadas, algumas vezes por semanas, ate completar-se a quantidade requerida, ou ate que os refinadores do assucar o peçaõ. Elle he pois conduzido em carros n'hum estado putrido pelas ruas publicas para as cazas do assucar, derramando os mais fetidos effluvios extremamente incommodos aos que o acarretaõ; raras vezes he logo empregado pelos refinadores, mas he guardado em vasos n'hum estado putrido, enchendo o ar da fabrica, e dos lugares vizinhos de seos putridos measmas, ou do que Galeno, e seos sectarios chamariaõ *αιτια λοιμω γενησομενα*, as sementes da pestilencia. Mas que acontece aos trabalhadores, e habitantes das cazas vizinhas?—Nada prejudicial á sua saude. Este factõ ocorre constantemente na cidade de Bristol, onde em geral as ruas saõ mui estreitas, e as cazas excessivamente apertadas, e mal arejadas; e com tudo a natureza innocente daquellas exhalacoens pode diariamente verificar-se. Eu fallo por observação propria, e experiencia dos maiores refinadores. No veraõ ella he mais notavel, que no inverno*.

* Nos não podemos na maior parte dos cazos precedentes/ recorrer áos engenhosos calculos dados pelo Dr. Mitchill de Nova York, na sua defeza dos fabricantes de sabaõ, e sebo daquella cidade. Elle avalia o consumo annual de sabaõ em Nova York em 364,000 libras—hum terço desta quantidade he sal alcalino: por conseguinte a potassa gasta, ou lançada fora, monta a 121,333 libras, ou mais que cincoenta e quatro toneladas, Nos devemos attribuir a outras cauzas a izempçaõ que os

habitantes experimentaõ do effeito deleterio, ou admittir a natureza innocente dos prodigiosos volumes das exhalaçoes putridas animaes. N'hum cazo, talvez o mais notavel, a tentativa de manufacturar substancias adipozas, he evidente, que nenhum sal alcalino podia fornecer o seu poder correctivo; por tanto se nos supponos que vapores pestilenciaes se levantaõ daquellas exhalaçoes, nada havia ali que prevenisse a sua desenvoluçãõ. Estes factos comparados entre si saõ mui importantes de qualquer modo que se considerem; por quanto, se este immenso cumulo de sal alcalino naõ pode suppor-se ter alguma *agencia* na correccãõ dos vapores putridos animaes, entaõ todas as manufacturas, donde elles se exhalãõ se devem considerar como innocentes:—se a sua acçãõ se admite, entaõ nos percebemos que o veneno possui em si mesmo o antidoto. Talvez o nosso modo mais seguro de raciocinar na occasiaõ presente seria este—ha huma compensaçãõ na natureza para todos os males necessarios—e os effluvios, talvez *cunctarum exordia rerum* do Poeta Philosopho, vindos do processo da putrefacçãõ animal, considerados como destruidores da vida pelos indiscretos, e visionarios, apenas diffundidos na atmosfera, saõ logo absorvidos pelos inhalantes dos vegetaes, ou mudaõ de natureza pela a attracçãõ das affinidades chemicas, e novas combinaçoes, que dali rezultaõ.

Haud igitur penitus pereunt quæcunque videntur;

Quando aliud ex alio reficit natura, nec ulla

Rem gigni patitur, nisi morte ajuta aliena.

Lucr. l. 263.

[Continuar-se-ha.]

AGRICULTURA, E BOTANICA.

Methodo proveitozo para evitar a ferrugem dos trigos segundo se uza em algumas partes de Inglaterra.

NA escolha do trigo para as sementeiras deve haver hum grande cuidado de que não passe por muitas maons, ou toque substancias gordurentas.

Ponha-se o trigo em pequenas porçoens de cada vez (hum alqueire pouco mais ou menos) n'hum grande tina bem limpa com bastante agoa, e mecha-se muito bem com huma pá, espumando tudo o que fluctuar á superficie: quando a semente não lançar mais substancias que sobrenadem, deve tirar-se, e secar-se para a sementeira.

He de tanta importancia, como o alimpar a semente, o ter cuidado deque no estrume das terras não vá substancia alguma capaz de infectar os campos: mui principalmente se deve ter cuidado em que as varreduras das eiras, e selleiros se não deitem nos campos que se vão semear, para que os foliculos da ferrugem, que ali pode haver, senão desenvolvão, e propaguem.

Ha huma joeira feita de arame com orificios tão pequenos, que o trigo não pode passar por elles, mui propria para este uzo. Enche-se esta joeira, ate ao meio, de trigo que se quer limpar, a qual se mergulha na tina de agoa, e se agita muito bem dentro della. Por este meio os pequenos foliculos se separão, e as particulas mais pezadas e finas passaõ pelos boracos, e com pequena destreza, se facilmente a joeira com o trigo limpo debaixo das particulas fluctuantes: depois agita-se n'outra tina de agoa, para o tornar a lavar; e entã se tira da joeira para se enxugar.

Será porem muito melhor, onde isto se poder fazer, pôr as tinas em parte onde passe huma torrente de agoa.

Carta de T. A. Knight Esq. a Sir Joseph Banks, sobre as partes das arvores que primeiro se deteriorão com o tempo, lida em Março de 1810.

Meu caro Snr.

A primeira communicação que tive a honra de dirigir-vos foi no anno de 1795; eu referi o resultado de muitas experiencias sobre arvores enxertadas, das quaes inferi que qualquer variedade pode propagar-se com bom successo durante somente hum limitado periodo; e que o enxerto, ou garfo, ou outra parte destacada da antiga arvore ou antiga variedade, nunca pode formar o que se chama com propriedade a—arvore nova.

Eu tenho subseqüentemente pertendido mostrar qual dos varios orgaos que compoem a arvore deixa primeiro de executar seos officios, ou funcçoens, e tende assim a trazer a debilidade incuravel da velhice; e o resultado destas experiencias me parece assas interessante para induzir-me a communicar-vos a sua relação.

Qualquer que seja a differença que existe entre as funcçoens da vida animal, e vegetal, ha huma analogia mui obvia entre alguns dos orgaos das plantas, e dos animaes; e não parece muito improvavel que o orgão correspondente, em cada hum, deixe primeiro de executar seos officios; e huma evidencia satisfactoria da imperfeita acção de qualquer orgão particular pode mais facilmente obter-se no mundo vegetal, que no animal. Por quanto huma arvore pode ser composta pela arte do enxertador das partes destacadas de muitas outras; e a operação defectiva, ou efficiente de cada orgão pode por isso observar-se com maior exactidão. Mas taes observaçoens não se podem fazer sobre animaes; porque as operações necessarias não podem executar-se; e por isso, ainda que houvesse muito perigo de errar em transferir incautamente os phenomenos de huma classe dos seres organicos para outra, eu concebo que as experiencias feitas nas plantas podem em muitos cazos ser uteis ao investigador da economia animal. Ellas podem dirigi-lo nas suas tentativas, ou ensaios, e possivelmente facilitar as suas indagaçoens sobre as cauzas imme-

diatas do decahimento do vigor, e vida animal; e n'hum objecto de tanta importancia para o genero humano, nenhuma fonte de informaçãõ deve ficar inexplorada, e nenhũmas luzes desprezadas, por fracas que sejaõ.

Os naturalistas dos tempos antigos, e modernos tem considerado a estructura das plantas como huma inversãõ da dos animaes, e tem comparado as raizes aos intestinos, e as folhas aos pulmoens dos animaes; e a analogia entre a seiva vegetal, e o sangue animal, he muito approximada, e obvia. As experiencias taobem, cujas relaçoens vos tenho communicado em differentes periodos, sustentadas pelos factos previamente estabelecidos por outros naturalistas, apenas deixaõ fundamentos racionaveis de duvida, que a seiva das arvores circula tanto, quanto he apparentemente necessario, ou coherente com o seu estado de existencia, e crescimento.

As raizes das arvores particularmente aquellas que se cortaõ em certos, e determinados periodos, continuaõ a produzir, e a nutrir huma successãõ de ramos por tanto tempo, que não precizo de mais experiencias para convencer-me, que nao he alguma açcãõ defectiva da raiz, que occasiona a debilidadade, e doenças das variedades propectas da Maceira, e Pe-reira; e na verdade todas as experiencias mostraõ, que o tronco de hum novo pimpolho não dá o character de mocidade ao botaõ enxertado, ou garfo. Todavia eu procurei plantas de enxertos de variedades mui velhas de Maceira, que promptamente lanço raizes; e estas plantas no fim de dois annos foraõ enxertadas quaze duas polegadas acima do chaõ com huma nova e mui viçoza variedade da mesma especie. Estes enxertos cresceraõ mui livremente, e as mesmas raizes no fim de quatro ou cinco annos provavelmente continuaõ, pelo menos, dez vezes tanto alburno, quanto conteriaõ se as arvores nao tivessem sido enxertadas. As raizes não tinhaõ a menor apparencia de doença, ou defeito.

Alguns troncos de Maceira brava foraõ ao mesmo tempo enxertados em hum Rainete doirado n'hum terreno, onde o linho daquella variedade raras vezes vivia mais de dois annos; e tornei a enxertar, os re-

bentoens annuaes do Rainete doirado nos garfos de huma Maceira brava, nova e sadia, a ponto de incluir huma porção do lenho do Rainete doirado entre as raizes, e os ramos da especie nativa inculta, ou Maceira brava; e nesta situação elle cresceo tão bem como o lenho do tronco, e ramos. Alguns ramos também das arvores do Rainete doirado, que eu mencionei na minha primeira communicacão de 1795 estando mui cancerosos foraõ cortados, quasi hum pé acima da junção dos enxertos nos troncos, e foraõ reenchertados em huma nova e sadia variedade. Partes do lenho do Rainete doirado, em que havia muitas manchas cancerozas estavaõ collocadas entre os garfos novamente enxertados, e os troncos; e estas partes subsequentemente foraõ livres da doença, e as feridas previamente feitas pelo cancro foraõ de todo cobertas de hum cortice novo, e sadio. Estes factos por tanto me convenceraõ, que a debilidade, e doenças das variedades proectas dos fructos desta especie não se originavaõ de acção defectiva do cortice, ou alburno, quer da raiz, quer da hastea, e ramos; e a minha attenção foi consequentemente dirigida para a folha, e rebentaõ animal succulento.

Alguns garfos de Rainete doirado foraõ enxertados em troncos de Maceira brava n'huma situação, e terreno, onde asseverei antes, que o lenho do Rainete doirado raras vezes fica em saude no fim do segundo anno; e logo que os rebentoens annuaes adquiriraõ sufficiente crescimento, e firmeza, se lhes enxertaraõ numerosos botoens de huma variedade nova, e viçosa da maça, que acabava de brotar da semente. Durante o inverno seguinte os botoens naturaes dos ramos do Rainete doirado foraõ destruidos, e só os enxertados remanescaraõ; e logo que as folhas destes se abriãõ, e entraraõ nas suas funcçoens, todos os symptomas de debilidade, e doença desappareceraõ no cortice, e lenho do Rainete doirado; e cada hum continuou a executar as suas funcçoens tão bem como o lenho, e cortice dos troncos do joven pimpolho teriaõ feito debaixo de semelhantes circumstancias. Eu fiz as mesmas experiencias na Pereira, e obtive os mesmos resultados.

Eu tentei em varias communicaçoes antecedentes

provar que a seiva das plantas circula pelas folhas, assim como o sangue dos animaes circula pelos pulmoens, e não tenho achado factos subseqüentes nos escritos dos outros naturalistas, ou nas minhas experiencias, que deponhaõ contra esta concluzaõ. Tenho taobem observado, que arvores enxertadas com velhas, e enfraquecidas variedades de fructos se tornavaõ mais doentes em terrenos ferteis, e mesmo quando as enxertias se faziaõ em troncos do mais vigorozo crescimento; o que me induzio a suspeitar, que em taes cazos se collige, e leva para a planta mais sustento doque as suas folhas podem preparar, e assemelbar; e que a materia assim junta que deveria promover a saude, eo crescimento n'huma variedade robusta, gera pelo seu cumulo doencas nas extremidades dos ramos, e rebentoens annuaes, em quanto a parte inferior do tronco, e raizes remañescem, em geral, livres de qualquer enfermidade apparente. Estou por tanto disposto a attribuir as doencas, e debilidade da velhice nas arvores a huma inhabilidade de produzir folhas, que possaõ effectivamente executar as suas funcçoens naturaes, e alguma consequente imperfeicão do fluido circulante. He verdade que as folhas são annualmente reproduzidas, e por tanto annualmente novas: mas ha, segundo concebo, huma differença essencial entre as folhas novas de huma velha, e de huma juvenil variedade: e em apoio desta opiniaõ observarei, que o character externo da folha da mesma variedade que tem dois, ou vinte annos he mui dissemelhante, e por tanto não parece improvavel que ultteriores mudanças tenhaõ lugar no fim de dois seculos*.

Se estas opinioens são bem fundadas; se as folhas das arvores são analogas aos pulmoens dos animaes, he por ventura improvavel que a debilidade natural da velhice das arvores, e animaes procedaõ de huma

* A folha da Maceira, ou Pereira, rovindas da semente quando a planta he mui nova, geralmente he quasi destituida de pubescencia, ou pelo, que apparece ao depois na sua superficie inferior, e que Bonnet, e Mirbe supposeraõ augmentar a sua superficie, e poderes: mas eu sinto-me pouco disposto a adoptar esta hypothese tendo observado, que as folhas de novas variedades de Maceiras brotadas de sementes da Maceira brava da Syberia, tem ambas as superficies igualmente lizas, e que estas variedades crescem mais depressa, e daõ mais abundantes fructos do que quaesquer outras, semque sejaõ exauridas ou deterioradas.

semelhante origem?—He esta huma questãõ sobre a qual eu de nenhuma sorte estou preparado para dar hum parecer : mas creio que se admittirá geralmente que o homem he mais bem formado para huma longa vida, quando o thorax he mais bem formado para permittir aos pulmoens o mover-se mais livremente. Eu tenho taobem longa, e attentamente observado entre os nossos animaes domesticos que retem a sua saude, e força por mais tempo e soffrem melhor excessivo trabalho, e sustento insufficiente aquelles cujo thorax he mais profundo, e espaçozo, proporcionalmente á estensãõ da giro que o fluido circulante tem de fazer; e esta observaçãõ, creio eu se achará geralmente applicavel á especie humana.

Eu sou, &c.

T. A. KNIGHT.

POLITICA.

AMERICA.

Rio de Janeiro.

Carta Regia que S. A. R. o Principe Regente N. S. foi servido mandar dirigir á Junta de Verin, no Reino de Galliza.

MEMBROS da Junta de Verin, no Reino de Galliza. Eu o Principe Regente vos saúdo: sendo-me mui notorio o distincto zelo e heroico valor com que assististeis ao meu valoroso General Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, quando de acordo com elle fizesteis publicar Proclamaçoens que despertassem aos meus vassallos para sustentar os Direitos da minha Coroa, o que elles executáraõ taõ leal e gloriosamente: conhecendo tambem quanto contribuisteis para que se demonstrasse publicamente o voto dos Povos, e quanto finalmente haveis promovido o estabelecimento de huma firme Alliança, e daquelles sentimentos de commun defensa, que tanto bem tem produzido as duas Naçoens unidas pelos mais estrictos vinculos, e que seraõ eternos, pois que seus reciprocos interesses imperiosamente o exigem: querendo dar-vos hum público testemunho do meu reconhecimento, cuja memoria será indelevel em meu coração, e no de meus Successores; vos dirijo esta que vos servirá de público Monumento, fazendo-vos tambem a Mercê do Habito da Ordem de Christo, dispensando-vos de todas as habilitaçoens, e mesmo da Profissão, para que possais usar immediatamente da Insignia do Habito da referida Ordem, e gozar de todas as Honras, e Privilegios, como se fosseis Ca-

valleiros Professos, de que vos tem feito tao dignos vossas acçoens e virtudes ; pois que vossos nomes merecem ser escritos ao lado dos daquelles que primeiro exaltáraõ estas Ordens de Cavallaria em toda a Peninsula. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro a 16 de Janeiro de 1811. PRINCIPE. Para os Membros da Junta de Verin, no Reino de Galliza.

Relação dos Portuguezes rezidentes em Monte Video que que subscreverão para o resgate dos Captivos em Argel.

Felippe Contucci	100,000
O. R. Joze Gomes Ribeiro	40,000
Joaõ Felis Ribeiro	40,000
O mesmo por Justo Felis Ribeiro	8,000
Diogo Duarte Silva	16,000
Estevaõ de Almeida	4,000
Manoel Joaquim da Silva	12 000
Joaõ Luis Rodrigues	16,000
Joze Luis Gomes	25,000
O mesmo por dois amigos	4,800
Antonio Pinto	12,800
Joaõ Pereira de Andrade	4,800
Manoel Polycarpo	1,600
F. A. S.	12,800
Joze Joaquim de Meirelles, por si seos officiaes, e sua equipagem	80,000
Joaquim Affonso de Oliveira por si, e hum amigo	40,000
O. R. Manoel Salinas de Lima	8,000
Antonio Ferreira Soares	48,000
Joaõ Pedro Serra	12,800
Manoel da Costa	8,000
Francisco de Mello Magalhoens	12,800
Joze Machado dos Santos	4,000
Joze Junqueira	3,200
Luis Ignacio de Souza	6,400
Joaõ Goularte	12,800
Joze da Silva Souza Parantros	4,800
Bernardo Pereira de Mesquita	6,400
	<hr/>
	545,000

Relação das Pessoas que tem contribuido para o Donativo voluntario a favor do resgate dos Portuguezes em Argel.

O Ex ^{mo} . Bispo Capellaõ Mor . . .	150,000
Antonio Rodrigues dos Santos, e Irmaõ	50,000
Manoel Gomes Fernandes	32,000
Manoel Antonio Coelho	12,800
Joaõ Luis Torres	13,000
O Dr. Estacio Gularte	24,000
Luis de Souza	12,800
Joze Antonio Machado	12,800
Monsenhor Miranda	50,000
Monsenhor Almeida	50,000
Joze de Oliveira Pinto Botelho, e Mosqueira	50,000
Bernardo Teixeira Coutinho Alves de Carvalho	50,000
Manoel Thomas de Almeida	12,800
Joze Luis da Motta	64,000
O. R. Joze Soares de Azevedo Vi- gario de S. Joaõ de Itabo- rahy.	100,500
Antonio Gomes de Azevedo	6,400
Joze Antonio Gonçalves Prego	25,600
Os Officiaes da Secretaria de Es- tado dos Negocios do Brazil	170,000
Joaõ Martins Vianna	100,000
Manoel Teixeira	4,000
Joze Gomes de Almeida	6,400
Manoel da Luz	12,800
O Senado da Camara	400,000
Jeronimo do Amor Divino	4,000
Joaõ Affonso de Moraes	12,800
Ignacio Joze de Araujo	14,000
Joze Moreira da Silva	4,000
Diogo Teixeira de Macedo	6,400
Antonio Joze Coelho Roriz	13,000
Manoel Simoens Baptista	100,000

Joze Pereira Guimaraes . . .	400,000
Francisco Pereira de Mesquita . . .	25,600
Manoel da Silva Santos . . .	38,400
Francisco Ignacio da Silva . . .	12,800
Ricardo Soares de Almeida . . .	6,400
Joze Monteiro da Silva . . .	2,600
Joaõ Roiz Pereira d'Almeida . . .	200,000
Joaquim do Babo Pinto . . .	50,000
Os officiaes de R. C. de Engen- heiros.	407,000
Joze Marques Pereira . . .	25,600
Luis Gonçalves dos santos . . .	8,000
Manoel de Mello Cordeiro . . .	8,000
Joze Gaspar Rego . . .	16,000
Os Monges Benedictinos . . .	400,000
Camillo Maria Tonelete . . .	36,000
Luis Joze Vianna Gorgel do Amar- al Rocha	40,000
Joaõ Gomes Valle	128,000
O. R ^{mo} . Esmoler Mor Fr. Joze de Moraes	200,000
Joze Antonio da Motta . . .	6,400
Diversas Pessoas	18,795
Os Empregados na impressãõ Re- gia	23,560

Lista dos Officiaes do Regimento de Cavallaria Miliciana de Districto de S. Joaõ Marcos, que offereceraõ para resgate dos Portuguezes captivos em Argel as quantias seguintes.

Primeira Companhia.

Capitaõ Manoel Ferreira Lemes . . .	12,800
Tenente Pedro de Souza Magalhaens . . .	11,000
Alferes Joze Pereira Cruz . . .	10,000
Forriel Manoel Freire de Campos . . .	4,000
Cabos, e soldados	26,260— 64,060

Segunda Companhia.

Capitão Joze de Queiroz Morcarchos	8,000	
Tenente Manoel Antonio da Silva Guimaraens	4,000	
Forriel Antonio Joaquim de Avila	8,000	
Cabos, e Soldados	48,580	68,580

Terceira Companhia.

Capitão Joaquim Joze Rodrigues	6,400	
Tenente Francisco da Cunha Monis	6,400	
Alferes Luis Marques Ferreira	6,400	
Cabos, e Soldados	14,280	33,480

Quarta Companhia.

Capitão Joze Henrique de Carvalho	6,000	
Tenente Joaquim de Carvalho Rezende	3,000	
Alferes Joze Marques Ferreira	3,000	
Forriel João Henrique de Carvalho	1,000	
Cabos, e Soldados	14,240	27,240

Quinta Companhia.

Capitão Victorino Correa da Costa	4,000	
Tenente Francisco Correa da Costa	2,000	
Alferes Antonio Vicente Campos	6,375	
Forriel Estevoão Ponto Alves	2,000	
Cabos, e Soldados	8,960	23,335

Sexta Companhia.

Alferes João Joze Carneiro	4,000	
Forriel, João Ferreira da Cruz	2,000	
Cabos, e Soldados	17,005	

Septima Companhia.

Capitão Antonio Joaquim de Barros Louzada	4,000	
Forriel Miguel Antonio	15,000	
Cabos, e Soldados	47,580	66,580

 283,275

EUROPA.

FRANÇA.

PARIZ, 16 DE JUNHO.

Falla de Bonaparte ao Corpo Legislativo (só em nome.)

Senhores Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

A PAZ concluída com o Imperio de Austria tem sido depois cimentada pela feliz alliança, que eu contrahi: o nascimento do Rey de Roma preencheo meos votos, e segurou a prosperidade futura de meos povos.

Os negocios da Religiaõ tem sido mui frequentemente involvidos, e sacrificados aos interesses de hum estado da terceira ordem. Se ametade da Europa está separada da Igreja de Roma, pode-se especialmente attribuir á contradicção que incessantemente tem existido entre as verdades, e os principios da Religiaõ, que pertencem a todo o Universo, e as pertençoens, e interesses relativos a hum pequeno canto da Italia. Eu puz hum termo eterno a este escandalo. Uni Roma ao Imperio. Concedi Palacios aos Papas em Roma, e Pariz: se elles amaõ cordealmente os interesses da Religiaõ, residirão ordinariamente no centro dos negocios da Christandade: por esse motivo he que S. Pedro preferio Roma á propria residencia da Terra-Santa.

A Hollanda foi unida ao Imperio, de quem não era mais que huma simples *emanação*. Sem ella, o Imperio não ficaria completo.

Os principios adoptados pelo Governo Inglez, de não reconhecer neutralidade de alguma bandeira, poseraõ-me na precizaõ de me apoderar das bôcas de

Ems, do Weser, e do Elbo, e me fizeraõ indispensavel huma communicacão interior com o Baltico. Eu não dezejo augmentar meu territorio, mas os recursos maritimos do meu Imperio.

A America forceja para fazer reconhecer a liberdade de seu pavilhão. Eu a secondarei.

Os soberanos da confederaçãõ do Rbin só merecem meos elogios. A uniaõ do Valais tinha sidõ prevista desde o acto de mediaçãõ, e considerada como necessaria para conciliar os interesses da Suissa com os da França e Italia.

Os Inglezes fazem jogar todas as paixoens. Humas vezes attribuem á França todos os projectos, que podem assustar as outras potencias, projectos, que teria posto em execuçãõ se fossem conformes á sua politica; outras vezes appellaõ para o amor proprio das naçoens para excitar seu ciume: elles aproveitaõ todas as circumstancias, que daõ origem aos successos inesperados destes tempos em que vivemos: a guerra em todas as partes do continente he que pode unicamente segurar sua prosperidade. Eu quero somente o que se acha estipulado nos tratados, que tenho concluido. Jamais sacrificarei o sangue de meos povos por outros interesses, que não sejaõ os immediatos do meu Imperio. Lizongeo-me que a paz do continente não sera alterada.

O Rey de Hespanha veio assistir a esta ultima solemnidade. Eu lhe tenho prestado tudo o que era necessario, e proprio para reunir os interesses e o espirito dos differentes povos dos suas provincias. Desde 1809, a maior parte das praças fortes de Hespanha tem sido tomadas depois de sitios memoraveis. Os *insurgentes* (quer dizer patriotas) tem sido batidos em hum grande numero de batalhas campaes. A Inglaterra tem conhecido que esta guerra se approximava ao seu fim, e que as intrigas, è o oiro não bastavaõ de hoje em diante para a sustentar, e nutrir. Vio-se pois constrangida a mudar a natureza della, e de auxiliar que era tornou-se a agente principal. Todas as suas tropas de linha tem sido enviadas á península: a Inglaterra, a Escossia, e Irlanda estaõ desguarnecidas. O sangue Britanico tem sido profuzamente derramado em muitas acçoens gloriozas para os

exercitos Francezes.—Esta luta contra Carthago, que parecia dever decidir-se em batalhas navaes, ou alem dos mares, o será para o futuro nas planices de Hespanha! Quando a Inglaterra estiver exausta; quando ella tiver por fim sentido os mesmos males, que taõ cruelmente tem derramado, pelo espaço de vinte annos, sobre o continente; quando ametade de suas familias estiver coberta de luto, hum espantoso trovaõ porá termo aos negocios da Peninsula, aos destinos de seos exercitos, e vingará a Europa, e Asia, terminando esta segunda guerra Punica.

Senhores Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo.

Tenho ordenado a meu Ministro que vos apresente as contas de 1809, e 1810: para este objecto he que eu vos convoquei. Nellas vereis a prospera situação de minhas finanças. Bem que eu tenha posto, ha tres mezes, á disposição dos meos Ministros da guerra cem milhoens de extraordinario, para occorrer ás despesas dos novos armamentos, que pareciaõ entaõ precizos; com tudo eu me acho na feliz situação de não ter necessidade de impor novos tributos a meos povos. Eu não augmentarei alguma taxa: nenhuma precizaõ tenho de augmentar os impostos.

OBSERVAÇOENS DE MR. PELTIER SOBRE ESTE DISCURSO DE BONAPARTE.

Este ultimo discurso de Bonaparte he exactamente o de hum soldado ignorante, e brutal, que, n'hum momento de embriaguez, arenga n'hum corpo-de-guarda. As ideas deste discurso são mais incoherentes, e a lingoagem mais incorrecta, que em nenhum dos outros discursos, que elle tem pronunciado. A' vista das loucuras que n'elle se contem he facil ver que Bonaparte não se aconselhou com pessoa alguma, antes de o compor; e segundo as imperfeçoens, e trivialidade do estilo se conhece que elle só frequenta os seos esbirros, e tem affastado de si todas as pessoas de bom gosto, e de bom tom.

Elle falla da Austria com indifferença, o que he para ella hum máo agoiro, e do seu matrimonio somente, para dizer, que o nascimento de hum filho tem preenclido seos votos; o que prova, que tendo obtido de sua mulher o que dezejava, está neste momento desgostozo della.

Elle annuncia abertamente o scisma que está preparando, e o justifica pelas pertençaens dos Papas, que, ha longo tempo, não atacavaõ a authoridade dos Soberanos, e cuja conducta tinha sido regulada pelos tratados, e pela razaõ. Diz que ametade da Europa se tem separado da Igreja de Roma; o que he falso, poisque a França, a Hespanha, a Italia, o Imperio de Austria, e huma grande parte da Allemanha não se tem jamais separado da Santa Sé. Elle poz termo ao que chama *hum escandalo*, com huma usurpação detestavel; e não contente com este ultrage inaudito nos annaes do mundo, tem entregue o Pontifice que desentronizou, ao opprobrio, ao soffrimento, e á miseria. Se he preciso ainda huma prova da pertençaõ que elle tem de estender sobre o mundo sua tyrannia politica, e religioza, facilmente se achará nos termos de que uzou, fallando da Religiao, e dos Papas. *Os principios, e os interesses da Religiao*, diz elle, *saõ para todo o universo*. Eis aqui pois os sectarios de Zoroastre, os de Mahomet, os de Confucio, &c. &c. &c. associados aos principios, e interesses da Religiao de Bonaparte. Elle vai mais longe ainda; porque annunciando, que dera palacios aos Papas em Paris, e Roma, accrescenta, que se estes dezejaõ cordalmente os interesses da Religiao, devem rezidir ordinariamente no centro dos negocios da Christandade; isto he em Pariz, que, segundo esta declaração, se acha ser o ponto central a que toda a Christandade deve dirigir sua attençaõ, a fim de conhecer os dogmas, que deve conservar, e o Pontifice que deve respeitar.

A Hollanda, diz elle, he huma *emanação do Imperio, sem a qual não ficaria completo*. Sem nos demorarmos sobre o absurdo desta palavra *emanação*, que o Corso provavelmente roubou a Syéyés, e que substitue a palavra *alluviaõ* empregada antes, e que era igualmente redicula, nos fixaremos a attençaõ de

nossos leitores nesta nova impostura de Bonaparte, pela qual declara, quando usurpa hum territorio, que sem elle o Imperio não ficava completo. Lembrem se os nossos leitores, que quando começou a estabelecer-se nas bordas do Baltico, declarou, que tomava somente embocaduras (dos rios) mas agora diz que se apodera de hum territorio, porque he huma emanação do seu Imperio. Quem pode prever todas as emanações que lhe restaõ para dellas se apoderar, quantos thronos he preciso ainda demolir, quantos Soberanos he necessario ainda esbulhar, para que seu Imperio seja completo! O que distingue Bonaparte de todos os mais ladroens, he o desaforo com que rouba, e depois os pretextos absurdos, que dá á sua conducta; ou seja, que arrastado por seu instincto para tudo o que he desordem, e destruição, nada veja nas catástrophes que produz, que não seja natural; ou seja que, persuadido de que taes crimes não podem ser palliados, zombe da razaõ humana insultando-a pela insolencia de suas interpretações, e pela invalidade de suas escuzas.

Os principios adoptados, diz elle, pelo Governo Inglez de não reconhecer a neutralidade de alguma bandeira, me tem obrigado a apoderar-me das bôcas do Ems, do Weser, e do Elbo. Que irrisão! Por ventura tem elle consentido neutraes; elle que reduzio todos os Soberanos a outros tantos escravos mais submissos aos seus caprichos, e vontade, que o administrador o mais subalterno do seu Imperio; elle que não somente calca aos pez os direitos dos neutraes, mas taõbem os de seus alliados, e que depois de os ter feito instrumentos de suas conquistas, acaba pelos absorver em seu Imperio, isto he, no vasto tumulto em que se extinguem a independencia, e a prosperidade dos Povos! Com o pretexto de se apoderar das bôcas daquelles rios, fez-se senhor de huma extensaõ de mais de oitenta legoas de costa; e com o dissimulado motivo de communicar com o Baltico, roubou os Estados de todos os Soberanos, que se achavaõ na linha de communicação; e depois dis com hum tom hypocrita—*Eu não tenho querido augmentar meu territorio, mas sim meos recursos maritimos!* Seos recursos maritimos! Onde estaõ! Pode elle arriscar hum só

navio ao mar, que alguns dias depois, não seja conduzido aos portos da Gran-Bretanha? Todas as suas expediçoens maritimas não se achão limitadas a evoluçoens rediculas nos ancoradoiros de seos portos? Recursos maritimos! Jamais, jamais os tereis: vos podeis estênder vossos estragos por todo o continente: mas não passareis á vante. O Eterno vos oppoz, bem como ás vagas furiozas, huma barreira que frustrará vossa raiva, e vossos esforços. Se não ha hum canto da Europa continental em que vossa fatal influencia, não tenha penetrado, e que não tenha sido ensanguentado por vossa cruel ambição; he preciso para consolação da humanidade, e justiça da providencia, que haja hum paiz inaccessible a vossos insultos, e furores; hum paiz em que se prepara a vossa punição, que serve de contrapezo a vosso poder collossal, e de obstaculo a vossos progressos; hum paiz, que tendo com os povos hum meio de communicação que vos nunca podereis interceptar, lhes leva soccorros quando se levantaõ contra vos, excita sua indignação, e anima sua resistencia: hum paiz em fim cuja energia he igual á vossa violencia, e cujo exemplo mostra ás naçoens prostradas debaixo do vosso sceptro de ferro, tudo o que se pôde emprehender, e obrar contra vos, não se deixando fascinar com os prestigios de vossa fortuna, nem intimidar por vossas ameaças. Sim, a humanidade está ja vingada por este supplicio sempre activo, que atormenta vossa alma, e devora a vosso coração; pela sombria desesperação a que não podeis escapar, produzida pela impotencia em que vos achaes de fazer alguma tentativa directa, e effectiva contra a Inglaterra; impotencia provada por tantos revezes, e que vos tão claramente conheceis. Em vão fixais sobre ella esta vista de basilisco com que ate hoje tem succumbido toda a creatura animada, como ferida de hum terror indifinivel: esta vista perde sua potencia, e força; não inspira terror, nem produz a morte, quando se estende sobre esta Ilha affortunada, onde apenas se tem sentido as concussoens, que tem coberto a Europa de estragos, e cadaveres, e cujo poder se augmenta, e cujas instituçoens prosperaõ, quando os mais antigos Imperios estão vacillantes, quando os costumes, os habitos, e as leis dos povos

saõ destruidas, e anniquiladas por huma implacavel maõ.

A America, dizeis vos, forceja para fazer reconhecer a liberdade de sua bandeira; eu a secundarei. A America taõ desprezada, e taõ grosseiramente insultada por vos, parece, he verdade, esquecer-se de seu orgulho, e de seos interesses para servir aos vossos projectos. Vos sabereis mesmo com o prazer, que vos deve cauzar toda a traiçaõ infame, toda a acçaõ vergonhosa, todo o attentado naõ provocado, que o commandante de huma fragata Americana encontrando hum navio Inglez consideravelmente inferior ao seu, o atacou sem ser provocado, ferio, ou matou huma parte de sua equipagem; que depois, por huma irrizaõ, que sem duvida vos fará sorrir, porque ella he mui conforme a esse character infame, que vos faz sempre juntar o insulto ao ultrage, mandou exprimir aos valentes, que tinha podido matar ou ferir, mas naõ intimidar, seos hypocritas sentimentos. Se taes saõ os esforços da America para fazer respeitar sua bandeira, elles saõ dignos de vos, e naõ nos havemos de espantar de que os secondeis, por que sois, com effeito, destinado para secundar tudo o que he injusto, a proteger tudo o que he revoltante, e para approvar tudo o que he atroz.

Dizeis que os Soberanos da Confederaçaõ do Rhin so vos merecem elogios! Ah! nós naõ accrescentaremos commentarios ao elogio com que os infamais; limitar-nos-hemos a fazer observar somente, que vos tomaes para com elles o tom de hum Senhor, que recompensa com huma indifferente, e fria approvaçaõ o zelo, e submissaõ dos seos creados.

A uniaõ do Valais, accrescentaes vos, tinha sido prevista desde o acto de mediaçaõ. Prevista! Por quem? Só se o foi por aquelles que sabem, que naõ ha injustiça de que naõ sejais capaz e que o interesse que vos fingiz tomar por hum paiz, he o preludio das scenas de estragos, e devastaçaõ para que o destinaes; e que quando juraes respeitar sua independencia, ja o tendes comprehendido naquelles negros projectos, que sem cessar formaes contra todos os estados. Que! só porque esta uniaõ estava prevista, estaveis authorizado a executa-la, como se

hum crime se tornasse legitimo, ou mesmo necessario, só porque tem sido previsto! Que doutrina! E pode-se unir tanto absurdo a tanta insolencia! Vos unireis taobem a Suissa, porque isso tem sido previsto desde o acto de mediação; e se não tendes consumado ainda este attentado, he porque os Tyrolezes, os Hespanhoes, e os Portuguezes vos tem ensinado a ser mais prudente em vossas tentativas contra os povos. Mas quando, com o pretexto de recrutar os regimentos Suissos que estaõ a vosso serviço, tiverdes sufficientemente enfraquecido a população vivaz, e militar deste paiz; quando vossas intrigas, ou promessas vos tiverem grangeado huma sufficiente influencia nesse phantasma de Dieta, que ainda lhe deixastes, entaõ tratareis de consumir o que tem sido previsto desde o acto de mediação. Consumma-lo-heis vós? Quod Deus avertat.

Napoleaõ faz depois em seu discurso huma especie de *à parte*: ja não he ao seu Corpo Legislativo que elle se dirige, he a si mesmo: parece estar sonhando no seu gabinete, e entregar-se á desordem, ou confusão de seos pensamentos. Aqui nada indica, nada caracteriza; tudo he vago, tudo indefinido; e se acazo se não soubesse, que elle não está em boa intelligencia com a Russia, seria difficil comprehender seu monologo. Eis aqui pouco mais, ou menos, como se pode interpreta-lo.

Os Inglezes saõ o unico povo que me advinha; e seos Ministros o unico Governo que me tem desmascarado. Elles reanimaõ em todas as Potencias, e em todas as Naçoens as scentelhas de energia, e de honra, que eu pertendo suffocar por toda *à parte*; mostraõ-lhe seos verdadeiros interesses, e excitaõ seu orgulho nacional; provaõ-lhe que he menos perigozo atacar-me com audacia, do que ceder-me por huma falsa prudencia, e que a baixeza, e cobardia não tem salvado alguma das Potencias com quem tenho estado em contacto. Elles não tem perdido huma só occasiaõ de dar uteis conselhos aos Soberanos, que eu ameço, e de vellar sobre elles no momento emque eu os forçava a declarar-se inimigos da Inglaterra. Elles tem aberto, pouco mais

ou menos, os olhos do Imperador da Russia, e seos esclarecimentos juntos á imprudencia de minha conducta, que dezenolveo mui cedo meos projectos, tem produzido huma mudança na politica do Gabinete de Petersburgo. Eu tenho errado: he pois necessario alterar minha lingoagem, e dizer que *eu me LIZONGEIO que a paz do Continente não será perturbada.*

Bonaparte annuncia depois, que o Rey de Hespanha *fora assistir áquella ultima solemnidade* (o baptismo do Rey de Roma.) A que vem esta explicação; e porque dá elle á viagem, ou antes á fugida de Joseph este pretexto pueril, se não he para responder aos sarcasmos dos Parisienses, e ás conjecturas da Europa, para provar que não tem abandonado a Hespanha, ou antes para disfarçar o projecto que tinha formado de desenthronizar seu proprio irmão, de entregar este paiz á alguns sceletrados, que ali teria deixado para o devastar, e sustentar ali algumas pozicoens, entre tanto que elle empregaria suas tropas em huma guerra contra a Russia! Hoje que elle crê esta guerra differida, ou antes tem conhecido o perigo de deixar crer, que tinha abandonado a Península elle responde ás interpretaçoens que a chegada de Joseph a Paris tinha suggerido; e affectando hum tom cheio de confiança fallando do resultado da guerra da Península, annuncia com toda a alegria de hum homem que tem sede de sangue, que só quer sangue, que dezeja nadar em sangue, elle annuncia digo, que o sangue Britano tem finalmente corrido em *grossas ondas.* Tal he a lingoagem revoltante, tal he a barbara satisfação do cannibal que sahe do seu horrivel banquete saturado de sangue, e farto de carnagem.

Depois de ter fallado de sangue, Bonaparte ficou embriagado; e no delirio que lhe cauzou esta embriaguez he que elle compoz o fim de seu discurso fallando *dos campos de batalha do Oceano,* dos males *derramados* pela Inglaterra sobre o Continente, do veo funebre de que suas familias serão *cobertas,* e finalmente de *hum golpe de trovão* que porá fim aos negocios da Península, &c. &c. Nos pedimos áquelles,

que absolutamente querem dar á Bonaparte grandes talentos, se taes desvarios não são huma prova da mais profunda ignorancia, e de hum delirio o mais completo? Se este homem tivesse genio, este se divizaria em seu mesmo delirio; achar-se hia no que sua melancolica loucura lhe inspira algumas ideas fortes, algúmas imagens brilhantes! mas em vez destes vestigios de hum espirito, que conserva sua força ate mesmo na auzencia da razaõ, elle só offerece hum *jargão* barbaro, ideas vagas, injurias, e sarcasmos desgostantes pela sua trivialidade; rasgos em fim que provaõ, que se Bonaparte tem o instincto do mal, ella está longe de ter o do genio.

Por falta de lugar não damos neste numero a conta, que em 29 de Junho apresentou ao Corpo Legislativo o Conde Montalivet, Ministro do Interior, o que faremos em o N.º seguinte. Mas pela falla do Prezidente daquelle corpo, que vamos transcrever, veraõ os nossos leitores a impressãõ que lhe fez a exposiçaõ daquelle Ministro, e ate onde chega a baixeza, adulaçaõ, e infamia dos representantes do Povo Francez—

Periere mores, jus, decus, pietas, fides,
Et qui redire nescit, cum perit, pudor.

Em 3 de Julho de 1811.

O Imperador e Rey deo audiencia Domingo nas *Thuileries* ao Duque del Campo Alange, Embaixador do Rey de Hespanha, que apresentou as suas Credenciaes; quer dizer, *mais hum testemunho da sua perfidia, da sua traiçaõ e infamia.*

Acabada a audiencia o Imperador sentado sobre seu throno, e cercado dos Principes, Ministros, Grandes Officiaes da sua Caza, Membros do Senado, e do Conselho de Estado, recebeu huma deputaçãõ do Corpo Legislativo, cujo Prezidente, o conde Montesquieu, pronunciou o discurso seguinte.

SIRE,

“ Vossos fieis vassallos, os Deputados dos Departamentos no Corpo Legislativo, não podião recommençar seos trabalhos, sem apresentar a V. M. huma nova homenagem de sua fidelidade.

“ Grandes provincias unidas ao Imperio—immensos trabalhos empregados para sua feicidade, e gloria—todas as artes empregadas a adornar nossas cidades, e offerecendo á Nação meios *incognitos* * de circulação, e de abundancia: taes são os novos beneficios que V. M. tem feito a seos povos; taes são os objectos de nosso reconhecimento. Nós nos comprazemos, Sire, em celebrar conquistas, que facilitão as relações entre os Povos civilizados, e que restituem á população do interior o commercio, origem fecunda de toda a troca, e de todo o producto.

“ No meio das grandes emprezas, a *ordem*, e a *abundancia* reinão no *thesouro publico* † huma sabedoria esclarecida percebe todos os erros, e tira *riquezas incognitas*, ‡ de nossas necessidades as mais frivolas.

“ Que inimigos pois de nosso repoizo poderiaõ perturbar esta felis harmonia? A Religião, Sire, não pode aspirar a imperio algum sobre a terra; filha do Ceo, ella rejeita todos os direitos estranhos á sua origem sublime; e satisfeita com dar á obediencia hum character mais augusto, somente aspira a ser independente de nossos vicios, e fraquezas.

“ A Hespanha *cançada* § de ser o instrumento do odio de nossas inimigos, os abandonará a seos vaons esforços;—*então esta sanguinolenta guerra cessará*, e nos temos por garante de nossos triunfos a palayra infallivel de V. M. ||

* Diz bem: de facto ninguem os conhece: nem o mesmo Orador.

† Isto chama-se em bom Portuguez mentir descaradamente. Lembrem-se os nossos Leitores doque fica dito em nosso l. N.º nas reflexões que fizemos sobre a obra do Capitão Pasley; e facilmente conheceraõ ate onde chega a impudencia daquelle Presidente. Tal Imperador, tal Corpo Legislativo.

‡ São realmente taõ incognitas, como os meios de que acima falla.

§ Em vez de cançar, a Nação Hespanhola redobra diariamente seos esforços: ella apprecia hoje mais que nunca os generosos esforços da Nação Ingleza: jamais huma abandonará a outra; e a guerra cessará somente quando a Peninsula estiver livre do Tyranno que a pertende escravizar.

|| He preciso hum sangue frio, e paciencia sem exemplo para soffrer tanto descaramento, e adulação; e nos não temos nem huma, nem outra coiza. Adoladores infames, quantas vezes vos tem dito

“Sire, Hum unico sentimento reina em vosso Imperio; e vossa felicidade he que lhe da origem. O filho augusto concedido a nossos votos, e que he ja o objecto de vossas affeicoens mais ternas, e de nossas esperanças enche nossos coraçoes daquella mesma ternura deque o vosso está penetrado. Nos vemos nelle o complemento de nossos destinos—o amavel laço que une todos os povos do Imperio—o primogenito de huma Nação que vos tendes coberto de gloria, e de quem elle reclama os mais ternos, e paternaes sentimentos: possa elle crescer para vossa felicidade, e nossa—para ser o herdeiro de vosso genio—a gloria do nome Francez—a imagem viva das virtudes de sua Mãe*—para gozar do amor de nossos filhos, e ter para com elles toda a ternura que nos sentimos por elle em seu berço!

Sua Majestade Corsica respondeo,

“Senhor Presidente, e Deputados no Corpo Legislativo.

“Eu estimo muito que estejais em torno de mim em circumstancias tão caras a meu coração.

“Todos os votos que formais para o futuro me são mui agradaveis. Meu filho corresponderá á esperança da grande Nação: elle terá por vossos filhos os mesmos sentimentos que eu tenho por vos. Os Francezes nunca se esquecerão de que sua feicidade, e sua gloria estão inherentes á prosperidade deste throno que eu restabeleci, que eu firmei, e engrandeci com elles, e para elles; e eu dezejo que todos os Francezes estejam disso convencidos. Em qualquer situação que a Providencia, e *minha vontade* os ponha, o amor da França he seu primeiro dever. Eu recebo com prazer vossos sentimentos.”

o Monstro, que a Peninsula estava subjugada, e tranquilla? Não vos disse elle nos fins de 1809 que em breve iria arrojear no Oceano os Inglezes, (seu flagello, e sua vergonha) e plantar suas aguas nos muros de Lisboa? Cumprio elle sua palavra? Não tendes visto os exercitos Francezes batidos na Roliça, Vimieiro, Porto, Amarante, Talavera, Bussaco, Fuentes de Honor, e Albuera? Não vistes o cruel Massena retirar-se vergonhozamente de Portugal, onde a sua memoria ficará em exacração de pais a filhos? Não vedes que ha perto de quatro annos que o vosso Tyranno forceja para subjugar a Peninsula; e que apezar das vantagens que a tração, e a perfidia sem exemplo lhe deo, está hoje peor, que no principio, depois de ter ali sepultado mais de trezentos mil Francezes? Pais de familias; ternas, e desventuradas Mães, que chorais sem remedio vossos filhos, vossa esperança, e talvez unico arrimo: eis ahí como os vossos representantes no Corpo Legislativo desempenhaõ os seus deveres!

* Ser herdeiro do genio de Bonaparte, e imagem viva das virtudes de sua Mãe, são coizas incompativeis.

H E S P A N H A .

PROCLAMAÇÃO

Dirigida aos Hespanhoes, que prestáraõ juramento de fidelidade ao Rey Joseph, e que se achaoẽ em Badajoz.

HESPANHOES degenerados! Posto que vos tinhaes deixado illudir por hum errado calculo, por hum capricho, ou por hum interesse mal entendido; com tudo basta que sejaes Hespanhoes, e nascidos neste paiz encantador, e privilegiado, para que aborraçaes, e detesteis a tyrannia. Vinde, vinde, meos compatriotas; confiai-vos na bondade de vossos amigos, e irmaons: aproveitai-vos do perdaõ, e esquecimento de vossos erros, que neste momento vos offerecem. Vinde gozar com nosco o doce prazer de ser livre. Abjurai essa perfida constituição. Evitai por este meio a triste sorte, que vos espera; d'outro modo a justiça, com sentimento, mas taobem com hum rigor patriotico vos esmagará com o pezo de sua vingança. Resta-vos hum só momento; aproveitai-o; e fazei algum serviço importante á vossa Patria, que vos chama por minha voz.

Quartel General de Valverde, em 24 de Maio de 1811.

Por ordem do Capitaõ General do 5. e 6. Exercito Espanhol.

Assignado.—MARTIN DE LA CARRERA.

COPIA

Do officio que o Conselho de Regencia expedio ao Ge-Castanhos concedendo-lhe a Gran-Cruz de Carlos III.

O Conselho de Regencia de Hespanha e Indias

condecorando a V. Excellencia com a Gran-Cruz de Carlos III. tem querido dar-lhe hum signal do apreço nacional pelos emminentes serviços que V. Excellencia acaba de fazer ao Estado na batalha de Albuera. Os inimigos tornáraõ nesta occaziaõ a encontrar o Vencedor de Bailen, e se viraõ forçados a respeitar outra vez as armas Hespanholas dirigidas, e governadas pelo General, que entaõ os humilhou taobem com tanta gloria, e vantagens da Patria. O Conselho sabe mui bem, que naõ era necessario este novo distinctivo para conciliar a V. Excellencia a estima, e gratidaõ, naõ só da Hespanha, mas taobem da Europa: tal he porem a condiçaõ dos tempos actures, que a fidelidade, o patriotismo, e os talentos tem campo mais amplo para merecer, do que os Soberanos tem para galardoar! Com tudo V. Excellencia tem nesta nova condecoraçãõ, hum testemunho do apreço nacional, que por isso mesmo he digno de seu coração magnanimo, e da cauza, que taõ heroicamente defende: e o Conselho de Regencia, annunciando-o a V. Excellencia, e dando-lhe os parabens mais sinceros pelo novo triumpho, que V. Excellencia acaba de obter sobre os inimigos, espera com todos os Hespanhoes, que V. Excellencia o faça esquecer com outros, se he possivel, inda mais assignalados.

Deos Guarde a V. Excellencia muitos annos. Cadiz, 27 de Maio de 1811.—Pedro de Agar—Gabriel Ciscar—Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier Castanhos.

RESPOSTA DO GENERAL.

SERENISSIMO SENHOR: Dando a V. A. as mais rendidas graças pela alta condecoraçãõ, com que se dignou premiar a pequena parte que pude ter na victoria de Albuera; naõ devo occultar, que mais anciozo de merecer a opiniaõ de meos Concidadãõs, que de adquirir distincçoens desta natureza, a expressãõ dos sentimentos que V. A. se digna manifestar-me na carta com que me honra, he para mim hum galardaõ mais lizongeiro, que todos quantos tem inventado o poder para estimular os homens publicos; porque na

generosa Nação Hespanhola, restituida á liberdade, as palavras de approvaçãõ, pronunciadas pelos Chefes do Estado tornáraõ a recobrar a extensaõ, e força que a larga prostituiçãõ de huma Côte corrompida lhes tinha feito perder.

Favorecido pela Divina Providencia, que permitio que eu assistisse aos triunfos mais assignalados de nossas armas, nunca deixarei de dizer que o valor das tropas, a capacidade, e ardente entusiasmo de seos Chefes, foraõ os que arrancáraõ a victoria ao exercito inimigo. Delles, Senhor, he toda a gloria; e minha, bem como de V. A. e de todos Hespanhoes, he a bella e bem fundada esperança de que os mesmos valentes daraõ novos triunfos á Nação, e poraõ termo á justa lucta, em que estamos empenhados, com a independencia da Patria, que saberemos comprar á custa de nossas vidas.

Senhor, eu não appeteco outra ventura, nem dezejo outra sorte mais, que a de contribuir para este gloriozo rezultado, rogando a Deos conserve, e prospere a V. A. muitos annos Quartel General de Olivença 1. de Junho de 1811.—Francisco Xavier Castanhos.

Em os No. 59 e 60 do Semanario Patriotico se publicou hum excellente discurso de D. J. M. de V. que merece toda a attençãõ do Congresso Nacional, do Governo, e de todos os amantes da ordem, e da justiça.

A palavra *inconfidente*, e *traidor* deveriaõ ser com effeito explicadas quanto antes, e determinada inteiramente toda a extensaõ do sentido e significaçãõ, que deve comprehender. Os acontecimentos politicos prezentaõ huma taõ lizongeira perspectiva, que exigem com a maior urgencia, que as Cortes, e o Governo se occupem deste assumpto sem perda de tempo. Parece approximar-se a epoca, em que muitos povos subjugados vaõ a ficar livres: nelles, quanto mais pequenos, tanto maiores saõ as inimizades, as dissensoens entre os vizinhos, as emulaçoens, e a inveja: as paixoens podem desenfrear-se mais, e mais nesta epoca; pode dominar a vingança, e a palavra traidor produzir

a ruina de muitas familias innocentes nos povos des-occupados pelo inimigo. Nem todos julgaõ dos homens pelas circumstancias, em que se achão; nem todos as fazem entrar em consideração para julgar de sua conducta: he por tanto mui conveniente, he mesmo urgentissimo pôr hum dique ás vinganças particulares (*quarum pars magna fuit.*) Não he menos urgente o ter de antemão nomeado os sujeitos, que haõ de ser empregados nos povos, que vaõ ficando livres, &c. &c. &c.

Decreto das Cortes.

D. Fernando VII. por graça de Deos, Rei de Hespanha e das Indias, e em sua ausencia e cativeiro o Conselho de Regencia authorizado interinamente, a todos os que as presentes virem e entenderem, sabei; Que nas Cortes Geraes e Extraordinarias congregadas na Cidade de Cadiz, se resolveo e Decretou o seguinte:

As Cortes Geraes e Extraordinarias, com absoluta unanimidade e conformidade de todos os votos, Decretaõ: Fica abolido para sempre o tormento em todos os Dominios da Monarquia Hespanhola, e a prática introduzida de affligir e molestar aos réos pelo que illegal e abusivamente chamavaõ a premios (ordens dos Juizes) e prohibem os que se conheciaõ com o nome de esposas (algemas) perrillos (cães de ferro) calabouços extraordinarios, e outros, qualquer que fosse a sua denominação e uso; sem que nenhum Juiz, Tribunal, nem Julgado, por privilegiado que seja, possa mandar nem impor a tortura, nem usar das insinuadas ordens, debaixo de responsabilidade, e de pena, pelo mesmo facto de o mandar, de serem riscados os Juizes de seus Empregos e Dignidades; cujo crime poderá perseguir-se por acção popular; derogando desde logo quaesquer Ordenanças, Leis, Ordens, e disposições que se hajaõ dado e publicado em contrario. O Conselho de Regencia o tenha assim entendido; e ordenará o que for necessario para o seu cumprimento, fazendo-o imprimir, publicar, e circular. Diogo Muñoz Torrerro, Presidente. Joaõ Polo e Ca-

talina, Deputado Secretario. Miguel Antonio de Zumalacarregui, Deputado Secretario. Dado em Cadiz a 22 de Abril de 1811. Ao Conselho de Regencia. E para a devida execucao e cumprimento do Decreto precedente, o Conselho de Regencia ordena e manda a todos os Tribunaes, Justiças, Chefes, Governadores, e mais Authoridades, assim Civis como Militares e Ecclesiasticas, de qualquer classe, e dignidade, que o guardem, fação guardar, cumprir, e executar em todas as suas partes. Assim o tereis entendido, e ordenareis o necessario para o seu cumprimento. Cadiz a 24 de Abril de 1811. Pedro Agar, Presidente. Gabriel de Ciscar.

Cadiz 23 de Maio.

Parte que deo o Excellentissimo Senhor D. Joaquim Blake ao Conselho de Regencia da gloriosa acção, e completa victoria de Albuera.

Serenissimo Senhor.

Tenho a satisfação de annunciar a V. A. que o Exercito Alliado Hespanhol, Inglez, e Portuguez, bateo completamente, e gloriosamente nestes campos de Albuera, antes de hontem 16, ao Exercito inimigo, que atrevida e jactanciosamente conduzia o Marechal Soult para libertar a Badajoz, e conquistar novamente a Estremadura. Desvanecidos os seus projectos está em ducidida retirada, e o persegue a cavallaria, sustida pela nossa vanguarda, e alguma infantaria Ingleza.

Naõ direi a V. A. que se haja conseguido huma victoria facil; a batalha foi porfiada, e naõ pouco sanguinosa por ambas as partes, ainda que muito mais por parte dos inimigos, cuja perda naõ he certamente menor de 7 mil homens; porém o empenho com que as tropas se batêraõ, sem que por muitas horas cedessem huma polegada de terreno, faz indubitavelmente mais glorioso e satisfatorio o triumpho. Havia Soult reunido forças extraordinarias com huma actividade proporcionada ao grande objecto a que se havia proposto; eramos com effeito, proximamente iguaes a elle em infantaria, ainda que nos excedia

muito em artilheria, e em o número de cavallaria; porém tal era o ardor com que as tropas das tres Naçoens desejavaõ pelear contra o inimigo commum, tal o enthusiasmo, e nobre emulação com que aspiravaõ todas a distinguir-se, e tal a fraternidade com que reciprocamente se ajudáraõ, e se sustinhaõ, que do mesmo modo que vencemos a estes 30 mil satélites do tyranno, teriamos vencido a qualquer maior número, sem outra differença que a de haverem derramado mais sangue os valentes defensores da liberdade da Europa.

Apressar-me-hei quanto for possivel em reunir os detalhes, e circumstancias de taõ brilhante e memoravel jornada; e para não privar entre tanto a V. A. das noticias que sem dúvida desejará saber mais detalhadamente que o que permite este officio, envio o meu Ajudante de Campo D. Sebastião Llano, para que, como testemunha que presenciou a acção, informe verbalmente a V. A. de quanto for servido perguntar-lhe.

Faltaõ-me expressoens para dar huma idéa sufficiente do zelo e bisarria dos Generaes, Chefes, e Officiaes Hespanhoes, e da intrepidez das Tropas; estas elogiãõ extraordinariamente aos nossos Alliados, ao mesmo passo que são elogiadas por elles, e huns e outros fallaõ com verdade; produzindo esta cordeal uniaõ, esta ingenuidade, e esta reciproca confiança as mais lizongeiros impressoens nos animos dos verdadeiros amantes da causa da Nação Hespanhola.

Ainda que me abstenha por ora de nomear sujeitos determinados por evitar o perigo de incorrer involuntariamente em preferencias injustas, não posso deixar em silencio o eminente merito militar do Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, General em Chefe do Exercito Anglo-Portuguez, que pelz superioridade da sua classe, e convenção anterior com o General Castanhos dirigio a Acção. Nada ha comparavel á intelligencia, actividade e valor deste digno General, cujo exemplo impelle a pelear com denodo, bem como convencem seus conselhos. Deos guarde a V. A. muitos annos. Campo de Albuera 16 de Maio de 1811. Serenissimo Senhor Joaquim Blake. A.S.A. o Conselho de Regencia.

Cadix 24 de Maio.

O Tenente General D. Joaquim Blake ao Corpo do seu commando.

O Ex^{mo}. Sr. Marechal Beresford, dando os agradecimentos na ordem do dia ao Exercito Alliado pela sua brilhante conducta na batalha de 16, faz a mais honrosa menção da intrepidez, sangue frio, e firmeza, que nella mostráráo as tropas Hespanholas, dirigidas com distincto valor, e pericia militar pelos seus Officiaes, Chefes, e Soldados. Depois do interesse de servir a Patria, a mais distincta ambição do Soldado he merecer a approvação dos valentes. As expressoens com que o Marechal Beresford declara a sua ás tropas Hespanholas, são a recompensa mais apreciavel para os amantes da verdadeira gloria. Considerando eu desta maneira estreitada mais e mais a nossa fraternidade com os Alliados, que tantas vezes tem excitado a nossa admiração; não posso deixar de me congratular com todos os meus companheiros d'armas por hum acontecimento, que ha de trazer á Patria vantagens incalculaveis, e desde agora he presagio certo da brilhante bizarrria, com que as tropas das tres Naçoens Alliadas triunfarão sempre de nossos orgulhosos inimigos.

A distinctissima conducta dos Generaes das Divisoens, as dos Chefes dos Corpos, e a intrepidez, zelo, e pericia de todos os Officiaes e tropa correspondêráo completamente ás minhas esperanças; e nada posso accrescentar ao que diz a respeito delles hum dos Generaes mais acreditados por seu valor, e talentos militares, qual he o dignissimo Marechal Beresford; senão repetir o meu voto pela uniaõ intima das tres Potencias Alliadas, que resistem tão gloriosamente á tyrannia, e affiançarão finalmente a independencia da Peninsula, e a tranquillidade do Mundo. Campo de Albuhera 18 de Maio de 1811. Joaquim Blake.

Relação da Victoria Conseguida pelo Chef Mina, no dia 25 de Maio, extrahida do Redactor Geral do Cadix.

Sahiraõ da Cidade de Victoria 1,200 inimigos entre Infantaria, e Cavallaria, escoltando hum grande comboy composto de 150 coches, e carros Francezes

e Hespanhoes, que conduziaõ as preciozidades roubadas, e a equipagem de Massena, tendo este ficado com outros Generaes em Victoria por medo de cabir nas maons dos Patriotas. Acompanhavaõ este comboy 1,042 prizioneiros Inglezes, e Hespanhoes. Naõ tinhaõ bem andados duas horas de caminho, quando no posto de Arlaban o immortal Mina, deixando passar a vanguarda atacou o grosso do comboy com a sua bizarra tropa, que d'antemaõ tinha feito postar á direita, e á esquerda da estrada real collocando á frente a cavallaria : ás seis horas da manhã rompeo se o fogo ; e á segunda descarga serrada os *invenciveis* ficaraõ consternados, tanto que o commandante levantou hum panno branco, e gritou offerecendo-se a entregar-se. Mina depondo o seu furor que só he sanguinario na peleja, mandou hum official para se verificar a entrega, que julgou offerecida com ingenuidade : porem o perfido commandante julgando talvez, que privava Hespanha de hum chefe taõ digno como Mina, tirou a vida com hum tiro de pistola ao nosso official ; o que de tal modo excitou a colera do intrepido chefe, que tornando a romper o fogo derrotou totalmente os Francezes. O resultado desta brilhante acção, que durou quatro horas, foi gloriozo pelo local, e outras circumstancias que concorreraõ para isso. Morreraõ 300 Francezes, entre elles o General Lafauterie, hum Inspector, e varios coroneis : aprizionou-se outro General ferido, e entregaraõ-se 700 aquem se deo quartel, menos ao aleivozo commandante, que ali mesmo foi morto. Foraõ resgatados do jugo dos inimigos 700 prizioneiros, que no mesmo momento passaraõ a impunhar as armas dos que, havia duas horas, os insultavaõ com ignominia. Cauzava o maior prazer ás almas Hespanholas ver destroçados os coches e carros, que conduziaõ as equipagem do filho primogenito da Victoria ; e estendidos no campo os que os escoltavaõ vendo ao mesmo tempo que os nossos Soldados se apossaraõ de 400,000 cruzados. A nossa perda foi de 25 mortos.

PORTUGAL.

LISBOA.

Officios, Avizos, e Portarias dos Illmos. e Exmos. Senhores Governadores de Portugal, e Algarve sobre diversos objectos.

Copia de huma Carta dos Excellentissimos Senhores Governadores do Reino a S. E. Lord Visconde Wellington, C. do B. Marechal General.

ILL^{mo}. e Ex^{mo}. S^r. : sendo-nos presente o Officio de V. E. de 9 do corrente mez, e tomando em consideração os muito gloriosos e mui importantes serviços de V. E. na actual campanha, temos a satisfação de testemunhar a V. E. o justo conceito, que nos merecem os grandes feitos com que V. E. tem immortalizado a sua memoria, sustentando a honra dos Exercitos combinados, e libertado este Reino, pela terceira vez, da oppressão de seus inimigos.

A conducta do Exercito, tendo correspondido á confiança do seu Chefe, e ás esperanças das Nações Alliadas, desejariamos que V. E. fizesse constar a todo elle quanto o Governo e a Patria se achão recompensados dos seus esforços e sacrificios, pela sciencia, valor e disciplina dos Generaes, Officiaes, e Soldados, que o compõem. Levaremos á Presença de Sua Alteza Real de hum modo mui distincto, os ultimos acontecimentos, recommendando os serviços de hum Exercito, que se tem coberto de gloria, debaixo do commando de V. E. Deverá ser muito agradavel a V. E. o resultado de suas combinaçoens, e trabalhos ; e quando os successos, e a opiniaõ pública os

coroaõ taõ singularmente, nada mais pôde restar para satisfazer o coração do Guerreiro Illustre, que os emprehende.

Deos guarde a V. E. muitos annos. Palacio do Governo em 17 de Abril de 1811.

(Assignados) Bispo Patriarcha Eleito, Marquez Monteiro Mór, Principal Sousa, Conde de Redondo, Carlos Stuart, Ricardo Raimundo Nogueira, D. Miguel Pereira Forjaz, Joaõ Antonio Salter de Mendonça.

Copia de huma Carta do Ex^{mo}. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz, em nome do Governo, a S. E. Sir W. C. Beresford, C. do B. Marechal Commandante em Chefe.

Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Sr.

TENDO os Exercitos combinados repellido os inimigos para além das Fronteiras deste Reino, nas Provincias do Norte e do Sul, com tanta gloria dos Allia-dos, como interesse da justa causa, que defendem, os Governadores do Reino me authorisáraõ para em seu Nome agradecer a V. E. os distinctos e relevantes ser-viços, de que lhe he devedora a Naçaõ Portugueza, na qualidade de Marechal Commandante em Chefe dos seus Exercitos.

Se os felizes successos das nossas Armas saõ o fructo da Disciplina e do Valor, a V. E. se deve attribuir, que Tropas que ha pouco eraõ recrutas, na maior parte, tenhaõ podido conduzir-se como veteranos ex-perimentados, e merecer taõ assignaladamente do seu Soberano, e dos seus Concidadãos.

O Governo levará á Presença de S. A. R. com es-pecial recommendaçãõ os merecimentos e gloriosos feitos do seu Exercito, e deseja que V. E. faça saber a todo elle, do modo mais solenne, o honrado conceito em que saõ tidos os seus serviços.

O Exercito tem correspondido ás esperanças da Pa-tria; e em quanto ella conservar a lembrança de taõ gloriosos acontecimentos, será entre nós mui presente a memoria do digno Chefe, que o disciplinou.

Tenho particular satisfaçãõ em communicar a V. E. os sentimentos dos Governadores do Reino, porque

elles são os mesmos, que por V. E. tenho invariavelmente conservado. Deos guarde a V. E. Palacio do Governo em 17 de Abril de 1811.

(Assignado) D. Miguel Pereira Forjaz.

Sir William C. Beresford, Marechal Commandante em Chefe do Exercito Portuguez.

AVISO

E Instrucçoens para o Governador do Porto.

Fazendo-se indispensavel completar immediatamente não só os Corpos de Linha do Exercito, mas as reservas determinadas pelo Alvará de 15 de Dezembro de 1809 : he Sua Alteza Real Servido Ordenar, que V. S. mande proceder desde logo ao Recrutamento nos Districtos da sua jurisdicção ; devendo V. S. apromptar 1,362 Recrutas no espaço de 40 dias, contados da data desta : attendendo porém Sua Alteza Real á impossibilidade, que V. S. deve achar no Recrutamento dos Districtos assignalados para os Regimentos de Milicias de Coimbra, e Figueira por terem sido invadidos pelo inimigo, he outro sim Servido Ordenar, que os sobreditos Districtos fiquem isentos do presente Recrutamento.

Constando porém a Sua Alteza Real, que no ultimo Recrutamento se não attendeo com a precisa averiguação á idade, e constituição fisica das Recrutas ; e a que na acção de serem levadas para os Depositos Geraes, as demoravaõ em prisoes inhabitaveis por falta de limpeza, accrescendo a isto a privação do necessario sustento para a conservação da saude das mesmas Recrutas : he o Mesmo Senhor Servido Determinar, que no presente Recrutamento se observem as seguintes Regras.

‘ I. Que V. S. designe dous, ou tres Pontos em Cidades, ou Villas para nelles se ajuntarem as Recrutas cujos Districtos ficarem mais proximos dos ditos pontos, os quaes devem distar o menos que fôr possivel do Deposito Geral de Infantaria, actualmente estabelecido na Villa de Setubal, e do de Cavallaria ainda existente na Luz suburbio desta Capital.

‘ II. Que V. S. nomee Officiaes de reconhecida inteireza, conhecimento, e zelo pelo bem do Real Serviço para fazerem a escolha das Recrutas reunidas nos sobreditos pontos na con-

formidade do §. 6. do citado Alvará, e do §. 1. da Regia Portaria de 17 de Junho de 1810.

‘ III. Que as Recrutas conduzidas aos sobreditos pontos, que serao considerados como Depositos Provisionaes, sejaõ abonadas de 100 réis por dia na conformidade das Ordens expedidas a V. S. em Aviso de 25 de Agosto de 1810, cuja importancia será satisfeita confôrme determina a Lei de 24 de Fevereiro de 1764 no §. 18.

‘ IV. Que as Recrutas no acto de serem conduzidas para os sobreditos Depositos Provisionaes devao ser recolhidas em casas habitaveis ; devendo com tudo ficar debaixo da necessaria segurança.

‘ V. Que V. S. mande abonar ás Recrutas approvadas o soldo de Infantaria, e pao desde o dia em que o forem, cuja importancia deverá ser igualmente satisfeita pela respectiva Thesouraria Geral das Tropas por meio de Valles, e Prets passados pelos Officiaes encarregados da approvaçoõ das mesmas Recrutas ; os quaes devem ser resgatados por Livranças passados pelos sobreditos Officiaes, e rubricadas por V. S., e do soldo de cada huma das Recrutas approvadas V. S. lhes mandará fazer dous ranchos ao dia.

‘ VI. Que V. S. mande fornecer pelo Arsenal dessa Cidade ás Recrutas mais necessitadas aquelle vestuario, e calçado, que fôr indispensavel para chegarem ao Deposito Geral no estado conveniente ; e de toda a despesa, que se fizer no dito Arsenal com este fornecimento V. S. a mandará lançar em Relaçoes competentes, nas quaes se deve declarar os Artigos do fardamento fornecido, a sua qualidade, e importancia ; o nome, naturalidade, e filiaçoõ da Recruta a quem se fornece.

‘ VII. Que as Recrutas devao partir para os Depositos Geraes em levas de 25 até 30, escoltados por Ordenanças de Districto, em Districto, ou embarcadas confôrme as circumstancias o permittirem ; devendo ser entregues a hum Official capaz, o qual as deverá conduzir como se todas ellas formassem hum Destacamento de Tropa.

‘ VIII. Que V. S. remetta a esta Secretaria d’Estado de 10 em 10 dias huma Relaçao Nominal das Recrutas, que tiverem sido approvadas existentes nos Depositos Provisionaes, ou effecivamente remettidos aos Depositos Geraes com declaraçoõ da idade, naturalidade, filiaçoõ, altura, occupaçoõ de cada huma, e dia, em que foi approvada na conformidade do modelo, que remetto incluso a V. S. O que tudo participo a V. S. de Ordem de Sua Alteza Real para sua intelligencia, e prompta execuçoõ. Deos guarde a V. S. Palacio do Governo em 8 de Maio de 1811. D. Miguel Pereira Forjaz. Senhor D. Antonio de Amorim. Recebido em 18 de Maio de 1811, pelo Senhor D. Antonio de

Amorim, (Assignado) Guilherme de Linstow, Como Deputado do Ajudante General.

FAZENDO-SE necessario estabelecer hum Regulamento, que designando os sitios em que devem ancorar os Navios Mercantes Nacionaes, e Estrangeiros, que entrarem no Porto de Lisboa, prescreva juntamente o methodo que hade pôr-se em prática, para evitar que os ditos Navios, por motivo de se acharem fundeados mui perto huns dos outros, se occasionem reciprocas avarias, de que resultaõ graves prejuizos ao Commercio, e Navegação, e determine tambem o systema que deve seguir-se, verificando-se, as ditas avarias, e quando se fizerem rocegas dentro do sobredito Porto: Manda o PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor, que o Conselho do Almirantado, e a Real Junta da Fazenda da Marinha fação observar interinamente o Regulamento, que acompanha esta Portaria, assignada por D. Miguel Pereira Forjaz, do seu Conselho, Marechal de Campo dos seus Exercitos, e Secretario do Governo nas Repartiçoens da Marinha, Negocios Estrangeiros, e Guerra. Palacio do Governo em 7 de Junho de 1811.

Com tres Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

REGULAMENTO

Para o Porto de Lisboa, que se manda observar por Portaria da data deste.

I. Todo o Navio Mercante Nacional, e Estrangeiro, que entrar no Rio de Lisboa por motivo de arribada, sem destino de descarregar, e só com o fim de se reparar das faltas que tiver, fundeará do sitio da Junqueira para baixo. Se porém tiver necessidade de descarregar, para melhor fazer qualquer fabrico, irá fundear defronte do Estaleiro, em que pertender

concertar-se, e não molestará os que alli já se acharem, nem mesmo exigirá que estes se retirem para obter melhor ancoradouro. Tanto porém que estiver reparado, irá dar fundo do sobredito sitio da Junqueira para baixo, no lugar dos Navios que estão em franquia, para sahirem de barra em fóra.

II. Todo o Navio que trouxer carga para Terceiras, fundeará defronte, e perto dellas, sem com tudo molestar, ou exigir que se retire qualquer outro Navio que alli estiver, e não houver ainda concluido a sua descarga.

III. Todo o Navio que trouxer carga, cuja entrada pertença á Alfandega, ou caza da India, irá fundear defronte do Caes das Columnas, para L'Este.

IV. Todo o Navio Portuguez, logo que tiver feito a sua descarga, irá fundear defronte da Boa Vista, nos sitios em que estão os seus Estaleiros; bem como todo o Navio Estrangeiro, concluida a sua descarga, fundeará do Caes da Ribeira Nova para baixo, ou junto aos Estaleiros em que costumão reparar-se.

V. Navio algum poderá por qualquer pretexto que seja amarrar-se de modo que venha a incommodar aquelles que já estiverem fundeados: todos porém deverãõ segurar-se ao correr do Rio, a que vulgarmente chamaõ agoa-arriba, agoa-abaixo, com amarras, e ferros bons, tendo sempre hum ferro, e amarra capazes, talingado á boça, não só para sua propria segurança, senãõ tambem para evitar o prejuizo que resultaria de chocarem huns com outros.

VI. Não he permittido a Navio algum o fundear junto das Embarcações de S. A. R., bem como o não he fundear entre o Caes das Columnas, e o da Ribeira Nova, por ser este o sitio destinado para os Navios da Real Corôa, e para o embarque, e desembarque das Tropas Britanicas.

VII. Fica prohibido a todos os Navios de qualquer Nação que sejaõ, o crenar, queimar, dar lados, ou fabricar defronte d'Alfandega, ou entre Embarcações fundeadas, o que sómente se consentirá do sitio da Ribeira Nova para baixo, e defronte dos Estaleiros por onde recebem os concertos, e fabrico.

VIII. Todo o Navio que estiver á descarga, logo

que não tenha lastro sufficiente para se poder conservar á cunha, deverá arrear Mastareos de Gavea, e de Joanetes, para evitar a repetição do infeliz successo acontecido ha poucos annos no Rio de Lisboa com o Bergantim—Aviso.

IX. Não poderá Navio algum que estiver fundeado recusar acceitar huma Espia, que lhe fôr dada por algum dos Escaleres do Arsenal; pois sendo este trabalho sempre feito por pessoas intelligentes, jámais lhe será dada a tal Espia em occasião impropria, e de que possa seguir-se prejuizo ao mesmo Navio.

X. Todo o Capitaõ, ou Mestre de Navio Nacional, e Estrangeiro, que contravier a disposição dos precedentes Artigos, e que não obedecer promptamente ás ordens que lhe forem intimadas por parte do Inspector do Arsenal Real da Marinha para se preencher a mesma disposição, ficará sugeito a huma condemnação pecuniaria, que o referido Inspector lhe imporá, segundo a gravidade da contravenção, e que nunca excederá a 40 mil rs., que serãõ applicados ás despezas do Arsenal, e entregues para esse fim no Cofre da Junta da Fazenda da Marinha.

E para segurança da satisfação desta pena pecuniaria, o sobredito Inspector fará tirar, e recolher no Arsenal o Panno do Navio, até que a mesma quantia seja paga.

XI. Se hum Navio fizer avaria a outro, e as Partes interessadas se não compozerem amigavelmente, o Inspector a mandará avaliar pela Mestrança do Arsenal; e se depois desta avaliação, ouvidas as Partes, e feitas as mais indagações precisas, se vier no conhecimento que a mesma avaria não excede o valôr de 50 mil rs., o referido Inspector fará que o culpado pague ao Navio prejudicado o damno que lhe causou; e na conformidade do Artigo antecedente mandará recolher no Arsenal o Panno da Embarcação que motivou a avaria, até que esteja satisfeito o valôr do mesmo damno.

XII. Quando porém o valôr da avaria, que hum Navio fez a outro, exceder a quantia de 50 mil rs., e as Partes interessadas se não compozerem amigavelmente, o Inspector do Arsenal remetterá á Real Junta do Commercio o Termo de avaliação da mesma avaria,

com as mais indagações, a que deve ter procedido nesta materia, para que o dito Tribunal com Audiencia das Partes possa decidir como fôr de justiça.

XIII. Todo o Mestre, ou Capitão que perder algum Ferro do seu Navio, dará disto parte ao Inspector do Arsenal, declarando o seu pezo, marca, e contramarca, assim como a grossura, e comprimento da amarra que ficou preza ao dito Ferro; e o Inspector dando licença por escrito ao referido Mestre, ou Capitão para fazerem a rocega dos Ferros perdidos, sem o que nenhum Commandante de Navio Nacional, e Estrangeiro a poderá fazer, mandará lançar em hum Livro a sobredita declaração, para se proceder às confrontações necessarias, depois que o Ferro estiver suspenso.

XIV. O Mestre, ou Capitão, que tiver rocegado, e suspenso o Ferro, que declarou ter perdido, será obrigado a levalllo ao lugar designado pelo Inspector do Arsenal, para se cotejar com os signaes que deo; e conhecendo-se que he o mesmo do seu Navio, se lhe entregará immediatamente: se porém o Ferro achado fôr pertencente á Fazenda Real, se entregará ao Almojarife do Arsenal; e depois de se proceder á sua avaliação, e se depositar no competente lugar, o Inspector fará constar á Real Junta da Fazenda da Marinha o termo da dita avaliação, e este Tribunal mandará satisfazer pela Repartição dos miudos á Pessoa que rocegou o dito Ferro, a oitava parte da mesma avaliação.

XV. Se o Ferro, ou qualquer outro objecto achado nao fôr de quem o rocegou, nem de Particular que tivesse feito as declarações requeridas, ficará impertivelmente pertencendo á Fazenda Real; e na conformidade do Artigo antecedente se pagará a quarta parte de sua avaliação á Pessoa que achasse algum dos ditos objectos.

XVI. Quando succeda que o Ferro rocegado seja de algum Particular, que tivesse declarado na fórmula prescripta os seus competentes signaes, elle lhe será entregue, depois de se proceder á sua avaliação pela Mestrança do Arsenal, sendo obrigado o dono do dito Ferro, antes de o receber, a pagar o trabalho da avaliação, o qual arbitrará o Inspector do Arsenal, e a

satisfazer á Pessoa que achou o dito Ferro a terça parte do seu valôr.

XVII. Se alguma Pessoa sonegar Ferros achados, ou depois de os suspender não cumprir o que se acha determinado, ficará sujeita á condemnação da oitava parte do valôr dos referidos Ferros, a favor do Denunciante; e os mesmos Ferros, e quaesquer outros objectos, sendo mandados buscar pelo Inspector do Arsenal, ficaraõ pertencendo á Fazenda Real. Se porém os ditos Ferros sonegados forem de Particulares, que delles hajaõ feito a devida declaração, serlhes-haõ entregues, pagando o Sonegador á Fazenda Real huma quarta parte da sua avaliação, e ao Denunciante a condemnação da oitava parte do seu valôr.

XVIII. Se a Lancha da Rocega do Arsenal achar algum Ferro perdido, Amarra, ou qualquer outro objecto, não pertencente á Fazenda Real, e de que não haja a competente e ordenada declaração, ficará qualquer destes effeitos pertencendo á Fazenda Real; e a Junta da Fazenda da Marinha mandará dar de gratificação á referida Lancha, e Escaleres, empregados neste serviço, huma oitava parte da sua avaliação.

XIX. Todos os Consules, Vice-Consules, Proprietarios, Consignatarios, Capitães, e Mestres dos Navios, de qualquer Nação que forem, ficaraõ obrigados á exacta observancia deste Regulamento. Palacio do Governo em 7 de Junho de 1811.

D. Miguel Pereira Forjaz.

Copia das Circulares expedidas aos Generaes das Provincias.

Sendo indispensavel fazer cessar por huma vez os abusos, a que tem dado lugar (posto que com boas intençoens) o dezejo de alguns Chefes de prover aos fardamentos dos Corpos de Milicias e Artilheiros de Ordenanças, requerendo para isso contribuiçoens ou dos Póvos em geral, ou de diversos Particulares, a quem por este motivo tem chegado a isentar do recrutamento daquelles Corpos; he Sua Alteza Real servido mandar expressamente prohibir o uso de similhantes meios, que daqui em diante ficarão criminosos, e sujeitos á disposição do Cap. 28 dos artigos de Guerra do regulamento de infantaria; ficando os Chefes destes

Corpos na intelligencia, que o meio de evitarem a necessidade de recorrer a estes expedientes será o de recrutarem os seus Corpos da fórma que lhes está ordenado no seu Regulamento, compondo-os de preferencia das pessoas mais abonadas, e capazes de se fardarem a si proprios conforme a sua instituição; e quando as circumstancias extraordinarias, como as que ultimamente occorrêrao, façao indispensavel hum extraordinario auxilio a favor destes Corpos; representando-se esta necessidade a Sua Alteza Real pelas competentes Authoridades, o Mesmo Senhor se dignará dar as providencias, que as circumstancias permittirem, como proximamente se praticou por Aviso de 7 de Fevereiro do presente anno, sem que em caso algum fique sendo permittido aos Chefes recorrer a expedientes, que redundao sempre em prejuizo público pelos abusos, que he difficil de evitar, apezar das melhores intençoens dos mesmos Chefes. O que participo a V. para que expeça em consequencia as Ordens necessarias. Deos guarde a V. Palacio do Governo em 25 de Junho de 1811.—
D. Miguel Pereira Forjaz.

Constando a Sua Alteza Real por diversas queixas, e representaçoes, que tem chegado á Sua Real Presença, as extorsoens e violencias, que praticaõ alguns Officiaes Ordenanças com o pretexto das Guardas mandadas estabelecer em diferentes partes, e com os trabalhos das fortificaçoens; e querendo obviar a continuação de semelhantes procedimentos tao contrarios ás suas Reaes intençoens, e ao muito que deseja favorecer os seus vassallos, que com tao boa vontade se tem prestado, e prestaõ a todos os sacrificios, que delles tem exigido a defesa do Throno, e da independencia desta Monarchia; he servido determinar o seguinte:

I. Que V. faça logo informar-se pelos respectivos Capitaens Mores da sua Provincia, e Governadores Militares, do serviço, que actualmente estaõ fazendo os Corpos de Ordenança, e os Artilheiros das mesmas Ordenanças mandados ultimamente crear.

II. Que reduzindo V. este serviço ao que estrictamente exigir a necessidade, ou as Ordens do Marechal Commandante em Chefe do Exercito, faça desde logo ces-ar todo aquelle, que não estiver nestas circumstancias.

III. Que apresentando a V. os mesmos Capitaens Mores, e Governadores Militares a conta exacta de

número de individuos de Ordenanças, ou Artilheiros da sua jurisdicção, se regule quantas vezes em cada mez póde pertencer este serviço ao mesmo individuo; o que se fará público em cada Companhia a fim de que todos conheçaõ, se se lhe faz injustiça neste detalhe, e se possaõ queixar ao Capitão Mór, Governador Militar, a ou V. quando sejaõ obrigados a hum serviço mais pezado do que lhe deveria pertencer.

IV. Que o mesmo se pratique relativamente ao serviço das faxinas, ou obras de fortificação; comparando-se o número de gente, que se exige, com o das Ordenanças dos diversos districtos, que para elles devem concorrer.

V. Que fique geralmente prohibido receber dos individuos, a quem tocaõ, ou as guardas, ou as faxinas, somma alguma pecuniaria a titulo de pagar a outro homem, que vá em lugar do nomeado; devendo o mesmo nomeado, ou ir pessoalmente fazer o seu serviço, ou mandar hum homem capaz em seu lugar, mas ajustado por elle mesmo sem intervenção do Sargento, ou do Capitão da sua Companhia, a quem só competirá zelar, que o serviço seja prehenchido pelo número de gente capaz, que lhe toca fornecer.

Sua Alteza Real ha por muito recommendado a V. tudo o que neste Aviso se determina, procedendo V. a castigar com o maior rigor os Officiaes d'Ordenanças, que a elle contravierem, sendo este hum objecto, que pelas suas consequencias merecerá sempre a particular attenção do Mesmo Senhor. O que participo a V. para sua intelligencia, e para que passe as Ordens necessarias. Deos guarde a V. Palacio do Governo em 25 de Junho de 1811.—D. Miguel Pereira Forjaz.

A Academia R. das Sciencias de Lisboa, tendo recebido o seguinte Programma extraordinario, que lhe foi dirigido por huma pessoa digna do nome Portuguez, e da mais seria contemplação por muitos, e bem merecidos titulos; e achando ser da competencia do seu Instituto o julgar do merecimento das Memorias de concurso, e adjudicar o premio; e querendo dar mais hum testemunho

público da alta estima com que contempla, e admira ao Lord Visconde Wellington, Defensor da Liberdade da Monarquia Portugueza, que faz o objeto do mesmo Programma, ordenou, que este se publicasse por meio de hum Supplemento á Gazeta de Lisboa, e se distribuisse gratis.

Em resolução de Assembléa Extraordinaria de 27 de Abril de 1811, na qual foi Lord Visconde Wellington declarado Socio Honorario da Academia.

PROGRAMMA EXTRAORDINARIO.

SENDO constantes a toda a Nação, e á Europa inteira os immortaes serviços, que o Marechal General Lord Visconde Wellington, com seus Illustres Companheiros de Armas tem feito, e estão fazendo ao Principe Regente N. S., á nossa Patria, e a todo o genero humano; promettendo-nos com as gloriosas victorias por elle alcançadas, e pelo Marechal General o Cavalleiro Guilherme Carr Beresford, e pelos outros Chefes dos Exercitos aliados, a mais feliz decisao da porfiada luta, em que combatemos com o inimigo commum: cumpre, que os Portuguezes concorraõ, cada hum segundo seus meios, para perpetuar a Memoria de taõ assignalados feitos; não só em testemunho da gratidaõ de hum Povo honrado para com seu benefeitor; mas a fim de que nossos vindouros achem nas aççoens heroicas deste Grande General, e dos valerosos Guerreiros, que triunfaõ debaixo de seu mando, exemplos gloriosos do mais intrepido valor, sciencia Militar, sangue frio, prudencia, humanidade, e constancia em defender os Direitos dos Soberanos aliados.

Por todas estas consideraççoens, o referido benemerito Portuguez promete o premio de huma medalha de ouro do valor de 50,000 réis ao Author, que escrever huma obra sobre o assumpto proposto, com o titulo seguinte:

Memorias para a Historia das Campanhas do Marechal General Lord Visconde Wellington, em Portugal, e na Hespanha, até ao fim do anno de 1811.

Este premio será adjudicado ao Author, que me-

lhior satisfazer ao assumpto, segundo o juizo da Academia.

As Condiçoens geraes para o Programma saõ. Que as Memorias sejaõ escriptas em Portuguez, Inglez, ou Francez. Que sejaõ remettidas ao Secretario da Academia até ao fim do mez de Maio de 1812, para serem julgadas na fórma do costume. E que os nomes de seus Authores venhão em cartas fechadas, que tragaõ as mesmas divizas, que as Memorias; para se abrirem sómente no caso, que estas sejaõ premiadas. Secretaria da Academia aos 12 de Junho de 1811.

JOAO GUILHERME CHRISTIANO MÜLLER,
Secretario da Academia,

Officios do Ill^{mo.} e Ex^{mo.} Snr. Marechal General Lord Visconde Wellington ao Ill^{mo.} e Ex^{mo.} Snr. D. Miguel Pereira Forjaz: Officio do General W. Lumley a S. Ex^{ca.} o Snr. Marechal Beresford, e outro do General Sir B. Spencer, a S. Ex^{ca.} o Snr. Marechal General.

Extracto de hum officio de S. Ex^{ca.} o Marechal General Lord Wellington, em data de 30 de Maio de 1811, do seu Quartel General da quinta da Gramicha, dirigido ao Ex^{mo.} Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

A PRAÇA de Badajoz foi investida pela margem direita do Guadiana no dia 25 do corrente; e tendo-se aproximado ao ponto destinado a nossa artilheria de bater, assim como os petrechos, e muniçoens necessarias para o cerco, principiámos a abrir trincheiras hontem pela noite.—

O inimigo retirou o grosso do seu Exercito para Llerena, mantendo os postos avançados da sua cavallaria em Usagre. Transmitto inclusa a V. Ex^{a.} a copia da parte, que me tem dado o Major General o H. William Lumley, concernente á mui bizarra refrega, que teve com o inimigo a nossa cavallaria no dia 25 do corrente, mui perto daquelle ultimo lugar.

O mesmo Major General participa que nesta occasião recebeu muita ajuda, e efficazes serviços do Major Holmy, pertencente ao Regimento de Dragoens No. 3, e que servia no Departamento do Ajudante General, como tambem do Tenente Heatcote, que servia nesta occasião no Departamento do Quartel Mestre General, e de toda a officialidade mencionada na Parte que me dirigia.—

O inimigo não tem feito movimento algum na Castella, desde que dirigi a V. Ex.^a o meu antecedente Despacho; porém diz-se geralmente que o Exercito de Portugal está a ponto de fazer hum movimento para as bandas de Avila, e do rio Téjo. Pelos preparativos que tem feito, não duvido que tem em contemplação algum movimento.

As minhas ultimas noticias de Cadix chegam a 25 do corrente.—V. Ex.^a terá sem dúvida sabido directamente daquella praça as noticias concernentes á retomada de Figueiras.

Extracto de hum officio de S. Ex.^{ca} o Senhor Marechal General Lord Visconde Wellington ao Ex.^{mo} Snr. D. Miguel Pereira Forjaz, datado do seu Quartel General da Quinta da Gramicha, a 6 de Junho de 1811.

TEMOS continuado as operaçoens do sitio de Badajoz com a maior actividade depois que dirigi a V. Ex.^{ca} o meu ultimo despacho de 30 do mez proximo passado, começando o nosso fogo na manha de 2 do corrente das quatro baterias construidas na margem direita do Guadiana, sendo o seu fogo dirigido contra as obras exteriores do forte S. Christovaõ, e contra as baterias inimigas estabelecidas no castello da praça, para o fim de apoiarem aquellas obras, e d'outras duas baterias que estabelecemos no lado esquerdo do mesmo Rio, cujo fogo he dirigido contra a face oriental do castello.

O fogo destas baterias tem continuado desde então sem cessar, tendo-se ja feito huma brecha nas obras exteriores do Forte S. Christovaõ, a qual porem não he inda apta para hum assaio. Igualmente se tem

feito consideraveis progressos para effectuar huma brecha na face oriental do Castello da Praça.

Bem que estas obras foraõ feitas com a maior rapidez, eu tenho muita satisfacção em dizer a V. Ex^{ca}. que ellas são taõ completas, e a communicacão de humas para outras taõ segura, que fazem com que a nossa perda, desde o principio deste sitio, ate hoje, tenha sido mui pequena. Sinto porem ter de communicar a V. Ex^{ca}. que o Tenente Hawker do Real Corpo de Artilharia, e hum dos officiaes que muito se havia distinguido nas actuaes operaçoens foraõ mortos esta manhã.

O inimigo não tem feito ate hoje movimento algum para perturbar as nossas operaçoens; mas sube que tres dos seus batalhoens foraõ retirados do bloqueio de Cadix nos ultimos dias do mez de Maio; e participou-se-me igualmente que os batalhoens do 9.º Corpo destinados a reforça o exercito do Sul devião chegar a Cordova no dia 5 ou 6 do corrente.

O exercito chamado de Portugal desfilou de Tormes a 3 do corrente, e a sua primeira direcção foi para as passagens do Tejo.

Recébi huma carta de Mr. Wellesley datada do 1. do corrente em que me participa que o General Suchet tinha investido a Praça de Tarragona, &c. &c.

Extracto de hum Officio do Marechal General Lord Wellington, em data de 13 de Junho de 1811, dirigido do seu Quartel General da Quinta da Gramicha ao Ex^{mo}. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz.

EM consequencia da parte que deo o Chefe dos Engenheiros o Tenente Coronel Fletcher, tendente a que o fogo do Forte de S. Christovão, poderia occasionar a perda de muitas vidas nas operaçoens da esquerda do Guadiana, e a brecha naquelles obras exteriores tinha aparentemente sido adiantada com o fogo feito pelo decurso do dia 6 do corrente, determinei que se emprehendesse o tomar naquella noite por assalto o mencionado Forte. Em resulta desta minha determinação o Major General Houston, que conduzia as operaçoens do cerco na margem direita do Guadiana, ordenou que humi Desta-

camento do Regimento 85, debaixo do commando do Major Mackintosh, fosse a esta empreza. Avançaram a ella os Soldados debaixo de hum mui vivo fogo de mosqueteria, e granadas de mão, dirigido destas obras exteriores, assim como do de Artilheria, e morteiro, que contra elles fazia a Praça: apesár disto avançáraõ com a maior intrepidez, e melhor ordem até ao fundo da brecha, sendo a Guarda avançada guiada pelo Alferes Dias do Regimento 51, o qual nesta occasião se offereceo voluntariamente para effectuar este dever. Tendo porém chegado ao ponto da brecha, acháraõ que o inimigo tinha removido as ruinas do fundo da escarpa, e apesár de se acharem providos com escadas de mão, tornou-se-lhes impossivel o poderem montar a brecha, e consequentemente se retiráraõ com alguma perda.

O fogo das nossas baterias dirigido contra S. Chistovaõ, e contra a Praça continuou-se pelos dias 7, 8, e 9. Neste ultimo a brecha na muralha do Forte parecia praticavel, e por isto determinei que naquella noite se intentasse segunda vez o ver se obtinhamos a posse daquelle Forte.

O Major General Houston nomeou outro Destacamento para fazer este serviço debaixo do commando do Major M^c. Geechy, pertencente ao Regimento Portuguez No. 17. Este Official com os demais destinados a commandarem as differentes partidas, que formavaõ este Destacamento, haviaõ sido empregados durante os dias 8 e 9 em reconhecerem a brecha, e os seus differentes aproches.

Avançáraõ ás 9 horas da noite na melhor ordem possivel apesár de se lhes oppór o inimigo com os mesmos meios e determinação, que haviaõ feito ao antecedente Destacamento, que no dia 6 havia intentado a mesma empreza.

O Alferes Dias outra vez guiava a avançada; e tendo chegado os nossos ao pé da brecha acháraõ com tudo impossivel o monta-la, pois que o inimigo havia outra vez removido as ruinas do fundo da escarpa. Sofreo entaõ o Destacamento consideravelmente, e o Major M^c. Geechy, Official que o commandava, foi infelizmente morto, assim como tambem alguns dos outros Officiaes; não obstante isso continuáraõ

as Tropas a manter o seu posto, até que o Major General Houston lhes ordenou que se retirassem.

Quando os reforços tinham chegado das Fronteiras da Castella, depois da batalha de Albuhera, empreendi o cerco de Badajoz entretendo a crença de que os meios, que tinha á minha disposição podiaõ render a Praça antes do fim da segunda semana do mez de Junho, em cuja epocha esperava que os reforços destinados para o Exercito inimigo do Sul, e que haviaõ sido destacados da Castella, se reuniriaõ ao Marechal Sout; enganei-me infelizmente na estimativa que fiz da qualidade destes meios.

Aquelles que estavaõ costumados a observar os effeitos do fogo de artilheria ficáraõ admirados de ouvirem, que havendo-se feito fogo desde 2 até 10 do corrente, e sendo este mantido e atirado de 14 peças de 24, e dirigido contra a muralha do Castello de Badajoz, a qual he construida de terra, e pedras soltas, batido tudo a malho, e cujo fundamento se pôde ver desde a distancia de 200 até 400 toezas, que apezar de hum tal fogo não tinha a final effectuado huma brecha praticavel. Era impossivel conhecer ou julgar, que prazo de tempo podia passar antes que se conseguisse effectuar huma brecha praticavel nesta muralha; e ainda mesmo que isto se conseguisse, eraõ de opiniaõ os Engenheiros e as demais Pessoas, assim como eu, que ainda que fosse assaltada esta brecha não poderiamos formar as nossas Tropas para atacar os entrincheiramentos, que o inimigo tinha formado dentro, menos que não tivessesemos conseguido a posse do Forte de S. Christovaõ.

Tinhaõ sido mallogrados os intentos, que por duas vezes puzemos em prática para nos apoderarmos d'elle; ficou-me entaõ obvio que o não podiamos obter, menos que não formassemos certa obra, para a execuçaõ do qual, e seu complemento era necessario o trabalho de muitos dias.

Na manhã de 10 recebi hum Despacho intercep-tado do Duque de Dalmacia para o de Ragusa, do qual transmitto a copia: por elle se vê em huma maneira clara que o inimigo designava reunir na Estremadura o todo da sua força, e tinha eu razo-

ens para crêr que o Corpo do commando do General Drouet, que tinha marchado de Toledo, pelos dias 28 e 29 de Maio, e que era esperado em Cordova a 5 ou 6 do corrente, ter-se-hia reunido ao Exercito do Sul a 10, sendo geralmente esperado naquellas paragens que o Exercito se moveria nesta ultima data.

O movimento deste Exercito sómente por si teria creado a necessidade de levantar o cerco; porém além disto, na mesma manhã recebi participaçoes das Fronteiras da Castella, que me não deixáram em dúvida relativamente ao destino, que tomava o Exercito de Portugal em se encaminhar para o Sul: tive, em virtude das referidas partes, fundamentos para crêr que estas forças chegariaõ a Merida pelo dia 15 do corrente.

Consequentemente determinei que fosse levantado o assedio.

Tenho todos os motivos para estar amplamente satisfeito com a conducta de todos os Officiaes e Tropas empregadas no Assedio de Badajoz, cujos trabalhos e reforços deviaõ ser coroados com hum differente resultado.

O Major General Picton dirigio as operaçoens na esquerda do Guadiana, ao mesmo passo que o Major General Houston as dirigia na direita deste Rio. Devo muito aos disvélos destes Officiaes Generaes, como tambem ao Major General Hamilton, e a todos os demais Generaes, Officiaes do Estado Maior, Officiaes e Tropas debaixo dos seus respectivos commandos. O Tenente Coronel Fletcher do Corpo dos Reaes Engenheiros foi aquelle que dirigia, e immediatamente superintendia as operaçoens na esquerda do Guadiana, e o Capitão Squire aquellas da direita deste Rio. Os Officiaes deste Corpo tem, pela sua conducta nesta occasião, augmentado os direitos, que já tinhaõ á miuha approvaçoõ.

O Tenente Coronel Framingham, Commandante da Artilheria, tinha debaixo das suas ordens ao Major Dickson, Official addicto ao serviço da Artilheria Portugueza, o qual tinha (durante a ausencia do Tenente Coronel Framingham com as Tropas, que eraõ empregadas para cobrirem estas operaçoens) con-

duzido os detalhes deste importante Departamento. Tenho todos os motivos para estar satisfeito com estes Officiaes, e muito particularmente com o Major Dickson, de cujo zêlo, actividade, e intelligencia tem o serviço público derivado grandes vantagens no decurso das differentes operaçoens emprendidas contra Badajoz.

O Capitão Cleves pertencente a Artilheria Hanoveriana dirigio o serviço deste Departamento na direita do Guadiana com mui conspicuos successos.

O serviço das baterias foi feito por Destacamentos dos Regimentos de Artilheria Portugueza No. 1, 2 e 3, os quaes se conduzirão de huma bizarra maneira. Foraõ ajudados pela Companhia de Artilheiros Reaes do commando do Capitão Rainsfords, a qual se portou com o maior e mais incansavel zêlo: alguns dos individuos, que a compõe, nunca sabíraõ (em quanto durou o serviço) das baterias.—

Sou deverer ao General Leite, Governador da Praça d'Elvas, e Provincia do Além-Têjo pela assistencia e cooperaçõ, que outra vez me prestou nesta operaçõ.—

Transmitto a V. Ex^{ca}. incluso o Mappa dos mortos e feridos, que havemos tido por todo o tempo que durou este Assedio. Observará V. E. do dito mappa que, á excepçao das perdas que experimentamos nas duas vezes, que intentamos conseguir a posse do Forte de S. Christovaõ, não tem sido além destas notavel a nossa perda. Ainda mantemos o bloqueio de Badajoz.

Naõ tenho até aqui ouvido que o inimigo se tenha movido da sua posiçãõ em Llerena, e supponho que a chegada do 9. Corpo tem-se demorado mais do que se esperava; e he provavel que Sout não esteja de acordo de pôr-se em movimento antes que saiba dos movimentos do Exercito de Portugal.

Sahio este de Tormes a 3 do corrente, e a sua guarda avançada chegou a Cidade Rodrigo na tarde de 5.

Movêraõ-se para diante na seguinte manhã, e o Tenente General Sir B. Spencer retirou a guarda

avançada das Tropas do seu Commando, primeiro para Nave de Aver, e deste lugar para Alfaiates.

Transmitto inclusa a V. E. a parte, que me deo o mesmo General destas operaçoens, da qual se vê que os Dragoens Reaes commandados pelo Coronel Clifton, e hum Esquadraõ do Regimento 14, tudo debaixo das ordens do Major General Slade, se distinguirão nesta occasiaõ.

Imagino que a marcha que o inimigo fez nesta direcção, foi com o fim de cobrir a marcha de hum Comboi, que dirigiaõ para Cidade Rodrigo, visto que no dia seguinte 7 toda esta força se pôz em movimento em direcção para Moras Verdes, e de Passo de Banos, perto de cujo passo o General Regnier havia estado desde 5 do corrente com duas Divisoens do Exercito de Portugal. No dia 8 pela tarde huma destas Divisoens o havia passado, esperando eu que estas Divisoens tenhaõ chegado a Placensia a 9, e todo o Exercito a 10 do corrente.

P.S. Depois que tem sido escrito o Despacho acima, tenho recebido parte de que as Tropas do General Drouet se reunirão hontem á direita do Exercito inimigo em Berlenga e Asuaga, e outra participaçãõ, que menciona que a sua Cavallaria estava esta manhã em movimento para as direcçoens de los Santos. A Cavallaria Britanica, a 2. e 4. Divisaõ estavaõ a ponto de marchar de Villa-Franca, e Almendraléjo para as bandas de Albuhera. Tenho ordenado que marche para alli a Divisaõ do commando do General Hamilton, e partirei para aquelle ponto esta noite quando tenha a confirmação desta indicada communicaçãõ. Dirijo a V. E. a parte que recebi do Major Dickson concernente a dar-me a conhecer os Officiaes do seu Departamento, que na occasiaõ do Assedio se distinguirão de huma maneira conspicua, e exijo que V. E. os recomende á consideraçãõ de S. A. R. o Principe Regente de Portugal.

Mappa dos mortos, feridos, e extraviados do Exercito, commandado por S.E. o Ten. General Lord Visconde Wellington C. do B. no cerco de Badajoz, desde 30 de Maio até 5 de Junho, inclusive, de 1811.

MAIO 30. 2. Regimento de linha, 1 Tenente morto ; 1

Sargento, 4 Cabos e Soldados, feridos. 7. dito dito, 1 Soldado morto: 2 cabos e Soldados, feridos. 9. dito dito, 2 Cabos e Soldados mortos; 1 Tambor, 2 Cabos e Soldados, feridos; 1 Soldado, extraviado. 10. dito dito, 1 Soldado morte. 14. dito dito, 1 Tenente Coronel, ferido.

Maió 31, e 1 de Junho. 17. Regimento de linha, 7 Cabos e Soldados feridos. 19. dito dito, 3 Cabos e Soldados feridos. 21. dito dito, 1 Soldado morto, 1 Major, 1 Alferes, 2 Cabos e Soldados feridos. 2. de Caçadores, 2 Cabos e Soldados feridos. 5. dito, 4 Cabos e Soldados feridos; 1 Soldado extraviado. Milicias de Fáro, 1 Alferes ferido.

Junho. 2. 2. Regimento de linha, 1 Soldado morto. 7. dito dito, 2 Cabos e Soldado, mortos. 10. dito dito, 1 Soldado, morto. 17. dito dito, 4 Cabos e Soldados feridos. 2. de Caçadores, 1 Soldado ferido.

Junho 3. 4. Regimento de linha, 1 Soldado morto. 14. dito dito, 1 Soldado ferido. 19. dito dito, 1 Soldado ferido.

Junho 4. Artilheria, 1 Tenente ferido. 4. Regimento de linha, 2 Cabos e Soldados feridos. 7. dito, dito, 4 Cabos e Soldados feridos. 14. dito dito, 1 Soldado morto. 17. dito dito, 3 Cabos e Soldados feridos. 19. dito dito, 1 Soldado morto; 1 Soldado ferido. 21. dito dito, 1 Soldado ferido. 2. de Caçadores, 2 Cabos e Soldados mortos; 2 Cabos e Soldados feridos. 5. dito, 1 Soldado ferido.

Junho 5. Artilheria, 1 Soldado morto; 3 Cabos e Soldados feridos. 2. Regimento de linha, 1 Soldado ferido. 5. dito dito, 1 Soldado ferido. 19. dito dito, 1 Soldado ferido. Milicias de Fáro, 2 Cabos e Soldados feridos.

Perda total Portugueza desde 30 de Maio até 5 de Junho.

1 Tenente, 20 Cabos e Soldados mortos; 1 Tenente Coronel, 1 Major, 1 Tenente, 2 Alferes, 1 Sargento, 1 Tambor, 63 Cabos e Soldados feridos; 2 Cabos e Soldados extraviados.

Perda Total Ingleza.

2 Tenentes, 13 Cabos e Soldados mortos; 1 Alferes, 9 Sargentos, 48 Cabos e Soldados feridos; 2 Cabos e Soldados, extraviados.

Total Geral: 3 Tenentes, 33 Cabos e Soldados mortos; 1 Tenente Cor., 1 Major, 1 Tenente, 3 Alferes, 4 Sargentos, 1 Tambor, 111 Cabos e Soldados feridos; 4 Cabos e Soldados extraviados.

(Assignado) Carlos Steward.

Maj. Gen. e Aj. Gen.

Nomes dos Officiaes mortos, e feridos no sitio de Badajoz desde 30 de Maio até 5 de Junho.

Maio 30, e 31. Tenente, Rodrigo de Mello, do 2. Reg. de linha Portuguez, morto. Tenente Coronel Oliver, do 14. de lina Port. ferido gravemente.

Junho 1. Major Gomes do 21. de lin. Port., e o Alferes José Vicente dito dito, feridos.

Junho 2. Tenente Sedgewick do 5. de inf. 2. Bat., morto.

Junho 3. Alferes Leslie de 57. de inf. 1. Bat. ferido.

Junho 4. Ten. Jose Baptista da Silva Lopes, da Art. Port., ferido.

Junho 5. Tenente Edm. Hawker, C. do B., do Artilharia de pè morto.

Mappa des mortos, feridos, e extraviados, do Exercito, commandado por S. E. o Tenente Lord Visconde Wellington C. do B. no sitio de Badajoz desde 6 até 11 de Junho de 1811.

Junho 6. Artilheria, 3 Cabos e Soldados, feridos. 7. Reg. de lin. 2. Cabos e Soldados, mortos; 5 ditos feridos. 19 dito dito, 1 Sargento, 1 Soldado, mortos; 1 Capitão, 1 Alferes, 2 Sargentos, 11 Cabos e Soldados, feridos. 19. dito dito, 5 Cabos e Soldados, mortos; 5 ditos feridos. Milicias de Beja, 1 Soldado ferido.

Junho 7. Artilheria, 1 Soldado morto. 2. Reg. de lin., 1 Soldado morto; 1 Sargente ferido. 4. dito dito, 1 Soldado ferido. 10. dito dito, 2 Cabos e Soldados feridos. 5. de Caçadores, 2 Cabos e Soldados feridos.

Junho 8. 9. Reg. de lin., 1 Soldado ferido. 21. dito dito, 2 Cabos e Soldados feridos.

Junho 9. 2. Reg. de lin., 1 Soldado, ferido. 7. ditto dito, 1 Ten., 4 Cabos e Soldados, mortos; 4 ditos, feridos. 10. dito dito, 1 Soldado, morto. 17. dito dito, 1 Major, 1 Sargento, 2 Cabos e Soldados, mortos; 1 Ten., 7 Cabos e Soldados, feridos. 19. dito dito, 1 Ten., 1 Soldados, mortos; 1 Sargento, 2 Cabos e Soldados, feridos; 1 Capitão extraviado. Milicias de Tavira, 1 Soldado, morto; 1 dito, ferido.

Junho 10. 5. de Caçadores, 1 Sargento, morto.

Junho 11. 1. Reg. de Art., 2 Cabos e Soldados, mortos; 11 ditos, feridos. 2. dito dito, 2 Cabos e Soldados, feridos. 3. dito dito, 4 Cabos e Soldados mortos; 1 Capitão, 15 Cabos e Soldados, feridos.

Perda total Portugueza desde 6 até 11 de Junho.

1 Major, 2 Tenentes, 2 Sargentos, 25 Cabos e Soldados, mortos. 2 Capitães, 2 Tenentes, 1 Alferes, 4 Sargentos, 76 Cabos e Soldados, feridos. 1 Capitão extraviado.

Perda total Inglesa desde 6 até 11 de Junho.

3 Tenentes, 1 Sargento, 48 Cabos e Soldados, mortos; 2 Capitães, 9 Tenentes, 9 Sargentos, 127 Cabos e Soldados feridos; 1 Capitão, 1 Alferes, 6 Cabos e Soldados, extraviados.

Total Geral. 1 Major, 5 Tenentes, 3 Sargentos, 73 Cabos e Soldados, mortos; 4 Capitães, 11 Tenentes, 1 Alferes, 13 Sargentos, 203 Cabos e Soldados, feridos. 2 Capitães, 1 Alferes, 6 Cabos e Soldados, extraviados.

(Assignado) Carlos Steward.

Maj. Gen. e Aj. Gen.

Nomes dos Officiaes mortos, feridos e extraviados, no sitio, de Badajoz desde 6 até 11 de Junho de 1811, inclusive.

Junho 6. Tenentes: Forster, dos Reaes Engenheiros gravemente ferido (depois morreo); Westmacott, dito; Beardsley do 51 de Inf. dito; Gamell do 85 dito levemente; Grant do 85 dito.—dito Portuguezes. Capitão Maxwell do 17 de linha, gravemente. Alferes Joaõ Antonio Boquese, dito dito.

Junho 9. Tenentes: Hunt dos R. Engenheiros; Westropp do 51 de Inf.; Hogg do 85 dito mortos. Portuguezes: Tenente José Pereira, do 7. Reg. de linha; Major M.^o Geachy (do 11., C. do B.) do 17 dito; Tenente José de Menezes do 19. dito, mortos.—Capitães Patton dos R. Engenheiros ferido gravemente; Smellie do 51 do Inf. dito. Tenentes: Hicks, dito dito; Morton, do 85 dito, levemente; Dufief, dos Chass. Britaniques, gravemente. Lyznewsky da Inf. lig. de Brunswick, levemente. Portuguezes: Ten. José Forte do Reg. 17 de lin.

Alferes, Leslie do Reg. 57, Bat. 1. Capitão Nixon do 85, dito Portuguezes. Capitão Budd, do Reg. 19 de lin. extraviados.

Entre 6 e 11 de Junho ficáram feridos o Capitão Vellez Barreiros do Reg. 3. de Artilheria levemente, e o Ten. Baptista Lopes dito gravemente.

Extracto de hum officio de S. Ex.^a o Marechal General Lord Wellington, dirigido ao Ex.^{mo} Sr. D. Miguel Pereira Forjaz do seu Quartel General da quinta de S. Joaõ, em data 20 de Junho de 1811.

A Guarda avançada do inimigo, composta de 10 mil homens avançou para los Santos na manhã do dia 13 do corrente. Nesta occasiaõ o Tenente Streenivitz, do Regimento de Dragoens N.^o 21, foi mandado pelo Major General Sir William Erskine que sabisse a reconhecer o inimigo com hum pequeno Destacamento do Regimento 2 de Hussares, e do Regimento N.^o 3 de Dragoens das Guardas; este Destacamento se distinguio em hum ataque, que travou com huma força mui superior do inimigo, e a quem foraõ feitos alguns prisioneiros.

Eu tinha feito as disposiçoens necessarias para que a cavallaria, e a 2. e 4. Divisaõ do Exercito Alliado Anglo-Luzo, e as tropas Hespanholas do commando do General Blake se reunissem, no caso que o inimigo avançasse com o fim de interromper o cerco de Badajoz, ou o seu bloqueio; e parti para Albuhera naquella noite para ordenar e superintender os movimentos das tropas.

Igualmente puz em movimento na noite de 13 a Divisaõ do commando do General Hamilton, tirando-a do bloqueio do Badajoz, sendo a minha intençaõ o fazer parar o inimigo, caso que fosse somente o Exercito do Sul o que avançasse.

Na noite de 14 o Tenente Ayling do Regimento 40, que havia sido encarregado de observar os movimentos, que fazia o inimigo, chegou a Albuhera, com a participaçãõ de que a guarda avançada do Exercito de Portugal tinha em a sua marcha da Castella entrado na Cidade de Truxillo, e isto pela tarde de 13 do corrente: esta parte confirmou as que eu antecedentemente havia recebido até á data de 12, as quaes relatavaõ os progressos, que fazia este Exercito na marcha que trazia; e como podiaõ chegar de Truxillo a Merida no dia 15, e desta fórma ficavaõ em communicaçãõ com o Exercito do Sul, determinei-me a levantar o bloqueio de Badajoz, e que todas as Tropas Alliadas re-

passassem o Guadiana no dia 17; foi conseguintemente executada esta determinação sem difficuldade, ou perda de qualidade alguma; ao mesmo passo, que o General Blake passou tambem com o Corpo do seu commando em Jeromenha no dia 17.

Desde então o Exercito Alliado tem estado acampado nos bosques, que ficaõ sobre o Caya perto da Torre de Moribo, tendo a sua direita na ponte do dito Rio; a 3 e 7 Divisaõ com a cavallaria do commando do Brigadeiro General Madden se achaõ em Campo-Maior: as Tropas que haviaõ estado debaixo do commando do Tenente General Sir Brent Spencer nas Fronteiras da Castella, passáraõ o Rio Téjo em Villa Velha, á proporção que o inimigo passava este Rio em Almaraz. Achaõ-se todas no presente momento postadas na linha do Caya, entre este lugar, e Arronches.

As avançadas do inimigo tem neste dia apparecido nas visinhanças de Badajoz, e persuado-me que todo o seu Exercito ficará unido á manhã nas visinhanças de Merida.

O inimigo tem unido nesta occasiaõ todas as forças, que tinha na Castella, e em Madrid que elle chamava o seu Exercito do Centro; assim como todas as forças das Andaluzias, á excepção daquellas que eraõ absolutamente necessarias para manter a sua posição defronte do Cadiz, e a que o General Sebastiani occupa nas partes Orientaes das Andaluzias.

O inimigo abandonou a Velha, e Nova Castella a excepção de huma pequena guarnição que deixou em Madrid, e tirou todas as forças, que podia, de todas as partes de Hespanha, a fim de unir na Es-madura este Exercito.

Extracto de hum officio de S. E. o Marechal General Lord Wellington, dirigido ao Ex^{mo}. Sr. D. Miguel Pereira Forjaz, do seu Quartel General da Quinta de S. João a 27 de Junho de 1811.

O inimigo fez hum forte reconhecimento com hum grande Corpo de cavallaria sobre a Praça de Elvas, e Campo-Maior na manhã do dia 22 do cor.

rente. A cavallaria do Exercito do Sul foi a que se dirigio contra Elvas sahindo para este effeito das visinhanças de Olivença, e bôsqes situados entrè esta e a Praça de Badajoz, ao mesmo passo que a cavallaria do Exercito de Portugal fez o reconhecimento sobre Campo-Maior, defilando para isto das visinhanças de Badajoz.

A cavallaria do Exercito do Sul conseguiu cortar hum piquete nosso do Régimento de Dragoens ligeiros N.º 11, o qual havia sido postado sobre o Caia em frente de Elvas, e era commandado pelo Capitaõ Lutyens. Suppõe-se que a causal desta infelicidade foi o tomar o dito Capitaõ hum Régimento de Hussares inimigo, por hum Corpo de cavallaria nossa mandada para o apoiar.

O Régimento 2. de Hussares, que se achava postado no Guadiana, soffrêo tambem consideravelmente no tempo em que se retirava para as bandas de Elvas.

O inimigo foi tido em respeito nas visinhanças de Campo-Maior, pela Brigada de cavallaria Britanica commandada pelo Major General De Greys, e pela Brigada de cavallaria Portugueza do commando do General Madden; e consequentemente retirou-se sem que visse a posição das nossas Tropas. Depois deste dia não tem feito movimento algum de importancia. O seu Exercito se acha postado ao longo do Rio Guadiana, entre Badajoz e Merida, e a sua principal occupação parece consistir em procurar subsistencias.

Tem desde já começado a experimentar em certo grão o effeito de unirem o todo das suas forças na Extremadura. O General Bonnet tem evacuado as Asturias. D. Juliaõ Sanches está de posse das planicies da Castella Velha, e recentemente interceptou hum comboi de muito valor, cujos effeitos consistiaõ em dinheiro e viveres destinados de Salamanca para Cidade Rodrigo. Tenho igualmente sabido de Valhadolid, que outro, tambem de muito valor, consistindo em bagagens e effeitos pertencentes ao Rei José, acabava de ser interceptado pelo chefe de guerrilha Mina, perto da Cidade de Victoria, sendo morta quasi toda a escolta que o guardava.

O General Blake passou, como se havia combinado, o Rio Guadiana a 22 do corrente, e tenho sabido que a 24 estava em Castillejos.

He para desejar que os Hespanhoes tomem mais extensivas vantagens da concentraçãõ das forças inimigas, e desta maneira obriga-los, pela perda de seus combois, e perigo a que expõem as suas pequenas guarniçoens, departamentos civis e adherentes, residentes nas grandes Cidades, a terem separados os seus Exercitos, e a expôr alguns delles aos nossos ataques.

Officio do General W. Lunley a S. Exca. o Snr. Marechal Beresford.

Campo ao pé de Usagre 26 de Maio de 1811, as 2 da manha.

SENHOR. Tenho a honra de vos participar, como vocalmente vos tera dito o official, que de propozito vos mandei, que, tendo desalojado de Usagre a retaguarda do inimigo, como taobem vos tinha ja comunicado, occupei este posto na noite do dia 24, collocando as tropas Hespanholas em frente da Villa com os seos atiradores na avançada para a banda do inimigo, e a cavallaria Portugueza, e Britanica com as quatro peças de 6 na retaguarda deste lugar, porque havia da parte de cá da Villa hum pequeno ribeiro que he huma especie de fosso profundo, e hum desfilladeiro estreito.

Hontem pelas seis horas da manha participou-se-me que a cavallaria inimiga avançava em grande força, e que havia razão de julgar que vinha acompanhada por artilharia, e infantaria: mas como as noticias podião ser exageradas, e eu não queria ceder o posto a força inferior; ordenei ao 13 de Dragoens ligeiros, e á Brigada de cavallaria Portugueza do Coronel Otway, que atravesassem o ribeiro á esquerda da Villa por váos estreitos, e passagens, que anteriormente se tinhaõ reconhecido; e ordenei igualmente á Brigada de Cavallaria Portugueza do Brigadeiro General Mad-den, que paçasse á direita, e que se retirassem pelos mesmos passos se fosse necessario. A Brigada pezada

Britanica com a artilharia, ficou ainda de reserva na retaguarda da Villa.

Quando o inimigo se aproximou, vio-se claramente que avançava com toda a sua cavallaria, e 5 ou 6 peças grandes (do calibre de 8); o que sendo reconhecido, e dispirando o inimigo a primeira peça, ordenei á linha que se retirasse, o que fez lentamente, na melhor ordem, e sem perda. As tropas Hespanholas desfilaram pela estrada Real atravessando a Villa, cujas portas se tinham deixado abertas para esse fim. Começou então huma viva canhonada das alturas oppostas, tendo o inimigo decizivamente a seu favor a superioridade do numero, e o calibre das peças; mas o Capitão Lefevre e seu corpo somente com 4 peças do calibre de 6 desenvolveram superiores talentos, e fizeram hum fogo habilissimamente dirigido. O inimigo fez então huma tentativa muito audacioza; ou para melhor dizer, commetteo hum erro, que lhe custou mui caro. Em frente de duas das nossas peças, que atiravam directamente sobre a estrada na distancia d'alguns passos, tres dos seus regimentos escolhidos, o 4., 20., e 26. atravessaram a Villa, e se formaram rapidamente no flanco do 3 Regimento de Dragoens das Guardas, (que os inimigos, segundo creio, não tinham visto, porque estava encoberta por huma colina), e na frente do 4 Regimento de Dragoens, formando elles mesmos duas frentes. Neste momento o 3 de Dragoens das Guardas Reaes teve ordem de atacar a direita, e hum movimento simultaneo do 4 de Dragoens, mui judiciosamente determinado pelo Brigadeiro General Long sobre a esquerda, onde eu lhe tinha rogado que permanecesse, decidiu esta acção.

O inimigo vacillava antes que a nossa cavallaria o alcançasse; mas quasi no mesmo instante foi derrotado. O combate teve lugar tão perto do ribeiro, e da ponte que immediatamente conduz á Villa onde a cavallaria tinha tido ordem de não entrar, que foi impossivel a esta perseguir o inimigo: consequentemente he difficil determinar a perda do inimigo: muitos se escaparam pela Villa gravemente feridos; outros apearam-se, e fugiram pelo ribeiro, e pelas bestas mas alem de 78 prisioneiros, ficaram mortos no campo 29; viram-se taobem muitos mortos sobre a

ponte, e na primeira rua; e hum paizano diz que mandáraõ de 30 a 50 feridos para a sua retaguarda em cavallos, e carros. Eu não devo omitir que huma parte da cavallaria Hespanhola commandada pelo Conde de Penna Villamur apoiou o ataque do 3 de Dragoens na esquerda, do mesmo modo que a Brigada do Brigadeiro General Madden o fez na direita segundo as informaçoens, que tenho: mas o pó occasionado pela carga era taõ grande, que eu mesmo não pude ver o que se passava neste flanco. Os prizioneiros asseguraõ-me positivamente que o inimigo tinha treze Regimentos de Cavallaria no campo da batalha, e bem que cada hum delles não tivesse mais de 200 a 300 hoinens, assim mesmo era taõ grande a sua superioridade sobre a força que eu commandava, composta de tropas das tres Naçoens ainda pouco habitudas a obrar juntas em evoluçoens de cavallaria, que eu me julguei plenamente authorizado a nao deixar na minha retaguarda hum profundo fosso, e hum desfiladeiro, nem taõ pouco tentar defender a Villa, que só a infantaria pode defender contra hum ataque feito do outro lado.

Eu tenho huma particular satisfação em accrescentar que a vantagem que obtivemos foi quasi sem alguma effuzaõ de sangue da nossa parte, posto que durante alguns segundos estivessemos inevitavelmente expostos ao fogo da artilharia, e que o ataque fosse feito contra o corpo escolhido do inimigo; entretanto que da sua parte, elle foi vizivelmente maltrado por nossa artilharia, alem da perda que experimentou no ataque.

Eu devo as maiores obrigaçoens ao Brigadeiro General Long, tanto pelo seo zelo, e seos activos, e oportunas esforços; como pela assistencia que delle recebi durante a acção.

Sou igualmente muito obrigado ao Brigadeiro General Loy, commandante da Cavallaria Hespanhola (porque o Conde de Penna Villamur estava doente em Villa-Franca), e ao Brigadeiro General Madden Commandante da Divizaõ Portugueza pela sua diligencia em receber minhas ordens, e por sua promptidaõ em as executar. Eu devo obrigaçoens ao honrado Coronel de Grey, commandante da Brigada

Ingleza de cavallaria pezada, e ao Coronel Otway commandante da Brigada Portugueza, ambas debaixo das ordens do Brigadeiro General Long; ao Coronel Lord Eduardo Somerset commandante do 4 de Dragoens; ao Coronel Head, commandante do 15 de Dragoens legeiros: ao Major Weston commandante do 3 de Dragoens das Guardas Reaes (na auzencia de Sir G. Calcraft doente em Villa Franca); e ao Capitão Lefevre da Artilharia montada, bem como a todos os officiaes e soldados pela promptidaõ, e firmeza com que executaraõ todos os movimentos, mesmo retrogrados, em frente de hum inimigo superior. A vantagem obtida naõ só enfraquecerá hum pouco a superioridade da cavallaria inimiga, mas contribuirá para o fazer mais timido em todos os seos movimentos. Eu tenho a honra, &c. W. Lumley, Major General, a Sir W. C. Beresford.

Officio do General Sir B. Spencer ao Ill^{mo}. e Ex^{mo}.
Snr. Lord Visconde Wellington.

Soita 7 de Junho de 1811.

My Lord. Na minha carta de 5 do corrente datada de Villar-Formoso, tive a honra de participar a V. Ex^{ca}. que voltava das alturas, que ficão a diante de Galhegos, das quaes descobri hum corpo inimigo de 3 mil homens (500 de cavallaria, e 2,500 de infantaria) com artilharia entrando na cidade Rodrigo pela estrada de Salamanca. Pedi ao Coronel Walters que ficasse sobre as alturas ate o por do sol, para me informar se mais alguns inimigos seguiaõ os de que acima fallei; e elle me participou que foraõ seguidos por outra columna; mas eu tenho fortes razoens para pensar, pelo que vou dizer a V. Ex^{ca}., que elles fize-raõ entrar grandes corpos de infantaria, e cavallaria na Cidade Rodrigo, no decurso da noite.

Conforme as instrucçoens de V. Ex^{ca}. eu tinha concentrado mais as tropas nos seos acantonamentos, quando sube; poucos dias antes, que o inimigo se movia na direcção da Cidade Rodrigo; e tomei todas as precauçoens necessarias para retroceder. O inimigo avançou, como eu esperava ao amanhecer do dia 6,

em duas columnas, tomando huma a direcção de Galhegos, e outra a de Carpio, e Espeja.

A primeira era huma forte columna de cavallaria, e infantaria com algumas peças; e a segunda era composta de 6,000 homens de infantaria, devendo eu ponderar, que me não era possivel, por causa da natureza do terreno, observar a retaguarda destas columnas; e que elles tinhaõ alem disso mais de 2,000 cavalloos, e dez peças, que marchavaõ pela planice fronteira a *Fuentes de Honor*.

Attendendo a ser o terreno perfeitamente aberto, e á probabilidade que havia de que o inimigo fizesse marchar huma grande parte da sua cavallaria para este ponto, julguei mais prudente fazer retirar a divizaõ ligeira, commandada pelo Brigadeiro General Crawford, que em consequencia se retirou de Galhegos, e Espeja, ás duas horas da madrugada, para *Naves d'Aver*.

Vendo a rapidez com que o inimigo se adiantava, e o numero superior da sua cavallaria, ordenei á divizaõ ligeira com a artilharia montada que lhe pertence, que continuasse a retirada sobre Alfayates: a 1. e 5. divizoens gradualmente retrocederaõ de Aldea da *Ponte*, e *Naves d'Aver* ate ás alturas, que ficaõ por detras de Soito; e a 6. Divizaõ de *Mealhada* Jorda para Ronda, ficando a cavallaria em frente de Alfayates.

Eu tenho muita satisfação em poder mencionar a mui admiravel conducta dos Dragoens Reaes, commandados pelo Tenente Coronel Clifton, e hum esquadraõ do 14 de Dragoens ligeiros, unicas tropas que foraõ empregadas para cobrir a nossa frente desde a Villa da *Egoa* ate Espeja, e se reuniraõ ao pé de Galhegos, donde se retiraraõ conforme as minhas ordens.

Por esta carta V. Ex^{ca}. conhece a força a que elles se oppozeraõ; e apezar de todos os esforços do General Montbrun, que commandava a cavallaria Franceza, para flanquear a Britanica, dirigindo-se ao mesmo tempo contra ella pela frente com 8 peças de artilharia, a sua retirada para *Naves d'Aver* merece a maior admiração.

Expondo os meos sentimentos a respeito da sua con-

ducta, e firmeza com que se retiraraõ, eu tenho grande satisfação de informar a V. Ex^{ca}. que o Major General Slade dirigio pessoalmente toda a acção; e pelos seus movimentos frustrou os disignios do inimigo, e a cavallaria Eritanica sustentou, como sempre, a sua grande reputação.

O Major General, na conta que me dá, falla com muito louvor do Major Dorville dos Dragoens Reaes, e do Capitaõ Purvis do mesmo Regimento, bem como do Capitaõ Dawson do 14 de Dragoens ligeiros, os quaes tiveraõ occasiaõ de se distinguir.

Naõ posso formar juizo exacto sobre os designios do inimigo: mas sei que partio de Salamanca com 18,000 homens de infantaria, e mais 3,000 de cavallo com 34 peças de artilharia, tomando a estrada da Cidade Rodrigo.

Antes de finalizar esta exposiçaõ dos movimentos de hontem, peço licença para agradecer a V. Ex^{ca}. a escolha que fez do Honrado Coronel Pakenham, e do Tenente Coronel Delancy Chefes dos seus respectivos Departamentos nesta parte do Exercito: o seu zelo, e bom juizo saõ ja conhecidos por V. Ex^{ca}.

Tenho a felicidade de poder annunciar a V. Ex^{ca}. que a perda da cavallaria nesta occasiaõ naõ sobe a mais de 10 cabos, e soldados feridos, e nove extraviados; 6 cavallos mortos, 10 feridos, e 4 extraviados.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

B. SPENCER,

Tenente General.

*Instrucçoens, e algumas ordens do dia do Ill^{mo}. e Ex^{mo}.
Snr. Marechal Beresford, Commandante em Chefe do
bravo Exercito Portuguez.*

Instrucçoens para o Governador do Porto.

Illustrissimo Senhor.

O Illustrissimo, e Excellentissimo Senhor Marechal Beresford, Commandante em Chefe do Exercito, para intelligencia

do que abaixo dispoem, manda lembrar a V. S., que as novas Instrucçoens para a Infanteria denominaõ Pelotaõ huma Companhia inteira, Divisaõ meia Companhia, e Secção a quarta parte de huma Companhia; e querendo o Senhor Marechal, que se adoptem estas mesmas denominaçoens para os Corpos, que se formarem das Ordenanças armadas de espingarda, e tambem para evitar, que, a este respeito, possa produzir alguma confusão, o que diz o Officio, que dirige a V. S. em 28 do mez passado, determina que este fique sem effeito, e que V. S. observe o seguinte: mandará V. S. restabelecer na organisação, que prescreve a Lei, todas as Companhias de Ordenanças do Districto do Commando de V. S., e que, examinando-se o número de homens com espingarda, que cada huma dellas tem, destes se formem Corpos. A Companhia, em que todos os homens tiverem espingarda, ficará sem mudança. A Companhia, que tiver metade dos homens com espingarda, e mesmo que tiver 50 se formará destes huma Divisaõ. A Companhia, que tiver para baixo de 50 homens com espingarda até 30, se formará destes huma Secção. Quando hajaõ Companhias, que não chegue a ter cada huma 30 homens com espingarda, para poderem formar huma Secção, se ajuntaraõ os homens armados de duas Companhias, que sejaõ contiguas, e da mesma Capitania Mór. A cada Campanhia, Divisaõ, e Secção assim armadas, se dará bons Officiaes, e Officiaes Inferiores, em número proporcionado á organisação destes Corpos, tirados das respectivas Companhias: deve haver cuidado em se perturbar o menos possivel a organisação primitiva. Cada Companhia, Divisaõ, e Secção se ajuntará nos Domingos, e Dias Santos de guarda no lugar mais central, para se exercitar. Haverá todo o cuidado, em que as espingardas estejaõ em poder de homens, que possam fazer uso dellas, e não em poder de homens de muita idade, ou, por qualquer outro motivo, impossibilitados. As Ordenanças armadas de pique, ou que, tendo espingarda, mostrem omissaõ em a conservarem em bom estado, saõ, as que, com preferencia, se devem detalhar para os trabalhos publicos. Quando as Ordenanças deverem operar para a defensa do Paiz, se ajuntaraõ todas as espingardas da mesma Capitania Mór, formando duas, tres, ou mais Companhias, conforme o número dos homens armados, commandadas por hum Official Superior das mesmas Ordenanças. Dos restos de cada Companhia se formará hum Corpo de piqueiros. Os piqueiros se ajuntaraõ tambem no lugar mais central, nos Domingos, e Dias Santos de guarda, para se exercitarem.

Recommenda muito o Senhor Marechal a V. S., que faça com que as Ordenanças concertem as suas espingardas, e as conservem em bom estado, a fim de que não succeda outra vez allegar-se, que não tem espingardas capazes de fazer fogo.

Quer o Senhor Marechal, que V. S. mande alguns dos seus Ajudantes de Ordens, e outras pessoas, em que tenha confiança, aquelles Districtos (aonde V. S. mesmo não for) a examinar, se, o que deixo dito, se cumpre, e quando não, a fazer, que se cumpra, e que, logo que a sobredita organisação esteja concluida, que deverá ser o mais depressa possível, V. S. me remetta hum mappa, que mostre a força de cada Companhia, Divisão, e Secção, armadas de espingarda, a Capitania Mor, a que pertence, e a força total da gente armada com espingardas, assim como outro mappa dos piqueiros, o qual incluirá tambem com separação as Ordenanças sem espingarda, nem pique, se as houver. Deos guarde a V. S. Quartel General em Talavera la Real 7 de Maio de 1811. Manoel de Brito Mozinho, Ajudante General. Illustrissimo Senhor Coronel Nicolao Trant.

Quartel General de Elvas 31 de Maio de 1811.

Ordem do Dia.

Manda S. Exc., o Senhor Marechal, que se publique ao Exercito a Ordem do Dia do Exercito ao Sul do Guadiana, abaixo transcrita.

Ajudante General, Mozinho.

Copia da referida Ordem.

Albuera, 21 de Maio de 1811.

Ordem do Dia de S. Exc., o Senhor Marechal Beresford.

“ S. Exc., o Senhor Marechal, já em 17 do corrente publicou huma Ordem, agradecendo ás Tropas Alliadas a sua boa conducta. em baterem, e repellirem o inimigo na Batalha do dia 16; não pôde, com tudo, deixar de se dirigir em particular aos Corpos de Tropas Inglezas, e Portuguezas, que se achavaõ mais directamente debaixo das suas ordens naquella dia, que tanta honra fez a todas as Tropas, que tiveraõ parte nelle.

O Senhor Marechal, se vê quasi precisado a limitar-se a dar geralmente agradecimentos aos Officiaes, e Soldados, visto que he difacil fazer distincçoens, quando todos, e cada hum em particular se portou bem, e nobremente; S. Exc. não pôde senão applaudir, e dar agradecimentos a todos os Corpos de Cavallaria, Artilheria, e Infantaria, que estiveraõ debaixo das suas Ordens naquella Batalha, em que a honra das suas respectivas patrias, e a de cada individuo foi tambem sustentada, o valor foi segundado pela disciplina, e a victoria foi o resultado.

O Senhor Marechal reconhece dever especialmente os seus agradecimentos ao Major General o Honrado G. L. Cole, e

considera, que o Major General o Honrado Guilherme Stewart fez Serviços muito distinctos, e contribuiu muito para o feliz exito daquelle dia; S. Exc. lhe pede, que aceite os seus agradecimentos.

O Senhor Marechal sente a infelicidade que teve a primeira Brigada da segunda Divisão. Achava-se nobremente engajada debaixo do seu valoroso Commandante em fazer uso da arma Britanica, a bayoneta; porém atacando-a naquelle momento pela rectaguarda a Cavallaria inimiga, que em consequencia da grande chuva, e máo estado da atmospheria não se tinha podido descobrir com antecipação, fez terminar os seus valorosos esforços. S. Exc. está satisfeito com a conducta desta Brigada. A segunda, e terceira Brigada da mesma Divisão merecem com especialidade os agradecimentos do Senhor Marechal, o qual tomando parte no sentimento de todo o Official, e Soldado, pela perda que soffrêrão em Officiaes, e Soldados, e particularmente pela do Major General Hoghton, e Tenente Coronel Duckworth, lhe serve de consolação saber, que descançam no tumulo da honra, morrerão na mais nobre das causas, e forão plenamente vingados pelos valorosos Soldados que lhe sobreviverão. O Coronel Inglis do Regimento 57, o Tenente Coronel Abercrombie, e o Major L'Estrange merecem tambem serem particularisados nos agradecimentos do Senhor Marechal.

S. Exc. lamenta com a Brigada dos Fuzilleiros a perda do seu valoroso Commandante, o Tenente Coronel Sir Guilherme Myeres, e agradece-lhe a distincta parte, que teve no successo daquelle dia; dá os seus agradecimentos em particular ao Major General Alten, e á Brigada de Infantaria Ligeira da Legião Alemã do Rei, debaixo das suas Ordens. As disposições do General, e a conducta dos Officiaes, e Soldados correspondeo a tudo, o que Exc. podia desejar.

O Major General Hamilton, e a Tropa Portugueza merecem todo o louvor, a disciplina era tudo o que ella precisava, para com o seu valor natural se pôr ao nivel das melhores Tropas; actualmente já se acha nesta classe.

Deve-se grande louvor ao Brigadeiro Harvey, e á Brigada do seu commando pela sua conducta, particularmente pela firmeza, com que repellio o ataque da Cavallaria Franceza. Tambem o Senhor Marechal dá os seus agradecimentos ás Brigadas do Brigadeiro Fonseca, e do Brigadeiro Campbell, assim como á Brigada do Coronel Collins, e sente infinitamente a infelicidade que teve este ultimo official.

O Senhor Marechal dá os seus agradecimentos ao Major General o Honrado Guilherme Lumley pela maneira habil, com que manobrou a Cavallaria alliada contra o número muito superior da que lhe era opposta; embaraçando que o inimigo conseguisse o seu objecto. Os Officiaes, e Soldados da Cavallaria tem igual

direito aos agradecimentos do Senhor Marechal, pelo seu comportamento firme, e determinado, que assustou o inimigo, e o impedio, a pezar da sua superioridade, de tentar alguma cousa contra ella. O Senhor Marechal não pôde prescindir de fallar com louvor do Brigadeiro Long, e do Coronel o Honrado de Grey, pela parte que tiveraõ em dirigir a Cavallaria, como tambem do Coronel Otway, pelas disposiçoens que fez para cobrir a esquerda da Linha. O Major Hartman, o Major Dixon, e os Officiaes, e Soldados da Artilheria Britanica, Alemã, e Portuguezã merecem os maiores louvores, e o Senhor Marechal lhes dá os seus agradecimentos.

O Senhor Marechal conhece, que cada official, e Soldado he digno de ser nomeado em particular. A conducta de todos foi a mais valorosa, e nobre; e nunca se deraõ próvas maiores do brilhante vallor Britanico. Os Portuguezes mostraraõ, que no Campo da Batalha podem fazer emulaçoã aos Alliados que amaõ.

O Senhor Marechal dá os seus agradecimentos aos Officiaes do seu Estado Maior, e não pode deixar de os dar em particular ao Brigadeiro D'Urban, Quartel Mestre General do Exercito, que tanto contribuiu para os successos do dia; ao Brigadeiro Mozinho; Tenente Coronel Rook; Tenente Coronel Harding; e aos Officiaes das Repartiçoens do Ajudante General, e Quartel Mestre General. Dá tambem os seus agradecimentos ao Brigadeiro Lemos, e aos Officiaes do Estado Maior pessoal de S. Exc., pelo auxilio, que delles recebeo.

Na ordem do dia do Ex^{mo}. Snr. Marechal Beresford em 26 de Maio de 1811, se declaraõ dmittidos do serviço os seguintes Officiaes.

O Tenente Anselmo Joze Vaz—por muito máo character, e má conducta Militar.

O Alferes Agostinho Figueira—porque fazendo as funcçoens de Quartel Mestre, apresentou alguns mappas falsos ao Commandante do Regimento para assignar.

O Alferes Joze Calisto do Rego, por conducta relaxada aponto de ser mal olhado pelos seos Camaradas.

O Alferes Joze Maria Mezurado, por ignorante, e porque chegando a Postos a Guarniçaõ de Abrantes, em razaõ de haver noticias de que duas Divizoens

inimigas se approximavaõ, não appareceo na sua companhia, de que era entaõ commandante.

O Alferes addito Affonso Gomes do Prado (não se declara o motivo.)

Nós temos tanta repugnancia em transcrever para o nosso Jornal os nomes daquelles Officiaes, que deraõ cauza á resolução do Ex.^{mo}. Snr. Marechal Commandante em Chefe do bravo Exercito Portuguez, expressa naquella Ordem do dia; quanto prazer sentimos em publicar os elogios, que S. Ex.^{ca}. faz ao Ill.^{mo}. e Ex.^{mo}. Snr. Francisco de Mello pela sua conducta honrada, pelo seu zelo, e distincto valor que em muitas occasioens tem mostrado, e particularmente na glorioza batalha de Albuera, como os nossos Leitores veraõ pela ordem do dia que vamos transcrever. S. Ex.^{ca}. o Snr. Marechal Beresford retractando-se nesta ordem do dia do que tinha mandado publicar na de 19 de Janeiro de 1810, mostra que a Justiça, e só a Justiça he a regra da sua conducta. Desde que S. Ex.^{ca}. foi nomeado commandante em chefe do Exercito Portuguez tem sido taõ inexoravel em reprehender, e castigar officiaes e soldados, que tem faltado aos seos deveres; como prompto em elogiar, promover, e premiar aquelles que se tem distinguido. Eis ahi o Chefe Militar deque a Nação Portugueza precisava para renovar neste seculo, horrivelmente desgraçado, as suas antigas façanhas, e sua gloria. Nos temos a ventura de conhecer pessoalmente o Ex.^{mo}. Marechal Beresford; e sentimos hum prazer sem mistura em render neste lugar a S. Ex.^{ca}. os elogios que o dever e a gratidaõ nos impoem. Longe de huma Patria, que, apezar de tudo, não podemos deixar de amar, nos não temos sido, (nem jamais o seremos) frios expectadores dos emminentes serviços que o Ex.^{mo}. Snr. Marechal Beresford tem feito a Portugal, á cauza da Peninsula, e do mundo; serviços que podemos ate certo ponto avaliar, porque conhecemos a lastimozo estado emque se achava o exercito Portuguez, antes de S. Ex.^{ca}. tomar o commando delle.

Quartel General de Elvas 6 de Junho de 1811.

Ordem do Dia.

S. Exc., o Senhor Marechal, deseja que o Exercito se lembre da Ordem do Dia 19 de Janeiro de 1810. S. Exc. deo entao esta Ordem convencido de que era justa, e que convinha ao Serviço de S. A. R. o Principe Regente N. S., porém agora sente a maior satisfacão em a fazer lembrar ao Exercito, para dissipar toda a impressao desfavoravel, que ella possa ter produzido no character, e honra do Official, que fez o seu objecto, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Francisco de Mello.

O Senhor Marechal tem depois testemunhado, elle mesmo, os desejos deste Fidalgo de servir o Seu Principe, e a sua Patria, a pezar do estado da sua saude, que tendo-o muitas vezes obrigado a deixar o Exercito, tem sempre voltado para elle o mais depressa que lhe tem sido possivel; elle se tem mostrado digno, em todo o ponto de vista, da approvacão do Senhor Marechal, e finalmente sendo ferido em Albuhera, a pezar disso, nao deixou o Campo da Batalha.

O Senhor Marechal julga ser huma justica devida á pessoa, de que fallou na dita Ordem, e á Nação, o retractar-se de quanto entao disse, nao só em consequencia das provas em contrario, que depois tem tido, como tambem pelo merecimento da pessoa, de que fallou; e em semelhantes casos S. Exc. sentirá sempre grande prazer, quando tiver de retractar-se.

O Senhor Marechal nao faltará a recommendar a S. A. R. se Digne restabelecer o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Francisco de Mello, no Seu Serviço, no Posto, e com a antiguidade que tinha, como senao houvesse sahido d'elle.

O Senhor Marechal nao póde deixar de sentir o maõ estado da saude deste Fidalgo, pois que muitas vezes tem sido testemunha dos terriveis effeitos que o impedem de servir com o ardor, e constancia que deseja.

Ajudante General, Mozinho.

Quartel General de Elvas, 3 de Junho de 1811.

Ordem do Dia.

SUA EX.^a o Sr. Marechal tem a maior satisfacão em com-prazer com a vontade de S. Ex.^a o Sr. Marechal General Lord Visconde Wellington, communicando ao Exercito Portuguez os sentimentos, de que está penetrado o Parlamento, e Povo de Inglaterra, pelo merecimento, e conducta do mesmo Exercito, o que he huma nova prova do interesse, que toma a Grã-Bre-

tanha em tudo o que diz respeito á honra, e felicidade desta Nação. S. Ex.^a se congratula com a maior sinceridade com as tropas, por terem merecido hum taõ honroso signal de distincção.—Ajudante General Mozinho.

Copia da Ordem do Dia do Exercito Britanico.

Secretaria do Ajudante General.

Quartel General de Elvas, 24 de Maio de 1811.

Ordem do Dia.

No. 1. O Commandante do Exercito tem grande satisfação em communicar-lhe as cartas seguintes dos Oradores da Casa dos Lords, e dos Communs do Reino-Unido, em que os Lords, e Communs approvaõ unanimente os seus serviços.

No. 2. O Commandante das tropas aproveitará esta occasião, para agradecer novamente aos Officiaes Generaes, Officiaes, e Soldados o uniforme auxilio, que recebeo dos primeiros, e o bom comportamento dos ultimos, pelos quaes sómente forão feitos aquelles serviços, que recebêraõ a approvação das duas Camaras do Parlamento.

No. 3. O Commandante das Forças pede ao Marechal Sir W. C. Beresford, que tome medidas, para que sejaõ communicadas a todo o Exercito Portuguez estas Ordens, e os votos de agradecimento, que as acompanhaõ.

Copia de huma Carta do Right Honorable Lord Eldon, Lord I. Chancellor ao Right Honorable Visconde Wellington, dada da Casa dos Lords em 29 de Abril de 1811.

No. 4. MY LORD: tenho a honra de transmittir a V. Ex.^a as Resoluçoens inclusas da Casa dos Lords. Sou plenamente authorisado para assegurar a V. Ex.^a, que os agradecimentos da Camara nunca forão expressos em outra alguma occasião que ella sentisse, ou reconhecesse mais fortemente, que era do seu rigoroso dever o conferir a maior honra, que a Camara pôde conceder.

Permitta-me V. E. o accrescentar que eu naõ sei os termos, com que possa adequadamente exprimir o prazer, que sinto, em obedecer á determinação desta illustre Casa, transmittindo a hum Membro taõ distincto della estas expressoens dos seus agradecimentos, e gratidão.—Tenho a honra de ser, My Lord.—De V. Ex.^a fiel, e obediente Criado.—

Assignado—Eldon, C.—

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. V. Resolvido *Nemine dissentiente* pelos Lords Espiri-

tuaes, e Temporaes na Assembleia do Parlamento:—que a Casa dê os seus agradecimentos ao Tenente General Lord Visconde Wellington, pela consumada capacidade, fortaleza, e constancia, que mostrou no commando das forças Britanicas, e Portuguezas, pelas quaes o Reino de Portugal felizmente foi defendido, e forão feitos os mais importantes, e assignalados serviços ao seu Reino, e á sua Patria.—Assignado George Roze—Secretario do Parlamento.—

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. 6. Resolvido, *Nemine dissentiente* pelos Lords Espirituaes, e Temporaes, na Assembleia do Parlamento:—que esta Casa approva, e reconhece altamente os eminentes, e meritorios serviços, executados uniformemente pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Britanico, commandado pelo Tenente General Lord Visconde Wellington, durante as ultimas memoraveis, e arduas operaçoens em Portugal, que reflectirao hum novo lustre sobre a reputação das Armas Britanicas.—Assignado George Roze—Secretario do Parlamento.—

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. 7. Resolvido *Nemine dissentiente* pelos Lords Espirituaes, e Temporaes, na Assembleia do Parlamento:—que a Casa reconhece altamente o zelo, disciplina, e intrepidez tao conspicuamente mostrados pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Portuguez, debaixo do immediato commando do Marechal Sir W. C. Beresford, que contribuirao essencialmente para o feliz resultado das ultimas operaçoens militares.—Assignado—George Roze—Secretario do Parlamento.

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. 8. Determinarao os Lords Espirituaes, e Temporaes na Assembleia do Parlamento:—que o Lord Chancellor communique as ditas resoluçoens ao Tenente General Lord Visconde Wellington, e que deseja que Lord Wellington as communique ao Exercito Britanico, e Portuguez, e que lhes agradeça o seu exemplar, e valoroso comportamento.—Assignado—George Roze—Secretario do Parlamento.—

Copia de huma Carta do Right Honorable—o Orador—ao Tenente General Lord Visconde Wellington, datada da Casa dos Communs em 26 de Abril de 1811.

No. 9. MY LORD: por ordem da Camara dos Communs do Reino-Unido da Grã-Bretanha, e Irlanda, tenho a honra de

transmittir a V. Ex^a os seus unanimes agradecimentos, pela consumada capacidade, fortaleza, e constancia; que V. Ex^a mostrou no commando das tropas Britanicas, e Portuguezas, pelas quaes o Reino de Portugal foi felizmente defendido, e forão executados os importantes, e assignalados serviços ao Rei, e á Patria.

Tenho tambem de communicar a V. Ex^a a unanime resolução da Casa dos Communs, approvando, e reconhecendo sobremaneira os eminentes, e meritorios serviços, uniformemente executados pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Britanico, commandado por V. Ex^a durante as ultimas memoraveis, e arduas operações em Portugal, que reflectirão hum novo lustre sobre a reputação das Armas Britanicas. E reconhecendo tambem sobre maneira o zêlo, disciplina, e intrepidez tao conspicuamente patenteada pelos Generaes Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Portuguez, debaixo do immediato commando do Marechal Sir W. C. Beresford, que contribuirão essencialmente para o feliz resultado das ultimas operações militares. E determina-se-me, de mais a mais, que eu requeira a V. Ex^a participe estas resoluções ao Exercito Britanico e Portuguez, e lhes agradeça o seu exemplar, e valoroso comportamento.

Tantas vezes, quantas tive a felicidade de dar os agradecimentos da Casa dos Communs aos valorosos, e distinctos Chefes das nossas Armadas e Exercitos, e a ninguem tantas vezes, como a V. Ex^a, eu nunca presenciei huma expressao tao declarada, e ardente de agradecimento, e admiracao, tributo justamente devido a tao grande feito, que frustrou o projecto favorito do inimigo confundido, e pôz em fugida os seus mais celebres Generaes e Tropas veteranas, e derribou a arrogancia das suas pertençoens militares aos olhos da Europa.

Tenho a honra de ser com os mais sinceros sentimentos de respeito—My lord—De V. Ex^a o mais fiel, e obediente criado Assignado—Carlos Abbot.—

Sexta feira 26 de Abril de 1811.

No. 10. Resolvido, *Nemine contra dissentiente*: que se dem os agradecimentos desta Casa ao Tenente General Lord Visconde Wellington, pela consumada capacidade, fortaleza, e constancia patenteadas por elle no commando das forças Britanicas e Portuguezas, pelas quaes o Reino de Portugal foi felizmente defendido, e forão feitos os mais importantes, assignalados serviços ao Rei e Patria.

No. 11. Resolvido, *Nemine contra dissentiente*: que esta Casa approva, e reconhece sobre maneira os eminentes, e meritorios serviços uniformemente executados pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores, e Soldados do Exercito Britanico,

commandado pelo Tenente General Lord Visconde Wellington, durante as ultimas memoraveis, e arduas operaçoens em Portugal, que reflectirão hum novo lustre sobre a reputaçõ das armas Britanicas.

No. 12. Resolvido, *Nemine contra dissentiente*, que esta Casa sobre maneira reconhece o zelo, disciplina e intrepidez tao conspicuamente patenteados pelos Generaes, Officiaes, Officiaes inferiores e Soldados do Exercito Portuguez, debaixo do immediato commando do Marechal Sir W. C. Beresford, que essencialmente contribuirão para o feliz resultado das ultimas operaçoens militares.

Ordenado.

Que o Orador communique as ditas Resoluçoens ao Tenente General Lord Visconde Wellington, e que se requeira a Lord Wellington, que as participe aos Exercitos Britanico e Portuguez, e lhes agradeça o seu valoroso, e exemplar comportamento.—Assignado—J. Ley.—Secretario da Casa dos Com-muns.—Assignado—Carlos Steward.—M. G., e A. G.—

INGLATERRA.

EXTRACTOS DOS DISCURSOS DE M. M. WHITBREAD, E PERCIVAL, SOBRE A DOCTRINA DO ASSASSINATO.

Mr. Whitbread.

Na sessão de 10 de Julho disse “que elle dezejava for-
necer aos Membros do Governo huma occasião de repro-
var tao formalmente, e com tanta franqueza, como na Ca-
mara dos Pares o tinha ja feito o Marquez de Wellesley, a
horrivel doutrina do assassinato promulgada, ha tempos a esta
parte, por certos Jornaes; doutrina que não pode ser jus-
tificada por algumas circumstancias, e cujas consequencias po-
deriaõ ser espantozas; doutrina, que tende a destruir o ho-
mem innocente e virtuozo, bem como aquelle que não he
nem huma, nem outra coiza, mas de que não somos juizes
competentes. Elle não entrará em discussao com aquelles,
que propagaõ taes doutrinas; mas quando estes se authori-
zaõ com o exemplo da antiguidade, e o apresentao á nos-
sa admiração—quando nos representaõ como bem-feitores da
humanidade aquelles, que tem livrado o mundo dos Tyran-
nos,—elles deviaõ lembrar-se, que sobreveio depois hum acon-
tecimento que devia ter produzido diferentes noçoens sobre
este objecto: appareceo a era Christã, e desde entao des-
appareceo aquelle tempo, em que a Lei accordava *hum olho
por hum olho; hum dente por hum dente*. Elle poderia desa-
fiar os que pertendem, que o assassinato de Bonaparte seria
justificavel, que lhe citassem hum só cazo, em que o assassi-
nato, quando mesmo foi perpetrado com bom successo, ten-
ha produzido algum bem, e em que o crime tenha preen-
chido o objecto a que se tenha proposto. Depois do assassi-
nato de Cezar, Roma recobrou por ventura sua liberdade?
Por ventura o golpe do assassino tem sempre sido descarre-
gado sobre o culpado? O Grande Henrique IV. de França
foi assassinado; attentou-se huma vez contra a vida de Luis
XV; e muitas contra os do Grande Principe do Orange; e
no curso do presente reinado fizeraõ-se duas tentativas para as-

sassinar nosso Monarca.* Ha poucos annos que o Rey de Suecia foi assassinado, e os Imperadores Pedro, e Paulo da Russia o forão igualmente. Pensando em todos estes exemplos, quem se atreverá dizer, n'hum paiz tao esclarecido como este, que he prudente pregar a doutrina do assassinato, e designar a pessoa, que deve ser assassinada? Lembrem-se aquellas pessoas, que neste paiz aconselhaõ aos Hespanhoes o assassinato de Bonaparte, (e he huma vergonha para nosso paiz o imaginar, que publicando taes ideas se serve nossos interesses), lembrem-se da expedição de Copenhague, authorizada segundo huns por huma sãa politica, e conforme outros por huma necessidade absoluta, e digão o que os Zealandios ficariaõ pensando daquelles que concertaraõ, e poze-raõ em practica esta horrivel empreza. Bonaparte, he verdade, atacou a Hespanha, quando estava em paz com ella, e indefeza: mas não fizemos nos outro tanto para com a Zealandia! Que se lembrem do que se passou na India, debaixo do Governo do nobre Marquez, actual Secretario de Estado. Por mui despoticos que fossem os Principes Indios, elles podiaõ ter amigos; e se os amigos do Nabob d'Oude, da Carnatica, de Tipoo Sultão, tivessem de sentecer, não diriaõ elles, que o punhal deve ferir aquelles, que perpetra-raõ a escravidão do seu paiz? Publicaõ-se aqui Jornaes na lingua Franceza, que o Governã tolera, ou approva, e que circulaõ no Continente: que devem pensar aquelles que os lerem? Sabe-se mui bem que Bonaparte tem pertendi-do que o Governo Inglez animava os attentados contra sua pessoa; que elle tinha feito desembarcar individuos em França com essas vistas, e que tinha tido parte na conjuraçã da maquina infernal: e posto que se saiba taobem que taes accu-zaçoens não tem o menor fundamento; todavia a leitura destes jornaes não confirmará suas falsas suppoziçoens? Se Bonaparte he tao depravado, como se nos diz soffrerá elle tranquillamente taes coizas, sem uzar de represalias? Os mesmos jornaes que actualmente pregaõ esta doutrina, tem declarado que Bonaparte tinha enviado a Londres hum chama-do Beauvais † para assassinar o Rey, e que Bonaparte tinha hum bando de homens promptos sempre a perpetrar taes crimes. Pois que elles crem, que Bonaparte he capaz de huma se-

* O Coronel Beauvoisin, e Despard forão os infames aquem Bonaparte incumbio esta commissã horrivel: o primeiro escapou-se; o segundo foi enforcado em Londres. Nos julgamos que se 300 resolu-tos mancebos de cada huma das Naçoens oppressas jurassem assassinar o Monstro, como entãora os 300 mancebos Romanos Bonaparte ja não existiria, ou teria mudado de conducta.—Nota dos Investigadores.

† Whitbread está enganado; não foi Beauvais, mas sim Beauvoisin e Despard, como ja dissemos na antecedente nota. Os Investigadores.

melhante conducta se * elle suspeitar, que o Governo Inglez anima attentados contra a sua vida, nenhuma escusa merecem, dando-lhe pretextos a taes suspeitas, e expondo deste modo no-sa Familia Real. A doutrina do assassinato tem sido publicamente reprovada por alguns jornaes olhados, como independentes, e por aquelles que saõ pagos pelo Governo. O Marquez de Wellesley desapprovou altamente esta doutrina, e julgo a propozito que esta camara faça o mesmo antes de ser prorogada. Da promulgaçãõ de semelhante doutrina naõ se pode concluir, que aquelles, que a pregãõ, naõ crem n'humã Providencia que tudo governa? Se a Providencia em suas vistas impene-traveis aos humanos, quiz que este homem se elevasse ao ponto em que se acha, e o tem preservado de tantos perigos eminentes seja nos combates, seja fora delles, quer-se por meio de miseraveis conspiraçõens contrariar seos decretos? Pertende-se por criminosos esforços fixar o destino dos Imperios? Se aquelle, que tudo governa, tem fins que preencher por meio deste homem, elle viverá; e he inutil esperar resultados felizes de quaesquer tentativas illegitimas, que se fizessem para o destruir. Em todo o cazo, a doutrina do assassinato he taõ revoltante, e, pode mesmo dizer-se, taõ impia; suas consequencias podem ser taõ horrorozas, que elle naõ pode deixar de exigir hua formal des-approvaçãõ de tal doutrina. Se ella tivesse sido posta em practica, ha vinte annos, todos os Soberanos da Europa teriaõ sido assassinados. Ella teria authorizado o assassinio de Luis XIV, e o de todos os Principes que tem empunhado o Sceptro.

Mr. Whitbread concluio dizendo, que espera ouvir justificar o Governo de toda a suspeita de ter tido alguma parte na propagaçãõ de principios taõ abominaveis, &c.

Mr. Percival, disse que se o honrado Membro, ou qualquer outro, julgasse ser necessario que o Governo se justificasse de ter dado a menor sancçãõ a huma taõ horrivel doutrina, elle agradeceria o ter-se-lhe fornecido a occasiaõ de a desapprovar. Mas elle pensa que ninguem jamais pode imaginar, que o Governo Britanico aprovasse a doutrina do assassinato. Elle naõ hezita em declarar, que naõ conhece huma unica circumstancia que o possa justificar. Jamais o assassinio pode produzir consequencias vantajozas. Estabelecer hum systema taõ infernal, seria entregar o mundo a calamidades inda peiores, que todas aquellas de que poderia livrar-se por hum tal meio. Elle concorda com o honrado Membro,—que todos os esforços dos cegos mortaes saõ baldados, quando tentaõ oppor-se aos acontecimen-tos Decretados pelo Providencia: mas exprimindo hum tal sen-

* A este respeito naõ ha só mira crença, ha convicçãõ. Os Inves-tigadores.

timento, he preciso ter cuidado de se acautelare contra toda a falsa interpretação. He preciso não olhar as acçoens deste Bonaparte, como se a Providencia, elevando-o, como tem feito, lhe tenha dado o poder de perpetrar tudo o que lhe agrade; ou como se fosse consequentemente inutil o resistir-lhe. Nada seria mais perniciozo que huma tal suppozicão. E quando mesmo soubermos que a Providencia quer que este homem seja felis em todos os seus projectos de escravidão; assim mesmo seria para nos hum dever o defender-nos, e perecer resistendo-lhe (*signaet de approvaçãõ*). A maxima que o dedo da Providencia dirige tudo, he verdadeira em si mesma; mas a má applicaçãõ della he perigoza. Ha certos acontecimentos em que as virtudes humanas se devem desenvolver, e em que o homem virtuozo, mesmo succumbindo, pode ainda receber sua recompensa. Se na carreira deste homem vemos coizas, que nos parecem indicar o dedo da Providencia, porque não são ordinarias; nos podemos taobem razoavelmente concluir, que esta ordem de coizas não pode durar—que a Providencia não pode querer que o mundo gema longo tempo em tal estado—e que nos somos talvez os instrumentos escolhidos por ella para tornar em bem tantos males. Antes de considerar Bonaparte como irresistivel, examinemos o que temos obtido resistendo-lhe. Se os seus felizes successos tem sido extraordinarios, nossa resistencia não o tem sido menos; e quando mesmo elle conseguisse conquistar a terra, nos conservaríamos, segundo toda a probabilidade, o imperio dos mares, e poderíamos entãõ mesmo pôr limites ao seu dominio por mui vasto que fosse. Mas elle não pensa que o Honrado Membro queira adoptar o systema do fatalismo, nem dizer, que nos não devemos oppor a taes projectos, porque elles são formados, e postos em pratica, não pela Providencia, mas por aquelle que governa a França. O honrado Membro quiz provavelmente dizer, que quando a resistencia he justa, deve fazer-se, porque a Providencia fornece os meios para ella. A respeito da doutrina do assassinato, elle reitera sua desapprovaçãõ, e se apressa a proclamar seu horror a taõ horriveis principios.

Resposta de Goldsmith a Mr. Whitbread.

Parece pelo debate de segunda feira passada (1. de Julho) que a deslealdade ao *Grande Imperador, áquelle extraordinario ser, cuja vida está nas maõs da Providencia*, escandalizára muito hum Membro da Caza dos Communs assim como o seu nobre parente. —Com effeito, tragedia, comedia, e farça, tudo—tudo parece armar-se contra mim pela minha deslealdade a hum homem, que he *somente* admirado em Inglaterra. Eu penso justo dizer que aquelles que o admiraõ neste paiz não somente são abhorrecidos no continente mas detestados pelo seu mesmo idolo. Posto que

o Tyranno lizongea neste momento aquelle partido, persuadaõ-se que Bonaparte, assim como seos predecessores em rebelliao, e iniquidade, aborrecem, e detestaõ os reformadores de todos os paizes. As pessoas na Hollanda, Suissa, na Italia, e Alemanha, que mais contribuirão para o bom exito das armas Francezas, e subjugação do seu proprio paiz em vez de serem empregados, e mantidos pelos seos *rapinantes* amigos, e alliados, forão pelo contrario tratados com o maior desprezo.

Não era minha intençaõ dizer huma palavra mais sobre hum ponto que tem ultimamente cauzado huma discussão na Legislatura, e que ja mencionei no meu numero passado, se me nao visse obrigado a responder a algumas observaçoens, que escapárao a Mr. Whitbread. Quanto ás accuzaçoens produzidas contra mim de excitar o Povo deste, ou outro qualquer paiz para assassinar o *Scelerado*, respondo que pelo plano da *Instituição Anti-Corsica*, que hoje publico, se verá que eu nunca tive tal intento. Appello para centos de pessoas que me procuraraõ para saber o plano desta Instituição, se acazo eu lhes não disse que o plano era exactamente o mesmo que hoje transcrevo. Se as publicaçõens que são mandadas ao Continente despertarem o Povo, e concorrerem para que elle destrua o seu Tyranno ou no campo, ou de outro modo, nem por isso terei de que me accuzar, nem penso que a majoridade do Povo Inglez me condemnará por isso.

Os Soberanos da Europa destronizados por Bonaparte—tem hum direito indisputavel a proscreve-lo. Taes são os Reys de Napoles, Sardanha, e Suecia; a Regencia Hespanhola em nome de Fernando 7. os Eleitores de Hannover, Hesse, e o Duque de Brunswick.—Nos exigimos taobem de S. M. Luis 18. que ponha hum termo ás perturbaçoens da Europa, proscrevendo o usurpador do seu throno. Nós exigimos do Principe de Condé que proscreva o assassino de seu neto o Duque de Enghien! He tempo de começarmos a ver claramente a marcha que devemos seguir no luta em que estamos empenhados. Nos não podemos proscrever, he verdade, mas nos podemos, e devemos ajudar Luis 18. na tentativa de *reascender* ao throno de Seos Maiores. Não ajudou Luis 14. James 2? Se Bonaparte fosse hum Soberano que não perturbasse e desorganizasse toda a Europa, poderia dizer-se que hum Governo não tinha direito a intrometer-se nos particulares internos de outro; mas he hum dever de todos os Governos destruir hum poder turbulento, maligno, e collossal, como o de Bonaparte. Esta he a expressa opiniaõ de Vatel. Nos tempos modernos não temos exemplo de hum soberano fazer guerra a outro, a fim de o expulsar de seu throno. Quaesquer que fossem os desejos de hum tal Soberano, elles não poderiaõ cumpri-los. Havia entao o que ja não existe-a, *Balança do Poder*—Toda a Potencia hoje está concentrada n'hum só Chefe audaciozo, e reve-

lucionario : todos os Soberanos destronizados tem direito, e o sustento, de tratar o Tyranno dos seus respectivos dominios como hum *Proscripto*.

Saibaõ de mim os Ministros deste Paiz esta grande verdade que se nos não fazemos sentir a todo o individuo o valor da contenda com Bonaparte; se huma vez o Odio do Povo deste Paiz se affroixar para com elle, desde esse momento a guerra será *unicamente* dos Governos. O Povo entãõ não se julgará mais interessado nella. Não se permittia ao Povo da Prussia, e Austria, que fosse instruido a respeito do character do inimigo da Europa. Aquelles que forãõ contra elle, taes como Gentz, Kotzebue, Merzell, &c. &c. forãõ perseguidos, e desterrados do seu Paiz pelo seu proprio Governo, que temia o resentimento do Despota feroz. Qual foi a consequência?—Quando aquelles Paizes forãõ invadidos o Povo não se interessou na luta, porque não conhecia o verdadeiro character do seu inimigo. O Governo não pôde contar com o Espirito Publico do Paiz. Na Hespanha a Religião, e os Sacerdotes suppriraõ ao principio a falta daquelle Espirito. Os ultimos tem sido activos, tem despertado o entusiasmo de Povo, e tem sido habilmente secondados depois pela liberdade da imprensa.

Quanto á doutrina de *assassinato ser Pagnã*, digo que se Bonaparte se conduz como hum Pagãõ, porque motivo não hade ser tratado como tal? Accrescento que Vatel, Grocio, e Montesquieu, que certamente eraõ taõ bons Christaõs, como qualquer neste Paiz, concordãõ todos, que he digno de louvor em qualquer honiem o matar hum Tyranno. Nos temos citado muitas vezes Vatel a este respeito; e quanto ás opinioens de Grocio, e Montesquieu referimos os nossos leitores ao numero 19 do Anti-Gallican.

Eu julguei com tudo mui singular, que os Ministros se juntassem para desapprovar tal doutrina. Que diria Mr. Whitbread se os Ministros lhe intimassem que desapprovasse opinioens promulgadas em huma *Sociedade de Debates*, ou n'huma sessao de hum *Club Republicano*? Os meos principios saõ propriamente meos: eu devo responder pelo que escrevo ás Leis do meu Paiz, e somente a ellas. Permitta-me aqui Mr. Whitbread perguntar-lhe, se elle pensa que os Ministros, por isso mesmo que desapprovaõ a doutrina de matar hum tyranno, de qualquer modo possivel, podem fazer, que hum Hespanhol não deseje vingar-se do espoliador do seu Paiz—do *Kidnapper** do *Carcereiro*, e (posso deze-lo com toda a certeza) do assassino do seu Soberano?—Eu estou convencido do contrario. Quanto á comparaçãõ que Mr. Whitbread julgou proprio fazer da nossa conducta relativamente á Dinamarca, com a de Bonaparte

* Roubador de crianças.

relativamente a Hespanha, peço licença de perguntar-lhe, se nós aprizionamos ardilozamente a Familia Real de Dinamarca; se nos massacramos os habitantes de Copenhague, como os Francezes fizeraõ em Madrid a 2 de Maio de 1808?—Dia que jamais sera esquecido por hum só Hespanhol!—Se nos introduzimos tropas Inglezas em Dinamarca como Alliados a fim de atacar o inimigo de ambos, e depois tomar posse do Paiz?—Se proscrevemos, assassinamos, e confiscamos a propriedade daquellas pessoas, que defendiao a esquadra, e a cidade de Copenhague?—N'hum a palavra aprizionamos nos, e destronizámos a Familia Real de Dinamarca, que certamente não estava comnosco na mesma relação, que o Rey de Hespanha estava com o seu Alliado? Nos não estavamos ligados á Dinamarca por alliança: nós não eramos *subidiados* por aquella Potencia, como a França era pela Hespanha: entao, meu Deos, para que faz elle esta odioza comparação? A não ser feita no designio de pôr Bonaparte a par de nos, ou de outro qualquer Governo regular?—A conducta do Despota do Contigente para com a Hespanha em particular he de tal natureza, que nos não sabemos reprová-la, quanto ella o merece: por quanto não só a Familia Real foi esbulhada do seu Reino, mas a lealdade foi por Bonaparte convertida em crime. O seguinte Documento provará a minha assecção, que espero seja acreditado posto que extrahido do *Monitor* de 23 de Dezembro de 1808. N.º. 358.

DECRETO IMPERIAL.

Burgos 12 de November de 1808.

“Napoleaõ Imperador dos Francezes, &c. &c.

“Considerando que as perturbaçoens em Hespanha tem sido principalmente o resultado de conspiraçoens forjadas por individuos; e que a majoridade do Povo, que nellas tomou parte foi seduzida, e enganada Dezejando perdoar a esta ultima, e perdoar-lhe os crimes de que tem sido culpada para com nosco, a nossa Nação, e o Rey nosso Irmao. Dezejando que o castigo dos grandes criminos sirva de exemplo á posteridade, áquelles, que postos pela Providencia á frente das Naçoens, em vez de governarem seu Povo com sabedoria, e prudencia, o pervertem, animando-o ao descontentamento, e commoçoens populares. Temos por tanto decretado, e decretamos o seguinte.

“I. Os Duques del Infantado, de Hija, de Medina-celi, de Ossuna, o Marquez de St. Cruz, os Condes Fernan Nunes, e Alta Mira, o Principe Castello-franco, Mr. Pedro Cevallos, e o Bispo de Santander, saõ inimigos da

“ França e Hespanha, e traidores aos dois Paizes.—Como
 “ taes suas pessoas serão prezas para serem conduzidas perante
 “ huma commissão Militar, e serem arcabuzadas.

“ II. A sua propriedade será confiscada na Hespanha, França,
 “ Italia, Napoles, Estados Pontificios, e Hollanda, &c.

Ate que Mr. Whitbread nao produza coiza semelhante da parte do Governo Britanico, quando os nossos Commandantes estavam em Dinamarca, acho que nao tem lugar a comparação entre a conducta dos dois Governos.

Mas parece-me que Mr. Whitbread se tem tornado fatalista; supponho por consequente, que elle tem lido ultimamente a celebrada obra de Diderot sobre o fatalismo, intitulada *Jacques le Fataliste, et son Maitre*; alias nao poderia ter feito a falla que fez. Com tudo, nao obstante isso elle disse (peló que certamente merece os agradecimentos deste Paiz) que nos devemos resistir, como hum dever para com Deos, e o homem, ao nosso inimigo. Isto he talvez paradoxico; mas nem por isso me enfadarei com Mr. Whitbread. Oxala, que taes sentimentos resoem desde huma á outra extremidade deste Paiz. Nao se esqueção jamais os Inglezes das palavras do Lord Wellington contidas n'hum dos seus recentes despachos, a saber, *que nao ha seguranca para a vida, ou para tudo aquillo, que a torna precioza, senao huma decidida rezistencia ao inimigo.*

Estas palavras devem ser gravadas no coração de todo o Inglez! Nos esperamos que Mr. Whitbread seja sincero nestas ultimas expressoens; e que as suas ideas de fatalismo, sejam meros brincos da sua parte; pois que seria perigozo sustentar tal doutrina. O mesmo Napoleão dezeja, que se creia, que tudo quanto elle faz he decretado *lá em cima*; que elle he hum instrumento nas maons da Providencia enviado á terra para punir o homem pelos seus peccados. Este sentimento apparece com vehemencia expresso no Monitor de 14 de Março de 1809, na Pastoral do Bispo do Seragoça ao Povo daquella Cidade, depois do seu memoravel cerco, que se attribue áquelle Prelado, mas que eu sei ter sido dictada pelo mesmo Bonaparte.

PASTORAL.

O Bispo Principia dando conta da sua longa auzencia; elle diz aos seus diocezanos, que quando os deixára, tudo estava florescente em torno delles; e que na sua volta elle nao via senao ruinas, e desolação. Depois continua assim.

“ Parece que o Profeta Jeremias quiz designar Seragoça
 “ quando diz—*Sacerdotes ejus gementes, virgines ejus squalide,*
 “ *et ipsa oppressa amaritudine. Gemem os seus Sacerdotes; suas*

“ *virgens desalinhados, e palidas, estão vestidas de lucto; e ella*
 “ *mesma está opprimida com a sua dor.* Aqui, nos vemos me-
 “ ninos infelizes, e abandonados, que a morte de seus Pais
 “ tornou orphaes. Ali divizamos fracas, e innocentes creatu-
 “ ras, que procuraõ em vão chupar o dessecado seio de suas
 “ Maes. Aqui avistamos as campinas cobertas de cadaveres,
 “ e regadas com o sangue preciozo do homem. Lá, os ol-
 “ hos horrorizados não descobrem senão cazas entregues ás
 “ chamas; palacios reduzidos a cinzas; cadaveres amontoa-
 “ dos ás portas das Igrejas, e enterrados sem alguma cere-
 “ monia religioza! Qual he pois a cauza de tantas desgra-
 “ ças? Eu a digo, e repetirei sem cessar—são vossos pec-
 “ cados—he o espirito sediciozo que vos anima—he finalmen-
 “ te o criminozo esquecimento do Evangelho. Estes templos
 “ em que só deviaõ soar as louvores do Senhor, e nos quaes
 “ a voz da caridade, da concordia, e da paz deviaõ somente
 “ ouvir-se; estes Templos, digo, tem sido convertidos em
 “ arcenaes de guerra!

“ A guerra, este flagello terrivel da colera Divina, cujo
 “ nome horrorozo não devia sahir jamais da bôca de hum Mi-
 “ nistro do Evangelho, nem pronunciar-se nos Templos con-
 “ sagrados a hum Deos de paz, e de misericordias; a guerra,
 “ esta torrente destruidora, que no curso dos Seculos pas-
 “ sados, tem destruido tantas cidades, tantas provincias, e
 “ tantos imperios; a guerra, esta socia inseparavel da fome,
 “ da peste, e da morte: a guerra só tinha cavado o abis-
 “ mo, que nos ameaçava de engolir a todos! Sim: não
 “ foi senão por hum favor especial da Divina Providencia,
 “ que não perecemos todos! *Misericordia Domini, quia non*
 “ *sumus consumpti, et non defecerunt miserationes ejus.* A mi-
 “ sericordia do Senhor he que nos salvou da morte; suas vis-
 “ tas paternaes não nos abandonaraõ, e sua Mão Omnipotente
 “ reteve-nos ás bordas do precipicio.

“ Mas estas espantozas desgraças não acabaõ de cessar? Não
 “ se tem suspendido a sanguinolenta marcha de tantos horrores?
 “ E mesmo, não vemos luzir ja sobre nos o dia da tranquillidade?
 “ Sim, meos caros filhos; o som espantozo dessas bôcas infla-
 “ madas, que tudo arrazavaõ ja não brama em torno de nós.
 “ Estas bombas despiedozas, que vomitaõ a morte, ja não
 “ cahem sobre nós. Em breve os mercadores voltaõ para
 “ as suas lojas: os lavradores serao restituídos aos seus cam-
 “ pos abandonados; os commerciantes ás suas manufacturas;
 “ os curas ás suas Igrejas: e todos os outros Ministros do
 “ Senhor ás Leis do seu culto, e á salvaçaõ das almas.

“ E a quem somos pois devedores desta felicidade ines-
 “ perada? Aqui eu vos peço meos caros filhos, que me
 “ escuteis com a maior atençaõ. Estes beneficios inestima-
 “ veis devemo-los primeiramente ao Deos Omnipotente, que

" he a cauza, e origem de tudo; a este Deos que erige,
 " e abate os Imperios conforme sua santa vontade: depois de
 " Deos nos os devemos á virgem do Pillar, que tem inter-
 " cedido por nós; e finalmente nos os devemos ao coração
 " generoso do Grande Napoleão; a este homem, que he o en-
 " viado de Deos sobre a terra para executar seos Decretos, e
 " puni-nos de nossas faltas. Elle tem vencido todos os seos
 " inimigos, elle tem levantado, ou transtornado os thronos; elle
 " tem levado suas aguias victoriozas desde as margens do Tejo
 " ás bordas do Wistula: do Sena ao Danubio. Depois da vic-
 " toria elle tem querido perdoar; e na conformidade de suas
 " ordens que seu muito amado Lugar-Tenente, o Marechal de
 " Montebello (Lannes) Commandante em Chefe do exercito
 " Francez, vos concede generosamente hum perdao que voz ja
 " mais deverieis esperar. A espada estava ja pendente sobre
 " vossas cabeças, e a mina tinha aberto vossa sepultura: elle
 " hia descarregar sobre vos o ultimo golpe, quando ouviu a voz
 " da vossa Junta. Aos gemidos de tantas victimas innocentes
 " enterneceo-se o seu coração: dando vos a vida, elle promete
 " ainda conservar nossa santa Religiao, e respeitar seos Minis-
 " tros. Em premio de tanto amor elle somente exige hum ju-
 " ramento de fidelidade a nosso novo Soberano; e elle se obriga
 " a fazer administrar justiça, conforme nossos antigos costumes,
 " por S. M. C. o Rey D. Joseph Napoleão.

" Vos sabeis se elle preenche suas promessas; e vos vedes a
 " boa ordem, e a disciplina que reinaõ em nossa Cidade. Eis
 " aqui os motivos que conduziraõ aqui o illustre General, que
 " nos dá huma prova glorioza de sua Religiao, e piedade, e que
 " nos faz juntar neste Templo augusto para receber nossos ju-
 " ramentos de fidelidade, e render graças a Deos pelo termo
 " de todas as nossas desgraças. He justo, ó meu Deos, que
 " entoemos todos *Te Deum Laudamus*—Nos levantamos para o
 " Ceo nossas supplices maons, e vos rendemos graças pelo inap-
 " precizavel beneficio da paz—desta paz tao verdadeira, como
 " solida: ella he a maior ventura de que os fracos mortaes po-
 " dem gozar; e eu quereria, á custa da minha vida, torna la eter-
 " na." —

Aqui pois Mr. Whitbread, e Bonaparte parecem concordar
 na opiniao, que o ultimo he hum instrumento nas maons da
 Providencia para executar os Decretos Divinos.

Acho igualmente que se pode objectar a outra parte da falla
 de Whitbread em que elle dizia, que se nos mandassemos pes-
 soas para assassinar Bonaparte, este podia mandar aqui assassi-
 nos. Aqui pareceria taõhem que o Ministro Inglez tinha esta-
 belecido a Sociedade Anti-Corsica; entre tanto que eu tenho
 antes do No. 19. deste papel positivamente renunciado a qualquer

connexão com elles na formação desta Sociedade. Nem a comparação he exacta. Jorge 3. não he o Despota de Continente: elle não tem commettido crimes politicos e domésticos, taes como esses, que nunca foraõ testemunhados, depois da idade do paganismo.

Mr. Whitbread disse taobem alguma coiza á cerca de Bonaparte accusar o Governo Britanico da conspiração da *maquina infernal*. Ora nos podemos assegurar a este Membro, que aquella Conspiração foi forjada pelo Governo Francez, de proposito para nos fazer odiozos; todos os Parisienses sabem este facto.

Concluindo este objecto em que entrei com muita repugnancia devo observar, que todo o homem em Inglaterra, e no Continente parece estar convencido da impossibilidade de haver paz na Europa, em quanto não for destruido o homem, cuja precioza vida merece tanto cuidado a algumas pessoas deste Paiz. Em appoio da minha opiniao citarei huma passagem de Mr. Hunter n'hum precioso folheto recentemente publicado—

“ Neste deploravel estado do mundo ha naturalmente huma
 “ indagação muito ancioza para saber, como se hade restabe-
 “ lecer a paz que he o unico objecto legitimo da guerra. In-
 “ felizmente ha huma só resposta a esta pergunta—pela destrui-
 “ ção de Bonaparte. Em quanto este homem continuar a ser o
 “ açoite, e vergonha da Humanidade, a paz he hum aconteci-
 “ mento que não pode esperar-se. Huma fingida, e temporaria
 “ tregoa, se nos formos assas fracos para consenti-la, podera sem
 “ duvida alinhavar-se; mas em quanto este monstro manejar a
 “ força phizica da França, nada solido, nada permanente, e
 “ tranquillo pode esperar-se. Se elle propozer algum arranjo,
 “ será só para resfolegar, para ter tempo de restabelecer-se da
 “ sua sentida debilidade, consequencia dos seus ultimos revezes,
 “ e para concertar novos planos de futura destruição. Fazendo
 “ paz, Bonaparte consultaria meramente o seu interesse, ou
 “ conveniencia; e toda a offerta feita por elle para esse fim
 “ longe de ser atendida deve ser o signal para mais vigoroso
 “ prosequimento de hostilidades. Não fez elle a paz com todos
 “ os Paizes que escravizou; e não foi a sua subjugação accele-
 “ rada pela desistencia de huma guerra activa? Não o te-
 “ mos nós mesmos experimentado, e não nos tem custado caro
 “ a nossa simplicidade? Não sejamos pois mais culpados da
 “ mesma lou cura; mas olhando Bonaparte como o unico estor-
 “ vo á consumação dos nossos dezejos, excite esta consideração
 “ o mais vivo sentimento contra elle, e a mais fervorosa devo-
 “ ção pelo nosso paiz.”

Permitta-se-me agora fallar de mim por alguns momentos aos meos leitores.

No meu discurso ao Publico segunda vez publicado no papel

de Domingo passado, assim como no prefaico da minha historia Secreta do Gabinete de Bonaparte, eu dei huma plena conta de mim mesmo, dos meos primeiros principios politicos, dos meos embaraços em França, as minhas presentes opinioens, o que eu penso agora da revolução Franceza, e de seu filho, e campião Bonaparte; e eu pensei que a franqueza, e candura, que facilmente se descobrem nas minhas relações, me abrigassem do máo tratamento, que era natural esperar daquelles cujas opinioens não eraõ unisonas com as minhas; mas nunca esperei ser maltratado pelos Democratas, e impressas Democraticas, e por aquelles, que se chamaõ amigos da liberdade.—Só por ter desmascarado o Tyranno que tem destruido a Democracia, e a liberdade! Se na minha volta da França eu tivesse louvado Bonaparte, e fallado mal do nosso Governo—Oh! que excellente Patriota!—Que excellente cidadão eu teria sido! Entaõ elles não me increpariaõ como agora fazem por ter sido quatro mezes editor do *Argus* em Paris, que em quanto o fui, continha artigos mais Britanicos, mais verdadeiramente Patrioticos, e menos hostiz á minha patria, que aquellas publicações que actualmente me injuriaõ. Entaõ elles não me increpariaõ, como agora fazem por ter escrito os Crimes dos Gabinetes—obra considerada por elles antigamente como produção nui habil, e hoje, huma frandulagem, huma publicação estúpida, e inepta. Por taõ perversa inconsequencia elles mostraõ o pé fendido; todo o homem que falla mal de Bonaparte deve systematicamente ser mal tratado: nesse cazo, Senhores, porque não procuraes huma pessoa que tenha estado em França, e que falle bem d'elle? A minha ultima publicação não foi, não he, nem pode ser contradicta; (razaõ porque os Revizores de Edinburgh pela sua mesma conta a não quizeraõ rever). Os apoiadores, de muitas das minhas relações são pessoas, que tem estado como eu em França; algumas tem escrito, e publicado as suas observaçoens, quando ali estavaõ; outras não; da primeira classe são Mr. Sturt, que certamente deve como hum Democrata merecer o credito pelo menos daquelle partido. Mr. Walsh, Americano, que ha tres annos escrevia para a Revista de Edinburgh. O Author do quadro de Verdun he taobem huma pessoa de inquestionavel veracidade. Mas nos, dizem elles, nada sabemos de Bonaparte, e do seu systema de Governo.—E quem são nossos accuzadores? —Pessoas que tem estado pacificamente sentadas toda a sua vida em seos lares.—Que nunca sahiraõ do seu Paiz! He verdade que a minha publicação não foi atacada por ellas ate á discussaõ, que teve lugar na caza dos Lords relativamente á *doutrina de assassinato*. Depois do que se abriãõ os diques da vingança Corsica contra mim por aquelles jornalistas de Inglaterra, e Irlanda, que são lidos somente pelos incendiarios dos dois paizes.

As accuzaçoens produzidas contra mim são de huma natureza

que me obrigão a appellar para as Leis do meu Paiz. Hum homem accusado deve defender-se; deve aquella defeza não sómente asi, mas a seos amigos, á sua Patria, e á cauza que emprehendeo sustentar. A accusação produzida contra mim he que *eu sou hum espia de Napoleão!* A pessoa que me calumniou terá por consequente em poucos mezes (terno proximo) huma boa opportunidade de provar suas asserçoens: até então direi aos meos leitores, que se a accusação fosse verdadeira, aquelles papeis seriaõ os ultimos a atacar-me. Eu poderia ser huma espia de Napoleão, ou qualquer espia, huma vez que eu condemnasse as medidas do nosso Governo; mas atacar Napoleão—isso he o que se não pode soffrer. O leitor se recordará, que há poucos mezes houve hum exame perante hum *Committé* secreto da Casa dos Communs de hum espia Francez detido nas prizoens Cold-Bath-Fields; aquella pessoa foi defendida, e a sua cauza sustentada por varias das nossas impressas patrioticas, mesmo depois, que o *Committé* secreto publicou na sua relação, que o homem que se queixava do tratamento, que experimentava do nosso Governo, não sómente o merecia, mas ate se lhe devia dar hum lugar mais solitario de prizaõ. A sua sympathia, e piedade forão por elle excitadas, porque elle infamou o nosso Governo n'huma carta que publicára. Se eu tivesse feito o mesmo, espia, ou não espia, eu teria sem duvida tido o seu apoio, calumniando pessoas, que dizem verdades de Bonaparte, e da revolução Franceza, elles certamente mostraõ alguma coiza, que se parece ao *hé fundido*. Todavia tudo quanto taes pessoas disserem não me affastará de preencher meos deveres para com os meos concidadaons. Estes deveres consistiraõ em apresentar constantemente a seos olhos o abominavel systema Corsico fora, e a sua progressiva energia neste Paiz, e na Irlanda. Nem o torvo aspecto do Poder, nem as ameaças da facção, jamais seraõ capazes de affastar-me do meu projecto.

PLANO

Da Sociedade *Anti-Corsica* organizado por Lewis Goldsmith, Author da obra intitulado—os Crimes dos Gabinetes—da Historia Secreta do Gabinete de Napoleão Bonaparte,—e actualmente Redactor da Gazeta intitulada—*The Anti-Gallican Monitor*, e *Anti-Corsican Chronicle*.

ESTE Redactor persuadio-se que seria grande-

mente proveitoso, para libertar a Europa dos ferros com que o Tyranno a agrilhoa, estabelecer huma sociedade em Inglaterra com o titulo de *Anti-Corsica*. Se esta Sociedade tivesse por mira o assassinato de Bonaparte, as suas deliberaçoens, e procedimentos seriaõ occultos, e não conhecidos. Com tudo, tal he o character, honra, e moralidade do Governo Inglez, que julgou do seu dever tomar em consideração os objectos daquella Sociedade, e reprovar solememente a doutrina do Assassinato de Bonaparte, (se tal doutrina fazia o objecto da Sociedade Anti-Corsica.) O primeiro que declamou contra huma tal doutrina foi o Ex.^{mo}. Marquez de Wellesley na Camara dos Lords, o que de certo lhe faz a maior honra: e na sessaõ de 10 de Julho se debateo este ponto na Camara dos Commons. Em consequencia destes debates o Redactor do Anti-Gallican Monitor vio-se obrigado a publicar o plano da sobre dita *sociedade Anti-Corsica* que he o seguinte; e por elle se vê que o objecto desta sociedade he,

1. Empregar authores que escrevaõ todas as lingoas modernas, cujas produçoens se enviem ás differentes partes do Continente:

2. Traduzir em todas as lingoas aquellas passagens dos papeis Inglezes, que os Povos do Continente devem saber, e traduzir das Gazetas Britanicas todos os procedimentos do Exercito Inglez em Hespanha, e Portugal, e tudo aquillo, que se julgar necessario.

3. Escrever em Inglez aquelles folhetos que forem uteis para reprimir a influencia Corsica em Inglaterra, e Irlanda.

4. Todas estas novas publicaçõens devem ser approvadas por hum *Committé* especial, formado de seis Membros, que devem ser nomeados por escrutinio, logo que a Sociedade tenha cincoenta pessoas.

5. A Sociedade nomeará hum Secretario, e Thesoureiro, que poderaõ ser removidos pelo *Committé* Geral, que devera constar de vinte Membros escolhidos pelos primeiros cincoenta subscriptores. O Secretario não precisa ser subscriptor.

6. O Thesoureiro deve ser nomeado pelo dito *Committé* de seis, e deve ser assignante. Nenhum de-

sembolso se poderá fazer sem o consentimento do Committé de seis.

7. O Committé de seis deverá juntar-se duas vezes por semana; e o Committé Geral huma cada mez, e poderá ajuntar huma Assembleia Geral de todos os Subscriptores todas as vezes, que o julgar conveniente.

8. Espera-se que subscreva cada Membro, pelo menos, com 20 libras.

9. Quaesquer donativos, por pequenos que sejaõ, seraõ *gratamente* recebidos; e os nomes das pessoas que os derem, registrados regularmente nos livros.

Nos temos (acrescenta o dito Redactor) recebido os nomes de varios Senhores que estaõ anciozos por ver formada esta Instituição. Nos esperamos que todo o amigo da liberdade, e da literatura, se faça Membro desta Sociedade. A nossa cauza he justa, e as nossas vistas honrozias: ninguem por tanto poderá envergonhar-se de pertencer a ella. Logo que tivermos cincoenta nomes teremos huma sessao, com o devido respeito aos Senhores que se empenhaõ na conservação da precioza vida de Napoleaõ Bonaparte, o assassino do Conde de Frotté, Capitaõ Wright, o Duque de Enghien, Palm, Pichegru, Toussaint, Ville-neuve, Cavalleiro d'Azara Ministro Hespanhol em Pariz, &c. &c. &c., pois que enumerar as victimas, que tem cahido debaixo do punhal deste malvado, seria encher hum numero da Chronica Anti-Corsica.

FALLA DOS LORDS COMMISSARIOS

ás duas Cazas do Parlamento,—quarta feira 24 de Julho de 1811.

MY LORDS, e SENHORES.

SUA ALTEZA REAL o Principe Regente em Nome, e da Parte de Sua Magestade, nos ordenou significar-vos a Satisfação que Elle tem de poder dispensar-vos

da vossa Assistencia no Parlamento, depois dos longos, e laboriosos Deveres da Sessão. Nos somos particularmente incumbidos de exprimir-vos a Sua Approvação pela Sabedoria, e Firmeza que tendes manifestado em pôr Sua Alteza Real em estado de continuar os Esforços deste Paiz a bem da Cauza dos nossos Alliados, e de proseguir na Guerra com maior Actividade e Vigor.

A vossa decidida Perseverança em hum Systema de liberaes Soccorros ás bravas, e leaes Naçoens da Peninsula, tem progressivamente augmentado seos Meios, e Espirito de resistencia, em quanto a benifica attenção que tendes prestado aos terriveis Sofrimentos dos Habitantes de Portugal pela Crueldade, sem exemplo, do Inimigo, tem consolidado a Alliança por novos Vinculos de Affeição, e deve necessariamente inspirar hum zêlo adicional, e Fervor na manutenção da Cauza Commum.

Sua Alteza Real especialmente nos ordena declarar-vos a sua cordeal Approvação pelas Medidas, que tendes adoptado para augmentar a Segurança interna, e Recursos Militares do Reino Unido.

Vos tendes tomado sabias Medidas para estes importantes Objectos, estabelecendo hum Systema de supprimento annual de Tropas regulares, e de reciproca mudança das Milicias da Grã-Bretanha, e Irlanda; e Sua Alteza Real tem a Satisfação de informar-vos que o voluntario zelo, que ja se tem manifestado nesta occaziaõ o tem habilitado a pôr immediatamente em pratica hum arranramento, que deve mais efficasmente fortalecer, e melhorar a uniaõ, e mutuos interesses da Grã-Bretanha, e Irlanda.

Senhores da Camara dos Communs. Sua Alteza Real nos ordena, que vos agradeçamos em Nome, e da parte de Sua Magestade os meios liberaes, que tendes fornecido a todos os Ramos do Serviço Publico.

Sua Alteza Real tem visto com prazer a promptidaõ com que tendes applicado os recursos particulares da Grã-Bretanha ao melhoramento financeiro da Irlanda no presente momento; e tem a maior satisfacão em ver, que vos tendes podido completar este objecto com taõ pequeno pezo adicional sobre os meios

desta parte do Reino Unido. O modo porque tendes tomado a lo em consideração o Estado das rendas do Irlanda tem merecido a approvação de Sua Alteza Real ; e Sua Alteza Real nos manda accrescentar, que elle põem a sua confiança nas vantagens que podem deduzir-se da attenção que o Parlamento tem prestado a este importante objecto.

MY LORDS, e SENHORES.

SUA ALTEZA REAL nos ordena que vos felicitemos pela tomada da Ilha de Mauricias. Esta ultima, e importantissima Colonia de França foi obtida com mui pequena perda ; e a sua acqizição deve grandemente contribuir para a Segurança do Commercio, e Possessoens Britanicas naquella parte do mundo.

Os felizes successos, que tem coroados as Armas de Sua Magestade, durante a prezente Campanha, debaixo do distincto commando do Tenente General Lord Visconde Wellington, são da maior importancia para os Interesses deste Paiz, e da maior gloria para o seu character. Sua Alteza Real ardentemente participa de todos os sentimentos, que tem sido excitados por aquelles felizes successos, e toma parte no justo applauso, que vos tendes dado ao saber, prudencia, e intrepidez tão manifestamente desenvolvidas em os conseguir.

He da maior satisfação para Sua Alteza Real o reflectir, que se aprover á Divina Providencia restituir. Sua Magestade ás ardentes preces, e votos de Sua Alteza Real, e do Povo de Sua Magestade, Sua Alteza Real se achará em estado de apresentar a Sua Magestade, na historia destas grandes Façanhas das Armas Britanicas por huma serie de operaçoens systematicas, huma Prova mui satisfactoria deque os Interesses Nacionaes, e a Gloria do Nome Britanico, tem sido felismente mantidos em quanto Sua Alteza Real tem dirigido o Governo do Reino Unido.

Leo-se então huma commissão para prorogar o Parlamento, depois doque o Lord Chancellor disse,

MY LORDS, e SENHORES.

EM virtude da Commissão firmada com o Grande Sello que nos foi expedida, e aos outros Lords, e que

se leo agora ; em cumprimento das ordens de Sua Alteza Real o Principe Regente, em Nome, e da Parte de Sua Magestade nós prorogamos este Parlamento até quinta feira, 22 de Agosto proximo, para entã se convocar ; e este Parlamento está consequentemente prorogado até quinta feira 22 de Agosto proximo.

RESUMO POLITICO.

Há mais de tres annos que dura a guerra da Peninsula ; e há quasi dois que o barbaro Tyranno da Europa, o exacravel insultador de todas as Instituições Religiozas, e Sociaes, prometteo ao seo infame Senado, que em breve iria plantar sobre os muros de Lisboa suas Aguias vencedoras, arrojando no Oceano o Leopardo, que o insultava.

Bonaparte, para em nada fallar verdade, não foi ; mas incumbio ao cruel Massena essa importante commissão, que elle aceitou gostozo entrando em Portugal com hum poderoso exercito de noventa, a cem mil homens. Fiado no seu orgulho, e talvez nas falsas informações, que lhe deraõ esses poucos, degenerados, e miseraveis Portuguezes, que o acompanharaõ, avançou como hum tonto ate as formidaveis linhas, que a providencia, e combinações as mais bem calculadas de Wellington immortal, tinhaõ ordenado, e que o genio tinha disposto construido, e executado. O filho querido da victoria estacou de frente dellas ; recua pouco depois para Santarem, onde se fortifica ; e no fim de quatro mezes foge, tendo perdido ao sahir de Portugal quasi dois terços dô seu exercito. O Despota do Continente no meio da sua desesperação, e raiva ordena lhe que torne a entrar em Portugal : o corrido General ajunta todas as forças que pode em cidade Rodrigo, e seos contornos ; volta a atacar o Anjo da Victoria em Fuentes de Honor, onde nos dias 3, 4, e 5 de Maio encontra novamente a deshonra, a destruição, e a morte. Massena

foi chamado a Pariz : dizem que volta para Peninsula ; sim ou não, he indifferente.

O Marechal Soult tentou de balde sustentar Massena em Portugal : vindo da Andaluzia para a fronteira do Alemtejo com o projecto de fazer hum diversão, não o conseguiu : conseguiu porem tomar Badajoz depois de bastante resistencia ; todavia não tanta, quanta o profundo Wellington esperava.

Soult volta para Sevilha ; junta todas as forças disponiveis ; corre em succorro de Badajoz ; e nos campos de Albuera perde a famoza batalha do memoravel dia 16 de Maio em que as tropas das tres Naçoens commandadas pelo activo, firme, e valoroso Beresford se cobrião de gloria, e em que o Duque do Dalmacia perdeo de nove a dez mil homens.

Soult recua ; elle concerta com Marmont, actual commandante em chefe do chamado exercito de Portugal, hum novo plano de operaçoens, ou o recebe do Corso delirante. Todas as tropas que foi possivel fazer marchar do Nord-Ouest, e do Sud-Ouest da Peninsula se juntaraõ no Centro. O Corpo de Drouet depois de ter passado por Madrid, e Cordova, se juntou a Soult em Llerena : Marmont partio de Salamanca com 21,000 homens, e se unio a Soult. Victor tirou do sitio de Cadix todas as tropas que pôde, e se lhe unio taõbem.

Desta sorte chegou o Marechal Soult a unir na Estremadura hum exercito de 60, a 66,000 homens. Lord Wellington a quem não eraõ occultos os movimentos do inimigo, passou o exercito alliado da margem esquerda do Guadiana para a direita, sem experimentar a menor perda.

Bonaparte mente com descaramento, como costuma, quando diz no Monitor, que Soult tinha tomado ao General Inglez muitos doentes, e huma parte de sua artilharia de sitio. Elle dá huma grande importancia ao levantamento do sitio de Badajoz, não se lembrando que hum dos mais bellos rasgos no principio da sua carreira militar, he a presteza com que outrora levantou o sitio de Mantua, quando o General Wurmsen vinha sobre elle com forças superiores, sacrificando sua artilharia de cerco, e recuando para melhor avançar depois.

Lord Wellington tomou huma pozição, pode dizer-se, tão inexpugnável como a de Torres Vedras, apoiando sua esquerda em Arronches, sua direita sobre o Guadiana junto á Praça de Jeromenha, e sua vanguarda em Campo maior, ficando no Centro a Praça de Elvas cuja guarnição monta a mais de 6,000 homens, tendo por Governador o valoroso, e honrado Tenente General Francisco de Paula Leite, e por segundo Commandante o Marechal de Campo Antonio Marcelino da Victoria que junta a hum verdadeiro merecimento militar huma honra, e probidade a toda a prova.

O Ex^{mo}. Marechal General desafia tranquillo na sua pozição o exercito Francez. Elle ordenou ao General Blake que repassasse o Guadiana com hum Corpo de 10,000 homens, para atacar a retaguarda de Soult, e ameaçar Sevilha. Diz-se que esta operação foi combinada com huma expedição Britanica, e Portugueza, que sahio de Cadix.

Entretanto que Blake marcha para o Sul, o General Castanhos com hum Corpo de 5,000 homens está em marcha para o Norte, e vai tomar o commando do exercito de Galiza, e das Asturias.

No dia 20 de Junho os tres Duques (de nova fabrica) de Dalmacia, Ragusa, e Belluno entraraõ em Badajoz.

A 22 o Marechal Soult em pessoa atravessou o Guadiana com hum destacamento de 4,000 homens para reconhecer as poziçoens do Lord Wellington : poucas horas depois repassou aquelle rio, sem reconhecer coiza alguma ; surprendeo com tudo hum destacamento de Dragoens do 11 Regimento composto de 50 homens, que ficaraõ prizioneiros.

Diz-se que o Marechal Soult, depois de ter feito partir a toda a pressa algumas divizoens para o Norte, e outras na direcção de Sevilha, estabelecera o seu Quartel General em Llerena, e Marmont em Merida. Eis aqui no que tem parado, ate hoje, a uniaõ de tres Marechaes do Imperio !!! Suas forças unidas são mui superiores as do Lord Wellington ; e com tudo não se atreverão a ataca-lo !!! As victorias da Rolissa, Vimeiro, Porto, Talavera, Bussaco, Fuentes de Honor, e de Albuera tem feito os Marechaes Francezes não só mui cautos, mas ate mesmo tímidos.

O General Mahi commandante do exercito de Galiza fugio para o Ferrol donde desapareceo, evitando assim o justó castigo que o esperava pelo seu desleixo, egoismo, e roubos. Succedeo-lhe interinamente o bravo General Abadia, que vai entregar o commando ao General Castanhos.

O Commissario da Galiza, o celebre Renovaes, foi prezo por ordem da Regencia e conduzido a Cadix n'hum fragata, para dar conta da sua administração; no que achará tanta difficuldade, como a Junta Central de Sevilha.

Bonnet Sahio das Asturias: o General Santocildes a frente dos Asturianos entrou em Astorga, e invadio o Reino de Leaõ, donde ameaça Salamanca, Zamora, Toro, Burgos, Valladolid. Muitos centos de Alemaens, e Polacos tem desertado, e se tem unido a Santocildes, que actualmente commanda hum exercito de 30,000 homens para offerecer ao General Castanhos.

D Juliaõ Sanches temivel chefe de Guerilha na Velha Castella, interceptou hum importante combos que hiade Salamanca para Cidade Rodrigo.

Hum destacamento de tropas do bravo General Silveira interceptou outro combos de dez ou doze carros, matando, ou fazendo prizioneiros 100 Francezes.

O intrepido Mina atacou a 25 de Maio e a escolta de 2,000 homens de infantaria e 300 dragoens que acompanhavaõ hum requissimo combos e 1,100 prizioneiros, que tinham sahido de Vittoria para França; e depois de hum combate de 7 horas conseguiu pôr em liberdade 3 Coroneis, 2 Tenentes Coroneis, 2 Capitaens, 6 Tenentes, 9 Porta-bandeiras, 28 Sargentos, 61 Cabos de esquadra, e 784 Soldados. Dos 2,200 Francezes apenas voltou para Vittoria ametade; o resto foi morto, ou prizioneiro. O fructo dos roubos de Massena, Caffarelli, Loison, Solignac, Lajouisk, Thouvenot, Bouquet, Grandjean, Barthelemy, Lapisse, e Gratien, cahio nas maõs dos bravos Hespanhoes commandados pelo digno Patriota Mina.

Tarragona depois de hum sitio de tres mezes, e seis assaltos; depois de hum carnagem que excede

em atrocidade os horrendos massacres de Pavia, do Cairo, e Jaffa, cahio a 28 de Junho nas maons do Cannibal Suchet, que o Despota da França acaba de nomear Marechal do Imperio, e que será em breve nomeado, e com razão, *Principe de Sangué*. Os Hespanhoes perderão ali 497 Officiaes e 9,284 Soldados. A perda dos Francezes durante o sitio, e no ultimo assalto foi immensa. O massacre dos Tarragonezes retenirá em todos os pontos da Hespanha; e os O'Donnells, os Blakes, os Castanhos, os Campoverdes, os Saarsfields, os Morillos, os Eroles, os Martines, os Roviras, os Minas, e tantos milhares de Patriotas, vingaraõ aquelles illustres, e heroicos Martires da honra, e do patriotismo, aquem rendemos neste lugar o juzto tributo de nossos elogios, admiração, e lagrimas.

A insurrecção que, ha pouco, houve n'algumas Cidades da Hollanda; os serios tumultos que houve em Hamburgo, e n'algumas partes de Roslagen (em Suecia) mostraõ a dispozição dos Povos para com o Despota que os opprime.

As desavenças, que ha entre a Russia, e a França persistem; e tudo o que o Monitor de Paris tem dito, em contrario, he falso. A paz entre a Porta, e a Russia está, a nosso ver mui proxima; e entãõ, e só entãõ, he que esta tomará huma resolução a respeito da França: qualquer que ella seja, a Peninsula não será escrava. Honra, fidelidade; uniaõ, obediencia, e confiança em nosso Governo, e em nossos generozos alliados, taes são, o Portuguezes, os infalliveis meios de triumpharios: bravos Hespanhoes, taes são bem os vossos.

CLUB

Dos Negociantes Portuguezes em Londres.

No dia 25 do Corrente se juntáraõ os Membros deste Club em City of London Tavern; e depois de terem tratado dos seus respectivos negocios, cele-

bráráo com hum esplendido jantar a entrada, como seu Membro honorario, do Ex^{mo}. Snr. D. Domingos Antonio de Souza Coutinho, Embaixador Extraordinario, e Ministro Plenipotencionario de SUA ALTEZA REAL o Principe Regente de Portugal, que assistio, naquella qualidade, á sua sessão, e ao jantar, occupando a cadeira Joze Sebastião de França, Presidente do dito Club.

Assistiraõ taobem a este jantar a que foraõ convidados muitos outros Portuguezes de respeitavel character.

O Presidente deo as seguintes saudes.

1. A Sua Magestade Fidelissima a Rainha Nossa Senhora.

2. A Sua Magestade o Rey Jorge III.

3. A Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal.

4. A Sua Alteza Real o Principe Regente da Gran-Bretanha.

Todas esta saudes foraõ bebidas com indizível entusiasmo, e seguidas do Hymno—*God save the King*—da marcha intitulada *o Conquistador* e de outras excellentes peças de muzica.

5. Ao feliz successo das armas alliadas na Peninsula.

Este brinde, depois de acolhido com o mais vivo sentimento de entusiasmo, foi seguido da muzica marcial intitulada *a marcha do Lord Wellington*.

Depois destes brindes fez o Presidente huma tocante falla; na qual recordando aos Membros a uniaõ, patriotismo, e fidelidade que faziaõ a base da fundação do Club (virtudes estas que elle mais, e mais recommendava), se congratulou com elles, por terem vencido os obstaculos que ate agora se tinbaõ opposto, á entrada, como seu Membro honorario, do Representante da sua Nação em Inglaterra, terminando em propor huma saude.

6. Ao Ex^{mo}. Snr. D. Domingos Antonio de Souza Coutinho, o qual correspondendo ao jubilo universal deste brinde, bebeo igualmente á saude dos Membros do Club.

7. Aos Membros auzentes.

Terminou-se este esplendido jantar com a gloza dos dois seguintes motes.

*De honra, e fidelidade exemplo raro.
Britania, e Lixia darão Lei ao mundo.*

MEMBROS

De que actualmente se compoem o Club.

Em Londres.

Joze Sebastião de França—Presidente.
Jacinto Joze Dias de Carvalho—Secretario.
Manoel Ribeiro Guimaraens—Thousoureiro.
Antonio Martins Pedra.
Joze Martins Barrozo.
João Ferreira Duarte.
Joze Antonio Gonçalves de Oliveira.
Manoel Fernandes Alves.
Ignacio Palyart.
João Antonio Fructuozo.

Em Liverpool.

Antonio Juliao da Costa.
Antonio Pedro Fortunato.

Em Lisboa.

Domingos Joze Martins.
Francisco Alves de Carvalho Vianna.

Na Ilha da Madeira.

Henrique Correa.

Membro honorario.

O Ex^{mo}. Sar. D. Domingos Antonio de Souza Coutinho.

RELAÇÃO.

Dos Negociantes Portuguezes rezidentes em Inglaterra que offerecerão huma bella e rica espada ao Bravo General Silveira pelos relevantes serviços que elle tem feito a Portugal.

Custodio Pereira de Carvalho.
 Jacinto Joze Dias de Carvalho.
 Joaõ Ferreira Duarte.
 Antonio Martins Pedra.
 Francisco Alves de Carvalho Vianna.
 Manoel Ribeiro Guimaraens.
 Joseph White.*
 Honorio Joze Teixeira.
 Antonio Pedro Fortunato.
 Joze Martins Barrozo.
 Antonio Juliaõ da Costa.
 Miguel Dias de Faria.
 Antonio Moreira S. Paio.
 Manoel Joze Ferreira Camello.
 Joze Antonio, Goncalves de Oliveira.
 Manoel Fernandes Alves.
 Joaquim Joze Vasques Junior.

Julgamos do nosso dever publicar esta relação, e render neste lugar a todas as pessoas nella mencionadas os elogios, que merecem por huma acção, digna de ser imitada por todos os verdadeiros Portuguezes.

Resolveo-se finalmente, que o producto das subscripçoens que se abrião em todo o Reino Unido para soccorrer os infelizes Portuguezes, que foraõ victimas da inaudita barbaridade Franceza, fosse todo remettido em dinheiro; rezolução que o Committé estabelecido em Londres tomou, á vista das respostas, que o de Lisboa lhe deo ás perguntas que lhe fizera; respostas mui judiciozas, e que mostraõ conhecimento exacto do paiz, e do estado lastimoso a que ficaraõ reduzidos os habitantes das Provincias invadidas.

Nos estimamos huma tal rezolução, não so porque he utilissima áquelles desgraçados, mas taobem porque nos poupou o trabalho, e desgosto de mostrar ao Committé, que elle não podia por titulo algum remetter a menor parte daquellas subscripçoens em generos. Praza ao Ceo que o Governo

* He Inglez; e não só quiz contribuir para as despesas, mas taobem encargar-se de mandar fazer a dita espada.

Inglez adopte a mesma resolução relativamente ás 100,000 libras que taõ generosamente votou para o mesmo humanissimo fim, e que tanta honra lhe faz!

POSTSCRIPTUM.

Londres 28 de Julho.

A Gazeta semanal intitulada o *Englishman* diz, que por huma authoridade indisputavel sabe, que há a melhor intelligencia entre o Governo Inglez, e Russo, o que por era se naõ tem feito publico, por accordo de ambos Governos: que dos portos de Inglaterra vaõ sahir varios navios carregados unicamente de muniçoens de guerra para aquelle Imperio; que nas fronteiras da Polonia se achão 200,000 Russos com 800 peças de artilharia; que a Russia procura por todos os modos concluir a paz com a Turquia, (e he de presumir que a estas horas esteja feita) &c.—Nos temos alem disto outros motivos para nos persuadirmos que aguerra entre a Russia, e a França está mui proxima.

As ultimas noticias de Buenos Ayres nos fazem esperar que esta importante colonia entrará bem depressa no seio da familia Hespanhola. Os rebeldes perderão o exercito que enviavaõ ao Paraguay: elle foi destruido pelo Digno Patriota Velasco, Governador desta parte da America; o reforço enviado de Buenos Ayres a estes rebeldes commandados por Belgrano marchou para Monte Video: os tres Corsarios, que os rebeldes tinhaõ enviado para ali cruzarem passarão taobem para Monte Video.

Nos acabamos de receber a noticia de que os Chefes dos insurgentes no Mexico cujo Generalissimo era hum *Frade*, forão prezos, e inteiramente destruido o seu chamado exercito. No seguinte No. daremos os detalhes.

CONCILIO DE PARIS.

Este Concilio tendo desenvolvido mais coragem que os Senadores, Conselheiros de Estado, e Legisladores juntos, fez conhecer a Bonaparte verdades que lhe desagradaraõ tanto, que a Santa Assembleia foi repentinamente dissolvida por hum Decreto Imperial, e onze Prelados forão enviados para o Castello de Vincennes. He o maior elogio que se lhe pode fazer. Oxala que todos os Prelados tivessem o mesmo Character!

Pio VII. foi transferido de Savona para Tortona. (Entre Tortona, e Tortura ha mui pequena differença.)

COMMERCIO.

RELAÇÃO

Dos generos que entráraõ no Posto de Lisboa no mez de Maio de 1811 segundo as declaraçoens dos Mestres.

- Trigo—3 242 moios, 2,731 sacas, 3,234 barriz.
- Milho—5,279 moios, 105,664 barriz, 457 sacas.
- Sevada—7,716 moios, 824 sacas, 20,536 barriz.
- Senteio—1,520 moios, 400 sacas.
- Aveia—4,262 moios, 1,025 sacas, 30,035 barriz.
- Fejaõ—55 moios, 372 sacas, 144 barriz.
- Favas—8 moios, 1,278 barriz.
- Ervilhas—32 moios, 67 sacas, 125 barriz.
- Chicharos—93½ moios.
- Batatas—52½ moios, 750 barriz.
- Farinha—105,316 barricas, 1,970 sacas.
- Biscoito—4,864 barriz, 1,381 sacas.
- Arros—6,544 barricas, 469 sacas.
- Vinho—3,828 pipas, 333 barriz, e 40 caixas.
- Agoardente—2,064, 5,064 barriz.
- Azecte—202 pigas, 422 barriz.
- Genebra—93 pipas, 30 barriz.
- Cerveja—750 barricas.
- Vinagre—30 pipas.
- Prezuntos—448 arrobas, 1,821 barriz, 200 canastras, e 8,118 ditos soltos.
- Carne salgada—2,538 barriz.
- Toicinho—600 arrobas, 285 mantas.
- Bacalhão—15,275 quintaes, e 150 toneladas.
- Manteiga—1,339 barriz.
- Quejos—140 cestos.
- Galinhas—270
- Ovos—5,200 duzias.

Mappa dos Navios entrados nos Portos do Reino Unido, vindos dos Portuguezes desde 26 de Junho athe 25 de Julho de 1811.

Dias.	Donde Vem.	Nomes.	Capitães.	Portos onde entraraõ.
Junho.				
26	Vianna	Elizabeth	Wilson	Londres
	Lisboa	William	Lydekin	Milford
	S. Maria	Confidence	Reay	Newry
30	-	Richmond	Sharp	Portsmouth
1	Lisboa	Sarah	Sahnon	Yarmouth
	Maranhão	Croydon	Blyth	Dover
4	Bahia	Prince of Wales	Mathews	Londres
	Satuvel	Pensamento	Felix Gabriel	Cork
6	Lisboa	Mary	Rawlings	Plymouth
9	-	Margaret	Quick	Liverpool
13	-	Juno	Gordon	Deal
	Pará	Paquete do Pará	J. J. Abureo	Liverpool
	Porto	Betlona	Eash	Waterford
11	Rio	Falcao	Da Costa	Falmouth
	-	Pocklington	Bill	-
	Lisboa	Princess Charlotte Paquete	Kerr	-
13	Figueira	Hope	Pryn	Liverpool
	Rio	Jane	-	-
15	-	S Manoel	Portcla	Plymouth
	Lisboa	Darling	Patterson	Londres
	-	Walsingham Paquete	Roberts	Falmouth
	-	Ben-Lomond	Mc. Kay	Clyde
	Maranhão	Nicholson	Youd	Liverpool
16	-	S. Anna	Domingues	Londres
	Lisboa	Juno	Gordon	Kirkaldy
	-	Liberty	Hinges	Cork
	-	Lark	Rivers	-
	-	Princess Elizabeth Paquete	Kidd	Falmouth
	-	Aurora	Smith	Cork
	Porto	Briton	Ward	Liverpool
18	-	Dart	-	Hoylake
	-	Vine	Miller	Portsmouth
	-	Ann	Bolton	Dublin
	Lisboa	Harmony	Payne	Dartmouth
	-	Darlington Paquete	Harvey	Falmouth
	Vianna	Wylam	Cunningham	Dartmouth
	Porto	Jemina	Gibbon	Londres

18	Fame	Hanton	
	Courier	Davidson	
	Dart	Cook	Liverpool
21	Beaver	Pivett	Londres
	Jonge Hendrick	Harmam	
	George	Bennet	
	Royal Jubilee	Swift	
Lisboa	London Packet	Holman	
	Chichester Pa- quete	Rogers	Falmouth
22	Catherina	Irvin	Londres
Porto	Jean	Langton	
	Mariner	Phené	
	Barbara	Nudren	
Vianna	Czarina	Dwyer	Dartmouth
23	Pensamento Volante	Barry	Bristol
Porto	Quest	Ruty	Londres
	London	Brown	
	Jannet	Betts	
	Union	Hunter	
Madeira	Emelina	Nunes	Liverpool
Lisboa	Constance	Marshall	
Bahia	Pr. of Wales	Matthews	Londres
Faro	Wellington	Uriger	
25	Porto	Ann	Mc. Kenzie
	Batchelor	Stafford	

Mapa dos Navios Sahidos dos Portos do Reino Unido, para os Portuguezes, desde 19 de Junho, ate 22 de Julho, de 1811.

Dias.	Para onde.	Nomes.	Capitaens.	Portos d'onde sa- hiraõ.
Junho				
19	Lisboa	Gardner	Martin	Waterford
20	-	Argyle	Owens	Westport
22	-	Andrew Savage	Scoffin	Strangford
	-	Frederick	Purcell	Cork
23	-	Lady Betsey	Clements	Waterford
24	-	Commerce	- - -	Belfast
26	Rio	Edward	Wilson	Hull
27	Porto	Hazard	Elderkin	Liverpool
	Lisboa	Mary	Mc. Gregor	-
28	-	Charles	Stewart	Londres
	-	Swift	Lyons	Cork
	Porto	Annabela	Clark	Londres
29	Lisboa	Mary Ann	Gray	-
	-	Argo	Middleton	-
	-	Chichester	Rogers	Falmouth
	-	Paquete		
30	-	Constantia	Werminch	Londres
Julho				
1	-	British Queen	Major	-
	-	Percival	Johnston	-
	Porto	Hope	Wildman	-
	-	Thomas	Trip	-
	-	Spectator	Burne	-
2	Rio	Eolus	Thomas	-
	-	Sarah Packet	Rimmers	-
3	Lisboa	Suffolk	Castwright	Belfast
4	-	Thomas	Owen	Plymouth
	-	Union	Williams	Londres
	Porto	Salamander	Rose	Hull
5	-	Benjamin	Catley	-
	-	Romp	- - -	Dublin
	Lisboa	Wm. Johnson	Gillies	Waterford
6	-	Concordia	Wize	Londres
7	-	Bomfim	- - -	Dublin
9	-	Urania	Philp	Deal
	Lisboa	Fraw Anna Maria	Stephenson	Londres
	-	John Buschaman	Duning	-
	Pernambuco	Princezado Brazil	D. J. dos Santos	-
10	Lisboa	Jeanie	Duncan	Clyde
	-	Barbara and Ann	Bownes	Dublin

11	-	Eliza	Hose	-	-
	-	Correode	Londres	Viza	Londres
	Porto	Pezilo	-	-	-
12	-	Kite	Stewart	-	-
13	-	Generous	Friends-	-	-
	Lisboa	D. Domingos	I. Franco	-	-
	-	Endeavour	Cunshay	-	-
14	-	Alonzo	Creser	-	-
	-	Venus	Dregs	Limerick	-
	Porto	Pezola	Da Silva	Londres	-
15	Lisboa	Prompt	Yonger	-	-
16	-	Ruby	Biggs	-	-
	-	Jane	Alexander	-	-
	Porto	Alert	Neese	-	-
17	-	Jane	Graham	Plymouth	-
	Lisboa	Southampton	Theus	Londres	-
	Pernambuco	Balsemao	E. J. Alves	-	-
19	-	George	Walker	-	-
	Madeira	Friendship	Striphin	-	-
20	Porto	Aid	Sangter	-	-
	Rio	Duke of Mon	Blewet	Falmouth	}
		trose Paquete			
	Lisboa	Duke of Marl-	Bull	-	}
		borough Paq.			
	-	Pr. Charlotte	Ker	-	}
		Paquete			
	-	St. Andrew	Norton	Bristol	-
22	-	Amelia	Abbott	Londres	-

Preços Correntes dos productos do Brazil em 31 de Julho de 1811.

Assucar	Branco	25 a 30	} Shillings por 112 lb.
	Mascavado	15 20	
Caffé		36 42	
Cacao		40 45	
Arrós		16 20	
Cebo		46 50	} Peniques por lb.
Algudão	de Pernambuco	18 18½	
	do Ceará	18 18½	
	do Bahia	15 16	
	do Maranhão	14 15	
	do Pazá	13½ 14	
	de Minas	14	
	da Capitania	11½ 12	
Couzos	de Montevideo	3 4½	
Tabaco	de Rolo	3½ 4	
	de Folha	2½ 3	
Annil		18 30	

N. B. Os fretes, direitos, e mais despezas, são pagas pelo vendedor, e não pelo comprador, como, por engano, se disse no 1. No. deste Jornal.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Data									
Anno e Mez.	Dias.	Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdã.	Paris.
Julho de 1811.	2	68	68	67	46	40	63	28-4-2	17-16
	5	68	68	67	46	40	63	28-6-2	18 0
	9	68	68	67	46	40	63	28-6-2	18 0
	12	68	68	67	46	40	63	28-6-2	18 0
	16	68	68	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	19	68	68	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	23	67	67½	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	26	67	67½	67	45½	40	63	28-4-2	18 0

APPENDICE.

Snr. Editores do Investigador Portuguez em Inglaterra.

REMETTO a Vm^{ces.} o incluzo manuscrito, que me parece digno de se dar á luz: muito estimarei em que Vm^{ces.} o achem digno de o inserir em seu Journal, o que me animará a remetter-lhe outros.

Com muito respeito sou

De Vm^{ces.}

Lisboa, 14 de Julho

Attento Venerador

de 1811.

F. A. de A. e C.

Recebemos pelo ultimo Paquete vindo de Lisboa este manuscrito, que de propozito naõ quizemos differir, para o publicarmos no artigo—Correspondencia—do No. Seguinte deste Journal, a fim de mostrarmos a contemplação, que temos por quem teve a bondade de o remetter; rogando-lhe o cumprimento da sua promessa, e esperando que sejam mais correctos, do que este, quaesquer outros manuscritos, que nos queira mandar.

Copia da Carta do Grande D. Luis da Cunha a Marco Antonio de Azevedo Secretario de Estado, reinando em Pórtugal o Snr. Rey D. Joaõ V.

PARA acabar esta carta, ou papelaõ, como V. S.

lhe quizer chamar, tornarei ao seu principio considerando que apezar de todo o cuidado que S. M. queira pôr em estender os limites do seu Reyno, em fazer crescer os seus povos, em multiplicar as suas rendas, em augmentar as suas tropas, em fortificar as suas Fronteiras, em construir Navios de Guerra, como tenho indicado, jamais poderá dormir com descanso, e segurança, porque sempre está no risco de que os Castelhanos ouzem invadir os seus Estados com forças a que não poderá resistir, e se V. S.^a quizer tomar o trabalho, como pode, e deve, de se informar do numero dos Regimentos, assim de Infantaria, como de Cavallaria, e dos Navios, que El Rey Catholico sustenta, concluirá que El Rey N. Sr. precariamente possui a sua Coroa, porque a conquista deste Reino, he o negocio de huma Campanha, se os Castelhanos a fizerem como podem, a menos que não recorra às Allianças, que *he outro genero de sujeição equivoca bastantemente*; porque tudo depende das circumstancias do tempo, e dos interesses, que com ellas cada dia tomaõ huma nova forma.

Naõ quero dizer que esta impossibilidade natural, que provem de ser o Reyno de Portugal em tudo taõ limitado, á proporção da Hespanha, conforme tenho dito nos deva desanimar de maneira que demos por perdidos, e inuteis todos os esforços, e todas as despesas que fizermos, para não termos hum pouco em respeito os nossos inimigos, antes sejaõ elles, os que considerem a nossa fraqueza, duvidando talvez de se enganarem na conta, á vista da nossa applicação, sem que nós mesmos lha façamos conhecer, com a nossa indolencia, ou desesperação.

Esta triste idea, que se fortificou com o que vi, e observei pendente a guerra de 1700, e pendente tambem o Negociação da Paz de Utrecht, me fez lembrar do Conselho que me meu Bisavô D. Pedro da Cunha deo ao Sr. D. Antonio Gram Prior do Crato cujo partido infelicamente seguiu, por entender que o favorecia toda a razão, toda a justiça, toda a honra, e todo o interesse de Portugal, apezar dos que vilmente vendidos, ou francamente medrosos, deraõ, sem vergonha do mundo, e sem temor de Deos, a sentença a favor de Felippe 2.^o que o mesmo D.

Pedro da Cunha não quiz reconhecer; sem embargo que o dito Principe lhe mandou offerecer por hum seo compadre o Titulo de Marquez de Santarem, com outras mais mercês, para que abandonasse a cauza do Sr. D. Antonio; ao que elle lhe respondeu.—*Compadre em muito má conta me terá El Rey se lhe vender o que he seu; e em muito peor, se lhe vender o que eu entendo que pertence ao Sr. D. Antonio.*—O Conselho foi que não tendo S. A. para defender a Sua Justiça, mais que os Agoadeiros de Lisboa, a tempo que o Duque d'Alva marchava com 24,000 homens contra Portugal, mais para tomar posse d'elle que para conquistallo, Elle D. Pedrou o fazia Monarca mais poderoso, e rico * do que qualquer dos da Europa; por que havendo-lhe o Desgraçado, e Temerario Rey D. Sebastião confiado a Guarda do Lisboa, com o titulo de Capitão General, e que por consequencia tinha á sua Ordem os Navios de Guerra, e mais embarcaçoens que se achavaõ naquelle Rio, nelles se poderia S. A. embarcar com os que o quizessem seguir; e passando ao Brazil, cuja vastidão e riquezas eraõ as que naquelle tempo se sabiaõ, ali não so conservaria o titulo de Rey de Portugal, mas todas as Potencias da Europa folgariaõ de entreter com elle boa correspondencia em favor do seu commercio por ser tambem da sua conveniência que Felippe 2. não pössuisse aquelle Estado, que junto ao da Nova Hespanha, ficaria muito mais formidavel do que ja era. Mas porque o Sr. D. Antonio desprezou este bom, e magnifico Conselho, foi, depois de varios accidentes, morrer miseravelmente em França; e D. Pedro da Cunha perdendo a Catalha de Alcantara, faleceo tambem na Torre de Belem com dois grilhoens nos Pés, e está enterrado no vezinho Convento de S. Jeronimo, á entrada do Claustro, sem mais epitaphio na sepultura que dois O. O., deixando porem a maldiçaõ a seus filhos, e descendentes se puzessem Pedra sobre Pedra na sua Fazenda, em quanto o Reino de Portugal fosse pos-

* Acrescentamos as palavras—*mais poderoso, e rico*, para ficar o sentido perfeito; por quanto, o manuscripto, que se nos reinetteo, diz o fazia monarca, que qualquer dos da Europa—passagem que está evidentemente errada; e as palayras que ajuntamos saõ conformes com o que se segue no manuscripto. Nota dos Redactores.

suido por alguns dos Reis de Castella; o que elles punctualmente executáraõ, até á venturoza acclamação do Sr. Rey D. Joaõ IV.

D. Rodrigo da Cunha Arcebispo de Lisboa filho do dito D. Pedro da Cunha, herdou de seu Pay os mesmos principios, resistindo na Corte de Madrid, donde foi chamado, ao projecto do Conde de Olivares que no Reinado de Felippe IV. governou a Hespanha de reduzir a Provincia o Reyno de Portugal, apezar das condiçoens com que se entregáraõ a Felippe 2., de maneira que se o pay não pode evitar esta calamidade, o filho a reparou declarando ao Conde Duque, *que não podia estar auzente da sua diocese mais de dous mezes, que se tinhaõ acabado.* O Conde lhe replicou, que El-Rey não queria que elle partisse; pois *que de contrario o mandaria * prender:* lhe tornou a dizer o Arcebispo, *porque se hum dos dous deve ficar excommungado seja S. M. e não eu.* O Conde lhe allegou as *Attestaçoes* que os Portuguezes deviaõ a El Rey, para que elle desse as maõs ao seu projecto, ao que o Arcebispo respondeo, *que elle não seria desta opiniaõ, se lhe fosse revelado que o monarca se serviria sempre do seu ministerio, ou lhe daria hum successor de taõ boas intençoens, como elle;* e com isto se despedio, deixando dizer ao Conde—*Mala bestia que me dio en el cumplimento.* Depois lhe mandou offerecer ao Caminho o capello de cardeal, e o melhor cazamento da Hespanha para seu sobrinho, e meu pay que o acompanhava se quizesse voltar a Madrid; mas elle que tinha bem differentes vistas rejeitou a proposta, e continuou a sua Jornada; e chegando á Raia, desceo do coche, beijou a terra de Portugal, e deitando a bençaõ, passou por Villa Vicoza, onde conferio com o Duque de Bragança, e partio para Lisboa, a ser o primeiro da admiravel, e bem succedida conjuração, de sorte que sobre as Cartas Circulares que elle escreveo ás Provincias, e às conquistas, nenhum deixou de reconhecer o Duque por seu legitimo Soberano.

* Aqui faltaõ palavras aque substituímos as que estaõ escritas em caracteres italicos. Escrevemos taobem com os mesmos caracteres a palavra *attestaçoes*, que nos parece igualmente errada. Os Redactores.

Parece que o Duque de Medina Sidonia, teve alguma noção do referido Conselho, que D. Pedro da Cunha dera ao Sr. D. Antonio, pois que d'elle se servio quando Felipe 5. começou a desesperar de poder-se sustentar em Hespanha, porque na conferencia que se teve em Sevilha, propoz que o dito Principe se passasse ás Indias, e puzesse em o Mexico a sua Corte; de maneira que quando vi que os nossos Alliados nos haviaõ abandonado no Congresso de Utrecht, apezar das estipuladas vantagens com que entramos na sua Confederação, e que Felipe 5. ficava sendo nosso vizinho; de que se seguia perdermos as esperanças de que França fosse nossa alliada, que o dito Principe de Genio Guereiro, e ambizioso jamais nos perdoaria ser nosso tractado o unico, em que se estipulou tirar-lhe a Coroa para pôr no Throno o Archiduque, quando a da grande alliança sómente fallava de procurar ao Imperador huma justa satisfação sobre as suas pertencõens, e que Felipe conservando sempre hum excessivo numero de Tropas, á proporção das nossas, lhe poderia vir hum dia á cabeça renovar o seu maõ direito aconselhando se com o peor da Rainha sua mulher, e Princeza de Parma, cujas ideas não eraõ menos vastas nem menos temerarias.

Tudo isto assim suposto, considerei, talvez vizi-onariamente, que S. M. se achava em idade de ver florentissimo, e bem povoado aquelle immenso continente do Brazil, se nelle tomando o titulo de Imperador do *Occidente* quizesse hir estabelecer naquella Região a Sua Corte, levando consigo as pessoas que de ambos os Sexos. Quizessem acompanhar, que não seriaõ poucas, com infinitos Estrangeiros; e na minha opiniaõ o lugar mais proprio da sua residencia seria a cidade do Rio de Janeiro que em ponuco tempo viria a ser mais Opulenta que a de Lisboa.

Naõ me faria difficuldade a differença do Clima, porque meu Irmaõ D. Joaõ que nella esteve vindo da India, me segourou que uaõ somente era muito saudavel e parecido ao nosso, mas que o Paiz, era tambem proprio para nelle se cultivarem todos os fructos da Europa, tendo ja os da Azia e Affrica: Alem de que estando taõ proxima das Minas do Ouro, e Diamantes, seria mais facil prevenir os seus des-

caminhos, e crescerião os seus descubrimentos não so naquella, e mais Capitánias, mas principalmente na-do Maranhão, como ficou dito áque se juntaria a facilidade de tirar mais negros da costa d'Affrica, e da Ilha de S. Lourenço para a cultura de todos os generos, que o Brazil produz.

A mesma conveniencia teria Sua Majestade para sustentar o Estado da India, e os estabelecimentos, que tem na dita Costa d'Affrica, animando o commercio de Mossambique, da China, da Persia, do Goifo de Bengala, e da Costa de Coromandel, mas neste Cazo me perguntará V. S.^a, que faria S. M. do Reino de Portugal? Para responder a esta questãõ he necessario saber que cousa elle hé, senão (como já considerei) huma ourella de terra, que divido em tres partes, de que a primeira não he ainda, que o puderá ser, bem cultivada que a segunda pertence as Ordens Ecclesiasticas, comprehendendo a monastica, e que a terceira produz hum pouco de Graõ, que todavia não basta para a subsistencia dos seus moradores, sem que lhes venha de fóra: Tambem dá bastante vinho, azeite, sal, generos que no Brazil se não achão, sendo tão necessarios ao sustento da vida. Mas quanto ao Trigo he constante que em grande abundancia cresce no Rio de Janeiro, e Serrania do Sacramento, cuja conservaçãõ ficaria sendo mais segura pela Vizinhança da Corte, para ser soccorrida: alem de que não seria necessario que a provizaõ deste genero fosse tão grande, como se pode imaginar porque os moradores do Brazil, vivem muito bem da Farinha de Pau, como nas Provinçias do Minho, Tras os Montes, e Beira se sustentão de Milho, Cevada, e senteio.

Pelo que toca ao sal bem se sabe que elle selavra na Capitania de Pernambuco, e q^{to} ao vinho como no Brazil não faltaõ Parreiras que fructificaõ duas vezes no anno; pouco cuidado bastaria para so poder fazer, não digo bom, mas pelo tempo adiante o puderia vir a ser, pois que o do Cabo de Boa Esperança he hoje tão estimado, e pela mesma razãõ tambem se daria o Trigo, porque se acharia meio para extinguir as formigas, que o não deixão crescer. Finalmente a Pescaria da Balea da o azeite que sobra não só para o

gasto ordinario, mas para com elle se fazer negocio com a Europa. He verdade que faltaria o regalo de beber como *Neve*; porem não se ignoraõ os differentes modos de puder sem ella esfriar a agua. Suppondo porem em huma palavra que na America faltaõ muitas couzas que na Europa ha, he constante que tambem na Europa faltaõ muitas couzas, e mais preçiozas das que crescem na America, com esta grande differença que as que não ha no Brazil se podem vir a ter com a industria, e applicação: porem não há nem applicação, nem Industria, que baste para fazer produzir em Portugal o que o Brazil produz: a saber: o ouro, e os diamantes, sem ser impossivel descobrir minas de Prata da parte do Maranhão. A Divina Providencia permittio esta mesma reciproca falta de certos Generos em hum e outro Hemispherio para que as Naçoens se communicassem, e se formasse a Sociedade da Republica Universal.

Tambem considerava o muito, que se iria extendendo o Evangelho havendo mais Homens Apostolicos, e mais Obreiros para trabalharem nesta Vinha do Senhor; do Senhor digo, porque os Tapuias do Brazil, não são menos creaturas suas, que as mais da Europa, que portantos seculos viveo entregue á cega, e Torpe Idolatria, gemendo debaixo do Imperio do Demonio.

Seria pois o Brazil hum entreposto de todas as Mercadorias das outras tres partes do Mundo, e alias viriaõ buscar, e trocar as Naçoens da Europa, pelo ouro, Prata e Diamantes, que taes como ja disse, se devem suppór os ricos e preçiozos fructos da quelle Paiz.

Não he verosimil, que alguma Nação da Europa, tendo abertos os portos do Brazil para fazer o seu Commerçio interessasse a sua conquista, porque a primeira, e natural difficuldade, que para isso se encontraria, seria a da grande distancia, a que se seguiriaõ outras muitas quasi insenciveis. Não se diga que os Hollandezes os superaraõ, pois se fizeraõ Senhores da maior parte daquellas conquistas; porque bem se sabe que Felippe 2. que por nossa desgraça as possuia, lhes fazia a Guerra occupado tambem com aque sustentava contra a França e Inglaterra;

e assim não podia ter bastantes forças, para sustentar aquelles tão distantes dominios d'America, e da Azia, o que Sua Magestade facilmente faria, tendo muito boas esquadras no Mar para defenderem, e alimparem aquellas Costas de Corsarios, a fim de segurar a todo o Commercio: e em segundo lugar, não se ignora que os Hollandezes foraõ á India porque o dito Principe lhes fechàra o seu Commercio, e S. M. lhes abriria, como ás mais, o do Brazil.

Isto supposto respondo à pergunta de V. S.^a que a disposiçãõ que S. M. poderia fazer do Reyno de Portugal seria a de lhe pôr hum Vice Rey como dá ao Estado da India, que hé mais bem dilatado, e quasi sempre em Guerra com os seus vizinhos: porem logo se offerceriaõ dous grandes inconvenientes, o primeiro que El-Rey de Castella se quereria aproveitar desta occasiãõ para conquistar Portugal, o que com effeito faria, como deixo dito, por mais cuidado que o Vice-Rey pozesse em fazer as precauçoens necessarias para o defender: segundo que a Nobreza se costumaria muito mal a ser governada por hum Vice-Rey como se vio, e a esperar de tão longe as mercês, que pertendem, ou a hir requerer-las ao Brazil, e assim puderia contravir a sua devida fidelidade, pois que até foija (entre outros) poderozo motivo persuadindo o da Justiça, porque faltou á que tinha jurado aos Reis de Castella.

Quanto ao primeiro inconveniente, queria que este se pudesse prevenir, se as mais potencias da Europa garantissem a S. M. a preservaçãõ do seu Reino; porque a nenhuma conviria, nem ainda á mesma França, que a Hespanha com semelhante acquisiçãõ se fizesse mais poderosa, antes nenhuma deixaria de querer lisongear a S. M. para que pelo mesmo Portugal, ou em direitura lhe permitisse negociar no Brazil: alem de que El Rey Catholico deveria reflectir, que no cazo de invadir Portugal, poderia S. M. extender na America o seu Imperio, fazendo-se Senhor do Continente da outra parte do Rio da Prata, e da Província da Paraguay.

E quanto ao segundo inconveniente tambem imaginava que a parte da Nobreza que estabelecesse no Brazil, seria cauçãõ de Fidelidade da que ficasse em

Portugal, a que se ajunta, que quando bem não subsistisse a antipathia entre as duas Naçoens, sempre os Interesses do Commercio fariaõ a uniaõ dos dous dominios Portuguezes, ainda que separados por taõ vastos mares; mas seria absolutamente necessario perscrever certos limites aos dous Imperios Americanos, por evitar ao disputas que puderiaõ accontecer sobre os descubrimentos, que por huma, e outra parte se fizessem: bem entendido que os Maritimos deveriaõ ser o Rio de Vicente Pinson mais ao Norte do das Amazonas, como está decidido pelo Tractado de Utrecht, e da parte do Sul, o Rio do Prata conforme os sentimentos dos nossos Geographos, ainda que os Hespanhoes digaõ o contrario, e os limites terrestres poderiaõ ser o Rio Paraguay que nelle desagoa, subindo por elle até o Lago Xayreyes, ainda que o seu nascimento parece vir de mais longe, tirando huma linha para o Oeste por espaço de cem legoas, segundo se vê no Mappa, até encontrar o Rio Madeira, que vai confundir a sua corrente com o Rio das Amazonas; mas em quanto não chegamos a esta extremidade sempre nos deviamos servir de todos os caminhos, e de todas as occazioens, que se offerescessem para estabelecermos os ditos limites, por que os Jezuitas Castelhanos, que tem todas as suas missões a l'Este do Rio Paraguay, não são melhores, nem mais zelozos Missionarios que os Portuguezes; ou para melhor dizer, não faziaõ mais huma só Nação como os Judeos sendo em toda a parte os mesmos e com o mesmo Character. Alem de que El Rey Catholico sacrificaria, he verdade, hum grande Paiz pela sua extençaõ, maso que nelle não tem mais que o Directo Dominio; por que do util gozaõ in solidum os Jezuitas; alem de que se não achão Minas de Ouro, ou Prata, nem outra alguma riqueza, como os mesmos Jezuitas mostráraõ ter provado no seu 21 volume das Cartas Edif. Com tudo o commercio da Herva que toma o nome do dito Rio de Paraguay não lhes vale pouco, por que tem notavel sabida para os Reynos de Peru, e Chili, &c.; e não Sei por que aquelles bons homens, que de tudo se sabem aproveitar, não introduzem a dita herva como a do Chá, na Europa, pois me lembra que to-

mando eu della em Londres com o Dr. Fernando Mendez da Costa, me disse aquelle Grande Medico, que era huma bebida sem comparação muito mais salutar, que a de Cha e Cáfê, e he provavel que da mesma sorte que ella cresce a L'Este do dito Rio tambem cresceria da parte do Oeste; e assim os Jesuitas que fizessem Missoens daquella banda não perderiaõ o dito commercio.

Mas chegando o fatal cazo que algum Rey de Portugal quizesse ir ser Imperador do Occidente e ter a sua Corte no Rio de Janeiro, he certo que El Rey de Castella, temeria que pudesse cuidar em conquistar o Reyno de Perú, até o isthmo de Panama, onde se termina o do Mexico, pois todos sabem que a dureza com que os Castelhanos trataõ aquelles miseraveis nationaes, os tem sempre dispostos a sacudirem o jugo, que lhes he taõ pezado; quando para este effeito se lhes desse a maõ; e pelo que não seria totalmente impraticavel o accomodamento de trocar o Reyno de Chili até o Estreito de Magalhaes pelo Reyno do Algarve, que convem muito aos Castelhanos pela commodidade dos seus portos.

Bem sei que quando V. S.^a ler esta minha idea se penzera tendo alpor huma mera e pura vizaõ, e que dira que a ser tanto, he hum effeito natural da velhice, pois não sabe como possa vir á cabeça de hum homem que conserva toda a sua razaõ propor que hum Rey de Portugal trocasse a residencia da Europa, pela da America, cujos Povós sem falla da differença do Clima, apennas tem os sentimentos de homem: ao que respondo, que as Cidades de Brazil, não são povoadas d'esta miseravel Gente, mas de muitos, e bons Portuguezes, que della se servem como em Lisboa nos servimos de Negros. Alem de que segundo deixo dito em muitos poucos annos, seriaõ tantos os Vassallos que iriaõ viver no Brazil, que se não conheceria a differença; e quanto aos Tapuias do Sertão, estou para dizer que não differem mais que na Cór dos nossos rusticos das Provincias, e o que mais hé, que os primeiros depois de se deixarem doutrinar, são mais observantes dos preceitos da Igreja, que os nossos Paizanos que logo lhes esquecem, ou os não guardaõ.

Mas a questão não he essa, se não qual residencia para hum Principe será mais vantajosa, se aquella, em que ha de viver precariamente, e esperando, ou temendo que cada dia o queiraõ despojar do seu Diadema, ou aquella em que pode dormir o seu somno descansado, e sem algum receio de que o venhaõ a inquietar? Problema que em duas palavras resolvo, dizendo que o dito Principe achará no Brazil os meios necessarios para poder conservar Portugal e de nenhuma maneira em Portugal os que são precizos para poder sustentar o Brazil; do que se segue.—Que he mais commodo, e mais seguro estar onde se tem o que sobeja, que onde se espera o de que se carece.

O que não obstante quero passar no espirito de V. S.^a por Vizionario; mas não tanto, que esta minha vizaõ não fosse, como disse de meu Bisavõ, e do Duque de Medina Sidonia, que não era deixar Felipe V. quatro geiras de má terra como Portugal; mas não menos que muitos Reynos, como os da Hespanha, com que ainda assim, sem Indias significava muito pouco, e ellas muito sem Hespanha.

O mesmo digo de Portugal a respeito do Brazil. Os Hollandezes em 1672 estavaõ resolutos a se embarcarem com as suas famillias para Batavia, se Luiz XIV. os dominasse, e com razão, porque as sete Provincias sem os estabelecimentos, que tem na India para fazer o Commercio, que as enriquecesse, deixariaõ de ser consideradas dos seus vizinhos.

Acabarei pois esta minha vizaõ, dizendo a V. S.^a que sem embargo de não ser já tempo de fallar nella, *pode vir algum (do que Deos nos Livre) em que não seja mal lembrada.*

E quanta pedra escondem precioza
As concavas entranhas do Profundo !
E quanta brota o ermo flor mimoza
Cuja fragrancia não desfruta o mundo !

DAYDEN.

Copia da Carta que o Ex^{mo}. General Silveira escreveu aos Negociantes Portuguezes rezidentes em Inglaterra, agradecendo-lhe a espada, que estes lhe offerecerão.

Ill^{mos}. Snr^{es}.

SE com expressoens podesse mostrar a V. S^{as}. quanto aprecio a obsequioza Carta de V. S^{as}. de 18 de Abril passado, offerecendo-me a magnifica espada, com que quizeraõ brindar-me, conheceriaõ V. S^{as}. quaes são os meos sentimentos de gratidaõ, e reconhecimento por taõ distincto obsequio. V. S^{as}. são Portuguezes animados do mesmo patriotismo daquelles, que tem quebrado as cadeias da escravidãõ: sei que de mim só exigem a renovação dos mais sagrados juramentos de *vencer*, ou *morrer*, defendendo os Direitos do nosso Legitimo, e Augusto Soberano; se he precizo eu os renove de que seja qual for o nosso destino, morrerei Portuguez, e Vassallo do Principe Regente Nosso Senhor; mas ja não podemos duvidar, deque o resultado da luta em que nos vemos empenhados, seja a nossa liberdade; pois renasceraõ os antigos Portuguezes, e são auxiliados pela grande Nação, pela immortal, e generosa Inglaterra.

Se no dia 16 de Junho de 1808 foi acclamado nesta Villa o Principe Regente nosso Senhor, e se desde essa epoca os Portuguezes de mais em mais tem mostrado a sua lealdade, valor, e patriotismo, devemos esperar, que chegue hum dia, que de huma vez segure a independencia de Portugal; e que nos torne a trazer o nosso Amado Soberano, e a nossa antiga felicidade: paraque este dia chegue exporei gostoza a minha vida. Queira o Ceo, que no campo da Gloria possa muitas vezes honrar a Espada, que V. S^{as}. se dignaõ offerecer-me, tanto, quanto ella hojé me honra, e desvanee. Ella me foi apresentada no dia 16 de Junho, quando nesta Villa se solemnizava o Anniversario da nossa feliz Restauração: parece mais do que hum acazo ser aquelle o dia em que a recebi.

Aceitem V. S^{as}. os mais sinceros votos do meu re-

conhecimento, e os protestos de ser com a maior estima, e veneração.

De V. S.^{ma} &c.

Francisco da Silveira Pinto da Fonseca.

Ainda que os Serviços do Ex.^{mo}. General Silveira são mui sabidos; com tudo he doce o recorda-los, além de ser, quanto a nos, hum rigoroso dever.

O Ex.^{mo} General Silveira se não foi o primeiro, (como estamos persuadidos, e mais de huma vez prezenciamos se offerecera para o mostrar a hum Ex.^{mo}. Ex-Governador do Reino) foi de certo hum dos primeiros que alçou a voz da independencia, e proclamou o Nome de hum Principe verdadeiramente adorado; e isto u'hum momento em que hum corpo de quatro mil Vandalos, aproximando-se ao paiz, que o vira nascer, hia occupar a segunda Cidade do Reino.

A voz deste benemerito General foi promptamente ouvida; sua coragem, e patriotismo; seu zelo incançavel, e seo Genio, supprindo, como por encanto, a falta de armas, e de munigoens, animando, e dirigindo os bravos paizanos, conseguiu bater, e afugentar vergonhozamente o mais scelerado, e o mais cruel dos Generaes, o infame Loison. Desta epoca, data verdadeiramente a restauração de Portugal e a inveja, a intriga, e — cança-se debalde por querer roubar ao Ex.^{mo}. General Silveira esta gloria.

A organização do exercito do Norte em 1808 foi em grande parte devida a este digno Patriota; e, se os seos Conselhos fossem ouvidos, aquelle exercito teria tido huma essencial parte na glorioza batalha do Vimeiro; e nesse cazo a celebre convenção de Cintra, tão fatal aos interesses de Portugal, quanto foi altamente reprovada pela brava Nação Ingleza, nossa fiel, e generosa Alliada, não teria talvez lugar.

A retomada da Praça de Chaves, em que o Ex.^{mo}. General Silveira mostrou tanta coragem, quanta humanidade para com os vencidos; a brilhante defeza da Ponte de Amarante; as gloriozas acçoens de Senabria, e Pinhel igualáraõ, se não excederaõ, os famosos feitos, que em tempos mais ditosos, executáraõ seos illustres Maiorés.

Taes, e tantos serviços reclamavaõ a estima, veneração, e reconhecimento de todos os verdadeiros Patriotas, em cujo numero se devem considerar todos os Negociantes Portuguezes rezidentes em Inglaterra, que taõ generosamente se prestáraõ em soccorrer as victimas da brutalidade Franceza: mas pede a justiça, que façamos particular, e honroza menção daquelles que, não sendo menos generosos naquelle soccorro, tiveraõ a louvavel, e felis lembrança de offerecerem huma bella, e rica espada do Ex^{mo} General Silveira pelos emminentes serviços que tem feito ao melhor dos Principes, e á Patria.

Nos sentimos entretanto não termos tempo de dar neste No. huma noticia mais ampla daquelle General, por occaziaõ de transcrevermos a sua carta, porque esta nos chegou a mão hoje mesmo (31 de Julho) pelas 7 horas datarde. Nos sentiriamos mui vivamente, que o procedimento irregular, que houve, e que fez com que alguns Negociantes muito, e muito dignos não tivessem parte naquella offerta, estando para isso promptos, obstasse taõbem aque não chegasse á nossa mão a sobredita carta: não o cremos.

* Temos ouvido criminar hum destes por não ter subscrevido com alguma somma para soccorro dos Portuguezes: mas acazo terminou-se já aquella subscripção?

AVERTENCIA.

Na primeira pagina do No. 1. se acha escrito Junho, devendo ser Julho; seguindo assim o costume de quasi todos os Jornalistas Inglezes.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

SEPTEMBRO de 1811.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA POLITICA.

CARTA II. SOBRE A FRANÇA E INGLATERRA.

PERMITTI-ME agora que vos transporte immediatamente a Pariz, meta que tem em vista todo o estrangeiro, que chega a França, e que todo o leitor da sua narrativa dezejaria tocar sem demora. Eu não me deterei a descrever as emoçoens, que são naturalmente excitadas, no espirito de huma pessoa da minha idade, e emprego, ao ver pela primeira vez esta grande capital. Recordando-vos que a minha attenção tem sido principalmente dirigida á litteratura Franceza desde a minha primeira educação litteraria; e sabendo com que transporte me entertive em tudo o que he connexo com as Instituiçoens, e maneiras de

VOL. I.

U u

França, concebereis facilmente, que as minhas esperanças fluctuavaõ, e a minha imaginação estava quasi oppressa. Hum Americano que entra em Pariz pela primeira vez pelo lado de Bourdeaux fica perplexo, e confondido por huma variedade de sensações oppostas: desgosta-se, e he surprehendido ao ver a estreiteza, e immundice das ruas por onde passa; pasma da multidão que as entulha, e que parece a cada momento exposta a huma enevitavel morte pelas carruagens que são tiradas com a ultima furia; e ainda mais penetrando nos melhores lugares da Metropole, se enche de admiração á vista da magnificencia, que o cerca.

Nas cidades dos nossos Estados Unidos, a igualdade comparativa de condição que pervalece em todas as classes, he de algum modo vizivel no seu exterior pessoal, e no prospecto dos seus edificios. Nos ali nada vemos que traga ao espirito a idea de extrema penuria, ou de superlativa grandeza: mas nas Capitães da Europa, e particularmente em Pariz, tendes diante de vos, sobre o mesmo quadro, a mais alta pompa, e a mais profunda queda da natureza humana—magnificencia imperial a par de esqualida miseria. Ha outra differença entre o nosso estado de sociedade, e o das grandes cidades da Europa, analogo ao que acabo de mencionar, que pelo contraste deve ferir todos os nossos Concidadãos; fallo de hum sem numero de devizas para fomentar o luxo, e promover accomodações, a que dá lugar a difficuldade de achar huma subsistencia, por mesquinha que seja; e a avidez, e humilhação com que aquella subsistencia he procurada.

Ainda que Pariz durante a minha primeira rezi-dencia ali, na epoca da guerra da Polonia, conteria pelo menos trezentos mil habitantes addicionaes, e se achava n'hum estado de impobrecimento, e langor, sem exemplo antes da revolução; com tudo apresentava hum aspecto grandemente diverso daquelle, que offerenciaõ as decabidas, e miseras cidades das provincias. Eu a vi depois, quando gozava da presença, e influxo fructificante da Corte, e de innumeraveis, e opulentos estrangeiros. A pompa, e prodigalidade da caza imperial; o esplendor das cazas

de pasto ; o tumulto dos negocios ; o estrepito dos divertimentos publicos ; os prazeres da Sciencia ; os encantos da literatura, e a actividade empregada nas artes mecanicas do luxo ;—tudo isto combinado bastava para riscar do espirito toda a lembrança, ou idea da miseria predominante nas provincias, e cegar o espectador sobre aquella mesma que superabundava na Capital ; e que a hum olho observador, e claro he a mais revoltante, por isso mesmo, que he mais frequentemente a origem, e a companheira dos vicios.

Eu não me surprehendo agora de ouvir a pessoas, que voltaõ da Metropole da França gabar a felicidade da Nação Franceza. Este ajuntamento de objectos seductores, e brilhantes captiva a imaginação, e agrilhoa o juizo, em quanto os attractivos do prazer, ou a applicação ás sciencias liberaes não dão lugar, ou tempo a indagar o estado geral dos costumes, e commodidades da vida, ou as operações do systema politico. Quando hum estrangeiro que rezidio por alguns mezes em Pariz, e se deixou assim deslumbrar, e illudir, atravessa depois as provincias, leva o espirito ainda cheio das illuzoens da Capital, e todos os objectos lhe parecem tintos das mesmas cores. Pariz medra, a certos respeito, pelas mesmas causas que empobrecem, e opprimem o resto do Imperio. A sua grandeza he verdadeiramente *devorante*, poisque he nutrida em grande parte pela riqueza das provincias, e nada lhes dá em troca, senão artigos de luxo, e doutrinas contagiozas de escravidão, e vicio. Estes somente são exportados em grande copia, e operaõ com a maior efficacia. Os poucos melhoramentos feitos nas provincias são executados á sua custa separadamente, entretanto que os embellecimentos da Metropole se fazem á custa do thezouro publico. Este prazer da vaidade nacional indemniza mui pouco as vexações exercidas pelo collecter dós taxas. Com tudo nem estrangeiro, ou natural, a ser hum pouco voluptuario, pode rezidir longo tempo na Capital sem enamorar-se das suas delicias, e exclamar com o Poeta Francez.

C'est à Paris que l'on vit, on vegete ailleurs.

Eu apressei-me a chegar ali para assistir ás festas

do dia natalicio do Imperador, e cheguei na vespera da festividade de S. Napoleaõ, que se acha solenemente metido no calendario. A minha expectação foi levada ao mais alto ponto pelo magnifico programma publicado no Monitor, em que as procissoens, jogos publicos, e ceremonias religiosas prescritas para aquella occaziaõ, eraõ pompoza, e miudamente detalhadas. A fadiga de huma longa jornada feita pela maior parte, por estradas pessimas, me deo hum saõ repouzo, e despertei na manha seguinte com a imaginação exaltada pelo prospecto do Monitor. Fui cedo, para os campos Eliseos a fim de contemplar os divertimentos publicos, que se haviaõ de celebrar em honra da festividade; mas julgai da minha surpresa, quando achei ali somente quatro vadios, e dois ou tres rapazes trepando a huma elevada colunna bem lubrificada com Terebentina, e pertendendo chegar ao tope para colher as insignificantes bugiarias, que deviaõ ser a recompensa da sua habilidade, se acazo vencessem as difficuldades, que a superficie escorregadia oppunha á sua subida. Dali procedi para a Ponte das Artes, esperando achar mais divertimento nas competencias dos remadores do Sena, que deviaõ formar parte dõs solemnidades publicas, e que occupavaõ algum espaço no Monitor. Aqui taobem fui tristemente enganado; por quanto nunca se deo mais grosseiro, e insignificante espectáculo daquelle genero; e quanto a mim especialmente me pareceo ridiculo depois de ter visto o do Tamisa, ao qual nada chega de animador, ou pitoresco.

Tal foi a solemnidade da manhã, á excepção somente da grande Missa [executada em *Notre Dame*, na qual os que officiaõ no Altar, e os mais funcionarios publicos presentes *ex officio*, faziaõ a maioridade dos espectadores. Os brincos, que eu vi depois em Inglaterra na feira de S. Bartholomeo, n'algumas das mais obscuras barracas, eraõ de igual dignidade, e entretinhaõ mais, que essas solemnidades dos Campos Elizeos, e do Sena, taõ pompozamente annunciadas como parte da commemoração da natividade imperial. O todo era huma estensa, e froixa caricatura, e só podia ser igualada pelas carreiras nacionaes, que depois

testemunhei no Campo de Marte, e deque me proponho dizer logo alguma coiza.

Eu fui com tudo grandemente compensado, á noite, do aborto das minhas primeiras esperanças. Noticiou-se ao publico no Monitor, que se daria hum concerto no Jardim *das Tuilleries*, o qual seria seguido de fogos artificiaes ao fechar do dia. Fui para ali em tempo competente, e fiquei deslumbrado, e absorto com hum espectáculo sem parallelo em magnificencia, e effeito. Vi quasi toda a superficie do Palacio cheia de luminarias—o Jardim *das Tuilleries*, e os Campos Elizeos taobem illuminados brilhantemente, e não menos de 200,000 pessoas espectadoras daquella scena. Huma orquestra de 200 muzicos estava erigida á frente do Palacio, que olha para os jardins; e antes de começar o concerto, o Imperador vestido com o manto imperial, e conduzindo á sua esquerda a, nesse tempo, Augusta Josephina, fez a sua apparencia n'hum varanda superior, e hia acompanhado por hum quantidade dos Grandes Dignitarios do Imperio. Estes com tudo, assim como Suas Magestades Imperiaes brilhavaõ somente, como muitas estrellas scintillantes pela altura em que se achavaõ. A muzica, como podeis conjecturar, posto que de natureza a mais estrepitosa, era apenas ouvida, no meio do tumulto, e bulha da multidaõ. Os esplendidos fogos artificiaes, que se seguiraõ, foraõ objecto da mais forte attracção; e porque succedeo estarem no fim do jardim sobre a Ponte da Concordia, arrancáraõ n'hum instante toda a chusma da contemplação do Monarca, e sua Corte. Ferio-me nesta occasiaõ hum circumstancia, que observei depois muitas vezes—isto he, a ousadia, e bom successo com que as mulheres Parizien-ses rompem pela multidaõ de qualquer character, ou compacidade que seja.

Eu pensei, ser esta hum bella occasiaõ para julgar da dispozição da populaça a respeito do seu Governo. Pareceo-me, que se houvesse na multidaõ hum sentelha de lealdade, ou enthusiasmo em favor do seu Imperador, ella se manifestaria em taes circumstancias pela sua presença. A magestade da scena era apta para inflamar qualquer imaginação. A dar credito ás representações das gazetas de Pariz a este respeito

deveria concluir, que as unidas vozes dos habitantes da *Boa Cidade de Pariz*, fereriaõ os Ceos nesta conjunctura — Com tudo eu fui luctuoosamente frustrado na minha expectaçãõ. Por quanto ouvi mui poucas acclamaçoens, e essas manifestamente das boccas alugadas pela Policia para aquelle fim. Li não obstante no Monitor do dia seguinte que o ar tinha retinido com os clamores de *viva o Imperador*.

Tal foi o resultado uniforme das minhas observaçoens a este respeito durante a minha residencia em Pariz. Nos ajuntamentos que tem lugar frequentemente nos jardins publicos, nos theatros, onde as grandes victorias ganhadas no Norte da Europa eraõ pompozamente annunciadas no meio dos excitamentos artificiaes da mais estimulante efficacia—nunca testemunhei indicios de entusiasmo geral, nem ouvi huma só acclamação universal, mas só aquella que notoriamente sahia dos estipendiarios da Policia. Debaixo da acção do susto excitado pelo Militar não podia haver marcada expressãõ de desgosto, mas havia no todo da populaçaõ hum aspecto de sombria indifferença; e nas classes medias, e mais virtuozas, demonstraçoens de dor, e de aversãõ, mas hum tanto disfarçadas, de que o Regente militar podia tirar hum triste agoiro, se olhasse para a possibilidade de deastres no campo. Eu sou informado por pessoas de credito, deque os mesmos symptomas continuaõ a manifestar-se, mesmo depois do ultimo casamento do Imperador—que não obstante a ostentação de *addresses*, e *Epithalamios*, a majoridade dos habitantes de Pariz mostra huma decidida apathia, e a massa da Nação hum progressivo rancor pelo individuo.

Naõ ha certamente estudo, que offereça hum quadro mais curiozo e a muitos respeitos mais revoltante, da natureza humana, que o estudo do caracter geral dos habitantes de Pariz. Vos podeis applicar-lhes em toda a estensaõ o que Livio disse dos Syrios, e Gregos Asiaticos

Levissima hominum genera, et servituti nata.

Raça de Gente voluvel nascida para a servidaõ.

Mas esta aptitude para a escravidão se desenvolve debaixo de differentes formas nas differentes classes da sociedade. As ordens mais elevadas, os Sabios, e Literatos se prostraõ ante a Purpura Imperial, e não poem limites á grosseria, e extravagancia da sua adulaçãõ. Muitos delles ficaõ, como embriagados pelo mesmo incenso, que offercem, á sua terrivel divindade—Os vapores sem produzir o mais leve effeito sobre o idolo, lhes sobem ao Cerebro, e ajudados pela influencia de huma imaginaçãõ ductil, lhes fazem crer aquellas monstruozas hyperboles de louvor, que são ao principio suggeridas somente pela officiozidade do medo, e pelo excesso obsequiozo da servidaõ. A final elles se parecem com o traductor Inglez de Ariosto Fairfax, de quem se conta, que a continua leitura do seu original lhe esquentou de tal sorte a fantazia, que produzio no seu espirito huma fé implicita na realidade de todas as aventuras sobre-naturaes de Orlando Furiozo:

Poeta entusiasta! cuja mente
Aos cantados assombros fé prestava.

A populaçaõ he mui diversamente affectada. A sua natureza requer huma *virga ferrea*; mas ella obedece com sombria reluctancia; e está bem longe de ser facilmente enganada pelas fraudes politicas, ou elaboradas falsidades do seu Governo. No tempo em que eu estava em Pariz sabia-se, que quando as Regateiras do Halle se descompunhaõ, huma das injurias que reciprocamente diziaõ era, *tu estao mentiroza como os bulletins do Imperador*. Fes-me particular impressãõ a incredulidade, que se mostrava em todas as classes inferiores a respeito das noticias officiaes das victorias dos seos exercitos. A canalha he abjecta debaixo do enfreamento do Militar, e da Policia; ella falla huma linguaagem filha dos impulsos do sentimento; e he tão incapaz de lizonja espontanea, ou activa, como de espontanea resistencia ao oppressãõ. Ella requer hoje chefes taes, como os que se apresentáraõ no curso da revoluçãõ; ou os mesmos excitamentos externos, para ser posta em acçaõ, e caminhar á huma semelhante catastrophe de horrores, e de absurdos; —para revolver-se no mesmo circulo, e tocar per-

cizamente o mesmo ponto. Os habitantes dos arabaldes são justamente agora o que eraõ no periodo da demolição da bastilha.

Populaça miserrima, e fervente
 Amiga do prazer ; levada a horrores
 Levada a proscripçoens, segundo as ordens
 Da maõ que a alimentar : cega, inconstante,
 Desertora na urgencia dos amigos,
 Dos inimigos confiada preza :
 Turbulenta, feroz, sedicioza
 Se hum Chefe a instiga ; mas sem elle escrava,
 Lambendo o mesmo açoitoe que a flagella !

Ha estranhas anomalias no caracter das classes infimas de Pariz. Posto que finalmente provocadas, ou seduzidas a rebellioens, e capazes dos excessos mais sanguinarios nos seos paraxismos de revolta, são comtudo no meio da tranquillidade mais brandas, pacificas, e cortezes, doque outra populaça qualquer do mundo. Tendo presentes no meu espirito as atrocidades sem exemplo commettidas durante o revolução, eu observei, naõ com pequena surpresa, a polidez, as obrigantes maneiras, e genio sociavel, que se observavaõ mesmo entre a canalha. Ha huma certa simplicidade no seu vestir, huma doçura na sua conversação, e huma sobriedade no seu paladar sensivelmente distinctas das maneiras asperas e intrataveis, e dos habitos intemperados das mesmas classes em Londres. Com tudo as ultimas nas suas disputas domesticas e nos seos tumultos sediciozos são modellos de doçura, e humanidade em comparação das primeiras, em circumstancias iguaes. A prodiga effuzaõ de sangue humano, e as abominaçoens de huma crueldade refinada a respeito de victimas humanas, são desconhecidas na historia das commoçoens populares da Inglaterra. A indocilidade, a rudeza, e mesmo a brutalidade da canalha Ingleza, são contrabalançadas por huma aversão natural a sangue, por hum sentimento rapido de injustiça, por huma certa estima propria, e por huma generosidade varonil, qualidades, que faltaõ inteiramente na populaça Franceza. Nenhum demagogo pode espárar em Inglaterra adquirir poder por huma *quilhotina ambulante*, pelo uzo da me-

tralha no massacre dos grupos de victimas indefezas; ou *pelos cazamentos nacionaes* como facetamente se chamavaõ as *Noyades do Loire*.

No acontecimento de huma insurreiçãõ em Pariz a populaçaõ não precisaria de Chefes de hum caracter taõ plenamente desesperado, como aquelles, que a commandaraõ nos primeiros paroxismos da revoluçãõ. A Metropole he o *rendez-vous* dos viciozos, dos scelerados, e dos vadios de toda a parte do Imperio. He huma especie de cloaca commum em que regularmente se despeja metade da putrefacçãõ moral da França. A quantidade de jogadores inveterados, de ratoneiros, de homens sem occupaçaõ regular, e de pessoas de fortunas arruinadas, he quasi incrível, quando se compara com a massa total da populaçaõ.—Elles inundaõ as cazas de café, as tabernas, os passeios publicos, e os theatros; e em todos os tempos estaõ promptos para qualquer mudança politica, ou quaesquer excessos sanguinosos. Elles estaõ plenamente preparados para ser, ou os instrumentos crueis, ou os furiozos inimigos do despotismo actual. Acostumado no nosso paiz ao espectaculo da universal, e prazenteira industria, eu fui affectado de huma maneira, que não posso bem descrever, durante as primeiras semanas da minha rezidencia na Metropole Franceza, pelo aspeito deforme, e miseravel da multidãõ de indigentes desgraçados reduzidos á desesperaçãõ, que encontrava por toda a parte nos meos passeios. Eu creio ser impossivel a hum Americano sahido há pouco, do seio da nossa nativa moralidade, passar pelo *Palais Royal* depois de formar alguma idea da quelle foco de vicio, e de miseria, sem experimentar emoçoens fortes de desgosto e horror. He muito usual ver innumeraveis individuos de huma apparencia decente debroçados sobre os lados das pontes, e contemplar por horas successivas a corrente do Sena.

A infatigavel vigilancia, e rigor inflexivel de Policia, saõ de facto necessarios para a conservaçaõ da tranquillidade publica, por quanto dizem respeito a individuos, cujo caracter descrevo. Para salvar toda a sociedade de ser victima da mais feroz, e mortifera anarquia, he preciso agrilhoa-los em ca-

deas adamantinas. He indispensavel á politica do presente Governo não só exercer o mais rigoroso systema de coerção a este respeito, mas providenciar para elles, e para a populaça em geral huma variedade inexaurivel de publicos divertimentos.* Para os amoldar ao agoite do despotismo, ou ás oppressoens do Governo, todas as classes devem ter os seos sentidos, e imaginação constantemente entertidos. Aquelles sobre tudo, em quem o systema militar grava domesticos pesares de huma natureza a mais afflictiva, requerem imperiozamente a distracção dos espectaculos, e operas. Ao contemplar huma consideravel porção dos habitantes de Pariz, me lembrava incessantemente da passagem de Thompson em que elle se dirige á oppressão,

Olha a mesquinha raça em desalento
De occupaçaõ vazia, e de esperança,
Da suave esperança doce raio
Dimanado da luz do Gozo Eterno,
Que a vida anima, e seu poder exalta
Com rizonho prospecto—Olha em delirio
O tropel, que amarguras despiedoza,
Ao balsamo correr da melodia,
Seos males sepultar em grato olvido
E no Amor, e na Muzica engolfar-se.

As continuas scenas de assassinio, e morte, que por tantos annos presenciaraõ os habitantes de Pariz, os tornáraõ de algum modo insensives ao espectaculo da extincta, ou expirante humanidade, a cuja vista neste paiz nós recuamos com aversão, e dezalento. Há na parte mais populoza da Metropole Franceza hum estabelecimento chamado *la Morgue**

* A attençaõ que se dá a este objecto se mostra pelo seguinte Decreto recentemente publicado em Pariz.

Considerando que a maior parte da populaçaõ de Pariz tem só o Domingo para o regozijo de espectaculos theatraes; e que as horas em que elles agora começaõ e acabaõ se interpoem nas occupaçoens, que os habitantes tem que preencher na segunda feira; se decreta, conforme a conta do Ministro da Policia para este effeito, que do 1. de Outubro de 1810 as representaçõens em todos os pequenos theatros deveraõ começar no Domingo ás cinco e meia da tarde precisamente.

* He huma especie de *Depozito* onde se expoem á vista do publico todas as pessoas que se achãõ mortas em qualquer parte que seja, e não os afogados somente, como diz o Autor.

destinado para a recepção, e expozição dos corpos afogados no Sena, e apanhados em redes, que se poem nas differentes partes do Rio para aquelle fim. O objecto desta expozição he para que os mortos possaõ ser reconhecidos pelos amigos, ou parentes, e recebaõ por conseguinte as honras da sepultura. A *Morgue* esta aberta em todas as horas do dia aos passageiros de qualquer qualidade, e muitas vezes apresenta a hum mesmo tempo cinco ou seis horriveis cadaveres estendidos sem cobertura sobre huma plataforma inclinada, e sujeitos á promiscua observaçoõ da canalha. Este spectaculo he visto com alegria, e insensibilidade quasi incrível a outro, que não fosse testemunha ocular deste facto. Nas miúhas digressões pela vizinhança da quella especie de *carneiro* eu vi frequentemente mulheres de apparencia mui decente entrar, e sair com semblante alegre, e prazenteiro. Coube-me em sorte prezenciar huma vez huma execuçoõ publica em quanto estava em Pariz, e foi a de hum parricida, que foi guilhotinado. Observei nesta occaziaõ huma semelhante indifferença da parte da multidão. Havia poucos expectadores, e os obreiros da vizinhança apenas se dignavaõ voltar os olhos para aquella scena.

Os massacres perpetrados em Paris durante a revoluçoõ não foraõ a cauza unica que produzio esta calloza, e feroz dispoziçoõ relativamente aos communs desastres da humanidade. A continuaçãõ de guerras sanguinolentas em que a França tem estado involta sem interrupção pelos ultimos dezoito annos, tendeo naturalmente a indurecer o character da massa total da sua populaçoõ, e a embotar as doces sympathias da humanidade. Hum historiador judicioso da antiguidade Thucydedes attribue este effeito a hostilidades estrangeiras, bem como a commoçoens intestinas; e illustra a sua doutrina com as mudanças, que elle refere terem sido feitas no espirito, e maneiras dos Athenienses pela prolongada guerra do Peloponezo: n'huma estaçoõ de paz, e abundancia, dis este profundo observador, as classes, assim como os individuos tem as suas paixões mais bem ordenadas; estendem a influencia da vida e culturaõ melhor os seus doces attractivos. Mas a

* guerra que lhes arranca a subsistencia diaria he a mestra da violencia, e assemelha as paixoes dos homens á sua condiçã actual.

Se jamais houve Nação exposta a esta maligna influencia he a França, que por tantos annos se tem familiarizado com a carnagem, tanto dentro, como fora: que respira só guerra, e conquista, cuja população total de homens, he totalmente empregada no campo, e entre quem os militares são a ordem privilegiada, e os senhores universaes. Possa a França bem depressa verificar a maxima do Poeta.—

Victima de si mesmo cahir deve
 Povo conquistador, quando ferozes
 Pelo sangue, e rapina os seus soldados,
 Bem que triunfantes, para o roubo, e saque
 Não tiverem mais terra, do que a sua.

Mas passemos para objecto hum pouco menos grave. O vislumbre que obtive da Corte Imperial no jardim dos *Tuileries* não foi, como vos podeis imaginar, sufficiente para contentar a minha curiosidade neste artigo. O primeiro desejo de hum estrangeiro em Pariz he ver o individuo, cujo nome está em todas as bocas, e cuja imagem parece de continuo presente a toda a imaginação. Eu busquei com grande avidéz occasião de ver as feições de Bonaparte á minha vontade, e bem depressa fui plenamente satisfeito sobre este ponto. Hum dos meus amigos me procurou hum bilhete de admissão, ou para melhor dizer, hum convite formal, para o theatro privado imperial do Palacio de S. Cloud, que era então a residencia da Corte. Os melhores actores, e cantarinos da capital representavaõ neste theatro duas vezes por semana para recreio de Suas Magestades Imperiaes, que escolhiaõ ellas mesmas as peças para a representação; e raras vezes deixavaõ de assistir, cheguei a S. Cloud muito a tempo, e procurei assentar-me na terceira ordem de camarotes destinada para os espectadores, que não tinham sido apresentados á Corte. A platea estava atropelada de Generaes cobertos de bordaduras de oiro, e dos grandes Dignitarios do Imperio, vestidos com o seu mais rico uniforme. As Senhoras da Corte, os

Embaixadores estrangeiros, &c. occupavaõ a primeira, e segunda ordem. Eu me achei collocado immediatamente fronteiro á cadeira em que o Imperador se assentava; e como o theatro he mui pequeno, assas perto para examina-lo miudamente. Antes, e durante a representação fomos servidos com gelados, e bebidas frescas pelos creados imperiaes. A magnificencia dos vestidos que trajavaõ os Officiaes da Corte; e a profuzaõ de diamantes (naõ posso dizer de bellezas) que as senhoras apresentavaõ, offereciaõ ao mesmo tempo hum rico spectaculo aos olhos.

A Imperatriz Josephina, Jeronimo Bonaparte, e a Princeza Murat fizeraõ a sua appariçaõ perto das oito horas. Todos os expectadores se levantáraõ á entrada de cada hum dos Membros da Familia Imperial. Seguio-se logo depois o Imperador, que voltava da revista de hum corpo de tropas entaõ postadas na aldea de Meudon. Elle entrou repentinamente acompanhado de tres Camaristas, Officiaes Generaes, que ficaraõ em pé atraz da sua cadeira, durante toda a representação. Elle tinha no camarote vizinho, á sua direita, a Princeza Murat, e Jeronimo Bonaparte. A Imperatriz estava n'hum camarote immediato do outro lado do theatro com as suas principaes damas de honra, sentadas ao seu lado, e dois officiaes de espera a tras de sua Cadeira. A entrada do Imperador foi o signal para se erguer o panno. Eu attendi mui pouco á representação, posto que excellente. O meu espirito estava todo absorvido na contemplaçã da personagem extraordinaria cuja vida tem sido hum complexo de taõ pasmozas aventuras, e de crimes taõ atrozes.

A primeira coiza que fez, foi examinar mui attentamente toda a assemblea com hum oculo que recebeo da maõ de hum dos Generaes que estavaõ por detraz: voltou-lho sem olhar para elle, e recebeo a sua caixa de outro, de cujo contento fez hum uzo taõ liberal, como o Grande Frederico poderia ter feito no mesmo espaço de tempo. Tornou a dar a caixa do mesmo modo que dera o oculo sobre o hombro, e sem voltar a cara. Elle se mostrou attento á primeira parte da representaçã, que era

hum pequena comedia de Picard; e de quando em quando *mutava* em sinal de approvaçãõ para a Princeza Murat, á medida que o actor, e author pareciaõ dezempenhar. Durante a segunda peçã, que era hum opera seria, elle pareceo como absorto em seos pensamentos, e se retirou, finda ella, taõ rapidamente como entrãra.

A pessoa de Bonaparte tem sido muitas vezes descripta, para que eu entre em particularidades a este respeito. Elle estava gordo naquelle periodo, e está, agora, segundo me informaõ, ainda mais robusto. Nesta occaziaõ trazia hum uniforme simples, e com as insignias imperiaes, e a cruz da Legiaõ de Honra. Tinha o cabello cortado rente, e sem poz. Eu vi-o depois em varios lugares, e recebi sempre as mesmas impressoens do seu gesto: elle he significativo; mas de nenhuma sorte indica o verdadeiro character da sua alma. Seu olhar he grave, e sombrio, e nimamente penetrante, e não tem aquella fereza bravia, e aquelle fogo, que se espera.

Seos membros saõ proporcionados, e notavelmente fortes, e musculares. A sua actividade pessoal he infatigavel, e a sua coragem inquestionavel. Eu vi-o algumas vezes a cavallo quasi em pleno galope: não faz grande figura nesta poziçãõ; mas universalmente se admittẽ ser hum dos mais aventureosos assim como destros cavalleiros dos seos dominios.

Naõ ha homem segundo exactas informaçoens que tenho, que soffra mais a fadiga, e que busque mais affronta-la em todos os cazos. Quanto a dieta elle não he de modo algum abstinente; mas taobem de nenhuma sorte epicurista. Elle come vorazmente, e com grande celeridade do que se lhe poem diante; bebe profuzamente café a todas as horas do dia; e toma immensa quantidade de tabaco. Eu ouvi antes de chegar a Pariz que elle raras vezes apparecia em publico, e não sem multiplicadas precauçoens para a sua segurança individual; mas isto he certamente falso. Elle se mostra sem apparencia de receio e em situaçoens em que a sua vida podia de hum golpe ser assaltada por milhares de maons: qualquer expectador das representaçõens theatraes de que tenho

fallado, poderia assassina-lo sem difficuldade. Eu vi-o n'hum carruagem aberta no meio de huma multidão de cincoenta mil pessoas no parque de S. Cloud*.

* Este excellente viajante foi perfeitamente enganado a este respeito: ou se as informações, que obteve, eraõ naquelle tempo, exactas, hoje podemos assegurar, que tudo está mudado, como os nossos leitores conhecerão pela seguinte ordem do Ministro da Policia no dia em que a Cidade de Pariz (isto he, os Parazitas, e assaliariados do Governo) deo huma festa a Bonaparte por occasião do nascimento do moço Rey de Roma.

Ordem Secreta de S. Excellencia o Duque de Rovigo aos quatro Inspectores Geraes da Policia do Imperio.

“ Tendo o Imperador de ir assistir depois de á manha á festa que lhe dá a sua boa Cidade de Paris, vos sois encarregado, mais particularmente do que nunca da pessoa de Sua Magestade, durante a sua passagem pelas ruas, e em quanto se demorar nas salas do *Hotel de Ville*.

Logo que receberdes esta ordem, fazeis explorar todos os lugares por onde o acompanhamento deve passar. Certificar-vos-heis de que nas cazas que estão ao longo dos cães não ha movimento algum extraordinario, que não possaes explicar, nem idas, e vindas alem daquellas, que tem commumente lugar. Poreis, se vos for possível, em cada huma daquellas cazas, que tem balcoens, ou janellas no primeiro andar com buracos mui baixos, hum dos vossos agentes inspectores estacionarios, que examinará os gestos, perscrutará as vistas daquelles espectadores, que mostrarem mais empenho para ver o Imperador. Se os ditos agentes inspectores virem algumas pessoas suspeitas ou em torno de si, ou debaixo das janellas das cazas em que estiverem collocados, advertirão immediatamente os outros agentes espalhados por toda a passagem do Imperador, fazendo fluctuar hum lenço branco de cercadura preta, que he o signal de *perigo*. Não observando coiza alguma, contentar-se haõ com dezembrulhar de tempos em tempos o lenço branco, signal de *segurança*.

Logo que hum dos agentes ambulantes vir o signal de *perigo* correrá ao lugar donde aquelle signal partio; e depois de ter interpretado os signaes do agente estacionario, levantará seo chapeo ao ar, o que he signal de *socorro*. Devera exercer-se a mais exacta, e a mais activa vigilancia muito principalmente em torno da carroagem do Imperador: cada agente de *cortejo* posto de espaço em espaço por onde o Imperador hade passar, se reunirá aos outros á proporção que a carroagem for passando; e, não perdendo jamais de vista o objecto da sua continua attenção, deve animar com gesto, e voz os espectadores indifferentes, ou distrahidos, e gritar com quanta força poder—*Viva o Imperador*. Se elle observar em alguns individuos obstinação em guardar silencio, deve immediatamente fazer o signal de exame dirigindo seo braço esquerdo para o individuo que se deve explorar, pondo seu chapeo sobre o peito, o que, para os agentes, será huma ordem de o cercar, e de o não perder de vista, sem que tenhaõ conhecido o estado, habitação, e opiniões da dita pessoa. Depois de ter passado o cortejo, os agentes estacionarios nas cazas, os agentes ambulantes obrigarão a fallar, quanto lhe for possível, as pessoas com que se acharem. Entrete-las-haõ sobre o bom aspecto do Imperador, bom ar de sua saude, esperança de que viverá longo tempo; fallarão das desgraças, que affligirão a França se o per-

desse, do futuro venturozo, e tranquillo que o nascimento do Rei de Roma promette aos Francezes, &c. &c. &c. Depois da cerimonia, e depois que seos serviços não forem ja necessarios, todos os agentes darão sua conta sobre tudo o que tiverem observado, tendo o cuidado de pôr em cada huma das relaçoens, que contiver algum esclarecimento de huma natureza assustadora, huma cruz alongada, que he o signal de descoberta.

Serviço interior no Hotel de Ville.

Os agentes de cortejo terãõ cuidado de cercar a carroagem a pequena distancia, quando S. M. se apear, e depois juntamente com os guardas, seguraraõ exactamente a rectaguarda do Imperador, quando elle passar da carruagem para a escada do Hotel de Ville. Os agentes inspectores do interior nunca perderãõ de vista a pessoa do Imperador desde que elle entrar nas salas; terãõ cuidado de pôr as Damas da Corte, as mulheres dos Militares, dos Maires, e dos Prefeitos em frente da linha, que o Imperador deve correr. Elles se conservaraõ sempre em pozição tal, que possaõ ser vistos pelo Imperador, quando elle vizitar os quartos; e quando nada observarem que deva assustar, terãõ o cuidado de pôr sua mao direita sobre o coração, o que he signal de affeição.

(Assignado)

Duque de Rovigo.

As Influencias da Sensibilidade; Poema. Em tres partes. 8vo. Mawman, Londres. 1810.

A sensibilidade he aquella propriedade inherente á nossa natureza, por meio da qual somos capazes de prazer moral, ou dor, segundo a diversa impressao dos objectos externos. Abaze da sensibilidade he a sensaçaõ.

A existencia da vida naõ envolve absolutamente a existencia da sensibilidade, e contudo a vida, privada deste ingrediente, perde tanto do seu character ordinario, que n'hum sentido mais vulgar, deixa de ser vida; e tudo aquillo que está morto para a impressao dos objectos externos, está morto, n'humã lingoagem ordinaria, para intençoens ou designios quaes-quer. Donde se collige, que tudo quanto he vivo, possui maior ou menor grao de sensibilidade, ou pelo menos de sensaçaõ, sua base.

Mas, como a sensibilidade he humã supraestrutura erguida sobre a sensaçaõ, ha igualmente humã infra-base de sensaçaõ. A sensaçaõ envolve humã aptitude para receber dor ou prazer das impressoens dos objectos externos; mas ha humã susceptibilidade organica para as impressoens de objectos externos, que naõ he acompanhada, como rasoavelmente supponmos, por sentimento algum de prazer, ou dor. A' qualidade, que nos descobrimos nos musculos dos animaes mortos, por meio da pilha Galvanica, e que se patentea naturalmente em certos vegetaes, se dá o nome de irritabilidade; e ha mesmo hum grao menor de susceptibilidade, pela qual designamos a qualidade dos corpos inorganicos, que cedem á pressaõ exterior, e que distinguimos pelo nome de *moleza*. Mas nem *moleza* nem irritabilidade requerem, para se preencherem seos fins, a coexistencia de espirito, ou de sensorio commum; entretanto que a sençaõ, para que seja de algum uso no corpo, em que ella se dá, carece de hum espirito; e a sensibilidade toma hum lugar ainda

mais elevado, e para não ser nugatorio, requer alguma couza mais. Na lingoagem dos poetas, pelo menos, requer hum coração.

Nos corpos inorganicos, ha *molleza*; nos vegetaes e musculos dos animaes mortos, *irritabilidade*, na mais baixa classe de animaes, *sensação*, nas mais altas classes, *sensibilidade*. As classes inferiores, segundo parece, tem sensação sem sensibilidade.—Quando o poeta nos ensina a ter compaixão pelas inferiores, elle insiste somente na semelhança de sensação.

O pobre escaravelho, que pizamos
Na *corporea affecção* soffre igualmente
Como o Gigante que na dor expira.

Subindo a escala, todavia, não andamos muito sem encontrar, mesmo nos brutos, as primeiras gradaçoens da sensibilidade. A sensação he puramente individual; a sensibilidade he *sympathica*. Nas classes (fallando zoologicamente) de insectos, peixes, e geralmente de reptis, nos vemos a sensação manifestar-se por si mesma; mas nas aves e em todas as classes de *mamaes*, ou sobre a terra, ou no oceano—em todos os animaes, cujas femeas lacteaõ ou criaõ seos filhos—he impossivel não admittir sensibilidade. Elles a mostraõ na creação, e cuidado que tem dos seos filhos; e entre muitos se observa ainda mais que isso. Todas as vezes pois que vir-mos animaes soffrendo em consequencia do soffrimento dos seos semelhantes—todas as vezes que vir-mos *sympathia*, devemos admittir sensibilidade. Ora, ha diversas especies de animaes, que *sympathisaõ*, não somente com seos semelhantes, mas com outros de specie differente, e até mesmo com o homem.

Não he o nosso objecto indagar os mais baixos graos dessa qualificação, que se chama sensibilidade, e quaes sejam as classes de seres animados ou inanimados, em que ella se acha separada ou conjunctivamente, mas subir desde a mera sensação até chegar a sensibilidade perfeita, não perdendo nunca de vista o principal objecto, a creatura humana, a fim de fixar-mos mais precisamente os graos da sensibilidade, comparando estes graos com os da sensação. A sensibilidade, como sensação, pode ser mais ou menos viva; isto he, mais ou menos perfeita.

Mas a sensibilidade he somente huma sensaçãõ mais sublime, e mais excellente. Ella se approxima muito de hum character ethereo, so porque he capaz de ser excitada pelos mais brandos e subtis agentes. Ja dissemos, que na lingoagem dos poetas pelo menos, a sensibilidade, para a sua existencia, carece da existencia de hum coraçãõ; e isto não he mais poetica que physiologicamente verdadeiro. Se nos inquirimos a sede da sensaçãõ, nos a achamos nos nervos, e no cerebro; se a da sensibilidade, nos vasos sanguineos, e no coraçãõ: daqui o rubor do pejo, o suspiro, e o pranto; daqui a justeza da expressãõ de hum certo escriptor de sensibilidade, que fallando de *sensaçãõ*, disse, que o homem mais digno he aquelle, cujo sangue he refrigerado pela recitativa de huma boa acçãõ. Que admiravel, entretanto, he a connexãõ da sensibilidade com a sensaçãõ! A sensibilidade tem o seu assento no coraçãõ, e dali pervade os vasos sanguineos; mas como podem os objectos externos, como podem objectos puramente intellectuaes, puramente ideaes, e imaginarios, operar sobre a substancia do coraçãõ? Como? Senãõ contrahindo ou relaxando os nervos, aquelles nervos que contrahem ou dilataõ o coraçãõ!

Mas o immediato resultado da sensibilidade he huma aptidaõ para o prazer, e dor, prazer e dor, que procedem de outras cauzaas mais que as que affectaõ a conservaçaõ da vida, ou que se referem somente a nós mesmos. A vida he completa sem sensibilidade, mas não sem sensaçãõ. O que nós derivamos da sensibilidade, he portanto, alguma couza addicionada á vida, ou he a mesma vida em huma mais extensa capacidade. Ella he huma augmentada capacidade ja para a dor, ja para o prazer.

Contudo existe ainda huma questãõ interessante, de que maneira huma extensa ou augmentada susceptibilidade de prazer ou dor, pode ser cauza de *sympathia*, que he a caracteristica essencial da sensibilidade. Não he a estensaõ ou augmento da nossa susceptibilidade, simplesmente considerada, que nos conduz a *sympathia*; porquanto a sensaçãõ, levada mesmo ao infinito, nunca tocaria aquelle ponto. Mas huma estructura particular na sede da sensibilidade,

desta nova, e acrescentada sensação, he justamente o que produz a *sympathia*. Os nervos, que são a séde do prazer e dor, tanto ideaes como verdadeiros, tendo o poder de contrahir ou dilatar o coração, e todos os vasos sanguineos, e produzir desse modo o actual prazer ou dor dentro dos nossos corpos, nos habilitaõ a *sentir as ideas* de prazer ou dor. Daqui a nossa percepção das penas ou alegrias alheas.

Mas a *sympathia* não he o unico resultado da sensibilidade; as outras affecções de espirito, que ella produz, podem talvez ser comprehendidas debaixo dos nomes de complacencia, e amor. Estas não se podem chamar *sympathias*; isto he, não são participações de sentimento do objecto, que agrada, ou se ama; mas sentimentos que começam e terminaõ em nos mesmos. Semelhantes, contudo a *sympathia*, são sensações produzidas por ideas, e procedem como ella, e como a sensibilidade em geral, da acção dos nervos sobre o systema do coração.

Nestas succintas observaçoens sobre a natureza da sensibilidade, nos temos sido introduzidos pelo poema, que temos diante de nós, em que o author declara abertamente o tractar das "influencias" daquella qualidade. O fim, ou a cauza final de sensibilidade he a ventura; mas as "influencias," em razão da nossa fraqueza, ou infirmitade, nem sempre produzem aquelle fim: que so produzissem prazer, não he de certo a mente do seu benigno distribuidor; por quanto nos somos pela dor avizados da presença do mal; e pelo prazer incitados ao bem, mas pelo prazer, e pela dor conduzidos á felecidade;—mas não he sempre a felecidade o resultado. Pelas Influencias da Sensibilidade, nos cahimos não poucas vezes em loucura; não poucas vezes nos maiores crimes. Estes dezastres são estrictamente incluídos no catalogo das 'Influencias,' mas taes influencias resultaõ somente do abuso da sensibilidade. A sensibilidade, portanto, tem precizaõ de governo, e o governo a que ella deve sugerir-se, he o da razão. Sem este, não pode obter-se o seu proprio fim, pois que a sensibilidade, por si, he hum sopro, que nos pode submergir nas ondas, mas a razão o leme, pelo qual podemos ser guiados ao porto. Donde se ve, que a Economia

da Sensibilidade he objecto assaz extenso para os talentos e saber do melhor poeta, em vantagem da philosophia, e da moral; objecto que pode ser enrequecido dos mais bellos ornamentos da poesia. O author do poema, que examinamos, contentou-se com huma vista mais limitada do objecto, distribuindo, em versos onde por toda a parte se descobrem os melhores, e mais amaveis sentimentos, o merecido elogio daquellas influencias, que são favoraveis á felicidade; isto he, ao prazer da virtude.

A obra começa por huma reflexão propria a inspirar a devida attenção ao valor da sensibilidade, suggerindo a sua influencia em promover hum estado de tranquillidade por todo o mundo. Esta influencia procede da capacidade que ella tem de tirar prazer de todas as fontes, em todas as condiçoens da existencia. He por isso, o fundamento da satisfação individual, e da paz publica. A sensibilidade he tambem o contra pezo da ambição. Todos os homens, segundo o nosso poeta, viveriao n'huma perpetua lucta pela acquisição do poder, e riqueza, se pela influencia da sensibilidade, não fossem *todas as couzas* capazes de nos dar prazer, se todos os homens não estivessem, até certo ponto, satisfeitos.

Longe do applauso vão de hum vam gloria

Na bella cauza da virtude absorta

Se exalta a mente; quando a natureza

De seos thesouros lhe franquea os mimos,

Scenas lhe traça, habitação das muzas;

Ou das altas sciencias a carreira

Nobre lhe aponta, e resplendor das artes,

Quando intregue a rizonhas esperanças,

Que prazeres domesticos produzem,

Se engolpha o coração: qualquer destino

Prosequimos contentes, e á vontade

Do Ceo benigno em paz obedecemos.

Nos concordamos inteiramente com esta doutrina; e pensamos que ella vem illustrada n'huma passagem contida nas Memorias do Principe Eugenio, escriptas por elle mesmo, em que se lê o seguinte. "Hum rei moço e ambicioso, á frente daquella nação, dis o principe (fallando da França, e dirigindo-se ao Imperador Joze) conquitaria o mundo: felizmente,

quando Luiz XIV. era moço, recolhia-se rapidamente, para dançar o *aimable vainqueur* em Versalhes, e ouvir huma opera do seo amavel panagerista, Quinault. Isto posto, a sensibilidade Luiz XIV. pelo prazer da dança, pelo titulo de *amavel vencedor*; pela muzica, e cançoens de hum panagerista, foi o moderador da sua ambição, e a cauza de elle não conquistar toda a terra." Em apoio desta asserção podemos trazer o exemplo do actual tyrano da França, cuja insensibilidade conhecida explica bem o dezenfreamento da sua ambição e enormidade dos seus crimes. Por outro lado, a sensibilidade, que o author pinta sempre com agradaveis cores, e como elle a define, não deve confundir-se com aquella terrivel disposição, que parece nutrir-se do mal, e contentar se com elle, com aquella sede de ambição, a que he pouco o mundo; mas quando se queira assignar como origem desta a sensibilidade; he preciso recordar-mos o que o poeta ja mencionou, fallando de seu abuzo. Não nega o author que a sensibilidade, assim como as outras faculdades, seja susceptivel de alterar-se; e naquelle estado devem por força as suas funcçoens alterar-se igualmente. Concebendo pois dous estados diversos na sensibilidade, hum natural, como fonte de todo o bem, e outro *morboso* como origem de todo o mal; salvamos toda a contradição apparente, que se possa encontrar nesta doutrina; e poupamos mais amplos commentos sobre esta parte do poema.

No vista geral deste objecto, o poeta se propoem a mostrar as Influencias da Sensibilidade, quatenus comprehendem os deveres, e a felicidade do homem. Daqui procede a hum detalhe mais particular dos prazeres da sensibilidade. A Primeira Parte do poema contem o elogio da Sensibilidade, dirigido contra aquelles, que a excluem do plano da vida, hum protesto contra affectada ou mal dirigida sensibilidade; a invocação da sua pura flama: huma vista da sua dezenvolução no character humano durante o periodo da infancia e dos seus progressos na marcha do homem para a maduzera; da sua influencia no amor da patria, na formação do character domestico, e no induzimento da philanthropia universal. A este detalhe segue-se huma illustração da influencia productiva

dos prazeres do espirito, como os da memoria, das sciencias, &c.

Na Segunda Parte, o poeta descreve as Influencias da Sensibilidade na produçãõ da amizade, e do amor. No artigo amizade, elle coloca a ventura social, e a contrasta com o estado de solidaõ. Aqui sabiamente nos acautella contra as tentaçõens de procurar a ultima, por motivos de affliçãõ ou desgosto.

‘ Existe acazo, victima da sorte
 Hum peito nobre que em segredo gema?
 Aquem negou madrastra a natureza
 Meios de erguer-se a splendido renome?
 Fuja da Solidaõ ; que insidiosa
 Esconde os males, que em silencio nutre.
 Da fortuna accuzando immensas vezes
 O plano parcial, murmura o homem,
 Porque naõ pondo termo ás paixõens suas
 Da mente apaga a luz ! mas se elle visse
 Do social comercio dimanando
 O balsamo que adoça acerbos males ;
 Mutuo louvor, dons mutuos attrahirem,
 E reciprocos bens d'elle brotarem.
 Se visse quantas faltas se evitavãõ
 Se conseguiaõ bens ao hum justo avizo ;
 No prazer d'amizade o da existencia
 Buscaria a final ; vendo seguro
 Que em seu doce regaçõ hum puro amigo
 Reconcilia toda a raça humana !’

A sua apostrophe ao Amor, he digna do assumpto, e do poeta.

‘ Ah ! que fõra da verde mocidade
 Sem esse emprego d'alma *ledo e cego!*
 Sem que de amor provasse o puro nectar !
 Que prospecto, sem elle, que esperanças
 A vasta creaçãõ lhe apresentara,
 Para o vazio encher das tardas horas?
 Que fogo animaria o peito ancioso
 Que desdenha o prazer colhido á furto,
 A seguir da virtude o nobre trilho,
 Senao de hum fausto amor a pura chama?
 Soltas as velas todas navegando
 Vai da vida o baixel, se da esperança
 A maré toca na distante praia
 Donde prospero sopra amigo vento
 E a mente grata acolhe o fausto agouro ;

O frete occulto em cada porto augmenta
E com seos bem contente segue o rumo.'

A Terceira Parte começa huma mais extensa desenvolvimento das agradaveis Influencias da Sensibilidade, que nos conduzem a gostar, e achar prazer nas bellas artes, na poesia, muzica, e pintura. Da mesma fonte, da mesma vivacidade de sentimento, o poeta diriya a final o ardor do patriotismo, e a firmeza das virtudes domesticas. Exemplos daquelle são felizmente illustrados pela referencia á patria dos defensores de Sarragoça; e esta occasião aproveitada em huma eloquente appellação para os sentimentos publicos dos Inglezes, os felizes habitantes desta ilha, cujas praias, com apropriado fervor, ella chama sagradas.

' Daqui vê diffundir-se ardente zelo
Armando patrioticos guerreiros
Do ferro vingador! D'alem vê prestes
Levantar-se indignada a Hespanha toda;
Resurgindo magnanima das sombras
De longa escravidão. Fluctua apenas
Seu potente estandarte; eis dezespera
Confunde-se o Tyrano, e seos escravos.
Ah! tam ligeiros de Britania corrao
As hostes filiaes, quando imminente
O prigo rebentar na costa sua!
E em seos feros trovoens mandando a morte
Das sacras praias a invasão repulsem?
Oh! Sensibilidade! a ti pertence
Tornar aquelle dia pavoroso
Em todo o coração supremo dia!
Sem ti, que fóra o nosso patrio solo,
Nosso rei, nossas leis, e a grande cauza
Da honra, e religião? Que serviriao
Os tumulos sagrados, onde jazem
Nossos maiores; a gentil cadea,
Que a perta a natureza em fidos peitos?
Todos esses annaes de gloria e fama?
E o edificio politico? Tu fazes
Que elle tendo o dominio por coroa
Por base a liberdade; sobranceiro
Aos estados submissos, firme possa.
Repellir aggressoens, rombar das iras
Do tyrano, e ser hoje o inexpugnavel
Antemural dos opprimidos povos.'

Acrescentaremos á estes extractos, e á conta geral

que demos deste poema, a crença em que estamos de que o poeta mostra sentir mais que ninguém aquellas influencias, que tanto exalta; e rompe cheio do mais vivo sentimento nas preces da sua invocação.

‘ Meu terno objecto com teu rizo anima,
E enche de teu espirito meos versos.’

Subscrição de huma Estampa alta, pollegadas 17, e larga 31, em que se representa no sitio de Arroios o lamentavel ingresso dos Povos, que abandonárao seus lares pela invasão do Inimigo Commum, e como alli são piedosamente acolhidos; a invenção he de Domingos Antonio de Sequeira, Primeiro Pintor da Camara e Corte de S. A. R. o Principe Regente de Portugal, que no mesmo local copiou do Natural todos os objectos, e he gravada por Gregorio Francisco de Queiroz, e Conte, e os Contornos pelo mesmo Author.

QUASI tres mil figuras se descobrem neste Quadro interessante; elle offerece distinctamente, não só o fluxo, e refluxo dos Viajantes, que frequentão esta estrada, como tambem dos utensilios de guerra, que nesta época se removião para o Exercito; e sobre tudo indica energicamente o Carinho Patriotico com que são alimentados, e recebidos no seio de sua Mãe convulsa os filhos beneméritos, que antes quizerao arriscar-se a ser victimas da fome, que sujeltar-se ao jugo do Tyranno. Os vindoiros saberao apreciar esta Memoria; e se ella qualifica o character do verdadeiro Portuguez, generalizem-se os traslados de Original tão honroso, e não se furte ás Nações estranhas a lição proficua de acolher a humanidade afflicta.

Attendendo á grave despeza, que requer a rápida promptificação desta Estampa, os Senhores Subscritores assignarao por cada Exemplar 12,800 réis, ficando ao seu generoso arbitrio exhibir toda, ou metade da quantia no acto da Assignatura.

Os Senhores que quizerem subscrever, dirigir-se-hão á Loja de Ferragem de Joao Baptista Verde, na Rua do Arsenal da Marinha Num. 26.

Esta obra he tão recommendavel pelo seu objecto, e tão expressiva a sua exposiçãõ, que nos inspirou as seguintes linhas.

‘ Jamais gravou no marmore, no bronze
 Taõ nobres feitos o buril da Historia ;
 Jamais enriqueceo taõ bello esmalte
 Os traços do pincel. Sequeira illustre,
 Do seio das paixoens mais relevantes
 De teu plano immortal surge a Grandeza.
 Por tuas maõs ornado, e teos labores
 Destro Queiroz, se exalta o lindo Quadro.
 Lysia, que o ser vos deo, reve-se absorta
 No vivido transumpto que a retrata
 Nesse instante melhor da sua gloria.

Lysia esquecer naõ pode aquella scena
 De ternura, de horror, de angustia, e dita
 Quando ao seio convulso, e palpitante
 Entre os braços que abria carinhoza,
 Seos bandos filiaes colheo, vio salvos
 Das cruas garras dos sanguineos Monstros.
 Lysia esquecer naõ pode esse momento
 Em que á borda do abysmo a teve a sorte.

Parece inda soar da horrenda tuba
 O pavorozo estrondo annunciando
 Chegar as impias turmas. Cuida ver-se
 Dos bellicos horrores o aparato
 Trazendo o insulto, o estrago, o incendio, a morte.
 Nem de sonhos crueis a phantazia
 Se pode inda livrar, tendo presentes
 Cidades fumegando, ermas campinas
 De sangue Patriotico estrumadas.
 Os roubos, a violencia, os desacatos
 Pelas nefarias hostes commettidos.
 Naõ pode acostumar-se o pensamento
 A’ rigida impressãõ do fero insulto
 Deque foi triste victima a innocencia ;
 Objecto impune o feminil decoro.
 Brama, delira a mente ao ver dispersas
 Milhares de familias por montanhas
 Por desertos, á mingoa perecendo
 Ou entre as maõs dos barbaros cahindo.
 Reliquias do furor, da atrocidade
 Dos crueis monstros, as que naõ cahiraõ
 Na regaçõ de Lysia se acoitaraõ.
 Lysia berço de esplendidas virtudes,
 De brilhante heroismo campo fertil,

Lysia abriu seu regaço aos fugitivos.
De sympathica dor movida ao toque
Mal ouvira o clamor da afflicta chusma
Nas azas da piedade em seu soccorro
Prompta vou, e foi o auxilio prompto.
No Grupo da afflicção que ao desamparo
A' mingoa entregue, unira a desventura
Junto dos muros seos, Lysia derrama
Balsamo salutar, vites alentos.
Desfalecidas Mais, prostrados Velhos,
Descalças Virgens, palidas de fome,
Quasi mortas de medo, e de canção,
Tiverão junto della abrigo, e vida
Graças á veladora actividade
De hum Paternal Governo esclarecido !
Graças á fraternal beneficencia
De hum Povo a si fiel, e a seos Monarcas !
Que espectaculo grande, e magestoso,
Mostraste Lysia entao ! Que outro ha na terra
Dos Ceos mais digno, digno até do Eterno,
Que aquelle que apresenta hum Povo inteiro
Correndo a dar alivio a humanos males !
Eis a gloria maior, que os mortaes gozaõ.
Rematai Chefes da Arte a Grande Empreza,
No Quadro que traçaes contemple o mundo
De Lysia o grande exemplo ; e com taes cores
Seos esforços pintai, quebrando os ferros
Do despotismo atroz, salvando a oppressa
Mizera Humanidade, que os Tyrannos
Ao ver hum Quadro tal de horror se assonbrem ;
E á sua confuzão folgue a Virtude !

SCIENCIAS.

CHYMICA.

SOBRE A NATUREZA DO AMMONIACO.

As descobertas admiraveis que Davy acabava de fazer acerca dos Alkaes fixos bem depressa o induziraõ a fazer as mesmas tẽntativas sobre o alqualino volatil, e bem depressa o mundo philosophico teve os brilhantes rezultados da suas indagaçoens.

De todas as substancias, que os chymicos tem tractado, nenhuma tem merceido tanto a sua attençaõ como o amoniaco. A sua extrema volatilidade, a sua prompta absorsãõ pela agoa, e incapacidade de obter-se fixo, fizeraõ sempre difficultosas as experiencias sobre a sua constituicãõ. Priestley todavia, e sobre tudo Berthollet pareciaõ ter decedido de huma maneira satisfactoria a cerca da sua natureza; Davy porem mostrou que ella naõ era ainda perfeitamente conhecida.

Sem dezalentar-se ás difficultades, que apresentava hum objecto tam intrincado; e concebendo pela analogia, que o ammoniaco, assim como os alkaes fixos, podia conter alguma porçaõ de oxygenio, Davy tractou de verificar pelo factõ as suas suspeitas; e naõ tardou muito em descobrir a existencia do oxygenio no alkali volatil. Muitas, e decizivas experiencias o convenceraõ desta verdade.

Carvaõ cuidadosamente queimado, e livre de humidade foi posto em ignicãõ pela batteria Voltaica da potencia de 250 de seis e quatro polegadas quadradas, em huma pequena quantidade de gaz ammoniacal purissimo: huma grande expansãõ de materia aeriforme teve lugar, e huma substancia

branca se formou, a qual colligida nas paredes do tubo de vidro, empregado no processo, e depois de examinada, se achou ser carbonato ammoniacal, fazendo effervescencia pela acção do acido muriatico diluido.

Hum processo de outra especie offereceo ainda resultados mais decizivos. Empregaraõ-se neste os dous gazometros da invenção de Mr. Pepys, com o mesmo apparelho, que elle, e Mr. Allen uzaraõ na combustaõ do diamante. Gaz ammoniacal mui puro se fez passar sobre hum fio de ferro posto em ignição n'hum tubo de platina; e dous tubos de vidro curvos se arranjarão de modo que foraõ inseridos n'hum mistura gelada. Por hum destes tubos o gaz entrava no de platina, e pelo outro passava do tubo de platina para hum recipiente destinado a sua recepção. A temperatura atmospherica era 55; mas observou-se que nenhuma quantidade sensivel de agoa se depositava no tubo de vidro esfriado, que transmittia o ammoniaco sem alteraçãõ, mas naquelle que o recebia, depois de passar pelo calor, a humidade era assas distincta, e o gaz apparecia no recipiente em nuvens espessas.

Esta circumstancia parece provar distinctamente a formaçãõ d'agoa neste processo, pela decomposiçãõ do ammoniaco; menos que senaõ diga, que os gazes hydrogenio, e azote dezenvolvidos contem menos agoa em soluçãõ, ou suspençãõ, que o ammoniaco decomposto; o que he contrario ás experiencias de Desormes, e Clement.

Depois que o gaz se fez passar varias vezes pelo tubo em ignição de hum para outro gazometro, os resultados se examinao. Vio-se o fio de ferro convertido em oxyde a superficie, e que ganhara em pezo $\frac{4}{100}$ partes de hum graõ; quasi $\frac{4}{100}$ de hum graõ de agoa se colligiraõ dos tubos de vidro esfriados, por meio de hum filtro de papel, e 33,8 polegadas cubicas de agoa se expandiraõ em 55,3 polegadas cubicas, e pela detonaçãõ com o oxygenio se achou, que o gaz hydrogenio estava para o azote, como 3,2 para 1 em volume.

Na decomposiçãõ do ammoniaco pela electricidade tinha Berthollet achado, que o hydrogenio, e nitro-

genio produzidos excediaõ em pezo sempre o ammoniaco decomposto, circumstancia esta, que a ser certa, destruia a idea da existencia do oxygenio neste gaz. Mas a falta de coincidencia nos seus resultados com os de Priestley e Van-Marum a este respeito, obrigou Davy a reiterar o processo da electrizaçaõ do ammoniaco; que naõ tardou em confirmar os seus resultados, achando que a quantidade dos productos relativa á quantidade apparente do gaz destruido, dependia de causas muito diversas.

Estes resultados filhos das experiencias que fez sobre o ammoniaco mais puro que pode obter-se, mostraraõ que os gazes desenvolvidos na sua decomposiçaõ, pezavaõ quasi $\frac{1}{17}$ menos que o ammoniaco empregado, e esta perda pode attribuir-se somente a existencia do oxygenio no alkale; de maneira que a quantidade deste gaz no ammoniaco naõ pode avaliar-se menos que 7 ou 8 partes em 100; e possivelmente existe em maior proporçaõ, porquantos os gazes produzidos podem conter mais agoa, que o gaz decomposto, o que augmenta por consequente o seu volume, e o seu pezo absoluto.

Oxygenio pois existente no ammoniaco, pode considerar-se como hum elemento em todos os verdadeiros alkalis; e assim o principio da acidez da nomenclatura Franceza, pode chamar-se tambem o principio da alkalescencia.

Sobre a acçaõ do potassium no ammoniaco.

Provada a existencia do oxygenio no ammoniaco, buscou Davy examinar, se esta substancia, a imitaçaõ dos alkalis fixos, couteria algum principio metalico. As experiencias de Berzehius, e Pontin tinhaõ ja mostrado que o ammoniaco se amalgamava com o mercurio; e as daquelle confirmaraõ naõ somente as suas assersoens, mas apresentaraõ novos objectos de consideraçaõ.

Nas primẽiras experiencias uzou Davy de retortas de vidro verde, mas para que se naõ presumisse que o oxygenio naquelle cazo, poderia proceder das oxydes metalicas do vidro, substituiu retortas

de crystal; em que introduzio potassium sobre pequenos vasos de platina, e ferro. Estas retortas, fornecidas com tornos, forão exaustas, e cheias de ammoniaco o mais puro que pode procurar-se; e procedeo-se a operação fora do contacto de mercurio, agoa, ou outra qualquer substancia.

O potassium, que se empregou, era obtido pelo methodo de Gay Lussac e Thenard, que he mui simples, e procurando mais quantidade de metal, em nada altera as suas qualidades.

Trazido pois o ammoniaco a contacto com duas vezes o seu pezo de potassium na temperatura ordinaria, o metal perde o seu lustre e se torna branco, ha huma ligeira diminuição no volume do gaz; mas não se produzem outros effeitos. A crusta branca examinada prova ser potassa; e o ammoniaco se acha conter huma pequena quantidade de oxygenio, igual ordinariamente em volume ao metal. Aquecido o potassium no gaz por meio da chama alcoolica applicada ao fundo da retorta, a cor da crusta passa de branco a hum brilhante azul, deste á hum azul escuro, depois a verde, e a final a hum verde garrafa. A crusta e o metal se fundem então, ha huma consideravel effervescencia, e a crusta passando para os lados, torna a deixar ver a brilhante superficie do potassium. Quando este ultimo se deixa esfriar neste estado, torna-se a cobrir da crusta branca. Aquecido segunda vez, incha consideravelmente, torna-se poroso, e apparece crystallizado, e de huma bella cor azul; na continuação deste processo occorrem os mesmos phenomenos; e he sempre a final convertido em huma substancia de huma verde garrafa.

Nesta operação, hum gaz, que diminue detonando com o oxygenio, e o ammoniaco dezaparecem, em quanto o hydrogenio se desenvolve. A proporção do ammoniaco que perde a sua forma elastica, varia segundo o gaz contem mais ou menos humidade.

Assim oito graos de potassium, durante a sua conversão em substancia de cor verde garrafa, no ammoniaco saturado de agoa a 63° graos de Fahrenheit, e do baixo de huma pressão igual a de 29.8 polegadas

de mercurio, fizeram dezaparecer douze polegadas cubicas, e meia de ammoniaco; mas a mesma quantidade de metal tractado do mesmo modo, excepto se o ammoniaco tinha sido privado de toda a humidade possivel, exposto dous dias a acção da potassa combusta, fez dezaparecer desaseis polegadas cubicas do alkali volatil.

Qualquer que seja a humidade do gaz, a quantidade do gaz inflamavel produzido, tem parecido sempre igual á quantidade do metal. Gay Lussac e Thenard pertendem que estas proporcoens não sejam exactas; contudo mui severas, e exactas experiencias o provarão ser.

A substancia produzida pela acção do ammoniaco sobre o potassium não tem sido precisamente examinada, e tem propriedades que merecem attenção.

1. Crystalliza-se, e apresenta facettas irregulares, extremamente escuras, semelhantes em cor, e lustre á protoxyde de ferro; he opaça, examinada em grandes massas, e semitransparente em tenues pelliculas, mostrando huma brilhante cor parda á transmissão da luz.

2. He fuzivel a hum calor pouco acima d'agoa fervente, e á hum grao pouco mais forte emite globulos gazosos.

3. Mostra ser consideravelmente mais pezada que a agoa, pois se afunda rapidamente no oleo de sassafraz.

4. Não he conductor de electricidade.

5. Fundida no gaz oxygenio, arde com grande vivacidade, emitindo brilhantes scintellas. Absorbe-se oxygenio, desenvolve-se nitrogenio, e forma-se potassa, que pela sua grande fuzibilidade parece conter agoa.

6. Trazida a contacto com agoa, obra com muita energia sobre ella, produz calor, e muitas vezes inflamação, e desenvolve ammoniaco. Lançada neste fluido, dezaparece com hum estrepito sibilante, e se move em globulos n'hum estado de ignição sobre a superficie d'agoa. Fas rapidamente effervescencia, e deliquesce ao ar, mas pode conservar-se debaixo da naphta, em que todavia amollece pouco a pouco, e parece dissolver-se parcialmente. Solta do fundo

d'agoa, dezaparece instantaneamente com effervescencia, e o gaz que se dezenvolve, mostra ser o hydrogenio.

[Continuar-se-á.]

ADVERTENCIA.

A quantidade de materias politicas que tem occorrido este mez, nos obriga a encurtar neste numero a parte, literatura, e sciencias, por não passar-mos dos limites que nos prescrevemos, assim como nos aconteceo em os numeros precedentes.

CORRESPONDENCIA.

Senhores Redactores do Investigador Portuguez em Inglaterra.

CERTOS em que Vm^{ces.} dezejaõ cordealmente o bem do estado a que pertencem, esperamos que no seu Jornal dem lugar ao artigo de huma carta, que ultimamente recebemos do Brazil, que he o seguinte:—

‘ Taobem confirmamos o que dissemos na dita nossa ultima em respeito ás remessas de fazendas para aqui; isto he, que nenhuma nos devem fazer, ate ver se as coizas mudaõ de figura no mercado deste paiz; pois ja estamos enfasiados de perder nellas, apezar de as reputarmos commumente por mais dinheiro, que o seu actual valor; sendo porem tal a desgraça, que assim mesmo experimentamos prejuizo, quando outros ganhaõ.

‘ Naoõ seraõ á Vm^{ces.} estranhas as razoens disto; mas talvez que ignorem que taes razoens tem crescido com o levantamento das avaliaçoens das fazendas na pauta desta Alfandega; pois se ate esta epoca era taõ commum o passar-se aqui fazendas por alto, agora com mais veras, visto que o maior interesse, que dahi rezulta ao contrabandista estimula mais a isso, e por esta razaoõ de mais em mais se achaoõ opprimidos os negociantes, que fogem de se expôr a hum semelhante trafico, no qual com effeito naoõ ha aqui limites; pois he taõ commum, e se faz tanto ás claras, que ja algumas vezes os seos frequentadores nem querem fazer a despeza de se ajustarem com os guardas a bordo do navio, e marinheiros, para conduzirem a fazenda para terra por fora da Alfandega; mas a fazem mesmo abordar a esta, para aqui se haverem com menos gente do que o fariaõ, se peitassem guardas, marinheiros, &c. facilitando isto a vir ja, como algumas vezes está vindo dessa a fazenda metida em grandes barricas em ar de louça, para assim se subtrahir aos direitos, naoõ sendo porem só este o meio de que alguns se valem para naoõ pagarem os direitos, ou para minorarem aquelles que deviaõ pagar, se-

gundo o justo valor, e qualidade das fazendas, quando não se aproveitassem dos meios da seducção.

‘ Ainda que as coizas indicaõ não tomar sedo melhor caminho a este respeito, attendendo a que as vistas de taes infractores são apoiadas por aquelles, que occupando empregos publicos (ate mesmo n’Alfandega) as deviaõ vedar; com tudo nos temos razoens para pensar de que tarde, ou cedo haverá alguma mudança a este fim; e entao notaremos as fazendas, que nos devem mandar. Apezar disto, como julgamos facil o obterem Vm^{ces.} d’Alfandega dessa o manifesto da carga de qualquer navio, nos lhe rogamos se sirvaõ mandar-nos os dos navios &c. despachados para aqui, visto que com elles poderemos talvez algum dia ter occasiaõ de argumentar, e convencer a alguns Snr^{es.} a quem oiço criminar somente os Inglezes, prevenindo porem a Vm^{ces.} para que se não contentem em mandar-nos a copia daquelles que os navios ahi costumão apresentar ao Consul Portuguez; pois estes sempre são simulados, não fazendo menção commumente senão de huma pequena parte das fazendas, que os navios conduzem. Sim devem Vm^{ces.} mandar-nos copias veridicas daquelles, que os corretores do navio costumão produzir na Alfandega dessa, sem cuja exacta producção elles não obtem os seus despachos.’

Occultamos os nomes dos navios, para que senão faça patente o Porto, nem a pessoa que tal carta nos escreveo.—Somos com devida attençaõ.—De Vm^{ces.}—Vn^{or.}, &c.

Nos julgamos interessante publicar o sobredito artigo para que chegue ao conhecimento de S. A. R. e dos seus Ministros, a fim de se pôr hum termo a fraudes, e abuzos tão prejudiciaes ao commercio, e ao estado. Não gastaremos tempo em fazer longas observaçoens sobre os perniciosos effeitos, que de semelhante trafico devem necessariamente rezultar: diremos somente que os unicos meios de obstar, e destruir o contrabando são 1. animar por todos os meios a industria Nacional, e aperfeiçoar as suas manufacturas a tal ponto, que ellas possam competir com as estrangeiras em qualidade, e preço. 2. Impôr direitos moderados sobre as manufacturas, e productos estrangeiros, e mais ainda sobre as manufacturas nacionaes. 3. Escolher com o maior escrupu-

lo, e imparcialidade os diversos empregados de qualquer condição, ordem, ou gradação que sejaõ. 4. Castigar exemplarissimamente todo o funcionario publico que faltar aos seos deveres.

O primeiro meio he mui facil de dizer; mui difficil porem de executar, principalmente nesta epoca desgraçada, em que os Monarcas, e seos Ministros apenas tem lugar de se defenderem do mais temivel inimigo, que o mundo ha visto. Elle he obra da sabedoria; mas he obra taõbem do tempo; e seria em nós huma injustiça revoltante exigir que se fizesse em tres annos o que só pode ser obra de hum seculo.

Quanto ao segundo meio, he evidente, que se os direitos impostos nas fazendas estrangeiras forem excessivos, elles convidaraõ necessariamente ao contrabando; porque entaõ os lucros que os contrabandistas esperaõ de tirar as fazendas por alto, valem o risco de se exporem a perdelas: mas este risco he nullo, quando elles chegaõ a enteressar no seo trafico aquelles mesmos aquem S. A. R. tem encarregado a administração das suas Alfandegas, e o Governo de seos Povos. Que torrente de males daqui não vem! O estado deixa de perceber immensos direitos; o fabricante Nacional esmorece, e arruina-se, como aconteceu em Portugal, onde havia ja excellentes fabricas de Chitas, e a muitos respeitoes não só iguaes, mas superiores ás Inglezas: o contrabandista, terrivel peste dos estados, prospera; o negociante honesto he sacrificado, e o commercio se arruina, e perde!

A necessidade do terceiro meio he evidente: sem escrupuloza escolha de vassallos habeis, e de reconhecida probidade para os diversos empregos, o estado correrá a passos de gigante para a sua ruina. He mui dolorozo para o homem de bem, que tem servido com honra, e zelo o estado, e que tem sacrificado os seos interesses pelo serviço do seu Principe, ver-se desatendido em seos justos requerimentos, preterido, e supplantado por homens sem luzes, sem honra, e sem probidade; e muitas vezes perseguido, e arruinado por elles, para que, lhe não possa fazer sombra; e desgraçadamente assim acontece não poucas vezes, apezar da innata Justiça do Soberano, e da vigilancia

dos seus Ministros em se não deixarem enganar, e surprehender.

A necessidade do quarto meio he igualmente manifesta; e ousamos dizer, que huma Clemencia mal entendida para com homens, que tem perdido todos os sentimentos de honra, e que nada lhe importa o bem do estado, importando-lhe tudo o seu vil interesse, he tão prejudicial, he tão funesta, como a perseguição, e castigo do innocente.

Depois de termos transcrito o artigo da sobredita carta, recebemos huma collecção das cartas familiares, e Avizos do celebre *Alexandre de Gusmao*, que iremos publicando em nosso Jornal, porque são mui interessantes. Entre os Avizos achamos hum expedido ao Conde Unhão Governador do Algarve, que vem a propozito do que acabamos de dizer; e que mostra que he costume mui inveterado em Portugal, não cumprir as Leis, e ordens do Soberano; e daqui em grande parte os males que soffremos.

Avizo expedido ao Conde Unhão Governador do Algarve.

“ Nesta Cidade se achão prezos Antonio Fernandes Pereira, e Luis Joze da Roza á ordem do corregedor do Bairro de S. Paulo, pelo *Contrabando*, que lhes foi achado no Hyate por invocação St. Antonio, vindo dessa Cidade, que he destes Negociantes aquem pertence a sua carga.

“ Nas perguntas, que lhe fez o Corregedor, confessou Antonio Fernandes, que hum caixotinho de relolios Inglezes pertencia a Joao de Azevedo criado particular de V. Ex^{ca.}; e provárao a sua confissao algumas cartas do mesmo Azevedo, com duas ordens, como Portarias, assignadas por V. Ex^{ca.}, e passadas pelo Secretario do Governo.

“ Este *vergonhoso* facto pedia *exemplarissimo castigo*, se delle se tomasse conhecimento, ou fosse com effeito sentenciado, como as Leis mandaõ, poisque em todas as suas circumstancias resabe inteiramente ao *despotismo*, que praticarãõ os Snr^{es}. acastelados, e os Regulos, que viverãõ nos seculos da ignorancia, e da barbaridade, com escandalo, e horror da humanidade, com injuria do poder dos Reys, e o que he mais, sem temor de Deos.

“ Sua Magestade porem como Magnanimo, e Pio, e pelo conhecimento de que V. Ex^{ca}. ignora as obrigaçoens de vassallos, e as regras de officio de bom Governador, usando da sua Piedade he servido ordenar que V. Ex^{ca}. se abstenha de passar semelhantes ordens, nao favorecendo, nem ainda permitindo, ou telerando, que haja, nem passem contrabandos nos Portos desse Reino, debaixo da pena imposta aos que commettem semelhantes crimes, e de V. Ex^{ca}. cahir no seu desagrado. Por agora se satisfaz Sua Magestade em mandar que V. Ex^{ca}. cumpra as Ordenaçoens do Reino juntamente com as Leis extravagantes, e faça ler cada dia ao seu Secretario quinze, ou vinte paragrafos, (a que V. Ex^{ca}. assistirá) por tempo de seis mezes, cuja punctual execucao confia Sua Magestade da honra de V. Ex^{ca}. esperando que lhe evite o dar outras providencias alheias da sua vontade, e que podem ser injuriosas a V. Ex^{ca}. a quem Sua Magestade estima muito.—Deos Guarde a V. Ex^{ca}. no Paço a 21 de Maio, de 1741.—Alexandre de Gosmao.

Outro Avizo sobre semelhante assumpto expedido ao *Dezembargador Pedro Mariz Sarmento*.

“ Sendo presente a S. Magestade os diversos, e continuos contrabandos que se fazem em Lisboa, apezar das providencias, e justicas com que o mesmo Senhor tem pertendido obvia-los a beneficio do Commercio, e dos direitos da Sua Coroa, accresce agora a esta desordem, que essa Alfandega os consinta, e expeça por muitos dos seus Officiaes com injuria, e escandalo das Leis, e ordens do Governo: e quando procurava dar remedio a estes prejuizos, foi plenamente informado de que tao bem V. S^a. os tolerava, o que desgostou muito a S. Magestade.

“ Isto supposto, manda-me S. Magestade advertir a V. S^a. que para lembrar-se, e cumprir a sua obrigaçao, tenha V. S^a. mesmo compaixao de seus filhos; pondere os seus annos; considere no emprego que se lhe confiou, e nao dê mais hum passo pelos caminhos errantes, que ate agora seguiu, reflectindo para sua confuzao, que mereceo á Piedade do Rey este Avizo.—Deos Guarde a V. S^a. Paço a 3 de Maio, de 1746—Alexandre de Gosmao.

Outro Avizo expedido ao Governador da Cidade do Porto sobre a violencia que a Chanceller daquella Relação fizera a hum Vassallo Portuguez, e em que o mesmo Governador o auxiliou.

“ Sendo presente a Sua Magestade que o Dezembargador Chanceller dessa Relação fizera prender a Manoel Joze Viegas por huma supposta culpa, como taobem que o teve na prizaõ, perto de seis mezes; e que tendo-se mostrado livre lhe mandou V. Ex^{ca}. abrir assento á sua ordem, para o conservar na prizaõ em obsequio do mesmo Chanceller: He Sua Magestade servido, que V. Ex^{ca}. o mande logo soltar, e que fique advertido que nenhum homem dos districtos dessa Relação, e Governo precisa para ser desgraçado, que contra elle se conjurem o Chanceller, e Governador; poisque era muito bastante a maldade de hum só para lhe fazer muito damno, se huns, e outros não tivessem Rey.—Deos guarde a V. Ex^{ca}. como dezejo. Lisboa no Paço a 17 de Março, de 1742.—Alexandre de Gosmaõ.

Nada he taõ natural como abuzar o homem do poder que se lhe confia, principalmente quando vê que o criminozo muitas vezes fica impunido, e que a innocencia mais de huma vez he impunemente perseguida, ultrajada, e opprimida. Fieis ao que promettemos em nosso Prospecto não personalizaremos; mas nao podemos deixar de dizer que no respeitavel Corpo da Magistratura, tem havido, e ha desgraçadamente ainda homens, cuja Lei he a sua vontade, o seu capricho, e as suas paixoens. Nós testemunhamos pelas Provincias, injustiças, violencias, e extorsoens taes, que nos parecia que ou não havia Soberano, ou não existiaõ Leis!

Eis aqui porque os Vassallos das outras Naçoens estabelecidos em Portugal, com manifesto desdoiro, com manifesta deshonra nossa, tem ali hum Juiz Conservador; Juis que só ali existe; Juis absolutamente escuzado, onde as Leis estaõ em pleno vigor.

Nada diremos dos Governadores das Provincias, e das Praças. A propensaõ natural que todo o homem tem para o despotismo requinta, geralmente fallando nos Militares; demais o não estar claramente deter-

minada a sua authoridade ; e o pouco receio que tinhaõ de serem punidos, explica facilmente as violencias, que alguns delles tem feito.

Naõ confundamos porem o Corpo da Magistratura, e Militar com individuos. Felismente n'hum, e n'outro ha muitos homens respeitaveis pelas suas luzes, pela sua integridade, e zelo pelo Bem Publico : felismente os Povos no meio da oppressão, e violencias conhecem que os seus males naõ vem do Soberano : muitas vezes lhes ouvimos dizer—*o Nosso Principe naõ sabe as injustiças, que nos fazem : se elle o soubesse !* Os Povos tinhaõ razãõ. Raras vezes os gritos da innocencia opprimida chegaõ ao Throno ; porque, frequentemente ha hum Chanceller, e hum Governador que daõ as maõs para opprimir os desvalidos, os innocentes, e para suffocar seus gritos : mas os gritos que chegaõ ao Throno saõ benignamente ouvidos ; saõ acolhidos com vivo interesse ; e o melhor, o mais virtuozo dos Principes, que hoje occupaõ os Thronos do mundo, jamais deixou de enxugas as lagrimas da innocencia ; jamais deixou de reparar a honra injustamente manchada.

POLITICA.

AMERICA.

Rio de Janeiro.

EM 16 de Março de 1811 se publicou hum Alvara Creando o Lugar de Juiz de Fora do Cível, Crime, e Orfaons de Bissaõ, Cacheo, e suas dependencias.

Em 27 do dito meç sahio outro Alvará Ordenando, que o despacho do levantamento dos Despozitos feitos no Banco Nacional, se faça por Precatorios para a Junta do mesmo Banco.

Em 26 de Abril proximo se publicou hum Decreto concedendo a izençaõ da Decima aos que edificarem na Cidade Nova.

Relaçãõ dos pessoas que tem contribuido para o Donativo voluntario a favor do resgate dos Portuguezes em Argel, continuada de paginas 303 do No. II. deste Jornal.

	Reis.
O Ex ^{mo} . Visconde de Villa Nova da Rainha	200,000
O Dezembargador Joze da Silva Lisboa	24,000
João Rodrigues Carrilho	200,000
Manoel Joze Figueiras	12,000
Os Conegos da Capella Real (que deraõ, e pediraõ)	1,551,385

Antonio Alves	4,000
Antonio Luis Ferreira de Menezes	20,000
Antonio de Menezes Vasconcellos e Drumond	12,000
Antonio Marques Pereira	12,800
Amaro Velho da Silva, Sobrinho	64,000
Manoel Guedes Pinto	64,000
Antonio Joze da Costa Ferreira	100,000
Da Bulla da S ^{ta} . Cruzada	2,400,000
O Ex ^{mo} . Conde Porteiro Mor	100,000
A Repartição do Real Erario	361,600
As Religiozas de S ^{ta} . Thereza	25,640
Jacinto Joze da Silva	6,400
Joaõ Baptista Vilella	6,400
Ignacio Joze Martins	100,000
Joaquim Ribeiro de Almeida	200,000

[Continuar-se-ha.]

Lista dos Officiaes do Regimento de Cavallaria Miliciana do Districto de S. Joaõ Marcos, que offerecerão diversas quantias para o resgate dos Portuguezes captivos em Argel. Continuada de paginas 304 do No. II. deste Jornal.

Transporte	306,280
Oitava Companhia.	
Capitao—Joze de Souza Breves	5,000
Tenente—Joaõ Carreiro da Silva	1,350
Forriel—Joaõ Marianno	640
Cabos, e Soldados	28,040
	<hr/>
	35,030

Nona Companhia.

Capitão—Joaõ Pernes Lisboa	4,000
Tenente—Manoel Thomas da Silva	10,400
Alferes—Francisco Thomas da Silva	4,000
Cabos, e Soldados	11,310
	<hr/>
	29,710

Decima Companhia.

Tenente Commandante—Francisco Joze dos Santos	4,000
Alferes—Possidonio Carneiro	4,000
Forriell—Victoriano Figueira	3,000
Cabos, e Soldados	16,650
	<hr/>
	27,650

Undecima Companhia.

Capitão—Francisco Pires Teixeira	25,600
Tenente—Antonio Esteves de Aguiar	12,800
Alferes—Joaquim Francisco Ribeiro	6,400
Forriell—Joaõ Correa de Avila	2,000
Cabos, e Soldados	12,800
	<hr/>
	59,600

Duodecima Companhia.

Alferes—Joze Ribeiro de Carvalho	20,000
Tenente—Joze Alves da Silva	12,800
Forriell—Joaquim Joze Bitancurt	3,200
Cabos, e Soldados	22,180
	<hr/>
	58,180

Decima terceira Companhia.

Tenente—Antonio Pinto	1,920
Forriel—Joze Ferreira Gonçalves	5,000
Cabos, e Soldados	5,660
	<hr/>
	12,580
	<hr/>

Decima quarta Companhia.

Tenente Commandante—Mathias Francisco Romaz	4,000
Alferes—Felippe Ferreira da Silva	640
Forriel—João Alves Limos	320
Cabos, e Soldados	5,480
	<hr/>
	10,440
	<hr/>
Tenente Aggregado—Joze Luis Gomes	12,800
Joze Thomas da Silva, (Capitão de hum dos cortinas de Santa Cruz.)	12,800
Capitão das Ordenanças, Joze Soares Lou- zada	10,000
Alferes das ditas—Joaquim de Araujo	2,000
Sargento das ditas—João Ferreira de Souza	32,000
Soldado das ditas—Joze Caetano	12,000
Tenente Coronel aggregado—Joze Alves de Moraes	32,500
	<hr/>
	114,100
	<hr/>
Total	653,570

Contribuição voluntaria que offerecerão os moradores do do Districto de Tapacorá para o resgate dos Captivos em Argel.

REGIMENTO

1 ^a Companhia e Estado Maior	74,240
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	12,880
Povo	35,520
	<hr/>
	122,640
	<hr/>

2 ^a Companhia—Officiaes	9,400
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	17,800
Povo	18,040
	<hr/>
	45,240
	<hr/>
3 ^a Companhia—Officiaes	14,800
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	25,240
Povo	62,540
	<hr/>
	102,580
	<hr/>
4 ^a Companhia—Officiaes	18,400
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	28,000
Povo	17,080
	<hr/>
	63,480
	<hr/>
5 ^a Companhia—Officiaes	6,560
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	22,760
Clerigos	24,480
Povo	89,840
	<hr/>
	143,640
	<hr/>
6 ^a Companhia—Officiaes	9,400
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	15,440
Povo	166,640
	<hr/>
	191,480
	<hr/>
7 ^a Companhia—Officiaes	8,960
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	22,160
Povo	55,100
	<hr/>
	86,220
	<hr/>
8 ^a Companhia—Officiaes	4,640
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	19,360
Povo	75,410
	<hr/>
	99,410
	<hr/>

Granadeiros—Officiaes	18,000
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	17,800
Clerigos	3,280
Paizanos	108,400
	<hr/>
	147,480
	<hr/>
Caçadores Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	6,720
Povo	11,520
	<hr/>
	18,240
	<hr/>
Ditos de Henriques—Officiaes	1,280
Officiaes inferiores, tambores, e Soldados	17,025
	<hr/>
	18,305
	<hr/>
	Total 1,038,715

Há mais tempo que nos dezejavamos dar alguma noticia da judicioza, e utilissima rezolução, que tomou o Governo de Sua Alteza Real no Brazil, de mandar ir huma colonia de Mineiros Suecos mui intelligentes para lavrar as minas, mui principalmente as de ferro na Capitania de S. Paulo. Nos esperamos ter para o futuro muitos detalbes a communicar ao Publico dos felizes rezultados, que se devem esperar desta rezolução deciziva para a Monarquia Portugueza, que achando-se possuidora, ha seculos, de abundantes minas de ferro em diversas partes de seos vastos dominios, podemos dizer, sem receio de ser contradictos, *que ella quasi não uzava de hum só instrumento de ferro proprio.*

Todo o mundo sabe quam pouco valiaõ a Mina de Figueiró dos Vinhos, e alguma outra, que houvesse no Reino de Portugal; todo o mundo sabe quanto foi o descuido com que se tratou a primeira, deix-

ando consumir todas as matas em torno della, de maneira tal, que suscitada a idea da fabrica de ferro no Reino de Angola, se mandáraõ, como inuteis, os Mestres de Figueiró dos Vinhos para a fabrica da Nova Oeiras.

A chegada de Mr. Hedberg ao Rio de Janeiro com a sua Colonia Sueca, de que elle he Director, e principal encarregado, fará época na historia daquelle vasto imperio. A 14 de Dezembro proximo passado em que Mr. Hedberg partio para S. Paulo, escrevia elle a hum seu amigo em Suecia,—“ que
“ por effeito das descobertas de mineralogistas intel-
“ ligentes sabia, que as minas de Sorocaba, para
“ onde partia se achavaõ extendidas pelo espaço de
“ 60 milhas Inglezas, e continhaõ *Strata* (camadas,
“ veias) de oiro, e ferro, e do primeiro metal dava
“ a fuzaõ, que se tinha feito por experiencia, de
“ 70 a 80 por cento; e que n’humta extensao do-
“ brada do espaço occupado pelas minas, e contiguas
“ a ellas havia matas de arvoredos impenetravel.
“ Junto da Mina, accrescenta elle, sei que ha dois
“ rios caudolozos, que ali tem cachoeiras de 40
“ pez de alto; mas que para cima saõ navegaveis de
“ humta parte ate o Rio da Prata, e do outro ate
“ Mato Grosso*.”

Mr. Hedberg propoz ao Governo de Sua Alteza Real, e este approvou immediatamente, o plano de fazer abrir entre estes dois pontos a primeira estrada Real, que ali jamais houve, e que ja esta principia-da. O seu cumprimento designado he de 80 milhas Inglezas. Mr. Hedberg depois de conhecer os recursos do paiz, e abundancia de tudo quanto he necessario para o trabalho das minas, não hezita depois a prognosticar o mais completo, e felis resultado desta empreza, que reflectirá toda em gloria de hum Principe esclarecido, e verdadeiro Pai de seos Povos, que tantas provas lhe tem dado de amor, fidelidade, e afferro.

* Supponos ser o Uruguai, e o Tieté; aquelle atravessa para o sul pelos Sertoens de Tibaji, e se vai meter no Paraguai, ou Rio da Prata, acima da colonia do Sacramento na altura de 34 grãos ao sul da linha. O Tieté, nasce da serra do mar junto á cidade de S. Paulo; corre para o Sud-Oeste, e vai desaguar no grande Paraná.

Para segurança da nova colonia de Mineiros, onde se receava algum ataque da parte dos Indios, mandou SUA ALTEZA REAL acampar nas vizinhanças hum batalhão de Infantaria, outro de Artilharia, e hum esquadrão de dragoens.

Ainda que nos entramos no empenho de indagar, e dar ao publico para o futuro todas as noticias dos progressos desta importante operação do Governo, nos não podemos occultar o prazer, que temos de fazer algumas reflexoens, que talvez os nossos leitores não acharão indifferentes.

O enviado de SUA ALTEZA REAL que estava em Suecia, D. Joaquim Lobo da Silveira, aquem a escolha dos homens, e a sua passagem de Suecia ate Inglaterra foi incumbida pelo mesmo Senhor, não somente dezempenhou esta commissão com todo o zêlo, e intelligencia, sem desgostar o Governo de Suecia; mas com tal felicidade, e tanta actividade, que se acaso tivesse retardo hum só momento o embarque destes homens em Stokolmo, a mudança que sobreveio na politica daquelle Reino, que apenas os achou embarcados, os teria impedido de partirem para o Brazil. Os fundos necessarios para toda esta despeza foraõ dados pela Administracão Real em Londres.

O navio que os trouxe não podia passar de Inglaterra: o Capitaõ Sueco tratou-os pessimamente, e procurou com discursos dissuadi-los da viagem. Soube-se isto, e desembarcados em Londres, foi tal o acolhimento, e agazalho com que foraõ recebidos, e tratados, que se lhes desvaneceraõ totalmente as maliciozas insinuaçoens com que o capitaõ os queria aliciar persuadindo-lhes, que hiaõ servir de escravos nas minas do Brazil. O Director Hedberg, e os mais foraõ providos de todos os instrumentos, e modelos, que requereraõ, e necessitavaõ, e taobem recommendados ao capitaõ, e donos do Navio em que foraõ, que chegaraõ contentissimos ao Rio de Janeiro, vendõ exactissimamente desempenhadas as promessas, que em nome de SUA ALTEZA REAL lhe tinha feito o seu Enviado em Stokolmo.

Em toda esta operação observamos com huma rara satisfacão a mais cordeal cooperaçãõ para o bem Pub-

lico entre todos os Agentes de SUA ALTEZA REAL, que tiveraõ parte nella; phenomeno naõ mui commum em Portugal; principalmente quando reflectimos, que o Embaixador de SUA ALTEZA REAL em Londres, e o Enviado em Suecia, naõ saõ, nem parentes nem conhecidos hum do outro. Tal he a nossa primeira reflexaõ, sobre que insistimos, e bem depressa se conhecerá qual he o resultado da uniaõ.

Consta-nos que a despeza em todos os ajustes feitos com o Director Hedberg, e vinte e quatro pessoas de que se compoem aquella colonia, ordenados adiantados, frete de navio carissimo em razã das circumstancias de Stokolmo para Londres, despesas da sua passagem para o Brazil, &c. &c. consta-nos, dizemos nos, que naõ excedeo, nem mesmo chegou a cinco mil libras esterlinas! Quer dizer que a passagem, dentro em poucos annos, do estado de huma vergonhoza e funesta dependencia, n'hum artigo taõ essencial, taõ indispensavel, qual he o ferro, para o estado de absoluta abundancia d'elle, com todas as consequencias do facto, custou á Monarquia Portugueza de quarenta, a quarenta, e cinco mil cruzados!!! Quantas economias mal entendidas, ou para melhor dizer, falta de avanços taõ insignificantes, como este, naõ tem tolhido ate agora a prosperidade a que Monarquia Portugueza estava destinada pela natureza!!! Eis aqui a nossa segunda reflexaõ.

Em quanto o Governo Portuguez observar com igual escrupulo os ajustes que fizer, he de esperar, que naõ faltem colonos, e artifices de todo o genero, que dezejem ir estabelecer-se no Brazil, e associar-se aos gloriozos destinos deste Imperio nascente. Tal he a nossa terceira reflexaõ.

Nos concluiremos por agora este objecto transcrevendo as judiciozas, e interessantissimas reflexoens do Ex.^{mo}. D. Joze Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho actual Bispo de Elvas, sobre a utilidade, e necessidade da extracção de ferro.

‘ Hum quintal de ferro, diz este Sabio, e Patriotico Bispo, que neste Reino (Portugal) custa pouco mais ou menos 3,800 Rs, nas Minas Geraes custa 19,200 pouco mais, ou

menos; e nas capitánias de Goias, Cuiabá, e Mato Grosso, custa 28,800 reis, e mais; poisque alem do seu preço, e dos transportes, principalmente em bestas, desde os portos do mar ate o interior das Minas, são desproporcionados os direitos, que carregão sobre este genero tão necessario, e da primeira necessidade para a extracção do oiro.

Os sujeitos, que naquelle tempo estabelecerão os direitos, pouco instruidos dos interesses do Rey, e dos Povos, e das correlaçoes respectivas dos ramos de finanças, puzerão os direitos naquellas minas por arrobas, equilibrando os generos da primeira necessidade com os de mero luxo; de modo que tanto se paga de direitos por huma arroba de seda, como por huma arroba de ferro. Este mal seria menor, se o ferro fosse fabricado em Portugal*; poisque ainda que o mineiro do oiro não fizesse conveniencia, faria o mineiro do ferro: mas como este genero vem da Suecia, e da Biscaia, o *Mineiro Portuguez não faz mais do que trabalhar para o Sueco, e para o Biscainho.*

Alguns arbitristas, que ou por terem a vista mui curta, ou por malicia, querendo apezar dos factos mais notorios, fazer persuadir, que naquellas minas ainda ha muito oiro; e que só por falta de braços he que senão tira, dizem que o meio de fazer, que naquellas minas se tire huma maior quantidade de oiro, he augmentar o numero dos tiradores delle; porem que sendo, como são os negros naquellas minas muito caros, não só pelo custo principal, alem dos riscos, e das despezas dos transportes, mas taobem pelos muitos direitos, que delles se pagão; ouz em elles, que seria necessario rebaixar-lhes os direitos, para que ficassem mais baratos, e por consequencia mais facil ao mineiro meter hum maior numero de braços na sua lavra.

Não he necessario ser hum grande calculista para saber que augmentando se hum maior numero de braços, se tiraria huma maior quantidade de oiro (não fallo com tudo dos cazos extraordinarios); mas em quanto se não rebaixarem os direitos que ali se pagão do ferro; ou em quanto se não derem quaesquer outras providencias para que o ferro naquellas minas seja o mais barato possivel; de pouco, ou nada servirá, que se rebaixem os direitos dos escravos, e que elles ali sejam mais baratos; poisque se por huma parte se augmenta o numero dos tiradores do oiro; pela outra se augmenta o numero dos gastadores do ferro.

Os quintos do oiro sim augmentariaõ por algum tempo; mas elles acabariaõ logo totalmente pela rapida ruina, e destruição do mineiro, por isso que esse maior augmento do oiro só

* Em Sorocaba na Capitania de S. Paulo ha minas de ferro muito ricas, e nas Minas Geraes, Angola, &c. &c.

seria para o ferro, e por consequencia para o estrangeiro, e para os quintos, e direitos, e não para o mineiro, para o qual só ficaria a fome, a perda, e a miseria.

‘ Não he a carestia dos escravos, a que mais carrega sobre a mão de obra, e a que faz as maiores despezas do mineiro; he sim a carestia do ferro; porque se gasta, e se consome todos os dias, e todos os instantes pelo continuo trabalho de rasgar as terras para a extracção do oiro: estes gastos tao continuados pelo decurso do anno fazem no fim huma somma muito avultada sobre as perdas do mineiro: os direitos de cada escravo, ainda que pareçam grandes, são com tudo pequenos á vista dos direitos do ferro; por serem estes continuados, e pagos como por todos os dias, e aquelles como de huma vez, e de annos a annos, quando se compra hum escravo: logo seria mellhor para o mineiro que ficassem em seu vigor os direitos, que se pagão por cada escravo, e que se extinguissem os que se pagão pelo ferro.

‘ Isto seria taobem util, e ainda mesmo hum ganho, para o Erario Regio; porque sendo, como he tao caro o ferro nas minas, e o oiro tao pouco, que os mineiros pela maior parte ja não podem extrahir sem perder muito, como bastantemente fica mostrado; virão os escravos a ser superfluos ao mineiro para a extracção do oiro; e se os mineiros não comprarem escravos, não perceberá o Erario Regio direitos alguns delles, e por consequencia, nem os quintos do oiro, que elles poderião tirar: logo para que o Erario Regio perceba os direitos dos escravos, e dos quintos do oiro, he necessario, que perca, e faça extinguir os direitos do ferro, &c.’

Discurso sobre o estado actual das Minas do Brazil, 1804.

BAHIA.

PLANO

Para o estabelecimento de huma Bibliotheca pública na Cidade de S. Salvador Bahia de todos os Santos, offerecido á Approvação do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, Governador, e Capitão General desta Capitania.

As Benéficas Intenções de SUA ALTEZA REAL para com todos os Vassallos deste novo Imperio, para sua felicidade, augmento, e esplendor manifestas nas Leis, e Providencias, tão saudaveis, como liberaes, de que diariamente somos o objecto, e testemunhas, acabaõ de patentear-se-nos na especial Mercê de conceder a esta Capitania pela Carta Regia de 5 de Fevereiro annuindo á Paternal representação, e súplica do nosso Actual Governador e Capitão General, o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Conde dos Arcos, o uso da Typographia, e authorizando-o para a escolha, e nomeação de pessoas de probidade, e literatura, para Censores dos Escriptos, que se derem ao Prelo.

Conhece o nosso Augusto Soberano que o maior bem que pôde fazer aos seus Vassallos, aquelle que nunca se tem recebido senão das Maõs Benéficas dos Principes Justos, e Virtuosos he facilitar-lhes, e promover todos os meios da pública, e particular instrucção: he só talvez á ignorancia dos Póvos que se devem imputar as desgraças que os opprimem, he obsecando-os, que os crimes se arraigão, e que os Tyrannos se enthronizaõ: he por meio das luzes, e da verdade, que a Virtude se firma, e que os Direitos dos Principes adquirem

por bases a Benção do Ceo, o amor dos Póvos, e o respeito da Posteridade. E que meio mais efficaz para a diffusão das luzes, que a immortal invenção da Imprensa cujo uso acaba de ser-nos concedido.^b Com tudo, para que elle nos seja util no actual estado deste Paiz, são indispensaveis, e muito urgentes outras providencias.

Padece o Brazil, e particularmente esta Capital a mais absoluta falta de meios para entrarmos em relação de idéas com os Escriptores da Europa, e para se nos patentearem os thesouros do saber espalhados nas suas obras, sem as quaes nem se poderão conservar as idéas adquiridas, e muito menos promovelas a beneficio da Sociedade.

Animado porém pelo actual mais que nosso Governador, nosso Amigo he, que me atrevo a offerer ao Público o seguinte Plano dirigido a remover-se o primeiro, e maior obstaculo que se offerce á Instrucção pública, o qual consiste na falta de livros, e noticias do Estado das Artes, e Sciencias na Europa. Se este Plano tiver a fortuna de agradar no seu objecto, elle pela sua propria constituição he susceptivel de qualquer melhoramento, e por isso mesmo parece que sem receio se poderá adoptar.

Far-se-ha hum Fundo, por subscripção, para se mandarem vir de Londres, e de quaesquer outros Paizes, que tiverem relações com esta Cidade os Periodicos de melhor reputação litteraria, e de mais ampla instrucção. Estes virão remettidos a qualquer dos Censores da Typographia desta Cidade que a rogo dos Subscriptores quizer servir o Público, com ausencia aos outros, e por elle serão abertos, e communicados ao Governo donde passarão á casa para esse fim destinada, e nella estarão patentes por espaço de tres dias ao exame, e leitura, que qualquer dos assignantes quizer nelles fazer, e passado este termo poderão pedir, e ser-lhes-ha confiado hum dos ditos Periodicos, ou Folhas por tempo de vinte quatro horas prefixas deixando recibo á pessoa encarregada da sua guarda, e conservação, e depois de vistos, serão recolhidos em huma Estante fechada, e não se darão mais a ler, senao

aos assignantes, e na mesma casa, quando por estes forem pedidos.

O excedente da Subscripção, depois de deduzidas as despezas necessarias a conservação deste Estabelecimento, será applicado á compra de Livros, e Mappas, que tambem serão conservados debaixo da mesma guarda, e condiçoens dos Periodicos, até que a abundancia delles, e os fundos da Sociedade sejam taes, que se possa constituir em huma Bibliotheca pública, para a qual se formarão Estatutos.

Para a escolha dos Livros, que se devem mandar vir da Europa, haverá de tres em tres mezes huma Sessão dos Subscriptores que se acharém presentes, a qual será presidida pelo Censor, e cada hum delles poderá lembrar os livros que bem lhe parecer dando a razão da sua escolha, e depois de ouvidos, e tomados os apontamentos necessarios nomear-se-hão dois Socios, com os quaes o Censor fará a lista das encommendas á proporção dos Fundos do Estabelecimento.

Os Subscriptores assim juntos poderão lembrar, tratar, e decidir tudo o mais que for concernente ao Estabelecimento, sua conservação, e augmento.

Hum dos Subscriptores será eleito por maioridade de votos Thesoureiro, e outro Secretario, e para que este encargo se não faça pezado, far-se-ha annualmente huma nova Eleição. As obrigaçoens destes Socios, serão declaradas em hum Regimento approvado pela pluralidade dos Subscriptores, no qual se ordenarão igualmente as obrigaçoens das mais pessoas empregadas neste Estabelecimento, sua economia, e conservação.

A subscripção será de doze mil reis de entrada, e de dez annualmente, taó pequena quantia, que he muito menor, que a que pagão os assignantes de qualquer Gazeta da Europa; e por meio della não só adquirirão os Subscriptores a gloria de haverem concorrido para hum Estabelecimento de utilidade universal, mas tambem o de terem accesso á leitura de todos os bons Periodicos, e dos livros que existirem nelle.

Para que destes Elementos se possa formar com

mais brevidade huma Bibliotheca ampla, e capaz de preencher os fins de huma geral instrucção, serão convidados os Subscriptores a entrarem para este Estabelecimento com as suas Livrarias particulares, ou com aquellas obras, que poderem dispensar do seu uso ordinario, as quaes serão recebidas pelo Bibliothecario, em depósito, ou por doação, do que se lhes dará huma clarza, e far-se-hão os assentos necessários. A doação, ou emprestimo far-se-ha pública por meio da Imprensa, e huma cópia della será remettida ao Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Capitão General desta Capitania, com o nome do que a houver feito, como de hum Bemfeitor do Público, Amigo da Patria, e zeloso dos verdadeiros interesses do Soberano.

Tomar-se-ha huma casa sufficiente, para os fins propostos, a qual deve ser dentro da Cidade, em sitio agradável, bem arejada, e não muito proxima aos lugares mais frequentados. Esta casa será ornada com a possível decencia, e sempre de modo, que se possa estar nella com aceio, e satisfação. Na sala principal, haverá huma grande meza com assentos ao redor, sobre a qual estarão as Gazetas mais recentes, papel, e tudo mais necessario para escripta.

Os Officiaes da Casa, por agora, serão unicamente hum Bibliothecario, hum moço servente, hum porteiro, e hum moço empregado em a trazer sempre no maior aceio. Criar-se-hão depois os mais Officiaes, que os Subscriptores julgarem necesarios.

O Bibliothecario, deverá ser hum sugeito de muito boa conducta, que saiba bem ler, escrever, e contar, sendo muito para desejar-se, que tenha conhecimento das Linguas, principalmente a Latina, Franceza, e Ingleza. Os moços serventes deverão tambem saber ler, escrever, e contar. O Porteiro terá as mesmas qualidades.

Todos estes Officiaes, e tudo quanto for relativo á execução do que estiver determinado pelos Subscriptores, a boa ordem, e regimen da Casa, ficarão debaixo da Authoridade do Censor.

O Author deste Plano offerece desde já em dom perpetuo todos os seus Livros, e cincoenta mil reis para o Fundo do Estabelecimento. Bahia 26 de Abril de 1811.

Pedro Gomes Ferraõ Castelbranco.

O Plano que annunciamos ao publico he hum daquelles monumentos que fazem honra as espirito humano. Contrario inteiramente ao systema do despotismo, que so tem por baze a ignorancia e o erro, hum governo legitimo e sabio conhece bem, que he da publica e liberal instrucção que depende não so a civilização e prosperidade nacional, mas o fundamento da moral e dos costumes. Nos vemos com extraordinario prazer hirem-se realizando as nossas expectaçoes a cerca do nascente Imperio do Brazil; e a pezar do veo denegrido, com que a malignidade pertendia encobrir as luzes, e paternaes intençoes do seu governo; ella deve ficar confundida e balbuciante a vista de hum estabelecimento, que mostra da maneira a mais satisfactoria a liberalidade e zelo de hum Principe digno e justo pelos mais caros interesses do seu povo, como tambem a efficaz cooperação de hum benemerito chefe subalterno; e finalmente as disposições agradaveis de hum publico que se apressa em adoptar, e a promover os principios mais nobres, e engrandecedores da sociedade. A Bahia pela sua localidade, pelo seu commercio, e pelas vantagens que deve derivar de hum tal estabelecimento de baixo dos auspicios do seu esclarecido Governador, não duvidamos, que seja em pouco tempo huma das primeiras cidades do mundo em commercio, e artes. Com que satisfação não deve exultar o Brazilião ao ver chegada a epocha em que o nome do seu paiz vai entrar na lista das Naçoens felizes da terra, e comque gloria não vai cobrir-se a Monarquia Portugueza por assentar tam grandemente a sua baze naquellas faustissimas regiões, e plantar no seio d'ellas com tam prospero agoiro as sementes daquella energia, a que foi pouco o mundo! Nos não podemos expressar assas vivamente os sentimentos de jubilo que nos transportao á idea desta fundação magnifica, e esperançosa,

senaõ offerecendo-nos quanto estiver da nossa parte, em concorrer para o lustre da Bibliotheca Bahianense suggerindo algumas observaçoens sobre o melhora-mento de que este excellente plano he susceptivel, e indicando, sendo perguntados, quaes sejaõ os li-vros mais adoptados para a constituir, e cuja lei-tura pode ser mais proficua nas actuaes circumstancias do Brazil.

MEXICO.

25 de ABRIL de 1811.

Por hum extraordinario vindo de S. Luis Potosi, e chegado a esta Capital em a noite do dia 23 do corrente, recebeo o Ex^{mo}. Vice-Rey com hum Officio do Brigadeiro General D. Felix Maria Calleja copia da parte, que de Monclova tinha dado a este General o Tenente Coronel D. Simaõ de Herrera, em data de 28 de Março passado, e he o seguinte

Officio de D. Simaõ Herrera ao Brigadeiro General D. Felix Maria Calleja.

Snr. General das tropas d'El Rey em a nova Hespanha : as copias que remetto marcadas com os numeros 1, 2, 3, 4, e 5 informaraõ a V. S. a respeito da estimavel tomadia, que o nunca assaz louvado D. Ignacio Elizondo, com a tropa desta Provincia, fez dos principaes Chefes, que promoveraõ neste Reino a escandaloza insurreiçaõ, que o tem devastado. Pareceo-me que devia communicar, sem perda de tempo, a V. S. esta taõ interessante noticia; esperando obter quanto antes, (e logo que as continuas occupaçoens, que occorrem nas complicadas circumstancias de huma epoca revolucionaria, ão permittaõ) tudo o que necessito para instrui-lo a respeito da minha prizaõ, e separaçãõ que se fez de minha pessoa, e d'outros Officiaes da Provincia de Taxas.

Logo que nesta se me confiou o commando interino por huma junta que se creou, passei ordem ao Capitaõ D. Ramaõ Dias Bostamante para que perseguisse, e atacasse huma partida de insurgentes, que se achavaõ na bõca de Leones; o que eme verificou desbaratando com 63 homens o numero de

204 de que se compunha, tomando-lhes armas, hum estandarte, e trinta, e dois mil pezos, que, tinhaõ tomado pertencentes ao Ill^{mo}. Snr. Bispo do novo Reino de Leaõ. Concluida esta acção, destacou hum piquete com ordem de seguir outra partida, commandada por hum D. Rafael Hermosillo, a qual foi tomada na Villa de Cadereyta na Provincia do novo Reino de Leaõ, segundo se me caba de participar. — Supposta a liberdade que misericordiozamente disfructo, eu só aspiro a que V. S. se digne dar-me suas ulteriores ordens, ou seja para perseguir com estas tropas as diferentes partidas de insurgentes, que andaõ soltas, commandadas por chefes inop^{tos}, que se tem levantado quasi em todas as povoaçoens; ou para outro destino em que V. S. queira occupar-me com utilidade do serviço do Rey, &c.

Deos guarde a V. S. muitos annos. Monclova 28 de Março de 1811.—Simaõ de Herrera—Snr. Brigadeiro General das tropas do Rey, D. Felix Maria Calleja.

Officio de D. Simaõ Herrera ao Brigadeiro General D. Nemesio Salcedo.

Snr. Commandante General. Com data de 21 do corrente dei parte a V. S. do gloriozo ataque, que deraõ, com a maior galhardia, e denodo as tropas, e habitantes desta Provincia contra o exercito dos insurgentes: e como prometti a V. S. detalha-lo, logo que tivesse as necessarias noticias para o fazer, o faço agora, ainda que não seja com a exactidaõ que dezejava, por me ser pouco todo o tempo para attender á multidaõ de graves occurrencias, a maior parte das quaes exigem minha assistencia pessoal.

Na tarde do dia 19 do corrente sabio desta Villa o Capitaõ reformado D. Ignacio Elizondo á frente de 342 soldados veteranos, milicianos, e habitantes levando por seu segundo o Tenente D. Rafael do Valle, e por subalternos o Alferes D. Joze Maria Uranga,

Tenentes D. Antonio Grego, e D. Joze Maria Gonzales, os Alferes D. Nicoláo Elizondo, D. Joze Maria Ximenes, e D. Diego Montemaior; e por Chefes dos paizanos a D. Thomas Flores, administrador das rendas unidas desta Provincia, e a justiça de S. Boaventura D. Antonio Rivas: e dispondô a formação destas tropas na melhor ordem que foi possível, marchou o referido commandante com ellas para avançar-se hum pouco alem do posto de Bajan, onde as doze do dia seguinte acampáraõ com a noticia certa de que no dia immediato devia chegar aquelle posto o inimigo, por não haver outra passagem; e com este conhecimento se preparou para recebe-lo na ditoza manhã do dia 21, valendo-se do ardil de espera-lo com apparencias de hum recebimento obsequiozo para o conduzir a esta Capital, cujo avizo antecipadamente se tinha dado ao General Ximenes.

Com tal dispozição, e a de formar em batalha a maior parte da tropa, deixou o commandante na sua retaguarda hum piquete de cincoenta homens, e pôz na vanguarda outro de Indios em numero de trinta e nove entrando os da missaõ de Pellotes, bem instruidos da maneira comque deviaõ obrar.

A's nove da manhã se avistou a vanguarda inimiga composta de hum *fradé Mercenario*, hum Tenente, e quatro soldados das tropas desta Provincia, que tinhaõ emigrado para o exercito insurgente; e saudando-se mutuamente, sem recear coiza alguma, continuaraõ sua marcha ate onde estava a retaguarda, e ali se lhes intimou que se rendessem, o que fizeraõ sem replica. Seguia-se a estes outro piquete de sessenta homens, com quem se praticou a mesma operaçã, desarmando-os, e prendendo-os sem perda de hum momento. Após estes vinha hum coche com humas mulheres, escoltado por doze, ou quatorze homens, que preparando as armas para offender nossa tropa, esta lhe correspondeo desbaratando-os inteiramente com morte de tres, e prizaõ dos mais. Nesta ordem foraõ entrando ate quatorze coches com os Generaes, *Frades*, e *Clerigos*, que constaõ da relaçaõ No. 1.; e ao chegar o coche em que vinhaõ Allende que se intitula *Generalissimo*, Ximenes, *Capitaõ General*, Arias e o filho de Allende, *Tenentes Generaes*, se lhes ia-

timou, que se rendessem, e não obedecendo Allende, pelo contrario tratando-os de traidores, disparou huma pistola a Elizondo, que furtando-lhe o corpo, e ficando sem lezaõ, ordenou á tropa que atirasse, de cujas descargas ficou morto o filho de Allende, e mui gravemente ferido Arias; e Ximenes vendo isto arrojou-se do coche, dando-se por prezo, e supplicando que parasse o fogo; em consequencia do que foi amarrado, e os mais, e remettidos para a retaguarda.

Fechava a retaguarda dos insurgentes o *Cura Hidalgo*, o qual com huma escolta de 20 homens, commandados por hum *assassino* chamado Marroquin, marchava com as armas apresentadas; e logo que chegaraõ ao ponto em que estava o Commandante Elizondo, se lhes intimou que se rendessem, e o fizeraõ sem resistencia.

Reunida n'hum ponto toda a quadrilha dos perversos insurgentes de que acima se faz mençaõ, e ficando parte da tropa para os guardar, Elizondo avançou com cento, e cincoenta homens a encontrar-se com a artilharia, que conduziaõ em boa ordem collocada na retaguarda, e guarnecida com quinhentos homens. A hum quarto de hora de marcha acontrou-se com ella, e dizendo ao que a commandava que se rendesse, a resposta foi preparar-se para applicar a mecha aos tres canhoens, que formavaõ a vanguarda; o que observado por Elizondo, e por alguns Indios, que o acompanhavaõ, se lançaraõ precipitadamente sobre os artilheiros, matando Elizondo a hum delles, e os Indios a outros com as lanças. Intimidados sobre maneira os mais, fugiraõ huns, e passáraõ outros para o nosso campo, contando-se entre elles muitos soldados veteranos, milicianos, e paizanos, que se tinhaõ passado para os *insurgentes* no campo de Aguanueva. Nesta situaçaõ ordenou Elizondo, que se perseguisse os fugitivos, prendeo os mais, e apoderou-se da artilharia que consta do documento No. 2. bem como dos petrechos constantes da relaçaõ No. 3.: tomou dois guioens, e huma bandeira com a cruz de Borgonha, toda a prata cunhada, que conduziaõ no meio dos coches, cuja somma sobe a mais de quinhentos

tos mil pezos, segundo parece, pois que inda não houve tempo de reconhecer a sua totalidade.

O numero dos prizioneiros chega o oito centos noventa, e tres, comprehendidos entre elles muitos que se intitulaõ coronéis, majores, &c., e todos *da peor especie de homens que tem pizado o solo Americano*. O numero dos Generaes, Chefes, Frades e Clerigos se refere na relação N.º 4.

Tenho dito a V. S. que eu reforcei a partida commandada por Elizondo com outras duas commandadas pelo Capitaõ reformado D. Pedro Nolasco, e Tenente Coronel D. Manoel Salcedo; os quaes ainda que não chegáraõ a horas da acção, foraõ de summa utilidade para guardar aquella noite, os reos, avançar partidas de precaução, pôr guardas de segurança, recolher cavallos, e homens dispersos acreditando em todas estas operaçoens o referido Tenente Coronel D. Manoel Salcedo o talento militar, que possui, a actividade, zelo, e patriotismo, que o caracterizaõ.

Em meu conceito he tão brilhante a acção de Elizondo, e seos subalternos, que para sua recommendação basta só descrevê-la. Nella se encontra valor extraordinario, summa intrepidez, fervoroso patriotismo, e hum arrojo tão inimitavel, que livrou a a Patria dos monstros sanguinarios que abortou para sua destruição.

Este serviço tão extraordinario me impoem a mais estreita obrigação de recommendar a V. S. o merito de todos os Officiaes, tropa, e honrados paizanos, que concorreraõ, e assistiraõ a esta acção, tão entusiasmados, e dispostos a bater-se, que dava trabalho o conte-los; e considerando que todos devem ser premiados, a bondade de V. S. o verificará com todas as graduaçõens, e honras, que lhe pareça, particularmente com os que constaõ da relação N.º 5. *, que foraõ os que pozeraõ na melhor dispozição as tropas, e povo, paraque sacudissem o tyranno, e insurgente jugo, que os opprimia, com detrimento do dominio e Soberania, que por mais de 300 an

* Não apparece esta relação em nenhuma das Gazetas do Mexico, que temos prezentes, e que chegaõ ate 30 de Abril.

nos tem o legitimo, e digno successor do Throno de Hespanha nosso suspirado Rey o Senhor D. FERNANDO VII.

Naõ se conhece por ora o numero dos insurgentes mortos, porque tendo fugido pelas serranias immediatas ao campo da acção foraõ mortos pelos Indios, e naõ se tem podido dar com os cadaveres, porem naõ saõ menos de trinta, ou quarenta os que pereceraõ ; o Chefe Arias, que ficou gravemente ferido, terminou a carreira de sua vida.

Deos Guarde a V. S. muitos annos. Monclova 28 de Março de 1811—Herrera—Snr. Commandante General D. Nemesio Sacedo,

Nº. 1.

Relaçãõ dos individuos apprehendidos na derrota que padeceraõ os insurgentes na paragem chamada de Bajan no dia 21 de Março de 1811, pelas tropas do Rey da Provincia de Coahuila.

RELIGIOZOS.

- Fr. Bernardo Conde—Franciscano.
- Fr. Gregorio da Conceiçãõ—Carmelita.
- Fr. Pedro Bustamante—Mercenario.
- Fr. Carlos Medina—Franciscano.

CLERIGOS.

- D. Miguel Hidalgo—Ex Generalissimo.
- D. Mariano Bellezs—Tenente General.
- D. Francisco Olmedo.
- D. Nicolaõ Naba.
- D. Joze Maria Salcido.
- D. Antonio Ruiz.
- D. Antonio Belan.
- D. Ignacio Hidalgo.

SECULARES.

- D. Ingacio Joze Allende—Generalissimo.
- D. Marianno Ximenes—Capitaõ General.
- D. Joaõ de Aldama—Tenente General.

- D. Manoel Santa Maria—Marechal.
 D. Marianno Abasolo—Marechal.
 D. Ignacia Camargo—Marechal.
 D. Nicoláo Zapata—Marechal.
 D. Francisco Lanzagorta—Marechal.
 D. Vicente Valencia—Director de Engenheiros.
 D. Manoel Ignacio Solis—Intendente do Exercito.
 D. Onofre Portugal—Brigadeiro.
 D. Joáo Baptista Carrasco—Brigadeiro.
 D. Joáo Ignacio Ramon—Brigadeiro.
 D. Joze Santos Villa—Coronel.
 D. Manoel Chico—Coronel reformado.
 D. Pedro Leaõ—Major da Praça.
 D. Vicente Saldierna—Tenente Coronel reformado.
 D. Jozé Miguel Arroyo—Tenente Coronel.
 D. Antonio Alvares Vega—Sargento Mor reformado.
 D. Vicente Acosta—Sargento Mor.
 D. Marianno Olivares—Tenente Coronel.
 D. Joze Maria Echais.
 D. Carlos Zepeda—Coronel.
 D. Joze dos los Angulos—Tenente.
 D. Marianno Hidalgo.
 D. Valentim Hernandez—Alferes.
 D. Ignacio Chaves—Capitaõ honorario.
 D. Joze Antonio Navaes—Alferes.
 D. Ramon Garcez. Lic.
 D. Manoel Garcez.
 D. Antonio Nieva.
 D. Jeronimo Balteza.
 D. Joaquim Ximenes.
 D. Theodore Chabell.
 D. Francisco Pastor.
 D. Joze Maria Canal.
 D. Vicente Frias.
 D. Pedro Taboada.
 D. Joáo Echais.
 D. Sebastiaõ Conejo.
 D. Manoel Maria Lanzagorta.
 D. Joze Maria Chico. Lic.
 D. Joze Maria Letona. Lic.
 D. Jacobo Amado—Tenente Coronel.
 D. Luis Malo—Coronel.

D. Joze Maria Segura—Sargento Mor.

D. Francisco Mascaranhas—Coronel.

D. Luis Lara Tenente Coronel.

Monclova, 28 de Março de 1811. Herrera.

Nº. 2.

Relação da Artilharia tomada aos insurgentes pelas tropas do Rey da Provincia de Coahuila na derrota que padecerão a 21 de Março de 1811.

24 canhoens montados—do calibre de 4, 6, e 8.

3 Pedreiros desmontados.

Monclova, 28 de Março de 1811. Herrera.

Nº. 3.

Relação das muniçoens, e petrechos de guerra que se tomaraõ aos insurgentes pelas tropas do Rey da Provincia de Coahuila no lugar de Bajan a 21 de Março de 1811.

18 caixotes de balas.

70 cartuchos para canhaõ.

22 caixoens de polvera.

50 carros dois dos quaes estaõ forrados de folha de lata emque vinhaõ as muniçoens.

Monclova, 28 de Março, de 1811. Herrera.

REPREZENTAÇÃO

Que ao Ex^{mo}. D. Francisco Xavier Venegas, Vice-Rey do Mexico fizeraõ Martin Garcia, e Joze Ignacio Aguirrevengoa por si, e por huma Sociedade de homens honrados, vivamente estimulados por seu patriotismo, entregando a S. Ex^{ca}. 6575 pezos, para serem enviados ao immortal Patriota, D. Joaõ Martin (o Empecinado,) rogando-lhe izentasse de direitos aquelle somma.

Ex^{mo}. S^o.

Todos os homens de bem se regozijão, e deleitaõ naturalmente com a lembrança das heroicas acçoens de virtude, de valor, e patriotismo; e nenhum Hespanhol negará ao Empecinado sua admiração, respeito, e gratidão, contemplando-o rodeado dos exercitos poderozos, e incarniçados do tyranno

universal, emprehendendo a guerra elle só, engrossando-se rapidamente por suas façanhas, mantendo, vestindo, armando, e multiplicando companheiros á custa do inimigo, e com seos proprios despojos, ate compor, ha dois annos de huma luta taõ glorioza, a forte Divizao que aterra a cada passo os soberbos Francezes. O Empecinado será pois, em todas as idades, o modelo da virtude, valor, e patriotismo; e seu nome obterá em nossa historia os elogios devidos ao fundador das Guerrilhas, açoite, dos invasores aleivosos, e ao Heroe da Castilla.

Huma Sociedade de Cidadãos honrados se occupava destas ideas agradaveis ao chegar a gazeta da Regencia em data de 7 de Fevereiro ultimo, pela qual se vê que o Brigadeiro D. Joaõ Martin tinha aterrado os habitantes de Madrid, e vizinhanças, em prezença mesmo das orgulhozas hostes conjuradas contra elle: porem que sua manutenção se entregava á generozidade Hespanhola por maons de tres commissarios deznados em Cadix. Nenhum dos assistentes á leitura pode conter os bellos sentimentos de seu coração; e nesse mesmo acto subscreverão com 6,573 pezos duros, conforme consta da lista junta, cuja quantia dezejariaõ, que embarcasse em o navio Minho de D. Joaõ Felipe Laurnaga á consignaço de D. Bernardo Riega, se este rasgo de patriotismo merecer a superior approvaço de V. Ex.^a e a izençaõ dos direitos Reaes, e Municipaes, propria dos donativos publicos.

Deos guarde a V. Ex.^{ca} muitos annos. Mexico 18 de Abril de 1811.—Ex.^{mo}. Snr. Martin Garcia—Joze Ignacio Aguirre-vengoa.—Ex.^{mo}. Snr. Vice-Rey, D. Francisco Xavier Venegas.

Este rasgo de patriotismo, recommendavel pelo donativo, por sua espontaneidade, pelo grande objecto a que se consagra, e taobem pelo lustre que acrescenta á gloria do immortal Chefe o Brigadeiro D. Joaõ Martin, derramou o prazer no coração sensivel, e virtuozo do digno Chefe deste Reino, justo apreciador do verdadeiro merito, e da generozidade opportuna. Por consequente aceitou immediatamente, e com particular satisfacaõ, o offerecimento da subscripaõ apresentada, izentou-a de todos os direitos, e deo os mais affectuosos, e expressivos agradecimentos aos individuos subscriptores, que se julgavaõ ja recompensados pelo testemunho da sua propria consciencia.

Profundamente penetrado S. Ex.^{ca} do valor heroico,

e dos altos feitos do invencivel Empecinado, e de seos guerreiros intrepididos, e audazes; conhecendo melhot que ninguem a extensão, e importancia de seos grandes, e desinteressados serviços feitos á Religião, ao Throno, e á Patria; dezejando amplia-los por todos os meios que seo discreto zêlo lhe dicta; persuadido pela prova anterior do enthusiasmo geral, e dos bellos sentimentos a favor deste admiravel Campião; seguro da liberalidade dos leaes, e generozos habitantes do Mexico, que se antecipão ás occazioens para mostrar sua nobre gratidão aos heroes nossos Irmaons que sellão com seu proprio sangue nossa mesma liberdade, segurança, e propriedade; não querendo em fim S. Ex^{ca}. retardar aos benemeritos Vassallos das Indias a parte que dezejarem tomar nas proezas do incomparavel Empecinado, houve por bem mandar que se publique a subscripção voluntaria, para auxilio, manutenção, e excitamento das guerrilhas de D. João Martin.

Em consequencia foi S. Ex^{ca}. servido recommendar a sollicitude, e collectação deste donativo patriotico tão preciozo, e util, sem tempo limitado, no Mexico a D. Joze Ignacio Aguirrevengoa, e D. João Antonio Cobian; em Vera Cruz a D. João Felipe Larnaga, e D. Juliaõ Antonio Lhano—em Puebla a D. Domingo Usabiaga, e D. Joze de Aguirre, e em Oaxaca ao Tenente Coronel D. Francisco Antonio de Goytia e D. Ventura Gutierrez de Via, feitor dos tabacos, authorizando os Commissionados de Vera Cruz para o registamento, e remessa directa, e franca de direitos, a D. Bernardo Riega, D. João Facundo Caballero, e D. João de Madrid Davila, principaes encarregados do famoso Empecinado em Cadix; deste homem memoravel accredor a nosso eterno reconhecimento, á nosso amor, e soccorros. Do empenho ardente, do intimo interesse, que manifesta nosso amavel Vice-Rey em a colher, applaudir, e dilatar este formoso, e benefico pensamento, pode, e deve deduzir-se a sua preferivel e grandioza influencia sobre os maravilhosos successos da Peninsula, que excitaõ o assombro do universo, e aos quaes estamos obrigados a concorrer com os nossos auxilios, se aspiramos a ser dignos do nome respeitavel de Hespanhoes.

POR falta de lugar, rezervamos para o numero seguinte, a continuacão de noticias igualmente interessantes desta parte do America. Seria para dezejar que as Cortes, e Governo Hespanhol aproveitando este exemplo de generosidade e patriotismo, em vez de se occuparem em discussões inuteis, e intempestivas, cuidassem de animar aquellas disposições favoraveis a sua cauza, que so lhe podem fornecer guerreiros, e defensores do paiz, que se não hade libertar com palavras.

MONTEVIDEO.

PROCLAMAÇÃO DE ELIO

O Viceroy destas Provincias aos habitantes de toda a planicie da margem oriental do Rio de Prata.

HABITANTES de toda esta planicie, e suas vezinhanças. As intrigas e suggestoens da dezesperada Junta de Buenos Ayres, vos tem precipitado n'hum projecto o mais louco, e o mais criminal. Retirai-vos para vossas cazas, ide gozar da vossa primeira tranquillidade, e vos não sereis perseguidos; alias, a vossa ruina, e a de vossas familias está certissima. A Junta de Buenos Ayres nem quer, nem pode dar-vos os reforços de soldados, e armas, que vos prometteo, por que os não tem, nem pode expedição alguma atravessar o Rio, sem ser totalmente destruida pelos vazos com que o tenho atulhado; mas suppondo mesmo que huma parte escapava, de que serviço lhe poderia isso ser? Considerai, que a huma so ordem minha marcharaõ quatro mil Portuguezes, e entraraõ nesse territorio, cuja força obrando de concerto com a expedição ja avançada na planicie vos porá entre dous fogos. Vos não podeis escapar, nem a vossa contração naquelle periodo vos servirá de couza alguma. Por ora, ainda tendes tempo, retirai-vos para vossas cazas. Nada mais vos digo, se me dezobedeceis, perecereis inevitavelmente, e todos os vossos bens serao confiscados.

Montevideo, 20 de Março de 1811.

BUENOS AYRES.

As Gazettas do Rio da Prata na data de 2 de Maio nos daõ as seguintes informaçoens, (cuja verdade por ora não affiançamos.)

O General Belgrano que commanda as tropas de Buenos Ayres, tem bloqueado Montevideo pela parte da terra com huma

força de 6 para 7000 homens; e tem tido a boa fortuna de tomar hum rebanho de 6000 bois, destinados para o supprimento daquella praça. As provizoens em Monte Video se vendem como em todas as cidades de Hespanha, por hum preço determinado pela municipalidade. Havia tal carestia de carne dentro da fortaleza, que nenhum individuo tinha licença de gastar mais de hum real em carne para a sua individual subsistencia. Elio não tinha mais de 800 homens ás suas ordens; e toda a população da praça, sem excepção mesmo das tropas, estava mui descontente com o seu Governo, de maneira que se esperava, que esta festante possessão da Velha Hespanha no lado oriental do Continente do Sul cedo cahiria de baixo do poder do partido revolucionario.

A Junta de Buenos Ayres publicou huma noticia, para que todas as pessoas que tivessem vazos capazes de armar-se, e que quizessem obrar contra a esquadra de Monte Video, serião providos de muniçoens e artilharia a custa do Governo.

Elio continua com as suas violentas proclamaçoens, das quaes transcrevemos a seguinte.

Em virtude dos poderes de que estou investido, e por minha authoridade como Vicerey e Capitão General destas Coloniaes, declaro em nome do nosso Augusto Soberano, Fernando VII. e da Nação, que o revolucionario e tyranico Governo de Buenos Ayres está em estado de rebelião contra o nosso Legitimo Principe. Que todos os que compoem tal Governo, e todos os que pegão em armas ou transmittem supprimentos em seu soccorro, para que elle possa atacar o sagrado estendarte do Rei de Hespanha, serão julgados traidores ao seu Monarca e Estado, e como taes processados, sentenciados e punidos. E para que esta nossa determinação em nome de sua Magestade, e de seu reino se faça conhecida a todos, será publicada em ordens Geraes, e afixada em todos os lugares publicos, para que ninguém possa allegar ignorancia.

(Assignado)

XAVIER ELIO.

A Junta da cidade de Buenos Ayres em resposta á primeira das proclamaçoens de Elio, publicou a seguinte carta official, recebida do Conde de Linhares, Ministro dos Negocios Estrangeiros na Corte do Brazil:—

Excellentissimos Senhores,

A carta que por ordem de vossas Excellencias me foi

escripta por vosso Secretario D. Mariano Moreno, tendo sido introduzida na augusta presença da Sua Alteza Real o Principe Regente de Portugal, sou mandado informar-vos, que os sentimentos de respeito, e fidelidade que a junta tem mostrado para com Sua Magestade Catholica, Fernando VII, e seos legitimos successores, saõ altamente agradaveis a Sua Alteza Real. Elle se apraz tambem de ver que a junta dezeja conservar para com Sua Alteza Real, aquella disposiçaõ de amizade e boa harmonia, que a connexaõ de seos respectivos territorios exige, os habitantes dos quaes saõ unidos pela natureza, pela religiaõ, e quasi pela identidade de lingoagem.

Nestas circumstancias, Sua Alteza Real me authoriza a darvos parte da sua terna sensibilidade para com vosco, pela affeicão que tendes expressado, e a declarar-vos que elle não tomará parte qualquer nas dissensoens internas dos vassallos de hum Principe, alliado com elle pelo sangue, e por todas os outros vinculos; e que os seos unicos votos saõ que taes dissensoens tenham huma prompta e util terminaçaõ; e que Elle adoptará aquelles meios que julgar necessarios para prevenir que a chama da guerra civil se extenda athe os seos dominios, em conformidade do seu disvello em conservar o bem, e a tranquillidade de seos vassallos, a que elles tem todos os direitos.

Comprindo, tambem, com as ordens do Principe meu Amo, tenho a honra de apresentar á Vossas Excellencias os meos sentimentos da mui alta consideraçaõ e estima, e de confessar-me, &c.

Vosso mais attento, e obsequioso servo,

CONDE DE LINHARES.

A suas Excellencias o Prezidente, e os outros Membros da Junta de Buenos Ayres.

Naõ he precisa muita penetraçaõ para antever qual será o effeito das proclamaçoens de Elio. Quanto a nos, ellas so poderaõ servir de irritar mais os animos dos que elle chama rebeldes.—Sem entrarmos nessa questãõ, faremos somente algumas observaçoens, que nos naõ parecem intempestivas.

Se as cartas de Cadiz as mais fide dignas dizem a verdade, os Inglezes tem offerecido a sua mediaçaõ ao Governo de Cadiz para accommodar as differenças entre as Colonias e a Metropole. Neste caso,

em que funda Elio o seu apoio? Que meios tem de executar os seus ameaços? Sem forças maritimas nem terrestres, que se possam chamar exercito ou armada, não parece loucura pertender effectuar o que não conseguiu toda a Potencia Militar, e Maritima da Gran-Bretanha desde 1775 até 1782, que se vio obrigada a reconhecer a independencia dos Estados Unidos? Contudo, por mais extraordinario que pareça o projecto de Elio, não nos surprenderá, se o virmos realizado; sobre tudo quando consideramos que a maior parte dos homens, que se dizem de Estado, nunca obraõ conformes aos principios da razaõ, mas sim guiados por interesses particulares; quando reflectimos no conflicto dos sentimentos diversos, e até oppostos, que se tem excitado na presente crize, sobre animos tam diversos, e por taõ contrarios interesses.

Quem ignora que o Hespanhol nascido na Europa, o Creolo nascido n'America Hespanhola, o Indio, o Negro, o Mulato todos elles deversificaõ em sentimentos, em paixoes e nos interesses? Quem pode prever o resultado destes animos e paixoes provocadas, de huma parte pelos Negociantes que querem aproveitar-se do embaraço da Peninsula destituida inteiramente de fabricas, de navios, de capital, para adquerir a navegaçaõ e o commercio dos portos da America Hespanhola, em que d'antes so podiaõ entrar por contrabando, e de outra parte instigados contra os Inglezes pelos Negociantes Hespanhoes, que pretendem conservar ainda o privilegio exclusivo que tinhaõ, sem reflectir que o exemplo do Brazil aberto aos Estrangeiros concorre, para que os Americanos dezejem, pelos seus interesses, e pode dizer-se, absoluta necessidade, ter hum commercio livre com a Europa.

Os primeiros encherãõ a America de Emissarios para excitar o dezejo da liberdade do commercio, ainda mesmo a troco da independencia; e não reflectirao que fomentavaõ a guerra civil contraria a todo o commercio.

Os segundos não reflectem, e so dezejaõ conservar o que já não possuem.

Este systema hoje predominante, nutrindo ao longe

as commoçoens e os partidos, e subjugando em caza o espirito do Governo, que so podia emendar esta ordem de couzas, deve necessariamente produzir resultados inesperados, e nunca trazer o fim por que se contende; por isso mesmo que se contradiz na sua marcha; e he hum facto reconhecido que todo o corpo tanto physico, como politico, compellido por forças oppostas segue hum ramo differente da direçaõ que lhe dá cada huma daquellas forças de persi.

No meio de tudo isto vemos com prazer o partido de moderaçaõ que adoptou a Corte do Rio de Janeiro, as disposiçoens pacificas, e couservadoras de hum Principe, que so tem per mira naõ o futil engrandecimento de terreno e dominio, mas sim o bem, e a tranquillidade dos seos vassallos, a bem merecida amizade e perfeita harmonia dos seos alliados; os sabios e justos principios de hum Ministro, cuja sagacidade e rectidaõ lhe tem revelado o methodo, e as medidas mais conducentes para a felicidade da sua Naçaõ, e da especie humana em geral, de cujos interesses elle he fervoroso e constante advogado; principios estes que teriaõ tido rezultados mais efficazes, se fossem mais geralmente adoptados; e se o livramento da Peninsula fosse o unico excluzivo objecto das vistas, e operaçoens do Governo de Cadiz, e das Cortes,

ESTADOS UNIDOS.

Adresse de Mr. Smith ultimo Secretario de Estado aos seus concidadaos por occasião de largar a secretaria que occupava naquella paiz.

NA introdução elle explica os motivos porque se dirige aos seus concidadaos, da maneira seguinte:—

‘Eu devo ao povo dos Estados Unidos huma exposição das circumstancias, que me obrigaraõ a deixar a Secretaria de Estado. Este dever dezagradavel como he, vai ser por mim agora preenchido. Elle me he imposto pela irresistivel necessidade de obviar as sinceras, e erroneas imputaçoes de alguns, e ás vagas e falsas representaçoes de outros. Entrando constrangido nesta materia, devo prevenir, que esta exposiçãõ será unicamente huma simples e curta narrativa de factos, com as observaçoens meramente necessarias para a sua elucidaçãõ. O meu objecto he justificar-me, e se nesta justificaçãõ se envolverem algumas questoes serias relativamente a Mr. Madison, declaro que esta consequencia he inevitavel. Eu vejo nesta empreza a tempestade, com que tenho de lutar—tempestade que vai ser excitada pelos parasitas de authoridade: mas tenho ao mesmo tempo a consolaçãõ, que me apresenta o axioma Americano “*Justeza, e não homens;*” caracter distinctivo do povo independente de huma republica representativa. Alem disso, he huma verdade sabida por todos, e confirmada pela experiencia, que ha sempre risco na plena execuçãõ de hum dever.

A offerta que Mr. Madison me fez da missãõ a Russia, que elle confessava ser da ultima importancia para o commercio dos Estados Unidos, e a nomeaçãõ mais honorifica do nosso Governo, he huma prova evidente da sua confiança para commigo, no que toca á fidelidade, e capacidade em negocios publicos.

Esta offerta foi acompanhada de algumas observaçoens, apparentemente feitas com modestia, relativas á differença de opiniaõ, que infelizmente tinha existido entre mim e elle a cerca de certas *medidas* e de certas *nomeaçoes*, e em que elle parecia ter em vista particularmente as letras de cambio, tocante ás nossas relaçoens exteriores, que Mr. Macon introduzira, na sessãõ de 1809—1810, e na lei do naõ-intercurso da ultima sessãõ. Posto que na offerta daquella missãõ, a lingoagem, assim como

as observações não fossem de sorte alguma offensivas, comtudo indicavaõ certo embaraço e difficuldade, que me fazião duvidar do seu verdadeiro objecto. Pela influencia desta suspeita, er-guendo-me do meu assento, com o decoro devido a hum Pre-zidente dos Estados Unidos, eu lhe disse claramente, que em razão do nosso pensar differente sobre muitos objectos, eu tinha formado tenção de me retirar da sua administração; que tinha effectivamente communicado a varios dos meus amigos esta de-terminação, e que para executar o meu desigmo, só esperava o momento, em que o podesse effectuar sem complicação de querellas entre os nossos respectivos amigos; e retirando-me, lhe notei que seriamente reflectiria se a caso a offerta da mis-são a Russia, me daria aquella oportunidade. Com indizível espanto, comtudo, sube em poucos dias, que durante a ultima Sessão certos Membros do Congresso vierão dizer, voltando para suas cazas, que tal offerta se me fizera a fim de pôr Mr. Munroe naquelle lugar do Estado. Eu mencionei, por con-sequente, esta noticia a Mr. Madison com huma decente indig-nação, quando veio saber de mim o resultado das minhas re-flexoens sobre a proposta missão. Immediatamente, mas com manifesta confuzão, elle protestou que não authorizara de modo algum tal rumor, nem mesmo essa idea. Eu repiquei, que não podia attribuir huma tranzação tam baixa ao Prezidente dos Estados Unidos, mas como hum rumor de natureza tam delicada actualmente circulava, os meus sentimentos de honra pediaõ, que não hezitasse hum momento em rejeitar a offerta da missão: nem podia, pelos mesmos principios, consentir em conservar-me na secretaria de Estado, debaixo de taes circum-stancias. Rematei a conversação observando, com dignidade, que sem duvida neste negocio havia alguma vergonhosa intriga, e supprimi o desejo que tinha de lhe dizer, que elle tinha entrado nelle inconsideradamente.

O poder que tem o Prezidente dos Estados Unidos, de remover qualquer official, que não seja hum Juiz, he in-questionavel; nem pode haver pretensão mais absurda que hum direito a huma secretaria. Mas sustenta-se, que este poder não pode, conforme o genio do nosso Governo, e o respeito devido ao Senado, ser exercido, como debaixo de hum despotismo arbitrario, pelo mero caprixo do Chefe; mas que naquelle ex-ercicio de poder, o Prezidente dos Estados Unidos deve ne-cessariamente ficar responsavel aos seus constituentes pela recti-daõ dos seus motivos. Isto me da lugar á hum exame das medidas alludidas por Mr. Madison, sobre as quaes se tem fun-dado a sua conducta a meo respeito, por esta occasião. Vou agora francamente apresentar cada huma destas medidas, impor-tantes ou não importantes, objecto da nossa differença de opiniao, em artigos separados, aos olhos do povo Americano,

na esperança, talvez enganosa, de que se achará nelles senão huma justificação, ao menos huma escuza em minha defeza.”

O primeiro artigo refere-se á carta de Mr. Smith á Mr. Erskine em que lhe perguntava, se acaso elle (Erskine) tinha intimado ao Governo Britanico, que a America estava prompta a entrar em arraujos sobre tres condiçoens especificadas; huma vez que se retirassem as suas Ordens em Conselho de Janeiro, e Novembro de 1807. Esta carta appareceo no *Times* em 4 de Janeiro de 1810; e Mr. Smith nada mais diz a cerca d'ella, senão que dezagrudara em demazia ao Presidente.

Art. 2. Houve huma seria differença de opiniaõ entre mim, e Mr. Madison sobre o bill, tocante ás nossas relaçoens estrangeiras, que Mr. Macon introduzira na sessaõ de 1809—1810. A politica, desenvolvida naquelle bill, se tornou bem depressa objecto de universal reprovaçaõ. Nem huma palavra a seu favor se achava em algum papel publico. Mui felismente por tanto, não foi imposto sobre a nacão. Em seu lugar todavia, se substituiu o Acto de Maio de 1810, que a voz do povo com indignaçã e por escarneo, chamava Art. 2. de Macon.

“ Todo o odio que estes dous bills excitaraõ pelos Estados Unidos, recahia por certo manejo sobre Macon e outros. Nestas medidas, tam imprudentes como vergonhosas, Mr. Madison não era de sorte alguma reconhecido pelos seos constituentes. Nenhuma suspeita havia, de que elle tivesse parte em actos tam miseravelmente calculados para effectuar o seu expresso designio de vingar insultos, de reparar damnos, e de manter os direitos dos Estados Unidos. Para explicar pois o vivissimo resentimento de Mr. Madison a respeito destes dous *bills*, foi absolutamente preciso para o fim deste *addreese*, levantar a cortina mysteriosa, que tinha ao principio inteiramente, e agora em parte, encoberto estas tranzaçoens; e dizer aos meos concidadaõs, que os reprovados bills, ordinariamente chamados os bills de Macon; eraõ de facto forjados pelo mesmo Mr. Madison que elles foraõ as suas grandes, e efficazes medidas da Sessaõ; que em vez de serem recommendados ao Congresso pelo mesmo Presidente, como a Constituiçaõ sabiamente requireo, passaraõ por diverso canal para as maõs de Macon, para serem, coma parecia, recommendados por elle.

“ Destas duas medidas, que não tinhaõ em vista os interesses, e a honra dos Estados Unidos, eu dispensei-me de ser o advogado, especialmente estando persuadido, que o bom senso,

os principios da honra, e os sentimentos patrioticos dos meos concidadaõs expressamente os condemnariaõ.

No Art. 3. Se referem as objecçoens de Mr. Smith contra o recado do Prezidente ao Congresso, convidando-o a applicar os recursos da naçaõ, para vingar insultos, reparar damnos, e manter os direitos dos Estados Unidos.

No 4. Se menciona a lei do Nao-intercurso da ultima sessaõ do Congresso, assim como a supposta revogaçaõ dos Decretos de Berlin, e Milaõ. Neste artigo Mr. Smith mostra, que inda quando aquelles Decretos se revogassem, nao era essa a unica condiçaõ, pela qual se havia suspender o Nao-intercurso para com a França; mas alem deste havia outro mui justo, e era, que havia tomar-se huma medida satisfactoria para restituir a propriedade tomada por ordem do Governo Francez. Mr. Smith mostra comtudo, que o Nao-intercurso havia remover-se por huma proclamaçaõ contra França, no tempo em que Serrurier tinha *officialmente* communicado a decidida rezoluçaõ do seu Governo de nao restituir a propriedade, que tinha tomado, e quanto aos Decretos de Berlin e Milaõ, elle prova demais o mais que elles nunca até ao dia de hoje forao revogados.

No 5. Tracta-se de hum objecto de politica domestica exclusivamente, em que o Prezidente, e o Secretario nao concordao.

No 6. diz o seguinte,

Sensivel como eu tenho sido aos insultos, e prejuizos, que os Estados Unidos tem recebido repetidamente da Gram Bretanha, nao tenho sido tambem cego aos reiterados ultrages da França. E qual quer que tenha sido a minha opiniao a cerca dos edictos e procedimentos reciprocos daquellas Potencias; nao tenho nas minhas discussõens com os seos respectivos funcionarios, perdido de vista os interesses, os direitos, e a honra dos Estados Unidos. Nem senti jamais disposiçaõ alguma a identificar o meu paiz com qualquer das naçoens Belligerantes. Nunca deixei de manter os direitos, ou de livrar a honra dos Estados Unidos do receio, que a França, ou a Gram Bretanha tivessem de ser apresentadas ao mundo n'hum ponto de vista odioso.

O seguinte rascunho de huma carta ao General Armstrong foi conformemente feito por mim, logo depois que se recebeo a carta* do Duque de Cadore, a que elle se refere. Elle foi apresentado, segundo o costume, ao Prezidente, para ser approvado. Elle, contudo, objectou a que se mandasse. E como ha razao de crer que esta carta fazia hum dos motivos da hostilidade de Mr. Madison para comigo, he justo que a publique.

Gen. Armstrong. Deparamento de Estado. Junho, 1810.

Receberao-se a 21 de Maio as vossas cartas—com as respectivas incluzas.

* Copia do rascunho da carta destinada a mandar-se ao General Armstrong.

Em a nota do Duque de Cadore nada se pode perceber que justifique a tomada da propriedade Americana nos portos da França, e nos dos seus alliados. Os factos assim como os argumentos, que elle tem adoptado, se refutaõ pelos acontecimentos, que são conhecidos por todo a mundo, e particularmente por aquella moderação de character, que tem distinguido invariavelmente a conducta deste governo para com as naçoens Belligerentes. Depois de huma brandura igualada somente pela nossa firme observancia das leis da neutralidade, e dos principios immutaveis da justiça, he com não pequena surpresa que o Presidente percebe no Governo Francez huma disposição a representar os Estados Unidos, como o primeiro aggressor. Hum acto de violencia, que nas presentes circumstancias, não he nada menos que hum acto de guerra, requeria necessariamente huma explicação, que não somente satisfizesse aos Estados Unidos, mas ao mundo. A nota porem do Duque de Cadore, em vez de justificação, nem mesmo forneceo huma palliação plausivel, ou racional escuza pela tomada da propriedade Americana.

Os Estados Unidos não tem cessado hum momento de protestar contra as Ordens Britanicas em Concelho. A respeito da resistencia que os Estados Unidos julgaraõ proprio fazer a tam illegitimas restricçoens, he claro que ao Governo Americano cumpria so regular esse modo. Se hum systema de excluzão dos vasos, e mercadorias das Potencias belligerentes dos nossos portos foi preferida á guerra— Se a prohibicao municipal foi adoptada em vez da retribuição invasiva, com que propriedade pode o Imperador dos Francezes ver neste methodo de proceder couza alguma que não proceda do legitimo exercicio do poder Soberano? Tomar exercicio deste poder por huma cauza de reprezalia bellica, he huma especie de arbitrio, que a ser admittido, tenderia a subverter a soberania dos Estados Unidos.

A França tem convertido a nossa lei de excluzão em hum pretexto para tomar a propriedade dos cidadão's dos Estados Unidos. Este estatuto estava tambem em força contra os vasos da Gran Bretanha. Se a sua operação tem sido considerada pelo Governo Francez como bastantemente efficaz para justificar esta pretendida reprezalia, aquella mesma operação, por quanto devia ser mais severamente sentida pela Gran Bretanha, devia tambem ter sido considerada como constituindo huma resistencia ás suas ordens, a não existencia de cuja resistencia tinha sido referida pelo Duque de Cadore como pretexto para o acto de violencia perpetrado contra a propriedade Americana. Os Estados Unidos tendo resistido ás Ordens Britanicas, o real fundamento da queixa pareceria ser, não tanto porque o Governo Americano não resistio á huma taxa sobre a sua navegação, como porque resistio igualmente

aos decretos Francezes, que tinhaõ assumido hum poder prescriptivo sobre a politica dos Estados Unidos, tam reprehensivel, como culpavel a tentativa do Governo Britanico em levantar contribuiçoens sobre o nosso commercio. Colocado em huma situaçoõ, em que huma taxa era proclamada de hum lado, e de outro prescripta huma regra de açcão, o Governo dos Estados Unidos devia á sua honra o rezistir com medidas correspondentes á cubiça de hum, e a prezumpçaõ do outro. Quando o Governo Americano ve nas providencias das Ordens Britanicas huma assumpçaõ de poder maritimo em contravençaõ da lei das naçoens, como pode deixar tambem de perceber nos decretos Francezes a adopçaõ de hum principio igualmente derogatorio e injurioso ao caracter neutral dos Estados Unidos?

A pretençaõ de sujeitar a navegaçoõ Americana á huma taxa, como se avançou pela Ordem Britanica de Novembro, de 1807, foi na realidade removida pela ordem de 26 de Abril de 1809. Comtudo dez mezes depois que se revogou aquella pretençaõ, a sua allegada existencia fez a baze da reprehençaõ contra o Governo Americano pelo Imperador dos Francezes. Seria inutil commentar a disposiçaõ de insistir sobre a influencia predominante de hum facto que ja naõ existe; o qual, quando existio, foi uniformemente combatido, e a final extincçaõ do qual foi a manifesta consequencia das medidas deste Governo.

Se o Governo Americano tivesse tomado os vazos Francezes, como erroneamente se asseverava em a nota do Duque de Cadore, tal occurrencia deveria so attribuir-se a temeridade de seos proprietarios, e commandantes, que, depois de huma anterior notificaçoõ desde 1 de Março até 20 de Maio, do acto de excluzão, tivessem extranhamente prezumido violar com impunidade hum lei prohibitoria, e municipal dos Estados Unidos. Se a França tivesse prohibido aos nossos vazos todos os portos, que estaõ d'entro da esphera da sua influencia, e tivesse dado hum avizo de igual duraçoõ ao que foi dado pela nossa lei, naõ haveria cauza de queixume da parte dos Estados Unidos. O Governo Francez naõ teria tido occasiaõ de exercitar seu poder, de huma maneira tam contraria ás formas como ao espirito da justiça, sobre a propriedade dos cidadãos dos Estados Unidos.

Esteve em todo o tempo no poder da França, relativamente a si mesma, o suspender nossos actos de excluzão, de que ella se queixa, simplesmente annullando ou modificando os seos decretos. Fizeraõ-se propoziçoens para esse fim ao nosso Governo por vassa via. Ellas naõ forao acceitas. Pelo contrario, preferio-se a politica, que era amais apta para produzir a boa intelligencia entre os dous paizes. Pelo acto do

Congresso do ultima sessaõ, se offereceo ainda huma oppor-
tunidade á sua Magestade Imperial de estabelecer as mais ami-
gaveis relaçoens entre os Estados Unidos e a França. Re-
tire elle ou modifique seos decretos; restitua a propriedade
dos nossos cidadãos tam injustamente tomada; e a lei dos
Estados Unidos existe, que authoriza o Prezidente a pro-
mover a melhor intelligencia possível com França, e a impor
hum systema de excluzão contra os vazos, e mercadorias
da Gram Bretanha, quando ella se não queira conformar com
os mesmos justos termos de conciliação. Finalmente, como
o Imperador deve agora saber de facto, que nenhuns va-
zos Francezes forão illegitimamente tomados nos portos dos
Estados Unidos, poisque a lei de excluzão contra o comer-
cio da França não está mais em vigor, não pode haver hum
so pretexto racional para procrastinar o resgate da proprie-
dade Americana detida pelo Governo Francez, e entregala
aos seos respectivos donos.

Vos não deixareis de apresentar estas observaçoens ao Gover-
no Francez, para que o Imperador saiba que os Estados Unidos
insistem somente nos seos reconhecidos direitos, e que elles
ainda nutrem hum dezejo de ajustar todas as differenças com
o Governo Francez sobre huma baze igualmente proveitoza,
e honorifica para as duas naçoens.

Tenho a honra de ser, &c.

R. SMITH.

Gen. Armstrong, &c.

Em vez das observaçoens contidas na precedente
carta, o Prezidente ordenou a inserção simplesmente
da secção seguinte, que se acha na minha carta
de 5 de Junho de 1810.

Como o "John Adams" se espera todos os dias, e as
vossas ultteriores communicaçoes podem melhor habilitar-me a
adoptar no estado actual dos nossos negocios com o Governo
Francez, as observaçoens mais proprias a fazer-se relativamente
á tomadia da nossa propriedade, e á carta do Duque do Ca-
dore de 14 de Fevereiro, julgou proprio o Prezidente *não fa-
zer, por ora, taes observaçoens.* Eu não posso deixar, todavia,
de informar-vos que o Presidente sentio huma excessiva indig-
nação, assim como o publico, por este acto de violencia sobre
a nossa propriedade, e pelo insulto tanto em linguagem, como
em materia, da carta do Duque de Cadore, tam justamente
representado em a nota, que lhe enviastes a 10 de Março.

Merece noticiar-se, que a ultima sentença da secção su-
pra mencionada foi mera communicação pessoal, quanto a im-

pressão feita aqui por aquelle ultrage do Governo Francez, e de nenhuma sorte huma *instrucção* que se lhe fdisse para fazer patente ao Imperador da França a excessiva indignação sentida a tal respeito pelo Presidente, e pela Nação. O que mostra simplesmente, que o nosso executivo tinha, nesse tempo, so rezolução bastante para communicar ao *seu proprio* Ministro os sentimentos de indignação, que tinhaõ aqui sido excitados pelo enorme ultrage do decreto de Rambouillet, e pela insultante audacia da carta do Duque de Cadore.

Art. 7. Antes da sessão do Congresso no outono passado, eu expressei a Mr. Madison o meu receio, de que o Imperador de França não preenchesse *bona fide* as justas expectações dos Estados Unidos que o nosso commercio seria exposto nos seus portos a dezagradaveis embarços, e que o tabacco, e algodão com muita probabilidade não seriaõ admettidos *livremente* em França. Elle nutria huma diferente opiniaõ, e contava de certo que os decretos de Berlin, e Milão cessariaõ *bona fide* no 1 de Novembro de 1810; e que daquelle por diante as nossas relações commerciaes com a França não seriaõ mais perturbadas com restricções ou embarços quaesquer. Não obstante, eu lhe disse que os meus receios eraõ taes, que eu pertendia ter huma conversação com o General Turreau a esse respeito, na minha entrevista com elle a cerca de certificados de origem. No curso da correspondencia que dali rezultou, tive o dissabor de encontrar evidentes indicios de huma clara indifferença da parte de Mr. Madison. Em vez de animar, elle dezalentava absolutamente toda a tentativa de fazer observaçoens quaesquer sobre a carta do General Turreau de 10 de Dezembro, de 1810. Mas irrezestivelmente impellido, como eu era, por principios, e sentimentos absolutamente Americanos, preparei em resposta a minha carta de 18 de Dezembro, de 1810, e a apresentei a Mr. Madison. Percebendo ao lê-la que elle não acquiescia em mandala, lhe suggeri o mero expediente de acrescentar-lhe o que podesse fazer com que o Governo Britanico não desse tanta suppozição aos notivos expressos na carta.

Esta carta de 18 de Dezembro sendo tam notavel no catalogo das offenças que me attrahirao o desprazer de Mr. Madison, os nossos concidadaos julgaraõ dezapaixonadamente pela sua leitura se ella deve ser olhada como "hum peccado imperdoavel."

Art. 8. Refere-se a huma serie de propostos interrogatorios, que deviaõ mandar-se em huma carta a Mr. Serrurier, cuja carta foi supprimida pelo Presidente, e he a seguinte:—

Departamento de Estado, 20 de Fevereiro de 1811.

Snr.

Dezejando por na presença do Prezidente com a maior precisão a substancia da nossa conferencia de hoje, e sabendo que verbaes communicaçoes são muitas vezes mal entendidas, julgo proprio propor-vos de huma forma escripta, as perguntas, que tive a honra de mencionar-vos em conversação a saber.

“ 1. Foraõ os decretos de Berlin, e Milaõ revogados em *todo* ou em *parte* no 1 de Novembro passado? Ou, tem elles sido revogados em algum tempo posterior aquelle dia? Ou, tendes vos *instrucçoens* do vosso Governo para dar a este Governo alguma segurança ou explicação relativamente á revogação ou modificação daquelles decretos.”

“ 2. Admittem os decretos existentes da França nos portos Francezes, vazos Americanos, com ou sem licenças, carregados dos productos dos Estados Unidos, e debaixo de que regulamentos, e condiçoens.”

“ 3. Admittem elles nos portos Francezes, com ou sem licenças, vazos Americanos, carregados com artigos, nao productos dos Estados Unidos, e debaixo de que regulamentos, e condiçoens?

“ 4. Permittem elles, que vazos Americanos com ou sem licença, voltem de França para os Estados Unidos, e debaixo de que termos, e condiçoens?

“ 5. He a importação para França de artigos quaesquer, productos dos Estados Unidos absolutamente prohibida? Se assim he, quaes são as artigos prohibidos? São especialmente prohibidos o tabaco, e o algodão?

“ 6. Tendes vos *instrucçoens* do vosso Governo para dar a este Governo alguma segurança, ou explicação relativamente aos vazos Americanos, e cargas tomadas pelo decreto de Rambouillet?

Tenho a honra de ser, &c.

R. SMITH.”

Mr. Serrurier, &c.

Art. 9. Na minha carta a Mr. Erskine de 16 de Abril de 1809, Mr. Madison propoz, e insistio, contra as minhas ideas de exactidão, que se inserisse o seguinte parographo.

Mas eu tenho huma expressa recommendação do Prezidente, para dizer-vos, que em quanto elle deixa de insistir no ulterior castigo do official culpado, elle não conhece menos a justiça, e a utilidade de hum tal exemplo, nem está menos persuadido, que isso conviria melhor com o que deve Sua Magestade Britanica á sua propria honra.

A este parographo eu tinha duas objecções: 1. Não era reconciliavel com o alto decoro, que deve observar-se na correspondencia reciproca de Governos.

2. N'hum cazo individual, como no das Naçoens, quando se propoem huma reparação por hum aggravante insulto, a parte insultada não pode coherentemente aceitar huma reparação como satisfactoria, e insistir depois que tal reparação não satisfaz, como a honra pedia. Tal aceite daria a entender necessariamente, que a pusillaniedade da parte insultada, cedeo somente, por medo de hum conflicto, o que a sua logica lhe dizia ao mesmo tempo não ser adequada satisfação.

Art. 10. Refere-se ao manejo da disputa com Hespanha a cerca da Florida do Occidente.

Art. 11. Dis respeito a objectos de politica interior.

Segue-se a conclusão da obra: que aqui juntamos:

Tendo dado aos meos concidados hum prospecto das circumstancias pelas quaes deixei o emprego da Secretaria de Estado, não sera fora de proposito, pela sua connexão, dar-lhes hum curto esboço das circumstancias que acompanharão a minha acepção daquelle emprego.

Durante os oito annos d'administração de Mr. Jefferson, Mr. Madison, e eu eramos collegas da secretaria. Houve entre nos, sem interrupção, huma intima communição pessoal. Nos ultimos quatro ou cinco annos, elle me vizitava na minha secretaria, quasi todos os dias, para combinar-mos idéas sobre negocios do seu departamento. Raras vezes escrevia papel de importancia, que não offerecesse á minhas considerações, antes de lhe dar o ultimo toque. Com hum conqherimento de mim, adquirido desta maneira, sendo feito Presidente dos Estados Unidos, me offereceo, em primeiro lugar, a secretaria do Thesouro. Pouco tempo depois, quando estava ainda empregado nas investigações preparatorias e necessarias dos detalhes pertencentes áquelle departamento, Mr. Madison veio ter comigo, e me requireo que tomasse o lugar dos Negocios de Estado: e ao mesmo tempo me communicou as circumstancias, que fazião necessaria esta mudança n'administração; circumstancias, que seria improprio relatar, por não terem connexão com o designio deste *address*.

Desnecessario, como pareça, áquelles que me conhecem, eu julgo ser proprio nesta occasião declarar, que nem Eu, nem parente meu, ou amigo, em tempo algum, directa ou indirectamente, por interposta pessoa, ou de qualquer outro modo, deo, ou mostrou a Mr. Madison, a mais pequena idea de que eu dezejava ser Secretario do Thesouro, ou Secretario de Estado.

Despreziveis contos, como depois ouvi, forão o inverno passado referidos encobertamente a Mr. Madison por hum ab-

jectos e insidiosos parasitas, com intento não so de illudir, mas de assustar seu espirito; e entre outros, hum que o Vice-Prezidente, o General Armstrong, e eu mesmo estavamos occupados em traçar hum plano para nos oppormos a elle na proxima eleição Presidencial. Eu tinha considerado esta ridicula historia como totalmente indigna de mencionar-se; e talvez lhe dou agora muita importancia em confessar, que em quanto fui Secretario de Estado, nunca tive por palavra ou escripto communicação alguma, directa ou indirectamente, sobre tal objecto, com o Vice Prezidentê, ou General Armstrong, ou com outra pessoa qualquer. Mas sendo, preteritamente, hum cidadão particular, creio ser me permitido declarar aos meos concidadaos, como mui sinceramente o faço, que para segurar a duração do partido Republicano, assim como para conservar a honra e os melhores interesses dos Estados Unidos, he absolutamente necessario que o nosso Prezidente seja hum homem de espirito energico, de vistas liberaes e extensas, de hum comportamento moderado e decoroso, de sentimentos varonis, e honorificos, e tam activo em manter, como sagaz em discernir, os direitos deste mui deteriorado, offendido, e insultado paiz.

Baltimore Junho 1, 1811.

R. SMITH.

P. S. Confio, que ninguem espere, que eu faça a enumeração das particulares nomeações para o senado, que dezaprovei. Tal empreza seria neste tempo, tam injustificavel, como maligna.

Transcrevemos este *Adresse* de Mr. Smith para que os nossos Leitores conheçam d'hum modo incontestavel, que o Prezidente dos Estados Unidos, Mr. Madison, he creatura de Bonaparte; nem nos admiraremos se o virmos nomeado Principe como premeio de trahir a sua Nação.

EUROPA.

SUECIA.

Os nossos Leitores se lembraraõ do que dissemos sobre as facçoens' com que a Suecia se achava agitada (No. 1. pag. 17 deste Jornal :) o seguinte discurso do novo Rey bem analyzado mostra a verdade do que entaõ dissemos.

Stockolm, 25 de Junho.

Eis aqui o discurso dirigido por S. A. R. o Principe Hereditario aos Deputados das parroquias de Roslagen.

“ Quando o Rey fez executar huma Lei do Reino, e diminuo dois terços do recrutamento do Exercito accordado pelos Estados, S. M. naõ esperava achar algum obstaculo: elle naõ se enganou em suas esperanças. Todas as provincias do Reino virao nas ordens de S. M. huma continuacõ dos seus constantes disvelos pela independencia, e honra futura da Suecia.

“ Algumas parroquias somente se atreveraõ a questionar, se a resoluçõ de S. M. sanccionada pelos Estados, devia ser, ou naõ executada.

“ Empregou-se immediatamente os meios da Justiça, e recorreo-se á força armada para reduzir á obediencia os vassallos desvariados, e para castigar os authores destas criminozas tentativas. Os ultimos nenhuma graça podem esperar: a Lei os sabera castigar.

“ Lançai huma vista sobre o passado: vede o que ereis, ha vinte annos, e o que sois agora. Para adquirir o que vos falta, vos naõ tendes outra garantia mais que as armas, e a firme resoluçõ de as empregar no caso de necessidade.

“ Naõ recieis, que vossos filhos sejaõ maltratados. Eu suavizarei suas precizoens; e quando houver lugar, tomarei

parte em suas privaçoens. A carreira da honra esta patente a todos : todo aquelle que se conduzir bem tem a esperanza de ser hum dia official, e mesmo hum dos chefes do exercito.

“ De boa vontade me encarrego, segundo os vossos rogos, de pedir ao Rey vosso perdão. Mas, dizei-me, estais vos com effeito arrependidos da vossa falta? Quem aqui vos conduz he o medo, e a dissimulação, ou he antes o amor da Patria, o respeito a vossos juramentos, e o afferro ao Vosso Soberano? Se não estais penetrados do mais sincero arrependimento, não vos apresenteis perante vosso Rey. S. M. facilmente leria em vosso rosto vossas intençoens disleaes : mas se, como eu me lizongei, vós estais sinceramente arrependidos do passado, S. M. vos receberá com a bondade de hum Pai, que abre, e estende seos braços a filhos illudidos.

“ Agora que tendes a esperanza de vosso perdão, dizei-me com franqueza, se, no meio de vossas assembleas tumultuozas, não receastes que vos apparecesse a sombra de Carlos XII, e vos reprehendesse por terdes hezitado hum só momento em fornecer defensores á vossa Patria.”

S. A. R. voltando-se para S. M. lhe dirigio o seguinte discurso:

“ Sire. Os habitantes de huma parte de Roslagen supplicarão-me que fosse seu interprete junto de V. M. Elles vos pedem o perdão, que vos tem sempre caracterizado, declarando a V. M. que elles nunca tiverão a intenção de se oppor ao cumprimento das ordens, que vos lhe destes. Alguns erros, e rumores propagados por estrangeiros, poderaõ perturbar hum momento a ordem, e tranquillidade, que devem sempre reinar entre os habitantes de Socknestaemmor. Todos elles estaõ hoje convencidos que os tempos de desordem desapparecêrao para sempre da Suecia. Elles estaõ persuadidos que não podem ser felizes sem o amor das Leis, e da Justiça, e sem o mais profundo respeito ás ordens de V. M. Eu rogo pois a V. M. se digne perdoar aos habitantes de Roslagen, e ajuntar este novo favor a tantas bondades que vos tendes ja tido para comigo.”

PRUSSIA.

BERLIN, 27 de JULHO.

DECRETO.

FREDERICO GUILHERME pela graça de Deos Rey de Prussia, &c. Dezejando conformar-nos *invariavelmente* com todas as medidas adoptadas por S. M. o Imperador dos Francezes, e Rey de Italia, relativamente ao Commercio maritimo, e ao Systema Continental, Temos decretado o seguinte de accordo com S. dita M.

I. Nos renovamos em todo o seu rigor as antigas prohibçoens de importaçãõ de toda a especie de productos colonias, debaixo da irremissivel pena de confiscaçãõ: e de hoje em diante naõ se concederã algum certificado de exportaçãõ, que naõ verifique o pagamento dos direitos estabelecidos pela tarifa continental.

II. Por outra parte temos adoptado, e estabelecido o principio de naõ pôr obstaculo algum á exportaçãõ por mar dos productos continentaes destinados para paizes neutros, ou alliados, e de naõ sujeitar a hum augmento de direitos os productos do Continente, que saõ considerados como objectos da primeira necessidade: por esta razãõ. Nos permittimos, de hoje em diante, a exportaçãõ de toda a especie de graõ, e de madeira de construcçãõ, sahida de hum porto de Nossos Estados para hum paiz neutro, ou alliado. Ella serã considerada, como livre, e legal, pagando todavia hum direito extraordinario de 32 *thalers* e 12 oitavas por cada carregaçãõ das ditas mercadorias. Em consequencia ordenamos a Nossos agentes Commerciaes em nossos diferentes portos de mar, que naõ ponhao algum obstaculo á exportaçãõ das produççoens do paiz, e das do Continente em geral, observando ao mesmo tempo, que naõ devem dar os certificados requeridos

para o trigo, e madeira de construcção destinados para ser exportados, senão depois do pagamento dos sobreditos direitos.

De resto os ditos agentes *terão a maior vigilancia em manter o systema continental, que continuará a ter sua plena, e inteira execução.*

Assim decreta hum desgraçado Rey escravo! A tal estado de humilhação foi reduzido o successor do Grande Frederico pela traição de hum infame Luchisini, de hum Hangwitz, e de hum Lombard!!! Que lição para os Monarcas!!!

R U S S I A .

SEGUNDO os papeis de Pariz o Exercito de S. M. o Imperador de todas as Russias obteve huma assignalada victoria sobre o exercito Turco commandado em pessoa pelo Gran-Vizir. Eis aqui as principaes circumstancias.

“ O General Russo tendo transferido, a 18 de Junho, seu Quartel General de Bucharest para Giurgewo, soube por alguns prizioneiros, que o Gran-Vizir marchava para Rudschuck á frente de 60,000 homens. Quando soube que o Gran-Vizir tinha chegado a aldea de Sandskine, á alguma distancia de Rudschuck, seguiu com suas tropas a margem direita do Danubio, e se acampou diante da fortaleza.

“ A 2 de Julho 500 Turcos vierao reconhecer nossas linhas, mas forao repellidos pelas habeis manobras do Tenente General Wainoff, e o inimigo mais numeroso do que nos, retirou-se promptamente apenas se aproximavao quatro batalhoens Russos. No mesmo dia nossas tropas se apoderarao das alturas em frente de Rudschuck.

“ A 4 de Julho o Exercito Turco se poz em movimento, e a acção em breve se tornou geral. Os Cosacos obrigáao o inimigo a entrar em combate, manobrando de maneira propria para o attrahir do lado da nossa infantaria, que estava formada em quadrados.

“ O General em Chefe faz justiça aos talentos do Gran-Vizir. Elle empregou todos os meios possiveis para tirar vantagem da extensao de sua linha. Fez avançar muitos corpos consideraveis, huns a pos dos outros contra a nossa a la direita: elle carregou vivamente nossa ala esquerda: enviou successivamente suas melhores tropas aos espaços vazios entre nossos corpos quadrangulares; e mais de huma vez tornou duvidoso o resultado desta grande acção; mas a victoria se declarou finalmente a favor das valorozas tropas de Sua Magestade Russa. O exercito do Gran-Vizir, estando em plena retirada, foi perseguido pelo nosso ate o seu campo entrincheirado. Lá mesmo o inimigo nao

ficou tranquillo : todas as obras que tinha começado forao destruidas, e foi obrigado a fugir com tanta precipitaçao, que todas as suas bagagens se acharao espalhadas no campo.

“ Nossas tropas ficaraõ ate ás sete horas da tarde diante do campo inimigo : mas os Turcos aterrados por sua derrota nao se atrevendo a sahir, retomárao sua antiga poziçao. Alem dos mortos que o inimigo retirou, durante o combate, acharao-se 1,500 no campo da batalha. Tomamos 15 bandeiras. O numero dos feridos, segundo os prisioneiros, he mui grande.

Nos duvidamos de tal batalha, não só porque a expozição acima he mui vaga ; mas porque as cartas de Petersbourg de 20 de Julho, isto he, deseseis dias depois que, segundo os papeis Francezes teve lugar aquella batalha, não fazem menção de tal victoria : pelo contrario anunciaõ que a paz estava a ponto de se concluir entre a Russia, e a Porta, apezar de todos os esforços que o Governo Francez empregava para lhe obstar.

Nos temos cada vez mais razoens para nos persuadirmos, que Alexandre Primeiro conhece ja perfeitamente o Tyranno, e seos projectos hostiz contra a Russia : he hum facto que elle se prepara formidavelmente para a guerra, e que trata de concluir a paz com a Porta, mesmo á força de grandes sacrificios. Nos estamos persuadidos que ha prezentemente a melhor intelligencia entre o Governo Inglez, e Russiano, e que se trata mesmo de grandes medidas. Nos estamos em fim persuadidos que o Imperador Alexandre não será o primeiro em atacar.

FRANCA.

CONTA

Do Estado do Imperio apresentada ao Corpo Legislativo na Sessão de 29 de Junho por S. Exca. o Conde Montalivet, Ministro do Interior.

“ Senhores.

“ DEPOIS de vossa ultima Sessão o Imperio recebeu hum augmento de mais deseseis Departamentos, cinco milhoens de almas, hum territorio que rende cem milhoens, e trezentas legoas de costa com todos os recursos maritimos. As bocas do Rhin, o Mosa, e Escalda não erao entao Francezes: a circulaçao do interior do Imperio era circumscripta; os productos dos seos Departamentos centraes, não podiao chegar ao mar, sem serem submittidos á inspecçao de alfandegas estrangeiras. Estes inconvenientes desapparecero para sempre. O Arcenal maritimo do Escalda em que se fundao tantas esperanças, recebeu todo o desenvolvimento que precisava. As bocas do Ems, do Weser, e do Elbo poem em nossas maons toda a madeira de Alemanha. As fronteiras do Imperio estao apoiadas sobre o Baltico: e tendo deste modo huma communicacao directa com o Norte, ser-nos-ha facil tirar dali mastros, canhamo, ferro, e as outras muniçoens navaes de que poderiamos ter precisao. Nos unimos actualmente todas os materiaes que a França, Alemanha, e Italia produzem para a construcçao de navios.

“ O Valais, hoje parte integrante da França, nos assegura huma communicacao com a Italia.

“ A uniao de Roma tem feito desapparecer este intermedio embaraçador, que existia entre nossos exercitos do Norte, e do Meiodia da Italia; e nos deo novas costas no Mediterraneo tao uteis, e necessarias a Toulon, omo as do Adriatico o saõ a Veneza. Esta uniao traz taobem comigo a dobrada vantagem—que os Papas cessarao de ser Principes Soberanos—e de serem estranhos á França.

Basta abrir a historia para nos recordarmos de todos os males, que a Religiao tem soffrido pela confuzao do poder temporal com o espirital. Os Papas tem invariavelmente sacrificado as coizas eternas ás temporaes.

“ O divorcio de Henrique VIII. nao foi a cauza da separação da Inglaterra da Igreja de Roma. O dinheiro de S. Pedro occasionou este acontecimento.

“ Se he vantajozo ao Estado, e á Religiao, que o Papa deixe de ser hum Principe Soberano ; he igualmente dezejavel que o Bispo de Roma, chefe de nossa Religiao cesse de nos ser extranho ; mas que reuna em seu coração, ao bem, e amor da Religiao este amor da Patria, caracter inseperavel das almas sublimes. Por outra parte, esta uniao he o unico meio de tornar esta justa influencia, que o Papa deve ter em os negocios espirituaes, compativel com as Leis do Imperio, que nao podem permittir que hum Bispo extranho exerça dentro delle alguma authoridade.

RELIGIAO.

“ O Imperador está satisfeito com o espirito que anima todo o seu clero.

“ A Sollicitude da administração tem tido em vista as precizoens das Dioceses. O estabelecimento d'escolas ecclesiasticas secundarias, chamadas commumente pequenas escolas : a fundação de muitos grandes seminarios, para os estudos maiores ; o restabelecimento das Igrejas por toda a parte, onde tinham sido destruidas, e aquisição de muitas grandes Cathedraes, cuja construcção tinha sido interrompida pela revolução, manifestas provas sao do interesse que o Governo toma no esplendor do culto religioso, e na prosperidade da Religiao.

“ As dissencçoens religiosas, consequencias de nossas perturbaçoens politicas, tem inteiramente cessado, e desapparecido : nao ha sacerdotes em França que nao estejaõ em communhao com seos Bispos, e tao unidos em seos principios religiosos, como em seu afferro ao Governo.

“ Ha longo tempo que estaõ vagos vinte e sete Bispos ; e tendo o Papa recuzado, em duas differentes epochas, de 1805 a 1807, e depois de 1808 ate o presente, executar as clauzulas da Concordata ; esta deixou por isso de existir. O Imperador foi consequentemente obrigado a juntar todos os Bispos do Imperio, para que elles possuao deliberar sobre os meios de prover as Sés vacantes e as que vagarem para o futuro, conformemente ao que se praticou no reinado de Carlos Magno, de S. Luis, e em to-

dos os seculos, que precederao a Concordata de Francisco I., e Leao X.: porque he da essencia da Religiao Catholica o nao poder dispensar-se do ministerio, e da missao dos Bispos.

Assim he que cessou aquella famosa transaccao entre Francisco I. e Leao X., contra o qual a Igreja, a Universidade, e os Tribunaes Supremos longo tempo protestarao, e que fez dizer aos politicos, e aos magistrados daquella epoca, que o Rey, e o Papa se tinhao mutuamente cedido o que nao pertencia nem a hum, nem a outro. A sorte do Episcopado que tanta influencia vai ter sobre a sorte da Regiao mesmo depende, para o futuro, das deliberaçoens do Concilio de Paris.

O Concilio decidirá se a França hade estar, como a Alemanha sem Episcopado.

De resto se ha outras cauzas de desuniao entre o Imperador, e o Soberano temporal de Roma, nenhuma ha entre o Imperador, e o Papa, como chefe da Religiao; e nada que possa cauzar a menor inquietacao ás almas as mais timoratas.

ORDEM JUDICIAL.

A justiça Cível tinha sido separada da Justiça criminal: a Magistratura só perseguia os delictos quando lhes erao designados pela Policia. O ultimo Codigo que adoptastes unio a Justiça Cível, e Criminal: elle instituiu Tribunaes investidos do direito de perseguir, e accuzar, dando-lhe toda a força necessaria para fazerem executar as Leis. A manutenção, e aperfeiçoamento do *Jury*; a confrontacao das testemunhas, e a publicidade do processo, reuniraõ tudo o que havia de bom no antigo, e novo systema.

S. M. procurou para os differentes lugares aquelles sujeitos que inda restavaõ dos antigos Parlamantos, e cuja idade, e conhecimentos os tornavaõ capazes de serem empregados nos tribunaes: S. M. os impregou de seo moto proprio; dando assim huma nova prova de seu constante desejo de fazer com que os Francezes se esquecao de suas antigas disputas, e que todos tenham hum unico interesse —o da Patria, e de Throno.

ADMINISTRAÇÃO.

Tem-se apresentado muitas reclamaçoens sobre os limites dos differentes Departamentos. Fizeraõ-se chegar ao Throno opinioens, que dezejavaõ substituir grandes Prefeituras ás Prefeituras actuaes: mas S. M. rejeitou-as, e

tomou por principio olhar como estabelecido, e permanente o que se tem feito. A instabilidade destroe tudo. A organizaçãõ dos Departamentos tem passado por huma grande revoluçãõ: S. M. considera isso como hum acto de propriedade em que se não deve tocar. Estes Departamentos foraõ organizados, foraõ consolidados no meio de circumstancias attendiveis que tem aproximado seos habitantes, e elles ficaraõ sempre da mesma sorte unidos.

A administraçãõ municipal tem-se por toda aparte aperfeiçoado. Os *Budgets* discutidos, e approvados em Conselho de Estado dirigem, e censuraõ deste modo a administraçãõ de todas as *Communs* do Imperio cuja renda monta a mais de 10,000 francos. A massa destas rendas ja sobe a 80 milhoens. Jamais em algum tempo, e n'algum pais as *Coumuns* tem estado tao ricas. Em toda a parte o *Octroi* he hum imposto soberano: S. M. porem o tem deixado ás *Communs*: todos os estabelecimentos se achao taobem no melhor estado, e em quasi todas se tem *emprehendido* a construcçãõ de *Hoteis*, praças, armazaens publicos, e outros trabalhos, que as devem embelecer, e augmentar sua prosperidade.

Tem-se por toda a parte melhorado os hospitaes; e pode se dizer que em nenhuma epoca tem estado em melhor pé. A caridade se exerce com abundancia, e os legados recebidos mo Conselho de Estado para os Hospitaes montao a muitos milhoens cada anno.

S. M. tem approvado, e dotado hum grande numero de congregaçoens de irmans de caridade, que tem por fim assistir aos enfermos, e servir os hospitaes. A intençãõ de S. M. he que estas, relativamente aos negocios religiosos, estejaõ debaixo da direcçãõ de seos respectivos Bispos, os unicos a quem pertence a direcçãõ, e cuidado dos negocios espirituaes na extensãõ da sua Dioceze. Nenhuma congregaçãõ, debaixo de qualquer pretexto que seja, pode, ou deve subtrahir-se á sua jurisdicçãõ.

Tem-se creado depozitos de mendicidade em 65 Departamentos; em trinta, e dois estaõ ja em actividade, e nestes Departamentos não se permite o mendigar. Estes depozitos precizaõ ser aperfeiçoados, a fim de que, sendo os seos trabalhos bem estabelecidos, e regulados, possaõ prover á maior parte de suas despezas.

INSTRUCÇÃO PUBLICA.

A Universidade tem feito progressos. Alguns Lyceos eraõ mal organizados: os principios da Religião, fundamento

de toda a Instituição, bem como de toda a moral, não entravaõ em seu plano, ou eraõ fracamente praticados O Gran-Mestre, e o Conselho da Universidade remediãraõ a maior parte destes abuzos. Com tudo resta ainda muito que fazer para realizar as esperanças, e as vistas do Imperador nesta grande creação.

A educação de familia he a que precisa mais ser animada: mas como os Pais saõ obrigados tao frequentemente a confiar seos filhos a Collegios, e outras Instituições, a intençaõ do Imperador he, que a organizaçãoda Universidade se estenda a todos os Collegios, e Instituições de todas as classes, a fim de que a educação não seja mais como hum ramo de commercio exercido com as vistas de interesse pecuniario. Dirigir a educação he huma das mais nobres funcções do Pai de familia, he hum dos principaes objectos dos Instituições Nacionaes. O numero dos Lyceos, e o dos Collegios *communes* será augmentado, e o das Instituições particulares gradualmente diminuido, ate que todas estas sejam extinctas.

Toda a educação publica deve ser dirigida pela disciplina militar, e não pela policia civil, ou ecclesiastica. O habito da disciplina militar he o mais util, porque em todos os estados da vida os Cidadaons tem necessidade de defender suas propriedades contra os inimigos exteriores, ou internos.

Saõ ainda precisos dez annos para que se realize todo o bem, que S. M. espera da Universidade, e paraque suas vistas se preenchão; mas ja se tem obtido grandes vantagens; e o que existe he preferivel ao que jamais tem existido.

Relativamente á instituição primaria dos meninos S. M. vê com prazer o estabelecimento das pequenas escolas, cuja propagação dezeja.

Alem das cazas de S. Deniz, e d'Ecouen, instituirão-se seis cazas para educação das filhas, cujos pais se tem sacrificado ao serviço do Estado.

SCIENCIAS, E ARTES.

A descoberta da agulha de marear produziu huma revolução no commercio: o assucar destruiu o uzo do mel, o anil o uzo do Pastel (planta.) Os progressos da chimica estaõ operando neste momento huma revolução em sentido inverso: ella conseguiu ja extrahir o assucar das uvas, do Bordo, e da Beteraba. O Pastel, que tinha enriquecido o Languedoc, e huma parte da Italia, mas

que na infancia da Chimica nao tinha podido sustentar a concurrencia com o anil, retoma agora o ascendente: a chimica extrahe actualmente desta planta huma fecula preferivel ao anil por seu custo, e qualidade. Todos os ramos das Sciencias, e das Artes se aperfeicoao.

OBRAS PUBLICAS.

Ha dez annos que se tem comprehendido grandes trabalhos, e annualmente se tem continuado com hum novo zelo, e novo augmento de meios. Em 1810 empregarao-se cento trinta e oito milhoens nestes trabalhos: para o de 1811 estao destinados cento cincoenta, e cinco.

Mappa comparativo das despezas para os trabalhos publicos em 1810, e 1811.

Objectos das Despezas.	Total das Despezas.	
	em 1810.	em 1811.
	Francos.	Francos.
<i>Ministro da Guerra.</i>		
Construcção de Praças, e novas obras - - - -	16,984,600	22,670,000
<i>Ministerio da Marinho.</i>		
Obras Hydraulicas. Trabalhos de bahias, e portos - -	5,757,840	7,000,000
<i>Ministerio da Interior.</i>		
Construcçoens novas nos estabelecimentos publicos — Escola das Artes, e Officios—Reparaçoens - - - -	1,095,254	12,678,000
<i>Pontes, e Estradas.</i>		
Estradas - - - -	36,299,413	40,580,635
Pontes - - - -	4,505,711	5,101,172
Navegação, Canaes, e dessecamentos - - - -	21,621,735	18,715,947
Portos de commercio, diques, &c.	7,822,486	4,218,682
Obras de Paris, e dos Palacios	22,330,753	28,007,836
Obras nas Cidades dos Departamentos - - - -	19,745,075	20,200,000
<i>Ministerio dos Cultos.</i>		
Construcção, e reparação das Igrejas - - - -	1,977,860	2,728,788

No meio de guerras, e despezas, que exercitos immensos, e que a organisação, e creação de numerozas fro-
tas exigem, os sacrificios, que o Thezouro Imperial faz
para occorrer as obras publicas, são taes, que excedem
n'hum só anno tudo o que na antiga Monarquia se des-
pendia n'huma geração inteira.

FORTIFICAÇOENS.

Huma grande parte destas despezas tem por objecto a
creação de novas Praças fortes: são obras feitas com vis-
tas futuras para consolidar, e fortificar o Imperio.

Fundou-se huma Praça da segunda ordem no Texel,
para defender a embocadura de Zuyderzee; tres mil ho-
mens poderao sustentar ali hum sitio de muitos mezes.
Anvers, Breskens, o Forte Imperial de Cadsand, Wilhem-
stadt, a Eclusa, o Sas-de-Gand, são ja barreiras mui res-
peitaveis: Flessinga, cercada de Fortes, que estão fora do
alcance de bombas, coberta por inundaçoens reguladas, e
por multiplicadas obras, está para sempre ao obrigo de
toda a tentativa.

Em 1810, e 1811 despenderao-se mais de oito milhoens
nas Praças do Escalda: era natural o fazer grandes obras
em hum ponto, que sera sempre o objecto do ciume, e
receios de nossos inimigos naturaes.

Construirao-se novas obras em Ostende: ja existia ali
hum recinto, mas era de pouco valor. Começarao-se
igualmente grandes obras em Bolonha, Havre, e Cherbourg.
O Havre tinha sido contruido por Vauban: alguns annos
antes da revolução, julgou-se conveniente, debaixo de
falsos pretextos, destruir as suas fortificaçoens. Ficou des-
mantelada, e aberta esta cidade que he a chave do Se-
na, e que se pode verdadeiramente chamar—o Porto de
Paris. Tem-se mandado ali fazer consideraveis obras: a
Praça está ja formada, e em estado de sustentar hum
sitio.

O estabelecimento do Porto de Cherbourg exige vas-
tas fortificaçoens; e do fim deste anno em diante esta Pra-
ça ficara em estado de sustentar hum cerco. Os planos
adoptados são vastos, e virá a ser huma Praça da pri-
meira ordem.

Desde o anno passado recommençarao-se as obras de Dun-
kerque, Montreuil, e Abbeville, que se tinhaõ desprezado.
Estes baluartes são restabelecidos no melhor pé. Trata-se
de completar, e de reparar a defeza de Brest, estabeleceo-
se hum novo systema de fortificaçoens para L'Orient, e
Rochefort.

Os trabalhos das Ilhas St. Mar-couf, Belle-Isle, e Ilha d'Aix se vão continuando. Tem-se accrescentado novas obras ás fortificaçoens de Toulon, e outras se estão construindo nas Ilhas de Hyeres, em Genova, e em Spezzia. Tem-se trabalhado, e continua-se a trabalhar para augmentar consideravelmente, do lado de terra, as importantes fortificaçoens de Porto-Ferraio.

Ha quatro annos que se fazem grandes obras em Corfu, Praça ja mui forte. Adoptaraõ-se novos projectos; e esta chave do Adriatico tem huma guarniçaõ de 12,000 homens, tendo viveres para dois annos, e huma numeroza artilharia approvizionada para hum sitio da mais longa duraçaõ.

O Forte Napoleaõ se eleva na margem esquerda do Rhin em frente Wesel, cujas fortificaçoens antigas estão corrigidas, e aperfeiçoadas. Venloo, e Juliers se achão no melhor estado. Cassel, e Kell reedificadas. As obras começadas depois de 1807 apresentão ja hum rezultado satisfactorio; e as importantes pontes de Wesel, Moguncia, e Strasburgo estão cobertas nas duas margens, por outras tantas Praças da primeira ordem. Alexandria, que he o centro formidavel de nossas armazaens, e nosso ponto de apoio alem dos Alpes, he, dez annos ha, o objecto de huma despesa annual de 3,000,000 de francos.

Trabalha-se no reino de Italia com o mesmo ardor nas fortificaçoens de Palma-Nova, e Osopo, bem como em augmentar as obras de Ancona, Veneza, e Mantua.

Vendo a actividade que reina, ha oito annos, nas obras de todas as nossas fronteiras, dir-se-hia, que a França está ameaçada de huma invazão proxima. Para fazer hum contraste com esta idea, eu não tenho precisaõ de expor aos vossos olhos a situaçaõ de todos os nossos vizinhos, que são nossos alliados, e que estão unidos ao nosso systema, e a preponderancia, que as ultimas campanhas nos deraõ; mas eu direi somente, que quando em iguaes circumstancias se tem sacrificado em poucos annos mais de 100 milhoens em despezas que só interessão o futuro, he preciso agradecer ao Governo, que não contente com segurar a felicidade da geraçaõ actual, quer taobem garantir a tranquillidade da geraçaõ futura e dominar deste modo ate os mais remotos successos da fortuna.

PORTOS.

Trabalha-se em nossos portos com igual actividade. Em Anvers tirou-se, desde o fim do anno passado, o dique do molhe. Podem ali ancorar, e sahir, completamente

armados dezoito navios de linha, mesmo de tres pontes. No principio deste anno, forao concertados, e ferrados de cobre duas naos de 80 peças. Os trabalhos continuao-se com ardor. Antes do fim do mez de Setembro proximo o molhe poderá conter trinta navios.

Estes navios de linha nao podiao entrar no porto de Flessinga, senao desarmados: dessecou-se, e izolou-se a Eclusa, trabalha-se em profundar o ancoradoiro, de maneira que poderao entrar vinte navios completamente armados neste molhe. Os caes que os Inglezes tinhao destruido estao reedificados. Trabalha-se em reconstruir o armazem geral, ficando livre das bombas.

Estao determinados os primeiros fundos para o ancoradoiro de Terneuse, cujos fundamentos estao lançados. Vinte navios de linha completamente armados poderao sahir deste porto n'huma só maré; e poderá conter mais de quarenta.

A Eclusa de Ostende está acabada: ella he da maior utilidade para este porto. A de Dunkerque principiará a trabalhar no fim do anno; e esperao-se della grandes resultados para profundar o canal. A Eclusa do Havre está concluida; ella produzirá felizes effeitos.

As despezas na enseada de Cherbourg sao de duas especies. He preciso 1. levantar o dique acima do nivel das marés, o que estará concluido no fim do anno: 2. estabelecer fortes nas extremidades do dique, para defender a enseada. O forte do centro está concluida. Depois de segura a enseada, restava fazer hum porto: nove decimo deste grande trabalho estao feitos: trinta navios de linha poderao ancorar no molhe, e seu porto. Hum navio que foi damnificado por hum accidente do mar pôde ja entrar naquelle molhe e concertar se ali. O porto, e molhe estarao acabados em 1812. Só as obras de Cherbourg exigem mais de tres milhoens por anno.

Todos os portos da segunda e terceira ordem sao o objecto de maiores, ou menores trabalhos: todos se melhorao com grande rapidez.

CANALS.

O Canal de S. Quentin está concluido; e a sua navegacao tem estado na maior actividade desde o principio deste anno; elle influe ja sobre o preço da lenha, e carvaõ na Capital.

Hum terço do Canal do Norte, que une o Rbin ao Escalda, estava feito: mas tornando-se inutil pela uniao da Hollanda, suspenderao-se estes trabalhos.

O Canal Napoleão que junta o Rhin ao Saõna ficara concluido em quatro annos, para o que estão determinados tres milhoens por anno. O Canal de Bourgonha que une o Saõna ao Sena se continua com actividade, e nelle se despendera este anno 1,500,000 francos. A terça parte do Canal d'Arles, que faz chegar o Rhodano ao Port-du-Bouc, está feita: trabalha-se no canal que corta a península de Bretanha juntando a Rance á Villaine. O Canal de Blavet, que junta Napoleonville a L'Orient, e que hum dia conduzirá de Napoleonville a Brest está quasi acabado. Muitos outros canaes de menor importancia estão concluidos, ou se trabalha nelles com grande actividade.

ESTRADAS.

Melhorando as estradas encurtaõ-se as distancias: a que havia de Turin a Paris diminuiu-se trinta e seis horas, a saber vinte e quatro-horas para a passagem do Monte-Cenis, e doze horas para a nova estrada de la Maurienne. S. M. decretou o estabelecimento de huma nova estrada de Paris para Chamberg por Tournus. Esta estrada, evitando as montanhas, sera mais breve oito horas. Desta sorte Turin ficará mais perto de Paris quarenta, e quatro horas, que he quasi ametade da distancia.

Milão ficou mais proxima a Paris, pela estrada de Simplon, mais de cincoenta de marcha, comparando a estrada actual com a que existia, ha dez annos.

Bayonna e Hespanha estão mais perto de Paris desoito horas, pela calçada feita nos areaes das charnecas entre Bordeaux, e Bayonna.

Moguncia, e Alemanha aproximaraõ-se doze horas pela calçada construida nos areaes de Moguncia para Metz; e Hambourgo o sera, mais de sessenta horas no anno proximo pela calçada feita a travez dos areaes de Maestrich ate o Wesel, e do Wesel para Hambourgo: e não se achará exemplo na historia de se fazerem 80 legoas de estrada no espaço de dois annos. Dez companhias de obreiros trabalham nesta obra; e antes do fim de 1811 muito mais de ametade desta estrada estará acabada. Amsterdam se aproximará tao bem de Paris doze horas pela calçada mandada fazer nos areaes de Anvers para Amsterdam, em muitos pontos daqual ja se trabalha. Estão-se abrindo novas estradas de Spezzia para Parma, de Horença para Rimini, e de Niza para Genova.

Todos os Conselhos Geraes dos Departamentos rivalizaõ em zelo para secundar as intençoens do Soberano, e por

toda a parte se abrem estradas para estabelecer commu-
nicaçoens entre os differentes pontos dos departamentos.

Emprehendeo-se a construcção de hum grande numero de pontes; as de Bordeos e Ruaõ; as de Avinhão sobre o Rhodano, de Turin sobre o Pó são as mais notaveis. As de Bordeos, e Ruaõ bem como a que se concluiu este anno sobre o Durance, eraõ consideradas como impossiveis. Muitas outras pontes estão acabadas.

OBRAS EM PARIS.

O Canal de l'Ourcq, e a distribuição de suas agoas em differentes partes de Paris, são o objecto de huma despeza de 2,500,000 francos. Em alguns annos estaraõ completamente acabadas estas obras ja sessenta fontes espalhão as agoas de l'Ourcq nos bairros e praças principaes da capital. O Sena, o Marne, o Yonne, e Oise são o objecto de consideraveis obras para melhorar sua navegaçãõ. O Côte de S. Maur, que estará concluido no anno proximo abreviara a navegaçãõ do Marne cinco legoas, e fornecera agoas para numerosos canaes. As eclusas estabelecidas na Porte de l'Arche, em Vernon, &c. facilitarão a navegaçãõ do Sena; e outras eclusas a estendem ate Troyes, e Aube. As pontes de Choisy, de Besons, e de Jena facilitão as commu-
nicaçoens, e contribuem para o affirmozeamento da Capital.

O Louvre está a concluir-se; manda-se arrazar esta quantidade de cazas, que estão entre o Louvre, e as Tuileries; e huma segunda galaria unẽ os dois Palacios.

MARINHA.

Nos perdemos a Guadalupe, e a Ilha de França. O desejo de soccorrer estas colonias não devia tentar-nos a fazer sair nossas esquadras no estado de inferioridade relativa em que se achão.

A uniaõ da Hollanda á França forneceo-nos 10,000 marinheiros, e treze navios de linha. Nos temos consideraveis esquadras no Escalda, e em Toulon. Temos mais ou menos fortes divizoens de navios de linha em differentes portos, e quinze a fazer-se nos estaleiros de Anvers. Tudo está disposto de maneira que todos os annos se augmenta a nossa esquadra do Escalda com hum grande numero de navios de guerra. Estão-se construindo dois navios de linha em Cherbourgo, e temos ali huma taõ consideravel provizaõ de madeiras, e de materiaes de toda a especie, que antes

do fim do anno corrente podemos pôr nos estaleiros mais cinco. L'Orient, Rochefort, e Toulon tem os seus estaleiros todos occupados. Estao-se construindo numerosos navios em Veneza. Napoles, conforme os tratados, devia ter este anno seis navios de linha, e outras tantas fragatas: não as tem: o Governo deste paiz se convencerá da necessidade de reparar esta negligencia.

Nossos recursos, nossa navegação interna bastão para elevar em poucos annos o *material* de nossa marinha ao mesmo ponto que a dos nossos inimigos.

As experiencias feitas com a conscripção maritima tem sido felizes: mancebos de 18, 19, e 20 annos posto abordo de nossos navios mostraõ a melhor vontade, e aprendem rapidamente. As frequentes sortidas de nossas esquadras, a navegação pela costa, as evoluções de nossas frotas, e *frotilhas* no Zuyderzée, Escalda, e em nossas enseadas tem progressivamente habilitado nossos novos conscriptos, que nos daõ lugar de conceber as melhores esperanças.

GUERRA.

Em hum anno a maior parte das Praças fortes de Hespanha tem sido tomadas depois de sitios que honraõ o genio, e artilharia do exercito Francez. Mais de 200 bandeiras, 80,000 prizioneiros, e alguns centos de canhoens tem sido tomados aos Hespanhoes em muitas batalhas campaes. Esta guerra hia a terminar, quando a Inglaterra, afastando-se da sua ordinaria Politica, se foi apresentar na primeira linha. He facil prever o resultado desta luta, e comprehender todos os seus effeitos sobre os destinos do mundo.

Não sendo a população de Inglaterra bastante para occupar as duas Indias, a America, e muitos estabelecimentos no Mediterraneo; não sendo sufficiente para defender a Irlanda, e suas proprias costas; para as guarnições, e equipagens de suas frotas immensas; para reparar o consumo de homens n'uma guerra obstinada contra a França na Peninsula; he claro que muitas circunstancias saõ a nosso favor; e a Inglaterra está exposta ou á ruina da sua população se persiste em sustentar esta guerra; ou á vergonha, se a abandona depois de se ter nella empenhado com tanta força.

A França tem 800,000 homens em armas; e quando novas forças, e novos exercitos estao marchando para a Hespanha, afim de combaterem ali nossos inimigos eternos; 400,000 homens, e 50,000 cavalloos ficaõ no interior do

imperio, em nossas costas, e fronteiras, promptos para marchar a defender nossos direitos em qualquer parte, que possam ser ameaçados.

O systema continental, que se observa, e segue com a maior constancia vai minando e destruindo a base das finanças da Inglaterra: seu cambio perde ja 33 por 100: suas produções colonias não tem extracção; a maior parte das suas fabricas estão fechadas e o systema continental augmenta progressivamente: seguido por dez annos bastaria por si só para arruinar e destruir os recursos da Inglaterra.

Suas rendas não são fundadas sobre o producto de seu terreno, mas sobre o producto do commercio do mundo: prezentemente ametade de seus escriptorios estão fechados. Debalde esperão os Inglezes do beneficio do tempo, e dos acontecimentos, que suas paixões excitão, que abraõ mercados ao seu commercio.

Quanto á França, o systema continental nada tem mudado na sua situação: ha dez annos que nos estamos sem commercio maritimo e *continuaremos a estar sem elle*. A prohibição das mercadorias Inglezas no continente tem aberto a extracção a nossas manufacturas: toca ás nossas fabricas o regular-se segundo as necessidades de sessenta milhoens de consumidores.

A prosperidade do Thezoiro Imperial não está fundada sobre o Commercio do Universo: mais de nove centos milhoens que são necessarios para occorrer ás despesas do Imperio, são o resultado de impostos directos, ou indirectos naturaes. A Inglaterra precisa de dois mil milhoens para saldar suas despesas; e sua renda propria não lhe poderia fornecer mais de hum terço daquella somma. Nós acreditaremos que a Inglaterra pode sustentar tanto tempo, como nós, esta luta, quando ella tiver passado muitos annos sem emprestimos, sem consolidação de bilhetes do Exchequer, e quando seus pagamentos se fizerem em dinheiro, ou pelo menos em papel cambiavel, quando se quizer.

Todo o homem razoavel deve estar persuadido que a França pode permanecer no estado actual sem experimentar outros embaraços mais, doque aquelles que ha dez annos experimenta, sem augmentar sua divida, e fazendo frente a todas as suas despesas.

A Inglaterra, em cada anno de guerra deve pedir emprestados oito centos milhoens; o que em dez annos faria oito mil milhoens. Como se pode conceber que ella possa para o futuro supportar hum augmento de contribuições de quatro centos milhoens para pagar os interesses dos em-

prestimos, quando ella não tem o que he preciso para occorrer ás suas despezas, senão pedindo emprestados oito centos milhoens cada anno? O systema actual das finanças de Inglaterra só pode ser fundado na paz: todos os systemas de finanças fundados em emprestimos são effectivamente pacificos de sua natureza; pois que pedir emprestado he chamar os recursos futuros em soccorro das necessidades presentes. Com tudo a administração actual da Inglaterra tem proclamado o principio da guerra perpetua; que he o mesmo que se o Chanceller do Exchequer annunciasse, que dentro d'alguns annos proporia o Bill da Banca-rôta. Com effeito está mathematicamente demonstrado, que pertender pagar ás despezas com oito centos milhoens de emprestimos annuaes, he declarar que dentro d'alguns annos não haverá outro recurso, que fazer huma Banca-rôta. Esta observação fere diariamente os homens de penetração, e discernimento; e em cada campanha ella será mais vivamente sentida por todos os capitalistas.

Nos estamos no quarto anno da guerra de Hespanha: mas, ainda que não seja senão depois de algumas campanhas, a Hespanha será subjugada, e os Inglezes dali expulso. Que são mais alguns annos para consolidar o grande imperio, e segurar a tranquillidade de nossos filhos? O Governo dezeja a paz; mas ella não pode fazer-se em quanto os negocios da Inglaterra forem dirigidos por homens, que toda a sua vida tem feito profissão da guerra perpetua: e sem garantia de que servirá huma tal paz á Franca? No fim de dois annos as frotas Inglezas apanharião nossos navios, e arruinarião nossas praças de Bordeaux, Nantes, Amsterdam, Marselha, Genova, Liorne, Veneza, Napoles, Trieste, Hamburgo, como já fizerao: huma tal paz não seria mais que hum laço armado a nosso commercio: ella seria util somente á Inglaterra, que tornaria a achar hum mercado para o seu commercio, e que mudaria o systema continental. O penhor da paz está na existencia de nossa frota, e de nossa poderosa marinha. Nos poderemos fazer a paz com segurança, quando tivermos cento cincoenta navios de linha; e apezar dos obstaculos da guerra, a situação do imperio he tal, que em pouco tempo nos teremos este numero de navios. Assim a garantia de nossa frota, e a de huma administração Ingleza fundada em principios diferentes daquelles que o actual Gabinete professa, he que podem dar a paz ao universo. Ella nos seria sem duvida util; mas ella he dezejavel debaixo de toda a especie de relações. Nos diremos mais; o continente, o mundo inteiro a reclamão; mas nós temos huma consolação, e he que os nossos inimigos a dezejão inda mais do que nós; e

por mais esforços que o Ministerio Inglez faça para a turdir a Nação pela multiplicidade de *pamphletos*, e por tudo o que pode ter em movimento huma população avida de novidades, elle não pode occultar ao mundo, quanto a paz se torna todos os dias mais indispensavel para Inglaterra.

Desta sorte, Senhores tudo presentemente nos promette, e garante hum futuro tão feliz, quanto cheio de gloria; e nós achamos hum penhor de hum tal futuro neste filho tão dezejado, que, sendo finalmente concedido á nossos votos vai perpetuar a mais illustre dynastia; neste filho, que, no meio das festas de que vossa reuniao parece fazer parte, recebe ja com o grande Napoleão, e com a Princeza Augusta, que elle associou a seos altos destinos, as homenagens de amor, e respeito de todos os povos do imperio.

OBSERVAÇOENS SOBRE A CONTA APRESENTADA AO CORPO LEGISLATIVO.

He preciso ser o que Bonaparte he, queremos dizer, o mais perverso de todos os homens, para ter o descaramento de começar a sua conta dizendo que mais deseseis departamentos se juntarão ao Imperio, com cinco milhoens de habitantes, e cem milhoens de renda.—Como adquirio elle tudo isto? Foi por huma guerra justamente sustentada? Foi em virtude de hum solemne tratado? Não: foi anniquilando a existencia politica de hum paiz, cuja independencia elle tinha garantido; que elle mesmo tinha erigido em reino, a quem elle mesmo tinha dado huma constituição; e esbulhando da sua posse seu proprio irmão, so porque este era justo!!! E quando Bonaparte emprega para os seos fins sempre meios extraordinarios; como querem os Governos combate-lo com meios ordinarios? Parece huma cegueira; fatal cegueira, cujas consequencias tem sido tão funestas!

Mas todas estas acquizições tem realmente augmentado o poder do tyranno? Não. Poucos dias depois da uniao da Hollanda á França, os habitantes daquelle desventurado paiz deraõ evidentes signaes

de seu descontentamento: Bonaparte pôde por então suffocar a insurreição á força de tropa; e esta he hoje muito mais numeroza na Hollanda, doque antes da sua uniaõ á França. Poderá ali recrutar igual numero? Pode ser: mas poderá elle fazer dos Hollandezes bons soldados, e vassallos, que lhe sejam affeiçãoados? Nunca. Bonaparte pois, em vez de augmentar realmente o seu poder com tão execraveis usurpaçoens, não fez mais que augmentar o numero dos seus inimigos.

Quanto á uniaõ de Roma ao Imperio; onde faria Bonaparte a descoberta de que o rompimento entre Henrique 8. e o Papa não foi occasionado pela repulsa deste em conceder o divorcio daquelle? Nos pensamos que esta pretendida descoberta tem só por mira dizer aos Francezes, que a conducta, que elle teve, repudiando Josephina, he conforme aos verdadeiros principios da Igreja Galicana.

Bonaparte tem a impudencia de dizer que desenthronizára o Papa. E porque? Porque precisava de hum reino para seu filho; e porque pertende que os Papas sejaõ taobem seus vassallos, para que lhe não possaõ resistir aos seus projectos anti-religiosos; e para os mandar fuzilar, quando tenhaõ a virtude de se lhe oppor. Mas huma vez que elle não nomee seu tio o Cardeal Fesch cujos *deboches* presentes, e crimes passados são bem conhecidos ou qualquer outro sacerdote revolucionario, Bispo de Roma, he impossivel que outra Cabeça do mundo Christaõ lhe possa obedecer, e amar a França. Quanto não foi obrigado a soffrer o desgraçado Pio VII. quando vizitou a Corte de S. Cloud na coroação de Bonaparte!

Eu estou satisfeito, diz o tyranno, do espirito que anima o clero. Ah! Não insulteis assim o Clero Francez! Nós sabemos que hum grande numero de sacerdotes indignos são creaturas, vossas, e vossos espias: mas nos sabemos taobem que ha em vosso Imperio Ministros da Religiaõ mui respeitaveis, e que nem vossas ameaças, nem vossa fereza, nem vossa tyrannia podem fazer tremer ou aterrar. Nos sabemos que em toda a França não ha somente Mr. F— eloquente Pregador da Igreja de S. Sulpicio em Pariz, que vos encarcerastes, porque não quiz louvar

nem a conscripção, nem vossas leis, nem vossa tyrannia! Inda existe em França hum Bispo de Troies, hum Bispo de Tournay, e hum Bispo de Gand, que não receião dizer-vos terriveis verdades que fazem ja o vosso tormento, e que vos perseguem acordado, ou dormindo!

O Author de todos os males, a quem alguns Inglezes chamaõ *Instrumento da Providencia*, termina o artigo Religiaõ dizendo, que se ha algumas cauzas de desuniaõ entre o Imperador, e o Soberano temporal de Roma: nenhuma existe entre o Imperador, e o Papa, como chefe da Religiaõ. Que distincção insultadora! Ella parece insignificante em apparencia; e com tudo ella contem realmente toda o segredo da situaçaõ relativa do Papa, e de Bonaparte. A rapidez, e affectada indifferença com que Bonaparte falla das desavenças as mais serias, que jamais houve entre o Papa, e algum outro Soberano da Europa, provaõ quanto elle recea irritar a opiniaõ publica, e quanto o Supremo Chefe da Igreja, este Venerando Ancião que elle tem em ferros, lhe he assim mesmo temivel!!

Quanto a ordem judicial.—Era melhor que Bonaparte não fallasse sobre tal ponto. Todo o mundo em França sabe que a Justiça he comprada: que a recommendaçãõ de hum Conselheiro de Estado, ou de hum General favorito basta para fazer ganhar huma cauza. Todo o mundo sabe que em tudo aquillo em que Bonaparte se mete directa, ou indirectamente, a Deos Justiça! *Sic volo, sic jubeo, stat pro ratione voluntas*. Não ha hum só viajante, hum só escriptor que diga o contrario.—Pensando dar hum passo mui politico, elle amalgamou em seos tribunaes membros mui respeitaveis da antiga judicatura com juizes ignorantes, verdadeiramente perversos, verdadeiros algozes; da mesma sorte que tinha chamado para os mesmos cabidos, e unido nas mesmas Igrejas Sacerdotes apostatas com Ministros fieis: quantas desordens quantos males se não devem esperar desta amalgação!

Fallando da administraçaõ, termina nestas memoraveis palavras—a instabilidade destroe todas as coizas.— Eis aqui huma consolaçaõ para todos os povos op-

primidos. Robespierre julgou a sua dictadura firme, e elle foi morrer na guilhotina. O directorio que se considerava seguro, foi destruido: Bonaparte fez-se proclamar primeiro Consul por dez annos; pouco depois Consul vitalicio; passados alguns mezes Imperador. Tal he a instabilidade das coizas humanas. Elle conhece a pouca, ou nenhuma estabilidade do seu usurpado Imperio, Imperio de horror, de carnagem, e sangue: de balde a vil adulação de hum senado escravo o chama o enviado da Providencia; chamem-lhe embora Imperador do Ceo e Terra: tudo isso somente serve de augmentar seos remorsos, e sua inquietação. Sua inquietação, e a instabilidade de todas as coizas produzirão o seu final estrago.

Relativamente a Hospitaes, pode ser, que tenhaõ hoje algum melhoramento; mas o que nos sabemos com certeza he, que ainda não ha tres annos, elles se achavaõ no mais deploravel estado: não menos de tres doentes jaziaõ accumulados em huma mesma cama: hoje estaraõ dois; mas attendendo ao descaramento, e despejo com que o imperador mente, e seos Ministros, he provavel, que os Hospitaes estejaõ no mesmo, se não em peor estado.

Decretaraõ se, he verdade, cazas de trabalhar, e cazas de caridade: mas he inda mais verdade, que nem huma se estabeleceo. Decretaraõ-se pensoens para as viuvas, e filhas dos muitos milhares, que terminaraõ seos dias na sanguinolenta batalha de Austrelitz; mas nem huma só se deo taobem.

Quanto á Instrucção Publica.—Como pode a Religiaõ ser respeitada nos Lyceos da França; como pode nelles haver costumes, se a maior parte dos seos Chefes são professos Atheos, encarniçados e regicidas! Como, se elles são dirigidos por homens, que foraõ membros dos *committés* revolucionarios no tempo de Robespierre, e que na convenção votaraõ a sangue frio pela morte do seu desgraçado Rey, taes como Foucroy, Chenier, Champagne, actual Professor no Lyceo de Pariz, Izabot, &c. &c.!

Toda a educação publica deve ser regulada pela disciplina militar, &c.

Como os nossos leitores talvez não saibaõ o sentido destas palavras, he preciso explicar-lho. Em todos

os Lyceos os rapazes trazem uniformes, e são organizados em divizoens militares, cada huma das quaes tem seos Capitaens, Tenentes, e Sargentos; elles vão para os exercicios manuaes todas as manhães; e as horas da comida, recreio, são annunciadas, e reguladas a toque de tambor.

Tudo isto quer dizer, que tudo deve ser amoldado em França ao regimen militar. Desde que Bonaparte se fez proclamar Primeiro Consul, procurou todos os meios de se apoderar da mocidade a fim deque os Francezes se tornassem em huma nação escrava e ao mesmo tempo militar. “Esta
 “blasphemia politica, e religioza, diz num estima-
 “vel Escriptor, foi agora proclamada pela primeira
 “vez á face da terra. Deste modo, a mocidade de
 “huma das Naçoens as mais policiadas, e as mais
 “amaveis da Europa, deve ser educada debaixo da
 “influencia do sabre: e o instrumento, que chama
 “os homens para a carnagem, deve incessante-
 “mente retenir nos lugares consagrados ao estudo
 “das Sciencias, das Bellas Letras, e á cultura das
 “Bellas Artes. A epoca da barbaridade se approx-
 “ima; e em breve os Francezes, submergidos em
 “huma ignorancia selvagem, serão os escravos da-
 “quelles mesmos povos, que hoje combatem, ou sub-
 “jugaõ. Não haverá mais escolas particulares: o
 “Tyranno as teme, porque, qualquer que seja a
 “actividade do seu despotismo, elle não as pode
 “dominar todas, nem fazer ali penetrar aquellas
 “venenozas doutrinas, que são destinadas a suffo-
 “car nos tenros coraçoens todas as sementes da Re-
 “ligião, o amor das letras, o amor da Patria, bem
 “como aquellas doces sympathias, que unem os ho-
 “mens desde a mais tenra idade, e que, mesmo nos
 “ultimos dias de sua existencia, fazem o seu en-
 “canto pelas ternas lembranças que lhes deixaõ im-
 “pressas.”

O habito da disciplina militar, diz Bonaparte, he o mais util, pois que em todos os estados de vida os *Cidadaons* tem necessidade de defender suas propriedades—Que insulto! Por ventura ha *Cidadaõ* sem Patria? Ha *cidadaõ* sem liberdade? Francezes, onde está a vossa liberdade? Onde está a vossa Patria, onde a vossa propriedade? Ah! tudo pe-

destes! Praza ao Ceo que não percaes tão bem o sentimento do que fostes, e do que sois!

Fallando dos progressos que as Sciencias tem feito em todos os ramos, aponta os da chimica. Em que consistem estes pertendidos progressos da chimica em Franca? Em saber extrahir assucar das uvas, Betarabas, &c. Mas ha huma charlatanaria mais ridicula, nem huma puerilidade tão miseravel! Dá isto como huma descoberta, como se fosse agora somente que a Chimica sabe extrahir assucar daquellas, e de muitas outras substancias! Que vergonhoza ignorancia! E com tudo tem a impudencia de dizer que esta pertendida descoberta prepara no commercio huma revolução igual á quella que a descoberta da Bussola produziu.—N'hum só coiza tem a chimica avançado em Franca, que he na preparação de excellentes venenos com que Napoleão o Grande se desfaz dos seus inimigos, ou que elle julga taes. O Almirante Bruix, o Cavallario d'Azara Embaixador Hespanhol em Pariz, o Conde Bunau Ministro da Suecia, o Conde Luis Cobentzel Ministro Austriaco dos Negocios Estrangeiros; a desgraçada familia de Colloredo, o ultimo Principe herdeiro da Suecia; e segundo cremos a ultima Rainha de Prussia; todos estes tiverão provas experimentaes da perfeição a que esta Arte tem chegado em Pariz.

Obras Publicas—Os Politicos superficiaes podem talvez pensar que a Franca está realmente n'hum estado mui prospero, porque os edificios publicos em Pariz tem sido aforinozeados, e *embelecidos*; e porque se tem projectado, e mesmo emprehendido obras publicas de consideravel grandeza. Mas quem não sabe que o soberbo Palacio, e todos os edificios publicos de Versalhes se começaram no periodo mais empobrecido do reinado de Luis XIV.? Quem ignora que isto se fez somente para occupar immensos trabalhadores, que não tinham que fazer? Quando os particulares não querem, ou não podem emprehender obras, a maioridade do baixo povo não tem de que se ocupe; consequentemente o Governo deve fornecer-lhe em que trabalhar: por tanto o augmento das grandes obras publicas; os melhoramentos de caminhos, e canaes, e o aforinozeamento

dos edificios de Pariz que se começou nestes ultimos annos, são exactamente devidos á mesma causa. O Governo occupa diariamente quinze mil trabalhadores, taes como pedreiros, carpinteiros, &c. pagando a cada hum meia coroa por dia. Não se imagine com tudo, que isto he effeito da bondade paternal de Napoleão para com a Nação Franceza, ou de amor para com o seu bom povo de Pariz. Não: tudo isto nasce da reflexão deque hum taõ grande numero de homens sem occupação, ou emprego n'hum Cidade, onde o descontentamento está no seu auge, pode perturbar o repoizo de Bonaparte.

Ha mais de dez annos que Bonaparte decretou a fundação da Cidade chamada—*Napoleao*: e com tudo apezar da sua omnipotencia nada mais se tem ali feito ate hoje, doque huma pobre estalagem, e hum corpo de guarda para os *Gendarmes*.

Tem approximado de Pariz—Amsterdaõ, Hamburgo, Moguncia, Turin, e a mesma Hespanha: mas ah! Quanta dezejaria Hespanha, Turin, Moguncia, Hamburgo, Amsterdaõ, estar longe de Bonaparte milhoens de legoas!!!

De resto he preciso notar que a maior parte dos canaes deque falla este impostor coroadado, tem sido começados no antigo Governo de França. Por outra parte o antigo Governo era sabio, era regular, era legitimo: não podia emprehender obras gigantescas, porque não sabia enriquecer-se nem por meio de usurpaçoens infames, nem por meio de assassinatos, nem por meio de violencias, nem por meio de roubos, e extorsoens; o antigo Governo não tinha tantos braços ociozos, tantos desgraçados sem pão, e tantos prizioneiros sem recurso, para empregar nas obras publicas.

Finanças—Por mais que Bonaparte, e seos Ministros escravos se cancem para mostrar que as finanças em França estão n'hum estado florescente, jamais o conseguirão: seria preciso ter perdido todo o senso commum para os acreditar. Todos os annos ha hum *deficit*. Bonaparte he obrigado a levantar contribuiçoens novas n'hum Departamento para reparar os desfalques do outro: quando isto lhe fallia, elle recorre a desgraçados individuos, que arbitrariamente accuza de hum ou d'outro crime: to-

dos os annos o seu Ministro de Policia, e os seus Satrapas espalhados nos paizes neutraes levantaõ, por meio de viz manobras, grandes sommas de dinheiro para este Despota insolente. Não ter commercio, nem agricultura florescente; e ser obrigado ao mesmo tempo a ter numerosos exercitos, menores com tudo do que elle diz; manter centos de milhares de espias dentro em França e por toda a Europa, sem exceptuar a Inglaterra; ter de gastar sommas enormes para comprar Ministros, Validos, Generaes, &c.; e ter as suas finanças em hum florescente estado, todo o mundo vê que he impossivel. Lembrem-se os nossos Leitores do que dissemos em nosso I. e II. N^o. nas reflexoens que fizemos ao Capitaõ Pasley.

Tudo quanto Bonaparte diz do augmento da divida, de Inglaterra, e do Chancellor do Exchequer, não he exacto. Os agentes que elle tem em Londres, e em toda a Inglaterra, e que se correspondem com a sua Secretaria especial em Pariz, deveriaõ dizer-lhe, que inda quando a guerra devesse continuar por meio seculo, as operaçoens progressivas dos fundos de amortizaçaõ liquidariaõ a divida Nacional mais depressa, do que os novos impres-timos a augmentariaõ. As operaçoens dos fundos de amortizaçaõ em Inglaterra mais de huma vez tem posto em perplexidade o Desposta frenetico; elle não entende o mecanismo, e menos comprehende a sabedoria do systema financial da Grã-Bretanha: e por mais que algumas vezes o Archi-Thezou-reiro Lebrun, e o famoso financeiro Saint Aubyn, se cançaraõ para lhe fazer formar huma idea clara das vantagens do systema de finanças Inglezas sobre o systema Francez, Bonaparte não os entendeu; disse-lhes que eraõ *Anglomanos*, e que diziaõ tolices: eis aqui hum bom modo de rezolver questoens.

Bonaparte pode dizer o que quizer ao seu corpo Legislativo; mas o que elle não pode negar, he, que ja se tem pago acima de 200 milhoens da divida Nacional de Inglaterra pelas operaçoens dos seus fundos de amortizaçaõ. Mas inda quando assim não fosse, o Povo Inglez soffreria aquelle pezo com satisfação, o que o Povo Francez não faz, nem pode

fazer. Montesquieu * diz, que nos Governos moderados ha huma indemnizaçãõ para o pezo das taxas, que he a liberdade: e que nos paizes despoticos ha hum equivalente para a liberdade; que he a ligeireza das taxas: mas o desgraçado Povo de França não tem aquelle equivalente: elle he emminente-mente escravo, e paga mais taxas que o Povo Inglez.

Guerra da Peninsula.—Bonaparte ja não sabe o que hade dizer aos seos escravos sobre a duraçãõ da guerra de Hespanha, e Portugal. Aquelle punhado de insurgentes, de que fallava com tanto desprezo, ha tres annos, e meio, bateo dois dos seos melhores Generaes—Dupont, e Marescot, os quaes capitulãrãõ tendo hum exercito de 20,000 homens veteranos. Antes que os Inglezes pozessem pé na Hespanha, os seos valentes foraõ expulsos alem do Ebro. Ceragoça com os seos fracos muros de terra tornou-se huma nova Troia. Logo que as tropas Inglezas se apresentãrãõ em Portugal, e Hespanha, o Tyranno prometteo que em breve seriaõ batidas e lançadas ao mar; e com tudo ellas mostraraõ-lhe no Vimeiro, Porto, Talavera, Bussaco, Fuentes de Honor, Barroza, e Talavera, que essa expulsaõ era facil de annunciar, mas difficil de pôr em pratica; inda la existem, e existiraõ em quanto la tiverem inimigos a combater. Lord Wellington, os Generaes Beresford, Graham, &c. não sãõ Macks, nem Hohenlohes. Os exercitos de Bonaparte tem massacrado, demolido, incendiado, e destruido: mas estaõ elles senhores da Hespanha? Aquelle punhado de insurgentes, aquelles bizonhios insulares, aquelles Portuguezes degenerados tem ate hoje zombado de 600,000 escravos, que tem descido os Perineos: e Bonaparte não se envergonha de dizer ao seu Corpo Legislativo que tem 800,000 homens, e 50,000 cavallos; que elle vai empregar ametãde destas forças contra os insurgentes Hespanhoes, e Portuguezes, illudidos, e excitados pelos Inglezes. Annunciando os meios que vai impregar para pôr hum termo á guerra da Peninsula, este Charlataõ frenetico, e inconsequente

* Espirito das Leis. Liv. 13. cap. 12.

não vê que se contradiz, e que mostra quanto esta guerra tem sido funesta para a França, e quanto tem sido formidavel para elle mesmo!

BUDGET FRANCEZ

para o anno de 1811.

	<i>Francoz.</i>
Divida perpetua	62,000,000
Dita de Hollanda	26,000,000
Divida não permanente	16,000,000
Dita não permanente da Hollanda	1,200,000
	<hr/>
	105,800,000

Pensoens Civiz, e Militares 10,000,000	}	70,500,000
Ditas da Hollanda 3,300,000		
Ditas Eccleziasticas 28,900,000		
Lista Civil dos Principes Francezes 28,300,000		

SERVIÇO PUBLICO.

Ministerio da Justiça	27,466,000
Relações Estrangeiras	8,800,000
Ministerio do Interior	60,000,000
Finanças	24,000,000
Thezouraria Imperial	8,400,000
Guerra	280,000,000
Commissariado da Guerra	180,000,000
Marinha	140,000,000
Culto Publico	16,500,000
Policia Geral	2,000,000
Despezas de Negociação	8,500,000
Fundos de reserva	22,034,000
	<hr/>
	954,000,000

HESPAHHA.

HA feitos que merecem ser recordados, e que seria hum crime esconder á posteridade. Desta natureza he aquelle que vamos mencionar, o qual deve cobrir de confuzão o egoismo, de infamia o falso Hespanhol, servir de modelo a todo o patriota, e que deve ser objecto de admiração, mesmo nomeio da sua raiva ao Tyranno Bonaparte.

D. Martin de Parraga segundo Ajudante do Estado-Maior do 4. Exercito cahio gloriozamente no campo da honra na memoravel batalha de Albuera. O patriotismo que animava este homem estimavel, e o odio que elle tinha ao tyranno, o fizeraõ preferir o serviço militar á tranquilla fruição de seos emolumentos, como segundo Professor de Mineralogia. Em 1803 elle começou a sua carreira entrando no Regimento do voluntarios do Paiz; e em 1810, sendo ja capitão, e o seu merito sendo conhecido pelo Ministro da Guerra o Snr. Bardaxi, este lhe deo hum emprego no Estado-Maior. Seos talentos, e luzes eraõ geral-mente conhecidas, e particularmente pelo seu amigo o Snr. Lacy, Chefe do Estado-Maior, e pelos seos associados naquelle corpo, a quem somente consolára da sua perda a gloriosa morte que elle teve em defeza do seu Paiz; e ainda mais o memoravel exemplo, que deo, a todos os seos concidadaons no seguinte documento, que deixou a hum dos Editores do *Concizo*, quando partio do Condado de Niebla debaixo do Commando do General Ballasteros.

* Eu Martin de Parraga, e Pison segundo Adju- dante do Estado-Maior do 4. Exercito, declaro, que se por algum accidente perder a vida, he da minha vontade, que todos os meos bens, assim como tudo o mais que possuo em ———; e a caza situada na

Alameda de Cadix, se vendaõ, e o seu producto se ponha á disposiçaõ do legitimo Governo de Hespanha (que he aquelle que sustenta a cauza da liberdade, e independencia da Naçaõ), a fim de promover a justa cauza, que sustenta contra a injusta aggressão do Tyranno da Europa, Napoleaõ.

Cadix, 10 de Janeiro de 1811.—Martin de Parraga.

He desnecessario, diz o *Times*, donde extrahimos este artigo, accrescentar reflexoens a esta honroza memoria: diremos somente que este estimavel patriota, Parraga, continua a fazer a guerra ao Tyranno, mesmo do seio da sepultura.

ARTIGO OFFICIAL.

Relaçãõ dos movimentos feitos pelo Corpo commandado pelo General Blake para passar o Guadiana, e continuar depois suas operaçoens.

‘ Tendo-se rezolvido que as Divizoens acantonadas a 18 de Junho em Sta. Martha, Zafra, Teria, e Parta, a cavallaria em Piebla de Sancho Perez, e o Quartel General em Nogales, atravessassem o Guadiana, a infantaria se poz em movimento para se reunir neste ultimo lugar, entretanto que a cavallaria marchava pela grande estrada de Sta. Martha, e a infantaria Ingleza por Pelaes.

‘ No mesmo dia o inimigo, a quem se tinha junto huma Divizaõ do 9. corpo commandado por Drouet, e mais tres mil homens vindos de diversos pontos da Andaluzia, occupava Zafra, e los Santos com fortes columnas.

‘ A 14, e 15 as tropas continuaraõ sua marcha, se reuniraõ em Almendral; e se juntáraõ com a Infantaria Ingleza em Albuera.

‘ A 16 as tres Divizoens deste exercito com seis peças do 6. passáraõ o Valverde em Leganos, e a Cavallaria Hespanhola em Albuera.

‘ A 17, todo este exercito, a 1. Divizaõ do 5., e 300 artilheiros, que tinhaõ assistido ao sitio de Badajoz, partiraõ para Jerumenha, e o Quartel General com doze peças tomou o mesmo caminho. O exercito Anglo-Portuguez ficou neste dia na direita do Guadiana, que nossas tropas passaraõ com a melhor ordem, e promptidaõ conservando sua ordem de columna; mesmo passando o váo: ás cinco horas da tarde todas ellas

estavaõ na margem direita deste rio; ficando a vanguarda em frente da ponte construida pelos Ingлезes, com o fim de sustentar nossa empreza.

‘ A 18 as tropas continuaraõ sua marcha, e o Quartel General do 5. exercito com alguns corpos, e a cavallaria desmontada estava em Villa Viçoza.—Marcha das tropas—a 18 a Rondono, seis legoas—a 19 á Portela, sete legoas—a 20, a Beja seis legoas—a 21 atravessou hum deserto, hua legoa—a 22 a Mertola, oito legoas—Total vinte oito legoas Portuguezas extraordinariamente grandes. Durante esta marcha rapida, as tropas manifestáraõ a maior paciencia, e conservou-se a maior ordem, posto que as provizoens naõ fossem sufficientes para lhes dar raçoens completas. He certo que tem havido poucas occazoens em que tropas tenhaõ feito marchas taõ longas, e taõ fatigantes, e por hum calor excessivo, attendendo principalmente a que hum terço dos soldados naõ tinhaõ capatos.

‘ A 23 a infantaria repassou o Guadiana n’humã ponta de barcos, e a 23, e 24 a cavallaria o passou a nado: a 24 embarcou-se a artilharia em Ayamonte. A 25 as Divizoens ficáraõ em S. Silvestre, Castellejos, e Calmas. A Cavallaria do 5. exercito, commandada pelo Conde de Penne Villamur, e duas peças de artilharia deviaõ chegar a Mortola no dia 24.

‘Eis aqui a ordem da marcha.

‘ A artilharia escoltada por hum batalhaõ de mineiros formava a cabeça da columna, e era seguida pelo commissariado. Seguiaõ-se a 4., 5., e 3. Divizoens protegidas pela cavallaria que marchava a duas legoas de distancia. As Divizoens naõ poderiaõ ter chegado mais breve tomando caminhos differentes.

‘ Depois de ter dado dois dias de repqizo ás minhas tropas, continuaraõ sua marcha.

‘ A 28, a cavallaria do 5. exercito, a vanguarda, e quazi toda a artilharia entraraõ em Gibrleon.

‘ A 29 estas tropas marcháraõ para Trigueros, e foraõ substituidas por as que tinhaõ ficado em Cotoya, e S. Bartholomeo. A Divizaoõ do General Ballasteros estava acantonado em El Cerro, e Calanas, e cobria a esquerda, e a retaguarda do exercito.

‘ Chegando a Cabezas Rubras a 25, este General ordenou a tres companhias de Barbasco, ás de cassadores de todos os corpos, e aos batalhoens de Pavia, e Lena, que estivessem promptos a marchar, e atacar huma columna volante de seis centos homens de infantaria, e de cavallaria, que tinha chegado a El Cerro. Estas tropas marcháraõ toda a noite; o resto da Divizaoõ ficou em Cabezas Rubras debaixo das ordens de Francisco Merens, com ordem de se pôr em marcha no dia seguinte a

amanhecer. A 26 ao romper do dia nossas Guerrilhas encontrárao o inimigo formado em batalha na extremidade da aldeia no caminho de Alonzo; ellas atacárao pela estrada de El Cerro: mas a columna volante começou a retirar-se; nossas Guerrilhas, e tropas ligeiras carregárao-na continuamente. A perda do inimigo consistio em quatro officiaes, e trinta e cinco a quarenta homens mortos, ou feridos; a nossa foi de tres homens mortos, e quatro feridos.

CADIZ, Julho 16.

Reprezentantes do Povo! Não vos aduireis, que em dias de lucto, nos derijamos á vos na lingoagem da verdade; nem attribuais a motivos de menos cabo, e dezattençaõ sentimentos inspirados pelo mais puro patriotismo.

Depois de huia luta de tres annos, he de pasmar, estejamos tam credulos ou tam indolentes, que olhemmos com indifferença o perigo imminente que nos cerca, deixando á sorte a decizaõ da felecidade ou mizeria de tantas geraçoens.

Quando isto pareça huma exaggeraçã, voltemos os olhos para a serie das nossas mizerias durante os tres ultimos annos de sangue, e consideremos qual tem sido o fructo mesmo das nossas victorias. Não nos illudamos: se a nação Hespanhola tem desenvolvido energia, e valor, que propriamente encaminhados, teriaõ sacudido o jugo do tyrano, e expulsado os seus bandos do nosso territorio; he todavia mui certo, que por huma desgraçada fatalidade, esta nação, que tem feito, e está fazendo taes esforços pela sua liberdade, tem a mortificaçã de ver todos os seus sacrificios inuteis, e de lamentar todos os dias novos revezes.

Provera o Deos que a triste experiencia não tivesse confirmado esta amarga verdade, que veio outra vez angustiar o nosso espirito pela desgraçada noticia da queda de Tarragona. Este lugubre acontecimento nos leva a fazer algumas dezagradaveis, mas, talvez, uteis reflexoens.

Desde o principio de Maio sabia-se que o inimigo

estava dirigindo os seus ataques contra Tarragona. Esta noticia se confirmava diariamente, e era conhecida a necessidade de mandar huma força para evitar que ella cedesse as tropas, que a apertadamente a sitiavaõ. Em tal crize, era de esperar que nos occupasse o susto, a anxiadade, a inquietação, em quanto a não soccurriamos; em vez disso porem huma fatal inação prevalecia; nós viviamos tam tranquillos, como se estivessemos no benefico regaço da paz.

Nesta mizera apathia estavamos nos, quando a terrivel noticia de hum grande dezastre nos restituiu por alguns momentos ao conhecimento da nossa situação. Nesses momentos nos percebemos o nosso erro; e demos alguns passos para remedia-lo; mas ainda se vê mui claro, que o grande objecto do livramento da Peninsula não he o que nos occupa exclusivamente. Com tal apathia e indifferença podemos nos crer que triumpharemos do usurpador da Europa? Representantes do povo, bons Hespanhoes de todas as partes, attendei-nos! Tarragona foi preza do inimigo; as suas hostes se preparaõ para novas conquistas; estamos perdidos, se não fazemos extraordinarios esforços. A nação Hespanhola pode e deve ser livre; ella tem recursos por toda a parte; o seu valor está exaltado pelo odio implacavel aos seus tyranos. Não ha razão para dezesperar, mas ha toda a razão para sacudir a eterna indolencia, que caracteriza todas as nossas acçoens. Sem grandes sacrificios—sem grandes esforços e actividade,—sem huma decedida rezolução para salvar o paiz, a nossa degradação esta certa. Nos somos capazes de tudo; mas se não buscamos applicar remedios extraordinarios á presente crize, —se não nos empregamos em negocios de importancia, em vez de gastar-mos o tempo em bagattelas, não podemos deixar de ser a final desgraçados: *Terragona cahio.*

Reflexoens extrahidas de hum papel Inglez.

Terragona cahio, he verdade, e aquelle dezastroso acontecimento tem produzido huma forte impressao sobre o es-

pirito publico do nobre e valeroso povo Hespanhol, como se collige da proclamação junta; impressão que nos observamos com mais pezar que outro qualquer symptoma dezenvolvido no curso da tremenda luta, em que tem estado ategora. Huma das mais notaveis características do povo Hespanhol, tem sido huma fortaleza invencivel nos revezes, hum espirito incontrastavel, hum principio de energia que parecia enguer-se a proporção das difficuldades que encontrava. N'algumas partes da Hespanha, este principio de energia, a que alludimos, levou os Hespanhoes a proezas as mais heroicas, a hum patriotismo que pode rivalizar senão exceder os mais illustres exemplos da antiguidade. Basta nos citar os nomes de Sarragoça e Gerona, e perguntar, onde e em que tempo exhibio o mundo hum espetaculo de tanto valor, e sublime heroismo, superior ao dos habitantes daquellas cidades? Ellas cahirão, he verdade; mas foi honorifica a sua queda; e se todas as conquistas que a França tem feito na Hespanha fossem compradas áquelle preço, pode com razão duvidar-se, se a cazo ainda existiria algum dos escravos do tyrano, que tem atravessado os Pyrineos, para manchar a Peninsula com a sua presença.

Mas não se dezaletem os Hespanhoes porque todas as suas fortalezas não tem sido Sarragoças e Geronas. Por lamentavel que seja a queda de Tarragona, ainda ha muito que nos sirva de consolação no aspecto geral dos negocios da Peninsula. Custa-nos a crer, na verdade, que o nobre e valeroso sangue que se tem derramado em defeza da independencia Hespanhola, se tenha derramado em vão! He no espirito do povo Hespanhol, que nos buscamos huma barreira contra o inimigo, que nem armas nem artificios, podem arrazar, e que por fim darão a liberdade á Peninsula. O inimigo conquista cidades, mas ganha elle homens, a excepção de hum punhado de vis traidores, que elle mesmo despreza? Se nos olhamos para as provincias da Hespanha, que são lavadas pelo Atlantico, vemos que os invasores tem dezaparecido, e que os habitantes tem voados ás armas para recobrem os privilegios de hum povo independente. Pode alguém apontar no mapa da Hespanha, hum so ponto, não commandado por força militar, onde o governo do rei intruzo seja voluntariamente reconhecido? Não he a Hespanha desde os Pyreneos até Gibraltar huma continuada scena de activa guerra, excepto onde o soldado está de guarda ao cidadão, como nas cidades que se tem tornado prizoens dos habitantes, e guarniçoens do inimigo?

EXTRACTO

De huma carta escrita por hum Official de Marinha a bordo de hum dos Navios de Sua Magestade Britanica fundeado diante de Tarragona.

Tarragona foi tomada de assalto a 28 de Junho junto ás seis horas e meia da tarde. Eu fui a terra na vespera, e corri todas as obras. Posto que os Francezes estivessem entao a tiro de pistola do baluarte, nao parecia com tudo verosimil, que a Praça fosse tao cedo tomada, vista a intrepidez dos soldados Hespanhoes, que viao com a maior indiferença as balas, que passavao constantemente por cima delles; e tinhao se tomado precauçoens para fortificar huma feira de cazas situadas em huma linha parallela ao baluarte, e tapando as bocas das ruas que ali vinhao ter com pipas cheias de terra, e fazendo hum fosso largo e profundo do lado, onde estava o inimigo, o que offerecia huma barreira tao forte como o muro, e que nao poderia ser batido em brecha, sem erigir novas obras. Tal era o estado da desgraçada Tarragona sexta feira 28 de Junho.

As seis horas, e meia da manha os Francezes romperao gradualmente hum fogo vivissimo de grossa artilheria, e mosquetaria, a que os Hespanhoes responderao com igual vigor. Tinha-se ajustado que o General Campoverde, que estava em Cambrils com 10,000 homens, atacasse, no dia seguinte ao romper do dia, os Francezes de hum lado; que o Coronel Skerit, que commandava quasi 1,200 Inglezes os atacasse por outro, e que no em tanto a Guarniçao faria huma sortida. Mas o Governador mostrou tanta indecizao que pouco tempo depois desta convencao mandou perguntar se a esquadra Ingleza podia embarcar a Guarniçao. O Capitao Codrington da Marinha representou que isto era intempestivo, vistos os arranjos que se tinhao feito para hum ataque; e aconselhou-lhe que persistisse firme. O Governador mandou entao dizer, que elle defenderia a Praça ate a ultima extremidade, e que o inimigo tinha aberto huma pequena brecha, mas que nao era de consequencia.

Junto ás seis horas da tarde, ou fosse por traiçao, ou fosse por huma criminoza negligencia da parte dos principaes Officiaes, as tropas postadas para defender os baluartes se acharao sem muniçoens. Os Francezes sempre alerta, aproveitarao-se instantaneamente desta negligencia, se aproximarao friamente da porta, arrombarao na com machados, e entrarao na cidade. Os Hespanhoes que estavao sobre os ba-

luartes defenderão-se por algum tempo á baioneta, mas foram por fim obrigados a ceder a baioneta e mosqueteria juntas. Seguiu-se hum sanguinolento combate. As mulheres, os meninos, e os soldados repellidos gritando, *Os Francezes estão na cidade*—encheraõ de hum terror panico os soldados que se achavaõ em estado de resistir; e entaõ a fugida foi geral para a porta opposta áquella por onde os Francezes tinhão entrado; mas ella era mui estreita para que a multidão se podesse subtrahir a tempo ao furor diabolico dos Francezes, que tinhão ja começado a fazer huma carnagem horrivel.

Muitas pessoas se precipitaraõ do alto das muralhas; e foraõ mortas. Perto de 4,000 individuos sahirão abrindo caminho a travez de hum Corpo de infantaria Franceza, que os esperavaõ fora, e continuaraõ sua fugida pela estrada de Barcelona. Quando estavaõ fora do alcance da mosqueteria Franceza, e se felicitavaõ de se terem salvado, foraõ atacados pelo mortifero fogo de algumas peças de campanha, que os Francezes, prevendo o acontecimento, e determinados a naõ deixar escapar pessoa alguma, tinhão tido a precauçaõ de por detraz de hum profundo fosso, que tinhão feito a travez da estrada. Os infelizes Hespanhoes como estupefactos pelo terror quizerãõ subir ás montanhas; mas os Francezes, preparados em todos os pontos os massacraraõ a sangue frio posto que estivessem sem armas, e naõ fizessem alguma resistencia. Os que sobreviverãõ reduzidos á desesperaçãõ lançaraõ-se ao mar, onde fizemos todos os esforços possiveis para os salvar, e conseguimos tirar 500, mutilados restos de oito mil homens, mulheres, e meninos; porque os Vandalos naõ respeitaraõ idade, ou sexo.

Nos perdemos hum bravo mancebe, o Tenente Ashworth do Centauro, que foi morto, e tivemos dois ou tres marinheiros feridos, salvando aquelles infelizes. Os que ficaraõ na cidade tiverãõ huma sorte horrorosa. Os Francezes entrando em Terragona pozeraõ fogo em diversos lugares, e, o que faz horror, hum Hospital em que estavaõ 3,000 Hespanhoes foi incendiado.

Taes saõ as dolorozas scenas, de que temos sido testemunhas oculares, e que saõ mais faceis de conceber, que de pintar, e descrever.

Quando lemos nos papeis Francezes a conta do Governador Hespanhol dada a Regencia de Cadix, pareceo-nos huma peça fabricada: mas á vista do

PORTUGAL

Providencia sobre o resgate dos Captivos em Argel.

“ SENDO essencialmente necessario effectuar-se a segunda parte do resgate dos infelizes Portuguezes captivos em Argel, assim porque a humanidade insta para que se livrem do captiveiro aquelles nossos compatriotas, como taobem porque, passando o tempo da tregoa ajustada com aquella Regencia se exporia Portugal a ser de novo inquietado pelos Corsarios Argelinos, que virião correr sobre os nossos pescadores, e navios de commercio, e obrigariao o Governo a fazer consideraveis despesas para conservar huma esquadra no Estreito: os Ex^{mos.} Governadores do Reino empregando a sua mui louvavel, e mui vigilante attençaõ sobre hum objecto tao recommendavel, e tao humano, tem dado as possiveis providencias para se ajuntar a somma, que he absolutamente preciza para a segunda Expediçaõ a Argel; e alem das cartas circulares, que tem dirigido aos Prelados, e Authoridades Civiz, e Militares, para excitar a sensibilidade dos Portuguezes, ordenarãõ que a Ordem da Santissima Trindade, como a mais propria, e adequada em virtude do seu Instituto, se incumba de exhortaçoes nos Templos, e procissoens pelas ruas de Lisboa para solicitar a caridade dos fideis, assim como taobem determinarãõ á Commissão estabelecida para arrecadar os fundos destinados para o mesmo resgate, que faça huma loteria, por meio daqual se possa obter huma somma com que se auxilie a sobredita expediçaõ.

“ Espera-se por tanto que o Publico reconhecendo a necessidade de se fazer este segundo resgate, e a impossibilidade de se preencher a respectiva somma por outro modo, que naõ seja a dos seus generosos donativos, concorrerã com a somma, que for possivel a cada hum, entregando no cofre da commissão as quantias que destinar para huma obra tao pia.

“ Os captivos Portuguezes a favor dos quaes se der individualmente alguma somma para o seu resgate serãõ attendidos com preferencia, para serem comprehendidos nesta segunda Expediçaõ, segundo as circunstancias o permittirem.”

COIMBRA.

CARTA

Do Ill^{mo}. Snr. Francisco Antonio Duarte da Fonceea
Montanha, Vice-Reitor da Universidade de Coim-
bra ao Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. Nicolaõ Trant, Governador
das Armas do Porto.

“ Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr.

“O RESPEITO, e veneraçõ que sempre consagrei a V. Ex^{ca}. excita em mim os mais efficazes dezejos de ser obsequiozo a V. Ex^{ca}. pelo muito, que merece, e tem merecido com particularidade a esta Universidade. Ella reconhece em V. Ex^{ca}. hum Patrono o mais activo, e mesmo hum Redemptor, poisque á dexteridade de V. Ex^{ca}. deve agora a conservaço dos seos Estabelecimentos, e talvez de seos edificios, que a tropa Franceza destruiria, se, na retirada que fez ultimamente pela Provincia da Beira, naõ achasse cortado o passo, que tentou dar pela ponte desta cidade, e nella a Guarniçaõ, que bastou a impedi-lo, facilitando por este modo a minha restituiçaõ a esta Universidade.

“ Logo que eu cheguei, ella se me representou reconhecida a este grande beneficio, tendo ja recebido outro igual de V. Ex^{ca}, quando nas margens do Vouga desviou o inimigo do destino, que elle tinha a esta Cidade, e o exterminou da Provincia do Minho, que tinha invadido.

“ Foi V. Ex^{ca}. o Redemptor desta Cidade quando ella expulsou prodigiozamente o inimigo no dia 7 de Outubro, aççaõ de grande valor, e animozidade, que fará sempre memoravel, e brilhante este dia de tanta gloria, e prazer aos Conimbrienses, e immortal o grande, e respeitavel nome de V. Ex^{ca}.

“ He por tudo isto que eu vou agora á dezejada prezença de V. Ex^{ca}. a exprimir estes meos puros sentimentos, e os de toda esta Universidade, cujos Alumnos ja tiveraõ a honra de militar com a maior satisfaçaõ debaixo do commando de V. Ex^{ca}, agradecendo por este modo a V. Ex^{ca}. a protecçaõ, que com tao sabias providencias prestou e esta Cidade, e Universidade, cujo reconhecimento nella será eterno.

“ Viva V. Ex^{ca}. muitos annos; e por todos elles a Naçaõ Portugueza, e Coimbra particularmente acclamará o valor, e singulares predicados, que se achao reunidos na

estimavel pessoa de V. Ex^{ca}. Coimbra 30 de Maio de 1811.
—Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. Brigadeiro General *Nicoláo Trant*.—De
V. Ex^{ca}. o mais obsequioso servo, e particular venerador.—
Francisco Antonio Duarte da Fonceca Montanha.”

RESPOSTA

Do Ex^{mo}. Brigadeiro General *Trant* ao mesmo Vice-Reitor.

“ Ill^{mo}. Snr.

“ TIVE a honra de receber a carta em que V. S^a. me dirige as lizongeias expressoens, que manifestao a sua approvaçao, pela assistencia, que a occazio favoravel me deo de prestar á Cidade, e Universidade de Coimbra, o que mui sinceramente agradeço a V. S^a., assegurando-o que estas mesmas expressoens serao mais hum estimulo para os meos esforços ulteriores na protecçao de Coimbra, huma vez, que as circumstancias no tempo futuro me ponhao na situaçao, em que a protecçao militar debaixo do meu commando lhe possa ser necessaria.

“ Eu abraço esta occazio de declarar, como Commandante Militar, o meu grato reconhecimento pelos mui uteis serviços, praticados pelo Corpo Academico na defensa do Vouga, debaixo do commando do seu digno Chefe, o fallecido Snr. Fernando Saraiva; e como particular, pela adhesao que em todas as occazioens me testemunharaõ todos os Individuos daquelle Corpo tanto geral, como individualmente.

“ Eu tenho a honra de cumprimentar o Respeitavel Corpo da Universidade na pessoa de V. S^a. de quem sou muito attento, e leal Servidor.

Nicoláo Trant.—Ill^{mo}. Snr. *Montanha*, Vice-Reitor da Universidade de Coimbra—Porto 14 de Junho de 1811.”

A carta do Ill^{mo}. Vice-Reitor he a expressao do reconhecimento que o respeitavel Corpo Academico deve aos relevantes serviços que o Ex^{mo}. Brigadeiro General *Trant* lhe tem feito, e ao Estado; e a carta deste he hum novo testemunho da exemplar conducta que os Membros da Universidade tem

tido na santa cauza, em que a Peninsula se acha empenhada. Nos transcrevemos a carta daquelle General com tanto maior prazer, quanto sabemos, sem poder duvidar, que o Corpo Academico tinha sido pintado, como hum aggregado de partidistas Francezes, como huma corporação temivel? A intriga a ninguem poupa.

Os nossos Leitores teraõ sem duvida reparado no silencio, que temos guardado a respeito da ordem do dia do Ex.^{mo}. Marechal Beresford do 1. de Julho proximo. Com tudo nos persistimos e persisteremos no mesmo silencio, se nos não virmos obrigados a mudar de parecer; se pessoas mal intencionadas, se Gazeteiros imprudentes, de que infelizmente Londres abunda, não tornarem a excitar esta discussão, que só pode ser provocada por quem dezeja a desunião entre as tres Naçoens Britanica, Portugueza, e Hespanhola. Alguns individuos Hespanhoes residentes em Londres tem-se valido desta ordem do dia para deteriorar o conceito, que por tantos titulos tem merecido os nossos Nacionaes. Nos lizongeamonos que os animozos, e leaes povos do Alemtejo daraõ bem depressa ao honrado Marechal Beresford nova occaziaõ de provar a sua indefectivel rectidaõ, retractando-se, assim como a acaba de provar na sua ordem do dia 6 de Junho. (Veja-se o No. II. deste Jornal pag. 362.)

Amamos, como devemos a nossa Patria: doe-nos muito tudo o que pode de algum modo diminuir a sua reputação, e gloria: sentimos mui vivamente que os habitantes do Alemtejo dessem cauza áquella ordem do dia; mas não podemos deixar taõbem de sentir que se tenha feito taõ fatal uzo della. Oxalá que tal ordem nunca se publicasse! Se della se espera algum feliz resultado, não se poderia este obter por outro meio, que não tivessè os mesmos inconvenientes? Jamais foi taõ necessário, como na epoca presente, que os Generaes sejaõ taõ habeis Militares, como profundos Politicos!

Nos deprecamos, que se ponha de parte toda a discussão sobre o assumpto desta ordem: nos pedimos a todos os nossos Leitores, pedimos a todo os que seriamente amaõ a santa cauza da Peninsula, que reflectaõ muí seriamente, e que se lembrem, que toda a discussão deste genero he fatal á cauza, que a Grã-Bretanha, Portugal, e Hespanha taõ gloriosamente sustentaõ, ha quasi tres annos, e meio.

Os nomes de todos aquelles, que tanto se tem esmerado para soccõrrer a Humanidade consternada, gemente, e quasi expirante, e isto no meio de grandes sacrificios de toda a ordem, que as calamitozas, e urgentissimas circumstancias do Estado tem exigido, merecem, a nossa consideração, e respeito; e nos faltariamos ao nosso dever, se os não inserissimos em nosso Jornal. Taes são os nomes daquelles, que generosamente tem concorrido para o estabelecimento, e Manutenção do Hospital erecto na Villa d'Alenquer pelo benemerito Corregedor daquella Commarca o Dr. Manoel Joze Soares de Lobaõ, a beneficio dos miseraveis doentes. He pois com o mais puro, e vivo prazer que vamos transcrever os nomes de todos aquelles, que tem contribuido para a fundação, e sustento daquelle Azilo dos desgraçados; e o nosso prazer crescerá, á proporção que tivermos de preencher a doce obrigação de augmentar-mos mensalmente a lista daquelles subscriptores, como esperamos.

RELAÇÃO

Das Pessoas que tem contribuido com diversas sommas para a fundação, e sustento do Hospital erecto na Villa d'Alenquer a beneficio dos miseraveis doentes.

Joaquim Pereira d'Almeida	:	100,000
Antonio Ribeiro Pereira de Almeida	.	100,000
Domingos Joze de Miranda	.	50,000

Gonçalo de Lagos dos Reis	20,000
Joaõ Paulo Cordeiro	20,000
Antonio Caetano Tavares	4,800
Paulo Joze Gonçalves	4,800
Francisco Nunes Vizeu	9,600
Manoel Joze Gonçalves	4,800
Daniel Nunes Vizeu	9,600
Francisco Antonio Lodi	4,800
A. Forrest	20,000
Bernardo Henrique Metzener, e Comp ^a	30,000
Antonio Francisco da Cunha	20,000
Antonio Izidoro da Costa	4,800
Gouna Holford, e Lucas	9,600
Bulkley Ozenford e Alcorque	2,600
Hum Anonymo	6,400
Joaõ Goncalves Marques	20,000
Viuva Mallar, e filho	10,000
Geraldo Gould	10,000
F. Elbling	9,600
Carlos Onel	10,000
Ricardo Sealy	30,000
Petirs Shlick Heutre Lendenberg, e C ^a	30,000
Joaquim Coelho de Ataide	9,600
Baraõ de Quintella	50,000
Duarte Joyce	9,600
Joaquim Joze da Cunha	24,000
Potiers Irmaons	10,000
Francisco Joze Rodrigues de Brito e Comp ^a	20,000
Joaõ Francisco da Cruz	10,000
Antonio Moro	4,800
Joze Antonio dos Anjos	20,000
Joze Bento de Araujo	9,600
Joaõ Ferreira Prego	20,000
Vicente de Castro Guimaraens	9,600
Antonio Martins Pedra, e Filho	20,000
Francisco Joze Pereira	12,000
Antonio Januario da Silva Varella	9,600
Joaquim Alipio da Costa	4,800
Izidoro d'Almeida	20,000
Hum Anonymo	8,800
Joaõ Bulkley, e Filho	30,000
Fitzgebbon French e Duff	30,000
Constantino Joaquim Gomes	12,800

Joze Carceana	4,800
Eugenio Palyart	12,800
Joze da Silva Ribeiro	12,800
Henrique Meuron	6,400
Hum Anonymo	2,400
Bento Joze Pacheco	6,400
Joze Joaquim de Carvalho e Primos	4,800
Bento Guilherme Klingelhoz fer	6,400
Joaõ Antonio de Almeida	6,400
Victorino Antonio Machado	5,000
Antonio Lucio Cordeiro de Araujo Feio	6,400
Domingos de Meira Torres	4,800
Norbesto Joze Ferreira	4,800
Joaõ de Mello Lobo	2,400
Manoel Gomes Barrozo	4,800
Joze dos Santos Neto	2,400
Joaquim Joze da Silva	1,200
Pedro Joze da Silva	20,000
Domingos Ramos Coelho	2,400
Francisco Affonso dos Santos	9,600
Hum Anonymo	50,000
Jozé de Mollo	9,600
Hum Anonymo	480
Outro	1,600
Outro	800
Outro	480
Outro	2,400
Jeronimo Joze Rebello	2,400
Felis Joze Pereira Quintella	4,800
O Ex ^{mo} . Principal Souza	12,800
Manoel Luis Antonio	50,000
Jacinto Fernandez da Costa Bandeira	40,000
Joze da Cruz	1,440
Miguel Setaro	10,000
Joaõ Baptista Gondolfo	4,800
Irmaons Rebello	4,600
Joaõ da Costa de Jozé	12,800
Joze Correá da Silva	30,000
Joze Nunes da Silveira	20,000
Daniel Baptista de Barros	4,800
Felis Martins da Costa	7,200
Joaõ Baptista Sivori	6,400
Francisco Barbosa	40,000

F. M. e J. E. Montano	40,000
Joaquim Joze de Vasconcellos	19,600
Hum Anonymo	2,400
Joaquim Joze Pedro	6,400
Joaquim Joze Coimbra	6,400
João Fernandes dos Santos	6,400
Luis Francisco da Silva	1,600
Domingos Gomes Loureiro	20,000
Joze Diogos de Bastos	20,000
Manoel Joze de Moura	4,800
Antonio Francisco Machado	20,000
Duarte Pouer	4,800
Francisco Antonio Ferreira	40,000
Manoel Joze Sarmiento	20,000
O Ex ^{mo} . Conde de Peniche	12,800
H. F. Sampaio	20,000
Constantino Joaquim de Mattos	10,000
Francisco de Silva Vieira	6,400
Bento Joze Monteiro	10,000
Antonio Girard	6,480
Joze Antonio Vieira	4,840
Joze Maria da Moura	5,800
Antonio Perez Leal	40,000
Luis Cypriano Rebello	4,800
Hum Anonymo	1,920
Domingos Rodrigues Correa	3,200
Luis Gonçalves Teixeira de Barros	30,000
Raymundo Ignacio Lamas, e Comp ^a	20,000
Jeronimo de Arantes	3,200
João Antonio de Amorim Vianna filho	10,000
Francisco Joze d'Almeida	7,200
João Baptista Martins	9,600
Joze Dias de Souza	9,600
Francisco Joze Gonçalves Lamas	16,400
Joaquim Pedro Genioux Junior	4,800
Manoel Teixeira Basto	4,800
Hum Anonymo	4,800
Outro	10,000
Marcos Felipe Campo-donico	10,000
Manoel da Cruz	15,000
Thomas d'Aquino e Souza	4,800
Antonio Joze de Lemos	10,000
Hum Anonymo	2,400

Francisco Vanzeller	24,000
Hum Leal Portuguez	100,000
Francisco de Paula Vieira	2,400
Domingos Antonio de Pinho	9,600
Francisco Xavier da Maia	9,600
Antonio Esteves Costa	20,000
Manoel Roiz Correa	1,280
Jonas Calustincann	4,800
Francisco Antonio de Pinho	14,400
Pedro Nolasco Gaspar	4,800
Miguel de Pennafirme	6,400
Antonio Pereira da Silva	4,800
Hum amigo da Humanidade	4,800
O Beneficiado Bernardo Joze Delgado	4,800
Joze Antonio Soares Leal	12,800
Jozé Pereira d'Almeida, e Souza	2,400
Jacob Henrique Burchant	6,400
Francisco Honorato da Silva	4,800
Felix Joze Antonio Vianna	2,400
Bernardino de Sena Santos	2,400
Sebastião Joze Leite	3,200
Joaõ Douzelm Mahore	14,400
Francisco de Azevedo Barbuda	1,400
D'algumas vendas applicadas para Hospitaes	28,325
	<hr/>
Total.	2,122,445

Nos vemos com particular satisfacção que a mortandade neste Hospital, nos dois mezes, que decorrerão de 19 de Abril a 19 de Junho, foi na razão de 1 para 15 pouco mais ou menos: entretanto que observamos com muito espanto, e inagoa, que a mortandade no Hospital Real de S. Joseph, desde o 1 de Julho de 1810, ate 30 de Junho de 1811 foi na razão de 1 para 4 pouco mais ou menos!!! A Epidemia, que tem reinado em Lisboa, tem igualmente devastado a Commarca de Alenquer, e suas vizinhanças; donde provem pois tão enorme differença de mortandade? Nos sabemos o desconto que se deve dar a hum Hospital numerozo, relativamente a hum pequeno; nos metemos em linha de conta 7 que entrãõ mortos) e 1087 Camarentos:

mas nem assim se pode achar a razão sufficiente de taõ enorme mortandade. Dis-se que no numero dos falecidos se incluem 607 que morrerão nas 48 horas depois da sua entrada: mas isso o mais que prova he, que suas doenças eraõ mui graves; mas não se pode concluir que ellas eraõ incuraveis, ou que lhe não faltaraõ os soccorros precizos, e appropriados da parte dos Professores respectivos, ou dos enfermeiros ou do Boticario, &c. &c. Taõ grande mortandade clama por novos cuidados, redobrado zêlo, e vigilancia do Ex.^{mo}. Chefe daquelle Hospital, que há muitos annos era a vergonha dos Hospitaes! Nos sabemos, que o Ex.^{mo}. Enfermeiro Mor actual tem feito algumas uteis reformas, e cortado muitos abazos, e dilapidaçoens infames, que ali se praticavaõ: tem feito muito; mas resta-lhe mais ainda: a sua conducta, a sua qualidade, e as suas relações poem-no fora do alcance da calumnia infame, e baixa, e daquelle vilissima intriga, de que outros tem sido victimas: consequentemente nada tem que reccar, e pode impunemente corrigir abuzos, reformar, e pôr aquelle Regio Estabelecimento em estado de ser hum verdadeiro Azilo da Humanidade, estado de que ha muitos annos se tinha affastado, e do qual diaria, e escandalozamente divergia, com prejuizo dos enfermos, e com deshonra da Arte de curar.

COIMBRA.

RELAÇÃO GERAL,

das perdas, que soffreo a Universidade de Coimbra na invazaõ do Exercito Francez no 1 de Outubro de 1810, extrahida dos informaçõens que deraõ os Chefes das differentes Repartiçoens da mesma Universidade.

Real Capella.

Hum Calix, e patena de prata, huma Seta taobem

de prata, Alvas, toalhas, e mais alfaias, bem como toda a cera; tudo foi roubado.

Secretaria.

	Marcos	onças	oitavas
Dezoito castiças de prata que pezavaõ	68	6	6
Duas escrevaninhas grandes de dita	38	2	6
Quatro ditas pequenas de dita	18	6	4
Seis maças de dita	56	2	0
Tres Salvas de dita (pouco mais ou menos)	11	0	0
Huma Bengala de dita (pouco mais ou menos)	2	0	0
	<hr/>		
	195	2	0

Hum espaldar de veludo Carmezim agalado, e franjado de oiro.

Contadoria de Real Fazenda.

Huma escrevaninha grande de prata	19	1	3
Duas ditas pequenas	9	0	0

Prata pertencente ao Collegio da Madre de Deos.

Huma Cruz Processional com sua haste	7	5	0
Dois castiças grandes	11	3	3
Dois ditos pequenos e huma tezoira	2	1	5
Hum Thuribulo, e huma Naveta	7	7	3

Prata pertencente as Igrejas da Universidade.

Huma Cruz doirada com Santo Lenho	4	7	0
Duas Pixides pequenas	1	4	0
Hum Thuribulo, e huma Naveta	7	7	3
Hum Calis lizo com patena, e colherinha	2	4	0
	<hr/>		
	74	1	1

Bibliotheca.

Le Voyage em Portugal par J. Murphes, 4 volumes, Paris 1797. Foi levada por Officiaes Francezes que passaraõ recibo.

O prejuizo que soffreo a Livraria Hassiana não se pôde ate agora determinar.

Real Imprensa da Universidade.

Huma escrevaninha de prata com todos os seus pertences 38,400 Rs.

Todas as Gramaticas Portuguezas de Lobato.

Alguns jogos de Selectas Latinas em seis volumes.

Confundiraõ todos os Livros, truncáraõ, destruireã, e rasgaraõ huma grande parte das obras.

Armazem do Papel.

Roubaraõ todo o papel Hollandez, Inglez, e Bastárdo de marca maior, e menor: do papel da Louzã roubaraõ de quinze a vinte resmas: de papel florete destruireã, e inutilizáraõ muito.

Typografia.

Hum Prelo quebrado; ferragens de outros destruidas: confundiraõ todos os caracteres, e corpos, o que he de taõ grande prejuizo, que se avalia quasi na sua total ruina.

Alem disto os Francezes fizeraõ grandes estragos em todo o edificio, e em todos os effeitos que lhe eraõ proprios.

Real Observatorio Astronomico.

Hum Circular de hum pé de diametro, pouco mais ou menos, da construcção de Le Noir. Paris.

Hum dito de seis polegadas de diametro pouco mais, ou menos, da construcção do mesmo.

Hum dito de Bordá, construido por Nairne, e dirigido por J. J. Magalhaens. Londres.

Hum Theodolites de hum pé de diametro pouco mais ou menos, construcção de Jones. Londres.

A Agulha de huma Plancheta, construcção de Haas. Lisboa.

Telescopio pequeno de Galileo de cinco polegadas, pouco mais, ou menos, construcção de Dollond. Londres.

Telescopio Gregoriano de 14 polegadas de foco pouco mais ou menos, construcção de Adams. Londres.

Hum oculo de ver de noite de dois pes de foco, pouco mais ou menos.

Hum Telescopio Acromatico de dois pes, e 9 polegadas de foco, pouco mais ou menos, construcção de Nairne. Londres.

Tres Telescopios Acromaticos de dois pez, e meio de foco, que amplificaõ com diversos oculares de cincoenta, a oitenta vezes: tem de abertura duas polegadas de diametro; construcção de Dollond. Londres.

Hum Telescopio Acromatico de tres pez, e meio de foco, amplificando com diversos oculares de cincoenta, a oitenta vezes, tendo de abertura duas polegadas, e nove linhas, construcção de Dollond. Londres.

Todos estes Instrumentos foraõ para o Serviço do General em Chefe do Estado Major General do exercito Francez, por ordem do General em Chefe Massena; e delles passou recibo ao Guarda do Observatorio o Capitaõ de Engenheiros Beaufort Hautpoul.

Hum Pantografo, construcção de Jones. Londres.

Hum Compasso, e regoa metalica, construcção de Jones. Londres.

Hum estojo Geometrico, construcção de Jones. Londres.

Dois estojos Geometricos, construcção de Nairne. Londres.

Estes Instrumentos foraõ levados para uzo de Rühous Engenheiro Geografo do Exercito Francez, dos quaes passou recibo ao Guarda do Observatorio.

Hum Thermometro, e Barometro, construcção de Jones. Londres.

Outro Thermometro, construcção de Jones. Londres.

Huma excellente Pendula Astronomica, construcção de Berthoud. Paris.

Todos estes Instrumentos foraõ levados para o General Regnier (exceptuando a Pendula Astronomica por cahir das maõns a hum Francez, e ficar inutilizada) pelo Capitaõ Ajudante Nues, que passou recibo.

Hum Metro de lataõ, o qual foi levado pelo Capitaõ Engenheiro Beaufort Hautpoul, que passou recibo.

Grafometro, e huma Alidada, construcção de Le Noir, que foi levado pelo Official de Artilharia Hemogues empregado junto á pessoa do General Regnier, e deque passou recibo.

Dois Mycrometros pertencentes a hum Telescopio Paralitico de tres pes e meio de foco, e que amplifica com diversos oculares de cincoenta a cem vezes, tendo de abertura duas polegadas, e oito linhas, construcção de Dollond.

Gabinete de Fizica.

Quatro Microspios.

Dois Telescopios Terrestres.

Hum dito Acromatico.

ARTIGO

De hum Officio do Vice Reitor da Universidade de Coimbra o Ill^{mo}. Snr. Francisco Antonio Duarte da Fonceca Montanha dirigido ao Ill^{mo}. e Ex^{mo}. Snr. D. Miguel Pereira Forjaz.

‘ Este (o inimigo) logo que entrou nesta cidade procurou a caza do Mestre da polvora (segundo a sua fraze) o Dr. Thomé Roiz Sobral, pois que sabiaõ, que este tao benemerito. Lente de Chimica tinha fabricado no seu Laboratorio Chimico toda a polvora necessaria na epoca da restauração do Reino, tempo em que naõ havia hum só graõ della, e era extrema a sua necessidade. Elle poz assim em exercicio, e ensino quotidiano toda a Artilharia do corpo Militar Academico, de que era

Capitão; e o poz em termos de praticar todas as operaçoens, que debaixo das ordens do Brigadeiro General Nicoláo Trant, foi necessario fazerem-se sobre o Vouga, com muita satisfação deste zelozissimo, e peritissimo General, por cuja dexteridade se salvou entao esta cidade, e a universidade da invasão do inimigo.

Este porem conseguindo a sua entrada nesta Cidade em o 1. de Outubro precedente, (donde a 7 do mesmo mez foi exterminado pela destreza, e valor do mesmo Brigadeiro Trant) *assombrando* logo a caza do Dr. Thomé Roiz Sobral, caza nobre, feita de novo, e bem mobilhada, a incendiaraõ toda, e nella queimaraõ todos os seus escriptos, e a sua escolhida Livraria; e não andaria por menos de 15 mil cruzados toda a sua perda, cauzada pelo odio, que o inimigo concebeo contra hum homem de tao distincto merecimento, por ter applicado o seu prestimo, e tanto trabalho diario, e nocturno á defeza da Patria, &c.

O merecimento literario deste benemerito Professor, nosso Mestre, he mui conhecido, bem como o são os importantes serviços que elle fez á Santa Cauza da independencia, restauração, e liberdade de Portugal; e se he gloriozo para elle perder tudo por tal motivo; he taobem hum dever dos Ex^{mos.} Snr^{es.} Governadores de Portugal indemniza-lo, distingui-lo, e honra-lo. Nos reclamamos taobem a attenção do Committé das Subscripçoens estabelecido em Londres, e a dos seus commissionados em Lisboa em favor de hum homem de tanto merecimento, e serviços, victima da barbaridade, e raiva de hum inimigo, que não conhece honra, generozidade, virtude: nos não podemos deixar de o recomendar á sua consideração, e justiça, bem como o outro benemerito Professor o Snr. Manoel Joze Barjona, que na sua retirada para Lisboa foi apanhado pelo inimigo, despidido, roubado e a sua familia, e a sua caza em Coimbra saqueada.

ILHA DE S. MIGUEL.

F A L L A

Que o muito honrado, e benemerito Juiz de Fora da Cidade de Ponta Delgada o Dr. Roque Francisco Furtado de Mello, dirigio ao moradores da mesma, quando ali chegou a noticia de terem os Francezes evacuado Portugal, e do estado de desolação em que ficáraõ os moradores das Provincias.

As noticias, que successivamente tem chegado de Portugal nos descrevem os habitantes daquelle paiz na maior penuria, e falta de mantimentos, principalmente nas provincias por onde o inimigo invazor praticou na sua fugida todo o genero de roubos, e estragos, deixando os campos devastados, e as habitaçoens incendiadas. Huma grande parte daquelles povos despojados de quanto possniaõ pela barbaridade do inimigo, apprimidos de fome, e doenças, que desta são natural consequencia, apenas subsistem da beneficencia do Governo, e dos donativos com que lhe tem acodido a humanidade, não só dos nacionaes, mas taobem da generosa Nação Britanica.

Os habitantes desta Ilha, a quem o omnipotente tem preservado de taes flagellos, vivendo felizes ao abrigo das providentes vistas, e sabias disposiçoens do Príncipe Regente Nosso Senhor, gozando de todos os commodos de huma paz tranquilla, e inalteravel, não devem mostrar menos humanidade, e patriotismo, acodindo aos seus compatriotas indigentes, e exauridos de todos os meios necessarios para conservar a vida, com aquelles soccorros, que o mesmo Direito Natural prescreve.

Aquelles pois que quizerem concorrer, como espero, para hum tao louvavel objecto, poderaõ dar os seus nomes a qualquer dos Agentes para este fim nomeados, e entregar os donativos, que a sua

piedade lhes dictar ao Dr. Francisco Caetano de Carvalho, incumbido deste recebimento. O producto destes donativos será remettido para Lisboa, ou em patacas Hespanholas, ou em mantimentos, havendos, debaixo da inspecção dos Ex^{mos.} Snr^{es.} Governadores do Reino, para ali ser distribuido com a sabedoria, e humanidade, que se tem praticado com outros iguaes.—Ponta Delgada 2 de Junho de 1811.

 AVIZO

Expedido ao Ex^{mo.} Snr. Marechal Beresford pelo Ex^{mo.} Snr. D. Miguel Pereira Forjaz.

Ill^{mo.} e Ex^{mo.} Snr.

SENDO essencialmente necessario effectuar-se a segunda parte do resgate dos infelizes Portuguezes captivos em Argel, nao só porque a humanidade insta que se livrem da oppressão, e cruel exterminio aquelles desgraçados, senão taobem porque hindo passando o tempo da tregoa concedida pela dita Regencia, se exporia Portugal a ser de novo inquietado pelos Corsarios Barbarescos, o que occasionaria graves damnos ao Commercio; ao mesmo passo, que seria a cauza de se fazerem consideraveis despezas para conservar huma Esquadra no Mediterraneo, a fim de impedir a sahida dos ditos Corsarios: e tendo os Governadores do Reino empregado toda a sua vigilante attenção para accelerar, como convem o mencionado resgate, tem dado, e continuoão a dar as possiveis providencias para se ajuntar a somma, que he absolutamente precisa para se verificar a segunda Expedição a Argel; porem como esta soma monta á quantia de cento, e tantos contos de reis, e somente exista no cofre dos donativos, e contribuiçoens voluntarias em caza do Negociante Francisco Antonio Ferreira huma pequena porção de dinheiro: Os mesmos Governadores bem persuadidos dos sentimentos de piedade, que acompanhaõ a pessoa de V. Ex^{ca.}, esperaõ que V. Ex^{ca.} se dignara expedir as suas ordens aos Chefes de todos os corpos de linha para que declarem por meio de listas, que serao enviadas a esta Secretaria de Estado da Marinha, quaes sao as sommas com que os individuos do Regimento do seu commando tem contribuido para hum tao

caritativo objecto, e quaes as thezourarias em que se tem entregado, bem como as quantias com que ainda poderaõ concorrer; tudo isto a fim de se exigirem das mesmas Thezourarias as sommas ali entregues, e se saber com quanto mais se poderá contar para soccorro do mencionado Resgate: Deos Guarde a V. Ex^{ca}. Palacio do Governo em 8 de Julho de 1811.—D. Miguel Pereira Forjaz.—Snr. Guilherme Carr Beresford.

INGLATERRA.

NOTA CONFIDENCIAL

Entregue por Mr. Champagny ao Embaixador da
Russia em Paris no mez de Outubro de 1810.

REMETTO á Vossa Excellencia, por ordem de S. M. o Imperador e Rei, meu beneficentissimo soberano, a seguinte Nota confidencial. Ella contem hum exame imparcial da grande questao da paz e da guerra; ella claramente indica a origem donde se derivaõ os males passados, e prezentes da humanidade.

Se as ilhas Britanicas tivessem sido submergidas alguns seculos atraz, nos mares que as rodeaõ, o Continente da Europa naõ comprehenderia ja senaõ huma grande familia reunida. Vendo a sua civilizaçaõ superior, e a sua prosperidade, os habitantes das outras partes do mundo teriaõ entaõ buscado fazer hum pacto social com elle ou huma adopçaõ politica. O massacre das geraçoens e a desolaçaõ dos paizes seriaõ entaõ desconhecidas. Entaõ, hum ligeiro castigo bastaria para intimidar o rebelde, e corrigir o sedicioso. Entaõ o verdadeiro Deos teria sido adorado por todas as naçoens. Os vassallo doceis teriaõ entaõ olhado o seu Principe como huma segunda Providencia. Mas quando os homens começaõ a discutir o culto do seu divino Creador, naõ hesitaõ por mais tempo em attacar as prerogativas dos seus soberanos terrestres. A rebelliao he irmã gêmea da impiedade, e estas geraõ d'ordinario a anarquia, e o atheismo.

O Inglez Wickliffe teve a sacrilega audacia de propor innovaçoes religiosas, longo tempo antes que o Bohemio Huss, e o Saxaõ Luthero, proclamassem as suas heresias. Estes ultimos naõ teriaõ tropeçado, se a Inglaterra naõ tivesse ja derramado o veneno entre os Allemaens; elles se aproveitaraõ somente do contagio, que a ignorancia, e os vicios do clero, a apathia, e a falsa politica dos governos, deixaraõ grassar entre o povo. Desde essa epocha, particularmente, nunca mais a Inglaterra esteve tranquilla interiormente, nem cessou de perturbar

a tranquillidade dos outros Estados. Assim como era de prever, os successos dos inovadores religiosos animarao os attentados dos politicos incendiarios. O continente foi inundado dos delirios sacrilegos, dos anti-christaos, e anti-monarchicos Inglezes. Elles tem minado até aos alicerces da ordem social. Para provarem o seu supremo desprezo por todas as instituicoens divinas e humanas, elles abrirao os seus templos aos fanaticos os mais ignorantes e os mais viciosos, e entregarao o mais virtuoso dos seus reis nas maons dos mais ferozes regicidas. Quantos milhoens de Europeos nao tem perecido no continente, por que estes ilheos desprezarao impunemente o seu Deus, e degolarao seu Rei! (“Ah!” dizia com emoçao sua Magestade Imperial, e Real*, “sem seus enormes crimes, Luiz XVI. reinaria talvez ainda, e huma feliz obscuridade teria sido a minha sorte.”)—Com effeito se os infernaes assassinos de Luiz XVI. erao Francezes degenerados, he por que tinhao sido doutrina-dos por sophistas Inglezes; he porque tinhao sido halucinados pelos exemplos, ou seduzidos pelo ouro das facçoens Inglezas. Nao he preventura so a Inglaterra que neste momento perturba a Europa, e faz correr o sangue de seus filhos em Turquia, n’Allemanha, na Hespanha, em Sicilia, e Portugal? Sua Magestade Imperial e Real nao tem, quasi todos os annos, e no meio dos seus triumphos os mais brilhantes, apresentado o ramo de oliveira, sempre misturado de loiros, á ingrata Inglaterra? Quantas vezes, do fundo de sua alma patriotica se tem levantado, porem debalde, esta exclamação. “Inglezes, eu vos amo como homens, e vos estimo como guerreiros; cesse toda a carnagem humana, recobre a humanidade os seus direitos perdidos a tanto tempo; sejamos amigos mas com reciprocas e honrozias condiçoens; a nossa rivalidade se exercite daqui avante em esclarecer, e nao em destruir os nossos semelhantes.”—Sua Magestade Imperial e Real se tem dirigido a hum governo mai fraco para ser justo, e mui poderoso para nao poder fazer mal; e a huma nação muito egoista para sympathizar com os soffrimentos dos outros, e muito dezenfreada para buscar os seus verdadeiros interesses. Nao pode duvidar-se, que o mundo tem de continuar a ser perturbado, até que a constituição do Imperio Britanico se reforme, de huma maneira mais conforme ao espirito das Cartas Constitucionaes, que affiançao por ora a dignidade, e o poder dos Soberanos, a obediencia e a segurança dos vassallos do continente. Para effectuar huma reforma tam salutar nas ilhas Britanicas; os principaes gabinetes da Europa devem ser unanimes na sua resolução, e firmes e vigorosos nas suas medidas. A Inglaterra deve curvar-se, se o continente fica em pé. As divisões, e a fraqueza dos outros estados fazem toda a sua força. He pre-

cizo offerecer-lhe outra constituição. Se ella tem a prudencia de a adoptar, sua independencia e suas possessoens serao garantidas; mas se for assaz cega, e teimosa para a rejeitar, hum decreto solemne de todos os governos civilizados a repudiará para sempre da grande familia da communitade Europea; e será posta para o futuro na ordem dos piratas de Africa. Ella não será mais soffrida pelos neutros. A pena capital será infligida nos capitaens, e marinheiros dos navios de todos os paizes estrangeiros que traficarem com ella; e a lei relativa a alta traição sera posta em vigor com os contrabandistas, negociantes, e compradores das suas produçoens e mercadorias. Estes projectos e regulamentos podem parecer, a primeira vista, hum pouco severos; mas sem elles huma tregoa somente se pode assignar, e nunca se poderá concluir huma paz entre ella, e o continente. Esta severidade para com ella, he huma verdadeira humanidade a respeito de todas as outras naçoens do globo, sem exceptuar mesmo a Gran-Bretanha. Pode isto demonstrar-se sem difficuldade, ou possibilidade de contradicção. Se os Inglezes fossem formados dos materiaes que compoem os outros povos, poder-se hia com pouco conhecimento do espirito humano predizer os resultados os mais lizongeiros, sem que houvesse precisão de recorrer aos extremos; mas elles differem inteiramente do resto da especie humana.

Quem pode negar que hum Rei de Inglaterra, segundo a organização da anarquia constitucional do seu reino, seja agora o mais humilde dos escravos? Quando o monarcha não he livre, como se atrevem seos vassallos a fallar de liberdade? O facto he que a escravidão dos Inglezes se torna mais pezada a proporção que se sabe ella dimana da mais vil populaça, de hum bando de pequenos tyranos, ignorantes, e brutaes, corrompidos e oppressores.

Não he escravo o Monarcha, que não pode escolher os seos proprios consilheiros, e creados; que durante o reinado de meio seculo, entre vintenas de ministros, não tem sido rodeado de dez, á quem podesse ter amizade e confiança; e nem de seis, que podesse amar ou estimar? São leves os grilhoens deste rei e pai, que, por dous mezes inteiros, foi forçado a ver seu filho querido victima das paixoens mais perversas dos mais vis e dos peores dos homsns? Merecem ministros o nome de homens livres, quando se vem obrigados a faltar ao respeito e reconhecimento devidos a hum Principe, que os creou; e a lizongear huma populaça licenciosa que os despreza, e que os insulta? Que devemos nos pensar da cabeça, ou do coração dos consilheiros privados do Rei, que não se atrevem a livrar da tortura as entranhas do seu Principe, e a reputação de seu filho de huma injusta ignominia, posto que saibao que seos perseguidores são os mais vis bandidos, e os mais depravados conspiradores? Co-

mo se pode apreciar a honra de huma Nobreza, que não so deixa de repellir os infames atacantes de hum Principe de sangue, mas soffre que algum de seos Membros sejaõ cumplices neste ataque? Podem ter pertençaõ alguma á liberdade ao patriotismo, esses representantes do povo, que não espulsaõ, ou não punem os facciosos, que procuraõ solapar a monarquia, aviltando o filho do seu Monarcha? Que liberdade, ou que lealdade devem ter esses pertendidos amigos do throno, que para mostrar a sua affeicãõ á familia Real, compraõ o seu silencio futuro sobre hum dos filhos do Rei, que não podia ser mais deshonorado por novos escandalos, para envolver de hum modo mais que desnaturalizado outro filho do seu Rei na desgraça de seu irmaõ? Pode suppor-se que haja alguma decencia ou alguma lealdade entre os cidadão's da primeira cidade do Imperio Britanico que não somente se reúnem por toda a parte aos inimigos jurados de seu soberano, mas animaõ tambem os discursos insensatos de *tendeiros* ignaros e insolentes, que não abrem a boca senaõ para hum xurrilho de inepeias impertinentes, e para pregar a rebeldia? Oppoz-se hum so condado a esta infame, e cruelmente audaciosa preseguiçãõ da Victima Real? Não tem, pelo contrario disputado todos os Condados, nesta vergonhosa luta, sobre quem seria o primeiro a ferir a sensibilidade de hum Rei veneravel, e á recompensar os ultrajantes delictos dos inveterados inimigos do seu repouzo interno como da sua regia soberania? Não he evidente, niesmo para o observador mais superficial, que a naçãõ Ingleza não tem nem moral, nem liberdade racionavel? Se a primeira supposiçãõ he pouco favoravel, seria rediculo não ver a auzencia total da ultima.

Na Graã-Bretanha, a faccãõ abrange tudo, e a todas as classes; o Rei mesmo he faccioso para a sua propria defeza, para a sua conservaçãõ. Mas nos tempos antigos, como nos tempos modernos, em Grecia como em França, em Roma como em Inglaterra, não forãõ sempre as facçoens os despotas mais crueis? Não forãõ ellas sempre intolerantes, audaciosas injustas, incorrigiveis? A julga-las por essas scenas escandalosas, nas Ilhas Britanicas, que o Continente indignado deplorou ha bem pouco, resta pouca esperanza de que as facçoens renunciem aos seos criminosas attentados, quando mesmo a França produzisse (como o poderia fazer) a prova convincente que de todos os tempos até hoje; todos os chefes de facçoens, todos os usurpadores do nome de patriota, e todos os pertendentes á popularidade na Graã Bretanha, tem fixado o seu preço, ou fomentado intrigas com os inimigos do seu paiz; tem accettato presentes, ou recebido instruçoens dos Gabinetes rivaes, ou inimigos. Quando a majoiidade mesmo estivesse convenida, huma minoridade sem pejo dominaria. Na Inglaterra, assim como se vio em França, as facçoens não podem jamais

ser corregidas, he preciso extirpalas. Hum pequeno numero de pessoas ambiciozas, ou cuja fortuna, e reputação estão perdidas, acharão sempre, durante a existencia da Constituição actual de huma regia democracia, occasioens para halucinar os ignorantes, e excitar os indigentes e mal intencionados a commetter excessos fataes ao repouzo da Europa, por exemplos contagiosos.

Cumpre á historia traçar os actos produzidos pelo espirito audacioso das facçoens Inglezas, sua influencia sobre a politica externa e interna da Graã Bretanha, seos crimes para com a humanidade, sua ferocidade e barberia ordinarias. Mas não tem ellas tido o poder, depois de ter pizado aos pez hum Principe de sangue real, de gabar as proezas de hum general que deliberou, quando devia obrar, que avançou quando devia retirar-se, para fugir em dezordem diante de hum punhado de homens que o perseguiaõ; entretanto que forçaõ outro General a dar a sua dimissão posto que victorioso, porque o clima os elementos, e outras circumstancias impervistas obstarão á que elle sabisse completamente bem de huma tentativa extravagante? Não forçaraõ ellas o Rei a deixar impunido* hum agente politico, que merecia ser posto em juizo por falta de talento ou probidade em dezobedecer ás suas ordens, e desprezalas? Não forçaraõ o seu Rei a deixar sem recompença outro agente politico* cuja firmeza, e submissão ás ordens do seu Soberano o expozerão a insultos publicos, e perigos pessoaes? Não forçaraõ ellas o seu Rei a soffrer com paciencia estas e outras provocaçoens posto que dimanassem do mais fraco e mais desprezivel de todos os governos? † Mas em todos os ramos dos estabelecimentos constitucionaes da Graã Bretanha, as facçoens levantaõ hum sceptro de ferro anarchico que perturba, transtorna, e attaca tudo. Hum Capitaõ de huma esquadra Ingleza cruzando na Europa não arrastou acazo o seu almirante á huma meza ou commissão militar? Posto que este ultimo se sabisse honrosamente, não pozeraõ as facçoens o accuzador ao abrigo do punição? Officiaes servindo no Exercito Britanico das Indias não tem excitado os soldados á rebelliaõ? Não tem elles, sustentados pelas facçoens, acrescentado a revolta á insubordinação, e representado o perjurio e os procedimentos mais audaciosos como actos meritorios de patriotismo, e de justas reprizalias? Não he a imprensa Ingleza de tal maneira licenciosa; que protegido e sustentado pelas facçoens, hum libellista reconhecido § publicou da sua prizaõ os escriptos mais incendiarios, desprezando as leis, e fomentando discordias civis, insultando ao mesmo tempo os juizes que o tinhaõ con-

* Erskine. † Jackson. ‡ Os Estados Unidos. § Cobbett.

demnado, e o Governo que tinha feito executar a sua sentença? Hum chefe de facção,* que he taobem Membro do Parlamento, não disse francamente nesta Assembleia, que a Nação não era representada por seos Membros, e que seu paiz não valia a pena de o defender? Não se atearão subitamente estas mesmas facções, que atabavaõ de ouvir com huma paciencia tam admiravel como philosophica, tratar tam indignamente o filho do seu Rei? Estes amigos da liberdade não mandaraõ huma ordem de prizão contra aquelle que tinha proclamado esta verdade dezagradavel com huma ouzada franqueza? Entaõ a anarchia Ingleza se mostra em toda a sua horrivel gloria. A facção confbate a facção. Quantidade de pessoas são mortas nas ruas mesmo da capital, em que huma guerra civil desenvolve todos os seos furores. Mas notai bem, que apenas o Rei ordena por humanidade ás suas gardas, que poupem huma effuzão maior de sangue, hum Jury faccioso os declara reos, porque fizeraõ o seu dever, porque senaõ deixaraõ assassinar pelas maõs da facção rebelde!!!

Os proprietarios de hum theatro de Londres levantaõ de huma bagatella o preço de entrada. Os Inglezes, como os Romanos de sanguinolenta memoria, não deixaõ escapar huma occaziao tam propicia para crear novas facções. As scenas mais nauseantes, effeitos da mais odiosa dezenvoltura, transformaõ o theatro em campo de batalha para os pagilistas, espadachins, prostitutas, e ratoneiros. No meio de hum povo que falla tanto do respeito pela propriedade, a propriedade de alguns individuos he abertamente envadida, e são obrigados a submetter-se ao maximo ruinoso de huma facção imperiosa. Não he para temer que a anarchia triumphante não pare á porta ou na platea do theatro, mas que tarde ou cedo force a entrada dos bancos, dos escriptorios, dos armazaens, para ahi fixar o seu maximo,— para ali extorquir suas requiziçoens?

Depois que a sabedoria de sua Magestade Imperial e Real instruiu o Continente sobre os seos verdadeiros interesses, os guerreiros continentaes não são mais tributarios aos corretores insulares; e os Inglezes, que em retorno de superfluidades vendidas por alto preço, recibiaõ dos estrangeiros quasi por nada os objectos da primeira necessidade para elles, tem começado a temer a fome. Para diminuir o consumo do graõ, o governo buscou substituir-lhe outra couza para a distillação. Os armazaens estando a tuldados dos generos coloniaes, lembrou naturalmente o assucar, e foi proposto. Os proprietarios de terras se assustaraõ immediatamente, e fizeraõ huma opposição; e por muitos mezes as facções do graõ, e do assucar, com as facções do theatro, e da reforma, com as facções navaes e

* Burdett.

militares, com as facçoens jacobinas da cidade e do parlamento, tem occupado toda a attençaõ de hum povo verdadeiramente faccioso, devidido, e turbulento. Nao he nisso somente que o interior de Londres apresenta huma pasmoza semelhança com o interior de Constantinopola, quando os Mussulmanos estavão debaixo de seos muros, e bem depressa com os seos alfanges terminaraõ as disputas das seitas, e dos partidos contendentes.

Todo o Estrangeiro que invadio as ilhas Britanicas as conquistou. A bancarota pode dezemparar, a rebelliaõ pode despergir, as tempestades podem arruinar, e a victoria pode obter e tomar as armadas que athé qui tem protegido a Graã Bretanha contra o justo resentimento de Sua Magestade Imperial e Real. A submissaõ unicamente pode fazer com que os Inglezes nao sejaõ, como os Batavos riscados da lista das naçoens independentes. A rezistencia pode retardar a catastrophe tornando-a mais terrivel, mas ella nao pode mudar seu destino. Nao lhe resta pois outro meio entre a submissaõ, e a conquista. A Caza reinante nunca produzio heroes; e as virtudes domesticas de hum Principe que governa hum povo turbulento e faccioso, saõ fracos garantes de que o repouzo das naçoens continentaes nao será mais perturbado, nem accomettido. Resta, contudo, decidir se huma mudança de dynastia sera necessaria, ou se huma mudança de constituição sera sufficiente. Ha muito tempo que o simples consentimento de sua Magestade Imperial e Real teria podido effectuar hum transtorno geral: Ha longo tempo que differentes facçoens tem feito subir a Sua Magestade Imperial, e Real tanto supplicas para obter apoio, como planos para effectuar revoluçoens. Mas ja nao he tempo de animar vassallos a minar thronos estabelecidos. Os monarchas somente seraõ daqui em diante os juizes dos monarchas; e ai do Principe que appellar para o seu povo da sentença dos seos iguaes !!! Ele cessou de reinar.

Fontainebleau, 30 de Outubro, de 1810.

(Assignado)

O DUQUE de CADORE.

A Sua Excellencia.—

(Muito confidencial.)

Esta Nota que appareceo primeiramente no Jornal da tarde, *The Courier*, e que elle declara autentica, he reputada por apocryfa pelo Redactor do *Morning Post*, e outros. Com tudo a publicidade daquel-

le papel nos Estados Unidos, onde Bonaparte tem hum partido immenso, e huma influencia incrível; e os principios desenvolvidos na sobredita Nota, mostram assaz a sua authenticidade. Tudo o que nella se contem he exactissimamente analogo a tudo o que Bonaparte tem sempre proclamado contra a Inglaterra: o odio que nella desenvolve contra este Paiz ditozo, he perfeitamente o mesmo que o Tyranno da França tem sempre mostrado: todos os principios, todas as expressoens, todas as frases são de Bonaparte: não vemos pois hum só motivo, não achamos huma só razão plauzível para duvidar da authenticidade daquella Nota, que nos julgamos official. Nos esperamos que a guerra se declare bem depressa entre os dois grandes Imperios; e então o Gabinete de S. Petersbourg dará áquella Nota Official toda a publicidade, que ella merece para desenganar os incredulos, e todos aquellos, que apesar da terrível, e dolorosa experiencia de onze annos de crimes, de assassinatos, de perfidias, e de horrores sem exemplo na historia do mundo, ainda teimaõ a olhar Bonaparte como hum homem Grande, e não só capaz de virtude, mas virtuozo de facto!!! Bonaparte dezeja que todos os Monarcas sejaõ taõ Despotas como elle, para firmar o seu despotismo: eis aqui o primeiro fim desta Nota. Bonaparte não podendo vencer por meios legitimos a Grã-Bretanha, procura excitar no seu seio huma revolução, unico meio de a vencer: tal he o segundo fim. Elle não conseguirá nem hum, nem outro.

He mui ordinario em muitos homens de Inglaterra fallar doque não entendem, e caluniar denegrir, e aviltar as duas Naçoens Portugueza, e Hespanhola. Hum orgulho que passa a insupportavel, e talvez motivos bem sordidos dirigem a sua penna; e seria o seu maior prazer que terminasse promptamente a boa intelligencia, e harmonia que reina

entre as tres Naçoens alliadas, unicas que tem sabido resistir ao Despota da Europa, e de cujos esforços unidos depende a liberdade do mundo.

No Morning Chronicle de 26 de Julho appareceu hum artigo calumniozo a respeito de Hespanha e Portugal, e no mesmo Jornal de 13 de Agosto vem huma resposta áquelle artigo, que vamos com muito gosto transcrever, e por ella veráõ os nossos Leitores a injustiça, e falta de exactidaõ do author do sobredito artigo. Nos estamos bem longe de approvar tudo o que o Governo de Portugal tem feito, e muito menos o de Hespanha: elles são compostos de homens; e nada tão natural ao homem como errar, principalmente nas circumstancias actuaes; mas tudo o que o Author do citado artigo diz contra o Governo de Portugal he falso, como os nossos Leitores veráõ pela seguinte resposta.

Ao Editor do Morning Chronicle.

Senhor.

Eu espero que a vossa ingenuidade me conceda hum lugar no vosso Papel para algumas observaçoens, que me suggerio a leitura de huma carta, que appareceu no Morning Chronicle de 26 do passado á cerca de Portugal, e Hespanha.

Tendo por mim unicamente a verdade, eu não buscarei refutar todas as vagas asserçoens do escriptor daquelle artigo, muitas das quaes são evidentes provas de ignorancia, e rancor; mas limitar-me-hei áquellas que mais directamente se dirigem contra Portugal, de cujo paiz tenho melhor conhecimento, entretanto que o vosso author parece estar determinado a fazer mal, ou ignorar o objecto que trata.

Elle accuza o Governo Portuguez de cauzar não precisas delongas pelos seus regulamentos á cerca de descarregar navios chegados a Lisboa do Norte da America, quando a barrica de farinha estava ali a 20 dollars, exigindo o lapso de quarenta, e cinco dias, contando desde a data em que sahiraõ de porto Americano. Creio que todo o mundo desculpará o Governo em preferir a farinha, a 20 dollars a barrica, á gratuita importação da febre amarella. A necessidade de quarentena he inquestionavel; mas o Governo Portuguez commetto *na opiniaõ do author* a enorme offensa de prolongar o periodo ordinario de 42 a 45 dias, depois de ter deixado entrar no calculo o tempo gasto na viagem. Não poderá da-

qui induzir-se muito bem, que o author deste virulento artigo, vio frustrada alguma das suas especulaçoens, e que mallograda a humanidade que o induzira a enviar farinha em soccorro dos necessitados Portuguezes, não pôde realizar 20 dollars por barrica em razão daquella quarentena dar tempo a mais concurrentes, que fizessem baixar o seu preço? Elle se infurece igualmente de ver que as suas operaçoens são observadas pelos officiaes de Alfandega: * o que não dá muito favoravel idea da sua legitimidade.

Queixando-se das delongas, elle omitta dizer, que os barcos que servem para a descarga dos navios no Tejo, são frequentemente postos em requizição para serviço do exercito; e que elle antes queria expor-se áquelle inconveniente, do que deixar de trazer a sua farinha ao mercado.

Quanto ao tratado do commercio, o escriptor pode estar certo que elle tem sido plenamente adoptado em Lisboa, onde todos os artigos das manufacturas Inglezas são agora admitidos, pagando 15 por cento de direitos, quando muitas dellas eraõ outrora prohibidas: e as que eraõ admitidas pagavaõ 27 por cento, alem de outros impostos consideraveis. Fallando do tratado de commercio os Portuguezes, pelo contrario, com muita razão se queixão de que em Londres se não faz cazo algum de varias das suas estipulaçoens.

He verdade que elle representa tudo isto, como objecto de mui pequena monta; e na sua pompoza direcção ao Publico allude particularmente ao estado do cambio. Não se esperava com effeito que elle lançasse huma nova luz sobre este importante objecto: — mas nem huma só idea he suggerida ao menos a respeito das suas operaçoens; e tanto a sua alluzão ao cambio, como os argumentos do Nobre Lord *em certa assemblea* a que elle se reporta e que parece intentar reduzir a *forma*, são igualmente cheios de inepecia, e ambiguidade.

A fluctuação que se observa no papel moeda Portuguez he tal, como devia esperar-se n'hum paiz exposto á invazão, e de nenhuma sorte argue, pela desappareição do metallico o pertendido monopolio dos Quintellas, e Sampaio. Pelo con-

* Não ha huma queixa mais injusta! Queria este bom homem fazer o que quizesse, e que os Officiaes da Alfandega de Lisboa o não vigiassem, e que se pozesse de parte a Lei pelo o obsequiar. He preço hum orgulho, e insolencia sem exemplo para ter pertençaõ taes! Nos podemos certificar aos nossos Leitores Nacionaes, que a vigilancia dos Empregados das Alfandegas Inglezas he infinitamente superior á dos Officiaes das Alfandegas Portuguezas, assim a respeito dos estrangeiros, como dos proprios Nacionaes. He bem digno de reparo que os individuos Inglezes sejaõ taõ amigos do imperio da Lei no seu paiz; e que fóra delle queiraõ ter huma absoluta liberdade! *Os Investigadores.*

trario a consideraçãõ e influencia destes respeitaveis Negociantes tem servido *grandemente* á causa commum.

Os soccorros da subscripção destinados para os Portuguezes necessitados, produzidos por huma liberalidade, e sentimento, que fazem honra a esta Nação, são considerados como verdadeiramente ridiculos, pois que os Portuguezes se *jactaõ* que n'humas das suas Igrejas tem prata que monta aperto de *meio milhaõ Sterlino*. Com tudo o author omitta referir o nome daquella Igreja; e o que mais he parece esquecer, que durante a occupação de Portugal pelos Francezes debaixo de Junor, todas as Igrejas forao despojadas das suas riquezas, naõ como a Igreja de S. Paulo em Londres, durante a escuridade da noite; mas em pleno dia, com descarado, e sacrilego insulto, á face dos ultrajados habitantes daquelle deditozo Paiz.

Eis aqui pois circumstancias verdadeiramente inapreciaveis por quem se mostra empenhado em recommendar com preferencia a *Politica Franceza* áquelle amigavel sentimento tao universal por todo este paiz (do qual, todavia, congratulo o escriptor do dito artigo por disfrutar a miseravel excepção), e que nos mostramos em a nossa conducta com hum povo, que tem feito naõ menos esforços para defender seu paiz, que sacrificios de prevençãõ nacional para convencer-nos da sinceridade do seu reconhecimento e afeição.

Tenho a honra de ser—vosso mui obediente Servo—&c.

Edinburgo, 3 de Agosto de 1811.

Reforços para o Exercito de Portugal.

No dia 17 de Agosto partio de Spithead para Lisboa a Corveta Wolvereene comboiando o bello Regimento de Dragoens das Guardas, o 5. commandado pelo Tenente Coronel Ponsonby; e fortes destacamentos para o 79., 92, e para muitos Regimentos do Exercito do Lord Wellington.

Em breve vai sahir para o mesmo destino huma nova frota em que irá o 7. Regimento de Hussards commandado pelo Lord Paget.

Vaõ immediatamente partir duas brigadas de grossa cavallaria e huma brigada de Hussards

LONDRES.

EXTRACTOS

*Dos Officios do Illmo. e Exmo. Snr. Marechal General
Lord Visconde Wellington dirigidos a S. Exca. o
Conde de Liverpool.*

Quinta de S. Joaõ 4 de Julho de 1811.

‘ Depois de 27 de Junho, dia em que escrevi a V. Exca., o inimigo retirou a grande força que tinha na vizinhança de Badajoz. O Tenente General Sir Stapleton Cotton fez a 2 deste mez hum reconhecimento, com huma parte da Cavallaria sobre o Xevora, e Guadiana ate Montigo, e não encontrou alguma tropa, exceptuando hum pequeno corpo de infantaria, e cavallaria em Montigo, e perto de Badajoz a Cavallaria da guarnição desta Praça.

‘ Conforme todas as noticias, o exercito de Portugal está postado na margem direita do Guadiana entre Montanchez, e Merida, conservando hum pequeno posto em Montigo; e o exercito do Meiodia sobre a esquerda deste rio estendendo sua esquerda para Zafra.

‘ O inimigo retirou de Badajoz o trem de artilharia que estava na Praça quando foi tomada, e a mandou para o Sul.

‘ Huma parte das tropas do General Bonnet, que evacuou as Asturias, como está confirmado, foi para Leao; e por hum officio que recebi do General Silveira datado de 22 de Junho, me consta que o inimigo evacuou Astorga.

‘ Segundo noticias de Valhadolid parece que o Marechal Bessieres se retirou desta Cidade a 12 com todas as tropas que poudé ajuntar, e que partira para Rio Secco, donde sahio a 15 dirigindo-se para Benevente.

‘ As Guerrilhas parecem tornar-se mais numerosas, mais activas, e mais emprehendedoras em todas as partes septentrionaes da Hespanha.

‘ Eu não tenho noticias authenticas dos movimentos de

General Blake desde o dia 27 de Junho, dia em que seu Quartel General estava em Alonso no Condado de Niebla, e sua vanguarda, commandada por Ballasteros, em El-Cerro.

Quinta de S. Joao 10 de Julho de 1811.

‘ O inimigo permaneceu ate 7 nas pozicoens que disse em meu despacho de 4 do corrente. Neste dia fez marchar hum grosso corpo de cavallaria com dois batalhoens de infantaria para Xevora, e de lá para Villa de Rey, Roca, e Albuquerque.

‘ O objecto deste movimento parece ter sido o cortar os nossos destacamentos, que estavam empregados em observar o inimigo por aquelle lado: mas nao o conseguiu, porque o Major Cocks se retirou com todos os seus destacamentos para S. Vicente, conservando sempre suas communicacoens livres com Arronches, e Portalegre.

‘ As tropas do inimigo retiraraõ-se de Albuquerque a 8, e o Major Cocks entrou nesta Villa com os seus destacamentos no mesmo dia.

‘ O exercito de Portugal conserva ainda a mesma pozicao que occupava na direita do Guadiana, quando escrevi a V. Ex^{ca} a 4 deste mes.

‘ Em a noite de 30 de Junho fez o General Blake huma tentativa para se apoderar de Niebla, onde o inimigo tinha huma guarnicao de quasi 300 homens de infantaria. Eu sinto dizer que esta tentativa foi mal succedida. Elle permaneceu diante da Praça ate 2 do corrente, e se retirou para o Guadiana. A 6 duas divizoens de infantaria, e Cavallaria do 5. exercito commandada pelo Conde de Penne Villamur atravessaraõ o Guadiana em huma ponte construida para esse fim em S. Lucar pelo Coronel Austin.

‘ A artilharia estava embarcada em Ayamonte, e o General Ballasteros com a vanguarda permanecia sobre a ribeira de S. Pedro.

‘ Parece que a intencao do General Blake era de embarcar suas tropas para Cadix; mas nem o General Castanhos, nem eu temos recebido noticias depois que se poz em marcha de Jerumenha a 18 de Junho.

‘ Pelo Norte, o Marechal Bessieres voltou de Benavente para Valladolid. No fim do mes de Junho o inimigo juntou hum corpo consideravel de tropas na vizinhanca de Valladolid. O General Bonnet permanecia com tudo nas vizi-

nhanças de Leão, e de Benavente com a divizão do seu commando. O General Silveira refere-me, que os Francezes tinham sido derrotados no ataque que fizeram a 25 de Junho por hum destacamento Hespanhol do exercito da Galiza diante de Astorga.

As Guerrilhas continuão da mesma sorte suas operaçoens, e a lem do terror que ellas espalhãrão em Valladolid no dia 15 de Junho, D. Joao fez outro tanto em Salamanca, a 29; mas huma partida consideravel de Guerrilhas pertencentes a diversos Chefes, que tinham tomado hum comboi em Penaranda, foi surpreendida a 30 de Junho, e dispersa, depois de ter perdido quasi 200 homens em mortos, feridos, e prisioneiros.

Quinta de S. Joao, 18 de Julho de 1811.

O exercito de Portugal largou sua pozição sobre o Guadiana a 14 deste mez, e partio para Truxillo. Não recebi ainda alguma noticia de que tenha passado algum corpo adiante desta Villa para Almaraz, nem sei que a cavallaria que se tinha movido do lado de Talavera, e de Lobon tenha passado alem de Merida.

O inimigo fortifica o velho castello de Mendellin, e o de Truxillo.

O General Blake embarcou seu corpo na embocadura do Guadiana no dia 6. Logo que estas tropas se embarcãrão, o corpo inimigo que se tinha movido para o Guadiana, e que tinha volteado Castaja, retirou-se da fronteira, e partio para S. Lucar.

Eu sei que as tropas do 4. Corpo que o Marechal Soult tinha chamado para a Estremadura, se retiraõ para Granada. Não ha coiza alguma de novo do lado de Valladolid, senão que Joseph Bonaparte voltou para Hespanha, e dis-se que chegára a Burgos a 5 do corrente com huma escolta de quasi tres mil homens.

Portalegre, 25 de Julho de 1811.

A Cavallaria do inimigo deixou Merida na manhã de 17. O inimigo continuou depois a sua marcha para Almaraz, e a 20 huma Divizão de infantaria chegou a Placencia. No mesmo dia o Marechal Marmont estava em Almaraz, e

outras Divizoens tinhaõ marchado de Truxillo na mesma direcção. Huma Divizaoõ de infantaria, e alguma cavallaria ainda ficava em Truxillo, segundo as ultimas noticias.

Nada ha de novo pelo Norte. Joze Bonaparte estava em Valladolid a 10; e procedeo a 12 na sua jornada para Madrid.

Castello Branco, 1 de Agosto de 1811.

Eu movi todo o exercito para a esquerda. Proponho-me a fazer-lhe tomar os seos acantonamentos na Beira Baixa, em vez de ser no Alemtejo.

O exercito de Portugal se acha na mesma pozição, que occupava, segundo informei a Vossa Excellencia no meu despacho de 25 de Julho, excepto a Divizaoõ de Placencia, que se extendeo pelas montanhas ate Bejar, e Banhos.

Por huma carta do General Silveira de 21 de Julho, que recebi a 26, sube que o General Santocildes se retirára com o exercito da Galliza das vizinhanças de Astorga para Mancanal a 17, em consequencia do Marechal Bessieres ter ajuntado em Benavente huma força de onze mil homens de infantaria, e mil e quinhentos de cavallaria.

Recebemos papeis de Lisboa ate 3 de Agosto em que vem os officios do Ex.^{mo}. Snr. Marechal General Lord Visconde Wellington ate 25 de Julho, dirigidos ao Ex.^{mo}. Snr. D. Miguel Pereira Forjaz: e como elles são em substancia, os mesmos, que foraõ dirigidos ao Conde de Liverpool, por isso os não transcrevemos.

POSTSCRIPTUM.

Recemos a Seguinte carta do Snr. Custodio Pereira de Carvalho em tempo, que a não podiamos inserir no lugar competente: e não querendo demorar a sua publicação, e a nossa resposta, por isso vai neste lugar.

Srs. Editores do Investigador Portuguez.

Londres, 19 de Agosto de 1811.

SENHORES.

Vendo eu que Vm^{ces.} se queixaõ em termos muito desagradaveis no seo folheto do mes passado, de quem foi cauza de lhes hir muito tarde ás maõs a carta que o Ex.^{mo.} General Silveira escreveo aos negociantes que lhe tinhao offerecido hua Espada, e que do mesmo modo parece compadeceremse da má conduta de hum d'aquelles em nao ter dado nada para a subscripção dos que sufrezaõ em Portugal quando este Reino foi invadido pelos Francezes. Tendo eu sido hum dos que concorreraõ para que a tal carta lhes focesse a maõ, e nao tendo eu dado nada para a tal subscripção, dezejo que me façao o obzequio de inserir esta no seo folheto deste mes se isso tiver lugar, e por meio d'elle responderem me se sou eu hum dos de quem se queixao, e o de quem se compadecem, e parece quererem desculpar, para eu me justificar a respeito da primeira parte, e agradecer-lhes as suas boas intençoens a respeito da segunda.

Sou com todo o respeito

De Vm^{ces.}

Attenciozo V^{or.} e Cs.

Custodio Per^{o.} de Carvalho.

REPOSTA.

No II. No. do nosso Jornal não nos queixamos de pessoa alguma; dizemos somente—*que sentiriamos mui vivamente, que o procedimento irregular, que houve, e que fez com que alguns Negociantes muito, e muito respeitaveis não tivessem parte naquella offerta, estando para isso promptos, obstasse taobem a que não chegasse á nossa maõ a sobredita carta: não o cremos.* Hoje podemos accrescentar 1. que não só havia Negociantes que estavaõ promptos, mas que ja tinhaõ assignado o seu nome para huma taõ justa, e taõ honroza subscripção, e que depois não foraõ contemplados. Estes Negociantes são os Srs. Jozé Se-

bastião de França, e o Snr. Domingos Joze Martins, que foraõ excluidos, porque não quizeraõ assignar a carta dirigida ao Ex.^{mo}. General Silveira; e não a quizeraõ assignar, porque não fora feita, segundo o que se tinha decidido a pluralidade de votos: e obrar contra esta decizaõ, fosse por culpa de quem fosse, he obrar irregularmente. 2. Podemos accrescentar, que hoje não só não cremos, que se procurasse de proposito que a Carta do Ex.^{mo}. General Silveira não chegasse á nossa mão, mas que pelo contrario estamos persuadidos, que não foi possivel have-la mais cedo.

Do sobredito artigo não se collige que nós nos queixamos desta, ou daquella pessoa; dizemos só, que teriamos vivo sentimento de que houvesse alguma, que por motivos particulares, quaesquer que elles fossem, obstasse a que a sobredita a carta do Ex.^{mo}. General Silveira, de quem somos muito amigos, muito admiradores, e a quem somos muito obrigados, não chegasse á nossa mão.

Não designámos pessoa alguma em particular: muito menos podiamos alludir ao Snr. Custodio Pereira de Carvalho; porque o Snr. Jacinto Joze Dias, que teve a bondade de no—la vir entregar pessoalmente, nos informou que Vm.^{cc}. se prestára com a melhor vontade aos nossos desejos.

He hum facto que temos ouvido criminar hum vasallo de S. A. R. rezidente em Inglaterra, por não ter subscrevido com a menor somma para soccorro das victimas infelizes da barbaridade Franceza, tendo para isso meios, e o que he peor, fazendo alardo disso!!! Tocamos nisto porque nos doe muito tudo o que pode atacar a reputação, honra, e humanidade da Nação Portugueza em geral, ou de seos filhos em particular, principalmente n'hum paiz estranho, e no meio de huma Nação, cuja humanidade a favor dos nossos Nacionaes se tem desenvolvido de huma maneira tão exemplar, e honroza.

Mas quando nós o não nomeamos, parece que ninguem tem direito de nos perguntar quem he, nem de certo o diremos; podemos com tudo dizer, huma vez por todas, que não he o Snr. Custodio Pereira de Carvalho: porque sabemos 1. que Vm.^{cc}., como Membro que entaõ era do Club dos Nego-

ciantes Portuguezes, concorreo com o quota parte de duzentas, e dez libras que o Club deo: 2. que Vm^{cc.} mandou entregar ao Ex^{mo.} General Silveira 400,000 reis para ajuda do fardamento de que precisava a Divizaõ commandada por aquelle benemerito General: e quaesquer que fossem os motivos que Vm^{cc.} teve para entregar este generozo donativo antes em Portugal, do que em Londres, a sua conducta só merece louvor. Oxála que todos os Negociantes, Proprietarios, e grandes desfrutadores do Estado, em toda a extensaõ do Imperio Portuguez seguindo o seu exemplo contribuisssem com sommas proporcionaes aos seos teres, e ao que estes ultimos tem roubado ao mesmo Estado, e o Governo de Portugal se acharia em estado de fazer face ás extraordinarias despezas, que as mui extraordinarias circunstancias, em que Portugal se acha, imperiozamente exigem.

Nos somos com muito respeito,

De Vm^{cc.}

Attentos Veneradores muito affectivos ; e muito obrigados,

Os Redactores dos Investigador Portuguez.

REZUMO POLITICO.

BRAZIL.

A PROGRESSIVA civilizaçã dos Indios ; a abertura de estradas ; o estabelecimento de correios, para a mais facil, e prompta communicaçã, dos habitantes deste vasto Imperio ; as adequadas providencias, que se tomãrão para a extracçã do ferro nas ricas minas de S. Paulo, que nos vão pôr independentes da Suecia, e da Biscaia neste importantissimo artigo, do qual depende taõ essencialmente a Agricultura, e o mesmo trabalho nas minas do oiro ; as providencias adoptadas em favor do commercio pelos Decretos de

28 de Janeiro de 1809 ; 7 de Agosto, 26 de Outubro de 1810 ; e pelo Alvará de 26 de Janeiro de 1811 : a solemne declaração de S. A. R. de que a Inquizição não será estabelecida nos meridionaes dominios Americanos da Coroa de Portugal ; o estabelecimento de huma Typographia na Cidade da Bahia pela carta Regia de 5 de Fevereiro do corrente anno : o consideravel numero de navios que se tem construido na Bahia desde o principio de 1810 ate Março de 1811 ; a grande exportação de generos Coloniaes, que tem havido dos portos do Brazil, principalmente da Bahia, e Maranhão, apesar dos obstaculos filhos das actuaes circumstancias ; o estabelecimento de huma Bibliotheca Publica naquella primeira cidade ; estabelecimento que provavelmente se vai estender a outras mais ; tudo isto mostra o progressivo melhoramento do Imperio do Brazil, as ideas liberaes de hum Soberano esclarecido, e justo, e as bellas disposições dos habitantes daquella parte do novo Mundo, que vai naturalmente ser o azilo da liberdade, das Artes, e das Sciencias perseguidas na escrava, na desditoza Europa.

AMERICA HESPAÑHOLA.

MAS que differente quadro nos apresentaõ as bellas, e ricas provincias da America Hespanhola ! Os erros do antigo, e actual Governo da Hespanha ; o despotismo de muitos dos Governadores que ali tem mandado ; as intrigas dos emissarios Francezes ; a desmedida avareza dos Negociantes nacionaes, e estrangeiros ; odios, e vinganças particulares ; tudo tem concorrido a excitar ali a guerra civil : desprezaraõ-se todos os meios de reconciliar os differentes partidos, que se tem batido, e continuaõ a bater ainda em nome do captivo, e desventurado Fernando VII. ; e hum grande numero de Sacerdotes, de Ministros de hum Deos de paz, longe de empregarem a sua poderosa influencia, para dirigir, e esclari-

recer os Povos ; só della se tem servido para irritar suas paixoens, suas vinganças, e seos odios. Elles tem-se nomeado a si proprios Generalissimos ; tem-se posto á frente dos Povos que illudiraõ ; tem-lhe permittido toda a casta de crimes, dando-lhe primeiro escandaloso exemplo ; tem-os conduzido aos combates, e á carnagem ; e em nome de huma Religiaõ suave e Santa, tem corrido copiosos rios de sangue !

“ Santa Religiaõ, tempos ditozos ?
 Ou tu não es a mesma, ou teos Ministros,
 De Pastores o nome não merecem !”

Em tal estado de coizas he bem difficil prever, e determinar qual será o termo da revoluçaõ da America Hespanhola. No Mexico parece extincta, ou pelo menos suffocada ; os chefes dos insurgentes tem sido mortos, ou prezos ; e os habitantes daquelle Vice-Reinado, á excepçaõ de mui poucos, não só reconhecem Fernando VII, mas ate as Cortes Geraes, e Regencia de Hespanha. Venuzuela, reconhece Fernando VII ; mas de nenhuma sorte as Cortes Geraes, e Regencia de Hespanha. A Junta de Caracas converteo-se em hum Congresso Geral ou Cortes em cujas maons resignou o poder de que tinha sido investida ; Nirgua—Guanare—S. Sebastiaõ—Calabozo—Barimas—Guadulito—Achaguas—Valencia—Cumana—Margarita,—Grita—Guanarito—Villa de Cura—S. Felipe—Ospino—Barquisimeto—S. Carlos—Caracas—todas estas cidades e Villas mandáraõ ja os seos Representantes, que juraraõ todos defender os direitos daquelles Povos, e os d’El-Rey Fernando Septimo, *independente de qualquer forma de Governo adoptado em Hespanha**.

A Junta de Buenos Ayres, que parecia hum pouco esmorecida, tomou novo alento, a que tem dado talvez lugar os imprudentes ameacos, e imprudentissimas medidas do Governador de Montevideo. Não nos admiraremos se em breve chegar a noticia,

* Em o No. seguinte daremos huma circunstanciada noticia a este respeito.

que o pequeno exercito de Buenos Ayres ali entrou; e pode ser, que Elio, que se nos tinha representado como hum valoroso Patriota, não dezempenhe taõ honrozo conceito.

Parece que o Governo Inglez tomou finalmente a rezolução de se interpor entre o Governo de Hespanha, e os Governos de Venuzuela, e Buenos Ayres, para que se terminem todas as desavenças que existem. Mas se esta medida pode ainda ser util, quanto mais o seria no principio?

ESTADOS UNIDOS.

PASSANDO aos Estados Unidos; nos vemos com muita magoa, que o edificio politico, fundado pelo saber de hum Franklin, sustentado, e defendido pelo valor de hum Washington, ameaça a mais prompta ruina. A influencia maligna de Bonaparte prezide aos conselhos daquelle fraquissimo Governo, cujo Presidente seja por ignorancia, seja por corrupção, em vez de sustentar o decoro dos Estados Unidos, e seos interesses, ate receia desgostar levemente Napoleão Primeiro! O partido que este tem na America do Norte he immenso; e he por isso que nos receamos que as desavenças que existem entre o Governo Americano e Inglez se não desvançam, e que em poucos mezes se declare a guerra entre as duas Naçoens; e dada a infinita superioridade da Marinha Ingleza, he evidente qual será a sorte dos Estados Unidos.

DINAMARCA.

FUGINDO deste paiz empestado para a Europa quasi escrava.—Os Dinamarquezes instigados por Bonaparte fizeram hum novo, e desesperado ataque

contra a pequena ilha de Anholt, em que perderao 500 prizioneiros, e muitos mortos, entre os quaes o Commandante da acção. Pobres Dinamarquezes!

RUSSIA.

Nos fizemos menção da batalha que os papeis Francezes, dizem tivera lugar entre os Exercitos Russo, e Turco: duvidamos de tal batalha; mas não duvidamos de que ha a mais perfeita intelligencia entre a Russia, e Inglaterra: mais de 200 Navios mercantes desta Nação entraraõ nos postos daquella; bem como alguns Navios carregados de muniçoens de guerra.

Bonaparte exigio de Alexandre Primeiro que lhe entregasse os Portos de Riga, e Revel; Lauriston foi encarregado de insistir com todas as forças sobre este ponto, como huma garantia de que o systema de excluzaõ do commercio Inglez era seguido em toda a extensaõ do Imperio Russo. Alexandre Primeiro rejeitou com indignação huma tal proposta.

Na manha do dia 19 de Agosto chegou ao Governo Inglez hum correio com despachos da Corte de Petersbourg. Tudo isto confirma o que temos dito em nossos dois primeiros Nos. relativamente ao partido, que a Russia devia necessariamente adoptar: e insistimos em que ella não será a primeira a começar as hostilidades.

AUSTRIA.

O ARCHIDUQUE FRANCISCO irmão do Imperador de Austria, aborrecido, e profundamente magoado da escravidão affrontoza a que se acha reduzida a sua familia, e do ascendente insultador dos Francezes em Vienna tomou a rezolução de se retirar dos Estados

de Austria, o que fez, indo para Salonica, embarcando ali para Smyrna, onde, passado algum tempo, chegou huma ordem do Almirante Britanico ao Capitão Peyton commandante do Brigue o Weazle, para conduzir S. A. R., e a sua cometiva para Sardanha, cuja Rainha he parenta mui proxima do Archiduque.

HESPAÑHA.

Nos ja annunciamos em nosso No. antecedente a queda da infeliz Tarragona; e os nossos Leitores nos dispensarão de expor os horrores, e as scenas de barbaridade sem exemplo na historia da guerra, que ali se passáráo: basta dizer que meninas de dez annos foraõ não só expostas á brutalidade da soldadesca; mas depois de terem sido deshonradas foraõ barbaramente lançadas no meio das chamas onde perecerãõ juntamente com os feridos, com os moribundos, e com os mortos!!! Huma catastrophe tão horrivel lançou a consternação, a dor, e o espanto sobre os patriotas Hespanhoes da Catalunha, desta provincia tão interessante, e digna por certo de melhor sorte, mas cujos desastres augmentarãõ pela tomada de Montserrat. Este convento -tão famoso, situado na summidade de huma alta montanha; este famoso hospicio, habitação outrora da paz, e da piedade, tinha sido convertido em hum posto militar tão forte, que se julgava *intomavel* com tudo o Marechal Suchet depois da tomada de Tarragona marchou para o forte de Berga, que tomou, e destruiu; atacou Montserrat no dia 24 de Julho, e este posto que se reputava inexpugnavel teve a mesma sorte que Terragona, e Berga.

Figureiras, segundo os papeis Francezes está proxima a cahir de novo em poder dos Vandalos. No meio de tantos desastres que fazem as Cortes, e a Regencia de Hespanha? Nos ouvimos com muita indignação, e sentimento, que reina outra vez muito má intelligencia entre os Generaes Hespanhoes, e o Lord Visconde Wellington: se assim he, que terri-

veis consequencias não podem dali nascer!!! Se o Governo de Hespanha, isto he a Regencia, não poem de parte hum capricho o mais rediculo, o mais mal entendido, e ouzamos dizer o mais criminoso no momento actual: se não toma a rezoluçãõ de entregar o commando pleno, e absoluto das pequenas forças regulares, que ainda tem, ao profundo Wellington, e a disciplina das muitas, que pode organizar ao activo, e firme Beresford, as desgraças da Hespanha são incalculaveis. Se os Inglezes ou qualquer outra Naçaõ quizesse entrometter-se no seu governo interno, influir na reforma da constituiçaõ emque as Cortes trabalham, bem que em tempo pouco proprio, a conducta dos Hespanhoes só mereceria elogios; porque a nosso modo de ver, toda a reforma de constituiçaõ que vem de huma Potencia estrangeira he sempre hum mal, e jamais prezide a ella a boa fé, e o sincero e puro dezejo da sua felicidade: motivos particulares, vistas de interesses, dezejo de governar, dirigem ordinariamente qualquer Potencia, que de baixo de pretextos especiozos quer reformar os abusos de outra Naçaõ. Toda a Naçaõ tem direito de reformar as suas Leis Constitucionaes; e por má que seja esta reforma será sempre muito melhor, e mais glorioza, do que aquella que lhe for dictada por qualquer Potencia estrangeira.

Mas o cazo he mui diverso. O Lord Visconde Wellington tem o commando absoluto das Forças de Portugal, e nada tem com o resto. Esta medida que S. A. R. adoptou tem salvado Portugal: porque não hade, fazer o mesmo a Hespanha? Não bastaõ ainda tres annos de experiencia? Não bastaõ tantas, e taõ multiplicadas provas de generozidade, de boa fé, e franqueza, que o Governo Inglez tem dado? Pode a Grã-Bretanha ter outro interesse, que não seja o de todã a Peninsula, isto he a expulsaõ dos Francezes da Hespanha, e a liberdade da Europa?

PORTUGAL.

NADA tem occorrido em Portugal depois que Marmont e Soult se retiraraõ aquelle para Plasencia, e este para de frente de Cadix. Lord Wellington em consequencia da pozicaõ que Marmont fez tomar ao Exercito chamado de Portugal, moveo o seu para a esquerda, e foi estabelecer o seu Quartel General em Castello Branco na Beira Baixa.

COMMERCIO.

TOTAL

Dos generos que entráráõ no Porto de Lisboa no mez de Junho proximo passado, segundo as relaçoens dos Mestres.

Trigo—2,359½ moios, 9,550 barriz, 11,135 sacos.

Milho—4,789 moios, 48,977 barriz, 91 sacos.

Cevada—2,870½ moios, 7,719 barriz, 7,981 sacos.

Centeio—627½ moios, 537 sacos.

Aveia—6,864 moios, 11,397 barriz, 5,058 sacos.

Fejaõ—168½ moios, 150 barriz, 300 sacos.

Favas—12 moios.

Ervilhas—12 moios.

Batatas—960 moios.

Farinha—45,606 barricas.

Biscoito—455 barriz, 220 sacos.

Arroz—2,146 barricas, 650 sacos.

Vinho—2,740½ pipas 250 cascos.

Agoa ardente—1,077 pipas, 246 barriz, 50 cascos.

Genebra—85 barriz.

Azeite—369 pipas, 2,000 cascos.

Prezuntos—347 barriz, 105 sacos.

Toicinho—490 arrobas, 481 mantas.

Manteiga—4,528 barriz.

Carne salgada—156 barriz.

Bacalhão—9,118 quintaes.

Mappa dos Navios entrados nos Portos do Reino Unido, vindos dos Portuguezes, desde 23 de Julho, ate 25 de Agosto de 1811.

Mezes e dias.	Donde vem.	Nomes.	Capitaens.	Portos onde entraraõ.
Julho				
23	Lisboa	Eleanor	Hoey	Londonderry
24	Rio Janeiro	Oliver	Collins	Clyde
27	Porto	Sarah	Rumbat	Londres
28	-	Vine	Car	Yarmouth
	-	Oporto Packet	Page	-
	Lisboa	Brilliant	Brodie	Londres
	-	Erin	Marten	Belfast
31	-	Good Advice		Falmouth
	-	Duke of Clarence	Johns	-
Agosto				
2	-	Romulus	Greenleaf	-
	Rio Janeiro	Swallow Paquete	Morphew	-
3	Porto	Confederacy	Hart	Londres
	Lisboa	Williams	Holmes	-
	-	Rebeca	Bennett	Plymouth
5	-	Industry	Hoskins	-
	Maranhão	Thomas	Perry	Londres
	Rio Janeiro	Levant	Smith	Liverpool
6	-	Betterluckstill	Potter	Portsmouth
	Setuval	Concord	Finn	Londres
	Lisboa	Mary and Margaret	Millard	Bristol
	-	Sarah Ann	Phillips	-
7	-	Eliza Baird	Mc Donald	Londres
	-	Providence	Appleton	-
	-	David	Cowell	-
8	Bahia	Whim	Wilson	-
	Porto	Catharine	Hellen	Hull
	Lisboa	Martha	Hyllier	Waterford
9	-	Policy	Barret	Londres
	-	Hannah	Nash	Swansea
	-	Shark	Brown	Dublin
	Bahia	Fairy	Meek	Londres
	Madeira	Dart	Wilkins	-
	Lisboa	Esperança	Da Costa	Londres
10	-	Sarah	Rees	-
	-	Speedey	Wade	Liverpool

10	Lisboa	Pensamento lis	Fe-Jozé Gabri- el	Cork
-	-	Auróra	Moorhead	-
12	-	Nancy	Ramsdale	-
	Pernambuco	Flor de Pernam- bucu	I. S. de Car- valho	Londres
	Bahia	Carlota	B. T. Car- dozo	-
13	Ceará	Dous Amigos	R.G.da Fon- seca	-
	Lisboa	Venus	Brand	-
	-	Mary	Leaper	Waterford
	-	Adventure	Mahony	Cork
	Porto	Howard	Perrie	Belfast
14	-	Jane	Graham	Londres
	Maranhão	Aurora	Westcott	-
	Lisboa	Elizabeth	Baker	Bristol
15	-	Unity	Fowhig	Cork
	-	Glenville	Glenville	-
16	-	Mary	Robinson	Londres
	-	Mary	Scott	Waterford
	-	Betsy	Burton	Cork
	Setuval	Martin	Bowen	-
17	Madeira	Lovely Ann	Bell	Londres
	Porto	Lund	Bell	Chepstow
	-	Andrew Savage	Scoffin	Strangford
	Lisboa	Pilhead	-	Bristol
	-	Blossom	Micklyohn	Limerick
19	-	James and John	Williams	Liverpool
	Pernambuco	Serra pequeno	B. J. da Fon- seca	Londres
20	Bahia	Fletcher	Fletcher	Liverpool
	Lisboa	Duke of Marl- borough Pa- quete	Bull	Falmouth
21	-	Unity	Cockburn	Cork
	-	Princess	Franks	-
23	-	Annette and Ma- ria	Peterson	Londres
	Caiane	Jobson	Linder	-
	Rio Janeiro	Phænix	Ross	-
	-	Hazard	Anderson	Clyde
23	Bahia	Diamond	Hall	Liverpool
	Porto	Martin	Shumack	Dublin
	Setuval	Recovery	Williams	Belfast
24	Maranhão	Scipio	Scotland	Liverpool
	Porto	Livingstone	May	Swansea
25	Lisboa	Princess Char- lote Paquete	Kidd	Falmouth

Mapa dos Navios sahidos dos Portos do Reino Unido, para os Portuguezes desde 25 de Julho ate 26 de Agosto de 1811.

Mezes e dias.	Para onde.	Nomes.	Capitães.	Portos d'onde sahirão.
Julho.				
25	Lisboa	Ann	Colvill	Portsmouth
-	-	Lovely Jane	Allen	-
	Porto	Thomas	Owen	-
27	Lisboa	Patty	Fowler	Deal
-	-	Experiment	Smith	-
-	-	Edgar	Prerrite	-
-	-	Shipley	Hall	-
-	-	Walsingham	} Roberts	Falmouth
-	-	Paquete		
29	-	Flora	Wilson	Londres
-	-	Rolla	Troop	Clyde
-	-	Barbara and Ann	Bowness	Cork
31	Pará	Lady Coote	Hulop	Clyde
	Porto	Prospect	Spence	Londres
Agosto.				
3	Lisboa	Princess Eliza-	} Kidd	Falmouth
		beth Paquete		
5	-	General Graham	Couch	Londres
-	-	Redesdale	-	-
6	-	Mary	Armstrong	-
-	-	Peggy	Cowing	Cork
-	-	Fama	Da Silva	-
7	-	Rectidão	V. A. de Brito	Londres
	Porto	Barclay	Barclay	-
8	Rio Janeiro	Paquete do Ceará	} I. da F. Luz	-
9	Lisboa	Izabella Maria	Roch	Plymouth
-	-	Speculation	Berry	-
	Porto	Swallow	Matthews	Londres
-	-	Young Henry	Robinson	-
10	-	Sarah Ann	Leisham	-
-	-	Lively	Brown	-
	Lisboa	Sophronia	Beeman	Limerick
15	Porto	Richard	Graves	Hull
	Lisboa	Bragança	Coles	Londres
16	-	Duke of Clarence	} Johns	Falmouth
-	-	Brunswick		
			Harlewood	Hull
17	Rio Janeiro	Atalanta	Morris	Londres
19	Lisboa	Catharine	Bell	-

20	Lisboa	Alpha	Hooton	-	-
-	-	Manchester	} Elphinstone	Falmouth	
		Paquete			
	Vianna	Elizabeth	Faulkner	Londres	
22	Lisboa	Sir Sydney Smith	Wishart	-	-
24	Porto	Ann	Cooksley	-	-
	Madeira	Calista	Weatherhead	Plymouth	
26	Lisboa	Cygnat	Caithness	Londres	
-	-	Melville	Thompson	-	-

Preços Correntes dos productos do Brazil, em 31 de Agosto 1811.

Assucar	Branco	25 a 32	} Shillings por 112 lb.
	Mascavado	15 22	
Caffé		36 44	
Arrós		16 20	
Cacao		40 45	
Cebo		56 58	} Peniques por lb.
Algudao de Pernambuco		18 19	
	Ceará	17½ 18½	
	Bahia	15 16	
	Maranhao	14½ 15	
	Minas	13½ 14½	
	Pará	13 14	
	Capitania	11 12	
Couros de	Montevideo	4½ 5½	
	Rio Grande	3½ 4½	
Tabaco de	Rolo	3	
	Folha	2	
Annil		18 30	

N. B. Os fretes, direitos, e mais despezas, saõ pagas pelo vendedôr.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Data		Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdam.	Paris.
Anno e Mez.	Dias.								
Agosto de 1811.	2	67	67¼	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	6	67	67¼	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	9	67	67¼	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	13	67	67¼	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	16	67	67¼	67	45½	40	63	28-4-2	18 0
	20	67	67¼	67	45½	40	63	28-4-2	18 2
	23	67	67¼	67	45½	40	63	28-4-2	18 2
	27	67	67¼	67	45½	40	63	28-4-2	18 2

Tabella dos Vazes construidos na Cidade da Bahia no anno de 1810, e das Quilhas, postas nos Estaleiros des de Janeiro ate o 1. de Março de incluzivamente de 1811.

Qualidades.	Nomes.	Proprietarios.	Constructores.	Quilha limpa, Recapitulação.
Navio	S. Gualter	Gualter Martins da Costa	Joze da Costa Carvalho	136
Galeras	Duarte Pacheco	Manoel Joze de Mello	Jacinto Ribeiro de Carvalho	111
Bergantins	Hercules	Boaventura da Costa Donrado	Joze da Costa de Carvalho	111
	Victoria	Joze de Serqueira Lima	Jacinto da Costa de Carvalho	96
	Urania	João Gonçalves da Matta	Jacinto Ribeiro de Carvalho	88
	Oceano	Joze Antonio Roiz Vianna	Jacinto Ribeiro de Carvalho	105
	Boa Hora	Manoel Gomes Correa	Jacinto Ribeiro de Carvalho	80
	Palafox	Antonio Esteves	Joze da Costa Carvalho	101
Sunacas	Vencedora	Amaro Ribeiro Braga	Jacinto Ribeiro de Carvalho	78
	Brilhante	Antonio Pinto Monteiro, e Ca.	Jacinto Ribeiro de Carvalho	84
Escunas	Luzitania	Vital Prudencio	Jacinto Ribeiro de Carvalho	66
	Providencia	T. C. Ignacio Antunes Guimarães	Jacinto Ribeiro de Carvalho	80
	Marianna	Joze da Silva Sena	Jacinto da Costa Carvalho	75
Navio	Carlota	Bernardo Joze Ferreira Barros	Jacinto Ribeiro de Carvalho	130
Galera	Minerva	Adriano de Araujo Braga	Jacinto Ribeiro de Carvalho	110
Bergantins	Bom Camilhante	T. C. Ignacio Antunes	Jacinto Ribeiro de Carvalho	95
	Conde dos Arcos	Antonio Jacinto	Joze da Costa de Carvalho	90
	Real Joao	S. A. R.	Jacinto da Costa de Carvalho	77½
	Bom Fim	Joaquim Joze de Oliveira	Jacinto da Costa de Carvalho	106
	Novo Destino	Francisco Joze Frz. Guimarães	Jacinto Ribeiro de Carvalho	101
Escunas	Santa Anna	Manoel Roiz de Macedo	Jacinto Ribeiro de Carvalho	76
	Veloz	João Joaquim da Silva	Jacinto Ribeiro de Carvalho	80
	Rachel	Joaquim Xavier Villa Leone	Joze da Costa de Carvalho	84

Vazes construidos em 1810.

Quilhas postas nos Estaleiros des de Janeiro ate o 1. de Março de 1811.

Importação de Algodão em rama para Liverpool em 1810.

	Janeiro.	Fevereiro.	Março.	Abril.	Maió.	Junho.	Julho.	Agosto.	Septembro.	Outubro.	Novembro.	Dezembro.	Total em 1810.
America	8,632	9,514	7,713	22,270	8,321	38,035	38,817	15,140	10,702	12,010	10,015	21,163	197,332
Portugal, e Colonias	6,379	7,601	7,767	5,884	4,207	5,727	6,543	8,087	9,563	7,947	2,503	1,557	70,765
Hespanha, e Colonias		606	1,827	351	629	290	920						4,623
Demerara, Berbice } Surinam, e Cayenna }	211	683	978	7,671		1,848	220	1,455	1,755	2,662	2,578	3,696	23,757
Antilhas		1,817	2,416	2,400	227	1,531	1,818	3,149	690	511	744	2,413	17,716
Mediterraneo	150		84	156	40	676	70	21					1,197
Africa													22
Irlanda	139	255	93	135	81	346	1,885	1,124	193	1,609	72	50	5,182
	15,511	20,476	20,873	38,867	13,505	48,453	44,473	28,976	19,903	24,661	15,912	28,879	320,594

Importação total para Liverpool em 1809 - 267,284
 Augmento de importação para Liverpool em 1810 53,310

Importação do Algodão em rama para a Grã-Bretanha em 1810.

	Londres	Liverpool.	Glasgow.	Lancaster.	Bristol.	Hull.	Total.
America	18,475	197,332	22,653		906	1,150	240,516
Portugal, e Colonias	70,473	70,765	1,385	263		100	142,946
Hispanha, e Colonias	2,796	4,623	6,604	566			14,589
Indias Orientaes	79,382						79,382
Demerara, Berbice, } Surinam, e Cayenna }	5,871	23,757	9,580	631	452		40,291
Antilhas	7,867	17,716	6,987	667	334		33,571
Mediterraneo	2,024	1,197			371		3,592
Irlanda	15	5,182	885				6,082
Heilgoland	182						182
Africa		22					
	<u>187,045</u>	<u>320,594</u>	<u>48,094</u>	<u>2,127</u>	<u>2,063</u>	<u>1,256</u>	<u>561,173</u>

Importação total para a Grã-Bretanha em 1809.

436,627

Augmento de importação para a Grã-Bretanha em 1810

12,4546

Algodão importado que esta ainda em depozito ou sem extracção.

Em Liverpool no 1 de Janeiro de 1810	- - -	80,000
Em Londres	- - - - -	45,000
Em Glasgow	- - - - -	7,500
Em Lancaster, Bristol, e Hull	- - -	1,500
Importação para a Grã-Bretanha em 1810	- - -	561,173
		<hr/>
		695,173
		<hr/>

Algodão deque se dispoz, ou se extrahio: Consumido em 1810	- - - - -	300,000
Por depozito em Liverpool no 1. de Janeiro de 1811		145,000
Por dito em Londres 1811	- - -	150,000
Por dito em Glasgow 1811	- - - - -	16,093
Por dito em Lancaster, Bristol, e Hull em 1811		1,336
Exportado para o Continente da Europa	- - -	30,000
Por augmento de depozito nas maons dos Contratadores, e fiadores, alem do que elles tinhão no 1 de Janeiro de 1810	- - - - -	52,744
		<hr/>
		695,173
		<hr/>

A quantidade de Algodão importada para a Grã-Bretanha no anno passado excede o termo medio dos 4 annos precedentes em 298,881 sacas, e he igual a 2 annos do mesmo periodo em 36,589 sacas. O excesso da importação no anno passado sobre o de 1809, nasce principalmente do Algodão da India Oriental, do qual pensamos, que pouco se pode esperar este anno, por cauza do pouco lucro que a C^a. da India achou nos preços actuaes, que são baratos. O depozito actual nos differentes portos exteriores (chamados assim todos, menos o de Londres), como acima se disse, sommado com o que se acha nas maons dos contratadores, e fiadores, que he consideravel, he quasi igual ao gasto de 1 anno, o qual he tão sobejo supprimento, que não nos podemos lizongear com algum melhoramento essencial nos preços por algum tempo, a não ser occasionado por alguma circumstantia politica. Janeiro 1, de 1811.

Smith, e Massey.

Mappa de Importação que fez Portugal, Europa, Asia, Africa, e Portos do Brasil sobre a Bahia em todo o anno de 1810.

Mercadorias geraes da Europa.

Generos.	Quantidade.	Importancias.
Aniagens*	Annos - - 52.026	8.323.920
Agoarden'e	Pipas - - - 200	16.000.000
Alcatraõ epixe	Barriz - - - 1.436	14.360.000
Asso - - - -	Quintaes - - 702	7.020.000
Azeite - - - -	Pipas - - - 307	36.840.000
Bacalhaõ - - - -	Quintaes - - 7.278	29.112.000
Baetas - - - -	Covados - 134.130	60.358.500
Bactoes - - - -	Covados - 24.573	14.743.800
Bronze - - - -	Libras - - - 65	26.000
Bombazina - - - -	Covados - - 142	42.600
Bretas de Amburgo	Pessas - - - 4.726	7.561.600
Bretas d'algm d'4 e ½ Vs.	Pessas - - - 8.963	8.963.000
Breu - - - -	Quintaes - - 153	918.000
Brins - - - -	Pessas - - - 1.799	14.392.000
Bolaxa - - - -	Arrobas - - - 2.697	3.236.400
Cambraetas	Pessas - - - 900	1.080.000
Cabos - - - -	Quintaes - - 2.417	48.340.000
Camelaõ - - - -	Covados - - 1.120	179.200
Casimiras - - - -	Covados - - - 2.022	2.426.400
Cassas - - - -	Varas - - - 84.218	25.265.400
Carne Salgada	Arrobas - - - 1.296	1.296.000
Chitas - - - -	Covados 1.404.618	280.923.600
Chapeos - - - -	- - - - 19.391	38.782.000
Chumbo - - - -	Quint ^{as} - - - 3.302	9.906.000
Cobre - - - -	Quint ^{as} - - - 1.175	35.250.000
Cordovões - - - -	Duzias - - - 162	2.592.000
Couros Secos - - - -	- - - - 85.548	171.096.000
Coromandais	Pessas - - - 30	90.000
Crez - - - -	Pessas - - - 6.043	18.129.000
Droguetes	Covados - - - 5.331	1.599.300
Drogas †	- - - - -	70.938.200
Durantes - - - -	Pessas - - - 660	5.280.000
Esguiões - - - -	Varas - 135.106	27.021.200
Estamenhas - - - -	Covados - - 1.456	396.800
Ermittins - - - -	Pessas - - - 270	675.000
Farinhas - - - -	Arrobas - - 23.075	46.150.000
Ferragens - - - -	- - - - -	28.378.600
Ferre - - - -	Quint ^{as} - - - 5.021	20.084.000
Filó - - - -	Varas - - - 86	34.400
Folha de Flandes	Caixas - - - 100	2.000.000

* Mercadorias de Amburgo, e outros Portos do Continente da Europa, e da Azia, em Navios Estrangeiros deque pagaraõ 24 pr 100.

† Drogas de Botica e Droguistas: quincatharia de Carivetes na valhas, e outros mil Generos de necessidade e de Luxo, que vaõ por ajuntamento, &c.

Mercadorias geraes da Europa.

Generos.	Quantidades.	Importancias.
Fustaõ - - - - -	Covados - - - 106.821	21.376.200
Garráz - - - - -	Pessas - - - - 665	2.327.500
Gangas - - - - -	Pessas - - - - 36.897	33.207.300
Gozinás - - - - -	Pessas - - - - 81	2.3.000
Guingões - - - - -	Pessas - - - - 169	270.400
Jelas - - - - -	Pessas - - - - 2.211	663.300
Lataõ - - - - -	Libras - - - - 481	115.440
Lenços - - - - -	- - - - - 287.560	46.009.600
Lilás - - - - -	Covados - - - - 932	279.600
Lonas - - - - -	Pessas - - - - 1.882	15.056.000
Louça - - - - -	- - - - -	840.000
Linbás d'algodão - - - - -	Libras - - - - 7.607	2.282.100
Manteiga - - - - -	Libras - - - - 173.080	5.192.400
Meias de Seda - - - - -	Pares - - - - 3.018	7.243.200
Meias d'algodão - - - - -	Duzias - - - - 1.935	9.288.000
Morsulinas - - - - -	Covado - - - - 2.694	853.080
Olandas cruas - - - - -	Pessas - - - - 1.942	11.652.000
Panos - - - - -	Covados - - - - 66.805	66.805.000
Papel - - - - -	Rennas - - - - 7.331	11.729.600
Paninhos - - - - -	Varas - - - - 234.455	93.782.000
Panos ferros - - - - -	Varas - - - - 25.776	5.155.200
Panos de Cafre - - - - -	Pessas - - - - 196	176.400
Pelucias - - - - -	Covados - - - - 613	245.200
Pratas - - - - -	- - - - -	300.000
Queijos - - - - -	Libras - - - - 32.345	6.469.000
Quina - - - - -	Libras - - - - 1.805	3.610.000
Rapaõ - - - - -	Covados - - - - 27.294	5.440.000
Riscados d'algodão - - - - -	Covados - - - - 98.549	15.767.840
Ruaõ de Cofre - - - - -	Varas - - - - 633	126.000
Saetas - - - - -	Pessas - - - - 43	430.000
Sedas - - - - -	Covados - - - - 8.364	8.364.000
Serafinas - - - - -	Penas - - - - 400	4.000.000
Serveja - - - - -	Botelhas - - - - 7.740	1.548.000
Cera bruta - - - - -	Libras - - - - 31.264	9.379.200
Sebo bruto - - - - -	Arrobas - - - - 16,963	40.711.200
Velbutes - - - - -	Covados - - - - 43.927	8.785.400
Veludos - - - - -	Covados - - - - 250	600.000
Vinhos - - - - -	Pipas - - - - 2.950	265.500.000
Vidros - - - - -	- - - - -	540.000
Zuártés * - - - - -	Pessas - - - - 2.580	8.855.000

Somma R. 1.775.030.480

Mercadorias proprias de Portugal.

Generos.	Quantid.	Importancias.
Aguardente	Pipas - - - - - 15	1.260.000
Açod de quina	Botelhas - - - - - 1.788	2.155.600
Azette	Pipas - - - - - 36	4.320.000
Barbaute	Quintaes - - - - - 278	4.448.000
Barel	Varias - - - - - 504	100.800
Carriagens	- - - - -	1.200.000
Cordovões	Duzias - - - - - 150	2.400.000
Drogas	- - - - -	220.000
Estopas	Varas - - - - - 1560	375.400
Ferragens	- - - - -	1.440.000
Linhos	Libras - - - - - 340	340.000
Panos de Linho	Varas - - - - - 136.712	54.684.800
Pelicas	Duzias - - - - - 10	30.000
Prezuntos	Arrobas - - - - - 352	1.408.000
Retroz	Libras - - - - - 643	3.215.000
Breu	Varas - - - - - 38.046	3.043.680
Vinhos	Pipas - - - - - 64	6.400.000
Vinagres	Pipas - - - - - 23	920.000
		<hr/>
		87.890.280

Mercadorias das Fabricas Privilegiada.

Generos.	Quantidades.	Importancias.
Bastilha	Covados - - - - - 1.731	512.300
Chapeos finos	- - - - - 10.223	30.269.000
Chapeos grossos	- - - - - 19.033	9.316.600
Cbitas	Covados - - - - - 106.885	53.442.500
Drogas	- - - - -	10.030.000
Galaõ e fio de ouro	Onças - - - - - 736	1.472.000
Louça	- - - - -	2.520.000
Márroquins	Duzias - - - - - 20	100.000
Meios de Seda	Pares - - - - - 184	471.040
Panos da Covilhá	Covados - - - - - 1811	724.400
Panos da Serra	Varas - - - - - 229	54.960
Papel	Resmas - - - - - 352	558.000
Papagaio	Covados - - - - - 754	754.000
Rapé	Libras - - - - - 1.768	1.768.000
Sal	Moios - - - - - 500	5.000.000
Sedas	Covados - - - - - 6095	6.095.000
Tafetá	Covados - - - - - 5917	2.475.140
Vidros	- - - - -	1.705.000
Pelicas	Duzias - - - - - 40	120.000
		<hr/>
		127.594.640

Mercadorias da Asia.

<i>Generos.</i>	<i>Quantidades.</i>	<i>Importancias.</i>
Bafetas - - - - -	Pessas - - - - - 1.102	2.644.800
Buzio - - - - -	Libras - - - - - 5.125	512.500
Cassas - - - - -	Varas - - - - - 560	280.000
Cadiá Balagate - - - - -	Pessas - - - - - 45.412	45.412.000
Cadiá Surrate - - - - -	Pessas - - - - - 4.318	12.954.000
Chilas - - - - -	Pessas - - - - - 468	1.555.200
Chitas de Damaõ - - - - -	Pessas - - - - - 320	384.000
Dimitins - - - - -	Pessas - - - - - 82	287.000
Ermitins - - - - -	Pessas - - - - - 112	280.000
Gangas - - - - -	Pessas - - - - - 35.107	35.107.000
Garraz - - - - -	Pessas - - - - - 7.735	24.752.000
Jolas - - - - -	Pessas - - - - - 380	950.000
Lenços - - - - -	- - - - - 16.368	4.092.000
Linhas Surrates - - - - -	Pessas - - - - - 12.440	16.172.000
Louça - - - - -	- - - - -	1.302.400
Mamodiz - - - - -	Pessas - - - - - 185	370.000
Morins - - - - -	Pessas - - - - - 100	360.000
Procolos - - - - -	Pessas - - - - - 363	363.000
Sanas - - - - -	Pessas - - - - - 292	700.800
		148.478.700

Das Feitorias de Africa e America.

	<i>Generos.</i>	<i>Quantidades.</i>	<i>Importancias.</i>
Costada Mina.	Escravos - - - - -	7.527	732.700.000
	Ouro - - - - -	4.744-8 ^{as}	6.641.600
	Panos - - - - -	- - - - -	3.840.000
			743.181.600
R ^o gr ^{de} do Sul	Carne seca salg ^a . - - - - -	- - - - -	450.000.000
	Couros secos - - - - -	- - - - -	525.000.000
	Sebo - - - - -	- - - - -	120.000.000
	Farinha e quejos - - - - -	- - - - -	1.780.000
			1.096.780.000
Resumo.	Mercadorias geraes d'Europa - - - - -	- - - - -	1.775.030.480
	Ditas proprias d'Portugal - - - - -	- - - - -	87.890.280
	Ditas das Fabricas Privilegiadas - - - - -	- - - - -	127.594.000
	Ditas de Asia - - - - -	- - - - -	148.478.700
			2.138.994.300
	D ^a Costa da Miua - - - - -	- - - - -	743.181.600
	D ^o R ^o . gr ^{de} do Sul - - - - -	- - - - -	1.096.780.000
			3.978.955.900

Mapa dos Navios que entraraõ, e sahiraõ, do Porto
da Capitania da Bahia em 1810.

Entrado.		Sahiraõ.	
De Alagoas	21	Para Alagoas	4
Alcabaca	1	Angola	2
Americanos	4	Americanos	5
Angola	2	Avana	1
Avana	1	Buenos Aires	1
Belmonte	1	Cabinda	1
Bristol	1	Campos	1
Bueaos Aires	20	Caravelas	9
Campos dos Oitacazes	3	Capitania	4
Calhão de Lima	1	Ceará	2
Capitania	5	Costa da Mina	44
Cadis	1	Cotenguiba	14
Caravelas	17	Gibraltar	15
Corolipe	5	Hespanhoes	3
Costa da Mina	25	Jaraguá	1
Cotenguiba	21	Ilha da Madeira	2
Gibraltar	22	Inglezes	67
Inglezes	76	Lisboa	10
Ilha da Madeira	3	Liverpool	2
Ilha de S. Thomé Principe	2	Londres	8
Ilha do Faial	1	Maranhão	4
Ilha Gracioza	1	Monte Video	5
Lisboa	18	Para	2
Liverpool	4	Parnaguá	1
Londres	9	Pernanbuco	17
Malaga	1	Porto	5
Monte Video	8	Paraty	1
Parnaguá	3	Rio Grande	93
Pernanbuco	18	Rio de S. Fran ^{co}	4
Porto	6	Rio de Janeiro	50
Porto Alegre	1	Rio Congo	1
Rio Grande	75	Rio da Prata	2
Rio de Janeiro	45	Santos	6
Rio de Prata	1	S. Matheus	3
Rio Real	7	S. Thomé	1
Rio de S. Francisco	4	Sergipe d'El Rei	3
Santos	4	St ^o Ant ^o Grande	1
S. Matheus	4	Vila Nova de El Rei	1
Sergipe d'El Rei	4		
St ^o Ant ^o Grande	1		
Vila do Prado	1		
Vila do Penedo	1		
Vila Viçosa	2		
Vila nõva da Princeza	1		
Una	1		
Total	453		396

Mappa geral de Importação, e Exportação da B^a,
Feitorias da Costa de Africa, Portos do Brasil, e
de Navios Estrangeiros sobre a Bahia.

Deve		Haver.	
1798	3.170.741.059	1798	3.114.457.360
1799	3.616.429.715	1799	5.315.484.430
1800	2.845.249.750	1800	3.514.304.770
1801	3.391.390.485	1801	3.423.086.200
1802	3.046.192.350	1802	3.066.698.225
1803	3.582.596.260	1803	3.384.250.625
1804	3.353.620.425	1804	3.481.693.595
1805	3.157.457.780	1805	3.942.873.005
1806	3.601.198.365	1806	3.647.850.189
1807	2.994.250.280	1807	3.499.384.240
1808	2.347.947.960	1808	1.418.338.025
1809	4.285.546.556	1809	2.817.079.270
1810	3.978.955.900	1810	3.329.232.410
	<hr/>		<hr/>
	43.371.576.885		
Credito da Bahia	583.155.459		
	<hr/>		<hr/>
	43.954.732.344		43.954.732.344

Mappa geral d'Entrada, e Saída dos Navios da
Bahia para Portugal, e outros Portos nos annos
seguintes.

Entrada.		Saída.	
1798	291	1798	280
1799	315	1799	328
1800	298	1800	268
1801	309	1801	283
1802	272	1802	282
1803	325	1803	262
1804	306	1804	276
1805	381	1805	351
1806	420	1806	388
1807	360	1807	353
1808	364	1808	285
1809	439	1809	380
1810	453	1810	396
	<hr/>		<hr/>
	4533		4132

Mapa geral de Importação e Exportação da Bahia
 Factories da Costa da África, Porto do Brasil e
 do Navio-Entradas sobre a Bahia.

Year	Imports	Exports
1788	2.114.437.200	2.170.741.022
1789	2.215.444.100	2.815.422.712
1800	2.304.204.770	2.847.442.710
1801	2.427.082.900	2.381.000.463
1802	2.500.000.000	2.046.102.830
1803	2.381.200.000	2.382.200.000
1804	2.481.000.000	2.323.200.000
1805	2.242.873.000	2.127.470.780
1806	2.647.830.180	2.601.100.333
1807	2.699.000.000	2.504.200.000
1808	1.448.338.000	2.247.047.000
1809	2.817.070.000	4.388.000.000
1810	2.929.238.410	2.878.000.000
Total		43.271.312.885
Total		383.128.439
Total		43.654.441.324

Mapa geral d'Entradas e Saídas dos Navios da
 Bahia para Portugal e outros Portos nos annos
 seguintes.

Year	Imports	Exports
1788	2.114.437.200	2.170.741.022
1789	2.215.444.100	2.815.422.712
1800	2.304.204.770	2.847.442.710
1801	2.427.082.900	2.381.000.463
1802	2.500.000.000	2.046.102.830
1803	2.381.200.000	2.382.200.000
1804	2.481.000.000	2.323.200.000
1805	2.242.873.000	2.127.470.780
1806	2.647.830.180	2.601.100.333
1807	2.699.000.000	2.504.200.000
1808	1.448.338.000	2.247.047.000
1809	2.817.070.000	4.388.000.000
1810	2.929.238.410	2.878.000.000
Total		43.271.312.885

Mapa de Exportação dos Productos da Capitania da Bahia para Portugal e outros Portos, em 1810.

	Açúcar.	Açúcar ^a	Algodão	Arroz	Café	Couros	Doces	Madeiras.	Miudezas	Mercador ^{as}	Precioso	Sal	Soja	Sebo	Tabaco	
Pa Portugal e outros Portos em Navios Portug ^{es}	359.914 e	748 Papas	33.035 e	11.238 e	1.455 e	142.727	-	4.939.600	300.000	-	-	-	34.326	4.871 e	415.734 e	1.513.925.700
Em Navios Ingleses	141.367	-	102.707	-	2.438	66.655	-	10.732.000	-	-	-	-	-	12.703	48.404	1.004.081.980
Portos de Africa	180	659	-	-	-	-	170 L.	-	-	-	-	-	-	-	227.922	305.849.400
Rio Grande do Sul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	120.000.000	316.000.000	90.000 alq ^a	-	-	-	493.600.000
Goa	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6.169	11.775.330
	501.461 e	1.407 Pap	135.742 e	11.238 e	3.893 e	209.382	170 L.	15.671.600 e	300.000	120.000.000	316.000.000	90.000 alq ^a	34.326	17.574 e	697.529 e	3.329.232.410
Em 1809	685.524.900	-	-	-	-	-	-	1.223.085.640	332.629.640	11.905.200	554.600.000	9.933.890	-	2.817.079.270	-	-
1810	80.221.000	162.805.600	219.332.650	109.514.200	243.029.800	120.493.440	4.240.000	469.000.000	9.101.335	1.418.338.025	-	-	-	-	-	-

• Os mesmos Navios Portuguezes que despacharã para Portugal, tem hido a outros portos, como Gibraltar, &c.

Mapa da exportação que fes a Cidade do Maranhão desde 1 de Janeiro athe 11 de Março do anno de 1811.

Mezes.	Dias.	Nomes dos Navios.	Portos aonde Seguitado.	Nº de S. de Abgudão.	Nº de arrobas	Nº de S. de Arros.	Nº de arrobas.	Vaquetas.	Agua arde	Couros.	Preço do Algodão.	Dº do Arros.	Dº da Vaqta	Impº da Agua arde.	Dº dos Couros.	Impº do Algod.	Dº do Arros.	Dº dos mais generos.	Total de todos os generos.	Fretes.	Total de todos o Fretes.
Janeiro	9	Mercurio, Inglez	Liverpool	1700	8850	-	-	-	-	-	4.500	-	-	-	-	39.825.000	-	-	39.825.000	2000.----	17.700.000
-	23	Bergtim Paq ^e do Brazil P ^g .	Londres	542	2981	300	1650	-	-	400	4.500	700	-	-	1.000	13.414.500	1.155.000	400.000	14.969.500	2000.400	6.802.000
-	24	Dº Liguro, Portug ^{es}	Lisboa	-	-	930	50000	1000	-	-	-	640	800	-	-	-	3.200.000	800.000	4.000.000	-----600	3.400.000
-	25	Dº Azia, Portug ^{es}	Liverpool	700	3800	500	2500	-	-	-	4.400	700	-	-	-	16.720.000	1.750.000	-	18.470.000	1600.400	7.080.000
Fevereiro	8	Nº Belona, Ingl.	Dito	2242	12331	-	-	-	-	-	Do.	-	-	-	-	54.256.000	-	-	54.256.000	1600.----	19.729.000
-	-	S. Pedro, Portug ^{es}	Londres	1600	9200	400	2400	-	-	-	Do.	800	-	-	-	40.480.000	1.920.000	-	42.000.000	2000.500	19.600.000
-	-	Bergtim Ariot, Ingl.	Liverpool	640	3500	-	-	-	-	-	Do.	-	-	-	-	15.400.000	-	-	15.400.000	1600.----	5.600.000
-	9	Polaca, Mar ^m , Portug ^{es}	Lisboa	94	500	2340	13000	100	-	-	Do.	800	-	-	-	2.200.000	10.400.000	300.000	12.900.000	800.550	7.300.000
-	22	Escuna, Flor. Cat. Portug ^{es}	Londres	604	3500	-	-	-	-	-	Do.	-	3000	-	-	15.400.000	-	-	15.400.000	1600.000	5.600.000
-	25	Nº Aurora Ingle ^s	Liverpool	1474	8100	-	-	-	-	-	Do.	-	-	-	-	35.640.000	-	-	35.640.000	1600.----	12.960.000
-	-	Dº S. Macario, Portug ^{es}	Liverpool	1600	8800	-	-	-	-	-	Do.	-	-	-	-	38.720.000	-	-	38.720.000	1600.----	14.080.000
Março	10	Dº D. Dum ^o , Portug ^{es}	Londres	1602	8840	-	-	-	-	-	Do.	-	-	-	-	38.887.200	-	-	38.887.200	1200.----	10.605.600
-	-	Dº Sociedade, Portug ^{es}	Lisboa	800	4400	3000	16000	-	-	1000	Do.	800	-	-	1.000	19.560.000	12.800.000	1.000.000	33.560.000	800.500	11.870.000
-	-	Dº Flor do Ciara, Portug ^{es}	Lisboa	500	2500	2600	13000	1000	-	1000	Do.	800	1.000	-	1.000	11.000.000	10.400.000	2.000.000	23.400.000	800.550	9.650.000
-	-	dº Sum ^a , Victoria, Portug ^{es}	Lisboa	-	-	2200	12000	1000	20	500	-	900	4.000	70.000	1.000	-	10.800.000	2.900.000	13.700.000	-----600	7.970.000
15 Embarçoens.				14098	77309	12270	65500	3200	20	2900	-	-	-	-	-	341.302.700	52.425.000	7.400.000	400.927.700	-	159.946.600

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

ou

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

OUTUBRO de 1811.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITTERATURA POLITICA.

CONTINUAÇÃO DA SEGUNDA CARTA SOBRE A FRANÇA E INGLATERRA.

Eu fui excitado por huma curiosidade mui natural a fazer muitas indagaçoens a respeito do temperamento e habitos do *Cezar dos Cezares*; pois tal he Bonaparte denominado nos Jornaes de Pariz. As minhas fontes de informação eraõ das melhores, e o seguinte he hum rezumo dos copiosos detalhes, que se me deraõ a este respeito. Desde a sua primeira infancia a sua dispozição era altiva, presumptuoza, vingativa, e ambicioza. Elle desenvolveo este character no cerco de Toulon, onde se distinguio de maneira que induzio o seu Commandantè em Chefe Dugommier a fazer esta observação, fallando delle,

a hum dos Commissarios da Convenção “tende cuidado naquelle mancebo; se vós o não promoveis, eu posso assegurar-vos que elle saberá promover-se a si mesmo.”—Quando foi nomeado, na idade de 25 annos Commandante do exercito da Italia não mostrou surpresa, nem differença a taõ subita, e perigoza elevação, e respondeo áquelles que lhe fizeram algumas observaçoens a respeito da sua idade “no fim de seis mezes,” disse elle, “eu serei hum General velho ou hum homem morto.”

No principio da revolução abraçou os principios republicanos do tempo, e os defendeo com tanto calor, que esteve a ponto de perder a vida quando estava na escola militar de Pariz pelo excesso do seu zêlo. No anno de 1790 fez conhecimento com o celebre Paoli, que tinha sido amigo de seu pai; elle possuia entaõ os mais entusiasticos sentimentos por aquelle General, que fizera taõ nobres esforços para estabelecer a independencia do seu paiz: mas notou-se que o seu republicanismo era o de hum espirito ambiciozo, que não soffria restricçoens, prescritas pelos estabelecimentos existentes, e obstaculos, que huma regular, e estabelecida organização de sociedade apresenta á rapida acquisição de poder por hum individuo obscuro. Elle era hum republicano, (e de taes não ha pequena numero) de quem os Regentes entaõ cã França podiaõ dizer na lingoagem de Alfieri,

—————*Contra a Patria*

Conspira, e trama horrificos projectos:

Tyrannos diz que somos, e elle entanto

Nutre dentro do seio a tyrannia.

Mesmo na sua juventude Bonaparte amava apaixonadamente a Sciencia militar; e com seos condiscipulos só se entretinha naquelles exercicios, que lhe apresentavaõ a mais viva imagem da guerra. A sua dispozição era solitaria, e contemplativa. A historia he correcta, quando falla de hum jardim, que elle formára, como seu retiro privado, estando na escola; e que fortificava contra as incursoens dos seos socios na classe. Elle era algumas vezes ajudado na defeza desta fortaleza pelo presente Ge-

neral Hedoville, que era entã o unico dos seus companheiros, que sentia, ou mostrava sympathia por elle. Elles se separão em tenra idade, e Hedoville se apresentou pela primeira vez a Bonaparte na Italia sendo simples Tenente, quando o ultimo era Commandante em Chefe do exercito Francez. Bonaparte o reconheceo immediatamente, e lhe disse bem vos conheço; vos sois aquelle que me ajudava a defender o meu jardim.—Hedoville foi promovido sem demora, e tem depois occupado os mais altos grãos militares, e civiz. Bonaparte tem sido em todo o tempo prodigo de honras, e de favores com os socios das suas primeiras campanhas, e da sua mais humilde fortuna. Se acazo esta conducta procede de huma sympathia natural em taes cazos, ou de impulsos de soberba, que produzem muitas vezes o mesmo effeito, melhor se determinará pela historia geral da sua vida.

Nos primeiros periodos da sua carreira militar elle não deixava de ter qualidades sociaes; e mesmo depois da sua elevação aos primeiros postos do exercito, adoçava occazionalmente a natural rudeza, e gravidade de suas maneiras a hum ponto affavel, e communicativo, que tornava a sua conversação hum tanto attractiva. Deleitava-se muitas vezes, sendo primeiro Consul, depois dos jantares publicos das *Tuileries*, em longas narrativas sobre as suas campanhas do Egypto, em que gostava muito fallar: mas no seu accesso á Dignidade Imperial, estas scintellas de hum espirito affavel, e cortez, desaparecerao; e as dispoziçoens innatas do homem se mostrão, sem rebuço, ou constrangimento. Desde aquelle periodo tem sido no interior das *Tuileries* quasi uniformemente austero, sombrio, e suspeitozo, fazendo todos aquelles, que pertencem á sua familia, victimas do capricho mais tyrannico e dos accesos mais impetuosos de raiva: eu sei de boa authoridade, que dois ou tres dias antes do assassinio do Duque de Enghien elle se assemelhava mais a hum tigre esfaimado, que a hum Monarca de huma Nação civilizada. Apenas hum individuo ouzava aborda-lo, que era Savary seu General favorito, que centemente fez Ministro da Policia, e cuja no-

meação deo lugar a que os Parizienses dissessem, que tinhaõ agora hum Ministro, que apara a sua penna com a espada. Quando a execuçaõ de Enghien se annunciou nas Tuileries os habitantes de Palacio apresentáraõ hum semblante de terror, e espanto; e esta circumstancia contribuio para exacerbar a raiva, e tornar mais hedionda a catadura do seu colerico tyranno. Sem duvida elle pensou ler no aspecto dos que o rodeavaõ a mesma linguaagem accusadora, que a consciencia exprimia dentro em seu seio. Tacito * diz de Tiberio, que nem a dignidade imperial, nem as sombras da solidão o podiaõ salvar a si mesmo; que seos delictos se tornavaõ os seos verdugos; que elle vivia na tortura do crime; e que o seu espirito oppresso gemia na amargura. O historiador procede a notar, que se os espiritos dos Tyrannos fossem expostos aos nossos olhos, nós os veriamos dilacerados pelo aguilhaõ do remorso; que assim como a carne treme fustigada pelo açoite, assim o coração do perverso he continuamente retalhado pelos algozes das suas desenvoltas paixoens, e meditadas atrocidades.

As accusaçoes que Sir Roberto Wilson na sua obra sobre o Egypto produzio contra Bonaparte tem attrahido a attençaõ de todo o mundo. Eu tive em Paris huma conversação a este respeito com hum dos seos principaes engenheiros geografos pertencentes á expedição Franceza naquelle paiz; e delle obtive informaçoes a respeito do negocio de Jaffa, a que circumstancias particulares me induziraõ a dar pleno credito.—Este official que nunca deixou a pessoa de Bonaparte, durante as suas campanhas no Egypto, negava fortemente o envenenamento dos doentes em Jaffa, asseverando que o crime seria superfluo; pois bastava deixa-los nas

* Adeo facinora, atque flagitia sua ipsi quoque in supplicium verterant. Neque frustra prestantissimus sapientiæ, firmare solitus est, si recludantur tyrannorum mentes, posse adspici laniatus, et ictus; quando, ut corpora verberibus, ita sævitia, libidine, malis consultis, animus dilaceretur. Equiæ Tiberium non fortuna, non solitudines protegabant quin tormenta pectoris, suas que ipse pœnas fateretur. Annal. L. 6.

maons dos Turcos ao evacuar a cidade, para que elles fossem inevitavelmente mortos. Admittia o facto do massacre dos prizioneiros Turcos; mas não pertendia defende-lo. Mencionava somente a desculpa que o Commandante em Chefe deo naquella occasiao—a necessidade do cazo—Elle se avançava para o Alto Egypto, e os prizioneiros Turcos eraõ mui numerosos para os conduzir com si, estando principalmente o seu exercito falto de provizoens. Se os Turcos ficassem livres elles entrariaõ immediatamente em serviço contra o exercito Francez, como fez a guarnição de Jaffa, não obstante as estipulaçoens expressas em contrario. A propria defeza por tanto não tinha outra alternativa mais que a sua destruição, o que se fez, mandando fuzilar mil de cada vez, a sangue frio.—Tal foi a justificação que Bonaparte fez da sua obra, e que não he destituida de applauzo. O cazo tem seos precedentes na historia; inda que pode reconhecer-se, que o exemplo a que alludo, o de Henrique V. depois da batalha de Agincourt he de huma antiguidade mui remota para servir de exemplo nas guerras modernas, e em tempos mais illuminados.*

Eu pude descobrir pela conversação de alguns homens sabios, que acompanharaõ Bonaparte á expedição do Egypto, que elles não tinhaõ grande afeição ao seu Chefe. Apenas ametade da corporação de sabios, que levou com si, sobreviveraõ ás fadigas, e doenças que soffreraõ naquelle paiz homicida. A soldadesca vendo-os izentos dos perigos do campo, e ignorando a importancia das suas occupaçoens, os tinhaõ no ultimo desprezo, como hum corpo de cobardes, e vadios, que eraõ regaladamente sustentados á custa dos seos benemeritos associados. Nem o commandante em chefe, nem

* Ha taobem alguma coiza na proclamação de Bonaparte aos soldados do Exercito, que elle enviou a reprimir a insurreição de *La Vendée* no anno de 1800, que não pode agradar a hum paladar mais delicado—*Marchai*, diz elle, *marchai!*—*Salteadores, Emigrados, Estipendiarios de Inglaterra, snã homens, que não tem honra, nem coragem: marchai contra elles: vos não precisareis fazer grandes esforços de valor.—Fazei-me saber depressa, que os chefes dos salteadores tem cessado de viver—Exterminai estes miseraveis; deshonra do nome Francez—Faites une campagne bonne et courte.*

o seu exercito deixou nos espiritos do Instituto do Gran-Cairo mais impressoens, que as do desgosto, e aversão.

A consumada habilidade de Bonaparte tanto como General como Estadista he hoje universalmente reconhecida. Até, ha poucos annos, seos inimigos não queriaõ conceder-lhe aquella preeminencia de genio, que elle sem duvida possui, e de que todo o individuo com quem fallei em Pariz a este respeito me deo as maiores provas. Nenhum dos seos Conselheiros; nenhum funcionario do seu Governo o aborda sem sentir a ascendencia do seu espirito; e ha muy poucos á roda de sua pessoa que possaõ penetrar os recessos da sua Politica. Os seos pensamentos estaõ perpetuamente occupados em vastos projectos de conquista, e empregados no mais subtil refinamento de meditadas fraudes. Os seos grandes rasgos de Politica, assim como os movimentos dos seos exercitos tem nelle origem; e elle não dezenvolve menos arte, que despotismo, na applicação dos talentos dos outros nos seos proprios fins.

Os seos Ministros por mais habéis, ou perversos que sejaõ podem apenas entrar no vasto circulo, ou na gigantesca malignidade da sua ambição. Bem que decorados com titulos esplendidos, e enriquecidos com amplissima porção do espolio publico elles são todavia os mais miseraveis e laboriozos que existem debaixo do inflexivel dominio do mais caprichozo, e insolente de todos os amos—Elles soffrem indignidades pessoaes sem conto, e nem hum só instante estaõ seguros do favor deque elles sabem que a sua existencia depende. Se as emprezas estrangeiras de Bonaparte assim como a organização interna do seu Imperio attentamente se examinar, ver-se-ha que elle obra quazi sempre com hum profundo conhecimento da historia do homem, e da natureza humana debaixo de todas as suas faces. Apenas ha medida alguma feliz no catalogo dos meios empregados pelas Naçoens conquistadoras para estender seos dominios, ou por Felippes, Cezares, Constantinos, e Carlos Magnos, a

fim de consolidar seu poder, deque elle se não tenha destra e efficazmente servido. As faculdades inventoras, e as aquiziçoens eruditas de milhares de politicos engenhozos, e de incansaveis doutos, estão continuamente empregadas em fornecer-lhe materiaes tanto de pensamento como d'acção, para servir seos deziñios.

Elle nunca sentio, nem he capaz de sentir influencia alguma propria a frustrar as vistas da sua ambicão, senão a de hum impetuozo temperamento. Elle he inteiramente insensivel as caricias do bello sexo, que tendem a subjugar o espirito: mas nunca merecco em Pariz a reputaçãõ de casto de que alias gozava. Jozephina não possuia o mais pequeno ascendente sobre as suas decizoens, ou projectos; nem a prezente Imperatriz terá jamais huma grande influencia, qualquer que seja a superioridade de seos titulos á consideraçãõ, e amor. Para toda a caza de Lorrena elle nutre hum odio inextinguível, e medita a mais completa destruiçãõ. Motivos só de Politica o levarãõ a esta uniaõ, e só elles lhe serviraõ de regra para com a Princeza Austriaca, que foi sacrificada; e ver-se-ha para o futuro inutilmente sacrificada á conservaçãõ da coroa de seu Pai. Tem-se muitas vezes perguntado; e talvez vos o pergunteis, porque razãõ hum despota, cujo governo he taõ oppressivo, e que tem attrahido o odio universal dos seos vassallos tem estado tanto tempo, sem encontrar a sorte de hum Felipe, ou de hum Cezar? A immensidade do seu poder; as difficuldades, que embaraçãõ todas as tentativas contra a pessoa de hum Monarca; e a morte certa, que teria todo o assassino felis, e milhares de circumstancias, que daõ á parte não pequena da população de França, hum interesse directo de conservar sua vida fornecem bastante para a soluçãõ deste cazo. Encontrasse elle algum serio revez no campo, elle seria outro exemplo, como o que vem illustrado nos conhecidos versos do Poeta.

Mas he n'adversidade

Que a mascara se rompe,

Fica o homem, e o heroe dezaparece.

Depois de me ter demorado tanto tempo em descrever o caracter de Bonaparte, he natural de esperar que eu diga alguma coiza da repudiada Imperatriz Jozefina. Eu não posso fallar della com o mesmo enthusiasmo, que animava Burke, quando recordava a elevação, e a queda da infeliz Maria Antoinette; mas devo confessar, que me he mui difficil contrastar as circumstancias em que vi Josefina em Pariz, com a sua condição presente, sem algumas emoçoens de dor, e compaixão. Durante a auzencia do Imperador em o Norte da Europa, ella era, posto que totalmente sem poder politico, huma especie de automato Imperial: era venerada pelos Parizienses com a mesma prodigalidade de lizonja *devocional*, como se ella fosse seu unico Monarca, e outra Semiramis. De certo, nenhuma Rainha de França se apresentou jamais em tão grande esplendor ou teve humia Côrte mais obsequioza. Os seos quartos em Tuileries estavaõ, durante o periodo de seu reinado, cheios com dedicatorias de Authores, com magnificos trabalhos de imprensa, com esplendidas offertas de manufacturas, e com innumeraveis, e exaltados panagiricos das Muzas Francezas. Não havia epitetos de exagerado louvor, que a lingoagem podesse fornecer, que não fossem diariamente despendidos a seu respeito em todas as gazetas, e jornaes literarios. Neste momento o seu nome não se encontra n'huma só gazeta, nem, segundo sou informado, na boca de hum só individuo da Metropole Franceza. Se ha alguma coiza que a indemneze da falta de segurança, e das mortificaçoens inseparaveis da sua triste sorte, he a separação do seu antigo espoz, a perda de cuja sociedade domestica ella nunca pode ter muita razão de lastimar. Dizia-se que ella era inteiramente destituida de ambição, mas não he facil de imaginar que ella fosse insensivel a humiliação, e indignidades, que foi forçada a experimentar na solemnidade do seu repudio; e qualquer que seja a consolação que lhe rezulte da circumstancia do seu apartamento de Bonaparte, ella não pode ver a translação das suas honras para outra, sem hum vivissimo desgosto.

A primeira Imperatriz nunca se poderia chamar formoza: mas ella tinha, quando eu a vi hum resto de boas feiçoens, e era notavelmente engraçada, e bem feita. Hum grande uzo de carmim não servia de lhe encobrir a idade, que parecia tocar os cincoenta, e cuja extrema magreza contribuia para a fazer mais patente. Eu tive occasiaõ de a ver, e ao Imperador muitas vezes na Missa; e poucos symptomas de affeição pude descobrir em qualquer delles. O ultimo apparecia sempre inquieto, e impaciente. Quaesquer que fossem as fraquezas de Josefina antes da sua elevaçãõ ao throno, a sua subsequente conducta foi inteiramente irreprehensivel. Huma doce, e benevola dispoziçãõ se lhe attribuia universalmente, e com justiça segundo creio. Aquelles, que estavaõ empregados no seu serviço, saõ as mais favoraveis testemunhas da bondade das suas intençoens, e do modo porque ella exercitava os poucos privilegios do seu lugar. Sua capacidade está longe de ser grande; e o seu character tem huma simplicidade que se não encontra de ordinario nas mulheres Francezas. Dizia-se em Pariz, que mui pequena cordialidade existia entre ella, e as irmans de Bonaparte; as ultimas eraõ, como refere a chronica escandalozã extremamente empenhadas em que S. M. I. se divorciasse da sua esteril, e plebea Esposa, logo depois do estabelecimento do throno imperial. A Princeza Murat, agora Rainha de Napoles, e que tem a maior semelhança com seu irmão tanto em feiçoens, como em character, era a mais effcaz nas suas instancias para este effeito; e a mais ambicioza do parentesco com huma filha de algum dos antigos Monarcas da Europa. Referia-se de mais a mais, que n'humã das altercaçoens domesticas a que deo lugar esta questãõ entre ella, e Jozefina, a ultima lhe notãra, que ella e suas irmans não consultavaõ os seus proprios interesses em recommendar hum divorcio, por quanto ellas estavaõ no mesmo pé de igualdade no seu trato com ella: mas se o Imperador espozasse huma Princeza hereditaria, ellas seriaõ tratadas com orgulho, e vistas com desprezo pela soberba de hum *ulto nascimento e legitima ordem*. Esta observaçãõ era certamente cheia de sagacidade, e nós temos razaõ

de concluir discorrendo pela ordem natural da natureza humana, que a predicção se tem verificado.

Deixemos agora, meu amigo, a familia imperial por hum momento, e mesmo Pariz, e lancemos hum golpe de vista sobre Versalhes. Não havia objecto em França que eu mais avidamente dezejasse ver do que a favorita habitação de Luis XIV., scena de esplendor sem igual no dia de hoje, e durante o reinado dos seos dois immediatos successores. Versalhes he, perto de quatro legoas distante da capital; e fornece hum deliciozo passeio. Esta cidade que no antigo regimen continha mais de quarenta mil habitantes, era originalmente huma pequena aldeia, e obteve a sua actual grandeza debaixo da creadora mão de Luis XIV. O Palacio, que elle construiu, occupou por espaço de seis annos a continua attenção, e trabalho dos mais celebres architectos, e pintores do seculo, e era reputado juntamente com os seos jardins, o chefe de obra da magnificencia Real. Das maons de Mansard, Lenotre, e Lebrun sahio o mais esplendido monumento de gosto, e prodigalidade, que os tempos modernos conhecerão. Eu vi-o n'hum estado de comparativa decadencia, espoliado de muitos dos seos principaes ornamentos, mas devo confessar, que jamais contemplei espectaculo desta natureza tão admiravel, ou magestozo. O soberbo exterior do Palacio visto do lado do parque—a variedade, e extensão dos jardins—os laranjaes producto de seculos—os repuchos, &c. encherão toda a capacidade da minha imaginação. Dis-se que Bonaparte teve, n'algum tempo, tenção de fazer deste palacio a sua rezidencia de verão, em vez de S. Cloud, e mandou, que se fizessem os necessarios reparos, mas pouco depois foraõ suspendidos em consequencia da enorme despeza, que para isso se requeria. Desta circumstancia vos podeis julgar do custo original, e do plano em que se executou este divertimento de Luis XIV.

Versalhes e os seos appendices tem sido tantas vezes descriptos que seria fastidiozo entrar em minutiosos detalhes re'ativamente ás suas bellezas: bastar-me-ha dar huma idea do estado do palacio no tempo da minha vizita. Elle estava então entregue

ao cuidado de hum Inspector pago pelo Governo, e era regularmente habitado só por alguns domesticos Imperiaes, que por huma pequena gratificação conduziaõ os estrangeiros por todos os quartos. Muitas das soberbas pinturas, dos ornamentos marmoreos, espelhos, e mezas, que adornavaõ os quartos particulares de Luis XIV, e da Rainha estavaõ ainda intactos. Huma serie de salas estava convertida n'huma escola publica de pintura, e continha huma collecção precioza de quadros, restos da galaria antiga do palacio, e despojos de alguns dos castelos vizinhos. O grande salaõ, ou sala principal, que deita para os jardins, posto que desfigurada, ainda apresenta vestigios de magnificencia sem par; e podia tornar-se com reparos convenientes, mais magestoza e bella que a de Tuilerias. O theatro soffreo mais, que outra parte do edificio; elle he capaz de conter 400 pessoas, e deve ter exhibido, o mais encantador espectaculo no seu primitivo estado. Elle era construido de maneira, que no espaço de poucas horas se podia converter em sala de baile, pela remoção de tablado, camarotes, pilares, &c. Quando se uzava como sala de baile, o que raras vezes acontecia, era illuminado por vinte mil velas de cera, e a despeza do festim uzualmente subia a mais de cem mil coroas. As paredes eraõ ornadas de huma pedraria imitando os diamantes, cujo lustre, unido ao esplendor dos ricos vestidos, da antiga Corte, deviaõ produziro mais brilhante, e assombrozo effeito nas suas assembleas.

Os dois pequenos palacios, chamados *Triannons* construidos a pequena distancia do principal edificio dentro do lemite dos jardins, estavaõ n'hum estado de huma lamentavel ruina. Hum delles, como sabeis, era o favorito retiro de duas Rainhas successivas de França, e quazi realizava as descripçoens, que os Poetas fazem de hum palacio encantado, ou magica rezidencia. O Peristilo, os pavilhoens, as ba'austradas, e as figuras das graças, e dos amores eraõ compostas do mais fino marmore, e executadas com inimitavel expressaõ, delicadeza, e gosto. O comparativamente pequeno jardim contiguo a hum destes edificios, o pequeno Trianon estava alugado neste

periodo a diferentes individuos, que delle tinhaõ feito hum lugar de publico divertimento.—Huma especie de *Ranelagh*, e estava soffrivelmente reparado.

No periodo da minha vizita Versalhes estava meia despoçada, e n'hum estado de tristeza, e inacção, que inteiramente opprimia o espirito daquelle, que acabava de sahir da metropole. Eu nunca me senti mais disposto a moralizar, doque no meio desta cidade. A solidão, e o silencio, que reinavaõ no palacio, e jardins, juntos á pintura da ruina, e da violencia apresentadas por todos os lados, eraõ proprias para commover, e assustar a imaginação, e para excitar pavorozas lembranças da instabilidade das coizas humanas. Eu mesmo pintava na minha idea a confusão, e o tumulto, que deviaõ ter animado nos florecentes periodos do ultimo reinado a scena, que eu via taõ languida, e solitaria; a differença entre a situação, em que Maria Antoinete estava posta quando occupava estes palacios em todo o esplendor, e pompa da Real Dignidade, e aquella o que foi reduzida na sua prizaõ depois de condemnada ao cadafalso. Se Luis XIV. tivesse antevisto a sorte dos seus descendentes, e do seu soberbo palacio; ou podesse ter previsto, que o lustre da sua fama seria taõ depressa eclipsado pela superior brilhantismo de hum soldado felis, a sua soberba se teria humilhado, até á poeira, e a gloria que elle proseguio taõ avidamente, e á custa de taõ pezados sacrificios, lhe pareceria tal, como o Poeta a representa mera sombra, e illuzão.

A fama que enamora a hum doce accento
Os suberbos mortaes, e exalta a mente;
He fallaz echo, he sonho vaõ somente
Ou fumo que dissipa qualquer vento.....TASSO.

De Versalhes passei á aldea de S. Germain en Laye pequena povoação hum pouco distante de Paris, e deliciozamente situada. Ali fui principalmente atrahido por hum immenso edificio Gotico construido originalmente como fortaleza por Luis VI., e destruido depois em parte pelos Inglezes, e a final reparado, e grandemente *embelccido* por Francisco I. Elle era a rezidencia favorita de Maria de Medicis, e era oc-

cazionalmente habitado por Luis XIV. que dentro de seos muros offertou seos primeiros votos a gentil Lavalliere. Elle foi a residencia de James II. depois da sua expulsão do throno de Inglaterra, e por sua morte foi cedido a hum Par Irlandez, que o acompanhára á França, e cuja familia continuou a occupalo até ao principio da revolução. Elle servia, como de barraca, no tempo da minha vizita; mas nao obstante, permittio-se-me passear por elle, e pude sem interrupção entregar-me ás lembranças historicas a que este singular edificio deo origem. Eu pude contemplar de huma das janellas a caza, que foi outrora a habitação de Gabriela d'Estrées favorita de Henrique IV., e vi ao mesmo tempo de frente huma parte das estupendas obras de Marly executadas no reinado de Luis XIV. pelas quaes a agoa do Sena he levada a huma altura de quinhentos pez acima do leito do rio para supprir as fontes de Versalhes, e S. Cloud.

Vos, que tendes sido avidos leitores de romances, não precisaes que eu vos dê huma descripção circumstanciada do Castello de S. Germain. Eu não faria senão repetir a antiga historia das pequenas torres orientaes, e occidentaes, corredores, passagens secretas, canhoneiras aluidas, e cadentes muros. As partes superiores estão n'hum estado de misero destroço, e pela sua forma, e ruina, vos indicão as revoluçoens dos seculos. A floresta, ou parque junto ao castello he huma das mais extensas, e magnificas da França, e he bordada, mais de duas milhas, por hum terraço de quarenta pez de largo, que não he excedido por outro algum da Europa. Do terraço vos tendes em frente o mais nobre prospecto de campos cultivados de castellos, de florestas no lado opposto, e do Sena em huma grande extenção do seu curso. Eu prefiro a vista, que este terraço offerece á de Richmond Hill em Inglaterra, de que tanto se falla. Os arrabaldes de Pariz são de facto incomparavelmente mais pittorescos, e bellos, que os de Londres; por muitas milhas na vizinhança de ambas as capitães o paiz he hum vasto jardim; mas Pariz tem huma decidida vantagem pela variedade, e elevação dos terrenos

vizinhos, pelo numero, e pozição dos castellos, e pela apparencia, e decoraçao das margens do Sena. Ha quazi tantos attractivos, a poucas legoas da Metropole Franceza, como no interior dos seus muros. As numerosas aldeas, e villas, na distancia de dez, ou doze milhas, são todas memoraveis pelas transacções connexas com a historia, e prazeres dos primeiros Monarcas da França, assim como taõbem com a chronica da literatura Franceza. Ellas vos fornecem ao mesmo tempo a mais rica perspectiva, e as recordaçoes historicas mais divertidas.

A escola mais consideravel do Imperio para a educaçõ femina está estabelecida em S. Germain, e está agorá entregue ao cuidado de huma senhora chamada Campan, que foi antigamente aia de Maria Antoinete. Dezejando ver este estabelecimento conseqüi introduçãõ com Madame Campan, e foi-me permittido satisfazer á minha curiozidade. A regente pareceo-me ser mulher de hum espirito completo, e vigorozo, e de pulidas manciras. Ella me informou que as suas pupillas montavaõ ao numero de 150, filhas todas da principal nobreza do tempo presente, e que tinha trinta mestres, ou assistentes na sua instituicãõ, muitos dos quaes erãõ professores de bellas artes, e alguns dos mais celebrados da capital. Examinei miudamente o curso de instrucçãõ que ella tinha adoptado; e testemunhei á noite huma espectaculo de dança, e muzica das meninas. Não preciso dizer-vos que nestas duas prendas ellas desenvolverãõ a mais alta excellencia. Amostras de desenho, me foraõ taobem mostradas, e manifestavaõ igual aproveitamento. Alguns mappas de França mui bem executados em bordadura pendiaõ das paredes; e disserãõ-me que se prestava igualmente a esta arte huma grande attençãõ. Julguei-me em estado de concluir de tudo o que vi, e ouvi, que as prendas exteriores, como lhe chamaõ, e o refinamento dos costumes, constituiaõ o objecto principal da industria, e solitudine desta Instituicãõ; assim como de todas as outras semelhantes do Imperio. Grosseiros vituperios se tem espalhado sobre o character moral do estabelecimento de S. Ger-

LITTERATURA PORTUGUEZA.

APEZAR das difficuldades, que a Litteratura Portugueza tem encontrado em todos os tempos para fazer progressos, ella tem apresentado, e apresenta ainda hoje monumentos que attestaõ a sua existencia, e desmentem a ignorancia ou calumnia do estrangeiro, que olha Portugal como hum paiz esteril neste artigo de civilizaçaõ. O Genio que creou a gloria das naçoens não as dezempara, senaõ quando ellas tem cahido no aviltamento da escravidãõ, e consequente brutalidade. O espirito da naçaõ Portugueza, desde que foi tocado daquelle energico talisman, tem sido coarctado nos seos voos, mas de nenhum modo extincto. Elle apparece com o mesmo brilho, e com a mesma força quando he chamado ou seja para se desenvolver no campo da honra, ou no recinto das artes. Aquelle espirito emprehendedor, e activo, aquelle espirito verdadeiramente grande, que não cabendo no curto espaço que lhe assignara a natureza, correo por caminhos desconhecidos; e por meio de novos perigos até á extremidades da terra; aquelle espirito, dizemos, teria ja cessado de existir, se a Muza que o salvou de hum esquecimento ignobil, não continuasse a suste-lo. Do tumulto de Camoens se levanta de quando em quando o Genio que vingou os fados de Pacheco; e os mannes de hum, e de outro se reproduzem. Imitadores de hum e outro nos offerece a presente idade; e os nomes do General Silveira, e do seu cantor Santos e Silva, não so lhe são caros, mas dignos igualmente da homenagem das geraçoens futuras.

A muza de Santos e Silva, não conhecida geralmente, nem exactamente avaliada, tem tido a sorte, que tem o merito muitas vezes, isto he, não ser re-

conhecido á primeira vista, e precizar pela sua modestia de hum zelo ardente de justiça, para ter a devida publicidade. Comtudo a sua primeira apparição no theatro poetico, foi logo caracterizada por aquelle brilho, que esmalta as ruinas da campa, e fecunda as estereis sombras da morte. “A Sepultura de Lesbia” pelos sentimentos que encerra, pelo espirito que respira, e pela decoraçãõ que a adorna, não cede em magestade aos “Tumulos de Hervey.” Seguindo a vareda do cantor das “Noites Pensativas,” o cantor de Lesbia, sem se extraviar na solidão do sepulchro, acende n’elle a tochá da philozophia, e da religião, doura a sua escuridade, esclarece e anima o sentimento, que parece recuar a borda d’elle, e junca de flores o caminho para a eternidade. Ardua e difficil como he a sua carreira, ella he executada sem queda; e se o aventureiro sepulchral alguma vez tropeça, he mais devido a escabrosidade do seu plano, que a falta de energia nos seus poderes. Nos tereinos occazião de fallar mais extensamente dos meritos desta obra nos extractos, que intentamos dar della para o futuro. Por ora nos limitamos ao seguinte ensaio de huma pena tam fecunda em bellas produçoens.

Versos, que no faustissimo dia natalicio de Sua Alleza Real o Principe de Galles, Regente da Gram-Bretanha, additou José Pedro da Silva á sua illuminaçãõ, por tao plausivel motivo, na Praça do Rocio de Lisboa, em 12 de Agosto de 1811; mandados imprimir, e distribuidos gratuitamente pelo mesmo, e compostos por Santos e Silva.

Havia no centro da mesma Illuminaçãõ o Busto de S. A. R. copiado escrupulozamente do mais fiel Original, que se pode encontrar; tinha Elle aos lados as seguintes Inscriptões:

I.

Ao novo JORGE, d’Anglia Alto Regente,
Neptuno entrega, em festival transporte,
O ceruleo, vastissimo Tridente,
Qual o entregára ao Pai Egregio, e Forta.

II.

Hoje Annos conta, e sobre o Continente

Lhe cede a Lança o rispido Mavórte,

Onde, Emulo do Pai, quem lhe faz frente,

Só tem para escolher, ou jugo, ou morte.

“Que de tal Pai, tal Filho s’esperava!”

Cam. Luz.

ODE SAPHICA.

A’CORJA adusta do Cocito em flammaz,

Ígneo ferrolho aos alçapões correndo,

Porque blasfema a voz não trépe a Jove,

Lucifer disse:

Eia, meus Socios! ou agora, ou nunca,

Vai vosso Imperio appropriar-se á Terra,

E a folgo nosso nossa mão tornar-se

Arbitra do Homem!

O crime enorme, qual lhe chama o Mundo,

Pulcro, porém aos olhos meus, que ha pouco

Sómente as trévas por guarida achava,

Carceres, brenhas:

A lardeando de Real cortejo,

Legiões conta por luzida escolta,

Fulgente C’rôa sobre a Testa cinge,

Purpuras traja:

O que Quadrilha se dizia apenas,

Toma d’Exercitos o nome insigne,

Composto, ornado de Clarins, de Tubas,

Pifaros, Bombos:

Teve taes artes, houve tanta astucia,

Furia da Terra, mais sagaz mil vezes,

Que todos nós, Napoleao chamada,

Rispido-Corso!

Da prisca França devorados Lyrios,
Rude Aguia empolga as Leis, o Deos, as Aras,
A quem conserva, para mór afronta,
Titulo inerte.

Ah ! servir vamos ao Mimoso Amigo,
A seu veneno auxilio preste o nosso,
E mais desd' hoje distincção não tenham
Vibora, ou Gallo !

Findára o Monstro ; e pela Styge horrenda
Silvo ressoa d'hum applauso atroce,
Latindo, huivando, de Carnage, e Sangue
A'vida a chusma.

Eis della já se despovoa o Orco,
E ao transitar da aluviaõ, eis varre
Tres noutes Phebe, e dias tres a Phebo
Lugubre eclipse.

Solta-se a Praga, e da nefanda Tropa,
De peito em peito seus Quartéis recebe ;
Do proprio Corso o famulento Pluto
Hospede fica.

Eis marcha, eis vóa : onde rapina cabe,
Motivo ha logo para a guerra iniqua,
He justo, he santo, das crueis Cohortes
Victima, e Preza.

A' Sanha impía das phalanges mixtas,
D'Homens, Demonios, não resiste o Lacio ;
Cede o Danubio, e sem pudor succumbem
Vistula, Rheno :

De si trasborda a ambição cruenta,
Q'Alpes transpondo, Peryneos repaça,
E alfim de Lysia o Eden Santo, immune,
Tetrica piza.

Mas Jove entao, o Ommipresente Jove,
Q'inda a expensas das cautélas suas,
Ouvido tinha ao pestilente Drago
Prática horrivel :

Que deserta-lo da tenaz masmorra
 Vira depois, e por arcano occulto,
 Só franco a Elle, lhe soffrêra, e ao Breno,
 Improbros estrago :

Agora lá do seu Repouso eterno
 Vendo-o sacrilego talar impune
 Seu novo Terreo Paraizo ufano,
 Cólera finge.

Triculco raio de provoda ponta,
 Junto de si, ao dextro lado applica ;
 E logo zomba, afouto ri do insulto,
 Placido, quedo !...

Como não rira, como não zombára,
 Se contra o Gallo, e contra os vis Collegas,
 O allivio tinha anticipado ao Mundo
 No Inclyto JORGE!

Tu, e a Ilha tua, lhe dissera o Nume,
 A's novas Serpes servirás d'açoute.
 Até que no Orbe o braço teu lh'extinga
 Reprobra Raça!

Qual servo teu, para faltar-te d'Ouro
 Trabalha o Sol no coração das minas ;
 E tua industria em provisões t' inunda,
 Polvora, e bala.

No Golfo salso, ás tuas Leis sugeito,
 D'Esquadras tuas acoçada a Praga,
 As Ondas tema, como teme as Ondas
 Rabido Bruto!

Porque nas terras a Cerviz lhe prostres,
 Onde arrostar-te seu orgulho intente,
 Tens Wellesleys, tens Beresfords, de Marte
 Emulos dignos !

Assim fallára o voci-bronzeo Divo ;
 E ao mesmo tempo facilita os meios,
 Por onde JORGE tao gentis presagios
 Prospero cumpra.

Fez Jove mais : propinquo vendo á Parca,
Por Lei commum, que revogar não cura,
O Rei provecto, em Successor lh'otorga
Principe Egregio !

Dá-lhe do Pai o Nome, o peito, a Alma,
Brio, e denodo, a bem do Mundo o zelo,
E o mesmo affecto, cordial, proficuo,
Intimo ao Luso :

Ao Filho Raro da Rainha Excelsa,
Cujos Vestigios reverente adora,
Qual do Bretão a Piza acata o Raro
Célebre Filho.

Ambos Regentes, tao Irmão's Regentes,
Em sentimento, em coração, em usos,
Nem que d'hum Pai, ou de Mai huma fossem
Genitos Ambos!...

Vive pois, JORGE ! Adjunto ao Pai Celeste,
Arte, e Vigor, Conselho, e Força unindo,
Dias iguaes a Dia tal contando,
Seculos dura :

E com JOÃO, da Mai sublime ao lado,
A ti ligando o Hespanhol sanhudo,
Embora deixa, que s'aggregue ao Corso
Dúplece Averno !

SONETO.

SE aos Reis, bem que mór brilho, oh Ceo, exhales,
Astros faz ser pomposa imagem tua,
Phebo, e Cynthia eclipsárao a luz sua,
Em Anglia, e Lysia, Irmans nos bens, e males !

Entre tanto q'Hum, e Outro a monte, a valles
Seus raios outra vez não restitua,
Do Brazil suppre o PRINCFE os da Lua,
Suppre os do Sol o PRINCFE de Galles :

Mas Dignos já do Throno, em paz, ou guerra,
Só Regentes se dizem d'igual sorte,
Em quanto olhos a Parca aos Pais não cerra;

Nem cumpre, que Mór Titulo os consorte,
Sem ver primeiro, se Astros taes da Terra,
Como os do Ceo, isentos são da morte!

SONETO.

UNIDO a Portugal JORGE excessivo,
Dever, ou Sympathia nelle seja,
Jura a JOÃO, na paz, ou na peleja,
Jámais Anglia deixa-lo, em quanto vivo :

Cioso da uniaõ o Tempo esquivo,
Porque a possa estragar, em vaõ forceja;
E cansado, por odio, ou por invéja,
Com a morte ameaça ao Velho Altivo :

Multiplicar-se anéla o Rei potente;
He só Regente o Luso, isto o consome,
E nem mesmo diff'rença tal consente :

Mais s' une, e mais; e até d' a Parca assome,
Em Anglia, além do Rei, fórma hum Regente,
A quem dá seu Affecto, e Sangue, e Nome!

Glosando o Verso de Camoens.

“*Que de tal Pai, tal Filho se esperava.*”
O qual serve de Epigraphé á Ode.

SONETO.

QUANDO depois de horrivel tempestade
Mostrá Fébo hum annel da acceza trança,
Pouco a pouco se augmenta a claridade,
Até firmar-se próspera bonança :

Assim a combatida Liberdade,
Que tem com JORGE contrastado a França,
De hum outro JORGE de mais flórea idade
Aguarda a sua capital vingança.

Ai! da Hesperia, e d' Europa o que seria
 Se dos JORGES o Sceptro a não guardava
 Dos ferozes baldoens da Tyrannia?...

Mas, se o Terceira a defendeo d'escrava,
 Promette o Quarto da vingança o dia,
 "Que de tal Pai, tal Filho se esperava."

N. A. P. P. M.

Ao mesmo.

SONETO.

Dos Britanos o Rei cedendo á idade,
 Porque della se vê no frio Inverno,
 Depõ em o pezo enorme do Governo,
 Mas não depõ em a Regia Majestade :

Quer exultar a horrivel Divindade,
 Que os furores da Guerra extrae do Averno;
 Mas dá-lhe a padecer tormento eterno,
 Do Quarto JORGE a immensa claridade :

Este, do Grande Pai cingindo o Louro,
 Pela veréda vai, que elle trilhava,
 A brir as Portas a feliz vindouro :

Braveje da Discordia a furia brava;
 Cumprio-se d'Albion faustoso agouro,
 "Que de tal Pai, tal Filho se esperava!"

M. A. de B.

Nos seriamos injustos se por esta pequena amostra das suas obras, quizessemos dar a conhecer toda energia deste benemerito escriptor; alias recomen-davel pelas suas bellezas, como pelo seu assumpto.

Santos e Silva merece hum lugar distincto entre os classicos Portuguezes. A sua linguagem he laconica justa, e expressiva, e não tem o mais pequeno resai-bo dos gallicismos, que infectaõ hoje muitos dos nossos escriptores modernos; o seu estilo hê energico, o gosto sublime; e em geral as suas obras são reves-tidas do brilhante ornato das sciencias da natureza, que mostra possuir. Se alguns dos seus versos não

tem a melodia, que pequena limadura poderia dar-lhe, deve isso attribuir-se a sua lastimosa situação.

O nosso poeta, privado inteiramente da vista por huma ophthalmia chronica, em que labora a muitos annos, não pode corrigir as suas obras. Igual em sorte a Homero, e Milton, elle so dicta extemporaneamente o que alheia maõ quer copiar. De mais entorpecido, estropiado, tendo por domicilio hum hospital, admira como elle levanta ainda huma voz energica para engrandecer hum paiz, que parece esquecer o seu merito, e athé mesmo as suas virtudes pessoaes. Digno dos nossos elogios, e da nossa estima, ja como escriptor, ja como cidadão virtuoso e patriota, elle devia ter melhor sorte. Oxalá que os nossos brados, nascidos de hum sentimento de justiça, que seria vergonhoso calar, despertando a veneração, e a sympathia geral, levassem athé ao seu retiro o conforto que os seus soffrimentos requerem, e abulissesem o abandono e apersiguição, que tem encontrado quasi sempre os talentos Portuguezes.

SCIENCIAS.

CHYMICA.

CONTINUACÃO SOBRE A NATUREZA DO AMMONIACO.

NA experiencia citada, a substancia fuzivel que resulta, contem evidentemente a maior parte da materia ponderosa do ammoniaco, que desaparece durante a sua acção sobre o potassium. Pesando-se hum pequeno vazo, contendo seis grãos de potassium, antes e depois do processo, sendo mui seco o alkale volatil empregado, se achou que tinha augmentado de mais de dous grãos; e o pezo da substancia verde escura, e o hydrogenio desenvolvido, precisamente igualaraõ o pezo do potassium, e ammoniaco consumidos.

M. M. Gay Lussac e Thenard, dizem ter procurado da substancia fuzivel, a hum grande calor, dous quintos do ammoniaco que dezaparecera no seu primeiro processo, e huma quantidade de hydrogenio, e nitrogenio nas proporçoens em que existiaõ no ammoniaco, igual ao hum quinto mais—os resultados porem, que Davy tem tirado das suas experiencias não coincidem com estes; e tem manifestamente provado as suas asserçoens.

O residuo da substancia fuzivel, depois de exposto a hum fogo candente, sem contacto de humidade, tem sido objecto da sua particular attenção, eis aqui como elle expõem as suas propriedades geraes.

Foi examinado de baixo da naphtha, porquanto he instantaneamente destruido pelo contacto do ar.

1. A sua cor he negra, e o seu lustre não muito inferior ao do plumbago.

2. He opaco mesmo em tenuissimas peliculas.
 3. He muito friavel e fornece hum po de cor parda escura.
 4. He conductor da electricidade.
 5. Não se funde a hum brando calor vermelho, mas erguido á esta temperatura, em contacto com vidro crystal o enegrece; e hum sublimado pardunço se levanta d'elle, que tambem enegrece o vidro.
 6. Exposto ao ar na temperatura ordinaria, arde immediatamente com huma luz vermelha escura.
 7. Submettido a acção d'agoa, aquece, effervesce violentamente, e desenvolve alkalino volatil, deixando so potassa. Quando o processo he conduzido debaixo d'agoa hum pouco de gaz inflamavel apparece. Hum reziduo de oito grãos da em todos os cazos perto de $\frac{2}{100}$ de huma polegada cubica.
 8. Não tem acção sobre o mercurio.
 9. Combina-se ao calor com o enxofre e phosphoro sem maior intensidade de effeito; os compostos são altamente inflamaveis, desenvolvem ammoniaco, e pela acção d'agoa, hum o hydrogenio sulphurizado, e outro o hydrogenio phosphorizado.
- Porquanto hum gaz inflamavel somente, com as propriedades ordinarias de hydrogenio se desenvolve durante acção do potassium sobre o ammoniaco, e so gazes apparentemente hydrogenio, e azote, quasi nas proporçoens em que existem no alkale volatil, se desprendem durante a exposição do composto ao gráo do calor especificado; e por quanto o residuo produz ammoniaco com mui pouco hydrogenio pela acção d'agoa, era natural suppor, que pelos principios da theoria antiphlogistica, elle devia ser hum composto de potassium, hum pouco de oxygenio e azote, ou huma combinação de huma suboxide de potassium e azote; pois que o hydrogenio desenvolvido nas operaçoens de que elle era resultado, quasi igualava a quantidade contida no ammoniaco empregado; e era facil explicar o facto da reprodução do ammoniaco pela agoa, suppondo, que pela combinação com huma parte do oxygenio da agoa, a oxide do potassium se tornava potassa,

e pela combinação com outra do mesmo e seu hydrogenio, o azote se convertia em alkalino volatil.

Pertendendo determinar este ponto, fez Davy diversas experiencias sobre residuos, procurados pelo modo acima exposto, da acção de iguaes quantidades de potassium sobre ammoniaco seco em vazos de platina, contendo cada hum dos quaes seis graõs do metal. Nos primeiros ensaios, elle buscou determinar a quantidade de ammoniaco gerado pela acção d'agoa sobre o residuo, aquecendo-o com muriato de cal ou potassa privada em parte de humidade; e depois de varias tentativas muitas das quaes falharaõ, pode obter quatro polegadas cubicas e meia de ammoniaco. Em tres cazos, em que se podia suppor excesso d'agoa, as quantidades do ammoniaco foraõ tres polegadas cubicas e meia, tres e oito decimos, quatro e dous decimos.

Estas experiencias foraõ feitas no tubo de ferro uzado nos primeiros processos; naõ se tirou o vazo; mas o sal introduzido em po, e o apparatus exaurido como d'antes, se encheo de hydrogenio, e se aqueceraõ brandamente n'huma pequena forja portatil.

Determinada a quantidade do ammoniaco desenvolvido do residuo, tractou-se de descobrir a quantidade do azote, que elle produzia na combustao, e a quantidade de oxygenio que absorvia. Nos processos que se podem considerar como os mais exactos, se absorveraõ duas polegadas cubicas e meia de oxygenio, e so se desenvolveo huma polegada cubica e hum decimo de azote.

Cauzando surpresa esta pequena quantidade de azote, procurou-se o ammoniaco nos productos, destas operaçoens e nenhum se achou, a pezar de repetidas tentativas. Examinaraõ-se as substancias solidas produzidas, e esperava-se acido nitroso; mas o que appareceo foi potassa seca, aparentemente pura, e nem o mais pequeno vestigio de acido.

A quantidade de azote existente no ammoniaco, que este residuo devia ter produzido pela acção d'agoa, suppondo o alkale decomposto pela electricidade deveria ter sido igual pelo menos a duas polegadas cubicas e hum quarto; mas em nenhum des-

tes cazos, a quantidade do azote excedeo huma polegada e meia cubica.

De que procedia pois esta perda de azote? Tinha elle entrado em alguma combinaçãõ desconhecida com o oxygenio, ou não existia realmente em o residuo na mesma quantidade, que no ammoniaco produzido d'elle? Esperando elucidar este ponto, expoz Davy o residuo a hum fogo intenso. Distillou huma das porçoens, que tinhaõ sido cobertas com naphta, n'hum tubo de platina feito para aquelle fim. Exhaurio-se o tubo, e encheo-se de hydrogenio, tornou-se a exhaurir e unio-se entãõ a hum apparelho pneumatico mercurial. Applicou-se ao principio hum brando fogo athé que a naphta dezappareceo. Ateou-se depois rapidamente por huma excellente forja. Quando o tubo se tornou vermelho, desenvolveo-se gaz, que continuou por alguns minutos; e tendo recebido o fogo mais intenso que podia applicar-se, se suspendeo a operaçãõ. A quantidade de gaz colligido, feitas as proprias correcçoens, e reducçoens, teria sido tres polegadas cubicas, e meia á temperatura media. Doze partes d'elle foraõ misturadas com seis de oxygenio, passou-se a faisca electrica pela mistura; huma grande inflamaçãõ teve lugar, a diminuiçãõ foi de tres partes e meia, e o residuo continha oxygenio. Esta experiencia foi repetida sobre differentes quantidades com os mesmos comparativos resultados.

Examinado o tubo de platina, achou-se na parte inferior potassa pura, e na superior huma quantidade de potassium. Agoa derramada no tubo, produzio violento calor, e inflamaçãõ, mas nenhum cheiro de ammoniaco. Este extraordinario resultado parecia indicar algum erro. Esperava-se achar azote, como o unico producto aeriforme, e obteve-se hum fluido elastico, que diminuia mais pela detonaçãõ com o oxygenio, que o gaz produzido do ammoniaco pela electricidade.

Fez-se outra vez a experiencia, aquecendo toda a substancia fuzivel, colligida de seis graõs de potassium, que tinhaõ absorvido doze polegadas cubicas de ammoniaco, n'hum tubo de ferro, da maneira

ja descripta. O fogo foi gradualmente erguido até a candecencia, e o gaz se juntou em duas porções. Toda a quantidade produzida, feitas as correções uzuaes de temperatura, e pressão, e a quantidade do hydrogenio contida originalmente no tubo, e o residuo, fariam quatorze polegadas cubicas e meia ao grau medio do thermometro e barometro. Destas, quasi huma polegada cubica era ammoniaco, e o resto hum gaz, cuja porção destructivel pela de-tonação com o oxygenio, era para a indestructivel, com 2.7 para 1. A parte inferior do tubo, onde o calor tinha sido intenso, se achou cercada de potassa em forma vitrea; e a parte superior continha huma consideravel quantidade de potassium.

Noutra experiencia semelhante, feita expressamente para determinar a quantidade do potassium regenerado, se desenvolverão os mesmos productos elasticos. Deixou-se esfriar o tubo, e abrindo-se o torno em contacto com mercurio, se encheo de mercurio, e o mercurio foi deslocado pela agoa; produzirão-se então duas polegadas cubicas e tres quartos de hydrogenio, o que provou que pelo menos dous graões e meio de potassium se tinham regenerado.

Fazendo pois hum calculo sobre os productos destas operações, considerando-os como azote e hydrogenio, e tomando o estado ordinario de temperatura, e pressão achar-se ha, que pela decomposição de 11 polegadas cubicas de ammoniaco iguaes a 2.05 graões, se geraõ 3.6 polegadas de azote iguaes a 1.06 graões, e 9.9 polegadas cubicas de hydrogenio, que acrescentadas ao que se desenvolveo na primeira operação igual á quasi 6.1 polegadas cubicas, são juntamente iguaes .382 graões; e o oxygenio acrescentado a 3.5 de potassium seria .6 graões, e o total 2.04; e $2.05 - 2.04 = .01$. Mas amesma quantidade de amoniaco, decomposto pela electricidade, teria dado 5.5 polegadas cubicas de hydrogenio iguaes a .33, concedendo que a separação do oxygenio neste processo feito na agoa, não pode avaliar-se a mais que .11 ou .12.

Isto posto, se a analyse do ammoniaco pela electricidade se aproxima á exactidão; no processo

acima descripto, ha huma consideravel perda de azote, e huma produçãõ de oxygenio, e gaz inflamavel. E na acção d'agoa sobre o residuo, ha huma appa-
rente geraçãõ de azote.

Como podem explicar-se estes extraordinarios resultados?

A decomposiçãõ e composiçãõ do azote parece pois provada; e hum dos seus elementos parece ser oxygenio; mas o que he a outra sua substancia elementar? He o gaz que parece possuir as propriedades do hydrogenio, huma nõva especie de substancia aeriforme inflamavel? Ou tem o azote huma baze metallica que se liga com o ferro, ou platina? Ou he a agoa tambem a substancia *ponderosa* do azote, hydrogenio, e oxygenio? Ou he o azote hum composto de hydrogenio com huma porçãõ de oxygenio maior do que existe n'agoa?

Estas importantes questoes, a cujas primeiras duas se pode responder na affirmativa, tem sido mui debatidas por Gay Lussac, e Thenard, que nõo querem admittir a existencia de huma substancia metallica no ammoniaco. Mas as ultiores experiencias de Davy, de que teremos occasiãõ de fallar; mostrãõ evidentemente hum principio, que pelas suas propriedades se pode chamar metallico, e deste modo o ammonium, (assim chama Davy este principio) pode ser considerado como a continuacãõ das bases metallicas dos alkales.

Concluindo esta importante communicacãõ, Mr. Davy observa a immensa variedade de objectos de indagaçãõ, que apresentãõ os poderes, e affinidades dos novos metaes produzidos dos alkales. Nelles podemos ja considerar poderosos agentes de analyse; pois que dotados de mais forte affinidade para o oxygenio do que as outras substancias conhecidas, podem substituir a applicaçãõ da electricidade á varios corpos ainda nõo decompostos.

O conhecimento da natureza dos alkales, e das analogias que d'elle rezultaõ, pode lancar nova luz nas sciencias, que tem connexãõ com a chymica. Elle da ja a soluçãõ de immensos problemas em geologia; mostra que novos agentes operãõ na formaçãõ das terras, e rochedos, que athéqui se nõo suppunhãõ

existir; e explica de huma maneira tam admiravel com satisfactoria a cauza dos vulcoens.

Estas descobertas e as que esperamos ainda enunciar, formaraõ certamente huma nova era na historia da chymica, e o nome de Davy será sempre caro aquelles que se deleitaõ na investigaçõ da natureza.

Assim a vista alçando o immortal Newton
 Marcou do tempo as mais brilhantes eras;
 Nas scenas explorou da natureza
 Effeito, e cauza, e della ao mundo absorto
 Revelou encantado as leis occultas.

Templo da Natureza

DARWIN.

Continuado de pag. 283; No. II.

Mr. Newman, Quirino em Stokes Coll. Bir-
 tof homem de grande merito e saber profissional,
 me obteve de seu amigo Mr. Bevington e de seu
 irmão Mr. Newman de Barmouthy em Barmouth,
 as seguintes e interessantes particularidades relati-
 vas a occupaçõ dos corruens.
 "Acabo de receber a vossa carta de 20 de Ja-
 neiro de 1810 em que me pedis informaçõens a
 respeito das febres lentas, podres, e contagiozas, que
 affecto os trabalhadores empregados nos corruens.
 a que posso dar-vos huma resposta muy clara. O
 nossos homens sãõ geralmente sãõs e principal-
 mente os pobres trabalhadores — muito tem estado
 em nosso servico, e conhecimento por quinze e
 vinte annos, e não me recordo de hum so caso de
 quella especie em nossos estabelecimentos em Lon-
 dres. No processo do corrimento, e sobre tudo
 quando se tirõ as peles das estufas a temperatura
 sãõ purida he tao grande e desenvolve-se tao
 grandes quantidades de alcatrão volátil, que excita
 lacrimas nos olhos das pessoas, que nãõ estão cos-
 tumadas a affecto os narizes com talho o
 mais activo. Os nossos homens com tudo tirõ as
 peles das estufas em tempo tão com preferencia
 e se occupãõ nãõ todo o dia, sem o menor prejuizo."

MEDICINA.

Continuação do Ensaio em que se examina ate que ponto os effluvios dos corpos animaes mortos, passando pelo processo natural da putrefacção, são aptos a produzir Febres Malignas Pestilenciaes; e ate que ponto taes effluvios são capazes de excitar hum movimento putrefactivo nas substanciaes animaes vivas expostas á sua acção. Continuado de pag. 293; No. II.

4. Mr. Newman, Cirurgião em Stokes Croft, Bristol, homem de grande merito, e saber professional, me obteve de seu amigo Mr. Bevington, e de seu irmão Mr. Newman de Bermondsey em Southwark, as seguintes, e interessantes particularidades relativas á operação dos cortumes.

“ Acabo de receber a vossa carta de 20 de Janeiro de 1810 em que me pediz informaçoes a respeito das febres lentas, podres, e contagiozas, que affectaõ os trabalhadores empregados nos cortumes; a que posso dar-vos huma resposta mui clara. Os nossos homens são geralmente sadios, e principalmente os pobres trabalhadores:—muitos tem estado em nosso serviço, e conhecimento por quinze, e vinte annos, e não me recordo de hum só cazo daquella especie em nossos estabelecimentos em Londres. No processo do cortimento, e sobre tudo quando se tiraõ as pelles das estufas, a fermentação putrida he tão grande, e desenvolvem-se tão grandes quantidades de alcalino volatil, que excitaõ lagrimas nos olhos das pessoas, que não estão costumadas, e affectaõ os narizes com fetido o mais activo. Os nossos homens com tudo tiraõ as pelles das estufas em tempo frio com preferencia, e se occupaõ nisto todo o dia, sem o menor prejuizo.”

As relações do irmão de Mr. Newman empregado no mesmo negocio, mas não em a mesma caza em Bermondsey confirmão, que os trabalhadores longe de serem doentios, ou sujeitos a febres, são realmente robustos, e sadios. Neste ramo de commercio pelo espaço de cincoenta annos, em que se tem empregado constantemente cincoenta homens, todos elles tem sido uniformemente sadios; e nisto ha huma circumstancia digna de nota, a saber, que os homens que trabalham em pelles cruas, as quaes exhalaõ continua, e profuzamente putridos vapores, e os que são empregados na cal, e poços de cortir, são igualmente sadios. Mr. Newman, escriptor do referido, diz que ha perto de sessenta cortumes em Bermondsey, e que nelles se empregão constantemente quasi sete centos homens.

Pode talvez objectar-se a esta relação; que o officio de cortidor nos outros paizes se tem representado como extremamente insalutifero. Hypocrates parece ter supposto alguma coiza desta especie, como cauza, quando menciona o caso de hum tal Philiscus rezidente junto *aos muros*, que morreo no dia 6. de huma febre maligna * Por quanto antigamente, bem como agora, as occupaçoens sordidas desta especie se fazião nos subúrbios das cidades. O mesmo se praticava em Roma alem do Tibre; e alguns dos Poetas Latinos exercitaraõ o seu estro em alluzoens a taes lugares. He muito provavel todavia que a verdadeira cauza existisse no mesmo lugar destinado para as ditas occupaçoens, e que a ellas se attribuisse o que só procedia da natureza pantanoza do terreno. O certo he que sem recorreremos a esta explicação não podemos reconciliar Mr. Bevington, e Mr. Newman, duas respeitaveis testemunhas vivas com o testemunho de Ramazzini, Marcial, Mercurialis, e Juvenal, que elle cita; e ha bastante evidencia de que a região trans-Tiberina de Rôma e o Paduaõ (outrora no seculo 17^o *male sanus, bestiis, quam hominibus aptior*) eraõ proverbialmente insalutiferos, pelas seos paues; e que Bermondsey o não he.

* Epedem. L. I. Sect. 3.

5. Eu copio o seguinte facto singular do engenheiro, e experimentado Ramazini: “In hac civitate (Modena) quæ pro suo ambitu satis populosa est, ideoque domos confertas habet atque præaltas, mox est ut tertio quoque anno in singulis domibus cloacæ expurgentur, quæ per vicos discurrunt. Cum ergo domi meæ id opus fieret contempletus unum ex operariis istis in antro illo charoneo magna anxietate, ac solitudine opus suum peragentem, miseratus tam improbi laboris, ipsum interrogavi cur tam sollicite laboraret, et non pacatius id ageret, ne ex nimio labore in multam lassitudinem incidere; tunc miser ex antro illo oculos attollens, meque intuitus; nemo inquit, nisi expertus imaginari potest quanti constet plusquam quatuor horis in hoc loco morari; idem enim est cæcus fieri.—Rursus ab eodem quæsi num in faucibus ardorem ullum persentiant, difficultatem aliquam respirandi patiantur, capitis dolore tententur, num odor ille nares percellat, nauzeam pariat; nihil horum, respondit ille, neque pars ulla in hoc opere mulctatur preter oculos.—Esta noticia confirmou elle depois, observando muitas daquellas pessoas reduzidas á cegueira, e mendicidade.—“Oculis tamen solummodo bellum tam atrox indicunt fœtidæ exhalationes istæ, ac illos acutissimis spiculis sic feriunt, ut illis vitam; id est lumen eripiant.” Assim como certas substancias acres parecem affectar diferentes, e distinctas partes do corpo, como as cantaridas a bexiga, o turpedo os nervos—“Sic halitus illi ex humanibus fecibus per varios corruptionis gradus, trium annorum spatio, talem adsciscunt naturam, ut oculos tantum lacescant cæteris vero partibus ignoscant.”—(De morb. artific. cap. 13). Este facto he não menos importante, que curioso, pois que tende a mostrar as conclusões inconsistentes de alguns escriptores eminentes relativas á influencia das exhalções das privadas sobre a saúde dos homens. Pringle attribue muitas vezes a isto, como cauza, a epidemia dos arraaes. Mas he natural crer, que o fizera sem indagar sufficientemente o objecto. A tendencia deste facto vai destruir algumas das atrevidas, e enclino-me a pensar, precipitadas asserções do Dr. Miller, relativas á localidade da cauza da febre pestilencial da Nova York em 1805. Que he pois o sopro das exhalções putridas das cloacas

De Burlingslip em comporação dos halitos *ex humanibus fecibus per varios corruptionis gradus trium annorum spatio* de Modena? Ora quer o effeito destas exhalagoens seja a Asphyxia em Pariz segundo Sauvages, quer Amauroses em Modena, segundo Ramazini, em ambos os cazos ha sobejas provas de que ellas não produzem febres putridas, ou pestilenciaes.

6. A dezoenvolvação espontanea dos putridos vapores que se exhalavaõ das abobadas sepulcraes da Igreja cathedral de Dijon, celebrada por ter dado occasiaõ aos primeiros ensaios experimentaes dos oxigenantes na decompozição dos effluvios putridos, e contagiozos, pode parecer huma excepção. Mas isto pode mesmo considerar-se como huma mephitis cuja acção se dezoenvolia sobre aquelles, que estavaõ ao alcance da sua influencia, em maior, ou menor graõ, segundo a sua concentraçaõ, e productora da asphyxia, effeito ordinario de taes effluvios. Tudo quanto Morveau diz da apparencia de huma febre contagioza nos lugares vizinhos connexa com este vapor mephitico, he extremamente vago, e indeterminado. Pela aspersaõ de huma grande quantidade de vinagre de quatro ladroens, o cheiro dos effluvios putridos era só involvido, e bem depressa recobrava a sua primeira actividade; espalhando-se pela vizinhança, onde os symptomas de huma febre contagioza começava a apparecer. Quando se completou a fumigaçaõ, elle não diz que se prevenio, ou suspendeo esta febre contagioza:—de facto elle nada diz a cerca disso—elle somente attende á purificaçaõ da massa do ar contaminada por aquelles vapores mephiticos. Ramazini de nenhum modo he satisfactorio a este respeito, entregando-se á declamaçoens, e não exhibindo provas de que *post magna praelia commissa per insepulta cadavera, seu per antiqua sepulchra incaute aperta diras pestilentias innatas, quæ ingentem populorum stragem ediderent.*

7. Eu apresentarei outro argumento rezultante dos factos estabelecidos; mas que pode talvez considerar-se mais curiozo, do que essencial; mais philologico, do que Philosophico; mais agradavel do que instructivo. Elle he com tudo de grande pezo como parte do argumento geral.

Huma das razões porque os Romanos fazião uzo da palavra *lues* para exprimir a idea de huma doença pestilencial pode ter sido a opiniaõ, que tinhaõ da natureza infecta dos effluvios provenientes daquelles lugares, onde se fazião os seos sacrificios, e offerendas expiatorias de animaes mortos; a palavra *lues* sendo evidentemente derivada de *luo* expiar, e o encadeamento de ideas era simples, e facilmente formado. He provavel taobem que a palavra Grega que significa pestilencia λοιμος fosse formada debaixo do mesmo encadeamento de ideas, e tivesse a sua origem de λυνω que tem a mesma significação do verbo Latino *luo*. Eu vejo que o erudito Parkhurst dirivou λοιμος de λειμμαται (perfeito passivo de) λειπω desfalecer;—mas não ha hum encadeamento de ideas entre o supposto effeito, e a cauza;—não existe a mesma afinidade senaõ em hum grão mui remoto. Diversa desta supposta fonte de pestilencia huma constituição morbida da atmosphera taõ constantemente attribuida a Hypocrates, e Galeno se chamava φθορα—expressão taõ indefinida como o estado da atmosphera, que ella significava. Outras Naçoens, entre as quaes os sacrificios expiatorios dos animaes eraõ taõ frequentes como entre os Gregos, e Romanos, não ligavaõ tal idea aos effluvios procedidos dos restos putridos das victimas: tal era o cazo especialmente entre os antigos Judeos. Entre elles a pestilencia era denominada por huma palavra, que dava huma idea mais de hum effeito exterminador, doque de huma cauza de doença; e estava evidentemente connexa com a Theocracia, e era huma idea encadeada com a colera de Deos. A palavra *Deber* em varias partes do Antigo Testamento he applicada á pestilencia; e eu creio na verdade ser a unica palavra uzada para significar aquella doença. Na Polyglotta a palavra Latina que lhe corresponde he sempre *pestis*, ou pestilencia; a Grega he λοιμος ou θανατος. Mas que o encadeamento de ideas, que deo origem ás denominaçoens Grega, e Latina de *pestilencia*, era o acto de huma imaginação viva, e não o resultado de premissas estabelecidas, se vê, não só da differença dos resultados entre os Judeos, mas entre Naçoens infinitamente menos polidas, e se he possivel infini-

tamente mais deshumanas. Entre os Judeos não ha creio eu, exemplo de peste, que proceda de outra cauza, que não seja a colera de Deos, como castigo de desobediencia; não obstante nunca houve hum povo, desde a creação do mundo, que tivesse feito guerras mais sanguinolentas, e literalmente exterminadoras; e que fosse, pela sua pratica uniforme de deixar os mortos dos seus inimigos em pasto ás feras, mais exposto á supposta influencia pestilencial dos corpos animaes em putrefação. Da cauza a que os Gregos e os Romanos attribuião a pestilencia, as emanações das substancias putridas animaes, não pode esta derivar-se entre os Judeos; pelo menos ate ao ponto, em que estas emanações estavaõ connexas com os seus sacrificios;—por quanto era Lei do Codigo Moysaico, que nenhuma parte das victimas ficasse inconsumpta na tarde do dia em que ellas eraõ offertidas. Isto se mostra no detalhe das ceremonias sacrificatorias do Levitico. A victima era queimada, ou comida pelos sacerdotes. Daqui tirava o nome *Deber* a propriedade particular, e a força da sua significação.

Clavigero, sobre a authoridade de Turquemado, diz que não dedicação de hum grande tempo do Mexico no anno 1486, 72,344 pessoas, aprisionadas na guerra para esse fim, foraõ sacrificadas aos Deozes Mexicanos; e que hum Regulo, ou Senhor, á imitação de seu amo o Imperador, sacrificou muitas mil n'hum occaziaõ semelhante. Na erecção do grande Altar no Mexico, mais de doze mil foraõ immoladas:—e a perda annual das creaturas humanas a quem cabia esta sorte, montava a 20,000, alem de hum numero prodigioso de quadrupedes, e aves. Não obstante esta espantosa effusão de sangue humano; não obstante o horrivel fetido sempre presente nesta parte do Mexico, as doenças entre huma população immensa, que segundo alguns montava a seis milhoens somente na cidade, eraõ mui poucas, e procediaõ quasi sempre dos measmos dos pantanos. Os corpos das victimas eraõ precipitados aos pez do altar, e ali se deixavaõ apodrecer; ou eraõ algumas vezes comidos pelos Mexicanos—hum reservatorio d'agoa situado

junto ao Grande Templo estava continuamente tinto do sangue dos sacrificio*.

Os annaes de Dahomy fornecem innumeraveis illustraçoes da precedente nota.—Huma Nação cujos Reis se deleitavaõ em sangue, que precisavaõ de cabeças, e não de escravos para guarnecer seos Palaeios manchados continuamente de sangue humano, e cujos costumes annuaes apresentavaõ ao aterrado Europeo muitos mil seres humanos sacrificados aos manes dos seos maiores:—humã oblação barbara fundada sobre a superstição a mais feroz, e a mais selvatica denominada por elles a ablução dos sepulchros da familia Real defunta†. Ha notaveis exemplos da crueldade feroz daquelles naturaes de Guiné dados pelo Governador Dalzel na sua historia de Dahomy, na qual, se a pestilencia fosse o producto da putrefacção de corpos animaes, nos deviamos achar mencionados exemplos das mais crueis epidemias pestilenciaes;—mas na qual não ha noticia de taes resultados.

8. Os Gregos, e Romanos eraõ notaveis pela ordem, e acieio dos seos arraaes, pela selecção dos artigos que faziaõ o alimento do soldado, pela distribuição salutar do seu exercicio e repouzo, e pela energia da

* Veja-se a historia do Mexico, vol. I. p. 201. Veja se taobem Herrera Decada 3. Viagens de Prevost, &c.

† Vede a historia de Dahomy por Dalzel. A apologia de Adahoonzu pelos costumes annuaes he curioza. Quam proxima he a affinidade entre as maneiras, e costumes de todos as naçoes barbaras! A ablução dos sepulchros, que os naturaes de Guiané faziaõ aos seos antepassados, he, á excepção da pilha sepulchral, precisamente

————— in ferias quos immulet umbris,

Captivo que rogi perfundat sanguine flamas.

Virg. Eneid X. v. 519.

Os Dahomanos obraõ pelo mesmo principio que influiu Achilles quando sacrificou doze Troyanos ás exequias de Patroclo: e Eneas quando immolou oito mancebos aos manes de Pallante. Nem se mudou na verdade este principio em tempos posteriores, quando os Romanos substituirãõ as contendas gladiatorias (munera gladiatoria) em torno das pilhas funeraes daquelles que dezejavaõ taes honras, a estes deshumanos sacrificios—foi somente hum refinamento dos costumes Dahomanos. Veja-se Livio, Valerio Maximo, &c. cotados por Kennet na sua Rom. antiq. Veja-se taobem Justino para os sacrificios humanos dos Carthaginezes; Dionizio para os dos Gallos Tacito dos Germanos, &c.

sua disciplina militar; e nos por conseguinte achamos, que os seos exercitos gozavaõ d'hum grão proporcional de saúde. Quando pois lemos, que algumas epidemias consideraveis reinaraõ nos seos exercitos, nos achamos sempre, segundo imagino, que ellas eraõ mais attribniveis a causas locaes, que ao desprezo de conveniente tratamento:—ainda menos áquella adventicia, supposta nascer dor effluvios dos corpos animaes em putrefacção. Isto foi notavelmente exemplificado no exercito de Marcello em Syracuza; por quanto, ainda que Livio attribua a sua saúde comparativamente superior ao estarem mais acostumados áquellas causas morbozos, que os Cathaginezes; com tudo he mui provavel, que isso procedesse do cuidado, e attenção do commandante, e dos regulamentos existentes de disciplina, e policia. Por quanto 1. havia huma calamidade sentida pelos dois exercitos;—2. a estação era a do outono;—3. o terreno que occupavaõ era de huma natureza paludoza, e insalutifera; mas muito mais da parte de fora da cidade, que dentro;—4. o calor era intoleravel;—5. ainda que Livio parece inclinado a attribuir a natureza mortifera do mal á putrefacção dos corpos mortos, que por fim elles não queriaõ interrar, e que consequentemente jaziaõ dispersos sobre o terreno á vista dos que sobreviviaõ, que estavaõ na constante expectação de huma semelhante sorte; com tudo elle remove a impressao desta idea, informando-nos, que o mal se embravecia com mais violencia, e furia no campo Carthagenez, que no Romano; porque, assim como elle observara, a natureza do terreno era infinitamente ali mais doentia; e porque os Romanos postados por muito tempo diante de Syracuza, se tinhaõ endurecido mais, e acostumado ao ar, e agoas—*Diu circumsedendo Syracusas cælo, aquisque adsueverant magis*; doque podemos deduzir, que se levantavaõ exhalaçoes das agoas estagnadas. 6. O contagio que teve lugar podia assaz explicar-se de dois modos:—a prodigioza accumulacção de doentes nos seos hospitaes, e consequentemente a sua apertada situaçãõ, cujas circumstancias são invariavelmente accompanhadas de contagio—*Curatio ipsa, et contactus ægrorum*—ou pela previa existencia de infecção pestilencial

no exercito Carthaginez;* donde facilmente podia passar para o Romano. Finalmente o habito secundado pela temperança, huma dieta antiseptica, que os Romanos constantemente uzavaõ; hum exercicio regular, e stricta disciplina, podiaõ contrabalançar os effectos dos measmas dos pantanos, como vemos frequentemente; mas de certo não podiaõ oppor huma effectiva barreira contra a acção morboza dos effluvios dos corpos animaes putrescentes, se a acção morboza tivesse lugar em taes circumstancias, como o historiador representa. Estas observaçoens são grandemente apoiadas pelo que aconteceo a outro exercito Carthaginez diante de Syracusa, 185 annos antes de ser tomada por Marcello. As cauzas da epidemia então, como Diodoro Siculo a descreve, sao semelhanτες, e como aquellas, podiaõ proceder de circumstancias locaes.—Ha huma differença porem que a doença descripta por Diodoro era attribuida a infecção pestilencial importada. Era opiniaõ predominante nesse tempo que ella era hum castigo

* A frequencia da peste em Carthago nos dá lugar a huma conjectura provavel, pelo menos, de que os seos exercitos geral, e frequentemente levavaõ com siço gérmenes de contagio nas suas invazoens da Sicilia, conjectura sustentada pela authoridade de Dyonizio, Diodoro, e Justino. Isto explica facilmente a razão porque os Romanos debaixo do Consul Marcello não soffreraõ doença alguma antes da chegada dos Carthaginezes. A historia melancolica, mas interessante desta epidemia taõ fatal aos dois exercitos he contida no Liv. 25 de Livio. “Postremo ita aduetudine mali efferaverunt animos ut non modo non lacrimis, justo que compluratu prosequerentur morbos; sed ne efferrent quidem, aut sepelirent—jacerentque strata exanima corpora in conspectu similem mortem expectantium, mortui que agros aegri validos, cum metu, tum tabe, ac pestifero odore corporum conficerent,—multo major tamen vis pestis Paenorum castra, quam Romana adfecerat, &c.”—Eu posso aqui observar, que o jacerent strata *examina corpora* aqui mencionados não podiaõ ser mais productores de pestilencia doque quatro mil cabeças de Whydahs postas em montão como refere Dalzel,—ou oito mil cadaveres de soldados, e hum grande numero de servos, paizanos, carreiros, mulheres, e meninos, e cavallos, que Diemerbroek menciona terem jazido no estado putrido por tempo consideravel depois da batalha—no anno de 1642. In agro Juliacense maxima strages facta est, et ad minimum 8,000 militum occisa fuerunt, praeter majorem adhuc famulorum, &c. numerum.—Corpora inhumata sub diu computruerunt; nulla tamen pestis insecuta est. Diemerbroek de peste. Sinto hum prazer particular em ver que os meos sentimentos sobre este interessante objecto em todos os respeitos correspondem com os do engenhoso traductor do tratado de Morveau sobre os meios de purificar o ar infectado, de cuja nota eu tirei o precedente extracto de Diemerbroek.

infligido por Ceres, e Proserpina sobre os Carthaginezes por terem saqueado o Templo destas Divindades: mas o historiador immediatamente accrescenta—Tum ad Numinis Divini pœnam, hoc etiam, quod multa hominum millia unum in locum conveniant, ipsum que anni tempus ad morborum incrementa efficacissimumque erat, et quod æstus illa ardores insolitos habebat. Locus etiam ipse causam ad hoc præbuisse videtur, ut calamitas superaret. Nam etiam Athenienses in iisdem antea castris facta strage morbus absumerat, propterea quod locus ille palustris, et concavus existit. Principio enim ante solis exortum quod frigida ex aquis aura extraheret, horror corporis percelere, mox per meridiem æstus suffocare. (Diodoro Siculo, Liv. 14.) O historiador no subsequente paragrafo nos informa, que a doença se originara em Africa—ἡ ψατο μὲν ἐν ἡ νόσῳ πρῶτον Αἰθιοπίας—mas que ella era augmentada depois da sua introdução—ex insepulorum fetore, et paludum putrefactione.—Os symptomas principaes são os de huma febre paludoza. No principio, huma affecção catarral, succedida logo pela intumescencia do pescoco, dores na região lombar, dysenteria, e huma erupção pustular por todo o corpo. (Φλυκταίνοια περὶ τὴν ἐπιφθασίαν ὅλης τοῦ σώματος). A doença, todavia parece ter sido contagioza—adde quod omnes qui ægrotis assidebant eodem modo corripiebantur. Mas se nós damos credito ao historiador aquella doença se originou de huma infecção importada—opinião sancionada na verdade pela frequencia da peste em Carthago;—nos teremos outra prova da existencia de huma febre hybrida. (Veja-se a minha carta ao Dr. Haygarth.) Por quanto não podemos suppor que os effluvios dos corpos animaes putrescentes possuissem efficacia para dar-lhes este mixto character; porque a doença existia, e predominava estensamente antes que tal supposta cauza podesse ter existido, e menos operado; e porque as mesmas circunstancias precisamente, a importada infecção, e measmás dos pantanos prevaleciaõ mui fatalmente desasete, ou desoito annos antes, entre os Athenienses debaixo de Alcibiades, e Nicias. Devo aqui observar, que este curioso facto apresenta hum argumento mui forte em apoio

dá opinião que huma peste, ou febre maligna pestilencial prevaleceo em Athenas, e se originára de importada infecção:—por quanto a expedição debaixo de Alcibiades, e Nicias teve iugar não muito tempo (samente onze annos) depois da ultima noticia que nos temos daquella epidemia em Athenas. Nos sabemos por experiencias mui recentes, que o lapso de alguns annos, e mesmo a mais assidua applicação de todos os meios não são sufficientes para extirpar todas as sementes de pestilencia, huma vez que tenhaõ ganhado raizes n'huma cidade. (Veja-se a minha carta ao Dr. Haygarth.) Mas quer a applicação deste factõ seja ou não admittida, o factõ em si sustentado pela authoridade de Diodoro, e Thucydides estabelece pelo menos a origem estrangeira, provavelmente Africana da peste de Athenas; e parece remover toda a duvida sobre aquelle ponto. ate aqui discutido.

A coexistencia da mesma calamidade na Persia fortifica mais, e mais esta concluzaõ; em todos os cazos, por mais duvidoso, que se considere ser este ultimo factõ, elle nos prova que huma doença marcada por symptomas precizamente os mesmos era quasi universal na mesma epoca, circumstancia, que não podia ligar-se a huma doença, cujas cauzas fossem locais. A applicação disto á pestilencia, que ultimamente desolou as Indias occidentaes, os Estados do Norte da America, e casualmente algumas cidades, e Praças da Europa, he obvia. Mr. Swinburne, e Mr. Brydone certificaõ a insalubridade de Syracusa. O primeiro observa, que no estio os pantanos circumvizinhos ao porto exhalaõ vapores, que infectaõ o ar, e poem em perigo as vidas dos habitantes. O caso deve ter sido sempre o mesmo. Nestes paúes, todo o exercito Carthaginez que veio a resgatar Syracusa dos Romanos, pereceo de febres malignas, sem que escapasse hum só homem.

9. Nos tempos modernos as epidemias dos exercitos podem quasi uniformemente referir-se ás mesmas cauzas—measmas de pantanos—estaçoens desabridas—privação do alimento necessario—relaxação de disciplina—excessivos calores nos arraaes, que predispoem para

a acção dos primeiros,—nimio cumulo de doentes em hospitaes, e de saous em transportes, e barracas. Eu digo quasi uniformemente, porque ha exemplos mui notaveis, e mui fataes de epidemias nascidas de importada infecção, como infelismente se manifestou nos exercitos de Charles Grey, e Ralph Abercromby, nas ilhas das Indias Occidentaes, no exercito de S. Domingos, e na guarnição de Gibraltar. O excellente tratado de Pringle sobre este objecto fornece amplas provas da minha propozição geral, e exclue toda a necessidade de produzir aqui factos em seu apoio. Por tanto farei menção somente da epidemia de Varsovia porque ella foi expressamente attribuida á influencia dos effluvios dos corpos mortos putrescentes, e ao alimento de carne podre. Sauvages descreve assim as causas desta fatal epidemia.—“*Morbis epidemicus incæpit Februario, post famem qua pauperes morticina putrida vorabant, post cædes belli, aere cadaveribus insepultis infecto, post animi pathemata ex frustrata messe, aliisque æruminis, adde quod nullo vento spurgata fuerat dudum atmosphæra.*” Que a fome he muitas vezes percursora da peste he huma observação justificada, e sancionada pela experiencia de todas as idades. Mas se isso vem da natureza, ou qualidade do alimento uzado em tão deploraveis circumstancias, ou da extrema debilidade filha da privação da quantidade necessaria para o sustento da vida, parece admittir pouca discussão, ainda que tenha sido hum ponto mui debatido. Por quanto nós sabemos com certeza que epidemias, e mui fataes epidemias tem procedido da privação, e não da deterioração do alimento. Bengala fornece hum dos mais notaveis exemplos desta verdade em 1770;—os naturaes pereciaõ a milhares pela carestia do seu ordinario alimento o arroz: a sua religião prohibia-lhe o uzo das comidas animaes em qualquer estado, ou forma que fosse: e por tanto nos podemos attribuir a mortalidade não á natureza, ou qualidade do seu alimento, mas á falta da necessaria quantidade. Por outro lado sabemos com igual certeza, que alguns animaes carnivoros, e mesmo algumas Naçoens selvaticas, ou meio civilizadas, escolhem para comida

(morticinia putrida) ou as carnes podres de animaes mortos em estado de saude, e não destruidos por doença, com impunidade, e effeito nutritivo.

Spallanzani fornece huma prova notavel disto: Eu dei a comer a hum pombo carne não só fetida, mas completamente podre: a ave recuzou absolutamente toma-la, no principio; fui obrigado a introduzir-lha no estomago á força: por alguns dias elle soffreo com este tratamento, e evidentemente immagreceo; mas pouco a pouco a natureza se acostumou áquelle alimento, e o pombo estimulado pela fome o tomava espontaneamente, ate que recobrou a sua ordinaria gordura: e o seu appetite por tal comida era tão activo, como por comidas saãs. Deste exemplo, continua Spallanzani, podemos aprender, que o costume he capaz de mudar hum alimento desagradavel, e mesmo nocivo, em bom nutrimento. Observa mais, que alem de muitos insectos nauseantes, que gostão de substancias animaes corumpidas, ha muitas aves como o corvó, o Mithafre, o Abutre, &c.; e quadrupedes, como o *Chacal*, a *Hyæna*, &c. que buscão carnes tabidas; em quanto outros animaes fogem dos miasmas, que se exhalão dos corpos em putrefacção, estes procuraõ, e são por elles guiados ás suas abominaveis iguarias.

Paterson dá noticia de huma nova tribu de Otentotes, que vivem da maneira a mais sordida, e miseravel; sustentão-se da Balea que casualmente dá á costa, e faz o seu principal sustento, em quanto dura, e quando está mesmo reduzida ao estado mais podre, e fetido. Elles untaõ a pelle com oleo; pelo que deitaõ hum fartum que a sua vinda pôde perceber-se, mesmo antes que se vejaõ.

Forster descrevendo os Tartaros Calmukos diz
 “ não ha na superficie da terra huma creatura huma-
 “ na, que viva de huma maneira mais rude, que seja
 “ mais nauseante á gente civilizada, que hum Tartaro
 “ Calmuko—Peixe podre, e cru, carne crua, e po-
 “ dre de cavallos, bois, camellos, he a ordinaria co-
 “ mida de hum Calmuko; elles são mais activos, e
 “ menos incommodados pela inclemencia do tempo
 “ que outra qualquer raça de homeni, que eu tenho

“visto.”* Daqui se vê pois, como Spallanzani justamente conclue, que as diversas classes de animaes, e entre elles o homem, no estado de saúde, são dotados de hum poder não só de reprimir a putrefacção das substancias ingestas, mas taobem de as corrigir, quando estão ja podres. A conclusão que pode tirar-se destes factos, e observaçoens he que a carne dos animaes mortos, ou animaes que não morrerão de doença tornada putrida pelo processo ordinario em contacto com o ar atmospherico, não affecta morbosamente o systema dos animaes vivos, e sadios, que por escolha, accidente, ou necessidade fazem della o seu alimento, e que por consequente, o *morticinia* do Dr. Hahn, não parecem ter sido a cauza da febre pestilencial de Varsovia descrita por elle. Quaes foram pois as causas provaveis della? Os viajantes modernos tem feliz, mas indeterminadamente explicado o misterio. A explicação se acha em huma apinhada, e misera população, em palhoças onde o ar externo não tem accesso no inverno, e onde a respiração consome a energia vital do ar, assim prezo dentro de estreitos, e fechados limites. Isto junto á privação da quantidade necessaria de alimento para o sustento da vida; e a afflicção do espirito pelas frustradas esperanças de huma colheita abundante, e os horrores de huma guerra cruel, eraõ mais que sufficientes para produzir huma febre epidemica fatal, sem

* Taõ justa he a observação de Lucrecio

Nec refert quidquam, quo victu corpus alatur,
Dummodo, quod capias concoctum didere possis
Artubus, et stomachi humectum servare tenorem.

Lib. iv.—634.

Cook, Dixon, e Laperouse concordão todos na descripção da espantosa porcaria dos Indios naturaes do Porto de S. Francisco na costa do N. E. da America, como se pode ver nas suas viagens. Com tudo esta gente parece conhecer algumas das artes mais necessarias das Naçoens polidas, e gozar de huma saúde não interrompida. A que mal pois, a que pestilenciaes calamidades daria isto

—————semperque recenti

Cæde tepebat humus—————

origem nos Estados Unidos de America!—Mas se o homem he filho do habito, entãõ a caverna de Caco, para os Indios do Porto de S. Francisco he o templo de Hygia, e para habitantes dos Estados Americanos do Norte o aceio, e a decencia fonte de pestilencia!

ser preciso recorrer ás circumstancias locais da cidade, das quaes nos deviamos esperar huma destruidora paludoza febre annual.*

10. Outro argumento nasce do facto mui curiozo, e bem conhecido, mas perfeitamente entendido, na historia das febres pestilenciaes. Se estas febres só procedessem de huma certa, e constante cauza, de cuja verdadeira natureza quasi nada sabemos, não as veriamos diversificar em character, o que indica diversidade de causa. Nos vemos com effeito huma pestilencia hybrida, isto he, huma pestilencia cuja typo he remittente, pela concorrência na mesma pessoa, da sua cauza particular, e dos measmas dos pantanos:—mas quando aquella cauza particular não existe ainda que os effluvios da materia animal putrida concorraõ com os measmas dos pantanos, estes measmas nunca dexaõ de produzir aquellas febres, que são seu puro e determinado resultado:—mas aqui o contagio não tem lugar.

Nestes exemplos de peste, ou de febres pestilenciaes em que a constituição das pessoas expostas ao

* Mr. Wrxal dá a mais deploravel descripção desta cidade: ella une os extremos da civilização, e barbarismo; de magnificencia, e penuria, do esplendor, e miseria. Varsovia não era calçada antes do anno de 1763, e de frente do Palacio de Estanislão tão cheias de imundicie são as cloacas que o cheiro he pestilencial. O povo corresponde na aspecto a tudo o que o rodeia. Eu nunca vi tantos objectos de horror, ou compaixão, como os que se apresentaõ nas ruas; muitos destes são a deshonra da humanidade, assim como o opprobrio do Policia Nacional. Mr. Coke, falla nos mesmos termos desfavoraveis— elle refere, que a população de Varsovia monta de sessenta a setenta mil homens; toda a cidade tem hum aspecto melancolico, exhibindo aquelle forte contraste de riqueza e pobreza, de luxo, e miseria, que accommette todas as partes deste desgraçado paiz. A maior parte das cazas são todas palhoças de madeira mui pequenas, e mal construidas. O Dr. Vicat na sua historia de Plica Polonica attribue esta doença a causas que illustraõ o presente objecto—o maõ ar, que vem dos bosques, e paues, a má agoa, e a falta de aceio.—Sauvages fundado na authoridade de Ernediel na sua Varsovia *phisice illustrata* attribue a Plica a huma cauza que deve obrar geralmente—*Principia hujus morbi sunt abusus aquae, vitae alimenta ceria, et viliosa, et incredibilia horum populorum sordities.*—Pode, e com muita razaõ perguntar-se, se esta foi a cauza da febre pestilencial em Varsovia em 1757, porque razaõ não tiveraõ lugar semelhantes effeitos em occasioens antecedentes, em que a carnagem era ainda mais horrivel? Por quanto a historia da Polonia não he mais que huma serie de guerras, da natureza a mais horrivel, e exterminadora:—e com tudo, nos não ouvimos fallar de febres notaveis procedidas deste principio, ate á descoberta de Hahn.

contagio resiste á sua acção, este effeito he produzido por alguma coiza no systema de taes pessoas capaz de decompor o virus, e de formar novas combinaçoens com os principios constituentes da sua base. Isto he sustentado pela experiencia, e observação, e he illustrado pelo que nos quasi sempre vimos acontecer a taes pessoas debaixo de hum novo arranjo de circumstancias. Se pessoas assim expostas ao contagio pestilencial com impunidade, receberem dentro do seu systema huma nova substancia, que possa perturbar o processo da decomposição, ou combinação, ou estimulando subitamente os nervos, ou manifestando huma afinidade mais forte com o principio *antidotol* possuido pela constituição, e deixando por isso o virus pestilencial indecomposto:— neste cazo o virus pestilencial terá a sua não contrabalança, e plena acção, e produzirá então os seos ordinarios effeitos. Huma substancia tal, como a que acabo de mencionar he o veneno do peixe, por exemplo:— outras cauza são a hyperoxygenação, entrando nos climas tropicos durante que o systema tem recebido o contagio; o exercicio violento; medicinas evacuantes activas; subitas emoçoens d'alma. Da efficacia das tres ultimas cauza hum numero infinito de exemplos foraõ fornecidos no anno de 1795 em S. Jorge, Granada, onde, *incolæ, vel climati assueti*, foraõ taõ molestados, e soffreraõ tanto pelo virus pestilencial, como os *nuper advena*. Mr. Morveau, por tanto observa exactamente “que he sempre alguma diminuição da força vital, que faz a resistencia desigual, e efficaç a acção do veneno—e isto pode proceder tanto de huma affecção moral, como de huma impressaõ phizica.” A natureza dos measmas contagiozos he sempre a mesma.

As concluzoens que parecem ser o resultado da consideração destas premissas collectivamente, e assim imperfeitamente expostas são, segundo penso—

1. Que a theoria engenhoza dos chimicos fundada em experiencias ou especulaçoens para provar a influencia pestilencial dos effluvios animaes putridos não recebe apoio do conhecimento practico ou da conhecida economia da natureza.

2. Que em nenhum conhecido, e bem estabelecido

exemplo, ha exhalacoens animaes putridas productivas de febres pestilenciaes.

3. Que n'hum estado concentrado, ellas ou se tornaõ hum veneno mephitico, que produz a asphyxia, e morte instantanea; ou parecem produzir febres com effeito de huma natureza maligna, mas naõ pestilencial.

4. Que em todos os cazos, que parece ate aqui terem-se investigado, em que se tem supposto, effluvios animaes putridos serem a cauza de febres malignas epidemicas, existem outros agentes de huma natureza menos duvidoza, e melhor conhecida, taes como, os measmas dos pantanos particularmente, e as exhalacoens de agoas estagnadas, e de lugares humidos naõ ventilados; e os tipos, ou formas de taes epidemias attribuidas ás exhalacoens animaes putridas, saõ taes, como as que se conhecem ser producto particular dos measmas dos pantanos, sendo uniformemente marcadas com exacerbaçoens, e remissoens, ou paroxismos, e intermissoens. O contagio, e os measmas pantanosos (10) podem obrar conjunctivamente na mesma pessoa; mas o character de cada huma das aecoens respectivas he vizivel: mas quando os measmas pantanosos, e os effluvios animaes putridos existem ao mesmo tempo nenhuma acção se manifesta, senaõ a dos primeiros—os ultimos nada exhibem de character morboso.

5. Que todas, ou quazi todas as manufacturas em que se desenvolvem exhalacoens animaes putridas, naõ saõ mais nocivas, que pelo incommodo fetido que exhalão.

6. Que como incommodos, e naõ como cauzas de doença ellas devem ser removidas das habitaçoens dos homens, tanto quãto for possivel.

7. Que as exhalacoens animaes putridas, que naõ podem suppor-se possuir dentro em si, ou que naõ tem, pelas circumstancias da situaçãõ, ou manufactura em que se desenvolvem, hum principio de decomposiçãõ, e huma capacidade de entrar em novas combinaçoens, e saõ por consequente hum mero, e naõ combinado producto da putrefacção animal, naõ empecem mais, que pelo seu fetido desgostante.

8. Que mui pouca probabilidade existe de que a

carne putrida assim tornada pelo processo natural, a qual, por selecção, accidente, ou necessidade, passa a servir de alimento, seja nociva á saúde dos homens; havendo huma provizaõ de sucos gastricos no estomago, que fazem tal alimento não só innocente, mas ate nutritivo.

— 9. Vendo, e examinando o total do objecto tanto em relação ás epidemias pestilenciaes dos brutos, como da raça humana; e inquirindo a sua mutua capacidade de serem communicaveis de huma classe de animaes para a outra, imagino possuir sufficiente evidencia para mostrar que tal *capabilidade* não existe.

— Que a aura, ou o gaz emanante dos animaes brutos enfermos, não produz doença de qualquer natureza no homem sadio exposto a ella — que hum ser humano nutrido-se, ou recebendo no seu systema a carne de hum animal morto pestilencialmente pode de certo ter hum doença excitada por ella no seu systema, mas huma doença de huma natureza inteiramente nova, e terminando com elle ou na cessação da doença, ou na extincção da vida; — que a mesma serie de causas, e effeitos pode ter lugar, quando os animaes brutos se sustentão, ou tomaõ dentro em si a carne de hum ser humano pestilencialmente morto: mas ha hum fundamento solido para crer, que tal serie de causas, e effeitos encontra antidoto no instinto dos primeiros, que os dirige para tudo o que he bem fazejo, e os resguarda de tudo o que pode ser destructivo da vida.

10. Que assim como ha huma necessidade de dissolução, e reducção aos primeiros elementos da materia animal, para que a successão da natureza animada possa manter-se; seria huma deviação inexplicavel da economia compensativa de Deos, se o processo daquella dissolução, e reducção produzisse effeitos nocivos, quando o seu ultimo designio he benefico, e compensativo.

11. Que a dissolução, e reducção da materia animal aos seus elementos primarios pode considerar-se como a cadeia phizica que prende os mortos, e os vivos, a natureza animada, e inanimada huma, e outra dependendo entre si mutuamente, e contribuindo huma para o apoio da outra.

Finalmente que o resultado de tudo isto he, que nesta, como em todas as mais coizas, a sabedoria, a beneficencia, e a bondade de Deos são manifestas: que nesta, como em todas as outras, as obras da Divindade são conhecidas por meios faceis;—por quanto a putrefacção dos corpos animaes mortos he necessaria para o complemento dos fins da Divina Providencia—por quanto, aquillo que tu semeas não he vivificante, se não morre—assim os vivos, para cuja existencia isso he no sentido geral necessario, ou não o experimentaõ como hum mal, affastaõ-se delle quando nocivo, ou achaõ nelle huma compensaçãõ. Se acazo se disser, (uzo da lingoagem de Paley) se acazo se disser, que isto he entrar em consideraçoens mais religiozas, que philosophicas—respondo que o nome de Religiaõ não deve formar huma objecção, sendo certo, que quanto mais Religiozas são as nossas vistas, tanto mais probabilidade contem—que quanto mais entramos em consideraçoens Religiozas, tanto mais luz espalhamos nas difficuldades da Natureza. A verdadeira Philosophia, e a Religiaõ são huma, e a mesma coiza,—se aluz da ultima não existe, as indagaçoens da primeira devem ficar involtas nas trevas. Na minha opiniaõ ellas devem permanecer, ou cahir juntamente.

Correspondencia 830

CORRESPONDENCIA.

Continuação dos Avizos do Celebre Alexandre de Gusmao.

Avizo para o Dezembargador Ignacio da Costa Quintella.

SUA MAGESTADE me manda advertir a Vm^{cc.} que as Leis costumao ser feitas com muito vagar, e socego, e nunca devem ser executadas com acceleracao: e que nos cazos crimes sempre ameacao mais, do que na realidade mandaõ; devendo os Ministros executores dellas modifica-las em tudo o que lhes for possivel, principalmente com os reos, que naõ tiverem parte; porque o Legislador he mais empenhado na conservacao dos vassallos, do que nos castigos da Justica; e naõ quer, que os Ministros procurem achar nas Leis mais rigor, do que ellas impoem, como Vm^{cc.} costuma praticar. Deste modo de proceder Ordena Sua Magestade que se abstenha, e que esta lhe sirva de Avizo. Deos guarde a Vm^{cc.} Paço 20 de Janeiro de 1745.—Alexandre de Gusmao.

Para o Secretario de Estado Pedro da Motta e Silva.

A SUA MAGESTADE tem sido presentes os grandes incommodos, que sentem as pessoas, que procurao Despachos pelo expediente de V. Ex^{ca.}; e sem embargo de que naõ rezolve agora, se haverá, ou naõ mais Despachos; com este motivo sempre he servido ordenar-me que eu advirta a V. Ex^{ca.} em como os dias foraõ feitos para trabalhar, e as noites para dormir: que lhe parece muito mal que V. Ex^{ca.} queira alterar esta ordem da Natureza, com o supposto motivo de que naõ tem que responder, visto que El Rey naõ despacha. Se a tardanca dos Despachos he penoza, muito mais o será darem se os dezen-

ganos, ou respostas lá da meia noite por diante. Deos guarde a V. Ex^{ca}. como dezejo. Paço a 20 de Agosto de 1748.—Alexandre de Gusmao.

Para o Marquez de Alorna Vice-Rey na India.

A Sua Magestade se queixáraõ proximaente alguns Negociantes Genticos, Vassallos, e Moradores desse Estado, que V. Ex^{ca}. vendia, e estancava os lucros do Commercio com prejuizo evidente dos sobreditos; isto ao mesmo tempo que chegou a Sua Magestade a noticia das heroicas accoens, que V. Ex^{ca}. obrára na guerra em honra, e defeza do Estado: e por que convem á conservaçãõ deste, e ao credito da Naçaõ, para servir de exemplo aos que servem o Reino, e defendem a Coroa, que V. Ex^{ca}. seja prezentemente remunerado, e agradecido: assim o praticou o Mesmo Senhor, fazendo a V. Ex^{ca}. as mercês, e dando-lhe os agradecimentos, que haõ de constar das Cartas Regias, e da Secretária de Estado. Porem naõ esquecendo o contheudo na dita queixa, manda lembrar a V. Ex^{ca}. que naõ abuze da bondade com que agora procede em todo o referido; e que se naõ esqueça de ter presente—que a vil, e torpe ambiçaõ de Sobiesk escureceo na estimaçaõ das gentes as grandes, e heroicas accoens, que havia obrado na guerra. Deos guarde a V. Ex^{ca}. No Paço a 6 de Março de 1747.—Alexandre de Gusmao.

Para o Governador, o Capitaõ General do Reino de Angola.

El-Rey Nosso Senhor está cabalmente informado de que V. Ex^{ca}. governa esse Reino á maneira dos Bachás da Turquia, cujos procedimentos saõ contrarios á Graça do Provimento do Governo, que foi feita a V. Ex^{ca}. sem preceder donativo: pelo que he Sua Magestade servido ordenar que V. Ex^{ca}. faça justiça, favoreça o commercio, respeite a Religiãõ, e procure favorecer os interesses dos Povos sem prejuizo do Estado, abstando-se daqui por diante de todos os procedimentos, que possãõ conduzir queixas ao Throno. Deos guarde a V. Ex^{ca}. Lisboa no Paço a 24 de Março de 1747.—Alexandre de Gusmao.

Para o Corregedor da Commarca de Vianna.

Sendo presentes a Sua Magestade as grandes differenças entre o Padre Francisco Gonsalvez Caihado, e Gonçalo de Lima de Abreu, sobre a pueril contenda de poderem, ou não caçar nas terras vizinhas ás moradas hum do outro, pertendendo o Padre, por ser o terreno seu, e Gonçalo de Lima por gozar de conhecida nobreza, que hum, e outro não havia decidir: sobre o que informou com individuação o Juiz de Fora de Ponte de Lima; conhecendo Sua Magestade a fatilidade da materia, Ordena que Vm^{cc}. faça convocar a Camara da mesma Villa, e chamar ahi os sobreditos para que assignem termo de mais não pertenderem izençoens não só entre ambos, mas para outras quaes quer pessoas, e para castigo de seu erro, e publica satisfação de haverem inquietado inutilmente os Povos, e occupado desnecessariamente as Justiças, se declare no dito termo, que ficão privados do divertimento da Caça por tempo de seis annos, contados do dia da data do termo, cujo assignará Vm^{cc}. taobem com os vereadores da mesma comarca. Deos guarde a Vm^{cc}. Lisboa no Paço a 2 de Janeiro de 1740.— Alexandre de Gusmaõ.

Temos o prazer de annunciar ao publico a Carta Hydrographica da Costa de Portugal, que Mr. Arrow-smith está gravando em Londres, composta por Marino Miguel Franzini Major de Real Corpo de Enginheiros; cuja obra he a mais perfeita que neste genero se tem atégora publicado. Esperamos que o publico terá bem depressa a satisfação de ver realizado hum serviço que athequi-se tantara inutilmente, e fara justiça aos talentos Portuguezes, e particularmente aos deste benemerito official, que pôde so desempenhar huma obra, que o Governo commettera, de balde a Hydrographos estrangeiros. Donde se pode inferir a utilidade de aproveitar os talentos nacionaes, e dar-lhes a preferéncia aos estrangeiros, que de ordinario tem mais em vista os seos interesses, que a gloria da Nação, que pertendem servir. Pelas seguintes cartas que obtivemos, e que transcrevemos, se fará huma idea melhor do merito, e utilidade desta obra, cujo titulo he o seguinte.

Carta Reduzida da Costa do Reino de Portugal desde o Cabo Silleira athé a barra de Huebla, ajustada as observaçoens astronomicas, e trigonometricas, executadas em differentes epochas no sobredito Reino—offerecida-a S. A. R. o Principe Regente N. S. por intervenção do Ill^{mo}. Ex^{mo}. Conde de Linhares, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros e da Guerra—sendo ordenado, e auxiliado este trabalho—pelo Ex^{mo}. Jorge Craufield Barkeley, Almirante das Esquadras de S. M. B. e das Esquadras de S. A. R. o Principe Regente N. S.—e construida pelo Mayor do Real Corpo de Enginheiros—Marino Miguel Franzini—1811.

Carta do mesmo a Sua Excellencia, o Snr. Dom Domingos Antonio de Souza Coutinho, Embaixador, e Ministro Plenipotenciario de S. A. R. o Principe Regente de Portugal junto a Sua Magestade Britanica.

* Lisboa, 20 de Julho.

Ill^{mo}. Ex^{mo}. Snr.

Se eu não temesse importunar a V. Ex^{ca}. com as minhas Cartas ja a muito tempo que eu teria tido a honra de lhe dirigir alguma; porem a consideração de que ellas roubarião porção de tempo, que V. Ex^{ca}. emprega com tanta vantagem e gloria da Nação Portugueza, me tem impedido de eu preencher este meu dever.

Hum motivo de alguma consequencia, e que me lizongeo será muito do agrado de V. Ex^{ca}. me faz vencer as considerações que tem produzido o meu silencio para lhe annunciar que prezenemente ja deve ter chegado a Londres huma obra da minha composição, a qual se não for bem dezempenhada, merecerá com tudo alguma attenção pelo objecto a que se destina.

O dezejo que sempre tive de ser de alguma utilidade, fez com que empregasse os momentos que me restavao das differentes commissoens de serviço, em que tenho sido empregado, no objecto de recolher materiaes e observaçoens com que pudesse algum dia redigir huma boa carta do Reino de Portugal, a qual finalmente fizesse esquecer todas as que os estrangeiros tem publicado athe ao prezente, cheias de erros, e deformidades. Para este fim não me tenho poupado a diligencias e trabalhos de toda especie, os quaes porem me tem indemnizado com a

satisfação de terem preenchido em parte os meus desejos. Hum cazo fez preceder esta minha obra, por outra que pelo menos devia ser igualmente interessante ao publico, e talvez mais util.—Hum meu amigo me fez conhecer ao Ex.^{mo}. Almirante Barkeley, Official cheio de zelo, e conhecimentos, e mui inclinado a honrar todos aquelles que se esforçaõ para ter algum prestimo. Este illustre Official mostrou os maiores desejos que eu me occupasse com a Carta hydrographica da nossa costa, da qual não existe athé ao presente mais do que a Carta que o celebre Tofino publicou no seu magnifico Atlas.

V. Ex.^{ca}. sabe muito bem que os ciúmes politicos embarçaraõ que elle prolongasse as suas operaçoens sobre a costa de Portugal, sobre aqual se demorou muito poucos dias resultando dahi que seu trabalho apezar de ser o melhor que athé ao presente tem apparecido, he com tudo cheio de erros, pois nas latitudes da costa do Minho ha differenças athé de 9 minutos ou 6 legoas, com as verdadeiras latitudes determinadas pelas excellentes observaçoens astronomicas de Ciera. Isto mesmo o confessa o Chefe de Esquadra D. Joze Espinosa na excellente obra que publicou em 1809 intitulado. *Memorias sobre las observaciones astronomicas hechas por los Navegantes Espanholes en destinados lugares del globo, las quales han servido de fundamento para la formacion de las Cartas de Marcar, publicadas por la Direccion de trabajos hydrographicos de Madrid 2 Vol. 4to.* na qual se da huma justa idea das vantagens importantissimas, que este grande estabelecimento tem pro duzido e cuja creação faz a maior honra a Nação Espanhola.

Alem da grande utilidade que deve resultar á navegação com huma carta exacta, e circumstanciada da nossa costa, o que me excitou a levar ao fim este projecto, foi o vivo desejo que apparecesse finalmente hum semelhante trabalho executado por individuos nacionaes, pois athé ao presente todo o que temos terrestre e maritimo nos foi dado pelos estrangeiros, eo melhor pelos Espanhoes.

O Ex.^{mo}. Almirante Barkeley, tendo tomado debaixo da sua protecção esta minha obra, pelos seus cuidados e recommendaçõens foi ja remettida a primeira parte della a Mr. Arrow-smith a Londres a 16, com o qual me ajustei, para a sua publicação, deixando muito que a perfeição do buril corresponda ao merecimento intrinzeço da mesma.—Permitta-me V. Ex.^{ca}. que para lhe dar huma idea deste trabalho, eu envie incluzo hum extracto da Carta que para este fim dirijo a Mr. Arrow-smith.

Huma semelhante obra não podia deixar de ser posta debaixo da Augusta Protecção de S. A. R. o Principe Regente N. S. e ninguem mais dignamente o poderia obter do que o Ill.^{mo}. e

Ex^{ma}. Snr. Conde de Linhares, o qual constantemente tem sido o protector decedido das sciencias, e das luzes, e cujo glorioso Ministerio as tem espalhado e diffundido sobre a Nação. Este he mui fraco testemunho da minha gratidão para com S. Ex^{ca}. de quem em todos os tempos a minha familia e eu mui particularmente tenho recebido os maiores favores e honras.

Os grandes talentos e raras virtudes de V. Ex^{ca}. em tudo se assemelhaõ aos do seu Illustre Irmaõ, assim como se assemelhaõ ás reiteradas provas de benevolencia, comque V. Ex^{ca}. sempre me tem honrado e saõ estes os motivos que me fazem esperar que V. Ex^{ca}. se dignará tomar esta minha obra de baixo da sua respeitavel protecao, e na occaziaõ de algum passeio queira fazerme a honra de a hir examinar á officina do sobredito Arowsmith que he hum dos melhores Geographos de Inglaterra, e que ao mesmo tempo tem á sua dispozicao excellentes abridores.

Eu serei extremamente feliz se ella merecer a approvaçõ de V. Ex^{ca}. de quem tenho a honra de ser com o mais profundo respeito.

De V. Ex^{ca}.

O mais obediente Creado e Respeitoso Venerador,

MARINO MIGUEL FRANZINI.

Extracto da carta escripta a Mr. Arowsmith Geographo de S. M. B. morador-em Soho-Square No. 10. Lisboa 16 de Junho de 1811.

A Carta hydrographica da costa de Portugal deve ser gravada em 2 folhas de papel de 35 polegadas de altura, e 34½ de comprimento. Os nomes devem ser conservados com a orthographia Portugueza. O titulo original deve ser em Portuguez, ao qual se pode acrescentar defronte em pequenos caracteres a traducao Ingleza, e se gravará o resto das notas, e o pequeno dictionario em Portuguez e Inglez, em caracteres pequenos. O arranjo e o gosto de tudo isto deve ficar inteiramente a vossa escolha, ligando a elegancia e precisao que caracterizaõ as vossas obras.

Em poucos dias vos remetterei os Planos dos Portos que devem occupar com pouca differença metade de huma folha do dito papel. Elles comprehendem começando pelo Norte, os

rochedos chamados Leichoens, o plano do Porto, o plano da nova barra de Aveiro aberto em 1808, a concha de S. Martinho, hum plano em grande ponto e mui detalhado, contendo o total da península de Peniche Berlenga a Farilhoens. Hum excellente plano da barra de Lisboa desde o Cabo da Roca até a extremidade oriental desta cidade. O plano do porto de Setubal, o da Bahia de Lagos, e o da barra de Villa nova de Portimão.

Estes planos serão seguidos de hum *Derrotero* ou descripção hydrographica da Costa, contendo tudo o que se tem publicado até ao presente, corrigido e adaptado ás verdadeiras posiçoens e local da Costa, com novissimas informaçoens.—No fim desta discripção, acrescentarei huma memoria ou analize das observaçoens e materiaes que servirão para a redação da minha Carta, o que lhe dará toda a authenticidade que he possivel exigir. Estas duas Memorias se enviaraõ ja traduzidas em Inglez para que sejam publicadas nas duas lingoas—Por este meio a nossa Carta servira perfeitamente ao marinheiros das duas Naçoens.

Entretanto, posso segurar vos da exactidão do meu trabalho cuja baze he formada sobre as excellentes operaçoens geodesicas de Mr. Ciera, Caula, &c. que tem trabalhado para a cadea de triangulos, que se formára em Portugal com o fim de tirar huma Carta do Reino, e de medir hum grau do meridiano, mas que desgraçadamente se não executou. As latitudes de Caminha, Villa da Conde, Espozende, Viana, e Porto são deduzidas por excellentes e repetidas observaçoens astronomicas.—As longitudes são deduzidas por operaçoens geodesicas segundo as quaes estes pontos tem sido ligados á cadea geral dos triangulos do Reino. Notar-vos-hei de passagem erros de 9 minutos em latitude na Carta de Tosino, que se repetem mais ou menos no resto da sua obra.

A latitude, e longitude da barra de Aveiro são deduzidas da grande cadea de triangulos, assim como as posiçoens de Nazareth, Peniche, Berlenga, Farilhoens, Ericeira, Mafra, Serra de Cintra, Cabo da Roca, Observatorio do Castello de Lisboa (ponto central de nossas operaçoens geodesicas) Boggio, Cabo de Espichel, Cezimbra, Serra d'Arrabida Palmella, Sines, Monchique, e o Cabo de S. Vicente. A latitude de Lagos he muito bem determinada por observaçoens astronomicas e a sua longitude deduzida do local de Monchique, assim como a do Cabo de Santa Maria.

Entreí nesta discussão para vos dar huma idea da exactidão do trabalho que hies publicar. Os detalhes da Costa são extrahidos dos meos trabalhos particulares, e de cartas particulares excellentes, desconhecidas inteiramente do publico—A minha Carta contem 400 nomes de villas, aldeas, cabos, rios,

&c; e 640 sondas, não comprehendendo a parte da Costa de Espanha contida na mesma carta. A de Mr. Tofino contém so 107 nomes, 80 sondas.

De tudo isto resulta huma obra inteiramente nova, que espero será accollida favoravelmente pelo publico, que ama o aperfeiçoamento da hydrographia, e servirá de supplemento a suberba obra de Tofino.

A collecção preciosa das sondas me tem sido formecida pelas ordens de S. Ex.^{ca}. o Almirante Berkeley que mandou ao longo da Costa fazer este importante trabalho.

A nota seguinte he do Conde de Bournon, conhecido Mineralogista, que elle addicionou ao Catalogo dos mineraes remettidos ao Cavalheiro Napione em serviço do Governo Brazil. Por ella se ve que se cuida em promover ali huma sciencia tam connexa com a prosperidade dos Estados; e tam preciza sobre tudo naquelles paizes.

O Conde de Bournon, fazendo este Catalogo, pertendeo satisfazer, quanto lhe foi possivel, ás vistas luminozas do Governo do Brazil, que lhe farão communicadas por sua Ex.^{ca} Le Chevalier de Souza. A precioza protecção e *encorajamento* que este Governo presta as sciencias as fará promptamente florescer nessa bella e felix-parte da terra, e a tornará bem depressa á este respeito a vantajosa Rival da desgraçada Europa. Quem sabe mesmo, se no momento emque esta ultima está sujeita a huma revolução cruel, cuja marcha não interrompida parece annunciar a destruição completa da ordem social—e a barbaridade; não destina a Providencia a America, e particularmente o Brazil para ser o principal refugio das sciencias, e o orgão futuro da sua regeneração. Foi deste modo que ella pôde outrora destinar a Europa a representar o mesmo papel a respeito da Asia. Hum Ceo puro, hum terreno fertil, hum Governo paternal, que esperanças para o futuro!

Depois de ter empregado todos os seos cuidados em procurar, quanto lhe foi possivel, os mineraes inseridos em a nota enviada por Mr. Le Chevalier Napione, a Sua Ex.^{ca}. Le Chevalier de Souza, a qual lhe foi remettida por este ultimo, o Conde de Bournon, julgou satisfazer mais perfeitamente aos dezejos e projectos de Mr. Le Chevalier Napione, acrescentando differentes outros minaraes não pedidos mas que elle

prezume senão encontrão na Collecção do Brazil, e juntando mesmo, logo que isso foi possível, observaçoens consecutivas, que podêsem esclarecer e facilitar o estudo das substancias. Por este meio elle adquirio a facilidade, que lhe foi muito agradavel, de dar a conhecer a Mr. Le Chevalier Napione as novas observaçoens feitas na sciencia, e que talvez não tenham podido ainda chegar á sua noticia. Por conseguinte, elle se estendeo algumas vezes na descripção de certos corpos, e desenvolveo mesmo sobre alguns delles, quanto a natureza de hum Catalogo podia permittir-lhe, a sua propria opiniao.

Conhecendo, ha muito, o merito pessoal de Mr. Le Chevalier Napione, assim como a estencao dos seus conhecimentos, elle julgou dever tractar este objecto com a ingenuidade do amigo da natureza, e lhe roga que considere este Catalogo como *garante* do despejo que tem de abrir com elle hum correspondencia mineralogica, para que elle deo os primeiros passos, e da qual estimará bastantemente ver algum rezultato.

Este Catalogo comprehendendo somente a descripção dos pedaços, que compoem esta remessa, cujo total deve ser refundido na Collecção pertencente ao Governo do Brazil, não pode accommodar-se a classificacão alguma methodica. O modo porque se fez esta acquisição, sendo preciso correr todos os mercadores de mineraes em Londres; e estes vindo diariamente a caza do Conde de Bournon, a seu pedido, para determinar os objectos, que as diversas vendas d'arias podiao fornecer-lhe, foi tambem cauza de se não seguir hum classificacão methodica. Por outro lado hum catalogo de pedaços, colligido aos poucos, e marchando sempre, assim como a copia feita, em ordem a evitar quanto fosse possível, o retardamento da remessa, faz que os objectos diversos que pertencem a hum mesma substancia, sejao muitas vezes postos a mais ou menos distancia uns dos outros. Não obstante elle buscou diminuir, quanto lhe foi possível, o inconveniente, que podesse d'aqui resultar, collocando no fim de cada substancia, os numeros dos pedaços dispersos no Catalogo, que lhe pertencessem.

Nada seria tam agradavel ao Conde de Bournon, como o saber que o Governo estava satisfeito com o cuidado que elle teve em satisfazer ás suas intençoens, que o fim que Mr. Le Chevalier Napione se propozera, estava preenchido; assim como tinha tido a satisfacão de ter completamente correspondido a confiança de Mr. Le Chevalier de Souza.

Lisboa, 20 d'Agosto de 1811.

Snr. Redactor.

LENDO eu a Pastoral do Cardeal Maury, publicada em Pariz por occasião do nascimento, e baptismo do Rei de Roma, encontrei huma expressão, que á maneira de hum choque electrico, excitou no meu espirito as ideas, que tenho a honra de transmitir-lhe. Se ellas merecerem hum pequeno lugar no seu Investigador, darei por bem empregado o momento em que me occupei a desenvolvellas.—He a expressão: *o nome do author de seus dias* (do Rei de Roma) *he o maior, que o buril da verdade pode gravar na historia.*

O nome, Napoleão, parece ter sido inventado de proposito para significar aos bons entendedores as qualidades caracteristicas do sujeito, que denomina. Este nome tão famoso, como abominado, he a meu ver, huma especie de anagrama, tal como eraõ, com pouca differença, os nomes de varias Personagens da Antiquidade, cujo verdadeiro sentido so podião attingir aquelles, que possuião a chave das sciencias cabalisticas.* Eu poderia aqui produzir a este respeito alguns exemplos, que nos offerece a lingua Grega, tão fecunda, como variada em toda a especie de combinações: mas julgo dever abandonar este trabalho, para me occupar somente do nome, que Maury diz ser o maior, que o buril da verdade pode grayar na historia.

O nome—Napoleão—que em Francez he—Napoléon—não apprezenta aos olhos do vulgo outro sentido differente daquelle, que nos offerecem todos os nomes proprios de homens, como Narcizo, Nicoláo, Norberto, &c. mas se nós dermos a este nome huma baze Grega, como parece nos está indicando a sua mesma terminação, facilmente descobriremos huma combinação de palavras, tanto mais engenhosa, quanto mais verdadeiro he o sentido que ella nos esconde.

Escreva-se pois com letras Gregas o nome do author dos dias do Rei de Roma: e teremos—*Ναπολιον*. Por huma operação ben simples lêa-se este nome ás avessas, começando da ultima letra, e acharemos e

* Veja-se, entre outros, a obra intitulada—*La Verité*.

nome inverso—*νείλοπαN*. A orthographia deste nome não apprezenta aos olhos do leitor Grego a idea, que os seus ouvidos ja lhe annunciaõ pela simples percepção dos sons articulados, que o compõem. Huma orelha exercitada facilmente destingue 3 palavras elementares, que lhe dão a conhecer o verdadeiro sentido da palavra composta. A longuem-se pois os-oo-breves, como são realmente na pronuncia, e os olhos se acharão d'acordo com os ouvidos, quando lerem—*νείλω παN*—Mente prædor omnia—Na vontade roubo tudo.

E não será esta a primeira qualidade característica do usurpador insaciavel, que aspira á Monarquia Universal? Sirva-nos de prova, entre tantas que temos, o rediculo desembarque mental nas costas da Grã Bretanha, a projectada conquista da Peninsula, das Indias orientaes, e occidentaes; o seu—*dezejo, e quero ter marinha á custa da Inglaterra*; os quimericos bloqueios sem esquadras, e so com o—*temos decretado, e decretamos*. Tudo, tudo isto, e o mais que a todos he bem notorio, verifica superiormente o predicado do nome—*Napoléon*.—Na vontade roubo tudo—Mente prædor omnia—*νείλω παN*.

Por huma nova combinação não menos engenboza que a precedente, não se alongue o primeiro—do nome *νείλωπαN*, e acharemos em—*ιο*—huma apocope equivalente de—*νομός*; *leges*. Com a mesma facilidade encontramos em—*παν*—outra apocope equivalente de—*πάντας*—*omnes*: as quaes sendo supridas, como se acaba de dizer, dão huma nova significação ao nome—*Napoleon*—que não lhe quadra menos, que a precedente. Tal he a seguinte—*νομός ελώ πάντας*—*leges tollo omnes*—Destruo todas as leis.

Eis aqui a ponto justo a segunda qualidade caracteristica do Despota Usurpador: destruir todas as leis—*infringir todos os tratados*—atropellar todos os direitos, por mais sagrados que sejaõ: ser Atheo, ser Muzulmano, ser Christão quando lhe convem; e para dizer tudo de huma vez, ter huma politica particular, que Monarcha nenhum conheceo ate ao presente—*La ma politique a moi*; como disse em Baiona. Com effeito esta politica he justamente o que o seu nome significa: *infrinjo todos os tratados; atropello todos*

os direitos; destruo todas as leis—leges tollo omnes
—νομὸς ἔλω πάντα.

A' vista do que levamos dito, quem não se persuadirá que o nome—Napoleon—foi gravado pelo buril da verdade, que huma douta mão soube manejar com superior intelligencia?? Seja porem como for; o que sempre será certo, e indubitavel he, que o nome—Napoleon—escrito em Grego, lido ás avessas, alongado como sôa a fraze, e suprido como indicaõ as apocopes, he o mais proprio, he o mais frizante, he o mais bem achado, que se pode imaginar; pois significa o sugeito pelas qualidades, que o caracterizaõ, e o differença de outro qualquer individuo pela maldade, que lhe he propria.

P. S. Julgamos não ser desagradavel aos leitores o ponto de vista em que vamos reunir todas as combinações, que temos feito do nome—Napoleaõ.

Tabella Nominal.

1. em Portuguez—Napoleaõ.
2. em Francez—Napoleon.
3. em Grego—Ναπολίον.
4. Inverso—νοίλοπαΝ.
5. Alongado—νω ἔλω παΝ.
6. Suprido—νομὸς ἔλω πάντα.

Tabella Hermeneutica.

- | | | |
|--------------|---|------------------------|
| O No. 5. diz | { | Mente prædor omnia. |
| | { | Na vontade roubo tudo. |
| O No. 6. diz | { | Leges tollo omnes. |
| | { | Destruo todas os Leis. |

D. J. S.

Os nomes das pessoas, exprimem muitas vezes as suas qualidades. Os antigos sobre tudo, e principalmente os Gregos eraõ mui particulares na escolha dos nomes proprios; elles nunca punhaõ nome algum em pessoa, que nada significasse; assim os Chrysostomos os Theotimo, Eugenios, Euphrasios, &c. são nomes significativos como se ve das suas raizes etymologicas. Parece não ser a cazo que S. M. Cor-

POLITICA.

AZIA.

ILHA DE FRANÇA.

PROCLAMAÇÃO

Em nome de Sua Magestade Britanica Jorge III.

TENDO-SE annuciado pela Proclamação de 5 de Dezembro de 1810 que os habitantes da Ilha de França seriao, sem perda de tempo, informados por huma subsequente proclamação, da forma de administração que se havia de estabelecer nesta Ilha ordena-se em consequencia, da mesma sorte que na Ilha de Bourbon, o que se segue.

1. Todos os estabelecimentos Ecclesiasticos, e Authoridades Religiozas serao conservadas debaixo do Governo Britanico, segundo as mesmas Leis, e regulamentos, que existiao na Ilha antes da sua entrega.

2. Todos os estabelecimentos assim judiciaes, como de policia, serao da mesma forma conservados, e continuados, em quanto S. M. o houver por bem, sobre os mesmos principios, e regulamentos, que havia antes da entrega, salvo os regulamentos seguintes 1. todas as sentenças serao dadas em nome de Jorge III. Rey do Reino Unido da Grã-Bretanha e de Irlanda, em lugar de serem intitulas como dantes. 2. Todos os decretos da Corte de appellação estabelecida na Ilha, dos quaes se podia antes appellar para os tribunaes de justiça superiores em França, serao ate nova ordem, submettidos (se as partes que se crerem lezadas o julgarem a proposito) ao Governador destas Ilhas, que sentenciará, depois de ter ouvido o parecer do juiz, e do magistrado da colonia; todavia em todos os cazos, em que as partes quizerem appellar para Sua Magestade Britanica em Conselho, este direito fica sendo conservado da mesma sorte que existia d'antes a respeito dos

tribunaes de appellação em Franca. Em nenhum caso as causas serao levadas perante Sua Magestade Britanica por sommas, que nao excederem quatro milhoens de peças de oito.

3. Joao Shaw, Escudeiro, Bacharel, Licenciado, e Advogado, he constituido e nomeado juiz, e magistrado para esta Ilha, e suas dependencias.

4. Todas as queixas, exceptuando por delictos militares, que se fizerem contra vassallos de S. M. Britanica, serao, ate nova ordem, submetidas, sem demora, pelos requerentes ao juiz, e magistrado, o qual ouvirá, e examinará as queixas, e fará sua exposiçao ao Governador, que pronunciará segundo o merecimento da queixa.

5. Todos os habitantes desta Ilha gozarao dos mesmos privilegios a respeito do commercio, que disfrutaõ os outros vassallos de S. M. Britanica; e todos aquelles, que o dezejarem, serao informados das regras, e restricçoes, que existem relativamente ao commercio, bem como daquelles regulamentos que forem dirigidos aos tribunaes para este effeito, e depositados nas Secretarias da Alfandega, ja estabelecidas, ou que se houverem de estabelecer na Colonia.

6. Todos os funcionarios publicos encarregados d'antes de fazer relaçoens, e dar contas, continuaraõ a da-las de tempos em tempos aos chefes de seos departamentos, os quaes submetendo-as ao Governador, terao cuidado de se informar bem da situaçao colonial, segundo o costume, que existia debaixo do Governo Francez.

7. Quando agradar ao Governo fazer as nomeaçoes necessarias nas outras partes da Administraçao, que nao vao aqui mencionadas, elle escolherá invariavelmente pessoas, cuja moral, talentos, e probidade forem particularmente conhecidos.

8. O Governo receberá em todo o tempo seja por escrito, seja pessoalmente, as justas representaçoens, e queixas dos habitantes, a fim de lhe fazer justiça.

9. Finalmente, depois da publicaçao da presente, todos os habitantes saõ obrigados a conformar-se a ella.

Porto Luis, 28 de Dezembro de 1810.

(Assignado)

R. T. FARQUHAR.

A. BARRY, Secret. do Govern.

PROCLAMAÇÃO

Em nome de Sua Magestade Britanica.

Os habitantes das diversas partes da Ilha se apresentaraõ pa-

rante o Official Inglez que ali commanda, para prestar e subscrever o juramento de submissao a Sua Magestade Britanica Jorge III. Rey da Grã-Bretanha, e Irlanda.

Abrir-se-ha hum registo n'humas das Secretarias do Governo, no qual os habitantes de Porto Luis se irao assignar desde as onze horas da manha ate ás duas da tarde.

Aquelles que dentro em vinte dias não prestarem juramento de fidelidade, serao considerados como não o querendo prestar; e em consequencia estaraõ promptos a partir para França logo que assim lhes for ordenado.

(Assignado.)

R. T. FARQUHAR, Gov.

A. BARRY, Secret. em Chefe.

AVIZO.

Attendendo ás representações que nos tem sido feitas pelos agentes das prezas, e na conformidade do 3 artigo adicional da capitulação, ordenamos que os proprietarios de todos os navios, tomados, e confiscados no porto, e que se tornaraõ propriedade das forças de Sua Magestade Britanica, entreguem a bordo de cada Navio toda a cordagem velas, cabos, ancoras, e em geral todos os objectos que formao huma parte essencial, e integrante dos ditos navios, e que de nenhum modo deveriao ter sido tirados.

Porto Luis, 27 de Dezembro de 1811.

(Assignado)

R. T. FARQUHAR, Gov.

A M E R I C A.

MEXICO.

29 de ABRIL de 1811.

O Snr. Brigadeiro D. Felix Calleja remetteo ao Ex^{mo}.
Snr. Vice-Rey em Officio de 11 do Corrente a
seguinte parte.

TENHO a honra de communicar a V. S^a. a plauzivel noticia de que a Divizao, que se dignou entregar ao meu commando, derrotou huma quadrilha de insurgentes composta de 150 homens, commandada por Joze Antonio Verde na fazenda do Olho de agoa; e eis aqui a descripção desta acção.—Hontem ás cinco da tarde recebi avizo por hum honrado habitante deste Povo, que huma multidão de insurgentes mandados por Joze Antonio Verde, nomeado Sargentomor, e outros capitaens, estavam juntos em Olho de agoa distante deste Povo quatro légoas. Immediatamente fez avançar huma partida a indagar a verdade, e ao avezinhar-se encontrou D. Ignacio Caza Madrid, que vinha com o fim de avizar-me, como me tinha encarregado: e informado de que serião 150 homens os que deixava em sua caza, determinei guiado pela claridade da noite, surprende-los com a possivel brevidade; e para esse fim parti ás dez horas da noite por hum caminho desviado para evitar que nos vissem as suas avançadas, e pela huma da manhã estava a hum quarto de legoa da sobredita fazenda. Ali formei minha Divizao fazendo com que 20 homens escolhidos da minha companhia, e outros 20 da companhia de voluntarios se unissem para fazer fogo com mais firmeza, onde a occaziao o pedisse; e que o resto das companhias se formasse pela direita, e pela esquerda da infantaria, e que o esquadrão de lanceiros commandado pelo Capitão Orrantia cobrisse em batalha a retaguarda. Tudo assim disposto, e encarregando o cuidado da cavallaria para attender, e acodir com promptidão onde fosse precizo, aos companheiros

Madrid, e Orrantia, me dirigi, á frente da infantaria, para atacar a caza pela sua frente, como se fez, matando quantos daquelles malvados procuravaõ defender-se; e os que fugiaõ eraõ recebidos pela cavallaria formada em batalha para esse fim nos flancos da caza. Desta sorte morrerãõ mais de cincoenta, segundo se calculou, e entre elles os que commandavaõ: fizemos vinte, e cinco prizioneiros, que mandei dispor para serem passados pelas armas, unico arbitrio para escarmentar tanto bandido que infesta toda a Provincia. Naoõ tenho que recommendar a V. S^a em particular pessoa alguma, porque todos á profia compriraõ perfeitamente seos deveres, &c. Deos Guarde a V. S^a muitos annos, S. Luiz da Paz, 9 de Abril de 1811.—Antonio de Linares.

OFFICIO

Do Snr. D. Ignacio Garcia Rebollo Commandante de Brigada remettido ao Ex^{mo}. Snr. Vice-Rey.

Ex^{mo}. Snr. Com data de 19 do Corrente me da o Sargentomor D. Joze Alonzo huma parte do theor seguinte.

TENHO a maior satisfaçãõ em participar a V. S^a que hoje pela meia hora depois de meio dia foi batido, e derrotado completamente hum corpo de insurgentes de 12,000 na vizinhança de Calputalpan que forma os dois portos que dirigem a Tepeji do Rio, e a Tula, ficando toda ella coberta de cadaveres, sem mais perda da nossa parte, que a de hum homem gravemente ferido, e alguns contuzos, tendo-se portado os officiaes, e tropa com tanta galhardia, que eu faria huma injuria em singularizar algum; o que communico a V. S^a para sua noticia, dessa valente guarniçãõ, e honrados patriotas.

O que participo a V. Ex^{ca}. para sua satisfaçãõ, e a fim de que V. Ex^{ca}. se digne, se o levar a bem, dispensar as graças a que se tem feito accredor o dito Chefe.

Deos Guarde a V. Ex^{ca}. muitos annos. Queretaro 21 de Abril de 1811.—Ex^{mo}. Snr. Ignacio Garcia Revollo.—Ex^{mo}. Snr. Vice-Rey D. Francisco Xavier Venegas.

Outro Officio do mesmo.

Ex^{mo}. Snr. O Capitaõ de Voluntarios D. Antonio Linares, commandante de hum destacamento de 300 homens de cavallaria do exercito do centro, 25 de infantaria, e dois canhoes com que o auxiliei, me participa de Tierrablanca em data de 20 do Corrente o seguinte.

Participo a V. S^{ta} que hontem pelo meio dia cheguei ás immediacoens deste Povo, onde se apresentáraõ mais de dois mil insurgentes, estando cortado o caminho, e tomadas as alturas. Apezar de todos estes inconvenientes, e de ter a tropa que trepar a pé por aquelle escabrozo terreno, foraõ derrotados, e postos em fuga, deixando mortos no campo mais de 200 homens. Da nossa parte naõ tivemos algum morto, mas sim muitos feridos de pedra, e lança; mas parece que naõ teraõ perigo. O ataque foi obstinado, pois durou quatro horas sem intermissaõ, e estavaõ taõ entusiasmados estes indios, que metidos entre dois fogos em huma das alturas quizeraõ antes despenhar-se do que render-se. O que tudo participo a V. S^{ta} para que lhe sirva de satisfacaõ o naõ se haver mallogrado os auxilios, que teve a bondade de prestar a esta divizao de meu commando.

O que communico a V. Ex^{ca}. para seu superior conhecimento, e satisfacaõ. Deos Guarde a V. Ex^{ca}. muitos annos. Queretaro 22 de Abril de 1811. Ex^{mo}. Snr. Ignacio Garcia Revollo.—Ex^{mo}. Snr. Vice-Rey D. Francisco Xavier Venegas.

OFFICIO

Do Tenente Coronel do Regimento de Nova Hespanha D. Joze Castro ao Ex^{mo}. Snr. Vice-Rey.

Ex^{mo}. Snr.

TENDO sahido de Queretaro com 200 homens de infantaria do batalhaõ de meu commando, 50 de cavallaria, e 2 canhoens, a 5 do corrente, para atacar este Povo de acordo com o Sargento mor D. Joze Calafat, cheguei a 8 á Joya da fazenda de S. Francisco, e na mesma tarde comecaraõ a reunir-se os insurgentes pelo cimo das montanhas, de maneira que na manha seguinte me vi, rodeado por todas as partes por hum numero

de 3 a 4,000 homens de pé, e mais de 600 de cavallo commandados por Villagran, seu filho, Landa, Verde, e outros chefes. Nesta situação, e vendo-me precisado a deixar aquelle ponto, por não haver ali viveres para a minha tropa, rezolvi atacar pela banda de Norte os mais immediatos, para o que se me offerecerao o Tenente de Dragoens de Queretaro D. Vicente Concha, o Tenente D. Pedro Sierra, D. Antonio Ondarza, o Capitão D. Angelo Linares, e outros varios sujeitos paizanos voluntarios, que acompanhaõ a expedição.

Sahiraõ effectivamente com a minha cavallaria 20 dragoens que acompanhaõ a D. Vicente Concha, e a companhia de granadeiros do meu batalhaõ commandada pelo Capitão D. Joze Galindo, obrando os officiaes e tropas com tanto acerto, que em menos de hora, e meia forao cortados, e dispersos, matando-lhes muita gente, sem outra perda da nossa parte que a de se ferirem dois dragoens com suas mesmas armas.

Depois desta pequena acção começaraõ a desaparecer das alturas, retirando-se Villagran por meio da tarde com sua Divisão, que não entrou em combate.

Hoje pelas cinco da manhã resolvi sahir daquella paragem tão exposta com a resolução de os atacar em qualquer ponto, e numero, que se me apresentassem, cuja satisfação não tive, e só tenho a de participar a V. Ex^{ca} que entrei neste Povo sem alguma novidade, e onde se me disse que na precedente noite sahio Villagran com seu corpo, depois de lhe ter repartido muita parte de tabaco, e papel, queimando muito que se não pôde levar.

Não posso assegurar a V. Ex^{ca} por agora o rumo que tem tomado, porque me fallao com muita variedade, mas o farei na primeira occasião.

Espero neste povo as superiores ordens de V. Ex^{ca}. e os avizos que me der o Sargentomor Calafat, a quem hoje escrevo avizando-o de minha chegada a este destino para seu governo. Com os citados Concha, Ondarza, e Linares que conduzem pregos para V. Ex^{ca}. vaõ dois correios com a correspondencia publica, e outro com pregos que se achavao em Queretaro detidos para V. Ex^{ca}.

Deos Guarde a V. Ex^{ca}. muitos annos Huichapan 10 de Abril de 1811.—Ex^{mo}. Snr. Joze de Castro.—Ex^{mo}. Snr. Vice-Rey D. Francisco Xavier Venegas.

Com data de 22 do mesmo mez recebeo o Ex^{mo}. Snr. Vice-Rey hum Officio do Tenente Coronel D.

Miguel del Campo em que, lhe participou o assignalado patriotismo, e fidelidade com que os habitantes de Ixmiquilpan receberam as suas tropas, e a derrota de hum numerozo corpo de insurgentes em Cardonal, cujo principal chefe Vicente Lopes foi morto.

Outro corpo de 800 insurgentes foi derrotado em Portezuelos pelo Capitão D. Antonio Planos, Commandante da força armada de Ixmiquilpan.

PROCLAMAÇÃO

Que o Commandante de armas de Toluca dirigio aos habitantes de Taximaron.

HABITANTES de Taximaron: Se a triste lembrança de tantos milhares de infelizes que jazem sepultados nos campos, não he bastante para que detesteis vossos erros; se a continuada experiencia das fugas sempre precipitadas de vossos cobardes chefes em todos os ataques, que provocão, vos não fazem abrir os olhos; e se em fim conservais ainda as nescias esperanças de que por virtude de vossas irreligiozas persuazoens triunfe algum dia o iniquo partido, que haveis propagado entre os ignorantes como justo: sabej que o Deos da justiça tem ja levantado o acoite para castigar vossos horrendos crimes.

Abri meos caros irmaons, abri os olhos neste momento precioso, e talvez o ultimo, que a misericordia infinita do Senhor vos proporciona por minha via: dai-me o doce prazer de vos conceder gostozo o perdao de vossos excessos em nome do benignissimo Snr. Vice-Rey, que nos governa; pois ainda que ja passou o termo do indulto, que S. Ex.^{ca} mandou compassivo publicar, eu vos protesto em seu nome perdoar-vos, todas as vezes que a sinceridade de vossos votos inclua toda a energia que exige hum verdadeiro arrependimento. As poderozas armas d'El Rey não querem empregar sua forza irresistivel em outros objectos mais, que em defender, como devem, os sagrados direitos da Religiao, os de seu amado Soberano o Senhor D. Fernando VII., e os da Mai Patria, que geme em huma classe de insurreicao, que os seculos jamais virao.

Correi apressados, eu vo-lo repito, a apresentar-vos arrependidos nesta valente divizao, que tenho a honra de commandar; que se os desgraçados habitantes do Valle de Temascalte, ec, e Xocotitlan achárao a morte, que elles mesmos buscárao obstina-

dos; vos encontrareis huns fortes defensores, huns amigos leaes, huns amentes irmaons, que nao se lembrando mais de vossos erros passados, repartiraõ nobremente com vosco o alimento que adquirirem com o suor de seu rosto.

Finalmente, em vossas maõs está o perdao, ou o castigo: se adoptais o primeiro, eu vos protesto sinceramente, que vo-lo concederei gostozo; se o segundo, tremei ao considerar que o Deos dos Exercitos he quem decididamente protege as invenciveis armas da minha divizao.

Dentro de poucos dias me tereis em vossos lugares, ou para vos apertar em meos braços, como Pai, ou para vos fazer sentir, como a outros muitos o terrivel poder que tem meos soldados em seos forçozos braços.

Real de Tlalpujahua, 18 de Abril de 1811.—João Baptista de le Torre.

RELAÇÃO

Das pessoas que no Mexico tem subscrevido com diversas sommas para a manutençaõ do Corpo commandado por D. João Martin, o Empecinado.

	Pezos
D. Martin Garcia	1,000
D. Joseph Ignacio Aguirrevengoa	2,000
D. João Antonio Cobian	1,000
D. Pedro Simão Mendinueta	200
D. Ildefonso Garcia	100
D. Joze Vicente Olloqui	225
D. Joze Ramon Herquiaga	300
D. Leonardo Alvares	150
D. João Thomaz	25
D. Martin Iturralde	50
D. Domingo Imaz	25
D. Rafael Canalias	100
D. Manoel Pelon	50
D. Miguel e D. João Francisco Gortari	100
D. Joze Angel Zabala	10
D. Pedro Elizalde	200
O Presbitero D. Manoel Iparrea	100
D. Martin Michelena	100
D. Joze Francisco Mutuberrria	50
D. João Andres Mecoqui	50

D. Joze Arnaiz	100
D. Caetano Romero	40
D. Martin Joze Murua	150
D. Francisco Xavier de Arambarri	25
D. Joao Martin de Juanmartinena	100
D. Joao Manoel Lama	50
D. Izidoro Ugarte	150
D. Joze Guilherme Escurra	16
D. Celedonio Herro	30
D. Ignacio Olloqui	25
D. Martin Zuelgaray	15
D. Vincente Garbisu	12
D. Manoel Gomes Caballero	25
D. Antonio Basoco	2,000
Snr. Marqueza de Vivaneo	500
D. Joao de Noriega	200
D. Joaquim de Elizalde	100
D. Fernando Afaro	500
D. Pedro Zavala	150
D. Bartholomeo Luis de Arechavala	100
D. Fermin Antonio e seu irmao D. Pasqual	1,000
D. Antonio Pinheiro, D. Antonio Garcia, e D. Joze Sigarraga	1,000
O Snr. Conde da Cottina	500
D. Pedro Marcos Gutierrez	300
D. Thomas Domingo de Acha	500
D. Matheo Palacio	300
D. Pedro Antonio de Olea	100
D. Francisco Xavier Borbon	100
D. Joao Francisco Toledo	100
D. Miguel de Arvitegui	100
D. Salvador de Oadrayta	100
D. Ignacia Ampaneda	100
D. Manoel Basail	100
O Snr. Marquez de Guardiola	200
D. Joseph Tzita	100
O Snr. Marechal de Castilha	50
D. Joze Noriega Robredo	100
D. Joao Zuniga	100
D. Joze Maria Landa	200
D. Bernabé Escobedo	100
D. Marianno, e D. Antonio Icaza	100
D. Angelo Menocal	25
D. Manoel Bezanilha	100
D. Joze Joaquim Urquiijo	100
D. Domingo Lardizabal	100

D. Francisco Santiago	100
D. Emeterio Pastor	100
D. Joze Palacio Lanzagosta	50
D. Ignacio Ubieta	50
Húm apaixonado de Empecinado	50
D. Luis Escobar	50
D. Benito Linares	300
O Hospicio de S. Thomas	110
D. Pablo Orban'amos, e D. Andre Martinez	100
D. Dyonizio Martinez Movellan	100
D. Antonio Pardo de Armida	100
	<hr/>
	16,708

CARACAS.

5 de Março de 1811.

Congresso Geral de Venezuela.

DEPOIS de dez mezes o Governo de Caracas vio realiza-
das suas esperanças : e a parte a mais importante de Venezuela
se unio debaixo de hum systema de federação compativel com
seos direitos, sua liberdade, e com os dezejões de seos habi-
tantes. A Suprema Junta, no acto o mais solemne de re-
zignar nas maons do Congresso Geral, ou Cortes o poder,
que lhe tinha sido conferido, preencheo as nobres expectaçoes,
que nella tinham posto assim as Authoridades Constituidas,
como o Povo.

Debaixo dos venturozos auspicios da paz, e da unanimidade,
a America vio pela primeira vez juntas, e instaladas as suas
cortes. Eis aqui as Cidades, e Villas que podem mandar repre-
zentantes, ou Deputados, e os nomes daquelles sujeitos, que
forão escolhidos por ellas para as representar.

Nomes das terras. Deputados escolhidos.

Nirgua—D. D. Salvador Delgado.

Guanare—D. D. Joze Vicente Unda.

S. Sebastião—D. Francisco Xavier Ustariz, D. Martin Tovar
Ponte, D. D. Felipe F. Paul.

Caracas—D. Lino Clemente, D. Fernando Toro, D. Nicolao

- Castro, D. Gabriel Ponte, D. Izidoro A. Lopes Mendes,
 D. Luis Joze Rivas Tovar.
 Calabozo—D. D. Joao G. Roscio.
 Barinas—D. D. Ignacio Fernandes.
 Guadualito—D. D. Ramon Ignacio Mendes.
 Achaguas—D. D. Joao Nepomeceno Quintana.
 Valencia—D. Luis Joze Casoria, D. Fernando Pen alver, D.
 Manoel Moreno Mendoza.
 Cumana—D. Jozé Gabriel de Alcalá.
 Paria—D. D. Mariano de la Cova.
 Cumanacoa—D. Joao Bermudes de Castro.
 Margarita—D. Manoel Placido Maneiro.
 Grito—D. D. Manoel Vicente Maya.
 Guanarito—D. D. Joze Luis Cabrera.
 Villa de Cura—D. Joao de Escalona.
 S. Felipe—D. D. Joao de Maya.
 Ospino—D. Gabriel Perez Pagola.
 Barquisimeto—D. D. Domingo Alvarado, D. D. Jozé Angel
 Alamo,
 S. Carlos—D. D. Francisco Hernandez.

A Junta plena, e em grande cerimonia, esperava os Deputados do Congresso, que se forão assentando na primeira ordem de cadeiras da grande sala, á proporção que se forão apresentando. O Chanceller, e Mestre de Ceremonias ficaraõ collocados nas duas extremidades da sala.

A porta do Salaõ estavaõ dois Porteiros da maça, e seis Arautos, que permaneceraõ em seos postos ate se ter junto toda a Assembleia.

Os dois Porteiros annunciavaõ a chegada de cada hum dos Deputados; e o Chanceller, e Mestre de Ceremonias vinhaõ recebe-lo e o conduziaõ ao seu respectivo assento.

Logo que se juntaõ todos os Membros, o Congresso nomeou interinamente hum Prezidente ate á volta da Igreja, e o mesmo fez a Junta.

Feito isto o Prezidente da Junta dirigio a ordem em que toda Assembleia devia marchar para a Igreja. Precedia esta procissao hum destacamento do corpo de Agricultores a cavallo, composto dos mais distinctos mancebos de Caracas. Seguia-se a Junta, os Arautos, e o Congresso com huma guarda de honra, composta de infantaria do mesmo Regimento de Agricultores. As ruas por onde passaraõ estavaõ esplendidamente adornadas, e guardadas por hum immenso concurso de povo admirador, e contente.

O Bispo esperava dentro da Igreja esta Assembleia, e

quatro conegos ministraraõ no Portico agua benta ao Presidente.

Segundo o convite, que se tinha anticipadamente feito, achavaõ-se na Igreja as Authoridades Civis e Militares, e os corpos Literarios, sem alguma precedencia de lugar, exceptuando os Membros do Tribunal de Appellação, e os do Corpo Municipal, que forao collocados junto ao Congresso.

Celebrado o Pontifical, os Arautos exclamaraõ em alta voz—Deputados a jurar—; immediatamente depois o Chanceller voltando-se para o Congresso leo de modo intelligivel o seguinte juramento.—

“ Juraes todos perante Deos sobre os Santos Evangelhos, e prometteis á vossa Patria conservar, e defender seos direitos, e os do Senhor D. Fernando VII. nosso Rey, sem alguma connexao, ou influencia Franceza, e independentemente de alguma forma e Governo adoptado em Hespanha, nao recohecendo alguma outra Representaçaõ mais do que aquella que existe no Congresso Geral de Venezuela: juraes oppor vos a qualquer outra authoridade que intente contravir á legitima, e absoluta independencia destes Paizes; manter pura, e inviolavel nossa Santa Religiao, e respeitar os mysterios da immaculada conceicao de nossa Senhora o Virgem Maria; promover directa, e indirectamente os interesses geraes da Confederaçaõ da qual vos mesmos formaes parte, e o interesse particular do Districto que vos elegeo; obedecer ás Leis, e ordenaçoes que este congresso sancionar prescrever e promulgar; sujeitar-vos ao regulamento que elle estabelecer para o seu governo interno, e cumprir fielmente os deveres da Deputaçaõ para cujo exercicio fostes chamados, e escolhidos.”

Todos os Deputados responderao—Juramos—: ao que o Chanceller disse—Se vós juraes a verdade, Deos vos ajude; se nao, elle vos castigue nesta vida, e na outra.

Para que a for;a armada ficasse immediatamente sujeita á Suprema Authoridade, foi chamado o Governador Militar, e Commandante em Chefe o Coronel D. Joao P. Ayala, e prestou o seguinte juramento—

“ Juraes perante Deos, e dais a vossa palavra de honra ao Congresso de Venezuela de reconhecer somente a sua Soberania nestas Provincias como o legitimo, e direito Representante do Senhor Rey D. Fernando VII.; obedecer, e fazer respeitar as Leis que elle sancionar, e promulgar; nao uzar da força que elle vos tem dado senao, do modo, e para os fins que o Poder Executivo vos orde-

“nar; defender os mysterios da immaculada conceição de Nossa Senhora a Virgem Maria?”

O Commandante respondeo—Juro: entao o Chanceller disse—Se assim o fizerdes Deos vos ajude; se nao elle vos castigue nesta vida, e na outra.

Concluidas estas Ceremonias os Arautos disserao em alta voz ao Povo—Venezuela tem, pela graça de Deos, instalado a Assembleia que hade conservar, e manter seos direitos, e os do Senhor Rey D. Fernando VII. O Bispo concluiu entao a Missa, e se cantou o *Veni Creator*. Seguio-se *Te Deum*, findo o qual huma Deputação do Cabido Ecclesiastico acompanhou o Congresso, e ministrou outra vez agoa benta ao Prezidente. A Assembleia voltou para o Palacio na mesma ordem ja descripta; e ali as Authoridades Executivas prestarao o seguinte juramento.

“Juraes perante Deos, e pelos Santos Evangelhos, reconhecer a Soberania do Congresso agora instalado com o legitimo, e immediato Representante do Senhor Rey D. Fernando VII.; exercer legal, e fielmente os poderes que vos sao confiados; nao uzar da força publica, ou dos publicos fundos, senao da maneira que se vos indicar; obedecer e promulgar todas as suas Leis, e sustentar sua authoridade a que vos sois subordinados; juraes finalmente respeitar os mysterios da immaculada Conceição da Virgem Nossa Senhora?”

Nos o juramos.—Se assim o fizerdes Deos vos ajude; se nao elle vos castigue nesta vida, e na outra.

Seguirao-se depois o Bispo, os Commandantes da Guarnição, Membros do Tribunal de Appellação, e da Municipalidade, Consulado, Universidade, e Collegio de Advogados.

O Prezidente abriu depois a Sessão, e forao nomeados D. D. Felipe Fermin Paul, Prezidente; D. D. Marianno de la Cova, Vice-Prezidente; D. Miguel Sernz, Secretario; D. Antonio Nicolas Brizenho, Vice-Secretario.

Nesta parte das Americas Hespanholas formou-se huma Sociedade intitulada *Sociedade Patriotica de Caracas*, cujo objecto evidente he separar aquellas Provincias da Mai Patria—Para levar á vante suas vistas resolveo publicar mensalmente hum Jornal intitulado o—*Patriota de Venezuela*. No Prospecto deste

Jornal a Sociedade assume hum tom mui altivo ; dissipar a crassa ignorancia em que muitos dos seus concidadaons estão submersos, e elevar suas ideas á sublime dignidade de homens livres ;—dar forma e estabilidade á constituição, e fortificar os vinculos da grande Confederação de Venezuela,—taes são os fins a que se propoem os redactores daquelle Jornal.—

Para se formar huma idea dos principios sobre que esta obra he conduzida nós apresentamos aos nossos leitores o seguinte extracto.—

“ Os principaes ensaios contidos neste Jornal serão dirigidos a demonstrar a necessidade de declarar nossa absoluta independencia—apontar os meios de o conseguir,—os obstaculos que he preciso vencer—a eterna, e imprescriptivel fundação dos direitos de Povo—a frivola falsidade daquelles direitos que os prejuizos querem ainda attribuir a Fernando de Bourbon ; e a incomptabilidade dos primeiros direitos com a existencia dos ultimos, preleminar sem o qual os maiores esforços devem ser considerados como inuteis. Em proseguimento destas vistas, a educação de hum homem livre será outro objecto deste Jornal. Elle tratará taobem da economia publica, população industria, instrucção publica, e de todos os grandes meios da prosperidade geral. Ultimamente a Politica das Naçoens da Europa, e America, a natureza de seus Governos, seus interesses, as relaçoens que tem, ou podem formar connosco, prestarão outros objectos proprios a este Jornal.

“ Elle conterà taobem os mais importantes detalhes relativos ao estado da guerra, e dos negocios publicos, dos acontecimentos estrangeiros, e particularmente domesticos : alem de tudo isto apresentará vistas exactas da policia domestica, e publica dos Estados Unidos da America do Norte, e das cauzas de seus rapidos progressos em vigor, firmeza, e prosperidade.”

Os Cidadaons Vicente Salias, e Antonio Munhoz e Fabar são os editores deste Jornal.

Suppoem-se que o famoso Miranda está a testa desta Sociedade ; e que esta he secretamente apoiada pelo Presidente do Poder Executivo. Dis-se que esta Sociedade conseguiu influir no Congresso para mandar prender alguns dos seus Membros, e augmentar o numero delles. Ha pouco tempo estes Membros eraõ somente 150 ; mas actualmente excedem a 200, e entre elles muitos são Francezes, e Mulatos !!!

Barinas 7 de Janeiro de 1811.

Serenissimo Senhor,

Nada menos doque o que V. A. expõem no officio de 22 de Dezembro esperava Barinas de reprovada conducta da Regencia de Cadiz, desse monstro que dezeja despedaçar as partes mais preciozas que tem feito patrimonio de FERNANDO; porque não se contenta com ser escrava, mas quer sujeitar taobem aos grilloens Francezes, que ja arrasta, homens que por natureza devem ser livres, e livres do Governo despótico de Hespanha.

Parece inscrivel nosso anterior reconhecimento; porem mais incrivel deveria ser para quem não conhece o caracter da Regencia, que sejamos convidados a cortes no meio das baionetas, e canhoens, n'hum triste canto da Hespanha, e com a evidente prova da sua iniquidade, pondo em terra de facto o mesmo com que nos procurava fascinar, e no tempo mais interessante para ella, que tem sentido o golpe da independencia da America toda. Medite V. A. por hum instante nas contradicçoens, implicancias, ou para melhor dizer barbaridades, e se convencerá, que ainda que dissessemos maiores absurdos, abatessemos, como merece, a Regencia, nunca a nossa conducta seria tao pessima como a daquella. A copia junta, em resposta ao pacificador de Venezuela, he huma pequena amostra dos nossos sentimentos.

Esta Junta fica na intelligencia da necessidade que tem exigido hum novo reforço para o Exercito do Occidente a fim de reduzir Coro como parte essencial de nossa segurança, ratificando a V. A. os effeitos de nossa concordia relativamente á defeza e ao mais que he conducente para a cauza que temos abraçado; por cujo motivo se conserva hum destacamento de sessenta homens na jurisdicção de Merida fronteira de Maracaybo para segurança, e reforço dos habitantes; e o resto da expedicão, que ali existia, se passou a Betijo que jurisdicção de Truxillo, onde permanecerá em virtude das ultimas dispoziçoens, debaixo das ordens immediatas do Tenente Coronel D. Joze Marti, e das do General do Occidente; e que apezar da situaçao difficultoza desta Provincia pela escasseza de armas, e por cauza da febre pestilencial que ali reina, não se poupará a meio algum dos que possam contribuir para a gloria, e honra das armas de Venezuela. Deos guarde a V. A. muitos annos. Barinas 7 de Janeiro de 1811.—Miguel Maria Pumar.

Officio da Junta de Barinas á Suprema Junta de Venezuela.

Senhores da Junta Suprema de Venezuela.

Na mui nobre, e mui leal Cidade de Barinas aos quatro dias do mez de Janeiro de 1811 annos os Senhores que compoem a Junta superior do Governo, e conservação della em nome do Senhor D. FERNANDO VII; pela vontade de seos Povos, congregados de commum accordo, tratarão, e decidirão o seguinte.

Recebeo-se hum officio da Suprema Junta de Venezuela de vinte e dois de Dezembro, e com elle outro em forma de Despacho escrito em Porto Rico, com data de sete do mesmo mez, por hum D. Antonio Ignacio Cortavarria, que se intitula Commissario Regio, e pacificador das Provincias de Venezuela em nome da Regencia de Cadix relativos a outros mais documentos, que não tem chegado, e em que funda a immensidade de poderes, que jamais se tem concedido, nem podido conceder a homem algum no temporal, annunciando igualmente a congregação de humas Cortes mui semelhantes ás celebradas por Napoleão em Baiona, arrogando-se arbitrariamente a representação dos Povos, e substituindo-lhes quem sancçione, e confirme a suprema authoridade de seos immediatos constituintes como parece tem succedido entre os fios da baioneta, e a boca do canhão, para deste modo extorquir da America em seu favor o juramento, que só tem prestado ao perseguido FERNANDO; á vista do que disserão—que sendo este passo mui semelhante ao que deo, com igual objecto, o Governador de Maracaybo D. Fernando Miyares, sem que por isso se tenhaõ diminuido nossos temores de sermos pacificamente entregues aos Bonapartes, como o fizeram as Cortes de Bayona, e se communicou a estas Provincias pelo Supremo Conselho, e Ministerio das Indias, sem duvida mais authorizados que os novos authores do papel de FERNANDO na Real Ilha de Leão, e Porto Rico, contestasse com a copia desta Acta, com a de 31 de Agosto, e Officio de 4 de Setembro dirigido a Maracaybo, fazendo presente ao pacificador—que achando-se estas Provincias com todas as suas alliadas de Venezuela, Santa Fé, &c. resolvidas a conservar-se por si para seu AMADO e UNICO SOBERANO o SENHOR D. FERNANDO VII. sem serem *hostilizadas* por outro inimigo mais que a pertencida Regencia, e seos partidistas; o unico modo de cumprir sua commissão, he deixar-nos em paz, para cuidarmos somente em defender-nos dos Napoleoens, e de seos

Emissarios declarados, ou encobertos; preparar a nosso captivo MONARCA a posse desta bella porção de seos dominios, melhorada pelas maons fieis, e zelozas dos leaes Americanos, e dos bons Europeos, que conhecem a justiça da sua cauza, e se lhes unem cordealmente; protestando, como o fazem, que longe de sancconar, ratificar, e subscrever ás figuradas Cortes da Ilha de Leao, declarao sua notoria nullidade, e só reconhecem a Soberania representativa naquellas, que forem celebradas pela expressa vontade dos Povos por meio dos Deputados, e com a igualdade, e justiça dictadas pelo Direito das Gentes, a que unicamente se deve recorrer no presente estado de orfandade politica, segundo o dictamen da extincta Junta Central, da Universidade de Sevilha, e de todos os que tem querido aproximar-se alguma vez á expressao, e lingoagem da verdade—Com o que se concluiu esta Acta que os ditos Senhores assignáráo, sem assistencia de D. Manoel Pulido, auzente em commissao—*Pumar—Fernandez—Gonzalves, Mendoza—Espejo—Brizenõ—Lopes—Brizenõ—Roca—Carbonel—Liendo—Vocal Secretario. Escopia.*

Palacio.

OFFICIO.

Da Junta de Santa Fé á de Caracas.

Os miseraveis recursos, de que tem uzado a Regencia de Cadix desde que chegou á sua noticia a glorioza transformação de Venezuela, saõ os que mais desacreditaõ aquelle Governo, tao desesperado como impotente. A Hespanha, habituada sempre a empregar huma voz de trovao para abater as Americas se cançou mui prompto de a inundar com enganozas promessas, e voltou a tomar o imperioso tom da Divindade, para que nos prostromos ao seu aspecto. Acabando de publicar os Direitos Sociaes do Americano, sua igualdade com o Europeo, e sua liberdade, fulmina raios contra o primeiro que proclama esses mesmos direitos. O Decreto de bloqueio das Cortes contra Caracas, a sahida de hum Reconquistador, e o ar deapoticico de seos preceitos, e ameaças; que outra coiza significao, senao os resaios da tyrannia de tres seculos, e o ultimo esforço da desesperação dos Peninsulares? In-

gratos á beneficencia do humano Americano, e naturalmente ferozes, nem se confessaõ obrigados ao reconhecimento, nem seu estilo he outro, que o da barbaridade oriental a que estavaõ acostumados. Porem a America demaziadamente os conhece; e saõ muitos os testemunhos que lhe tem dado de sua ingratitude, e perfidia; paraque nos momentos de sua ultima debilidade tenha nada que esperar, nem que temer dos Hespanhoes Europeos. Elles passao rapidamente de figura em figura; e as Cortes a que nos chamaõ não saõ mais que huma nova, e talvez a ultima scena da sua tragicomedia. Tal he o conceito que formao do estado actual do Governo de Cadix õs habitantes da Nova Granada, e estes seos sentimentos saõ em tudo conformes com os da immortal Caracas. Receba ella as expressoens de seos verdadeiros irmaõs, e conheça pelos documentos juntos o espirito que anima o Povo de Santa Fé, incapaz de retroceder huma linha nos passos, que com tanta gloria tem dado para a sua liberdade.

Deos Guarde a V. A. Muitos annos—Joze Miguel Pey—Vice-Prezidente—Santa Fé 22 de Fevereiro de 1811. Senhores Prezidente, e Vogaes da Junta Suprema de Caracas.

BUENOS AYRES.

OFFICIO

Do Ex^{mo}. Ayuntamiento (Municipalidade) á Ex^{ma}. Junta do Governo.

Ex^{mo}. Snr.

A Municipalidade do generoso Povo de Buenos Ayres não pode ser indifferente expectadora da desolação, e desconsolo em que fluctuaõ os Hespanhoes Europeos solteitos, rezidentes neste paiz, pela intimação que se lhes fez de sahir desta Capital dentro do prazo de tres dias, que a manhaõ termina. Mas ao mesmo tempo, que sensivel á sua desgraça, trata de interpor-se com a authoridade de V. Ex^{ca}. paraque se derrogue aquella ordem, tem empregado todos os esforços paraque esta officiozidade indulgente seja fructuoza em favor do systema, em

que tao gloriozamente nos vemos empenhados. Na opiniao da Municipalidade a difficuldade consiste em descobrir hum meio conciliatorio, que attendendo á seguranca publica, e ao progresso de nossa justa cauza, evite ao mesmo tempo os irreparaveis prejuizos, que devem seguir-se aos expatriados, e ao Povo em geral aquem sao proveitosos com a sua industria, e trabalho constante. O descobrimento de semelhante medida tem sido consequentemente o objecto dos desvelos deste Corpo desde que se publicou a providencia do Governo sobre aquella deportação: e a Municipalidade está muito enganada se a nao encontra no arbitrio que vai propor a V. Ex^{ca}.

Todos os Hespanhoes Europeos comprehendidos na resolução, e os exceptuados della por providencias posteriores, deveriao prestar perante esta Corporação hum solemne juramento de obedecer religiozamente, em qualquer tempo, a todas as ordens, e dispozicoens emanadas dessa Suprema Junta; e de que longe de atentar directa, ou indirectamente contra nosso systema actual, contribuirão para a sua consolidação por todos os meios que estiverem em seu poder, ate mesmo o extremo de tomar as armas em defeza da patria, ou, o que he o mesmo, de nossa cauza. logo que esse Governo Supremo lho determine. Esta promessa necessariamente deveria ser affiançada com suas pessoas, e bens, e com o suffragio, ou garantia de hum filho deste Paiz de conhecido patriotismo: e todo o que se recuzar a prestar aquelle juramento será immediatamente desterrado, inda que ja tivesse aprezentado fiadores em abono de sua conducta.

Quanto nao deve ser util, Ex^{mo}. Snr. hum semelhante passo ao nosso actual systema! Se os Europeos se recuzão a jurar, fica justificada de hum modo publicamente authenticamente a determinação de V. Ex^{ca}; nao para com este Povo, que he boa testemunha da rectidão, que distingue as resoluçoens dessa Ex^{ma}. Junta; mas para com todas as Provincias, e Naçoens, onde chegue a noticia deste facto. Os factos desfiguraõ-se com a distancia; e he hum dever politico de todo o Governo, e mais ainda se he nascente, vincular sua estabilidade com a Sabe-doria, e justiça de suas providencias, acreditando-as á face dos Imperios.

Se prestao o juramento, nos os ligamos com este vinculo sagrado á defeza da nossa cauza; e tanto mais se decidiraõ por ella, quanto maior for a sensibilidade que os filhos do Paiz mostrarem em suas afflicçoens. Com effeito, Ex^{mo}. Snr. não haverá hum só, que, prestado

aquelle juramento, não ache quem o affiance, quando sem aquelle requisito se tem apresentado innumeraveis garantas. Esta será outra prova de nossa generosidade, e talvez, talvez os ganharemos com este beneficio. Elles devem ser o simbolo da ingratitude, se não se mostrão sensiveis á nossa beneficencia. Por isso he necessaria a fiança e quasi tao necessaria como o proprio juramento.

A Municipalidade não comprehende nestas condiçoens os officiaes dos corpos da guarnição, porque a respeito delles V. Ex^{ca}. terá adoptado as medidas, que o seu discernimento lhe tenha dictado.

Se a medida, que propomos, merecer a superior approvação de V. Ex^{ca}. sirva-e V. Ex^{ca}. publica-la por bando, e prescrever a forma, dia, e ordem, em que devem concorrer a esta Sala Consistorial os individuos de que se trata.

O interesse, que a Municipalidade tem de contribuir por todos os meios, que lhe são possiveis para o complemento das justas intençoens de V. Ex^{ca}., e para a consolidação da grande obra de nossa regeneração politica, a decido a este passo. V. Ex^{ca}. graduara seu merito pelos dezejos deste Corpo em coadjuvar essa Ex^{ma}. Junta em tudo o que tende á felicidade da Patria.

Deos Guarde a V. Ex^{ca}. muitos annos Sala Capitular de Buenos Ayres 23 de Março de 1811—*seguem-se as firmas.*

REPOSTA DA EXCELLENTÍSSIMA JUNTA.

Faltão palavras á lingoagem para dar o valor correspondente á expressão do apreço, e sentimentos de ternura, que tem excitado nesta Junta o digno objecto da mediação de V. Ex^{ca}. Todo o rigor, e severidade da violenta medida, que arrancou ao Governo a necessidade de huma precaução inevitavel, cede gostozamente ao poderozo estimulo da suave, e doce conciliação que se propoem; Feliz rivalidade! Se livrando-nos dos males, e desgostos, que sua energia tem cauzado, contribuir com igual effiçacia a *sensibilizar* o prazer subsequente aos importantes bens que nos deve produzir a intima cordialidade. O Governo rezigna e entrega este negocio ao arbitrio que o zelo, e prudencia de V. Ex^{ca}. hade empregar para estabelecer, e consolidar esta uniao apreciavel cuja acquizi-

ção exigirá hum monumento eterno á Patria, e hum trofeo á Philosophia. Entretanto, repouzando sobre a imagem agradável deste formozo quadro esquecendo-nos da mortificante medida a que nos reduzio, e moveo o contraste dos direitos da Salvação publica em conflicto com a nossa sensibilidade, damos hum novo emprego a nossas forças, restringindo-nos a trabalhar somente em augmentar os meios da commum felicidade.

Buenos Ayres, 24 de Março de 1811—*Seguem-se as firmas.*

CARTA

Do Arcebispo da Prata a hum Membro da Junta de Buenos Ayres.

Ex.^{m.} Snr.

Sendo informado da Proclamação, que Vossas Excellencias mandárao publicar, recommendando a todas os habitantes desta leal Cidade o sustentar por meio de subscripções voluntarias o exercito do Peru: Eu tenho a honra de transmittir a Vossas Excellencias em meu proprio nome e no do Clero da minha Dioceze, a somma de 6,000 dollars. Dignem-se Vossas Excellencias aceitar esta pequena somma, como hum signal de uniforme affeiro, e profundo respeito.

Deos Guarde a Vossos Excellencias muitos annos—

(Assignado)

BENITO MARIA—Arcebispo.

Ao Dr. Joao Joze Castelli, Membro da Ex.^{m.} Junta de Buenos Ayres.

Buenos Ayres, 26 de Junho de 1811.

Depois da Batalha de *las Piedras*, em que as tropas de Montevideo foraõ batidas, segundo a Gazeta extraordinaria de Buenos Ayres de 26 de Junho de 1811. D. Xavier Elio propoz hum armisticio a D.

Joze d'Artigas General do exercito de operaçoens de Buenos Ayres contra Montevideo, que rejeitou huma semelhante proposta. Elio teve a impudencia de portender enganar aquelle General annunciando-lhe, que o Governo Inglez tinha entervindo nas dissençaens, que havia entre a Junta de Buenos Ayres, e Montevideo, por via do Capitaõ Heywood, commandante da fragata o Nereus, propondo-lhe em consequencia huma suspensão de armas. Este commandante contradisse official, e publicamente a falsa asserção de Elio! Eis aqui o homem, que a Regencia de Cadix mandou em circunstancias taõ melindrosas, para ir pacificar os habitantes de huma, e de outra margem do Rio da Prata! Eis aqui porque n'huma grande, e mesmo na maior parte, da America do Sul, os negocios politicos vaõ tomando de dia em dia huma face terrivel para o Governo da Mai Patria, que por huma falsa politica, por hum criminozo afferro aos antigos abuzos de que não tem valor de se des fazer, e despir, e por hum desprezo inconcebivel para todos os meios conciliadores, tem excitado e promovido a guerra na America, não a sabendo fazer, e dirigir na Europa.

CARTA DO VICE-REY ELIO AO GENERAL ARTIGAS,

Montevideo, 20 de Maio de 1811.

Tenho a participar-vos que eu tenho entrado em negociaçoens com a Junta de Buenos Ayres, por via do Capitaõ Heywood, commandante da fragata Ingleza—Nereus—o qual recebeo taobem instrucçoens do seu Governo para este effeito. Huma das propoziçoens, que elle está incumbido de fazer á Junta he a conclusão de hum armisticio, e huma suspensão de armas ate que se possam ajustar todas os nossas desavenças. Eu espero todos os dias noticias desta negociação; e neste intervalo espero que vos tereis os mesmos sentimentos de humanidade, que me animão, suspendendo todas as hostilidades entre nossas tropas, que só produzem huma triste, e inutil effuzão de sangue; tanto mais, quanto a Junta não pode deixar de assentir ás propoziçoens pacificas que lhe sao feitas pelos Inglezes, e por mim.

RESPOSTA DO GENERAL ARTIGAS.

No campo de las Piedras, 20 de Maio de 1811.

Snr.

A cauza do Povo não admitta a menor demora. Se vos dezejais realmente evitar a effuzão de sangue, que he tao contraria aos sentimentos da humanidade, entrai em negocia.ão comigo, que estou perfectamente instruido das intençoens da Junta, e que vos fornecerei, bem como a Montevideo, huma nova prova de sua generozidade, e de suas intençoens pacificas, entre as quaes se comprehende o restabelecimento das communicaçoes, e relaçoens entre os habitantes de Montevideo, e os da Capital, como laços, que lhes sao indicados por seu interesse common, da mesmo sorte que o sao pela Natureza; laços que vos rompestes por huma declaração de guerra, que leyrou a desolação, e o luto ao seio das familias que tem soffrido essa effuzão de sangue; effuzão que, segundo dizeis, vos cauza tanto sentimento, e tantas lagrimas.

Este exercito não tardará em pôr o remate á obra que está ja tao avançada; e vós levareis ao ultimo ponto as desgraças de Montevideo, se nos fazeis com que esta Cidade reconheça a authoridade da Junta Provizoria destas Provincias, a fim de que ella possa transmittir seos dezejos por meio de hum representante, em conformidade do Regulamento que se publicou, e conforme o exemplo das medidas, que todas as Provincias da Hespanha adoptárao a fim de conservar intactos, e de subtrahir á oppressão do tyranno da Europa os dominios de nosso Augusto, Soberano D. Fernando VII. Tal he a condição unica com que, em virtude da authoridade que exerço, farei cessar as hostilidades da parte das minhas tropas.

CARTA

Do Capitão Heywood, Commandante da fragata Ingleza o Nereus, dirigida ao Presidente e Membros da Junta Provizoria do Governo de Buenos Ayres, contradizendo as asserçoens do Vice-Rey Elio.

Abordo da fragata de S. Magestade Britanica o Nereus, diante de Buenos Ayres, 19 de Junho de 1811.

Ex^{ma}. Snr.

Hontem li na gazeta de Buenos Ayres huma carta official, em que sou erradamente representado como negociador entre S. Ex^{ca}. o Vice-Rey D. Xavier Elio, e a Ex^{ma}. Junta Provizoria do Governo. Attendendo a que em toda a parte por onde esta gazeta circula, ella pode talvez produzir huma impressao desfavoravel para mim na qualidade de Capitao da Marinha Real de Sua Magestade Britanica, e cujos servicos sao de huma natureza mais clara, mais activa, e mais decidida, que as manobras de huma politica tortuoza, e das intrigas diplomaticas, que repugnao a hum homem da minha profissao: attendendo taobem a que eu recebi expressa prohibicao de me involver om semelhantes negocios; julguei necessario observar, por agora, que he precizo que o Vice-Rey se tenha mui grosseiramente enganado para se exprimir a meu respeito da maneira que o faz.

Eu deixo ao cuidado de V. Ex^{ca}. (se julgar que he importante faze-lo), o communicar ao Publico, se V. Ex^{ca}., depois da minha chegada a este Rio com o *Nereus* tem, ou nao tido alguma conferencia official comigo, ou cem algum outro individuo de meu bordo, relativamente as actuaes disputas politicas destas Provincias: quanto a mim declaro que nem tenho direito, nem inclinacao de me entrometter em tal.

Posto que ate hoje nao tenha julgado precizo, ou a proposito dizer coiza alguma; com tudo eu aproveito esta occasiao a fim de que seja claramente e bem entendido, que o espirito e theor das ordens com que fui enviado, e me conservo ainda no Rio da Prata, tem na verdade por objecto principal, e unico proteger o commercio, e a pessoa dos vassallos de Sua Magestade Britanica contra os effeitos injustos de huma commoçao, e fornecer todo

o auxilio necessario, por meio do navio que eu commando, a todos aquelles que dezejem repassar suas propriedades para Inglaterra, ou retirar-se do Rio do Prata.

Em cumprimento desta ultima parte das minhas ordens he que eu julgo, e considero como hum dever meu procurar obter a co-operaçãõ deste Governo, tanto por seu proprio interesse, como dos meos compatriotas. Porque razao porem esta co-operaçãõ me foi tao subita, e inopinadamente recuzada, he huma questaoõ que eu nao tenho direito, nem dezejo de fazer; e a respeito daqual, na minha qualidade de Official da Marinha Real da Grã-Bretanha, eu devo mostrar a mais perfeita indifferença.

Eu tenho a honra de ser, &c.

(Assignado)

P. Heywood.

Ao Prezidente, e Membros da
Junta Provizoria do Governo.

CARTA

Do Ex^{mo}. Lord Strangford á Junta de Buenos
Ayres.

Ex^{mo}. Snr.

Recebi a carta de V. Ex^{ca}. em data de 24 do Fevereiro, pela qual me informaes dos procedimentos do General Elio, e dos obstaculos, que elle tem posto ao Commercio de Buenos Ayres, e na qual, (depois de algumas observaçoens sobre a pertendida falta de authoridade official, e legitima da parte deste General), vós me rogaes que dê parte della ao meu Governo. Eu me conformarei sobre este ponto aos dezejos de V. Ex^{ca}: mas eu estou convencido que nao faço mais que prevenir os sentimentos da minha corte, assegurando-vos, que esta communicaçãõ será recebida com o mais vivo pezar, e que ella augmentará aquellas dolorozas sensaçoens, que a desgraçada e presente guerra entre Buenos Ayres, e suas dependencias deve necessariamente inspirar.

A confiança que V. Ex^{ca}. em mim tem posto, e a persuazao em que estou de que adquirirei novos direitos a ella pela propozicaoõ que vou submetter-vos, me animaoõ a fallar francamente, e sem reserva.

V. Ex^{ca}. exprimindo incessantemente huma firme resolucao de adherir á cauza commum dos Alliados contra a França, de respeitar a authoridade, e conservar os direitos de vosso legitimo Soberano, tem seguramente adquirido indubitavel direito á amizade, e bons Officios da Grã Bretanha, fundados em huma base muito mais solida, e mais extensa, do que a das vantagens, e concessoes, que vos tendes com tanta liberalidade, e sabedoria concedido a seos vassallos.

He todavia para sentir, que entretanto que estes principios merecem toda a especie de applauso, seos resultados praticos tenham ate hoje sido tao pouco semelhantes, e conformes á sua substancia; e que n'huma crize que exige huma reuniao de esforços, e de energia, o poder da confederacao formada contra a França, seja enfraquecida pela falta daquelles recursos, que se deviao razoavelmente esperar daquelles, que nao sao pouco interessados no feliz resultado da luta, mas que infelizmente nao podem contribuir para o seu bom exito, porque estao entregues a todos os males das dissencoes civiz.

V. Ex^{ca}. conhece muito bem a boa, e escrupolosa fé da Corte de Londres, os sagrados laços que a ligao á Hespanha, e o grande, e universalmente essencial objecto de sua mutua alliança, para se persuadir que a Grã-Bretanha possa, sem violar esta fé, sem sacrificar seos deveres, e sem abandonar estes objectos, sancionar com sua approvaçao medidas, que produzem dissencoes entre as partes integrantes de huma liga, cujo resultado feliz depende de huma cooperaçao cordial, e boa intelligencia entre todos os membros, que a constituem.

Mas, ainda que seja impossivel á Grã-Bretanha obrar contra as suas obrigaçoes, e contra os interesses da boa cauza que ella sustenta, os justos direitos que V. Ex^{ca}. tem á sua amizade, lhe inspirao hum sincero dezejo de concorrer para a vossa ventura, e prosperidade, do unico modo com que ella actualmente pode promover estes objectos.

Eu tomo pois sobre mim o offerer a V. Ex^{ca}. da maneira a mais explicita os bons officios, e a interposiçao amigavel do Governo Inglez, para facilitar hum accomodamento das desavenças, que presentemente existem entre os Hespanhoes dos dois Hemispherios, e livra-los da maior de todas as calamidades—a discordia civil, origem da sua ruina, e dos maiores perigos para a cauza commum.

Eu offereço esta mediaçao a V. Ex^{ca}. na firme confiança, que o Governo Inglez della se encarregará com avidez, e pressa, e pelo conhecimento que tenho do que ja tem sido proposto, e aceito por outras partes da Monarquia Hespera-

nhola, que estavam em circumstancias analogas áquellas em que actualmente se acha Buenos Ayres.

Eu rogo a V. Ex.^{ca} que fique na intelligencia deque a propozicao, que faço, não envolve alguma dispozicao da parte da minha Corte a entrometter-se em negocios politicos da Monarquia Hespanhola, nem a sustentar algum systema incompativel com a liberalidade, e justiça, bem como com a prosperidade permanente da America Hespanhola.

Não parece possivel que V. Ex.^{ca} possa confiar sua caza em melhores maons, que nas da Inglaterra. Todos os motivos de interesse, e de politica se reúnem para attestar que a prosperidade de Buenos Ayres deve ser para nos hum objecto importante: e esta consideração fundada sobre a uniformidade de interesses he propria para inspirar a V. Ex.^{ca} huma confiança a mais illimitada.

Se a propozicao, que eu tenho a honra de fazer fosse adoptada por V. Ex.^{ca}, eu aconselharia, como o primeiro passo para a sua execucao, o tomar medidas para concluir hum armisticio entre V. Ex.^{ca} e o General Elio: nada pode ser mais simples que huma tal negociação: a retirada das tropas de V. Ex.^{ca} de hum lado, e a cessação do bloqueio da outra, seriao justas medidas de mutuas concessões. Poderia estipular-se, que este armisticio duraria ate o ajuste definitivo dos pontos actualmente em letigio entre o Governo de Buenos Ayres, e o de Hespanha, pela amigavel mediação da Grã-Bretanha.

Huma propozicao desta natureza tao analoga á moderação que tem caracterizado o principio dos procedimentos de V. Ex.^{ca} cobriria de gloria Buenos Ayres; e quando mesmo fosse rejeitada, o simples facto de huma offerta tao justa provaria que vos não tendes desprezado algum meio de affastar as calamidades da guerra, entre tanto que a responsabilidade della recahiria em grande parte sobre aquelles que recusassem annuir a huma tao justa medida.

V. Ex.^{ca} não pode deixar de perceber as diversas vantagens, que rezultariao immediatamente desta propozicao. Seguir-se-hia immediatamente a restauração do commercio; desappareceriao as difficuldades, que os agentes Inglezes tem experimentado nesta parte do mundo; e cessariao todas as dispozicoens de intervir em os negocios da America Hespanhola, que outros estados podem ter tido, debaixo da influencia das inquietaçoens excitadas pelos movimentos militares, e actos politicos de seos vizinhos.

Eu creio dever informar a V. Ex.^{ca} que escrevi taobem ao General Elio sobre o objecto a que esta carta se refere; e que eu tenho procurado excitar nelle huma dispozicao

correspondente áquella, que eu creio, e me lizongei, que V. Ex.^{ca} terá.

Eu termino chamando a attenção de V. Ex.^{ca} sobre a propozição que tenho a honra de fazer, rogando-vos queira ter a bondade de me dar a conhecer vossos sentimentos a este respeito, logo que o possais convenientemente fazer, e de vos persuadirdes, que eu sou unicamente animado pelos sinceros dezejões que tenho por vossa tranquillidade, e ventura, e pelo felis rezultado da justa guerra em que estamos igualmente empenhados, e na qual não podemos esperar ser vencedores, se continuamos a estar divididos entre nós.

Eu tenho a honra, &c.
(Assignado) STRANGFORD.

RESPOSTA

Da Junta de Buenos Ayres a S. Ex.^{ca} o Lord Strangford.

Excellentissimo Senhor.

A Junta recebeu pelo Capitão Heywood da Marinha Real a carta confidencial pela qual V. Ex.^{ca} acuzava a recepção da nossa de 24 de Fevereiro. Não seria difficil descobrir os motivos do silencio de V. Ex.^{ca} sobre a parte a mais essencial do seu conteudo, nem de vossa resposta á ultima em data de 6 de Março, quando mesmo nos não tivéssemos sabido affirmativamente por outros canaes, que V. Ex.^{ca} conhecendo que estes portos estavam em hum verdadeiro estado de bloqueio, mesmo para os navios de vossa Nação tinheis preferido guardar hum silencio negativo, não obstante as razoes que lhe eraõ contrarias.

Este inesperado acontecimento e os indiziveis esforços do Almirante de Courcy para livrar o pavilhão Inglez dos obstaculos postos, muitos mezes antes, pelo Governo de Monte Video, e para que estes portos fossem portos livres, nos presenta hum contraste muito afflictivo. A Junta não poderia assignar alguma cauza a este movimento retrogrado, a não entrar nos planos do Governo Britanico o não adoptar medida alguma que possa tender a desunir a America da Hespanha. Em todo o cazo, a Junta não sabe como hade interpretar projectos tão contradictorios. He todavia certo que as especulações commerciaes da Grã Bretanha, e da America nada tem de commum com esta desunião.

Se a Hespanha renunciasse para sempre o seu systema de exclusão relativamente á America, era tempo de saber, que no estado de insignificancia em que esta se acha, he do seu verdadeiro interesse sollicitar a Inglaterra para que una os recursos com que poderia reanimar as forças que tem esgotado por interesse da Hespanha, e ficar em estado de prover hum Povo, que a tyrannia Hespanhola despojou: desta maneira, ao menos, ella teria adquirido huma idea de reconhecimento, e de justiça; mas ella prefere antes o faltar a este respeito, do que renunciar direitos exclusivos, que julga poder exercitar ate ao fim dos tempos, declarando imperiozamente pela boca do seu Emissario, o General Elio, que estes portos estao em estado de bloqueio, e dando ordens expressas de aniquilar o commercio da Grã-Bretanha nesta parte do mundo. Entretanto que lhe he impossivel conciliar huma conducta semelhante com suas declaraçoens de afferro á Grã-Bretanha sua Alliada, ella insulta gravemente as colonias, que, como *vassallos* do mesmo Rey, tem os mesmos direitos, que a Galiza, as Asturias, e a Catalunha, a huma communicação directa com a Nação, que a protege. Estas razoens são de hum pezo assas grande para convencer a Junta, que sem violar a fé, que ella jurou á Hespanha, e sem faltar á alguma condição positiva, a corte de Londres pode resistir ao bloqueio a que o General Elio, sujeitou os navios Inglezes.

Vossa Ex^{ca}. observa que he para sentir, que na crize actual, o poder da confederação contra a França se tenha enfraquecido por falta de recursos. A Junta he de opiniao, que para evitar, e se pôr ao abrigo dos males de que V. Ex^{ca}. falla, e para nos nao acharmos reduzidos a huma fraqueza extrema, o meio o mais efficaz he de nao entregar os recursos da America nas maons da Hespanha, sem os fazer passar a Inglaterra por meio de hum commercio franco, e inteiramente livre.

Todo o mundo sabe quanto a Hespanha he incapaz de empregar bem, e com economia os fundos publicos, ou de bem dirigir seos exercitos; pois que ella dilapidou os soccorros, que a America lhe tinha enviado para sua defeza. Taes contribuiçoens, que a lealdade, e a honra tinham prestado, deveriao ser hum depozito sagrado: a disposiçao destes fundos estava designada pela necessidade, e pelas intençoens dos contribuintes. Com tudo, po to que nada tenha podido pôr termo á prodigalidade, e avareza das Administraçoens Hespanholas, ellas atrevem-se hoje a perguntar com altivez quem he que tem procurado os fundos bastantes para occorrer, 'durante tantos annos,' ás despezas dos exercitos? Estas Provincias fazem profissao de huma plena fidelidade a Fernando VII.; ellas dezejao

somente governar-se por si mesmas ; e sem expor e entregar seos recursos a maons rapaces, ou infieis, ellas se obrigao a entrar na liga contra o tyranno tanto, e tao longo tempo, que sua independencia civil for reconhecida. V. Ex^{ca} observará nesta propozicao hum meio de augmentar as forças da confederaçao ate hum successo final, meio mais seguro, e mais conforme aos principios da equidade, que o de nos querer reduzir por ameaços, castigos, e bloqueios a hum estado de subordinaçao, que ninguem tem direito de exigir.

V. Ex^{ca} pode estar firmemente seguro que o bloqueio imposto pelo General Elio he mais prejudicial á Grã-Bretanha, e á Hespanha mesmo, do que a nos. Posto que as escrupulozas consideraçoens da vossa Naçao lhe façao dissimular semelhantes aggressoens, a Junta nao pode propor ao Povo que se conforme e submetta a hum tal humiliaçao. A Junta nao pode descobrir naquelle escrupulo, e nestas aggressoens, senao novos motivos para hum firme rezoluçao de resistir ás tentativas audaciozas de hum chefe, que sem outra authoridade mais, que hum simples carta do Secretario Bardaxi, seu parente, se mostra hum Vice-Rey nosso inimigo. Esta circumstancia he que tem amadurecido, e arreigado a aversao, que ella sentio logo, e que obrigou as Provincias d'Est a tomar as armas. Ellas pedirão soccorros a esta Junta, e tem limitado suas aggressoens a invadir os muros de Monte Video.

Neste estado de coizas, o armisticio, que as disposiçoens reconciliadoras de V. Ex^{ca} determinarao a propor-nos, nao pode produzir outros effeitos mais, que fazer abortar hum empreza ja muito avançada, expor muitos patriotas á vingança de Elio, excitar hum commoçao geral nas Provincias e abandonar nossas esperanças á vontade de hum opiniao sem cessar vacillante. Seria obrar contra os principios de nossa Instituiçao, e restabelecer o systema colonial, que nossas proprias maons tem destruido. Esta Junta tem formado hum idea mui sublime da penetraçao de V. Ex^{ca} para attribuir vossa propozicao a outro algum motivo mais do que á falta de informaçao, relativamente a occurrencias, que ao longe se desfigurao, ou tornaõ obscuras.

Quanto á mediaçao que V. Ex^{ca} tem proposto a fim de ajustar as dissensoens, que existem entre estes Estados, e a Peninsula, nada poderia ser de maior satisfaçao para a Junta do que confiar sua cauza em maons tao fieis, e tao generozas como as do Gabinete Britanico. A boa fé que o caracteriza, e a identidade de seos interesses com os nossos, sao garantes seguros da sua fidelidade. Mas a Junta nao pode descobrir alguma razao, que a authorize

neste momento a aceitar huma tal mediação. A Península não he mais que huma parte da Monarquia, e tao desmembrada, que seria conceder-lhe muito considera-la como igual á America. Segue-se pois deste principio que a Península não pode ter authoridade sobre a America, nem esta sobre a outra. Se o Governo Britanico quizesse tomar sobre si o obrar como mediador imparcial, seria reconhecer precisamente a independencia dos dois Estados. De outro lado, se o Gabinete Britanico estivesse penetrado da idea de nossa inferioridade, não seria espantoso entao que o resultado de huma negociação fosse o conceder-nos por favor mais do que merecemos por justiça. Por tanto, devemos suspender todo o procedimento ulterior ate que possamos conhecer as verdadeiras intenções do Povo da Grã-Bretanha. Accrescentai a isto, que V. Ex^{ca}. amalgama sua mediação com o armisticio, e que por conseguinte, se tivesse lugar huma negociação, o General Elio ficaria aqui revestido da plena authoridade de Vice-Rey, de que está investido pela Junta de Cadix, e que elle tem exercido; o que seria contradictorio em principios: Elio, e o poder illegal donde elle diriva sua authoridade, triumpharia de nossos direitos, antes que a disputa fosse terminada.

A confiança illimitada que a Junta de Buenos Ayres tem nas puras intenções de V. Ex^{ca}. he para nós huma prova convincente de que vos não tendes outro objecto em vista senao estreitar os laços politicos que ja existem em comum entre as duas Nações: e V. Ex^{ca}. pode estar certo que se o estado de nossas negociações nos não permite adoptar vossas vistas, nossa intimidade para com a Grã-Bretanha não sera menos firme, e inabalavel, da mesma sorte que nossa perfeita consideração para com V. Ex^{ca}. O Ceo conserve os dias de V. Ex^{ca}. por muitos annos. Buenos Ayres 18 de Maio de 1811.—(Assignados) Os Membros da Junta. A Sua Ex^{ca}. Lord Strangford.

CIRCULAR

Da Junta aos Cabildos das Provincias Unidas.

Nada he mais essencial aos grandes objectos, que occupão esta Junta do que ver chegar o momento em que as Provincias haõ de ser representadas n'hum Congresso, em que hode começar suas im-

portantes deliberaçoens. E como, apezar dos reiterados convites, e avizos que se tem feito com as vistas de apressar a chegada de hum dia, que será o mais memoravel nos futuros annaes da America, muitos dos Deputados que devem compor esta augusta Assembleia, não tem inda chegado; a Junta, vista a urgencia desta medida, e sua importancia para o Estado, tem decidido que o Congresso abrirá sua sessão nos fins de Novembro do presente anno. Em consequencia o Governo requer que vos accelereis a mandar os vossos Representantes, e que façaes nomear hum, pelo menos, por cada villa do vosso districto; bem entendido que se obstaculos imprevisitos vos empedirem de effectuar esta medida no tempo prescripto, nomear-se-hão Deputados suprentes, ate á chegada daquelles, que forem legitimamente munidos dos poderes de seos constituintes.

Esta decizaõ vos he communicada a fim de que tomeis, com zelo, e ardor pela cauza do vosso paiz, as medidas necessarias para accelerar o ajuntamento dos ditos Representantes nesta capital.

Buenos Ayres, 26 de Junho de 1811.

REPRESENTAÇÃO

Dos Negociantes Britanicos em Buenos Ayres, dirigida ao Capitão Heywood, do Nereus.

Buenos Ayres, 23 de Junho de 1811.

Senhor,

Os negociantes Britanicos em Buenos Ayres, são informadas pelo Capitão M^c Farlane, do Brigue Justeniano, que elle deixou o porto de Monte Video, onde elle tinha sido mandado por ordem escripta do Commandante do Brigue Hespanhol de guerra Casilda, em consequencia do miseravel estado daquelle lugar, e da impossibilidade de procurar o necessario sustento para supprir as urgentes precizoens de tripulaçãõ. Os chefes dos outros navios Britanicos naquelle porto, e obrigados a hir ali, estavam na mesma situaçãõ, sem poder procurar pão, agoa ou outras quaesquer provizoens, em quanto a cidade era investida da terra pelo o exercito de Buenos Ayres, que comecou a bombardiar

o praça. O Capitão M^{te} Farlane refere, que hum Brigue Inglez ou escuna, que vinha para Buenos Ayres, teve ordem igualmente de entrar em Monte Video. Estando aquella cidade agora tam apertadamente investida, e bombardeada, e os habitantes reduzidos á maior necessidade por falta de providoens, os vazos Britanicos naquelle porto, e os que forem obrigados a entrar n'elle, serao sujeitos a mesma calamidade, e as mesmas privaçoens, e se forem mandados sahir do rio, depois de huma fastidiosa navegaçao da Europa, soffrerao tanto elles como os seos proprietarios grandissimos inconvenientes, e incalculaveis prejuizos. No provavel acontecimento de hum assalto, ou captura da cidade pelos assaltantes, toda a propriedade Britanica será exposta á sorte uzual das operaçoens hostis militares. Por tanto este estado de couzas em Monte Video parece mudar o character do bloqueio, pois que pela maneira compulsiva de ordenar que os vazos Britanicos entrem no porto de huma cidade cercada e bombardeada, a propriedade dos vassallos de Sua Magestade está exposta a huma perda total, e elles sujeitos a hum estado do fome, e calamidade.

“ Nos remettemos annexas para vossa informaçoã, copias e traslados das ordens peremptorias escriptas nos papeis do Justinian, por Don Juan del Busto, Commandante do Brigue de Guerra Hespanhol *Casilda*.

“ Os negociantes Britanicos requerem pois, que hajais de adoptar os meios que julgardes proprios para soccorrer os navios que estao em Monte Video, assim como de evitar que os outros sejaõ victimas de semelhantes perigos, e evidentes calamidades.

“ As agradaveis provas que temos de vossa benevola dispozição em promover os interesses commerciaes dos vassallos de Sua Magestade, nenhuma duvida nos deixoã, de que vos querereis nesta occasiaõ obrar em nosso soccorro com aquella efficacia que vos for possivel, segundo o vosso entender, no qual pomos a mais implicita confiança.

(Assignado) ALEXANDRE MACKINNON.

Presidente dos Negociantes Britanicos em Buenos Ayres.
A. P. Heywood, Esq. Capitão R. N. e Commandante do navio de Sua Magestade o Nereo, de frente de Buenos Ayres, &c.

RIO DE JANEIRO.

Nesta Corte se publicaraõ os seguintes Alvaras.

1. Alvara, em data de 8 de Maio proximo passado, da creação da Villa de Marajó na Ilha de Joannes da

Capitania do Pará, e de Juiz de Fora do Cível, Crime, e Orphaons para ella.

2. Alvara, na mesma data da creação de Juiz de Fora do Cível, Crime, e Orphaons para as Villas de S. João de Parnaiba, e Campo-Maior na comarca de Piaui.

3. Alvará de 20 do mesmo mez izentando o Caza da Misericordia de S. Christovão da Cidade de S. Felipe de Benguella do pagamento do sello das Quitaçoens dos Legados, que lhe forem deixados; e ampliando esta Graça a todas as mais Cazas de Misericordia.

PERNAMBUCO.

RELAÇÃO

Das Pessoas, que tem contribuido para o resgate dos Captivos em Argel na Capitania de Pernambuco ate 19 de Abril de 1811.

	Reis.
O Ex ^{mo} . Governador, e Capitão General	200,000
O Coronel Bento Joze da Costa, Negociante	200,000
Antonio Marques da Costa Soares, Ditto	200,000
O R ^{do} . Propozito da Congregação da Madre de Deos Felipe de S. Tiago	100,000
O Coronel Joze Pires Cápelo	25,600
O Dezembargador Clemente Ferreira França	40,000
O Sargento Mor Antonio Joaquim Ferreira de S. Payo	40,000
Joze Antonio Alves de Souza, Negociante	80,000
Elias Coelho Cintra	Ditto 20,000
Manoel Lourenço	Ditto 32,000
Manoel Ribeiro do Conto	Ditto 50,000
Francisco Joze da Costa Guimaraens	Ditto 32,000
Joze Joaquim Jorge Gonçalves	Ditto 16,000
Joaquim Antonio Baptista	Ditto 12,800
Manoel de Mattos Simoens	Ditto 25,000
Joaquim Theodoro Alves	Ditto 50,000
O D ^r . Vigario Geral Bernardo Luis Ferreira Portugal	12,800
	1,136,800

ESTADOS UNIDOS.

ADRESSE DE M. PICKERING AO POVO DOS ESTADOS UNIDOS.

NA carta que escrevi a 16 de Fevereiro de 1808 ao Governador Sullivan, sobre o embargo, eu fiz estas perguntas.—Tem o Imperador dos Francezes declarado que não queria que houvesse neutros? Tem elle exigido que nossos portos, assim como aquelles dos Estados da Europa, que são seos vassallos, fossem fechados ao Commercio Inglez? O embargo he por ventura huma suavizaçao, ou modo mais doce de submissao a esta dura exigencia, a que os Americanos, porque tinham ainda assaz energia, podiao oppor-se, se a vissem claramente? Nos soubemos depois, pelas communicacoens do General Armstrong ao nosso Poder Executivo, que o Imperador tinha declarado,—*que era preciso fazer os Americanos a tomar formalmente o caracter ou de alliados, ou de inimigos.*

Mas apesar de toda a baixeza, que o governo, e conducta de Mr. Jefferson infundio no caracter Americano, os Cidacons dos Estados Unidos não estavam entao assaz aviltados no seu mesmo conceito, para escutar pacientemente a propositao franca, e directa de fechar seos portos ao commercio Inglez. Consequentemente esta proposta foi disfarçada debaixo da forma de hum embargo—o qual devia produzir o mesmo effeito, visto que elle era illimitado.

Mas, antes de se fechar a sessao do Congresso, durante a qual elle foi imposto, como nenhum homem sensato, fora do Gabinete, pôde descobrir alguma razao, que o justificasse; e como se tinha previsto, e começado mesmo a experimentar suas perniciosas consequencias;—julgou-se necessario tranquillizar o Povo apresentando-lhe a perspectiva de sua relacao, ou pelo menos de sua suspensao. Mas esta perspectiva era illuzoria, por isso que se fez depender esta revogacao dos actos futuros da França, e de Inglaterra, quero dizer da relacao de suas ordens, e decretos relativos ao commercio dos Neutros. Ora Mr. Jefferson sabia, que o embargo era agradavel ao Imperador dos Fran-

cezes, que em lugar de facilitar os meios de o levantar não deixaria de o fazer pezar sobre nossas Cabeças; e Mr. Jefferson sabia ainda que, como se tinha declarado que as ordens do Conselho Britânico não tinham sido publicadas (e depois de dez mezes de advertencia dada com franqueza, e cordialidade aos Estados Unidos aquellas ordens tinham incontestavelmente sido publicadas), em represalia dos decretos de Berlin, e Milão, a revogação deste ultimo devia preceder a das ordens do Conselho Britânico, e que neste caso o Governo Inglez estava prompto, e se obrigava a revogalas. Assim, quando Mr. Jefferson foi investido pelo Congresso do poder de suspender o embargo depois da revogação dos decretos Francezes, e das ordens Britanicas, sabia, que segundo todas as apparencias, esta revogação não teria lugar, como realmente o não teve até hoje, apezar da asserção contraria de Mr. o Presidente Madison em sua extranha proclamação relativa aos decretos Francezes.

Mas o embargo foi tão prejudicial á nos mesmos, que a paciencia do Povo se exaurio, e o Governo para conservar sua popularidade vacilante, tomou outro partido; e por hum acto chamado a Lei de *Não-intercurso* concedeo algum alivio, abrindo hum Commercio directo com todo o mundo em geral, e hum commercio indirecto com a França, Grã-Bretanha, e suas dependencias. Finalmente foi preciso revogar taobem esta Lei insensata e oppressiva; e todas as restricções a que o nosso commercio estava sujeito foram abolidas.

Mas hum novo acto poz nas maons do Presidente o perigo de tornar a pôr em força as restricções impostas pela Lei de *Não-intercurso*, em certos cazos, de que só elle seria juiz, como sendo pontos de facto; cazos na verdade de huma natureza tão simples, que todo o homem, que tivesse hum grão ordinario de bom senso, e probidade podia decidir, se tinham ou não lugar, quero dizer a revogação dos decretos, e ordens da França, e da Grã-Bretanha; factos que ainda não aconteceram, mas que M. Madison afastando-se da authoridade, que a Lei lhe dava, proclamou, como tendo lugar relativamente á França: entretanto que o Imperador dos Francezes, que M. Madison sabia ser o mais perfido dos humanos, tenha somente *declarado*, e *promettido* de os revogar no 1 de Novembro de 1811. M. Madison mesmo não tem o atrevimento de dizer agora que os decretos Francezes *estão* revogados.

Na resposta que elle ultimamente deo á petição dos habitantes de New-Haven, ouza dizer somente.—Que o Governo Francez *declarou* que estes decretos estavam revogados.—

Elle sabe ao menos agora que elles não estavam revogados, quando a dois de Novembro de 1810 proclamou ao Povo dos Estados Unidos, e ao Universo, que estavam revogados. Quando Mr. Madison publicou esta proclamação, elle não estava authorizado a crer que taes decretos estivessem revogados pela unica razão, (quando mesmo não houvesse outras) —que aquillo que se chamava revogação devia ter lugar *posteriormente*, e com certas *condições*—no cazo em que a Grã-Bretanha commettesse *antes* certos actos, que jamais commetteria, como M. Madison tinha ampla razão de crer.

O Ministro Francez na sua carta ao General Armstrong, pela qual (para me servir das expressoens de Mr. Madison) o Governo Francez declarou que seos decretos estavam revogados, exprime-se assim—*Eu estou authorizado a declarar-vos, Senhor, que os decretos de Berlin e Milão estão revogados, e que depois do 1 de Novembro cessarão de ter effeito, com tanto que os Inglezes, em consequencia desta declaração revoguem suas ordens do conselho, e abandonem os novos principios de bloqueio, que tem querido estabelecer.*

He clarissimo que antes que a revogação *declarada* do Imperador dos Francezes se podesse tornar huma revogação *de facto*, era preciso que os Inglezes, *depois desta simples declaração* revogassem primeiramente suas ordens do conselho, e abandonassem os novos principios de bloqueio, que o Imperador diz que os Inglezes tem querido estabelecer. M. Madison sabe mui bem que os Inglezes não querião, e não podião preencher estas condições prescritas pelo Imperador dos Francezes; e que, em consequencia a revogação *declarada*, jamais seria huma revogação *real*; e não era huma simples *promessa*, mas o *facto* da revogação (ou de huma modificação dos decretos, e ordens tal, que elles cessassem de lezar o commercio neutro dos Estados Unidos), que M. Madison estava authorizado pela Lei a declarar por huma proclamação. Por tanto este acto solemne, e importantissimo do poder executivo supremo dos Estados Unidos, parece ter sido destituido de authorização legal, e de verdade.

A proclamação do Prezidente, e o acto injusto que della se derivou no fim da ultima sessão, denominado o *Acto de não importação*, não podem ser de longa duração. Os rendeiros, e lavradores, que cultivão trigo, e algodão, e aquelles que traficaõ em madeiras, e muniçoens navaes, podem estar satisfeitos por algum tempo, isto he, entretanto que achao extracção a estes artigos nos mercados Inglezes: mas como he prohibido aos Negociantes Americanos, por esta Lei, de trazer em troca algum artigo proveniente do terreno, ou

manufacturas de Estados Britannicos; este trafico só de hum lado deve bem depressa cessar: e aquelles que nos governaõ devem prever, que o Povo, assim como o fez depois de ter soffrido muito, e por muito tempo pelo embargo, hade reiterar seos murmurios, e suas queixas.

Que plano pois podem elles ter em vista para se livrarem deste embarço, e satisfazer ao mesmo tempo ao Imperador da França? E qual he o meio de conseguir estes objectos? *Huma guerra com a Gran-Bretanha.* Nosso caro amigo Napoleao declarou esta guerra por nos, há mais de tres annos: mas nos inda nao estavamos maduros para isto. Actualmente elle prezume que esta guerra he praticavel. O grande Estado commercial, e agricultural de Nova York, e o de Massachuset, que he o maior Estado maritimo da Uniao, saõ governados pelos partidistas zelozos de nossa administração nacional. O momento pois he propicio para submitter nosso paiz ao systemo Napoleo-Jeffersoniano—que he o mesmo que o Imperador dos Francezes tem estabelecido no continente da Europa—huma prohibiçaõ absoluta de communicaçoes commerciaes, ou quaesquer outras com a Grã-Bretanha, e todas as suas possessoens nas quatro partes do globo. Huma bella, e pequena guerra, que existira (mas que não será activa) sem taxas, nem rendas, preencherá perfeitamente o objecto. A guerra com a Grã-Bretanha lhe fecha ao hum mesmo tempo *nosso* portos, e nos fecha os *seos*. Huma tal guerra he o modo mais simples que pode imaginar para introduzir, e estabelecer hum embargo permanente. *Porque o bom Povo dos Estados Unidos não será assaz desarrazoado para se queixar de não ter a permissaõ de traficar com seos inimigos em plena guerra.*

Hum mais amplo desenvolvimento deste plano, e as numerozas reflexoens que elle suscita (porque he hum objecto fertil) dariao nimia extensaõ a esta *adresse*, e consequentemente he precizo deferi-las.

(Assignado)

TIMOTHY PICKERING.

PROCLAMAÇÃO DO PREZIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS.

Como grandes, e importantes negocios, que reclamaõ a atençaõ do Congresso dos Estados Unidos, formão huma cauza extraordinaria para o convocar, eu fixo, pela presente, segunda feira 4 de Novembro

proximo para sua assemblea na cidade de Washington; requerendo por esta aos Senadores, e Representantes respectivos, que ali se ajuntem entao em Congresso, a fim de receberem quaesquer communicacoes que lhe poderao ser feitas, e para consultar, e deliberar sobre as medidas, que na sua sabedoria julgarem necessarias para a felicidade dos Estados Unidos.

Em fé do que fiz sellar a prezente com o Sello dos Estados Unidos e a assignei com minha propria maõ.

Feita na cidade de Washington a 24 de Julho no anno de Nosso Senhor 1811, e o trigesimo sexto da Independencia dos Estados Unidos.

(Assignado) JAMES MADISON.

Pelo Presidente—James Munroe, Secretario de Estado.

EUROPA.

FRANCA.

Pariz, 18 de Agosto de 1811.

No dia 18 de Agosto foram apresentadas a S. M. I. e R. as Deputações dos Departamentos de la Lippe, e das Ilhas Ionicas; aquella prezidida pelo Duque de Looz, e esta por Mr. Theotoki.

‘ No meio da alegria, disse o Duque de Looz, que o nascimento do Rey de Roma diffundio por toda a parte, he que V. M. I. e R. fixou para sempre nossa existencia politica associando-nos aos grandes destinos do Imperio Francez, dando-nos ao mesmo tempo hum penhor de nossa felicidade prezente, e a garantia de sua duração futura.

‘ Penetrados de alegria, e reconhecimento por este dobrado beneficio nós supplicamos a V. M. se digne acolher benignamente a expressão de nossos votos os mais ardentes pela dilatada duração, e prosperidade de seu reinado; e de nos permittir, Siré, pôr aos pez de vosso throno nossas respeituozas homenagens.

Resposta de S. Magestade I. e R.

Senhores Deputados do Departamentos de la Lippe.

A cidade de Munster pertencia a hum Soberano Ecclesiastico, deploravel effeito da ignorancia, e da superstição. Vos nao tinheis patria. A providencia quiz que eu restabelecesse o throno de Carlos Magno, e ella mesma vos fez naturalmente re-entrar com a Hollanda, e as Cidades Anseaticas no seio do Imperio. Desde o instante em que vos tornastes Francezes, meu coração nao fez alguma differença entre vos, e as outras partes de meos Estados. Logo que as circumstancias me permittirem, eu terei huma viva satisfação em me achar no meio de vos.

Falla da Deputação das Ilhas Iônicas.

SIRE,

Interpretes dos votos de vossos povos da Ionia, nos vimos depositar aos pez do throno de Vossa Augusta Magestade, as novas homenagens de fidelidade, e de nossa viva alegria pelo venturozo acontecimento, que dá hum herdeiro a vosso Imperio, hum filho a vosso coração paternal, e a nos a firme esperança de hum Heroe, que para ser o digno Soberano de quarenta milhoens de homens, não tera mais que tomár por modelo vossos exemplos immortaes.

Os coraçãoes de todos os vossos Vassallos se voltaó para a Esposa Augusta a quem este beneficio inestimavel he devido, formada em virtudes na escolla de huma Corte illustre, para a felicidade do maior dos Monarcas, e segurança de nossa felicidade.

Do supremo gráo de gloria a que vossos triunfos e vossas virtudes magnanimas vos elevaraó, dignai-vos, Sire, voltar vossas vistas para os habitantes das Ilhas Iônicas, huma parte das quaes, posto que invadida momentaneamente, mas sempre fiel a V. M., só tem podido ser calumniada pelo machiavelismo de hum inimigo invejoso de sua felicidade.

Se he verdade, Sire, que naquellas das nossas ilhas, que actualmente estão occupadas pelo inimigo, se achão alguns insensatos, que se atrevem a preferir ao gloriozo titulo de vossos vassallos o nome para sempre odiozo de inimigos da sua patria, e dos deveres os mais sagrados; experimentem elles a sorte que seu crime, e a indignação publica de seos concidadaos chamaó sobre suas cabeças sacrilegas.

Mas não se manche a honra Grega com os crimes de alguns individuos cegos: os Gregos sao ainda os mesmos homens, cujos seculos de gloria só podiac ser escurecidos, depois de dois mil annos, nos fastos da immortalidade, pelo seculo de V. M.

Os beneficios, Sire, de que V. M. nos tem accumulado, os thezoiros de industria que vossa munificencia imperial derrama sobre nos; vossos cuidados pelos quaes Corfu, este centro da segurança das Ilhas Iônicas, se vé cercado todos os dias de novos baluartes

traçados por vosso genio no centro mesmo de vosso palacio, e a precioza escolha que V. M. fez, para nos governar, de hum homem que honra ao mesmo tempo a humanidade, e a guerra, e de hum Magistrado taõ digno para o secundar, todos estes beneficios, todos estes presentes diffundidos sobre nossa terra, ha tanto tempo desprezada, saõ os poderozos motivos que ligaõ para sempre nossos coraçõens á vossa pessoa sagrada, unica no mundo de quem podemos esperar nossa regeneração.

Se o inimigo se atrever alguma vez a apresentar-se debaixo de nossos muros, nos aproveitaremos com fervor esta occasiaõ de provar a V. M., e ao universo, o appreço que fazemos do gloriozo titulo de Vassallos de Napoleaõ o Grande.

Resposta de S. M. I. e R.

Senhores Deputados das Ilhas Ionicas. Eu mandei fazer grandes obras em vossa paiz, onde juntei hum grande numero de tropas, e de muniçoens de toda a especie. Eu naõ lamento as despezas que Corfu custa ao meu thezoiro, ella he a chave do Adriatico.

Jamais abandonarei as ilhas, que a superioridade maritima do inimigo fez cahir em seu poder. Na India, na America, e no Mediterraneo tudo o que he, e tem sido Francez, o será constantemente. Conquistados pelo inimigo, pelas vicissitudes da guerra, elles re-entraraõ no imperio por outros acontecimentos da guerra, ou pelas estipulaçoens da paz.

Eu olharia como huma nodoa indelevel na gloria de meu reinado o sancionar o abandono de hum sã Francez.

Eu aceito com prazer os sentimentos que vos me exprimis.

DECRETO

Napoleaõ pela Graça de Deos, e pelas Constituiçoens Imperador dos Francezes, &c.

TENDO-nos sido submettidas diversas questõens sobre a condiçaõ dos Francezes estabelecidos nos

paizes estrangeiros, julgamos a propozito fazer constar nossas intençoens a este respeito.

Pelo nosso Decreto de 6 de Abril de 1809, legislámos a respeito dos Francezes que pegáraõ em armas contra seu paiz, e daquelles que rezidindo nos Estados de huma Potencia com que estamos em guerra, não deixaõ seu territorio, e que sendo novamente chamados por nos, não obedecem á nossas ordens.

Mas não havendo alguma Lei a respeito dos Francezes naturalizados em paizes estrangeiros com, ou sem permissaõ nossa, ou relativamente áquelles que ja entráraõ, ou entrarem para o futuro no serviço de huma potencia estrangeira: e não querendo confundir aquelles nossos vassallos, que por motivos legitimos se naturalizáraõ fora de França, com aquelles cuja conducta tiver o character de rebeldia; temos rezolvido pelo prezente completar, e fazer constar, e conhecer este importante ramo da legislaçaõ.

Em consequencia, conformando-nos com a informaçãõ de nosso Graõ-Juiz, Ministro da Justiça, e ouvido o nosso Conselho de Estado, temos decretado, e ordenado, decretamos, e ordenamos o seguinte.

TITULO I.

Dos Francezes naturalizados fora sem nossa authoridade.

Artigo 1. Nenhum Francez se poderá naturalizar fora sem nossa authoridade.

Artigo 2. Nossa authorizaçaõ sera accordada por Cartas-patentes, passadas por nosso Graõ-Juiz, assignadas por nossa maõ, referendadas por nosso Secretario de Estado, selladas por nosso primo o Principe Archi-chancellor, inseridas no buletim das Leis, e registadas no tribunal imperial do ultimo lugar de domicilio da pessoa em questãõ.

Artigo 3. Os Francezes assim naturalizados fora gozaraõ o direito de possuir, transmitir, e herdar propriedades, inda mesmo que os vassallos dos paizes, em que estiverem naturalizados, não gozem destes direitos em França.

Artigo 4. Os filhos d'hum Francez nascido no paiz em que está naturalizado, são estrangeiros.

Artigo 5. Os Francezes naturalizados fora, mesmo com nossa permissão, não podem em tempo algum pegar em armas contra a França, subpena de serem julgados em nossos tribunaes, e condemnados ás penas determinadas pelo capitulo 75 do 3 Livro do Codigo Penal.

TITULO II.

Dos Francezes naturalizados fora sem nossa permissão.

Artigo 6. Todo o Francez naturalizado fora sem nossa permissão encorrerá na pena de perder suas propriedades, as quaes serão confiscadas: elle não gozará mais do direito de successão; e todas as heranças que tiver passaraõ ao herdeiro mais proximo, com tanto que seja domiciliado em França.

Os artigos 7, 8, 9, 10 regulão os processos que se devem praticar nos Tribunaes de Justiça contra as ditas pessoas: ellas perderão seu titulo, se os tiverem, e as propriedades que lhes forem inherentes.

Artigo 11. Aquelles que são naturalizados fora sem permissão, e contra os quaes os processos a cima prescriptos tiverem lugar, se forem achados no territorio do Imperio, serão pela primeira vez prezos, e conduzidos alem das fronteiras: se voltarem, serão condemnados a hum tempo de prizaõ, que nunca será menos de hum anno, nem mais de dez.

TITULO III.

Dos individuos ja naturalizados fora.

Artigo 12. Os individuos naturalizados fora na epoca da publicação do presente Decreto, poderaõ obter nossa confirmação conformando-se ás formalidades prescriptas pelo presente Decreto, no espaço de hum anno aquelles, que estiverem no Continente da Europa, em tres se estiverem fora do Continente,

e em cinco se estiverem alem do Cabo da Boa Esperança, e nas Indias.

TITULO IV.

Artigo 13. Nenhum Francez pode entrar no serviço de huma Potencia estrangeira sem nossa permissão especial, e sempre com a condição de voltar, quando nós o chamarmos seja por huma proclamação geral, seja por huma ordem directa.

Artigo 14. Aquelles dos nossos vassallos, que tiverem obtido nossa permissão, não poderaõ prestar juramento de fidelidade á Potencia que servirem, sem a reserva de nunca pegar em armas contra a França, se acontecer que esta Potencia nos faça a guerra.

Artigo 15. A permissão de entrar no serviço de huma Potencia estrangeira será concedida por cartas-patentes, conformemente ás formalidades prescritas pelo artigo 2.

Artigo 16. Elles não podem obrar como Ministros Plenipotenciarios em algum tratado, cujas estipulaçoens forem relativas a nossos interesses.

Artigo 17. Elles não devem trazer hum cocar, ou laço, ou uniforme estrangeiro nos paizes que nos são submettidos; elles seraõ authorizados a pôr o cocar nacional, quando estiverem no Imperio.

Artigo 18. Poderaõ, contudo, uzar das ordens estrangeiras, quando as tiverem recebido com nosso consentimento.

Artigo 19. Elles não poderaõ entrar em França sem nossa permissão especial.

Artigo 20. Os Francezes que estaõ no serviço de huma Potencia estrangeira não podem jamais ser reconhecidos como Embaixadores, Ministros, ou Enviados em nossa Corte, nem recebidos como encarregados de alguma especie de missaõ, que os obrigue a apparecer diante de nos com seu uniforme estrangeiro.

Artigo 21. Os Francezes entrados no serviço de huma Potencia estrangeira, ou que nelle ficarem depois que a guerra tem sido declarada entre a França, e esta Potencia, seraõ considerados como se tivessem

pegado em armas contra nos, pelo simples facto de terem continuado a fazer parte de hum corpo militar destinado a obrar contra o Imperio Francez, e seos alliados.

Artigo 22. Nossos Ministros são encarregados, cadahum na sua repartição, do comprimento do presente Decreto.

Palacio do Trianon, 26 de Agosto de 1811.

(Assignado) **NAPOLEAÕ.**

Pelo Imperador

(Assignado) **O CONDE DARU, Secret. d'Estado.**

PARIZ, 27 de Agosto de 1811.

Noticias Officiaes dos Exercitos em Hespanha.

Hum Ajudante de Campo de Martinez Comandante de Figueiras tinha desertado a 8 de Agosto, e annuciado que a guarnição estava reduzida a algumas onças de pão, e huma pouca d'agoa; que não podendo esperar soccorros, ella se tinha resolvido a abrir caminho á ponta da bayoneta, e tentar hum golpe de desesperação: mas Figueiras estava cercada por huma linha formidavel de circunvalação de mais de 4 mil toezas, e formada por huma cadea de redutos fechados, e unidos entre si por entrincheiramentos. A vigilancia tinha redobrado de actividade; havia algumas noites, que os Generaes passavaõ nas linhas: o Duque de Tarento tinha tomado as posiçoens mais capazes para tirar ao inimigo todo o meio de se escapar á sorte que o esperava. Depois de ter esgotado todos os seos viveres, e muniçoens, Martinez tentou em a noite de 16 forçar as linhas á frente de toda a sua guarnição. Apenas se aproximou a ellas, hum fogo terrivel se desenvolveo sobre sua columna, matou-lhe 400 homens, e foi obrigado a reentrar na Praça. A 19 de manhã entregou-se á discrição, salvas as vidas. A guarnição desfilou sem armas na esplanada, composta ainda de 3,500 homens, e perto de 350 officiaes,

e entre elles hum Marechal de campo, muitos Brigadeiros, e 80 officiaes superiores : esta guarnição chegou a Perpignan a 21, e 22. Dois mil homens tinham perecido em Figueiras pelo fogo, e doenças desde o principio do bloqueio, que durou quatro mezes : a Praça ficou intacta, porque não foi atacada, e todos os trabalhos se limitaram aos de hum rigoroso bloqueio. A perseverança e actividade que as tropas deste bloqueio desenvolverão, he superior a todo o elogio : o Corpo de Artilharia, e de Engenheiros rivalizarão em zelo nestes immensos trabalhos.

CARTA

Do Duque de Tarento a S. Ex^{ca}. o Ministro da Guerra.

No Campo junto de Figueiras, 17 de Agosto de 1811.

Snr.

Tenho a honra de informar a V. Ex^{ca}. que a parte saã da guarnição de Figueiras em numero de 3,500 homens, tentou inutilmente escapar-se esta noite.

A sortida geral teve lugar pela frente da planicie ; mas apenas foi annunciada pelo fogo de nossos postos avançados, ella foi recebida por huma fuzillada tão viva, no meio de gritos de—*viva o Imperador!* e por tanta metralha, e obuzes, que se retirou precipitadamente, e em dezordem para os seos baluartes : o dia fez descobrir o campo coberto de mortos, e de feridos.

Segundo a relação de muitos officiaes superiores tomados esta manha, a perda em feridos he numeroza ; nem hum só homem pode passar a primeira linha de nossas fortificaçoens ; e havia outros obstaculos a vencer antes de chegar ás nossas baionetas.

Durante dois dias os Hespanhoes se occuparão em quebrar, e destruir tudo o que não podião levar, ou queimar ; os fornos estão rotos. O Governador tinha-

lhes feito distribuir dobrada ração de agoa ardente, e tres dias de pão. Taes são as participações que S. Ex^{ca}. o Coronel General me enviou esta manhã pedindo-me o authorize a proveitar-se da perturbação, e terror, que huma tal recepção necessariamente havia de inspirar aos Hespanhoes, para lhes intimar que se rendão, alias seraõ passados pelas armas: bem que eu conte pouco com o successo desta intimação, que apressaria alguns dias a entrega da Fortaleza, eu o authorizei.

Meos postos avançados de Liers foraõ hontem atacados pelos miqueletes; eu ordenei huma batida geral, e tudo se dispersou. Parecia que 7 ou 800 delles procuravaõ favorecer a evacuação do Forte.

Tudo me induz a crer que a falta de tudo em Figueiras he extrema.

Aceitai, Snr. Duque, a nova segurança de minha distincta consideração.

(Assignado)

MACDONALD.

SEGUNDA CARTA

Do Duque de Tarento a S. Ex^{ca}. o Ministro da Guerra.

No Campo junto a Figueiras, 19 de Agosto de 1811.

Snr. Duque,

Tenho a satisfação de informar a V. Ex^{ca}. que o valor, e perseverança do exercito de S. M. na Catalunha, triunfou da perfidia dos traidores, que entregárao a Fortaleza de Figueiras ao inimigo, e estão em ferros: esta Praça foi hoje reconquistada, e está em poder do Imperadór.

Tendo a guarnição Hespanhola tentado inutilmente escapar-se em a noite de 16, e com perda de 400 homens; ella foi obrigada a render-se á discreção, e com o unico favor de lhe salvar a vida.

Ella sahio sem armas esta manhã da Fortaleza em

numero de 3,500 homens, e perto de 350 officiaes entre os quaes se comprehendem o Marechal de Campo Martinez, muitos Brigadeiros Generaes, 80 officiaes superiores, &c. : mandei-a em tres columnas para Perpignam, onde chegará a 21, e 22.

Esta guarnição perdeu, desde o principio do bloqueio mais de 2,000 homens pelo fogo, ou de morte natural: restão 1,500 enfermos no Hospital, e 200 nao combatentes, que serãõ enviados.

O exercito de S. M. arrostou com desprezo mais de 60,000 tiros de canhão, e dois milhoens dos de espingarda, sem muita perda.

Elle tem supportado com huma constancia verdadeiramente exemplar os trabalhos, as fadigas, as intemperies do clima, durante quatro mezes e nove dias de bloqueio, e passou, desde 24 de Julho, vinte e cinco noites successivas debaixo das armas.

Os trabalhos das linhas de contravalação, e circumvalação são immensos: S. M. poderá julgar a este respeito, se acazo tiver a bondade de lançar os olhos sobre o plano que transmitto a V. Ex^{ca}. O Corpo de Engenheiros os dirigio em grande parte com hum zelo, e actividade constante. O Corpo de Artilharia portou-se, como sempre, excellentemente: o General de Divizaõ Tamil he o commandante, e o General Nourry levantou, e dirigio todas as baterias, algumas das quaes foraõ atrevidamente estabelecidas a menos de 300 toezas da Fortaleza.

Os redutos do 37 de linha, 8 legeiro, 16, e 67 de linha, 32 legeiro, 11, 81, 60, 93; os da gendarmaria imperial, e dos Westphalianos, receberãõ os nomes dos corpos, que nelles trabalhãõ assiduamente: os primeiros estaõ a tiro de espingarda do caminho coberto: o 3, e 23 legeiros trabalhãõ muito.

Estes corpos, debaixo das ordens dos Generaes Quesnel, Clement, Palmarole, Planionne, Lefebvre, os Ajudantes Commandantes Vigier, Beurmann. os Coroneis Lamarque, e Petit, formavaõ a linha de bloqueio, ou a reforçavaõ cada noite. O esquadraõ do 20 e 29 de cassadores, o esquadraõ do 24 de aragoens, os lanceiros gendarmes estavaõ taobem, em parte, a cavallo.

Finalmente, huma rezerva de tropa escolhida, com-

posta de gendarmeria de pé, e destacamentos de diversos corpos, commandados alternativamente pelos Generaes Favier, Nourry, e Prosi, o Ajudante Commandante Thivet, os Chefes de batalhão do Estado-Maior Ferrari, Guibourg, e o Chefes de esquadrao Seguin, meu ajudante de campo, estava destinado para sustentar todos os pontos ameaçados.

S. Ex.^{ca} o Coronel General estava por toda a parte: elle desenvolveo huma grande actividade: em geral todo o exercito cumprio perfeitamente o seu dever. Eu me regozigo em fazer esta justiça ao exercito, na esperança de que o Imperador se dignara lançar sobre os seos valentes huma vista de benevolencia, rogando a V. Ex.^{ca} faça observar a S. M. que o seu exercito de Catalunha não teve parte no acontecimento, que o reunio debaixo dos muros desta Praça.

Eu acabo de fazer içar o pavilhão imperial em seos muros com huma salva de cento, e hum tiros de canhão, a qual será ouvida pelos navios Inglezes que estão na costa, e pelos corpos de insurgentes de Olot: ella os informará da retomada de Figueiras, e do fim da guerra nesta parte da Catalunha.

Aceitai, Senhor Duque, a nova segurança de minha distincta consideração.

OMarechal Duque de Tarento,

MACDONALD.

HESPANHA.

PROCLAMAÇÃO

Do General Ballasteros aos Hespanhoes rezidentes
em Lisboa.

HESPANHOES a quem o destino conduzio a Lisboa; meus valentes e infatigaveis soldados não exigem outros premios por seus heroicos esforços, que o sustento e o vestuario: a Patria afflicta não pode occorrer opportunamente ao conjuncto de necessidades que por todas as partes a rodeaõ; suas privaçoes até agora não tem diminuido seu valor e sua constancia; rotos e famintos são o terror dos inimigos, e o módelo do soffrimento. Sem conhecer outro leito mais que o duro chaõ, sem mais abrigo que o que este, e as plantas lhes offerecem, e muitas vezes sem paõ, tem sido vistos não só esperar tranquillos o furibundo inimigo; mas accommettello denodadament pollo em espantosa fugida, conseguindo sua destruição e derrota. Campos e alturas de Aracena, Castillejos, Calera, Palma, Albuera, etc.! Companheiros e testemunhas da conducta de taõ dignos Soldados, vós podeis attestar estas verdades, e descrever melhor as ternas scenas que haveis presenciado! Transportai vosso cuidado e consideração, oh Hespanhoes que vos presais de o ser! áquelles lugares: os louros que lhes fazem sombra, regados e alimentados com o sangue e suor de vossos defensores, vos dirão com as expressoes que a mim me faltaõ seus portentosos e heroicos feitos; e em quanto vós tendes gozado, senão das commodidades e dos prazeres, ao menos do doce repouso, encontrareis a estes Heróes insensíveis e esquecidos de si mesmos occupados

unicamente em restituir-vos vossa Liberdade, vossa Patria, vossa Religião, e vossas Propriedades.

Repartir com estas tropas o pão de que vos alimentais, se bem que não seja huma proporcionada recompensa, seria hum rasgo da vossa generosidade. Por quanto: que tributos de gratidão podem corresponder a tantos sacrificios de que lhes sois devedores? Porém, não vos pedem tanto, imploraõ sómente de vós huma parte do vosso superfluo que vos sobra para cubrir sua nudez, diminuir suas primeiras necessidades, e continuar na santa causa que tem jurado defender: com este objecto vos dirijo a Lisboa, Hespanhoes, ao Presbytero D. Joaquim de Azcarate, e ao Capitão de Ussares de Castella D. Francisco Andres, os quaes com a formal intervenção do Ministro de S. M. Catholica receberão com a maior exacção, as liberaes ofertas que espero da vossa generosidade e patriotismo, para dar esta consolação e allivio a meus Soldados, em quanto eu me occupo em patentear vossos nomes ao Publico, á Regencia, ao Soberano, e ao Mundo inteiro. Ayamonte 9 de Julho de 1811.

BALLESTEROS.

Catalunha. Mataró 8 de Julho.

PROCLAMAÇÃO DO GENERAL INGLEZ, DOYLE.

Catalaens: Suchet tem feito espalhar voz de que Bonaparte tem começado a tratar de paz com a Grã-Bretanha, e que era tanta a ancia que mostrava de que ella tivesse effeito, que havia enviado Talleyrand a Londres, e que elle mesmo se havia transportado para a proximidade da Costa para facilitar a prompta communicação. Lembrai-vos, valentes e inconquistaveis Catalaens, que haverá cousa de hum anno que o mesmo Suchet espalhou a noticia de que o Governo Inglez com o Hespanhol tinhaõ feito a paz com a França, e em consequencia disso recommendava aos Catalaens que se retirassem a suas casas, pois

que não havia mais guerra; porém qual era o modo que adoptou para publicar, e dar authoridade a este falso boato? Publicou huma Proclamação, e contrafez a firma do Capitão General O-Donnell: cousa inaudita e desconhecida até então! Porém essa traição, essa vil intriga, não produzio o effeito que Suchet se havia promettido: em lugar de retirar-se a suas casas mais de 10 mil. mancebos enchêrao as fileiras do Exercito. Ou eu me engano muito, ou o senhor Suchet quer por outra semelhante intriga (já que lhe não resta outro recurso) impedir o levantamento geral deste incansavel Principado, que nunça será dos Francezes, dizendo que a França está tratando de paz com a Inglaterra, julga nesciamente que vós, Catalaens, poderieis deixar-vos seduzir, e pensar que o esforço grandissimo que agora mesmo fazeis, e que continuareis a fazer, e que os inimigos tanto receião fosse inutil: por isso que se os Inglezes fizessem a paz, se augmentariao as vossas difficuldades em receber soccorros; calcula o senhor Suchet que esta consideração poderia desanimar e influir muito. Catalaens, nada vos direi, da perfidia Franceza, e do nenhum credito que deveis dar os suas promessas, ou noticias. Vosso proprio terreno vos presenta bastantes inegaveis provas da impossibilidade de combinar palavra, e boa fé, em a nação Franceza. Animo pois, Catalaens. Inglaterra não vos abandonará, antes pelo contrario, redobrá, seus esforços, porque vós mesmos tendes de redobrar os vossos. Esforço geral pois, oh Catalaens, e não escuteis as vozes dos Francezes, dos afrancezados, e dos timidos. Mataró 5 de Julho de 1811. DOYLE.

PROCLAMAÇÃO

Do General D. Francisco de Còpons, e Navia dirigida ás tropas do 5. Exercito na Ilha de Leão.

Soldados! O Supremo Conselho de Regencia entregou-me o commando desta Divizão do 5. Exercito. Eu o aceito com prazer, porque este Exercito he composto de homens bravos, que muitas vezes se tem coroado de lou-

ros no campo da honra. Vos me vereis sempre á vossa frente: eu saberei distinguir o merecimento; e se algum de vos se desviar do caminho da honra, elle será indefectivelmente punido. Sem disciplina, que he a base da subordinação, he impossivel conquistar, ou vencer. Firmeza em vossas fileiras; uniaõ, e obediencia á voz de vossos Commandantes; taes saõ os seguros precursores da victoria. Soldados desta Divizaoõ do 5. Exercito, a cauza que sustentaes e defendeis he tao sagrada, como justa. A Europa vos observa com admiracao; e a Patria espera que a livreis desse ambiciozo Tyranno que a pretende escravizar.

Quartel General na Ilha de Leaoõ 21 de Julho de 1811.

(Assignado)

CORONEL.

AUSTURIAS.

OVIEDO, 26 de Julho.

PROCLAMAÇÃO.

A Junta Superior deste Principado restituída em fim a Provincia, e querendo concorrer por todos os meios possiveis á restauração geral do Paiz, rezolveo continuar o Jornal periodico, que tem sido interrompido por diversos incidentes, durante os ultimos mezes da sua rezidencia em Navia.

Tres vezes temos visto em Hespanha hum estado de coizas capaz de desalentar os mais resolutos: mas os Hespanhoes tem em seu character huma coragem, e firmeza superiores aos calculos de huma Politica ordinaria. Depois de tres annos de guerra, os Hespanhoes mostraõ-se hoje mais heroicos do que nunca.

Habitantes das Austurias, vos tendes recobrado vossa liberdade de que estaveis privados havia 17 mezes, derramando lagrimas em silencio, e procurando suffocar os sentimentos da Natureza. Os Lavradores, esta classe tao respeitavel, e tao util ao Estado, viaõ o graõ necessario á subsistencia de suas familias destruido, e roubado por seos implacaveis oppressores; o clero era perseguido, massacrado, e banido: os nobres eraõ expulsos de suas

cazas, e tudo o que ellas continhão se tornava preza do inimigo. Tudo era desolação, miseria, gemidos, e pranto.

Vos tendes em fim recobrado vossa independencia. Vossos privilegios, vossa liberdade: mas para conservar estes preciosos dons do Ceo, que novos, e grandes sacrificios não são inda necessarios!

Que aquelles, que tem a authoridade, inspirem aos Povos entregues aos seus cuidados, este nobre enthusiasmo pela liberdade, e independencia; este amor da Religião, e da Patria; este generoso desprezo pelas commodidades, pelo interesse, e lucro; unicas virtudes, que podem conduzir, e elevar a alma a emprezas heroicas.

Reunamo-nos aos numerosos campioens, que estão em armas na Peninsula. União, e actividade—taes são os unicos meios de salvar a Patria.

CARTAS INTERCEPTADAS!

I. CARTA

Do General de Divizaõ Conde Broisarte a S. M. o Rey Joseph, em Madrid.

Sire,

Eu tenho a honra de informar V. M. que cheguei a Victoria no dia 2 de Agosto, tendo partido de Bayona a 23 do mez ultimo, em consequencia de huma ordem de S. M. o Imperador, que me prescrevia entrar em Hespanha com a divizaõ de 5,300 homens, que eu commando. Parti no mesmo dia de Victoria, e á manhã me porei em marcha para Burgos, o que hoje não faço por ter chegado mui tarde.

Eu estou encarregado de huma carta do Imperador, para V. M. que remetto com este despacho. Mando huma, e outra por meo Ajudante de Campo o Coronel Selit, não me permittindo as ordens que recebi ir eu mesmo a Madrid para fazer os meos deveres a V. M.

Eu devo taobem dar conta a V. M. que minha divizaõ foi acompanhada na passagem dos Pyreneos

por 700 homens commandados pelo Coronel Cottinier, que, segundo suas instrucçoens hia a Pamplona para cooperar com o exercito do meio dia.

Eu tenho a honra, &c.

(Assignado) BROISARTE General de Divizaõ.

Miranda do Ebro 5 de Agosto, de 1811.

II. CARTA

Napoleão a Joseph.

Caro Irmaõ.

Naõ me he possivel actualmente mandar-vos todos os reforços, que pediz; mas eu tenho ordenado que muitas divizoens marchassem para os fronteiras de Portugal, e que huma divizaõ fosse para Madrid onde deve ficar á vossa dispozicaõ, conhecendo eu bem quantas difficuldades tendes que rencer.

Eu confiei esta carta ao General Conde Broisarte, que vo-la transmittira o mais breve possivel, tendo elle mesmo recebido ordem de ir para Valladolid, onde chegará antes do meio de Agosto. Elle sera seguido por outras tropas; mas neste momento eu não posso com segurança mandar-vos aquellas, que ha longo tempo estaõ postadas nas partes Septentrionaes de meu Imperio. Logo que as coizas estiverem arrançadas de maneira que o possa fazer, seraõ enviados novos reforços.

Vosso affeiçoado Irmaõ.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Pariz, 18 de Julho, de 1811.

NOTA

Dirigida pelo Sr. D. Henrique Wellesley, Ministro de Inglaterra, ao Ex.^{mo}. Sr. D. Eusebio de Bardaxi e Azara, primo Secretario de Estado.

Cadix 5 de Agosto de 1811.

Ex.^{mo}. Snr.

TENHO-ME abtido até agora de chamar a attenção do Governo Hespanhol sobre os rumores e escritos, que de algum tempo a esta parte tem corrido em Cadix, na persuasão de que a miuha moderação produziria o effeito de desarmar quantos se tivessem proposto debilitar os vinculos de amizade e confiança, que tão felizmente e com tantas vantagens para a causa tem subsistido até agora entre a Grã-Bretanha e Hespanha. Porém tanto os escritos que se tem publicado, como os rumores que tem corrido relativos aos nossos designiõs, tem chegado ultimamente a ser tão injuriosos ao bom nome, e credito Britanicos, e tão a proposito para promover os interesses do inimigo, e semear discordias entre as Nações Alliadas, que eu faltaria ás obrigações do meu cargo, e a todos os sentimentos de hum Inglez ancioso pelo feliz exito desta gloriosa e interessante causa, se inda olhasse com indifferença as injustas e mal fundadas calumnias, que diariamente se accumulão contra a minha Patria.

Para dar hum exemplo dos termos em que estão concebidas estas asserções, que procedem, segundo penso, de certa classe de pessoas, julgo sufficiente lembrar a V. E. que leia o folheto anexo, no qual se imputaõ ao Soberano, ao seu Governo, e á Nação Britanica intenções destituidas de honra, de justiça, e de boa fé, e inteiramente subversivas de todos os principios, com que a Grã-Bretanha se prestou a auxiliar a causa da Nação Hespanhola. Mas não creia V. E. que as queixas e imputações contidas neste papel sejaõ as unicas, que se proferem contra a conducta da Grã-Bretanha: tem-se procurado além disso suscitar de novo as vozes de que as notas, que apresentei no mez de Março proximo passado, sol-

licitando que as Provincias Hespanholas confinantes com Portugal estivessem debaixo do commando militar de Lord Wellington, não se limitavaõ sómente a este objecto, mas que tambem se pertendia nellas metter Officiaes Inglezes no Exercito Hespanhol, e em huma palavra subtrahi-las da subordinação ás authoridades militares Hespanholas, para que formassem hum Exercito verdadeiramente Britanico. Atribue-se por outra parte ao Governo Britanico o designio de mandar para Cadix hum reforço de tropas sufficiente para se apoderar desta Cidade, e da Ilha, com o fim de conservar a sua posse em nome de S. M. B.

A' vista dos sacrificios que a Grã-Bretanha tem feito em apoio da causa da Hespanha: á vista dos seus repetidos manifestos sobre a politica, que se tem proposto observar a respeito das Colonias Hespanholas, alguns dos quaes se tem publicado na Gazeta da Regencia; á vista da decisiva prova que acaba de dar de suas desinteressadas vistas, offerecendo a sua mediação entre a Hespanha e as Colonias, que tem recusado reconhecer a authoridade da Mãe-Patria: devia eu estar mui distante do menor receio de me ver em a necessidade de refutar imputações taes como as contidas no papel annexo.

Na verdade tem sido necessario que nos achemos em huma situação tão critica, como a em que estamos, reduzidos aos estreitos limites desta Praça, cuja salvação depende da harmonia e boa intelligencia, tao indispensaveis em todos os tempos, mas com especialidade neste critico momento; para me julgar precisado a soffrer a humiliação de ter que vingar a honra da minha Patria atacada, como a vejo, por huns escriptos, cuja maligna tendencia se deixa bem conhecer. Dezejoso pois de conservar sem a menor alteração os sentimentos de mutuo respeito e estimação de que estão igualmente animadas as duas Nações; julgo-me na obrigação de contradizer do modo mais positivo e solemne, em nome de S. M. B. e no do seu Governo, e no de toda a Nação Britanica, toda a imputação de vistas de engrandecimento, e aquisição de territorio, ou propriedade, tanto na Europa, como na America, á custa da Nação Hespanhola.

Com igual segurança nego que haja fundamento algum para a interpretação, que se tem dado ás minhas notas, que apresentei no mez de Março proximo passado, dirigidas a que as Provincias Hespanholas confinantes com Portugal estivessem debaixo do mando temporal de Lord Wellington, sem outro objecto algum mais que o authorisa-lo a tirar daquellas Provincias os recursos militares, que estas lhe podessem subministrar. Asseguro igualmente que nem o meu Soberano, nem o seu Governo tem alguma tenção de se apoderar de Calix; e que se vierem a esta Praça alguns reforços de tropas, será unica e exclusivamente com o fim de contribuir para a defensão desta importante posição, e para a conservar á Côroa de Hespanha. Repito ultimamente o que em outras muitas occasiões tenho feito presente a V. E., que a Grã-Bretanha, quando tomou parte nesta contenda, não teve outras vistas senão as de auxiliar os gloriosos esforços da Nação Hespanhola para conseguir a sua liberdade e independencia; e que persiste nellas sem idéa alguma do seu proprio engrandecimento, nem de alguma vantagem exclusiva, que possa tirar das tristes e apertadas circumstancias a que a Nação Hespanhola se acha reduzida, mas tão sómente com o objecto de concorrer para a expulsão do inimigo, e para o restabelecimento da integridade e independencia da Monarchia Hespanhola.

Em conclusão, Ex^{mo}. Sr., supplico encarecidamente a V. E. que se sirva fazer presente, o mais breve que for possível, esta Nota ao Conselho de Regencia, e me julgo na precizaõ de exigir do Governo Hespanhol, que lhe dê toda a publicidade que he conveniente, para precaver as serias consequencias, que forçosamente resultariaõ, se a Nação Hespanhola chegasse a conceber das intenções da Grã-Bretanha as injuriosas suspeitas, que se propõem inspirar os rumores, e escritos espalhados com esse fim por esta Cidade.

Tenho a honra de reiterar a V. E. a segurança da minha distincta consideração.

(Assignado)

HENRIQUE WELLESLEY.

Ex^{mo}. Sr. D. Eusebio de Bardaxi e Azara.

RESPOSTA.

“Senhor: sem perda de tempo apresentei ao Conselho de Regencia a Nota, que V. S. foi servido dirigir-me a 5 do corrente, com hum exemplar annexo de hum folheto, que se imprimio, e publicou ultimamente nesta Cidade. Inteirado S. A. de quanto V. S. tem a bem fazer presente por este motivo á cerca dos rumores maliciosos, que se espalhão com estudo, ha algum tempo a esta parte, me ordenou que lhe segure antes de tudo que, julgando-se tão interessado como V. S. mesmo em desacreditar todas as vozes e escriptos, que possam offender na menor cousa o respeito e decoro devidos a S. M. B., ao seu Governo, e á Nação Ingleza, se apressará com muita satisfção a publicar a Nota de V. S. e esta resposta; bem persuadido de que a sua publicação não poderá deixar de desenganar os incautos, que se tiverem deixado seduzir por alguns, que parece tem contrahido o empenho de destruir a amizade e confiança, que felizmente e sem a menor interrupção subsiste entre as duas Nações Alliadas, e sem a qual não podia haver uniaõ, nem concordia entre os seus Governos respectivos.

Pelo que respeita ás imputações, a que V. S. se refere na sua Nota, considerando-as como injuriosas tanto ao seu augusto Soberano, quanto ao Governo, e á Nação Britanica, não podem certamente attribuir-se á generalidade dos habitantes de Cadix, deste antemural da independencia Hespanhola, nem menos á Nação em geral, que tantas provas tem dado do muito que agradece o generoso auxilio da Grã-Bretanha. De maneira que só poderaõ ter a sua origem na imaginação de alguns individuos, que influidos pelo inimigo, ou levados do prurido de se singularisarem em suas opiniões e escriptos, aspiraõ a huma celebridade efemera, sacrificando a ella os mais sagrados interesses da Patria, que não conhecem, ou pospoem aos seus.

Por fortuna o número das pessoas empenhadas em introduzir a desconfiança entre as duas Nações

Alliadas he muito limitado, e tão inferior ao das que apreciação em summo grão os generosos esforços da Grã-Bretanha na presente luta, que jámais poderão conseguir o fim que se tem proposto; antes pelo contrario, descoberto huma vez o artificio, que empregão os inimigos para semear a discordia, e conhecidos os instrumentos de que se valem, serão estes envoltos com aquelles na execração dos bons Hespanhoes, que sem disputa são a maior parte dos que compõem esta vasta Monarchia.

Nada prova tanto o que fica exposto, como a injuriosa suspeita, que encerraõ as vozes e rumores espalhados á cerca da pertendida occupação de Cadix pelas tropas de S. M. B. cuja especie se tem esmerado em divulgar os Francezes desde o primeiro dia, que se apresentáraõ á vista desta Praça, com o fim de introduzir nella a discordia, e de infundir a desconfiança no animo dos seus moradores. Conhecido pois o objecto desta impostura, não será difficil qualificar as vistas dos que gostãõ de espalha-la, e dar-le credito; porém o publico ao lêr as terminantes expressões de V. S. ácerca deste ponto, e bem persuadido de antemaõ que os dois Governos não podem deixar de concordar em quanto ao número de tropas, que julguem necessario para a defenza de tão importante posição, descansará tranquillo na confiança que deve inspirar-lhe o Governo, e na boa fé do Gabinete Britanico.

O mesmo Conselho de Regencia mais de huma vez tem sido o alvo de imputações mais ou menos calumniosas, tanto de palavras, como por escrito; porém seguro do seu recto modo de obrar, e de que ninguem poderá tacha-lo com fundamento da menor cousa que se opponha ao seu decoro, e á dignidade da sua representação, está mui satisfeito de que tem em seu apoio a opinião dos bons.

Em consequencia disto, me encarregou S. A. que manifeste a V. S., que tanto a Nação Hespanhola, como o seu Governo, longe de dar ouvidos ás especies insidiosas, que o inimigo commum procura semear continuamente para quebrar os estreitos laços, que unem as duas potencias, se achãõ intimamente con-

vencidos de que só os esforços combinados de huma e outra podem pôr glorioso remate á ardua empreza, a que se propozeraõ; e pela mesma razão estão mui penetrados do justo reconhecimento que devem á Grã-Bretanha pelo vivo interesse, com que desde o principio do guerra tem protegido e auxiliado a Hespanha na defesa do seu Rei, e da sua independencia politica. As expressões contidas nesta resposta, e a sincera protestaçaõ de que o Conselho de Regencia dezeja ardentemente, como V. S. não ignora, estreitar cada dia mais as relações de amizade e confiança reciproca entre ambas as Nações, serão sem dúvida bastantes para tranquillizar a inquietação, que momentaneamente tenhaõ podido excitar no animo de V. S. os rumores e escriptos, que tem dado occasiaõ á sua Nota; e lisongeo-me de que se segurarão ao mesmo tempo a continuacaõ dos auxilios, que a penosa situaçaõ da Hespanha faz taõ indispensaveis para concluir felizmente a heroica luta, em que se vé empenhada, e cujo exito ha de ser necessariamente favoravel, mediante os esforços reunidos das duas Nações Alliadas.

Reitero a V. S. por este motivo o meu apreço e consideração. Deos guarde a V. S. muitos annos. Cadix 7 de Agosto de 1811. B. L. M. de V. S. seu mais attento e seguro servidor. Eusebio de Bardaxi e Azara. Sr. Ministro de Inglaterra.

DECRETO DAS CORTES.

Sobre a mediaçaõ da Grã-Bretanha entre o Governo Hespanhol e as Provincias dissidentes da America em 19 de Junho em huã sessaõ Secreta.

Dis-se que as Cortes decretaraõ sobre este assumpto.

1. Que se admitta a mediaçaõ que offerece a Grã-Bretanha para reconciliar as Provincias da America.
2. As bazes indispensaveis devem ser—que estas

reconheção, e jurem obediencia ás Cortes, e ao Governo; e que venhão incorporar-se com os mais Deputados da Nação.

3. Que se suspendão as hostilidades reciprocamente, e que se ponhão em liberdade as pessoas, que estiverem prezas por hum, e outro partido.

4. Que se receberão todas as reclamaçoens que as Provincias dissidentes fizerem, e serão attendidas quanto a justiça permittir.

5. No termo de 8 mezes contados des de o dia em que se principie a negociação com as Provincias, ou antes se for possível, se dará conta ao Governo Hespanhol do Estado em que se achar.

6. Durante esta negociação se permittira á Grã-Bretanha o commerciar com as mesmas Provincias; ficando a cargo das Cortes tratar sobre a participação do commercio com todas as Provincias da America.

7. A negociação deve ficar concluida dentro em quinze mezes.

8. Se no fim deste prazo se não tiver concluido, e verificado aquella negociação, a Grã-Bretanha suspenderá toda a communicação com as provincias dissidentes, e auxiliará a Metropole a fim de as reduzir ao seu dever.

9. Quando o Governo responder á nota do Ministro Inglez, lhe exporá como preambulo as causas que induzem a aceitar a mediação, expôr a salvo seu decoro.

INFORME

Dirigido a S. M. pelo Consulado e Commercio de Cadix sobre os prejuizos do Commercio livre dos Estrangeiros nas Americas Hespanholas.

Senhor,

TEMOS ouvido huma voz terrivel de que V. M. hia conceder o commercio livre aos Estran-

geiros, e com elle sellar a ruina da Nação. O Commercio de Cadiz fallará a V. M. por todo o Commercio Hespanhol em ambos os mundos, bem persuadido, que a generosidade Ingleza, e seu zelo por nossa justa cauza deve affastar aquelle Governo de huma pertensaõ, que a perderia necessariamente, servindo por consequente aos planos de tyranno. Se devemos muitos serviços á Inglaterra, temos outros meios de lhos recompensar; e o commercio tem prezentemente a *Acta* de Navegação dos Inglezes tão favoravel aos seos interesses mercantiz, como distante do interesse dos mais povos. Tem-se tomado o nome dos Americanos para pedir coizas que não dezejaõ. A igualdade de direitos, concedida aos Americanos assim como os não sujeita a todos os males da Peninsula, tão pouco exige os mesmos gosos. Por ventura tem-se culpado os Americanos por não acudirem com suas pessoas á guerra da Peninsula? E sem embargo disso são iguaes aos que habitaõ a Hespanha: porem a igualdade não he de hum modo absoluto, mas sim proporcional ás circunstancias particulares. Se os Hespanhoes Europeos tinhaõ a exclusiva de seos generos relativamente aos Americanos, taobem estes a tinhaõ relativamente aos primeiros na venda de seos fructos, apezar do preço mais justo, e moderado com que podiamos obte-los nas colonias estrangeiras. Não; não são tantas, como se suppoem, as vantaajaens que a Hespanha tira da America. Com o commercio livre da America se arruinariaõ todas as nossas fabricas, incapazes de competir com as Estrangeiras; e se hoje as não temos, devemos cuidar seriamente nesta ponderosa medida para o futuro. Taobem se arruinaria nossa Marinha, porque muito menos pode competir com a estrangeira, e em proporção se augmentaria esta com os nossos despojos. E que utilidade se seguiria á America? Arruinar-se hiaõ menos suas fabricas que em a nova Hespanha provem a 5 milhoens de pessoas dos seis que compoem sua população? Depois estando tão inclinada a ballança mercantil contra a America, não sahiria toda a sua prata, e oiro para o estrangeiro? Dissemos que eraõ devidas recompensas a nossos alliados os Inglezes. Abraõ-se nossos portos da Europa a todas as suas manufacturas,

e risque-se do nosso Diccionario as palavras *commercio illicito*. Deste modo poderá tirar hum grande bem, sem cauzar nossa ruina. Senhor, he preciso manter estreitas relaçoens com nossos irmaons da America, se havemos de conserva-los; e não ha hum meio mais seguro, que este commercio reciproco de interesses, em que os Estrangeiros não entraõ. Senhor, V. M. tem em suas maons a sorte da Nação, e vai a decidi-la com a determinação que tomar sobre este importantissimo negocio.

CADIZ.

No dia 18 de Agosto foi apresentado ás Cortes o Projecto de Constituiçãõ; e nesse mesmo dia se principiou a discutir cada hum dos seus Artigos. Logo que ella esteja approvada pelas mesmas Cortes, nós a apresentaremos aos nossos Leitõres; contentandonos por agora com dar hum rezumo do subredito Projecto tal, qual foi apresentado pela Commissãõ encarregada deste arduo, e importantissimo trabalho. O Projecto he precedido de hum bello, e erudito discurso, que merece bem ser lido, e meditado. Eis aqui os pontos principaes daquella Constituiçãõ.

A Hespanha he dos Hespanhoes, e não patrimonio de alguma familia—a Nação he só quem pode estabelecer Leis fundamentaes—a Religiaõ Catholica, Apostolica Romana sem mistura de outra alguma, he a unica que a Nação professa, e professará—seu Governo he de huma Monarquia Hereditaria—as Cortes farãõ as Leis, e o Rey as fará executar—sãõ cidadãos os filhos de Hespanhoes, e os estrangeiros cazados com Hespanholas, ou vindos com cabedaes a comnaturalizar-se, incorporar-se no Commercio, ou ensinar alguma arte util—só os Cidadãos poderaõ obter empregos municipaes—perde-se o direito de Cidadãõ, por longa auzencia do Reino, e por ter soffrido penas afflictivas, e infamatorias—a pessoa de El-Rey he inviolavel, e sagrada—tem a faculdade de sancionar as Leis que as Cortes fazem—pode declarar

a guerra, e fazer a paz—nomeará os empregados civis e militares á proposta do Conselho de Estado, dirigirá os assumptos diplomaticos; vigiará sobre a administração dos fundos publicos, não poderá impedir a reunião das Cortes nos cazos assignalados pela Constituição, nem embaraçar suas sessoens, nem suspende-las: e os que o aconselharem que assim o faça, serão tidos, e tratados como traidores—não poderá emprehender viagem, cazar-se, alienar coiza alguma, abdicar a coroa, impôr contribuiçoens, permutar alguma villa, cidade, &c. sem que preceda a permissão das Cortes. O Senhor D. Fernando VII. he declarado pelas Cortes Rey de Hespanha, e por sua morte, seos legitimos descendentes: o Rey he menor ate aos 18 annos completos. O Primogenito do Rey chamar-se-ha Principe de Asturias, e como tal prestará juramento aos 14 annos perante as Cortes de guardar a Constituição, e de ser fiel ao Rey: durante a sua minoridade, se estabelecerá huma Regencia, a qual terá a seu cuidado a educação do Principe conforme ao que dispozerem as Cortes: a Regencia será prezidida pela Rainha May, se a houver, e será composta dos Deputados mais antigos da Deputação permanente das Cortes, que ficará de hum anno para outro, e de dois Conselheiros de Estado pela ordem de sua antiguidade: as Cortes determinarão a renda correspondente para a manutenção do Rey, e sua familia, e igualmente os sitios destinados para seu recreio, &c. Os Infantes podem ser nomeados para todos os empregos, exceptuando os de judicatura, e Deputados em Cortes; e não poderaõ sair do Reino sem permissão destas: haverá oito Secretarios do Despacho, dois delles para as Americas meridional, e Septentrional: serão responsaveis dos negocios de suas attribuiçoens, e seos ordenados serão estabelecidos, e determinados pelas Cortes. Estabelecer-se-ha hum Conselho do Estado composto de quarenta individuos, quatro dos quaes serão Grandes de Hespanha de conhecido merito, e virtude; quatro Ecclesiasticos, entre elles dois Bispos; doze Americanos; e os mais se elegerão entre os mais benemeritos das outras ordens. Os Conselheiros de Estado serão nomeados pelo Rey precedendo a proposta das Cortes—as Cortes

serão convocadas todos os annos no 1 de Março, e durarão só tres mezes, a não serem prorogadas as suas sessoens ou a rogos do Rey, ou por cauza de muita urgencia; mas esta prorogação não poderá exceder a hum mez — determina a maneira de eleger Deputados para as Cortes — por cada setenta mil almas se elegera hum Deputado, o Rey fará a abertura das Cortes, ou em seu nome o Presidente da Deputação que deverá ficar permanente para velar sobre o cumprimento da Constituição da Monarquia Hespanhola. Taes são os principaes artigos da Constituição. Possa ella regenerar a brava e infeliz Nação Hespanhola! Possa ella fazer raiar em breve sobre os valorozos Hespanhoes seos antigos dias de gloria!

MURCIA, 17 de Agosto.

O total do Exercito chegou aqui na sua retirada. A 9, depois da chegada de Soult com 8,000 homens, fomos atacados em dois pontos differentes ao mesmo tempo. Hum destes era defendido pelo General Freire, e com tanta destreza, e bravura, que destróu completamente o inimigo. Não aconteceu assim no outro ponto, pela auzencia da Divizaõ do General Quadra, composta de 6,000 e 3,000 das tropas da expedição, que deviao estar neste posto, conforme hum previo arranjo que se tinha feito. Rompeo-se a linha, e conguintemente as Guardas Hespanholas, e Vallonas, o Regimento da Patria, e os caçadores se viraõ sem proteccaõ, e apoio; e desgraçadamente a maior parte foraõ victimas, depois da mais heroica resistencia. A sua perda foi maior por falta de Cavallaria, e artilharia, que estavaõ com o General Quadra. Não pode a penna descrever os feitos de valor executados pelo General Freire, e pelas tropas do seu commando; e deve-se áquelle General o maior louvor pela destra retirada, que fez, de 37 legoas, sem perder hum só homem, nem o mais insignificante instrumento bellico nas desavantajozas circumstancias da sua situacaõ, sendo inteiramente cortado pelo inimigo. Se o General Quadra tivesse tomado a sua pozicaõ neste dia, elle seria hum dos mais gloriozos para a Nação. O inimigo está presentemente a tres legoas da outra parte do Lorca.

PORTUGAL.

LISBOA.

Assentos tomados em Meza Grande na Supplicação aos 23 de Julho de 1811, estando presente o Senhor João Antonio Salter de Mendonça, servindo de Regedor.

I.

A os vinte e tres de Julho de mil oitocentos e onze, em Meza grande, estando presente o Senhor João Antonio Salter de Mendonça, do Conselho do Principe Regente Nosso Senhor, Secretario do Governo destes Reinos, Desembargador do Paço, e Procurador da Coroa, que serve de Regedor, por elle foi proposto que, sendo frequentes os clamores dos Proprietarios, que se vêm privados da livre disposição das suas Casas, pela má intelligencia que alguns Julgadores dão ás Ordenações, Livro quarto, Titulos 23 e 24, e abuso que dellas se faz no Fôro, onde porisso durão annos as Causas de despejo, conservados os Inquillinos despedidos, contra a fôrma das ditas Ordenações, que prohibem expressamente a retenção, e morada da Casa alheia contra vontade de seu Dono, a quem authorisão para mandar expulsar os Inquillinos pelo Alcaide, e ainda durante o tempo do arrendamento, nos casos nellas expressos; e por isso se faz necessario remover todas as dúvidas, e embaraços que obstão á devida execução das mesmas Leis, pelo meio que parecer mais adequado, e conveniente á sua devida e inteira observancia: e por pluralidade de votos, pelos Desembargadores abaixo assignados, foi assentado que, requerendo os Senhorios despejo dos seus Inquillinos nos termos das sobre-ditas Ord. Liv. IV. Tit. 23. §. 1. e Tit. 24. no principio, qualquer vista que estes pedirem, só deve ser concedida, sem suspensão, excepto, quanto á primeira referida Ordenação, nos dous unicos casos de bemfeitorias provadas em conti-

nente, e feitas com expresso consentimento do Senhorio; e de aposentadoria legitimamente concedida; pois deste modo ficão acautelados os abusos, que a praxe tem introduzido: para o que se tomou este Assento, que o dito Senhor assignou com os Desembargadores, que nelle votáráo. Como Regedor, Salter. Fonseca Coutinho. Doutor Guião. Mattos. Costa Pinto. Borges e Silva. Teixeira Homem. Saraiva do Amaral. Teixeira. Doutor Faria. Pereira de Barros. Rocha. Pereira. Alvares. Veiga. Tavares de Sequeira. Doutor Sousa Sampaio. Bandeira. Silvá. Sarmento.

II.

A os vinte e tres de Julho de mil oitocentos e onze, em Meza grande, estando presente o Senhor João Antonio Salter de Mendocça, do Conselho do Principe Regente Nosso Senhor, Secretario do Governo destes Reinos, Desembargador do Paço, e Procurador da Coroa, que serve de Regedor, por elle foi proposto que, havendo alguma dúvida, se para estabelecer a competencia do Juizo privativo dos Privilegiados da Conservatoria do Commercio, bastava a qualidade de Negociante matriculado; e se por Mercadores de retalho, na fórma do §. 4. do Alvará de 16 de Dezembro de 1771, se intendem, para o mesmo fim da competencia do Juizo, sómente os Deputados da Meza do Bem Commum, ou se são comprehendidos todos os Mercadores, de que se organizou a dita Meza: e por quasi uniformidade de votos foi assentado, que como a materia era de privilegio, se não devia estender a mais do que áquelles, que expressamente se achão contemplados nas respectivas Leis, que não devem ser intendidas além das materias de que tratao, e fez o objecto das suas decisões; porque se os Negociantes simplesmente matriculados não erao privilegiados genericamente, menos se podem dizer os Mercadores de retalho: e para não vir mais em dúvida, se tomou este Assento, que vai assignado pelo dito Senhor, com os Desembargadores que nelle votáráo. Como Regedor, Salter. Fonseca Coutinho. Doutor Guião. Mattos. Costa Pinto. Borges e Silva. Teixeira Homem. Saraiva do Amaral. Teixeira. Doutor Faria. Pereira de Barros. Rocha. Pereira. Alvares. Veiga. Tavares de Sequeira. Doutor Sousa Sampaio, Bandeira. Silva. Sarmento.

III.

A os vinte e tres de Julho de mil oitocentos e onze, em Meza grande, estando presente o Senhor João Antonio Salter de Mendocça, do Conselho do Principe Regente Nosso Senhor, Secretario do Governo destes Reinos, Desembargador do Paço, e Procurador da Coroa, que serve de Regedor, por elle foi proposto que, havendo variedade de julgar quando algum Devedor, a quem alguns Crédores tinham concedido inducias, sem rebate, pedia vista da Sentença, que outro qualquer Crédor, que não tinha accedido, ou assignado o compromisso, pertendia executar contra elle, para vir com embargos, fundados no dito compromisso; se para obter a dita vista, devia primeiro segurar o Juizo, na fórma das Ordenações Liv. III. Tit. 86, e 87, ou se lhe devia dar sem segurança do Juizo, para não prejudicar aos Crédores, que tinham accedido; e por pluralidade de votos foi assentado que devia segurar o Juizo, na fórma expressada nas sobreditas Ordenações; porque os Crédores que accederao e assignarao, fizerao hum acto voluntario, pelo qual o que não assignou, não está obrigado, em quanto o não for pelo Juiz, a acceder ao acôrdo dos mais; pois o julgado se não deve suspender pelo duvidoso, e que ainda se ha de julgar; e para não vir mais em dúvida, se tomou este Assento, que vai assignado pelo sobredito Senhor, com os Desembargadores que nelle votarao. Como Regedor, Salter. Fonseca Coutinho. Doutor Guiao. Mattos. Costa Pinto. Borges e Silva. Teixeira Homem. Saraiva do Amaral. Teixeira. Doutor Faria. Pereira de Barros. Rocha. Pereira. Alvares. Veiga. Tavares de Sequeira. Doutor Sousa Sampaio. Bandeira. Silva. Sarmento.

IV

A os vinte e tres de Julho de mil oitocentos e onze, em Meza grande, estando presente o Senhor João Antonio Salter de Mendocça, do Conselho do Principe Regente Nosso Senhor, Secretario do Governo destes Reinos, Desembargador do Paço, e Procurador da Coroa, que serve de Regedor, por elle foi proposto que, havendo variedade de julgar sobre os Testamentos feitos na fórma da Ordenação, Liv. IV. Tit. 80, §. 1. os quaes, sendo escritos por algum Tabelliao, este podia ser o mesmo que depois o approvasse, escreyendo o acto legal da sua approvaço, ou se ficava nullo por ser a mesma pessoa, praticando dous

actos, hum como Pessoa pública, outro como Particular: E por pluralidade de votos foi assentado, pelos Ministros abaixo assignados, que não tinhão nullidade alguma, proveniente desta Causa, quaesquer Testamentos escritos na forma da Lei, por qualquer Tabellião, e depois approvado pelo mesmo; porque, não havendo Ordenação que o prohiba, o que a Lei não distingue, nós não devemos distinguir, irrogando nullidades nos actos, que as não tem; E vara não vir mais em dúvida, se tomou este Assento, que assignou o dito Senhor com os Desembargadores que nelle votáráo. Como Regedor, Salter. Fonseca Coutinho. Doutor Guiao. Mattos. Costa Pinto. Borges e Silva. Teixeira Homem. Saraiva do Amaral. Teixeira. Doutor Faria. Pereira de Barros. Rocha. Pereira. Alvares. Veiga. Tavares de Sequeira. Doutor Sousa Sampaio. Bandeira. Silva. Sarmento.

 AVIZO.

Illustris, e Excellentis. Snr.

O PRINCIPE Regente N. S. manda remetter á Real Junta da Fazenda da Marinha a Cópia inclusa da Portaria de 27 do corrente, que authoriza o Tenente Coronel do Real Corpo de Engenheiros Duarte José Fava, para mandar fazer córtes de Lenhas em todos os Pinhaes e Matas da Coroa. O que V. Exc. fará presente em Junta, para que se expessão logo as ordens necessarias. Deos guarde a V. Exc. Palacio do Governo em 28 de Junho de 1811. D. Miguel Pereira Forjaz. Senhor Almirante Berkeley.

COPIA DA PORTARIA ACIMA MENCIONADA.

Tendo mostrado a experiencia o quanto o Artigo de Lenhas he dispendioso em muitas Repartições, principalmente nas do Arsenal Real da Marinha, nas do Arsenal Real do Exercito, na dos Hospitaes Militares, na dos Assentos, na da Inspeção dos Quarteis, e em outras; e isto ao mesmo tempo, em que pertencentes á Coroa existem Pinhaes, e Matas, onde se podem fazer córtes e tirar grandes provimentos, sem que soffráo estragos; e sendo presente a S. A. R. a maneira porque o Tenente Coronel do Real Corpo de Engenheiros Duarte José Fava, tem até agora

desempenhado as Commissões de que tem sido encarregado, mostrando todo o zelo pelo bem do Serviço, e economia da Real Fazenda: He por tanto o Principe Regente N. S. servido authorizar o dito Tenente Coronel para mandar fazer córtes de Lenhas em todos os Pinhaes, e Matas da Coroa, e formar dellas Depositos nos sitios que julgar mais proprios, para delles fornecer ás differentes Repartições as quantidades que lhes forem indispensaveis; intendendo-se para este effeito com o Chefe de cada huma dellas, e satisfazendo as suas Requições debaixo das clarezas precisas, a fim de poder responder onde S. A. R. Houver por bem: He outro sim o Mesmo Senhor servido Determinar que a despeza, que se houver de fazer com os córtes, e conducões das mesmas Lenhas, seja abonada pela Thesouraria Geral das Tropas do Centro, por huma consignaçoẽ mensal regulada pela Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra á vista das Representações do dito Tenente Coronel, o qual deverá apresentar na mesma Secretaria de Estado os Mappas, tanto de Receita e Despeza dos dinheiros, como da entrada e sahida das Lenhas dos differentes Depositos; especificando as quantidades fornecidas ás differentes Repartições, e o valor por que sahirão á Fazenda Real. O Secretario do Governo Encarregado das Repartições dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha fica authorizado para fazer executar pelas competentes Authoridades tudo o que acima se determina, e para fazer expedir as ordens relativas aos detalhes que se julgarem convenientes Palacio do Governo em 27 de Junho de 1811.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha 28 de Junho de 1811.

JOAO FILIPPE DA FONSECA.

PORTARIA.

Tendo o Principe Regente Nosso Senhor conhecido a indispensavel necessidade de prorogar a Contribuiçãõ extraordinaria de defenza, pelo presente anno, e por todo o mais tempo que durar a guerra actual; pois que nem a independencia da Nação pôde manter-se sem grandes Exercitos, nem estes se podem conservar, e pôr em actividade sem sacrificios, que por mais pezados que possaõ parecer, serao amplamente recompensados no momento, em que a

Providencia Divina der hum remate feliz á gloriosa empreza, que tao visivelmente tem protegido: Foi Sua Alteza Real servido, por Portaria de dez de Abril do presente anno, estabelecer as mudanças, que para o futuro se devem observar no Lançamento, e Arrecadação da parte da mesma Contribuição, que pertence aos rendimentos Ecclesiasticos, e aos das Commendas, e bens da Corôa. E passando a regular todos os outros ramos da dita Contribuição, de maneira que se combine o seu maior rendimento com a igualdade, facilidade, e suavidade possiveis, na distribuição, e cobrança della: He outro sim o Mesmo Senhor servido Ordenar o seguinte:

I. Todos os Offícios, e Empregos, que devem pagar Decima ordinaria pelo Maneio, assim como os redditos dos dinheiros dados a juro, pagarão duas decimas em lugar de huma.

II. O Corpo do Commercio, e Capitalistas, em lugar da côta com que contribuirão nos dois annos, antecedentes, ficarão pagando duas decimas dos seus lucros, e interesses annuaes, exclusive os redditos do Artigo precedente, de que mostrarem pago o duplo do Maneio; e o mesmo pagarão todas as Pessoas de qualquer estado, sexo, ou condição que sejam, que fazem o negocio de cambios, seguros, commissoens, e mercadorias, ou outro algum, que se não possa entender de retalho; os Rendeiros de quaesquer Contratos Reaes, ou Particulares; os Despachantes das Alfandegas: os Corretores, e Agentes de Letras de Cambio, fretamentos, seguros, e de compras e vendas; e bem assim todos os Commissarios, Agentes, ou Feitores, que por conta alheia compraõ lãs, frutas, vinhos, ou outros generos nas terras interiores do Reino.

III. As Lojas, e Casas declaradas no Mappa junto, pagarão em cada anno as quantias que lhe forem arbitradas, com attenção á maior, ou menor extensão do seu tráfego, e agencia.

IV. As Decimas, e Novos Impostos dos Predios Urbanos, e Rusticos, Criados, e Cavalgadas; os Terços dos Concelhos, e Camaras; as rendas das Tabernas; a suspensao das liberdades, e lealdamentos nas Alfandegas; e os descontos das Decimas nos Ordenados, Juros, e Tenças, &c. continuarão pela fôrma estabelecida na Portaria de dez de Agosto de 1810, que lhes fica servindo de regra, em tudo o que por esta, e pelas de dez de Abril, e vinte e sete de Maio do presente anno se não achar alterado: ficando entendido que a arrecadação do Terço das Ordens Terceiras, Confrarias, Irmandades, &c. assim como a de huma Decima extraordinaria das Casas de Misericordia, se devem fazer da mesma

sorte que a do Terço dos Bens, e Capellas da Corôa, pelos Superintendentes, e Ministros respectivos, como até agora.

V. Os lançamentos de todos os ditos Impostos se remetterão impreterivelmente ás Estações competentes, até ao fim de Maio de cada anno; e os Contribuintes pagarão a collecta que lhes tocar, metade até ao fim de Agosto, e a outra metade até ao fim de Fevereiro do anno seguinte; fazendo-se incessantemente as remessas do seu producto para o Real Erario, pela maneira que se acha estabelecida.

VI. A Contribuição da industria commercial será arrecadada pelos Superintendentes da Decima de todo o Reino, cada hum nos seus respectivos Districtos, por meio de Louvados intelligentes, e imparciaes, e com as solemnidades da Lei; remettendo-se os lançamentos, não só ao Real Erario, mas tambem á Real Junta do Commercio, a quem incumbe fiscalisa-los, examinar se falta algum Contribuinte, e até impôr aos mesmos Louvados a pena de pagarem o dobro das sommas, em que fraudarem, ou lesarem a Real Fazenda, e ainda mesmo os proprios Collectados.

VII. A' Meza do Bem Commum dos Mercadores fica pertencendo nesta Cidade o lançamento, cobrança, e remessa da Contribuição, pelo que respeita ao tráfego das cinco Classes da sua Intendencia; assistindo, e presidindo ás suas Sessões o Juiz Conservador da Junta do Commercio: ao Intendente Geral da Policia as mais Lojas de Lisboa, e seu Termo, especificadas no Mappa; e aos Superintendentes, e respectivos Ministros Territoriaes, as das outras Terras, e Provincias do Reino; effectuando-se a remessa dos Lançamentos, e seu producto na fórma, e tempos indicados nos Artigos antecedentes.

VIII. Por não terem já lugar no corrente anno os prazos fixos para a remessa dos Lançamentos, e producto da presente Contribuição, se ampliao por esta vez os mesmos prazos, para que a dita remessa dos Lançamentos se possa fazer até ao dia trinta e hum de Outubro proximo futuro, e o pagamento dos Contribuintes até ao fim de Novembro, quanto ao primeiro Semestre deste anno; e até ao ultimo de Março de 1812, quanto ao segundo, sem que isto sirva de exemplo para os annos seguintes.

E esta Portaria se cumprirá sem embargo algum pelas Authoridades, e Pessoas a quem toca. Palacio do Governo em trinta e hum de Julho de mil oitocentos e onze.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Mappa da Contribuição Extraordinaria, que deverão pagar do anno de 1811, por diante, em quanto durar a guerra, metade até ao fim de Agosto, e outra metade até ao fim de Fevereiro do seguinte anno, as Lojas e Casas abaixo declaradas.

Lojas das cinco classes, de que se compoe a Meza do Bem Commum de Lisboa - - - - -	14,400 até 120,000		
De Bacalhão nos Pórtos aonde costumão entrar navios com este genero	20,000 até 100,000	4,800 até 40,000	Nas outras Terras.
De Ferragem, no Porto -	14,400 até 40,000	4,800 até 20,000	
De Fazendas de lá, e seda, no Porto - - - - -	14,400 até 100,000	4,800 até 40,000	
De Capella, no Porto - -	9,600 até 40,000	4,800 até 30,000	
De Merceria em Lisboa, e Porto - - - - -	19,200 até 80,000	9,600 até 40,000	
Lojas, Tabernas, ou Armazães de Vinho - - -	4,800 até 80,000	2,400 até 40,000	
De Bebidas, Licores, e similhantes, em Lisboa	4,800 até 80,000	2,400 até 40,000	
Casas de Bilhar e de Sortes	9,600 até 40,000	2,400 até 4,800	
Casas de Pasto, Hospedarias, Estalagens, e Pastelaria, em Lisboa -	14,400 até 80,000	6,400 até 40,000	
Casas de Cambio em Lisboa, e Porto - - - -	20,000 até 120,000	2,400 até 20,000	
Padeiros que fabricaõ pão para consumo de Lisboa	9,600 até 40,000		
Para consumo do Porto -	6,400 até 30,000	2,400 até 20,000	
Estanceiros, e Carvoarias em Lisboa - - - - -	14,400 até 80,000	2,400 até 4,800	
Estaleiros em Lisboa -	24,000 até 96,000	4,800 até 9,600	
Lojas não designadas neste Mappa, em Lisboa, e Porto - - - - -	2,400 até 40,000	2,400 até 9,600	
Tendas em Lisboa, e Porto	2,400 até 9,600	2,000 até 6,400	

Palacio do Governo em 31 de Julho de 1811.

JOÃO ANTONIO SALTER DE MENDOÇA.

PORTARIA.

Devendo perpetuar-se a memoria da generosidade, com que huma grande parte dos Vassallos de Sua Magestade Britanica, e os mesmos Portuguezes estabelecidos no Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, taõ espontaneamente se prestárao a formar huma subscrição para auxilio dos infelizes Portuguezes, que nas suas pessoas e bens foraõ victimas da ferocidade das tropas Francezas nas Provincias por elles invadidas, roubadas e assoladas: Manda o Principe Regente Nosso Senhor que, á medida que vierem chegando as relaçoens com os nomes e quotas dos Subscriptores, sejaõ immediatamente traduzidas e impressas na Impressão Regia, remettendo-se exemplares a todas as Camaras das Terras invadidas, os quaes, depois de lidos á Missa Conventual, seraõ conservados nos seus respectivos Cartorios; e para constar nas idades futuras tanto a humanidade, como o agradecimento da outra Nação, Manda outro sim o Mesmo Senhor que os originaes sejaõ guardados no Real Archivo da Torre do Tombo. O Secretario do Governo, Encarregado das Repartições dos Negocios Estrangeiros, Guerra e Marinha, o tenha assim entendido e faça executar com as ordens necessarias. Palacio do Governo em dezeseis de Agosto de mil oitocentos e onze—Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

O NOSSO GOVERNO FEZ EXPEDIR A SEGUINTE

PORTARIA.

Sendo mui conveniente ao bem do Serviço, e Economia da Real Fazenda, que todas as despezas provenientes de Obras Militares, sejaõ de Fortificaçoens, Pontes, Estradas, ou Canaes, se processem de hum modo simples, e de maneira tal, que se possa immediatamente conhecer a distribuição dos fundos destinados, e importancia das Obras concluidas, evitando-se as confusões, e illegalidades, que ordinariamente se observaõ, quando os dinheiros saõ adiantados a Pessoas que não têm conhecimento dos methodos de arrecadação; e sendo da approvação de S. A. R. o systema que actual-

mente se pratica nas Repartições das Obras Públicas, e Inspecção dos Quartéis Militares, pela boa direcção com que o tem estabelecido o Tenente Coronel do Real Corpo d'Engenheiros Duarte José Fava: Por todos estes motivos He o Principe Regente N. S. Servido nomear o dito Tenente Coronel, Intendente Geral, e Fiscal de todas as referidas Obras Militares, continuando na Inspecção dos Quartéis, e em todo o mais Serviço, de que está encarregado; sendo da sua obrigação, e responsabilidade o fornecimento dos Materiaes, Utensilios e Operarios que precisos forem, e o pagamento das respectivas despezas: e para que se possam fazer a tempo competente os Depositos de Materiaes, e regular as consignações es que devem estabelecer-se para o prompto pagamento; Ordena S. A. R., que de todas as Obras a que se proceder, se entreguem ao referido Intendente as Cópias dos orsamentos da despeza, e as declarações do tempo em que convem que estejao concluidas: Ordena outrosim S. A. R. quelem quanto se não organizao Instrukções Geraes, que venhao a servir de Regulamento deste importante objecto, se regule a Escripturação, Mappas, e toda a mais comptabilidade pelo mesmo methodo que actualmente se está praticando nas referidas Repartições: E porque he indispensavel que nos Mappas da despeza se mencione a mão de obra, para servir de termo de comparação entre a despeza, e seu resultado, o mesmo Intendente exigirá do Official, Director de qualquer Obra, todas as vezes que preciso for, a medição da que se fizer em cada dia, semana, ou mez, conforme se julgar mais conveniente; ficando responsavel immediatamente á Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra, por cujo expediente receberá as Ordens a respeito das Obras a que se houver de proceder; não podendo por motivo algum abonar despezas, que lhe não sejaõ determinadas pela mesma Secretaria. Palacio do Governo em 8 d'Agosto de 1811.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

AVIZO.

O Principe Regente Nosso Senhor, conformando-se com o parecer da Commissão nomeada para recebimento dos Donativos applicados ao resgate dos Portuguezes Captivos em Argel: He servido determinar que a extracção da

Loteria, que Sua Alteza Real foi servido conceder a beneficio do sobredito resgate, conforme o plano que a Santa Casa da Misericordia publicou para a que tem de extrahir, como foi determinado por Aviso de 10 do corrente mez, seja extrahida na mesma casa, em que costuma extrahir as suas a mesma Santa Casa da Misericordia, como se ordenou á Meza pelo Aviso da Copia junta.

Que os bilhetes serao assignados de chancellia por dois Membros da sobredita Commissao; que serao, V. M., e Jacinto Fernandes da Costa Bandeira: tendo porém toda a Commissao a responsabilidade desta Loteria.

Que todo o trabalho desta extracção seja presidido todos os dias por dois Membros da Commissao, a dois e dois, na fórma que forao nomeados, á excepção daquelles dias, em que for necessaria á concurrencia de todos. Que a Commissao faça publicar, logo que se conclua a extracção da Loteria da Misericordia, o plano indicado, e cuide na promptificacção dos bilhetes para serem postos á venda, afim de se extrahir a Loteria com toda a brevidade, na conformidade do que está determinado: o que tudo V. m. communicará aos outros Membros da Commissao, para que assim se execute. Deos guarde a V. m. Palacio do Governo em 24 de Julho de 1811.—D. Miguel Pereira Forjaz.—Sr. Francisco Antonio Ferreira.

AVIZO.

Sendo presente ao Principe Regente Nosso Senhor o Officio de V. S. em data de vinte do corrente, em que representa que, havendo na Provincia do Alem-Tejo muitas Carvoarias e sitios, donde se poderiao tirar as lenhas e carvao para o consumo desta Capital, se tornava comtudo difficiloso o abastecimento destes generos da primeira necessidade, tanto por falta de braços para se empregarem no corte das lenhas, e manufactura do carvao, como pela falta de carretas e barcos para sua conducção: Foi Sua Alteza Real servido mandar expedir Ordem ao Tenente General D. Antonio Soares de Noronha, para que os Individuos, que forem indispensaveis, para aquelle serviço, e que se empregarem effectivamente no córte das lenhas, e fabrico do carvao, não sejam tirados para outros objectos; e ao Desembargador, que serve de Intendente Geral da Policia, para facilitar os que forem necessarios para a conducção dos sobreditos generos, tanto por terra, como por mar: O que tudo participio a Vossa S. para sua intelli-

gencia a este respeito. Deos guarde a V. Senhoria: Palacio do Governo em trinta de Julho de mil oitocentos e onze.—D. Miguel Pereira Forjaz.—Senhor Joaõ José de Faria da Costa Abreu Guiaõ.

A Junta estabelecida nesta Cidade a instancia da de Londres, e presidida pelo Consul Geral da Grã-Bretanha para soccorrer os infelices deste Reino, que soffreraõ pela ultima invasão do inimigo, felizmente se lembrou confiar aos Excellentissimos e Reverendissimos Prelados Diocesanos a distribuiçãõ de huma parte dos fundos existentes á sua disposiçãõ para o dito soccorro, na certeza de que a honra, que caracteriza tao Eminentes Pessoas, o Patriotismo, as Virtudes, e a Dignidade Sacerdotal, de que saõ revestidas, assegurariaõ huma distribuiçãõ legal e prompta, segundo as intenções dos Bemfeitores, a necessidade urgente dos Povos, e dos Hospitaes, que imploraõ os mesmos soccorros. Por tanto a mesma Junta, imitando a sua committente de Londres, publica agora as quantias que já foraõ remettidas, e as que estaõ destinadas, e determinadas para serem postas á sua disposiçãõ, assim para consolar os Povos, que ainda devem esperar soccorros, como para a propria satisfiçãõ dos Dignissimos Pastores, que tiveraõ já opportunidade de acudir ás precisões das suas Ovelhas, a saber:

Quantias já remettidas.

		<i>Metal.</i>
1811.		
JUNHO 19.	Guarda, ao Excellentissimo e Reverendissimo Bispo	3,600,000
—	Thomar, ao Excellentissimo e Reverendissimo Prelado	1,200,000
—	Castello Branco, ao Excellent. e Reverend. Bispo	3,600,000
—	Pinhel, ao Excellent. e Reverend. Bispo	3,600,000
—	Coimbra, ao Reverend. Provisor	1,800,000
JULHO 1.	Patriarchado, para os infelices fóra das Linhas de defeza, e dentro junto a ellas, ao Excellent. e Reverend. Patriarcha Eleito	3,000,000
— 12.	Leiria, ao Excellent. e Reverend. Bispo	3,000,000
— 29.	Aveiro, ao Excellent. e Reverend. Bispo	1,000,000

JULHO 29. Lamego, ao Excellent. e Reverend.	
Bispo - - - - -	600,000
AGOST. 17. Viseu, ao Excellent. e Reverend.	
Bispo - - - - -	2,000,000

Expressamente para os Hospitaes.

JULHO 29. Leiria, ao Excellent. e Reverend.	
Bispo - - - - -	1,000,000
_____ Castello-Branco, ao Excellent. e Reverend. Bispo - - - - -	1,000,000
_____ Guarda, ao Excellent. e Reverend. Bispo - - - - -	1,000,000
_____ Santarem, ao Reverendo Vigario Geral - - - - -	400,000
_____ Obidos, ao Reverend. Vigario Geral	400,000
_____ Caldas da Rainha, ao Administ. do mesmo Hospital	1,000,000
_____ Alemquer, ao Senhor Joaquim Pereira d'Almeida, para o Hospital da Caridade - - - - -	400,000
	<hr/>
	28,800,000

Quantias já Destinadas.

Pinhel, para o Excellent. e Reverend. Bispo	1,000,000
Santarem, para o Reverend. Vigario Geral	1,500,000
Obidos, para o Reverend. Vigario Geral -	1,500,000
Guarda, para o Excellent. e Reverend. Bispo	4,400,000
Thomar, para o Excellent. e Reverend. Prelado	1,200,000
Castello-Branco, para o Excellent. e Reverend. Bispo - - - - -	2,000,000
Pinhel, para o Excellent. e Reverend. Bispo (mais) - - - - -	4,400,000
Coimbra, para o Reverend. Provisor	3,000,000
Leiria, para o Excellent. e Reverend. Bispo	4,000,000
Aveiro, para o Excellent. e Reverend. Bispo	1,000,000
Lamego, para o Excellent. e Reverend. Bispo	600,000
Viseu, para o Excellent. e Reverend. Bispo	1,000,000
Alemquer, para o Hospital da Caridade	1,600,000
Crato parte Septentrional, para o Excellent. e Reverend. Arcebispo Eleito, Provisor -	600,000
Para os refugiados das Provincias ultimamente invadidas, e que se achão actualmente em Lisboa sem podem restituir-se aos seus lares	4,000,000
	<hr/>
	31,800,000

Resumo.

Quantias já remettidas	-	28,800,000
Ditas já destinadas	-	31,800,000
Total	-	<u>60,600,000</u>

João Jeffery, Consul Geral da Grã-Bretanha, Presidente.
 Desembargador Thomaz Ignacio de Moraes Sarmiento.
 Desembargador João Pedro Ribeiro.
 João Bell, Agente dos auxilios Britannicos.
 João Diogo Stephens.
 Ricardo Sealy.
 Robert Lucas.
 Diogo Carlos Duff.
 Edmund Power.
 João Gonçalves Marques.

} Negociantes.

Por Ordem
 Carlos Thomás de Querville, Secretario.

EXTRACTO

Da hum Officio de S. Ex^{ca}. o Snr. Marechal General Lord Visconde Wellington, em data de 8 de Agosto de 1811, do seu Quartel General do Sabugal dirigido ao Ex^{mo}. Snr. D. Miguel Pereira Forjaz.

TENHO continuado a mover as tropas sobre a esquerda, degois que dirigi a V. Ex^{ca}. o meu despacho em data do 1. do Corrente.

O General Silveira me dá parte em data de 28 de Julho, deque as tropas de Bessieres, e as do Commando do General Santocildes continuavaõ a manter as pozicoens, que elle havia mencionado na sua parte de 21, que ellas respectivamente occupavaõ.

Sube que huma parte do 5. Corpo ainda permanecia em Zafra no dia 2 do Corrente mez; e que somente huma divizão tinha partido em direcção ao Condado de Niebla.

Todas as participacoens que tenho recebido concordaoẽ em dizer que o Marèchal Soult partira em direcção a Granada.

Recebi huma communicação de Valladolid, mencionando,
 VOL. I. 3 s

que o Marechal Bessieres fôra para Franca, e que o General Dorsenne ficara commandando em o Norte da Hespanha.

O U T R O

Datado do seu Quârtel General de Fuente Guinaldo,
a 14 de Agosto de 1811.

O inimigo não tem feito alguma alteração relativamente á posição que occupavaõ os seus differentes corpos, depois que dirigi a V. Ex^{ca} o meu despacho em data de 8 do corrente. O exercito de Portugal estava nas mesmas posições no Valle do Tejo, e perto de Placencia no dia 12 do corrente. O exercito do Norte, e o 5. corpo existiaõ nas suas a 8 do presente mez.

Parece ser mui certo que o Marechal Soult fora para Granada com hum grande corpo de tropas.

O U T R O

Datado do seu Quartel General de Fuente Guinaldo
em 21 de Agosto de 1811.

NÃO tem o inimigo feito movimento algum de importancia, depois que dirigi a V. Ex^{ca} o meu officio em data de 14. Na tarde daquelle dia hum destacamento inimigo, composto de quasi 200 homens de infantaria e cavallaria, chegou á Gata, villa situada ao Sul das Montanhas, que separa a Castella da Extremadura, e na seguinte manhã surprenderão hum pequeno piquete nosso em S. Martinho de Trivelgo, commandado pelo Tenente Wood do Regimento de Dragões, No 11. que o inimigo aprisionou e a dez Dragões, passando deste lugar na mesma tarde para Moralejo, e na manhã seguinte para Monte Hermozo.

Não tenho sabido que as tropas inimigas existentes em o Norte, e Sul da Peninsula tenhaõ feito movimento algum, depois que dirigi a V. Ex^{ca}, o meu anterior despacho.

CONTINUAÇÃO

437
 Dos donativos a favor do Hospital de Caridade erecto na Villa de Alemquer pelo Corregedor da Commarca Joze Soares de Lobaõ, por meio de subscripçoens, que se continuão a fazer em caza de Joaquim Pereira de Almeida, e Comp^a.

	Reis.
Joaquim Quaresma	6,400
Pedro Antonio da Silva Pedrozo	9,600
Henrique Joze Baptista	10,000
Manoel Rodrigues de Sa. Vianna	2,400
Angelo da Silva Freire	4,800
Miguel Gomes de Almeida	9,600
Francisco Dias Leitao	4,800
Joaquim Pereira da Silva	6,400
Hum Anonimo	10,000
D. Thereza de Sá Brandao, e filho	5,000
Antonio Peres Leal, alem de 40,000 que ja deo	60,000
Anacleto Joze da Silva	6,400
Francisco Joze Brady	4,800
Hum Anonimo	2,400
Bento Joze Alves Norte	2,400
Verissimo Joze dos Santos	4,800
Paulo Rodrigues Martins	4,800
Francisco Antonio	4,800
Andre Diogo Morrogh e C ^a .	9,600
A Junta dos Donativos da Nação Britanica e dos Portuguezes, e alguns Hespanhoes residentes em Inglaterra, a favor dos habitantes das terras invadidas*	400,000
Manoel Bento Dias Ferreira	2,400
Do Producto de algumas vendas applicadas ao Hospital	144,000
	715,400

Joze Joaquim de Castro deo 50 garrafas de Agoa Ingleza.
 Antonio Joze de Souza Pinto deo 12 ditas.

* Parece-nos que o Redactor da Gazeta de Lisboa, ou quem lh' enviou este artigo não devia omitir o additamento que fazemos, e que vai marcado com letras italicas.

LISBOA, 6 de Setembro.

Havendo mostrado a experiencia com quanta regularidade se aprôptaraõ para o sustento do Exercito as quartas, ou sextas partes dos fructos de todos os Celleiros, determinadas na Portaria de 1 de Setembro do anno proximo passado ; não só por se praticar a boa ordem em receber-se os mesmos fructos, dando-se a todos os Proprietarios os titulos legaes, mas tambem pelo exacto pagamento, que se tem feito do valor desses fructos, nos espaços de tempo que tem decorrido, e foraõ determinados para o mesmo pagamento ; evitando assim o vexame de embargos, feitos com acceleraçãõ ; manifestando-se tambem neste artigo os saudaveis effeitos da defeza ; pois que a dos Direitos da Propriedade he a cousa mais apreciavel depois da defeza da Religiaõ, independencia da Monarquia, Honra, e Vida : Manda o Principe Regente N. S. que a respeito dos fructos da colheita do presente anno se proceda na mesma conformidade da sobredita Portaria de 1 de Setembro de 1810, do Aviso de 3, e da Provisãõ de 13 do dito mez e anno, expedida pelo Erario Regio sobre a arrecadaçãõ da Contribuiçãõ de Defeza, quanto a este ponto : executando-se porém as ditas Ordens com as alterações seguintes, que a mesma experiencia, e às actuaes circumstancias mostraõ ser precisas.

I. Por Celleiro pequeno se entenderá o que for de dois moios para menos ; e isto depois de abatidas as quantidades precisas para a sementeira, que faça commummente o Dono do Celleito, e para sustento da sua familia, e do gado da sua lavoura.

II. Ficãõ isentos de todas as Disposições das sobreditas Ordens, todos os Celleiros, em que se recolhem Dizimos, por serem estes obrigados a contribuir com a terça parte dos seus fructos para a Contribuiçãõ de Defeza : e igualmente os Celleiros das Terras, em que nas Provincias da Beira, e Extremadura, persistio o Exercito inimigo no anno passado, e no corrente ; e bem assim os das Terras (comprehendidos os seus Termos) por onde fez passagem o mesmo Exercito, quando hia em retirada : isto em attençãõ aos estragos e cruezas, que elle nas mesmas

Terras praticou. E sómente as Disposições das sobre-ditas Ordens terãõ lugar a respeito dos Lavradores do Riba-Téjo, que neste anno recebêraõ Trigos para sementeira, por empréstimo que se lhes fez dos armazens dos Provimientos do Exercito.

III. Igualmente será isenta a Villa da Chamusca; e tambem aquellas Terras da Fronteira do Alé m. Téjo e as mais alé m do Guadiana, onde tenhaõ tocado, neste anno, Tropas inimigas. Bem entendido, que esta Disposição, e a do artigo proximo precedente, terá lugar só em quanto aos fructos produzidos nos Termos das Terras mencionadas, e não aos conduzidos de outras, quando não sejaõ igualmente isentas. Assim como a obrigarem as circumstancias a tomar para o Exercito alguns fructos das Terras que ficaõ isentas, elles seraõ pagos com a mesma preferéncia que os jornaes.

IV. Não devendo demorar-se estes fructos nos Celleiros, mas conduzir-se para as Feitorias das munhões de boca para o Exercito, antes do Inverno; quando não seja facil a conducção, ou por falta de transportes, ou pela distancia; para evitar que na occasião de passagem de Tropas seja preciso que repentinamente se apromptem mantimentos; os Ministros, ou Justiças Territoriaes faraõ recolher os ditos fructos das quartas, ou sextas partes em algumas casas dentro das Villas; entregando a sua guarda, e conservação ao cuidado de dois homens bons. E esta conducção será feita por parte dos donos dos Celleiros; dando-se-lhes em pagamento della, tanta quantidade dos generos, quanta seja pelo seti valor correspondente ao dessa conducção, não havendo os meios necessarios para se lhes satisfazer logo esta despeza em dinheiro.

O Conde do Redondo, hum dos Governadores destes Reinos, Administrador Geral do Erario Regio, e Presidente da Junta de Direcção Geral dos Provimientos de boca para o Exercito, o tenha assim entendido, e faça executar pela parte que lhe toca, tanto pelo Erario Regio, como pela referida Junta. Palacio do Governo em 16 de Agosto de 1811.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Sendo conveniente, nas circumstancias actuaes, em que as Embarcaçoens do Téjo se devem achar restituídas aos seus respectivos Districtos d'onde se haviaõ extraviado por causa da invasaõ dos inimigos, que huma só Authoridade seja a que detalhe, e mande embargar as que forem necessarias para serviço dos Exercitos, deixando-se todas as mais livres para o serviço Público; e cessando o systema das Cedulas, que tendo sido estabelecido com o fim de evitar a generalidade dos embargos, tem produzido maiores vexames pelo abuso, que dellas se tem feito: Manda o Principe Regente N. S., que o Desembargador Sebastião Xavier Botelho, Inspector Geral dos Transporter, fique só, e privativamente dirigindo os embargos, e fornecimentos dos Barcos, que lhe forem requeridos para serviço dos dois Exercitos; na Conformidade das Instrucções juntas, assignadas por D. Miguel Pereira Forjaz, Secretario do Governo nas Repartições da Guerra, e Marinha; ficando sem effeito as que se mandáraõ observar por Portaria do 1 de Fevereiro do presente anno. Palacio do Governo em 19 de Agosto de 1811.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

INSTRUCÇÕES.

I.

O Inspector Geral dos Transportes tomará exacto conhecimento da existencia de todos os barcos do Téjo, exigindo dos Ministros Territoriaes Listas das Embarcações, pertencentes a cada Porto; das quaes formará hum Mappa geral, que remetterá a Secretaria d'Estado dos Negocios da Guerra até o fim do mez de Setembro.

II.

Os Ministros Territoriaes enviaraõ estas Listas ao Inspector Geral, não só agora, mas em o principio de todos os mezes; e faraõ nellas declarar os numeros

dos barcões, nomes dos donos ou Arraes, e serviço ou lugar em que se achão; devendo usar de impressos, para isto se conseguir com a devida regularidade.

III.

O Inspector Geral recommendará aos Ministros Territoriaes, que fação marcar, e numerar logo todos os barcos, que ainda existirem sem numero, ou por se ter apagado, ou por nunca o terem tido.

IV.

Todo o Arraes, cuja embarcação fôr encontrada sem número, incorrerá na pena de quinze dias de prizaõ, e huma multa de quatro mil reis para o Official de Justiça, ou Cabo do mar, que o aprehender; o que o Inspector Geral fará constar por Editaes affixados em todos os Portos do Téjo.

V.

O Inspector Geral á vista das Listas mencionadas no § I., fará os detalhes convenientes, segundo as requisições, que lhe forem feitas para serviço dos Exercitos; e por via dos Ministros Territoriaes mandará apromptar as Embarcações, designando o tempo, lugar, e Pessoa a que se devem apresentar.

VI.

O Major Martinho José de Perné fica dispensado de fornecer Embarçaõens, ou mandar proceder a embargos, conservando porém sempre em seu poder o alistamento dos barcos do Téjo, para no caso de ser necessaria a applicação do Plano de 5 de Julho de 1810, o poder executar no que diz respeito a auxiliar as operações militares; e para este effeito os Ministros Territoriaes lhe facilitaraõ as Listas recommendadas pelo mesmo Plano; não podendo com tudo dispôr dos barcos por authoridade propria, sem que tenha recebido para esse fim Ordens positivas.

VII.

O Inspector Geral procurará satisfazer do melhor modo possível as requisições, que lhe forem feitas para serviço dos Exercitos combinados; ou estas lhe sejaõ dirigidas pelo Intendente Geral dos Viveres e Transportes do Exercito Portuguez, e seus Delegados, e pelo Commissario Geral Inglez, e seus Deputados; ou pelos Chefes das differentes Repartições.

VIII.

Todas as Embarcações, que ora se achaõ empregadas no serviço do Exercito Portuguez, continuaraõ a servir até o fim do mez de Setembro: e para que possaõ ser conhecidas como taes teraõ huma legenda, que assim o declare.

IX.

Destas Embarcações se formaraõ Listas, que seraõ remettidas ao Inspector Geral, para seu devido conhecimento.

X.

Todas as Embarcações que forem postas á disposição do Intendente Geral dos Viveres e Transportes do Exercito, ficaraõ debaixo da immediata direcção, e fiscalisação do Major Martinho José de Perné, que será considerado como hum seu Delegado neste serviço.

XI.

No caso de não ser sufficiente o número de Embarcações actualmente empregadas, o Intendente Geral, ou o Major Perné requereraõ ao Inspector Geral as que forem precisas; e logo que sejaõ apresentadas lhes mandaraõ pôr o signal determinado no § VIII.

XII.

As Embarcações, cujos donos não quizerem volun-

tariamente continuar neste serviço, serão rendidas por outras no fim do mez de Setembro ; e todos os mezes serão revezadas, apagando-se o signal nas que sahirem, e pondo-se de novo nas que entrarem para o serviço.

XIII.

Hum semelhante arranjo deverá praticar-se a respeito das Embarcações do Alto-Téjo, para as quaes haverá hum deposito em Escaropim, debaixo da fiscalisação de hum dos Ajudantes do Major Martinho José de Perné.

XIV.

As Embarcações de barra fóra, que precisas forem para serviço de qualquer Repartição do Exercito, serão igualmente requeridas ao Inspector Geral.

XV.

Sómente as Embarcações empregadas no serviço dos dous Exercitos, poderaõ trazer Cédulas ; todas as mais andaraõ livres para fazerem o serviço público por ajustes particulares ; e quando os barqueiros pertenderem preços exorbitantes pelos fretes, ser-lhes-hão impostas as penas já estabelecidas para semelhantes abusos.

XVI.

As Embarcações de Carreira serão conservadas conforme a prática anterior, e estillo de cada huma das Terras.

XVII.

A Confirmação das Nomeações dos Cabos do mar, que pelo Artigo IX. do Plano de 5 de Julho de 1810, pertencia ao Major Perné, ficará sendo privativa do Inspector Geral ; o que não obstante deverá elle Major conservar huma Relação dos que servem actualmente, e tomar conhecimento dos que de novo se nomearem ;

a fim de poder satisfazer ao que fica determinada no § VI. destas Instruções. Palacio do Governo em 19 de Agosto de 1811.

D. Miguel Pereira Forjaz.

PORTARIA.

Achando-se o Secretario do Governo da Repartição dos Negocios do Reino, e Fazenda o Dezembargador do Paço Joaõ Antonio Salter de Mendonça, impedido por molestia, de exercitar as Funções do seu Lugar; He o Principe Regente Nosso Senhor servido ordenar que o Dezembargador do Paço Alexandre Joze Ferreira Castello sirva o mesmo lugar nos impedimentos do dito Secretario. Palacio do Governo em 28 de Agosto de 1811.

Com as Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

INGLATERRA.

No I. N.º do nosso Jornal (pag 31) dissemos, que entretanto que a população do Imperio Francez continuamente diminuia, a da Grã-Bretanha augmentava rapidamente; e bem que ali demos, a nosso ver, sobejas provas daquella asserção, com tudo julgamos não ser indifferente apresentar aos nossos Leitores o *recenseamento* da população actual de Londres comparada com a que tinha em 1801; e ver-se ha que no curto espaço de dez annos a população desta soberba, e requissima capital tem augmentado—176,480 individuos, como se vê pelo seguinte:

MAPPA.				Differença a favor de população.
Cidade antiga.	Machos.	Femeas.	Total.	
Em 1811	<u>67,062</u>	<u>59,693</u>	<u>116,755</u>	*
Districto de Westminster				
Em 1811	<u>74,530</u>	<u>87,543</u>	<u>162,073</u>	
Em 1801	<u>70,986</u>	<u>82,286</u>	<u>153,272</u>	
Augmento	3,544	5,257	r - -	8,801
Districto de Borough				
Em 1811	<u>28,579</u>	<u>32,590</u>	<u>61,099</u>	
Em 1801	<u>26,761</u>	<u>29,924</u>	<u>56,685</u>	
Augmento	1,818	2,666	- - -	4,484

* Nalgumas Parroquias no districto de Londres chamado City, não ha registo da população em 1801: consequentemente he difficultoso, e quasi impossivel assignar o numero dos habitantes deste districto naquelle periodo: não se pode por tanto determinar qual foi o augmento de população desde 1801 ate 1811. Mas attendendo a que muitas cazas de habitação se tem convertido em Armazaens; he de suppor que a população nesta parte dos Londres pouco tem augmentado.

Cidade antiga.	Machos.	Femcas.	Total.	Differença a fa- vor de popula- ção.
Districto de Holborn				
Em 1811	96,264	127,815	224,079	
Em 1801	79,035	101,787	180,822	
Augmento	17,229	26,028	- -	43,257
Districto de Finsbury				
Em 1811	44,262	52,483	96,645	
Em 1801	33,585	39,683	73,266	
Augmento	10,677	12,700	- -	23,377
Districto de Tower				
Em 1811	86,748	125,121	211,869	
Em 1801	77,366	94,619	171,985	
Augmento	9,382	30,502	- -	39,884
Districto de Surry				
Em 1811	64,219	81,346	145,565	
Em 1801	47,499	59,831	107,330	
Augmento	16,720	21,515	- -	38,235
Districto de Middlesex				
Em 1811	34,177	46,770	80,947	
Em 1801	27,364	35,191	62,555	
Augmento	6,813	11,579	- -	18,392
			Augmento total	176,430

Por esta mesma Conta se vê que a população de Londres monta actualmente a 1,099,032, a saber 485,771 homens, 613,261 mulheres.

* Alguns Partidos no distrito de Londres chamam City, mas
 sua região de população em 1801: consequentemente de habitantes, e
 sua população em 1811: e a diferença dos habitantes deste distrito neste
 período: não se pode por tanto determinar qual foi o aumento de po-
 pulação desde 1801 até 1811. Mas attendendo a que muitas casas de
 habitação se tem levantado em Greenwich; e de subbor das a popula-
 ção nestas partes de Londres pouco tem augmentado.

DIVIDA D'INGLATERRA.

Em nosso antecedente N.º pag. 524 dissemos, que tudo quanto Bonaparte diz a respeito do augmento da divida de Inglaterra, e do Chanceller do Exchequer não era exacto. Dissemos mais, que os agentes que o Tyranno da Europa tem em Londres, e que se correspondem com a sua Secretaria especial em Pariz deverião dizer-lhe, que inda quando a guerra devesse continuar por meio seculo, as operaçoens progressivas dos fundos de amortizaçoão liquidariaõ a divida Nacional mais depressa, do que os novos imprestimos a augmentariaõ. Em prova da nossa asserçaõ apresentamos aos nossos Leitores a seguinte conta official da reduçaõ da Divida Nacional desde o 1 de Agosto de 1786 ate o 1 de Maio de 1811; e desde o 1 de Agosto de 1786 ate o 1 de Agosto de 1811.

REDUÇÃO.

Da Divida Nacional desde o 1 de Agosto de 1786 ate o 1. de Maio de 1811.

	Libras.
Divida remida pelos fundos de amortizaçoão	175,542,305
Divida remida pelas taxas territoriaes	23,782,945
Divida remida pela compra de Annuidades vitalicias	1,380,562
Por conta da Grã-Bretanha	200,705,812
Por conta da Irlanda	8,054,000
Por conta do Imprestimo Imperial	1,162,116
Por conta do Imprestimo para Portugal	67,205
	209,989,133

REDUCÇÃO.

Da Divida Nacional desde o 1 de Agosto de 1786
ate o 1 de Agosto de 1811.

Divida remida pelos fundos de amortiza- ção	180,345,602
Divida remida pelas taxas territoriaes	23,833,476
Divida pela compra de Annuidades vi- talicias	1,449,990
Por conta da Grã-Bretanha	205,629,068
Por conta da Irlanda	8,394,814
Por conta do Imprestimo Imperial	1,176,938
Por conta do Imprestimo para Portugal	92,534
	<hr/>
	215,293,354

Vê-se por esta conta official que no espaço de 25
annos se tem extinto mais de mil nove centos e
trinta e sete milhoens da Divida Nacional. Desafia-
mos Bonaparte, seos espias, e seos sectarios para que
nos contradigão.

CONSIDERACOENS

SOBRE A GUERRA DA HESPANHA REMETTIDAS

Ao Editor de Times.

Senhor,

Considerando com o mais vivo pezar os termos
de transtorno, e dezalento com que se tem expressado
ultimamente alguns Jornaes publicos a respeito da
situação dos nossos negocios na Hespanha, os quaes
não podem deixar de empecer á popularidade; com
que se tem continuado athegora a guerra naquelle

paiz; tomo a liderdade de apresentar-vos algumas observaçoens, que talvez não desmereçaõ a publica attençaõ. Dirigindo-me a vos, senhor, eu me dirijo a hum escriptor, que no decurso deste arduo conflicto, tem sustido o antigo espirito, e vigor da naçaõ Britanica—a hum escriptor que tem manifestado hum superior conhecimento de negocios tanto politicos como militares; e que tem mostrado da maneira mais habil e satisfactoria, que nenhuma segurança pode este paiz esperar, em quanto os Francezes tiverem hum pé, ou o mais pequeno poder na Peninsula. Brigando pelos Hespanhoes nos brigamos sem questaõ, por nos mesmos: supprindo-lhes os meios da guerra nos lhes supprimos dinheiro, que se dispende no nosso proprio estado, e o que he de maior consideraçaõ, estamos apropriando este dinheiro, não a fins de ostentaçaõ e luxo, mas a objectos de utilidade, e vigor. Subverter a nossa gloriosa Contituiçaõ, arruinar o nosso commercio, corromper os nossos costumes, e degradar-nos aos olhos de todas as naçoens, e de todos os paizes, tem sido sempre o principal designio da França. Tam clara e decididamente estava o ultimo Mr. Fox convencido desta verdade, que elle dizia abertamente que o character nacional dos Francezes era “huma inimizadade permanente, e systematica a este paiz;” principio em que foi uniformemente sustentado pelo prezente Conde Grey. Na sua incorrupta falla, sobre o proposto tractado de commercio entre os dous paizes, este nobre senador (entaõ Mr. Grey) elogiou a cioza politica dos nossos antepassados; e perguntou sobre que fundamentos se julgava que ella teria de todo abandonado os seus antigos principios politicos, e que nenhum objecto mais tinha em vista contrario aos nossos interesses? Elle exprimio a sua crença, de que a França trabalhava para desligar-nos de todas as alianças, e fazer-nos tanto politica, como localmente izolados; e olhava com suspeita e desconfiança todo o serviço que a França offerecesse; exclamando

Timeo Danaos et dona ferentes

—an ulla putatis

Dona carere dolis Danaum?

Se estes, então, são os sentimentos de dois tão celebres Estadistas, no tempo em que a França era governada por hum Monarca do caracter mais brando, e mais bemfazejo, e cujo ministro tinha humma fraca e timida disposição; no tempo em que ella professava amizade, e tractava de estabelecer humma intima connexão connosso; que desconfiança não devemos nos inspirar aos nossos concidadaons, no momento em que ella he governada por hum homem, cujos principios e acçoens são marcadas por violencia, crueldade, e humma sede insaciavel do poder —cujo conselho he composto de pessoas do mais audaz violento caracter,—e que por conseguinte nos consideraõ como os unicos estorvos á sua ambição. Seguramente, senhor, se a França se fizesse senhora da Hespanha, a segurança, e independencia da Grã-Bretanha seria grandemente affectada. O unico meio que este paiz tem de salvar-se das miserias que affligem o continente, he fazendo-se hum contrapezo ao poder da França; e o unico methodo efficaz de completar este grande fim, he empregar toda a energia e recursos da nossa nação em apoio da Península. He portanto da ultima importancia, que hajamos sem perda de tempo, augmentar o numero das nossas forças na Península que hajamos de fornecer aos patriotas armas e dinheiro; e, em particular, a cordialidade, e mutua confiança devem animar as nossas operaçoens, na certeza de que a nossa felicidade, e a da nossa futura prole esta envolvida no exito desta luta.

Qual seria pois a situação de Inglaterra, se a Hespanha passasse a ser humma provincia da Franca? Eis aqui, senhor, hum objecto digno da consideração de hum Inglez. Todo o individuo deve conhecer os interesses que tem nesta guerra, e creio que nada melhor posso fazer, que pedir-vos, que inserais no vosso excellente papel os principios claros, e vigorosos estabelecidos pelo celebre Mr. Addison, n'hum folheto, que a poucos annos publicou, antes de ser nomeado Secretario de Estado, o qual tem por titulo, “Consideraçoens sobre o Estado prezente da Guerra, e a Necessidade de hum augmento de forças.” O objecto principal desta obra he mostrar, que nen-

huma paz se deve fazer com França sem a completa dezunião dos Francezes, e Monarchias Hespanholas. Depois de ter estabelecido que os Francezes-saõ os constantes, e os mais perigosos inimigos da nação Britanica, diz, "Nos temos ja huina prova temivel do augmento de poder que acresce á França do sua uniaõ com Hespanha." As guerras da Monarquia Franceza feitas constantemente em tantas e tam remotas partes, teriaõ exaurido a sua propria substancia, se o seu thesouro não recessebe por secretas molas reforços de tempo em tempo, que remissem as suas faltas. Era a America Hespanhola, que fornecia este suppimento. Nos ouvimos, he verdade, que mui poucos navios chegaõ daquelle parte do mundo; mas como em taes vazos ha lugar para immensos thesouros quando a carga he puro metallico, ou couzas de igual valor, achamos por experiencia, que elles tem tido, por estes secretos canaes, tam prodigiosas somas, que os habilitaraõ a pagar exercitos mais numerosos que os que dantes tinhaõ; e isso n'hum tempo em que seu commercio está diminuido em todos os seos ramos, e acabrunhado pelas artes, e planos das naçoens vezinhas. Durante os ultimos quatro annos, por hum moderado computo, tem entrado em Brest acima de seis milhoens sterlinos em metal. Qual seria poiso effeito desta correspondencia com a America, se a riqueza daquelles paizes por esquadras, ou fro-tas de galleons viesse para seu poder? Se estes pequenos mananciaes, que se introduzem no paiz a furto, tem tam grande força, poderemos nos suspender toda a grossa torrente quando ella cahir sobre nos em sua plena violencia? E isso deve seguramente aconticer-nos, huma vez que não, possamos dissolver a uniaõ entre a França e Hespanha. Tenho-me demorado mais nesta consideração, porque a presente guerra nos fornece ja a experiencia, e sensivelmente nos convence do augmento de poder, que a França tem recebido da sua correspondencia das Indias occidentaes Hespanholas.

Naõ entre pois na cabeça de ninguem que tiver o mais pequeno zelo pela sua religião, ou amor de liberdade—que tiver consideração alguma pela honra se-

gurança do seu paiz, ou que dezejar o bem dos seus amigos ou posteridade—o pensar em paz com França em quanto se lhe não arrancar inteiramente a Monarquia Hespanhola.

Supponhamos que o Rey de França nos concedia os termos mais vantajosos, que podiamos dezejar,—sem a separação duas monarquias; elles devem terminar em nossa detruição. Segurar-nos-hia elle todas as nossas presentes acquisições—acrescentaria elle duas ou tres cidades fronteiras ao que ja temos na Flandes!—ajuntaria elle os reinos de Sicilia, e Sardanha, e Milão, e Napoles? Deixaria o Rey Carlos na tranquilla posse de Catalunha? Entregaria á Grã-Bretanha a cidade e o molhe de Cadiz, assim como o de Gibraltar; a renunciaria ao mesmo tempo as suas conquistas em Portugal? Tudo isso seria mesmo baldado para a segurança geral da Europa, em quanto o baluarte do continente Hespanhol, e as riquezas da America estivessem no poder da familia de Bourbon.

Concordemos, portanto, visto, como n'hum regra fixa, e maxima inviolavel, isto he, em nunca depor as armas, contra a França em quanto não arrancar-mos das suas garras a monarquia Hespanhola. Seja este oprimeiro passo para hum tractado publico, e a base de huma paz geral. Se com effeito a guerra presente fosse contra nos, se todos os nossos ataques contra o inimigo fossem vaõs, seria loucura, teima ou dezesparação o continuar empreza tam impracticavel. Mas las pelo contrario, nos temos ja feito hum grande parte da nossa obra, e temos á vista o grande alvo, a que apontamos. Contudo apezar das consideraveis vantagens ja ganhadas, ellas serão de nenhum effeito, posto que as prosigamos, huma vez que as não melhoraremos, e derijamos para o nosso fim principal. O inimigo vacilla; e se nos continuarmos nossos golpes, cahirá a nossos pés: mas se nos o deixarmos resfolegar, elle recobrá o seu vigor, e virá sobre nos com maior furia. Nos lhe temos feito reicteradas feridas que o tem dezaletado e abatido, mas são taes, que o tempo pode curalas huma vez, que não nos aproveitamos da sua presente fraqueza, redobrando os nos-

soz ataques sobre elle. Era huma particularidade do character de Cezar, que vem a propozito do nosso cazo, o nunca-pensar nada feito quando faltava alguma couza por fazer. N'huma palavra, nos temos estado a lutar contra a torrente, e temos quasi tocado o nosso ponto; hum puxo ou dous mais acabaraõ a obra: mas se em vez disso, afrouxamos os braços, e largamos os remos nos recuaremos n'hun instante para o lugar donde partimos.

Haverá pessoas, que objectem a pobreza da nação, e as difficuldades de fornecer maiores supprimentos de guerra que os actuaes. A isto respondemos, que se a nação está realmente tam pobre como se representa, devemos por isso mesmo reforçar mais que diminuir os nossos presentes esforços contra a França. A diminuição das nossas taxas por alguns annos seria temporario allivio, e em pouco tempo daria lugar a novos impostos maiores que os actuaes. Entre tanto que a despeza tempestiva de huma parte das nossas riquezas não so conservará o resto, mas pelo seu bom uzo, buscará vastas addições ao nosso capital presente. He muitas vezes preciso que huma pessoa doente perca algumas onças de sangue, posto o enfraqueção por hum tempo, para refrescar, e dar novo supprimento a massa remanescente.

Mas nos de nenhuma sorte admittimos opiniaõ d'aquelles, que artificiosamente publicaõ a pobreza da nação. A Grã-Bretanha não so he rica comparativamente aos outros Estados, mas tem huma real, e intrinseca riqueza. N'huma palavra, ella se assenta no meio de huma poderosa affluencia de tudo o que he necessario, e conveniente para a vida. Se a nossa prata, e o nosso ouro estaõ diminutos, o nosso credito publico está illezo; e se temos precisaõ de metallico, está em nosso poder o fornecelo. O antigo General Romano, quando o exercito se queixava de sede, mostrava-lhe as fontes; e os rios que estavaõ por detraz do campo do inimigo.

Exercitemos, pois, o esforço unido de toda a nossa ilha, e demos por este meio huma vida nova e espirito aos confederados, que tem os olhos fixos sobre nos, e que segundo o nosso exemplo erguerãõ

ou abaterão as suas operaçoens. Nos vemos a necessidade de hum augmento, se intentamos trazer o inimigo á razaõ, ou abrigar o nosso paiz das mizerias, que lhe podem sobrevir. Nos podemos fazer tal augmento, que ajudando-nos Deos, não pode deixar de ser efficaç. Se o continuar-mos vigorosamente, conseguiremos para nos e a nossa posteridade huma longa, huma gloriosa, huma paz duradoura; mas se perdemos huma tam bella occasiaõ, debalde empregaremos depois todos os nossos braços, todos os nossos thesouros, será tarde; e nos seremos atormentados com a mais triste reflexaõ de hum coração amargurado. “*Que esteve em nosso poder, mas debalde, o fazer-mos felizes a nos, e a nossos filhos.*”

Taes eraõ, Senhor, os sentimentos de Mr. Adison; taes as maximas, que elle promulgou, no tempo em que a Hespanha era unicamente *alliada* de França. Por consequente, como ja observei, ellas se podem applicar com mais força n'este periodo, em que a França esta trabalhando para reduzir este paiz a huma *provincia*. Convem pois que prestemos a estes principios aquelle seria attençaõ que evidentemente merecem; e he para dezejar que nenhum espirito de partido, nenhum ciume pessoal, ou consideraçoens indignas de interesse particular nos privem de empregar toda a nossa habilidade e recursos na grande e nobre contenda em que estamos empenhados. Reduzidos como os exercitos Francezes tem sido, ja pela espada ja pela doença, não pode haver duvida que Bonaparte está vivamente arrependido da invasão da Peninsula. Elle tem estado ate qui accostumado a conquistar mais pela influencia do ouro, do que por meios de guerra honorificos; mas afinal elle percebe, que para subjugar a Hespanha, se a subjugar, he preciso fazelo pela força absoluta das suas armas. He desastroso para elle não ter calculado melhor sobre a bravura, e resistencia que tem encontrado naquelle paiz: he pena que nenhum dos seos conselheiros lhe lembrasse o energico avizo dado pelo Satirico Romano

————— “*Despicias tu
Forsitan imbelles Rhodios, unctam que Corinthum,
Despicias merito. Quid resinata juvenus*

Cruraque totius facient tibi lævia gentis?
Horrida vitanda est Hesperia.—” (Juv. Sat. 8. v. 112.)

Sim, os Romanos, Senhor, sabiaõ o que era descer ao campo contra os Hespanhoes; elles gastaraõ mais annos na conquista deste paiz, doque Cæzar gastou de semanas, (se lhe damos credito) na redução da Gallia. Os Hespanhaes antigos nada julgavaõ tam glorioso como morrer com a espada na mão em defeza da sua liberdade; e Bonaparte achará que os patriotas de hoje estaõ determinados a manter o nobre character, que os seos bravos e virtuosos antepassados lhes deixaraõ. Sustentemo-los pois com todos os meios que estaõ em nosso poder: forneçamos lhes tropas, armas, e dinheiro, estabeleçamos, como Addison diz, esta fixa e invariavel maxima de “nunca depor as armas contra a França, em quanto não arrancar-mos das suas garras a monarchia Hespanhola. Seja este o primeiro passo para hum tratado publico, e a base de huma paz geral.” Entretanto serei felix se estas observaçoens tenderem de algum modo a confirmar a necessidade de huma vigorosa continuação na guerra de Hespanha; e muito mais se tiverem a efficacia, como eu dezejaria tivessem, de convencer a todo o Inglez que as ler, de que a cauza dos Hespanhoes he, em todos os pontos de vista, a sua propria cauza, a de sua familia, e do seu paiz.

Sou, Senhor, vosso obediente Servo,

PUBLICOLA.

ACCAO DE FRONTE DE BOULONHA.

Dover, Sept. 22.

A cauza dos tiros de canhaõ, que se ouviraõ da costa de França sexta feira, foi huma acção entre a nossa esquadra, consistindo da fragata Naiade, tres chalupas de guerra, e hum cutter, em tudo cinco vasos, e a flotilha Franceza de sete grandes praamos do tamanho quasi de huma fragata, onze brigues, e

outros pequenos vasos. A acção começou ao meio dia, os nossos navios tendo-se mettido por entre elles, foraõ depressa rodeados, mas elles brigavaõ como Britanos, e compelliraõ o Almirante Francez a arrear. Neste tempo, Buonaparte que estava vendo a acção com o Marechal Ney n'humã barca fora do molhe, ordenou ao Commodoro Francez quo fosse com o seu praamo soccorrer o Almirante, a cujo avizo, o vaso Francez correo para o seu lado com intento de abordagem, mas o Capitão Carteret receando que este Commodoro fizesse o mesmo que o Almirante (a saber, tinha fugido) deo ordem que se amarrassem juntamente os dous navios, quando, depois de humã curta acção, o praamo arreou: elle tinha montados 28 obuzes de bronze de 12. Durante esta acção o Almirante Francez, e o resto da sua esquadra velejou para o molhe de Boulonha, o que enraivece tanto sua Magestade Imperial, que ordenou que as batterias se voltassem contra a *invencivel* flotilha, para a forçar a abir para o mar, outra vez, mas sem effeito: porquanto, assim como disse o commodoro Francez, seu Amo os tinha mandado, a brigar com homens e elles tinhaõ achado diabos. Tam certo se julgava Bonaparte do resultado a seu favor, que mandara Piloto da Barra no praamo que foi tomado, para conduzir a Naiade a Havre de Grace. O praamo he chegado aos nossos ancoradouros. Todo o costado do navio do Almirante Francez foi arrombado. A Naide teve dous homens mortos; e dis-se que o primeiro tenente e dous ou trez homens foraõ mortos abordo do *Castilian* chalupa de guerra. A perda do inimigo foi immensa.

Extracto de outra carta da mesma data.

A fregata Naiade entrou defronte do Castello, com hum praamo dos grandes de Boulonha. Elle parece hum navio grande, e baixo, e dizem que tem mui pezada artilharia; o seu mastro da proa he muito dianteiro, e o da mezena muito a poupa. Parece tam comprido como a fragata. Bonaparte, segundo se diz, estava presente. A flotilha, constan-

do de 70 velas, sahia pela primeira ves aquelle dia; e Bounaparte enraivecido de ver a fragata Naiade tam indifferente e determinada, mandou seis praamos a tomala.

A destruição a bordo do praamo, que tinha 350 homens foi horrivel, ainda que o combate foi curto, pois que o Comodoro arreou logo bandeiras. Vendo a sorte do seu Almirante e Comodoro, o resto desta mui gabada flotilha, seguiu o exemplo do Almirante, e apressou-se o mais que pode para Boulonha, o que de tal sorte enraivece Bonaparte, vendo com o Marechal Ney esta dezigual lucta, que ordenou que as batterias fizessem fogo sobre ella, para a impurrar outra vez para o mar, porem foi debalde.

A nossa perda consistio de 2 mortos e 18 feridos abordo da Naiade. O primeiro tenente do Castilian foi partido ao meio; foraõ 2 mortos, e alguns feridos. A perda do inimigo foi immensa, porquanto os seus navios estavaõ cheios de soldadesca. A nossa teria sido sem duvida maior, mas estando inteiramente debaixo das batterias, as balas passavaõ por cima.

Faz rir ver as miseraveis tentivas de Bonaparte para subjugar a Inglaterra pelo oceano. A pezar da sua omnipotencia, elle não pode sahir dos ancoradouros do continente para o emperio das ondas sem experimentar o destroço, a confusão e a vergonha. As suas esperanças se desvanecem todas as vezes que elle tenta o mais leve rezultado por este canal donde se lhe deriva so raiva e desesperação. Podemos recomendar aos seus Almirantes as seguintes linhas do poeta.

Maturate fugam, regi que hæc dicite vestro;
Non illi imperium pelago sævumque tridentem
Sed *alio* sorte datum.—

RESUMO POLITICO.

AMERICA HESPAÑHOLA.

PELOS officios, que temos transcripto os nossos Leitores podem formar huma idea do estado actual daquelle interessantissima parte do Mundo. No Mexico a cauza de FERNANDO VII. parece triunfar; muitos dos chefes insurgentes tem sido derrotados, vencidos, ou mortos, e o Vice-Rey não só tem podido manter em sujeição a maior parte daquelles Povos, mas ate se tem dali enviado alguns milhoens para soccorro da Mãe Patria. Com tudo a revolução naquelle Vice-Reinado não se pode reputar extincta: bem credulo seria quem tal cresse.

VENEZUELA.

A Junta Suprema transformou-se em Congresso Geral, ou Cortes. Estabeleceo-se huma Sociedade intitulada—*Sociedade Patriótica de Venezuela*. O estilo, e tom imperiozo que esta Sociedade tem adoptado no Prospecto do seu Jornal, mostra evidentemente, que ella he o verdadeiro Legislador de Venezuela. E se he verdade que naquelle Congresso foraõ admittidos individuos Francezes por influencia daquella Sociedade, que torrente de males se não deve esperar de tal influencia, e tal mistura! Muitos dos Membros do Congresso foraõ dis-se, arbitrariamente prezos; outros o seraõ talvez em breve; pode ser que em breve não haja senaõ facçoens, e que se vão repetir

as horrorozas scenas da espantoza, e detestavel Revoluçãõ Franceza : e quando aquelles regioens ditozas estiverem desoladas por todos os males inseperaveis das guerras civiz, e da anarquia, apparecerá talvez hum ambiciozõ audaz, e astuciozo, que seguindo os passos do Tyranno da Europa, tornará a America Meridional taõ escrava, e infelis, quanto he infeliz, e escrava a propria França.

BUENOS AYRES E MONTE VIDEO.

O Character violento do Vice-Rey Elio, em quem suppomos taõ boas intençoens, como falta de prudencia para sustentar, nas actuaes circumstancias, a cauza de FERNANDO VII. parece ter azedado cada vez mais a Junta, e habitantes de Buenos Ayres, e das Provincias adjacentes. A judicioza proposta do Ex^{mo}. Lord Strangford para hum accommodamento das desavenças entre Montevideo, e Buenos Ayres, cessando desde logo as hostilidades, e mandando retirar a Junta desta capital as suas tropas do territorio de Montevideo, e levantando o Governador de Montevideo o bloqueio por mar de Buenos Ayres; esta judicioza proposta, dizemos, foi rejeitada. As ponderozas razoens, que este esclarecido Representante de Sua Magestade Britanica junto da Corte do Brazil, expoz no seu officio á Junta de Buenos Ayres, não foraõ attendidas; os esforços deste amante, e justo avaliador da Literatura Portugueza, para reconciliar os interesses dos dois Hemisferios Hespanhoes, foraõ baldados; e pode ser que o seja taobem a mediaçãõ do Governo Inglez, se he que este aceitou as condiçoens propostas pelas côrtes, e que deixamos transcritas neste mesmo N^o.

As ultimas noticias, mas não officiaes, chegadas a Inglaterra daquella parte da America representam Monte Video no maior aperto, e algumas dizem mesmo, que se entregára ao Exercito de Buenos Ayres o que por ora não cremos. Nos vimos cartas

do Rio de Janeiro de 13 de Julho assegurando que hum corpo de 6,000 Portuguezes tinha partido em soccorro de Monte Video. Nem afiançamos a verdade desta noticia, nem nos julgamos em estado de rezolver se convem ou não á Corte do Brazil involver-se nas desavenças das Americas Hespanholas com a Mai Patria. Entretanto não podemos deixar de sentir.*

ESTADOS UNIDOS.

Os partidistas Francezes continuão os seus esforços contra os verdadeiros amigos da ordem, da razaõ, e da Patria: esta guerra que he por ora somente de intriga, e penna, pode tornar-se hua guerra de sangue. O Prezidente Madison, sempre affecto aos Francezes, e hoje submisso escravo de Bonaparte, convocou o Congresso para o 4 de Novembro proximo, declarando que *importantes negocios reclamavaõ a attençaõ do Congresso.*

Ha dias espalhou-se que a Fragata Americana o *Presidente* tinha tido hum combate com a Fragata Inglesa o *Melampus* em que esta apreziõnara aquella: esta noticia não he exacta.

* Que a Regencia de Hespanha infinitamente mais fraca do que o poderoso, e altivo Carlos V., em vez de seguir a sabia politica deste grande Monarca, mandando ali homens de consumada prudencia para negociar com os Americanos, em vez de os ir ameaçar; mandasse homens de hum caracter violento, que longe de tranquilizar os povos, só os foraõ irritar mais. Carlos V. chamava as furiozas rebelhoens do Peru *meras dissensoens*; e em vez de mandar exercitos, mandou homens *pacificos, e negociadores prudentes.* Que diversa tem sido a politica da Regencia de Hespanha! Mas que diversos taobem tem sido os resultados da judicioza politica daquelle, e os da errada conducta desta!

SICILIA.

Parece, segundo huma carta de hum Official Inglez datada de 26 de Julho abordo do Cumberland, que se descobrio huma conjuraçãõ emque entrava hum grande numero das primeiras familias daquella Ilha. O Principe Villa Franca, Castel-Noovo, D'Archy, Belmonte, e outros foraõ prezos, e bandidos por terem, diz a Proclamaçãõ do Rey, conspirado contra o seu Soberano. Dis-se que a Rainha teve meios de se apoderar de huma petiçãõ para o Governo Inglez assignada, segundo se diz, por não menos que 52 Baroens Sicilianos, e objecto dos quaes era certificar-se, se acazo seriaõ secundados no seu intento de formar hum novo Governo. O Governo Inglez he mui sabio, he mui politico para apoiar requerimentos desta natureza.

Parece que todos os viajantes Inglezes receberaõ ordem de sahir de Palermo sem dilaçãõ, por se intro-metterem demaziadamente diz aquella carta, tomando liberdades excessivas relativamente ao Governo daquella Ilha: nos duvidamos muito desta circumstancia. O Duque de Orleans, que era hum dos complices, pôde escapar-se.

O Embaixador Inglez Lord William Bentinck tendo desembarcado em naquella Ilha a 24, ou 25 de Julho, desembarcou em Portsmouth a 26 de Septembro. Este facto junto aos ameaços, e protestaçoens da Rainha das duas Sicilias, que não queria aceitar mais o subsidio pecuniario que ate agora recebia do generoso Governo Inglez, fazem nos reccar huma rutura entre os dois Governos, cujos resultados nao podem deixar de ser funestos a S. M. S.

FRANCA.

Bonaparte não contente com os sacrificios que lhe tem feito El Rey de Prussia, exigio mais que se lhe

entregasse Colberg, e Konigsberg, o que o Monarca infelis positivamente recuzou, se he verdade o que dizem as cartas recebidas pelas ultimas malas de Anholt. O descontentamento por toda a Prussia he extremo, principalmente na Pomerania, onde parece que tem havido mui serios tumultos.

Dis-se que o Reino de Napoles se vai annexar á Franca, e que Murat ira ser Rey de Holstein, Schleswig, e Jutland.

Todas as Noticias, principalmente as que Chegá-rao no dia 25 de Septembro, confirmão o que mais de huma vez temos dito, isto he, que a guerra entre a Russia, e França he inevitavel.

Nos fizemos menção do Combate Naval que houve de frente Boulonha, e em nosso N.º seguinte daremos os detalhes officiaes desta acção a que assistio o Imperador com o Marechal Ney, passando pelo desgosto de ver que huma divizaõ da sua flotilha composta de 27 velas, e entre ellas 7 grandes Praamos, e 11 Brigues fora derrotada pela Fragata Ingleza a *Nayad* com mais quatro pequenos Brigues. O Praamo em que vinha o Almirante Francez foi immediatamente, forçado a render-se; mas depois pode fugir, e o resto da flotilha.

A Fragata Ingleza conduzio ás Dunas hum dos Praamos Francezos de 20 peças de grosso calibre.

Outra Fragata Ingleza o Thames, e a chalupa o Cephalus tomá-rao na bahia de Napoles, debaixo do fogo das baterias onze chalupas canhoneiras, hum Brigue, e quatorze Navios mercantes, sem perder hum so homem.—Seria precizo hum Jornal destinado somente para dar conta das brilhantes, e diarias acçoens da Marinha Ingleza.

Esperava-se Bonaparte em Antuerpia, onde vai examinar a sua grande esquadra composta, segundo se diz de 27 naõs de linha cinco Fragatas, e grande numero de outras embarçaõens mais pequenas. Ella está bem guardada por huma proporcional esquadra Ingleza; e o dia em que aquella sahir, e se encontrar com esta, será hum novo dia de gloria para a Grã-Bretanha. De Antuerpia he provavel

que vá ao Norte de Alemanha, para passar revista aos diversos corpos que ali se achão. Se a guerra da Turquia embarça o Imperador Alexandre para romper com Bonaparte; a guerra da Península embarça Bonaparte para romper com Alexandre. Com tudo a guerra da Turquia está proxima a terminar, se ja a não está, porque, Alexandre parece ceder das pertençaens injustas, ou pelo menos prematuras, que tinha sobre a Valaquia, e Moldavia. Pelo contrario a guerra da Península durará em quanto Bonaparte persistir na louca, injusta, e antipolitica pertençaõ e teima de subjugar a Hespanha, e Portugal, que tão infamemente illudio, e atraçoou.

Nos podemos assegurar aos nossos Leitores, que a Deputação do chamado Concilio, que fôra mandada ao Papa, voltou a Paris sem conseguir a menor parte da sua missao. Pio. VII recuzou todas as propoziçoens que lhe foraõ feitas por Napoleaõ.—Bonaparte mandou hum Agente Austriaco insinuar ao Papa que annuisse ás suas propoziçoens; que de outra sorte a sua vida estava em perigo—O Supremo Chefe da Igreja respondeo—*que hum homem que teme a Deos, não tem medo de hum ente como Bonaparte: que hum homem que desprezou a pensao que Napoleaõ lhe offerecera, e que está costumado a viver com quinze soldos por dia, (120 reis) não pode perder muito.* Resposta verdadeiramente digna, e nobre; e que he mais severa reprehensaõ a hum Maury sem pejo, adulator indigno, escandalo da Religiaõ, e cujo nome sera lido com horror nos annaes do Christianismo!

O exercito Russiano nas fronteiras da Polonia, e Prussia monta a 240 mil homens com hum trem immenso de artilharia. O actual Ministro da Guerra o Conde Pahlen he hum verdadeiro homem de bem, firme, e resoluto. Falta só que o Imperador Alexandre mande para a Siberia o infame Romanzoff creatura de Bonaparte.

HESPAÑHA.

A constancia, e coragem dos Catalaens não entraõ nos calculos de huma politica ordinaria. Debalde o Sanguinario Suchet continua barbaramente a massacrar os Ministros do Altar, velhos curvados com o pezo dos annos, mulheres indefeças, e ate meninos de peito: debalde calca aos pez o Direito da guerra mandando queimar fuzilando, e enforcando soldados que a sorte das armas fez seos prizioneiros! Todos estes horrores, só dignos do novo Nero, longe de abater os valorosos Catalaens, tem exasperado seu odio, e raiva contra o Tyranno, e animado seu valor, e sua perseverança; a guerra na Catalunha recomeça com mais furor, e animozidade do que nunca. Mais de dez mil mancebos Catalaens se foraõ voluntariamente alistar; e em toda aquella Provincia não ha mais que hum grito geral de—*vencer ou morrer!*

A Praça de Figueiras entregou-se por capitulação ao Marechal Macdonald, no dia 19 d'Agosto, verificando-se infelicamente o que no dia 31 dissemos em o nosso antecedente N°. Quatro mezes a defendeo o bravo Governador Martinez, e a valorosa Guarnição que elle commandava: e em todo este longo espaço o Governo de Hespanha não deo hum passo, não tomou huma providencia adequada, e efficaz para soccorrer aquella importante fortaleza!!!

A curta acção que teve lugar no dia 10 de Agosto em Granada entre o Marechal Soult, e o General Freire foi de pouca monta, com tudo este depois de se bater com gloria, vio-se forçado a retirar-se para Murcia, porque o General Quadra não fez o seu dever. A sua retirada foi em tão boa ordem, que em toda ella não perdeu hum só homem. Soult confessa no seu officio que não fizera mais do que seis, a sete centos prizioneiros: os nossos leitores acharaõ a numero exacto diminuindo dois terços daquella somma. Soult escreve em data de 13 de Agosto que todos os passos que conduzem a Murcia estaõ tomados; e com tudo o General Freire não encontrou obstaculo algum. Soult diz que o General Blake se tinha unido q ao

General Freire; e com tudo he hum facto que tal não ha: a mentira está a ordem do dia em todos os Quartéis Generaes Francezes; nem elles fazem mais que seguir o Quartel General de Pariz, Soult quiz destruir o exercito do centro, e concertar com Suchet hum plano de subjugar o Reino de Valença; mas o seu projecto ficou inda baldado por esta vez.

O General d'Orsenne Commandante em Chefe do Exercito do Norte pertendeo aniquilar o Exercito de Galiza Commandado pelo General Abadia, para marchar depois rapidamente sobre Lugo, donde projectava cair sobre a Corunha, e tomala por hum golpe de mão: mas o valor do General Abadia, e do seu exercito frustou este projecto atrevido, senão insensato. Houve hum porfiado combate, em que o mesmo General d'Orsenne confessa "*que os Hespanhoes se baterão com obstinação, e que seu fogo tinha sido vivissimo, em posiçoens mui fortes.*" O General Corsin, e o Coronel do 72 Regimento morrerão no dia 30 de Agosto em consequencia das suas feridas; e os Coroneis dos Regimentos 27, 34, e do Regimento do Vistula foraõ gravemente feridos. O General d'Orsenne escreve do seu Campo de Astorga em data de 30 d'Agosto que o exercito de Galiza estava inteiramente disperso; e em data de 31 escreveu o General Abadia,—*As minhas tropas estão inteiramente faltas de çapatos; e consequentemente tem os pez em tal estado, que no dia da nossa acção, a quarta parte de nossas forças estava separada do exercito, como absolutamente inutil. Esta situação difficil te-los-hia exposto a cair nas maõs do inimigo, ou talvez a esconder-se, ou a dispersar-se; mas felizmente estas mesmas tropas observão a melhor disciplina, oppoem a paciencia a seus soffrimentos; os mesmos inimigos o sabem, e lhe tem feito justiça, &c.*

O General Rouget foi surpreendido a 14 d'Agosto em St. Ander pela divizaõ do General Porlier; e a perda dos Francezes montou a mais de 600 homens entre mortos, feridos, e prizioneiros. Que nobre exemplo daõ os Hespanhoes aos outros Povos do Continente! As crueldades, e a perfidia que o Tyranno alternativamente emprega para aterrar, ou illudir o bravo Povo Hespanhol, nem desanima sua coragem nem desvaria sua razaõ.

PORTUGAL.

O profundo Wellington continua no seu plano defensivo, e apenas bloqueia a Cidade Rodrigo. Parece que o exercito de Marmont se moveo para se aproximar desta Praça; e que em consequencia deste movimento a divizaõ do General Hill passou para o Norte do Tejo. O silencio que o Governo Inglez tem guardado a respeito dos Officios do Ex^{mo}. Marechral General Conde de Vimeiro, e Visconde Wellington, desde o 1. de Agosto em diante parece indicar que S. Ex^{ca}. medita importantes operaçoens, sobre as quaes não convem aventurar conjecturas.

COMMERCIO.

RELAÇÃO

Dos generos, que entráraõ pela Barra de Lisboa segundo as declaraçoens dos Mestres, em o mez de Julho de 1811.

Trigo—2,442 moios, 608 sacas, e 500 barriz.

Milho—9,798 moios, e meio, 20 sacas.

Cevada—1,160 moios, e meio, 2,074 sacas.

Aveia—1,114 moios, e meio, 205 sacas.

Centeio—75 sacas.

Fejaõ—190 sacas, e 36 barriz.

Ervilhas—50 moios, e 10 barriz.

Farinha—38,795 barricas, 2,634 sacas.

Farinha de paõ—3,570 sacas, 3,629 alqueires.

Biscoito—2,845 barricas, 1000 sacas.

Arroz—3,353 barricas, 3325 sacas.

Vinho—2,799 pipas, 13 barriz.

Agoa ardente—1,753 pipas, e 83 barriz.

Genebra—34 pipas, 368 barriz.

Azeite—687 pipas, 745 barriz, e 78 caixas.

Manteiga—7,543 barriz.

Prezuntos—89 barriz.

Carne salgada—542 barriz.

Toucinho—100 mantas.

Queijos—1000 (soltos).

Bacalhão—10,526 quintaes.

Mappa dos Navios entrados nos Portos do Reino Unido vindos dos Portuguezes desde 22 de Agosto ate 26 de Setembro de 1811.

Mezes e dias.	Para onde.	Nomes.	Capitães.	Portos d'onde sahirão.
Agosto.				
22	Rio Janeiro	Hazard	Anderson	Clyde
23	Setuval	Recovery	Williams	Belfast
	Lisboa	Hampton,	Richards	Dublin
24	-	Sacramento	Cristyming	Limerick
25	Lisboa	Princess Charlotte Paquete	Kerr	Falmouth
26	-	Walsingham Paquete		
	Maranhão	Venerable	Hutchinson	Liverpool
27	Lisboa	Cleopatra	Glendening	Plymouth
28	-	Samuel	Newson	Cork
29	-	Leonidas	Gabriel	-
	-	Ruby	Robinson	-
	-	Osage	Scott	Dublin
	-	Sarah	Walace	Workington
	-	Malta	Powell	Londres
	Bahia	Fletcher	Fletcher	Liverpool
	Porto	Ann	Plingle	Swansea
30	Lisboa	William	Giles	Plymouth
	-	Aurora	Martin	Dublin
	-	Charles	Stewart	Londres
	Setuval	Aurora	Young	Limerick
31	-	Perseverance	Smith	Dublin
	Porto	Swan	Jennings	Liverpool
	Lisboa	Autumn	Reid	-
	-	Gardner	Martin	Cork
	-	Samuel	Wickson	-
	-	Inveja	Silva	-
Setembro.				
1	Lisboa	Generous Friends	Morton	Londres
	-	Emery		
	-	Princess Elizabeth Paquete (1)	Kidd	Falmouth
	-	Mary		
	Porto	North Star	Wodman	Dublin
	Rio Janeiro	Trafalgar	Quinton	Londres
2	Lisboa	Progress	Gordon	-
	-	Young Charles	Pilcher	-

Septembro.

2	Lisboa	Diligent	Fowns	Deal
-	-	Liberty	Storey	-
	Pernambuco	Sacramento	Souza	Londres
3	Lisboa	New Packet	Curtis	Liverpool
5	Madeira	Providence	Morant	Londres
-	-	Ranger	Robertson	-
7	Lisboa	Reward	Symons	Swansea
-	-	Hope	Jones	Limerick
	Setuval	Eagle	Ives	-
9	-	Elizabeth	Aikin	Belfast
12	-	Charlotte	Wilson	Dublin
13	Rio Janeiro e Bahia	Sandwich, Pa- quete	Schuyler	Falmouth
14	Lisboa	Duke of Kent, (1) Paqueté	Coterworth	-
16	Rio Janeiro Setuval	Tortosa Beresford	Minton Graham	Londres Limerick
17	-	Leander	Smith	-
19	Porto	Britannia	M ^c Cormack	-
21	Vianna	Speculation	Berry	Bristol
	Lisboa	Duke of Marlbo- rough, Paquete	Bull	Falmouth
22	-	Jeanie	Duncan	Clyde
23	-	Garland	Hodges	Bristol
-	-	Milford	White	Milford
	Bahia	Seaton	Morris	Londres
-	-	Samuel Bradick	Richardson	Liverpool
	Pernambuco	Fanny	Wildredge	-
-	-	Hercules	Balbamey	Deal
	Maranhão	Betsey and So- phia	Shaw	Londres
24	-	Eliza	Palmer	-
-	-	Sybella	Bowden	-
	Porto	Elliotta	Wilson	Bristol
-	-	Ceres	Spencer	-
-	-	Alert	Niel	-
-	-	Philippa	Camel	Londres
	Madeira	Comet	Brady	-
	Ilha Terceira	Friendship	Davies	Liverpool
25	Lisboa	Activo	Soares	Londres
	Porto	Mary	Gray	Deal
26	-	Albion	Warren	-
	Pernambuco	Bess	Flinn	Londres

Mapa dos Navios sahidos dos Portos do Reino Unido para os Portuguezes, desde 27 de Agosto ate 26 de Setembro de 1811.

Mezes e dias.	Donde vem.	Nomes.	Capitaens.	Portos d'onde entraraõ.
Agosto				
27	Porto	Perseverance	Roberts	Londres
	Vianna	Brothers	Craig	-
28	Lisboa	Ceres	White	-
		Duke of Marlborough Paquete	} Bull	Falmouth
29	-	-		
	Porto	Howard	Perrie	Waterford
	Rio Janeiro	Windsor Castle Paquete	} Sutton	Falmouth
30	Lisboa	Swift	Syers	Londres
31	-	Providence	Harford	Dublin
	Bahia	Lord Nelson	Rands	Londres
	Porto	Harmony	Humphries	-
Semtembre				
2	Pernambuco	Louisa	Ady	Portsmouth
	Rio Janeiro	Atlanta	Morison	-
	-	Barton	Burns	Liverpool
		Princess Charlotte Paquete	} Kerr	Falmouth
	Lisboa	-		
		Margarita	Everett	Londres
		Neptune	Oxley	Deal
	Maranhão	Flor de Cantanhede	} Rocha	Portsmouth
4	Lisboa	Ann	M ^c Kenzie	Londres
	-	Regent	Quiller	Plymouth
5	Porto	Providence	Appleton	Londres
6	Lisboa	William	Lydikin	Belfast
		Perseverance	Crawford	-
		Walsingham Paquete	} Roberts	Falmouth
7	-	Little William	Maxwell	Londres
	Porto	Nonsuch	Sheppard	-
		Daphne	Morriss	Dublin
9	-	Vine	Mille	Yarmouth
	Madeira	Elizabeth	Bellman	Londres
		Princess Elizabeth Paquete	} Fenner	Falmouth
10	Rio Janeiro	-		
11	Lisboa	Princess	Martin	Cork

13	Lisboa	Britannia	Watson	Deal
-	-	Sprightly	Carter	Londres
-	-	Lady Gambier	Morton	-
14	-	Milantho	Murphy	Waterford
-	-	Betsey	Cunis	Dublin
-	-	Spark	Brown	-
-	-	Princess Elizabeth Pa- quete (1)	Kidd	Falmouth
-	-	Marquis of Cornwallis		
15	-	N. S. do Monte	Alves	Dublin
Porto		Sportsman	Jones	Bristol
16	Lisboa	Dous Amigos	Joze Luiz	Cork
Pernambuco		Britannia	Whitewids	Londres
18	Lisboa	Comet	Callum	Cork
19	Porto	Gardner	Cristian	Hull
20	Lisboa	Eppleworth	Lewis	Cork
-	-	Plumstead	Muddle	Hull
21	-	Four Friends	Ball	Dublin
-	-	Elizabeth	Faulkner	Plymouth
Vianna		Alert	Douglas	-
22	Porto	George	Bennett	Londres
-	-	Snipe	Powditch	-
23	Rio Janeiro	Croydon	Blyth	-
-	-	Carlota	B. F. Cardozo	-
Bahia		George	Miller	-
Lisboa		Oporto Packet	Page	-
24	Porto	Minerva	Ford	-
Madina		Flor de Per- nambuco	J. S. Carvalho	-
Lisboa		Teatts Hill		
25	-	Monte Alegre	Anderson	-
Bahia		St. Thomas	J. M. Salazad	-
26	Lisboa	Ranger	Martin	-
-	-		Norris	-

Preços Correntes dos productos do Brazil, em 30 de Setembro de 1811.

Assucar	Branco	25 a 32	} Shillings por 112 lb.
	Mascavado	15 22	
Caffé		36 44	
Arrós		16 20	
Cacao		40 45	} Peniques por lb.
Cebo		61 63	
Algudao	de Pernambuco	17 18	
	Ceará	17 18	
	Bahia	14 15	
	Maranhão	13 14	
	Minas	12½ 13½	
	Pará	12 13	
	Capitania	10½ 11	
Couros de	Montevideo	4 6	
	Rio Grande	3 5	
Annil		18 30	

N. B. Os fretes, direitos, e mais despezas, são pagas pelo vendedôr.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.

Data		Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdã.	Paris.
Anno e Mez.	Dias.								
Septembro de 1811.	3	67	67¾	67	45½	40	63	28-6	18-6
	6	67	67¾	67	45½	40	63	28-6	18-8
	10	67	67¾	67	45½	40	63	28-6	18-8
	13	67	67¾	67	45½	40	61	28-10	18-12
	17	67	67¾	67	45½	40	61	28-10	18-12
	20	67	67¾	67	45½	40	61	28-10	18-12
	24	67	67¾	67	45½	40	61	28-10	18-12
	27	67	67¾	67	45½	40	61	28-10	18-12

INDEX GERAL DO VOL. I.

No. I.

LITERATURA.

	Pag.
Ensaio sobre a Politica Militar, e Instituicoens do Imperio Britanico	5
Reflexoens sobre esta obra	10
Taboa Chronologica dos acontecimentos mais notaveis	39
Ode Saphica á Gloria Militar Portugueza	48

SCIENCIAS.

Historia da Chimica	51
Historia conciza da Medicina	70

AGRICULTURA, E COMMERCIO.

Carta de a Mr. Clenell sobre a educaçaoõ propria para hum Agricultor	80
Reflexoens sobre esta carta, e a respeito da Agricultura, em Portugal	83
Total dos Generos, que eutraraoõ pela barra de Lisboa nomes d'Abril de 1811.	95

CORRESPONDENCIA.

Observaçoens sobre as mappas da Povoacaoõ de Portugal, e Ilhas	96
Populaçaoõ de Portugal em 1801	106
Rezumo da Populaçaoõ de Portugal em 1801	112
Populaçaoõ das Ilhas dos Açores em 1796	114
Dita da Madeira em 1807	116
Dita das Ilhas de Cabo Verde	122

INDEX.

POLITICA.

AMERICA.

Brazil	123
Mexico	142
Buenos Ayres	146
Hayty	146

EUROPA.

Portugal	158
Hespanha	188
França	200
Inglaterra	205

No. II.

LITERATURA.

Continuaçãõ do ensaio sobre a Politica Militar, e In-	
stituicoens do Imperio Britanico	225
Reflexoens sobre esta obra	234
Cartas sobre a França, e Inglaterra	244
Georgica Britanica por Grahame	260

SCIENCIAS.

CHIMICA.

Metalizaçãõ dos Alcales	268
-------------------------	-----

MEDICINA.

Ensaio sobre a acçãõ dos effluvios dos corpos animaes	
mortos sobre a economia animal, &c.	282

INDEX.

AGRICULTURA, E BOTANICA.

Methodo de evitar a ferrugem dos trigos	294
Carta sobre as partes das arvores, que primeiro se deterioraõ com o tempo	295

POLITICA.

AMERICA.

Brazil	300
--------	-----

EUROPA.

França	305
Hespanha	317
Portugal	325
Inglaterra	367
Appendice	399

No. III.

LITERATURA.

Carta II. sobre a França, e Inglaterra	418
Influencias da Sensibilidade	429
Subscripção de huma estampa, &c., e versos sobre objecto	437

SCIENCIAS.

Observaçoes sobre a natureza do Ammoniac	440
Acção do Potassium no Ammoniac	442

CORRESPONDENCIA.

Carta aos Redactores do Investigador Portuguez sobre os contrabandos que se fazem nas alfandegas do Brazil	446
VOL. I.	3 x

INDEX.

Observações sobre esta Carta	447
— Avizos do celebre Alexandre de Gosmao	449
— Observações sobre estes Avizos	451

POLITICA.

AMERICA.

Rio de Janeiro	455
Bahia	464
Mexico	470
Monte Video, o Buenos Ayres	481
Estados Unidos	486

EUROPA.

Suecia	497
Prussia	499
Russia	501
França	503
Hespanha	525
Portugal	536
Inglaterra	555
Rezumo Politico	571
Commercio	579

No. IV.

LITERATURA.

Continuaçõ da II. Carta sobre a França, e Inglaterra	599
— Literatura Portugueza	614
— Ode Saphica a S. A. R. o Principe Regente da Grã-Bretanha	615

INDEX.

SCIENCIAS.

CHIMICA.

Continuação das descobertas de Davy sobre a natureza
do Ammoniacó 622

MEDICINA.

Continuação do ensaio sobre a acção dos effluvios dos
corpos animaes mortos sobre á economia animal 630

CORRESPONDENCIA.

Continuação dos Avizos do celebre Alexandre de Gos-
mao 649

Carta do Snr. Marino Miguel Franzini, Major do Real
Corpo de Engenheiros, ao Ex^{mo}. Snr. D. Domingos
Antonio de Souza Coutinho sobre a Carta Hydro-
grafica da Costa de Portugal 652

Extracto de outra Carta do mesmo Engenheiro a Mr.
Arrowsmith, Geographo de S. M. B. 654

Nota de Mr. o Conde de Bournon ao Cavalheiro Na-
pione 656

Carta aos Redactores de Investigador sobre a verda-
deira significação do nome—Napoleao 658

POLITICA.

AZIA.

Ilha de França 662

AMERICA.

Mexico 665

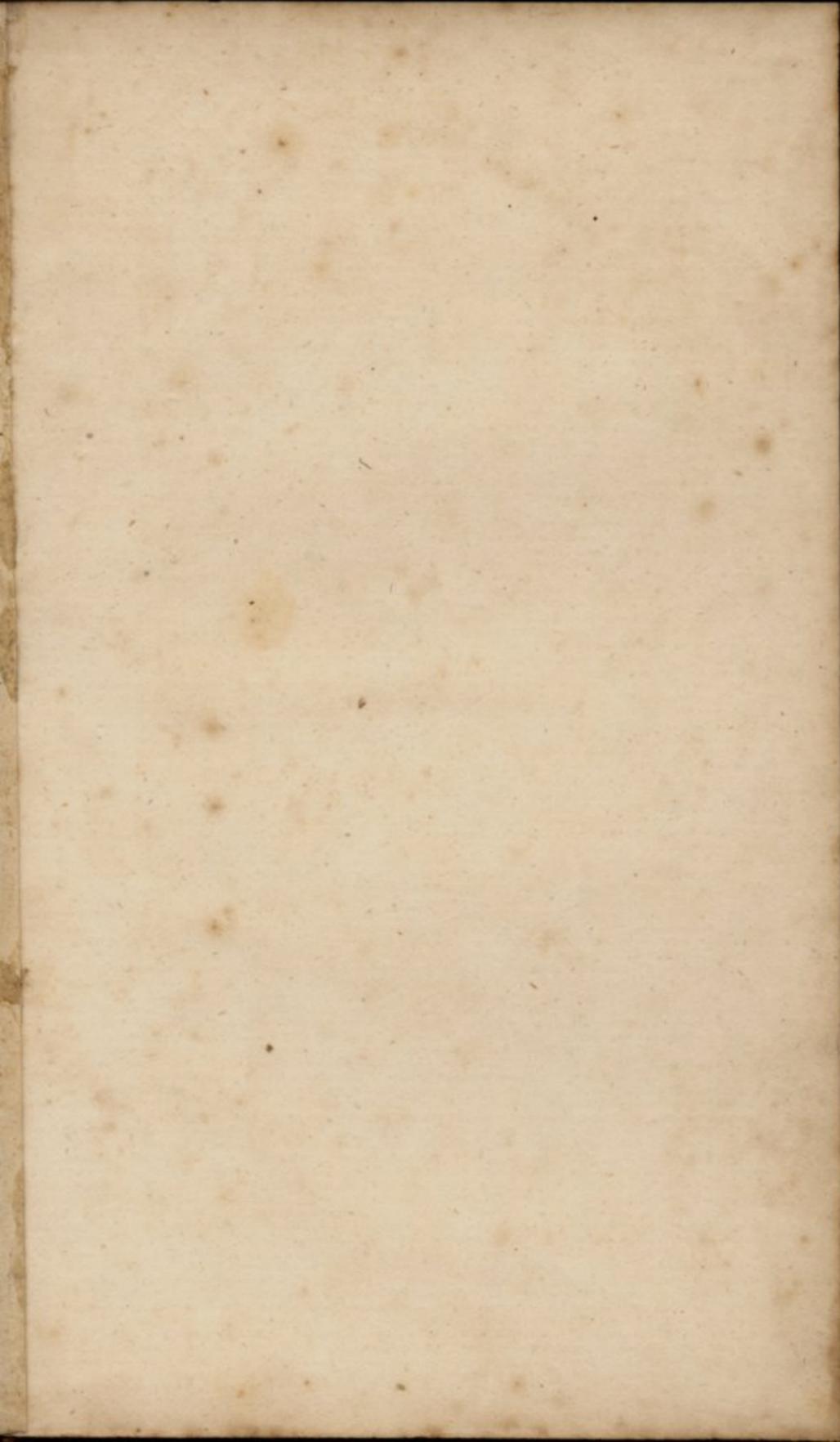
Caracas 672

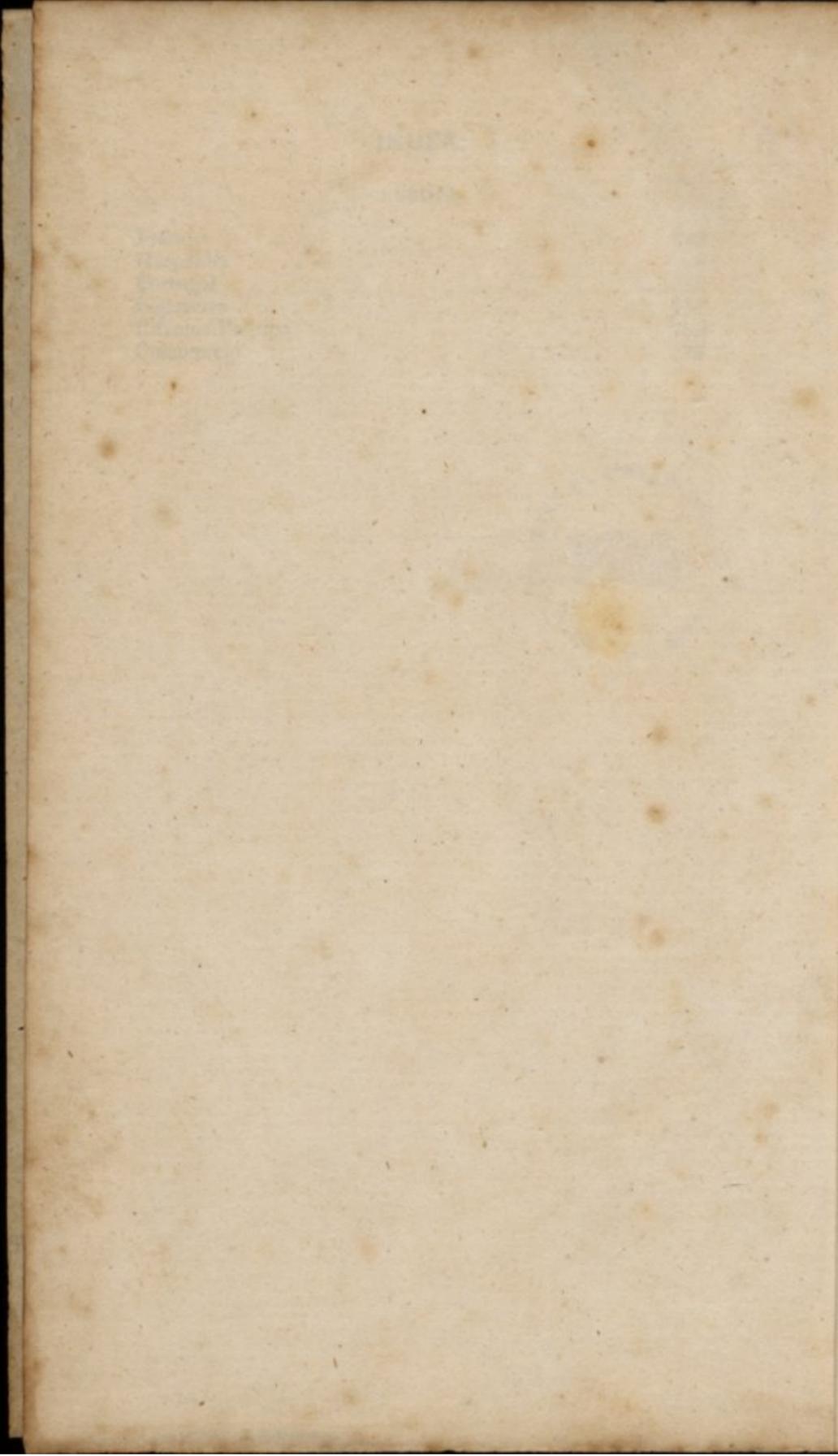
Buenos Ayres 680

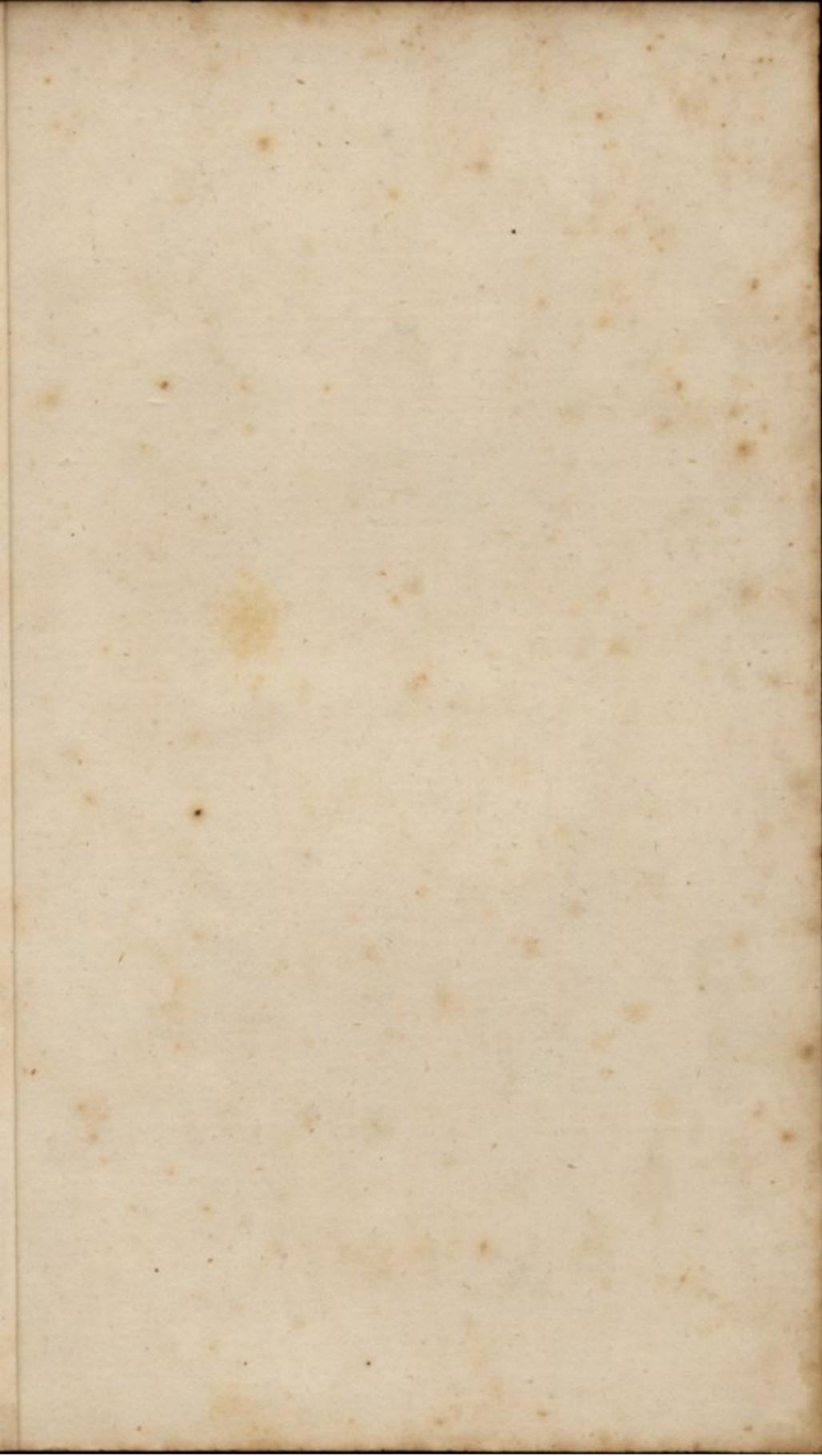
Rio de Janeiro 695

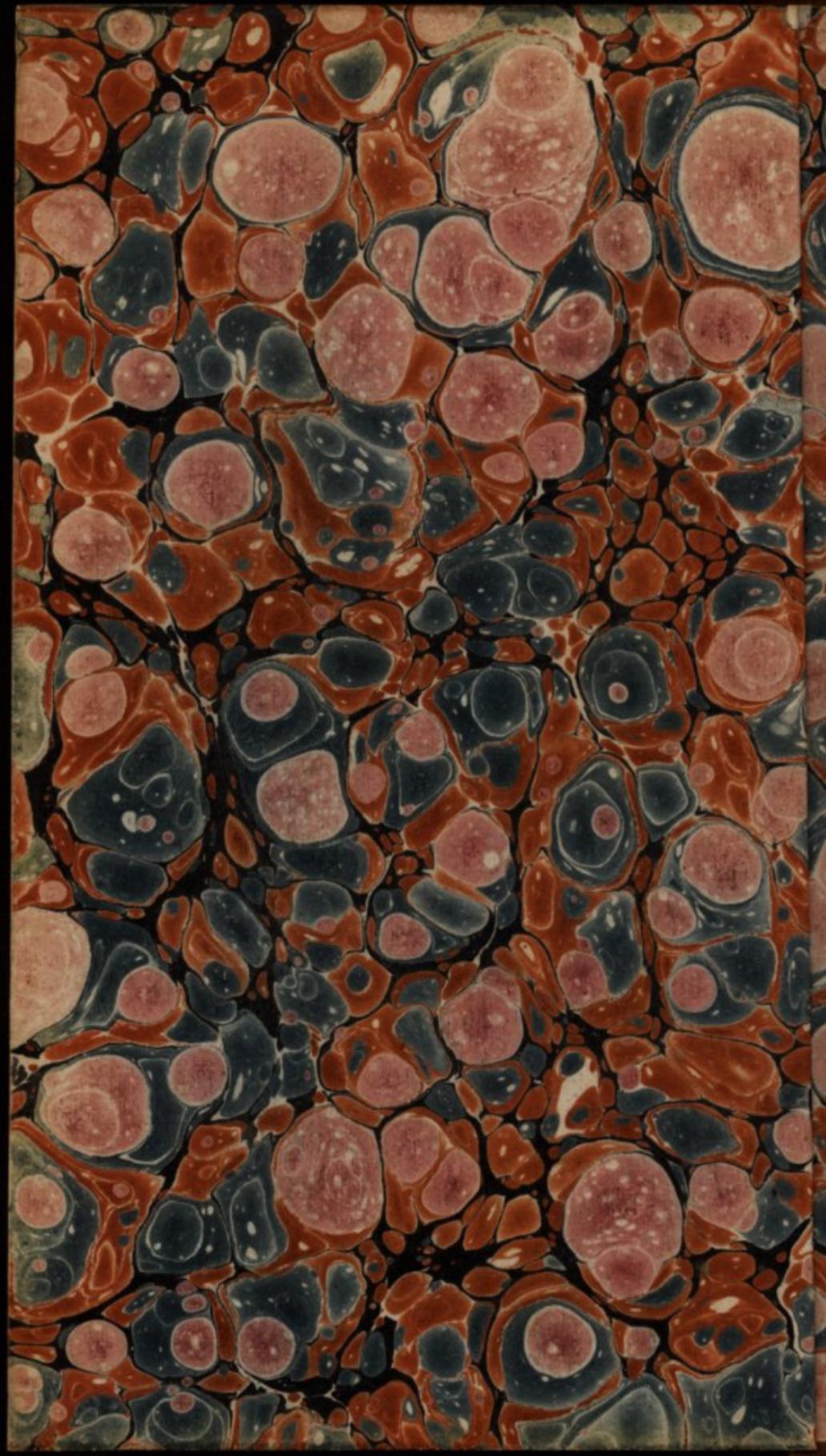
Pernambuco 696

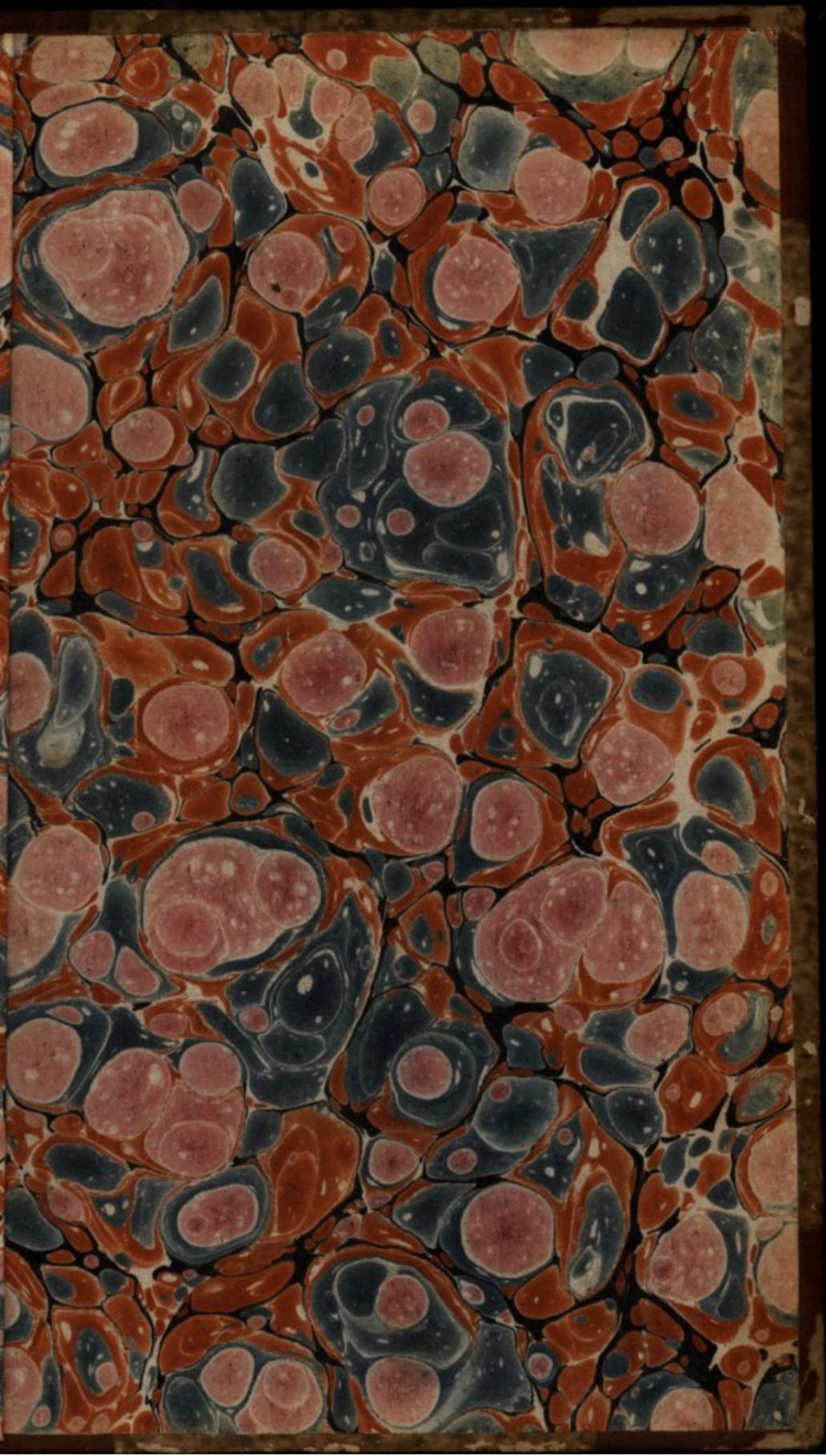
Estados Unidos 697

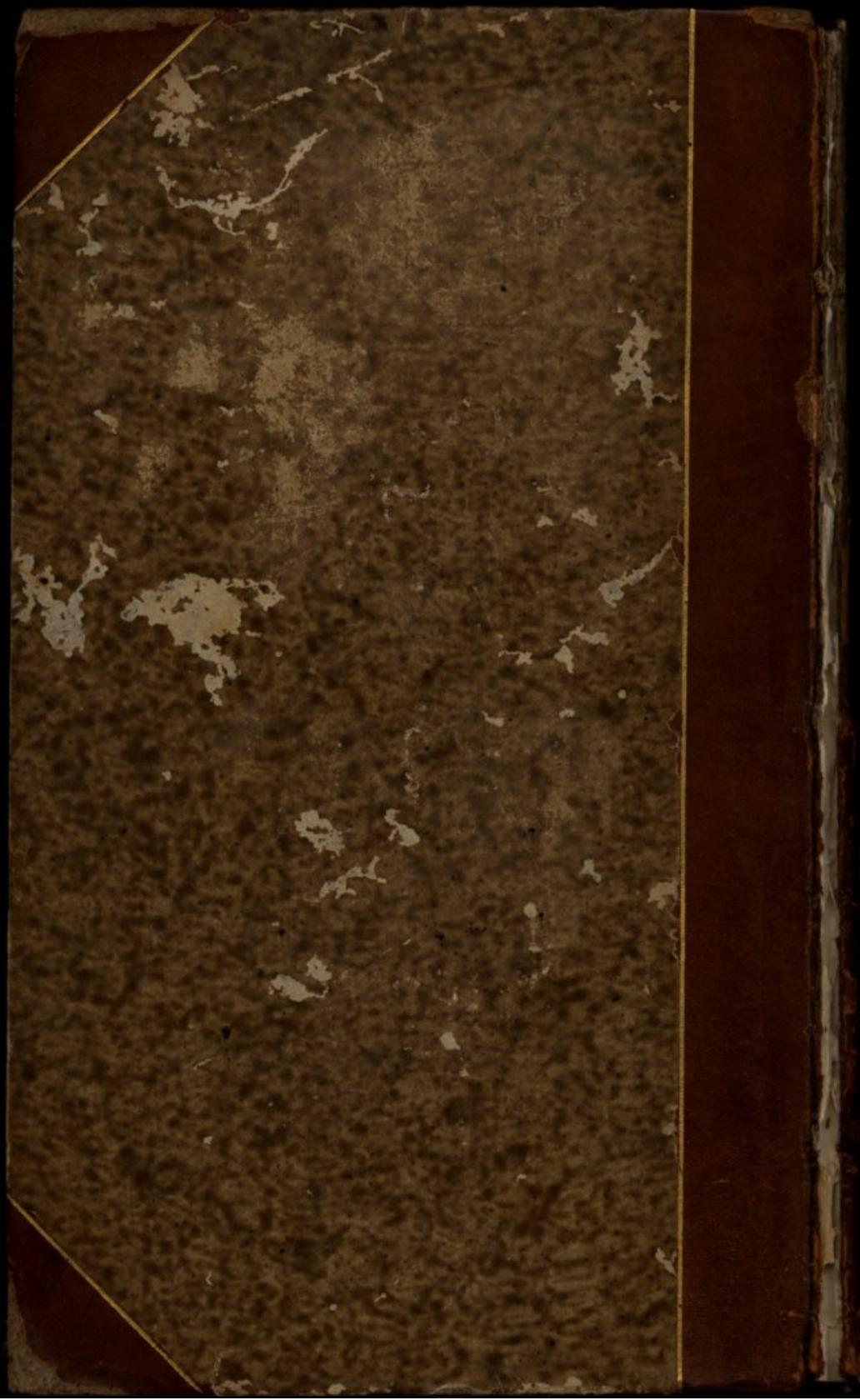












V O L .
I .